HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS, e Eſcritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

C. R. Deputado da Junta da Cruzada, e Academico do numero da Academia Real.

TOMO XI.

LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XLV.

Com todas as licenças neceſſarias.

ADVERTENCIA.

Como o noſſo mayor cuidado foy ſempre ſatisfazer aos curioſos, nos pareceo preciſa eſta addicçaõ, com que ſupprimos algumas noticias, ou acontecimentos, que ſuccederaõ depois da impreſſaõ.

No Livro XI. Capitulo I. pag. 33 ſe diſſe, que a Duqueza de Coimbra D. Brites era morta no anno de 1531, por huma conjectura; porém de huma memoria daquelle tempo, de que abaixo faremos mençaõ, conſta, que foy em huma quinta feira do mez de Outubro de 1535, eſtando a Corte em Evora, e que tomaraõ luto os Reys, e Infantes. No Capitulo II. do dito Livro pag. 41 do Duque de Aveiro D. Joaõ, naõ ſoubemos o ſeu naſcimento, e foy no anno de 1501. No dito Livro Capitulo X. pag. 175 ſe trata de Dom Gabriel de Lencaſtre, VII. Duque de Aveiro, ſendo vivo, depois morreo em Lisboa a 23 de Junho deſte anno de 1745. Jaz em Aveiro no Convento das Religioſas da Ordem do Patriarca S. Domingos. No Capitulo XXIII. pag. 363 D. Joſeph de Lencaſtre, Commendador de S. Joaõ de Trancoſo, eſtá concertado a caſar com D. Leonor Henriques, filha herdeira de D. Antonio Henriques, VIII. Senhor das Alcaçovas, de quem ſe fez mençaõ a pag. 858 do Tomo X. e neſte a pag. 454.

Em o Livro XII. Capitulo XIII. pag. 569 ſe diſſe, que o V. Conde de Atalaya D. Pedro Manoel

naſcera

nafcera em Vianna no anno de 1665. Naõ he affim; porque nafceo no anno de 1664 a 13 de Julho, como confta do affento, que temos dos livros dos bautizados daquella Villa.

No Livro XIII. Parte II. Capitulo I. pag. 800 allegamos fendo vivo D. Francifco de Almeida Mafcarenhas, Principal da Santa Igreja de Lisboa, de quem já a pag. 814 do Tomo X. tinhamos feito mençaõ, morreo em Almada a 18 de Outubro defte anno de 1745, onde jaz no Convento de S. Paulo da Ordem dos Prégadores, Varaõ eminente em letras, efclarecido em fangue, ornado de virtudes, com fingular viveza, fublime talento, empregado em continua applicaçaõ, com que confeguio huma vafta, e profunda erudiçaõ: foy hum dos excellentes Socios da Academia Real da Hiftoria Portugueza, que illuftrou com as fuas laboriofas fadigas, as quaes continuando fempre, certamente enriqueceriaõ o Orbe Litterario, fe lhe naõ foffe taõ curta a vida para fatisfazer o que a fua bella idéa tinha delineado, e pofto em execuçaõ nos feus preciofos trabalhos; de forte, que tudo quanto fe póde confiderar digno de fazer recomendavel à pofteridade hum Varaõ grande, concorreo na fua peffoa; porque fobre fabedoria, a vida Ecclefiaftica, que abraçara, feguio fempre, fem fer contaminada, antes praticada com edificaçaõ; de forte, que a fua efclarecida peffoa fe fazia por fciencia, e coftumes, benemerita das mayores Dignidades do Mundo: a fua memoria nos ferá fempre fentida, como pede o trato, e benignidade, com que tanto nos

nos honrou, fazendonos igualmente participantes do conhecimento de ſuas excellentiſſimas virtudes, e dos ſeus favores, que a noſſa gratidaõ conſervará eternamente em huma ſaudoſa lembrança. A pag. 902 do referido Livro, depois de Varaõ taõ Santo, ſe deve accreſcentar o ſeguinte: Caſou com D. Branca de Caſtro, filha de D. Gonçalo Coutinho, Commendador da Arruda; e deſte eſclarecido matrimonio &c.

E com eſta occaſiaõ ſuppriremos aos curioſos algumas noticias, que deſcobrimos depois que tratámos dos Principes da Caſa de Bragança. No Livro IV. Capitulo VI. pag. 247, donde tratámos da Infanta D. Iſabel, Emperatriz de Alemanha, ſendo bautizada, foy ſeu Padrinho o Duque de Bragança, e Madrinha a Duqueza Dona Iſabel ſua mãy. No Livro VI. Capitulo XII. pag. 681 do Tomo V. A Senhora D. Joanna, Marqueza de Elche, que naſceo no anno de 1521, foy no dia 2 de Abril. No Livro VI. Capitulo XIII. pag. 101 do Tomo VI. em que tratámos da Duqueza D. Iſabel de Lencaſtre, e a pag. 55 do Tomo IX. entaõ ignorámos o ſeu naſcimento, que foy em huma ſeſta feira 14 de Agoſto de 1506. No dito Tomo VI. pag. 108 D. Jayme naſceo em Junho de 1560. Eſtas notas, que os curioſos poderáõ accreſcentar em ſeus proprios lugares, tal vez a outros lhes pareceráõ bem deſneceſſarias, com tudo nós nos ſatisfazemos dos que as eſtimarem; porque ſabemos o preço, que val, ſaber huma couſa, que ſe ignora. Oxalá que na meſma parte, onde eſtas ſe conſervaõ eſcritas pelo famoſo Mathematico

Antonio

Antonio Maldonado de Hontiveros, nas margens das Efemerides de Pedro Pitato, e de Joaõ Stoffler, e Jacobo Offaumen, que ſe conſervaõ na Bibliotheca Regia, puderamos ter outras muitas ſemelhantes, com que repareſſemos, o que naõ ſoubemos, nem a noſſa diligencia pode deſcobrir.

INDEX

INDEX
DOS CAPITULOS,
que ſe contém neſte Tomo.

LIVRO XI.

LIVRO XII.

CAP.

LIVRO XIII.

PARTE I.

PARTE II.

HISTO-

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XI.

CONTÉM

Duques de Aveiro,

Marquezes de Porto Seguro,

Duques de Abrantes,

Commendadores môres de Aviz,

Condes de Villa-Nova,

Commendadores de Coruche.

13 O Se-

13 O Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra.

14 D. Joaõ, I. Duque de Aveiro. | D. Affonso, Commendador môr de Santiago. | D. Luiz, Commendador môr de Aviz, adiante. | D. Jayme, Bispo de Ceuta.

15 Dom Jorge, II. Duque de Aveiro. | D. Pedro Diniz de Lencastre. | Dom Alvaro, III. Duque de Aveiro.

16 D. Juliana, III. Duqueza de Aveiro. | D. Jorge, I. Duque de Torres-Novas. | D. Affonso, Marquez de Porto Seguro. | D. Pedro, Inquisidor Geral, V. Duque de Aveiro. | D. Luiz Barnabé, Marquez de Malagon. | D. Magdalena, Condessa de Faro. | D. Maria, Marqueza de Gouvea. | D. Violante, Condessa de Baito.

17 D. Raymundo, IV. Duque de Aveiro. | D. Maria de Guadalupe, VI. Duqueza de Aveiro. | Dom Agostinho, Duque de Abrantes. | D. Maria de Lencastre, Condessa de Banhos.

18 D. Gabriel de Lencastre, VII. Duque de Aveiro. | D. Fernando, Duque de Linhares. | D. Manoel, Patriarca de Indias, Duque de Abrantes. | D. Josefa de Lencastre, Condessa de Enjarada. | D. Manoela de Lencastre, Marqueza de Santa Cruz del Viso.

14 D. Luiz

14 D. Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz.

15 D. Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz. | D. Joaõ de Lencaſtre, adiante. | D. Brites de Lencaſtre, Duqueza de Bragança. | D. Maria de Lencaſtre, Condeſſa da Calheta. | D. Magdalena de Granada.

16 D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz. | D. Magdalena de Lencaſtre, Baroneza de Alvito.

17 D. Pedro de Lencaſtre, II. Conde de Figueiró. | D. Veriſſimo, Cardeal, e Inquiſidor Geral. | D. Joſeph, Biſpo, e Inquiſidor Geral. | D. Marianna de Lencaſtre.

18 D. Joſeph de Lencaſtre, III. Conde de Figueiró. | D. Luiz de Lencaſtre, IV. Conde de Villa-Nova.

19 Dom Pedro de Lencaſtre, V. Conde de Villa-Nova. | D. Maria de Lencaſtre, Marqueza de Caſtello-Novo. | Dona Helena de Lencaſtre, Marqueza de Fronteira. | D. Thereſa de Lencaſtre, Condeſſa de Coculim.

20 Dona Iſabel de Lencaſtre, Herdeira.

21 Dom Joſeph Maria de Lencaſtre.

15 D. Joaõ

15 D. Joaõ de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

16 D. Lourenço de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

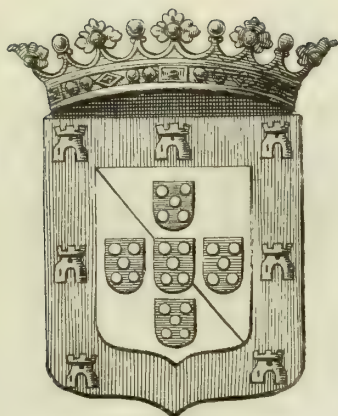
17 D. Rodrigo de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

18 D. Lourenço de Lencaſtre, Commendador de Coruche. — Dona Joanna de Lencaſtre, Condeſſa de Unhaõ, e Marqueza de Fontes. — Dom Joaõ de Lencaſtre, do Conſelho de Guerra. — D. Marianna de Lencaſtre.

19 D. Rodrigo de Lencaſtre, Commendador de Coruche. — (filhos de Dom Joaõ de Lencaſtre:) D. Pedro de Almeida de Lencaſtre. — D. Rodrigo de Lencaſtre. — D. Antonio Principal de Lencaſtre. — D. Ignez de Lencaſtre, Condeſſa das Galveas. — D. Caetana de Lencaſtre.

20 D. Antonio de Lencaſtre. — D. Guiomar de Lencaſtre, Herdeira. — (de D. Pedro de Almeida:) D. Joſeph de Lencaſtre. — (de D. Rodrigo:) D. Joaõ de Lencaſtre. — D. Anna Joachina de Lencaſtre. — D. Lourenço, Prelado da Santa Igreja de Lisboa. — D. Antonio de Lencaſtre.

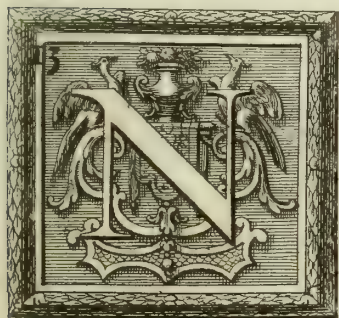
(de D. Guiomar:) D. Lourenço de Lencaſtre.

(de D. Antonio de Lencaſtre:) D. Manoel Thadeu Lopes de Carvalho. — D. Joſeph Raymundo de Lencaſtre.

HISTORIA

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XI.

CAPITULO I.

O Senhor Dom Jorge, Duque de Coimbra.

NE nenhuma cousa exalta mais as grandes Familias, do que serem alliadas com a Soberana do seu Reyno, tambem nenhuma lhe póde dar mayor lustre, e esplendor, do que descender huma Familia da Casa Real dos seus proprios Soberanos. Já deixamos escrito no Livro IV. pag. 145 do Tomo III. a filiação deste Prin-

cipe, que ElRey D. Joaõ II. creou com taõ grande amor, como quem desejou, que lhe succedesse na Coroa, vendo-se sem outra successaõ.

Chron. do Principe D. Joaõ, cap. 104, e *Chronica delRey Dom Joaõ II.* cap. 112, de Rezende, e Pina dita *Chron.* m.s.
Chronic. de S. Domingos, part. 2. liv. 5. cap. 9.
Ritershusio, part. 2. Tab. 3.
Sainte Marthe, *Hist. Geneal. de Franc.* tom. 2. liv. 28. cap. 61. pag. 760.
P. Anselme, *Hist. Geneal. de la Maison de France*, tom. 1. cap. 20, §. XV. pag. 668.
Imhoff, *Stemma Regum Lusit.* Tab. IX.

Nasceo o Senhor D. Jorge na Villa de Abrantes a 12 de Agosto do anno de 1481, e foy creado no Mosteiro de Aveiro pela Infanta D. Joanna, que naquelle Mosteiro entaõ vivia, e hoje veneramos no Altar com o titulo de Beata, a quem por ter sido jurada herdeira do Reyno, chamamos commummente a ***Princeza Santa Joanna.*** De idade de tres mezes se creou na sua companhia, e ainda que Santa, foy com o decóro, que se devia a ser filho delRey seu irmaõ. Contava nove annos o Senhor Dom Jorge, quando sua tia morreo em Aveiro a 12 de Mayo do anno de 1490, e naõ sendo conveniente, faltando a Princeza, poderse dilatar naquelle lugar, cuidou ElRey em o transferir para a Corte, para que na sua presença fosse educado: e porque supposto sejaõ semelhantes filhos escandalo do matrimonio, naõ podia ElRey, depois de o haver gerado, dispensarse de o honrar, com as circunstancias de seu filho, estando já esquecidos os dissabores, que com a Rainha sua esposa sobre esta materia se passaraõ: naõ quiz sobre ella resolver alguma cousa, como sabio, e politico, sem que o praticasse com a Rainha, pedindolhe no seu parecer a approvaçaõ. A Rainha, em quem o exercicio das virtudes era igual ao amor, com que venerava a ElRey seu esposo, naõ só approuou a determinaçaõ; mas lhe pedio por merce, que lho

dei-

deixasse crear no seu quarto; porque sendo seu filho, o havia de crear como se fora nascido do Real Thalamo; ElRey com vivas expressoens de agradecimento, mostrou na alegria o quanto estimava o beneplacito da Rainha. Em Junho, no dia em que se contavaõ quinze daquelle mez, entrou o Senhor D. Jorge na Corte, que entaõ tinha a sua residencia na Cidade de Evora. Foy seu Conductor o Bispo do Porto D. Joaõ de Azevedo, e outras pessoas de conhecida nobreza, que na jornada o acompanhavaõ, e serviaõ. Sahio o Principe seu irmaõ fóra da Cidade a recebello, e o Duque de Béja, e muitos Senhores grandes, e fidalgos, que o acompanharaõ, além de outra muita gente nobre, que se achou presente; e porque a Corte trazia luto pela Princeza Santa, se naõ fez demonstraçaõ alguma de festa: o Senhor D. Jorge assim que avistou ao Principe, se apeou para lhe beijar a maõ, o que o Principe naõ consentio, que fizesse senaõ a cavallo, e dandolhe a maõ, o abraçou com honra de irmaõ, e se seguio a abraçallo o Duque de Béja, e outros titulos, que se acharaõ presentes, acompanhando ao Principe, e mandados por ElRey a recebello; e tomando o lugar do meyo entre o Principe, e Duque, foraõ ao Paço, em que ElRey entaõ estava naquella Cidade, que eraõ as casas de Joaõ Mendes de Oliveira, Morgado de Oliveira, e beijando a maõ a ElRey seu pay, que mostrou grande contentamento de o ver, e depois de o honrar com aquellas demonstrações devidas à

pessoa de seu filho, passou ao Quarto da Rainha a beijarlhe a maõ, que o recebeo com grande alegria, e carinho, fazendolhe especiaes honras, accrescentando a estas outra muito mayor, e mais publica; porque o tomou a si para o crear no seu Quarto, como a seu proprio filho, em tudo o que podia ser conveniente à vida, e à boa educaçaõ de hum Principe, o que fez com notavel amor todo o tempo, que o Senhor Dom Jorge assistio na Casa da Rainha, que foy até o em que morreo o Principe D. Affonso seu irmaõ; porque entaõ ElRey com a politica de tirar diante dos olhos da Rainha sua esposa, huma viva causa de se augmentar a sua magoa com a vista do Senhor Dom Jorge, o entregou a D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, que era Guarda mòr da pessoa delRey, em quem concorriaõ virtudes, e merecimentos para a confiança delRey lhe entregar seu filho, e esperar o educasse nas virtudes de Principe, desempenhando o bom conceito, que ElRey justamente fazia da pessoa do Conde, ordenando, que por entaõ naõ fosse ao Quarto da Rainha. Esta idéa foy taõ errada, e a Rainha se deu por taõ sentida, que já mais em quanto ElRey viveo, nem o admittio no seu Quarto, nem o vio, sem embargo de ElRey lho pedir, de que se seguiraõ alguns domesticos dissabores; porque a ElRey se lhe fazia dura a separaçaõ, e com mayores pensamentos desejava ao Senhor Dom Jorge na graça da Rainha, como mostrou depois o tempo, desejando legitimar,

e ha-

e habilitar para a Coroa a este filho, o que a Rainha impugnou de sorte, que pode com a sua prudencia vencer toda a grande idéa, e politica de hum Rey verdadeiramente sabio, e astuto.

Pouco depois da morte do Principe D. Affonso impetrou ElRey para o Senhor D. Jorge por especial Bulla do Papa Innocencio VIII. o Mestrado da Ordem de Santiago, e juntamente o governo, e administraçaõ da Ordem de Aviz. Estava ElRey em Lisboa quando chegaraõ as Bullas, e juntas as duas Ordens no Convento de S. Domingos a 12 de Abril do anno de 1492, nellas se vio, que o Papa lhe concedia aquella graça, e tendo precedido Missa solemne, em toda a ceremonia, deraõ obediencia os Commendadores, e Cavalleiros das ditas Ordens ao Senhor Dom Jorge: foy feito este acto com grande pompa, e magestade, a que ElRey assistio com tanto gosto, que bem mostrava o amor, que lhe tinha. Naõ contava o Senhor D. Jorge mais que onze annos, e assim ElRey lhe deu por Ayo a D. Diogo Fernandes de Almeida, pessoa de qualidade, e de merecimentos, depois Prior do Crato na Ordem de Saõ Joaõ. Amou ElRey muito a este filho; e assim foraõ muitos os negociados, com que intentou fazello seu successor na Coroa: porém de todas estas diligencias veyo a ceder; porque reconhecendo indisputavel o direito de seu primo o Duque de Béja, o veyo a nomear successor do Reyno. Naõ perdeo nunca ElRey a memoria de engrandecer, e estimar ao Senhor

Chronica do dito Rey, cap. 136.
Zapater, *Historia das Ordens Militares*, na de Aviz, cap. 6. pag. 559, impr. em 1662.
D. Agostinho Manoel, *Vida delRey D. Joaõ II.* pag. 251.
Pina, Chronica do dito Rey, cap. 48.

nhor Dom Jorge, desejando, que elle succedesse na Coroa, e ainda depois de a ter nomeado em ElRey D. Manoel, lhe ordena, que no caso de naõ ter filhos, lhe succeda elle no Reyno, como diz em esta verba do seu testamento: *Outro sy ao ditto Duque meu muito amado, e prezado Primo, rogo, mando, e encomendo pello muito amor, que lhe sempre tive, e muito boas obras, que de mjm tem recebidas, que ao dito Dom Jorge, meu muito amado, e prezado filho, receba por seu filho, em tal guiza, que naõ lhe dando Nosso Senhor fijos lidimos, que ajaõ de soceder estos meus Regnos, e Senhorios, lhe fique seu herdeiro, e o faça jurar, e dar obediencia, e menagens, e mandar fazer escripturas, que cumprirem com aquellas clausulas, e sollemnidade, que para tal auto se requerem, e lhe encomendo muito o dito meu filho, e lhe rogo, encomendo, que sempre se queira aver com elle, como eu delle espero, e confio, que o fara pello muito amor, que me tem, e lhe eu sempre tive, e mostrei nisto, e em outras couzas, que por elle tenho feitas.* Neste mesmo testamento, que foy feito na Villa das Alcaçovas a 29 de Setembro de 1495, lhe fez Doaçaõ da Cidade de Coimbra em Ducado, e tudo o mais que tivera o Infante D. Pedro seu avò, da mesma sorte, que lho dera ElRey D. Joaõ seu visavô pelas suas Doações, havendo por revogada a Ley Mental, e outras quaesquer, com todas as clausulas especiosas para a sua validade, recomendandolhe supplicasse ao Papa o Mestrado de Christo, que o Duque

que entaõ tinha para o poder gozar com o de Santiago, e Aviz. E prevendo o casamento de seu filho, lhe declara a sua vontade na clausula seguinte: *Outro sym prazendo a Nosso Senhor, que o dito Duque, meu muito amado, e prezado Primo aja alguma filha, ou filhas, lhe rogo pello muito amor, que lhe tenho, e boas obras, que lhe sempre fiz, que elle caze a mayor que tiver com o dito Dom Jorge meu muito amado, e prezado filho, dando em cazamento aquelle dote, que hê costumado de se dar a semelhantes pessoas.* Todas estas expressoens saõ a mais qualificada prova do amor, que ElRey teve a este filho.

Prova num. 28. do Tomo II. das *Provas*, pag. 167.

Neste mesmo anno faleceo ElRey D. Joaõ na Villa de Alvor, ao tempo que o Senhor D. Jorge se achava em Villa-Nova de Portimaõ no Reyno do Algarve, e depois de depositarem o Real cadaver na Sé de Silves, todos os Senhores, e Fidalgos, que se achavaõ no Algarve, foraõ ver ao Senhor D. Jorge, e dalli partio acompanhado de todos para o Reyno. ElRey D. Manoel o tinha mandado visitar com huma Carta de pezames, que lhe levou Henrique Correa, (meyo irmaõ de sua mãy) Senhor da Torre da Murta, e do Conselho delRey D. Joaõ II. Achava-se ElRey em Montemôr o Novo, onde o Mestre de Santiago foy sem dilaçaõ, e entrando na sua Camera, levando-o pela maõ seu Ayo D. Diogo Fernandes de Almeida, Varaõ dotado de valor, prudencia, e outras virtudes, que fizeraõ recomendavel o seu nome à posteridade, apresentou a ElRey o Mes-

Meſtre, e em hum bem deduzido diſcurſo, lhe trouxe à memoria as grandes obrigações, em que eſtava a ElRey D. Joaõ II. ſeu primo, pois o havia eſtimado tanto, que o adoptara como filho, naõ havendo couſa, em que naõ engrandeceſſe a ſua peſſoa; motivos, que o obrigavaõ a lhe pedir da parte do meſmo Rey, que lembrando-ſe igualmente do amor, e dos beneficios, eſperava, que o mundo todo viſſe a ſua Real gratidaõ na peſſoa de ſeu filho, que punha aos ſeus pés. O Biſpo D. Jeronymo Oſorio, referindo eſta introducçaõ do Meſtre na preſença delRey, eſcreveo com tanta elegancia, e energia eſta Pratica de D. Diogo, que nos pareceo tranſcrever as ſuas proprias palavras.

Oſorius, *de Rebus Emmanuelis*, lib. 1. pag. 4. Coloniæ 1586.

„ Rex Joannes, qui tibi patruelis frater natura „ fuit, amore autem germanus, mihi ſignificavit mo„ riens, ſe cum animo æquiſſimo è vita diſcedere, „ una tantùm cura ſolicitari, quòd hunc filium in ſo„ litudine, & orbitate relinqueret. Eam tamen ſoli„ tudinem eo ſolatio, quo utebatur, alevari, quòd „ veniret illi in mentem, quàm ſingularis eſſet benig„ nitas tua, quàm gratus animus, & quàm ad omnes „ regiæ virtutis laudes ſtudio, & voluntate propen„ ſus. Præcepit deinde mihi, ut ſuo nomine te ro„ garem, & obſecrarem, ſi is te in filij loco dilexiſ„ ſet, ſi muneribus omnibus, quibus potuit, affeciſ„ ſet, ſi nullum tui ornandi locum prætermiſiſſet, ut „ tam egregiæ in te voluntatis memoriam retineres, „ & parem voluntatem huic ſuo unico filio, quem

„ omni

„ omni reliquæ vitæ præsidio destitutum relinquebat,
„ redderes, & cogitares, quid ille, si tibi fuissent na-
„ ti filij, eis facturus fuisset, si ita accidisset, ut tu
„ ante illius obitum è vita migrares. Præterea hoc
„ etiam mihi in mandatis dedit, ut hunc illius filium
„ frequenter admonerem, ut te semper unicè cole-
„ ret, & observaret, tibique in omnibus rebus obtem-
„ peraret, in eoque pugnaret, ut à nemine fide, amo-
„ re, studio erga te superari posset. Quò enim te
„ propiùs sanguine attingebat, eò magis convenire,
„ ut observantia, & pietate erga te omnibus antece-
„ leret, nec in ullo in amplitudinem tuæ dignitatis of-
„ ficio se vinci pateretur. Hæc quidem ille mihi, ut
„ facerem, imperavit. Ego, ut officio meo fungar,
„ illius filium in hac tam tenera, ut vides, ætate, ta-
„ li parente orbatum, tibi nomine illius trado, natu-
„ ra, & genere propinquum, casus acerbitate pupil-
„ lum, voluntate supplicem, conditione famulum, ut
„ eum in fidem tuam recipias, & ornes, & augeas;
„ ut sic tandem cognosci ab omnibus possit Regius
„ iste animus, in referenda gratia, & beneficiorum
„ memoria conservanda diligentissimus. Quodsi, ut
„ confidimus, feceris, ab omnibus laudem admodum
„ grati, atque magnifici Principis consequeris: mul-
„ tòque arctius tibi tuorum omnium voluntates hac
„ tam insigni probitatis significatione devincies. „

Ouvio ElRey com taõ benigna attençaõ a D. Diogo, que movido de vehemente compaixaõ, foraõ as lagrimas demonstradoras do affecto, que em-

 bara-

baraçavaõ as palavras, com que finamente proferio, que a pessoa de D. Jorge estimava tanto, como proprio filho, e que neste lugar o tomava para o attender, satisfazendo-o com tantos beneficios, que fossem dignos de conservar a memoria de hum taõ excellente Rey, como refere o mesmo Author: „Hac Almeidæ oratione adeo fuit Emmanuelis mæror excitatus, ut cum dare responsum vellet, lachrymis, & singultu spiritus illius impediretur; Itaque brevissima oratione declaravit, se Georgium in loco filij habiturum, tantisque illum beneficijs ornaturum, ut intelligi posset, quantum Joannis nomen, & memoria conservari, atque propagari cuperet.„ Esta benigna, e verdadeiramente Real reposta, foy applaudida dos Senhores, que se acharaõ presentes, que todos beijaraõ a maõ a ElRey, que naõ tardou em satisfazer, o que promettera, como logo diremos. E tendo honrado ao Mestre com especiaes demonstrações, mandou, que ficasse no Paço. Trasladou-se depois o corpo delRey seu pay para o Real Mosteiro da Batalha, onde jaz; o Mestre o foy acompanhar com huma grande comitiva.

Goes, *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 1. cap. 28.

No anno de 1498 quando ElRey D. Manoel com a Rainha D. Isabel sua esposa passaraõ a Castella a serem jurados Principes herdeiros daquella Coroa, o Mestre de Santiago os acompanhou; e estando os Reys meya legoa de Toledo, mandaraõ adiantar a D. Jorge, e a outros Senhores, e Grandes, para que se anticipassem em ir receber a ElRey D. Fernando

nando seu sogro, ao qual encontrarað quasi às portas da Cidade, e com muita pressa se apearað, e por ser a gente muita, o Mordomo môr D. Joað de Menezes, e o Capitað dos Ginetes D. Fernando Martins Mascarenhas, tomarað nos braços ao Mestre por ser de pequena estatura, para assim mais facilmente poder beijar a mað a ElRey, que lha deu; mas fazendo reflexað no modo, com que lho apresentarað, perguntou quem era, e sabendo, que era filho delRey D. Joað, tirando o chapeo, lhe fez huma grande cortezia, e no mesmo tempo desculpando-se de o nað ter conhecido, o mandou montar a cavallo, e poz à sua mað direita, ficando todos, os que com elle hiað a pé, até que por sua ordem beijarað a mað a ElRey. Depois quando se celebrarað as Cortes em Toledo, no dia, que os Reys assistirað naquella grande Cathedral à Missa, em que estiverað ElRey D. Manoel, e ElRey D. Fernando, ambos debaixo da cortina da parte do Euangelho, esteve dentro com elles o Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, e as Rainhas ambas da outra parte, em sua cortina.

Querendo ElRey D. Manoel mostrar a grandeza do seu animo na gratidað, com que venerava a memoria delRey D. Joað seu primo, a 27 de Mayo de 1500 fez huma larga Doaçað ao Senhor D. Jorge, em que lhe deu as Villas de Montemôr o Velho, de Penella com seus Termos, e o Reguengo de Campores, com outras muitas terras, rendas, e Padroados, como se póde ver na Doaçað, dando nella fór-

Prova num. 1.

ma à successaõ desta Casa, para que se perpetuasse a sua duraçaõ na mesma grandeza, com que fora instituida na pessoa do Duque Mestre, em quanto houvesse descendentes seus por qualquer linha; e por outra do mesmo dia, e anno, lhe fez Doaçaõ da Villa de Torres-Novas, com todo o seu Senhorio, Castello, Reguengo, e Padroados das Igrejas, e depois muitas prerogativas, privilegios, e isenções, que foraõ concedidas à sua pessoa, e Casa. Já o Senhor Dom Jorge era Duque de Coimbra, quando ElRey lhe fez as referidas merces em memoria delRey seu pay, e se vê da mesma Doaçaõ nas palavras seguintes: *E lembrandonos como delle* (falla delRey D. Joaõ) *naõ ficou outro filho senaõ Dom Jorge Duque de Coimbra meu muito amado, e prezado sobrinho &c.* O Chronista Damiaõ de Goes refere fora feito Duque a 25 do dito mez de Mayo de 1500; porém he certo, que se lhe naõ passou Carta senaõ muitos annos depois, feita em Evora a 16 de Março de 1509, e nella fazendo memoria dos mesmos motivos, diz: *Lembrandonos como delle naõ ficou outro filho senaõ Dom Jorge meu muito amado, e prezado sobrinho Mestre Daviz e Santiago &c. e por folgarmos de lhe fazer honra e merce e alevantamento nos prove de lhe dar titulo de Duque e queremos e nos praz que elle se chame Duque da nossa Cidade de Coimbra*; e na mesma Carta lhe faz Doaçaõ da Alcaidaria mòr da mesma Cidade, com o Padroado das Igrejas, e mais regalias a ella annexas. Com tudo poderia estar feita a merce, e tirar

Prova num. 2.

rar depois a Carta, o que muitas vezes temos visto, ainda que por a data dellas se regula a antiguidade da sua Dignidade, he certo, que o Mestre usou do titulo de Duque antes de se lhe passar; porque ElRey lho chama na primeira Doaçaõ apontada, e no contrato do seu casamento, de que logo faremos mençaõ, se nomea Duque de Coimbra.

No fim do mez de Mayo do anno de 1500 ajustou ElRey D. Manoel, e a Rainha D. Leonor sua irmãa o casamento do Senhor D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha do Senhor Dom Alvaro, cujo Tratado se fez estando elle presente, e sua mulher D. Filippa, e por Procuradores do Duque o Prior do Crato, e o Bispo de Tangere. Dotou D. Alvaro sua filha com onze contos, que importavaõ noventa e huma mil e seiscentas e sessenta e seis coroas, e dous terços de coroa, de cento e vinte reis cada coroa, que seriaõ pagos em tres annos, no primeiro cinco contos, e nos outros seguintes, os seis, e que na conta dos cinco contos poderiaõ entrar alfayas, escravos, bestas, e quaesquer outras cousas de casa, e hum conto em joyas de ouro, e de prata, em dinheiro hum conto e seiscentos mil reis, e em pedras, perolas, e aljofar, hum conto, &c. Os Procuradores do Duque se obrigaraõ às arrhas da terça parte do dote, hypothecando a Villa de Torres-Novas para satisfaçaõ do dote, e arrhas, com outras mais clausulas, e condiçoes commuas em taõ grandes pessoas. Foy celebrado este Contrato em Lisboa a 30 de

Prova num. 3.

Mayo

Mayo de 1500 nas casas de D. Alvaro, em que foraõ testemunhas o Commendador môr de Aviz D. Pedro da Sylva, o Baraõ de Alvito D. Diogo Lobo, Védor da Fazenda, e Chanceller môr do Reyno, e o Vigario de Thomar Diogo Pinheiro, do Conselho delRey. Neste mesmo dia se celebrou esta voda em Lisboa na presença delRey, e da Rainha D. Leonor sua irmãa, que havia creado a D. Brites no seu Quarto, com grande carinho, desde o tempo delRey D. Joaõ seu esposo; e diz o Chronista Damiaõ de Goes, que lhe queria tanto como se fora sua filha, o que mostrou nesta occasiaõ na grandeza, com que no seu Paço se fez esta funçaõ, nas especiaes honras, com que a tratou, nas ricas joyas, e outras muitas cousas, que lhe deu da sua propria fazenda. Os Reys fizeraõ, que D. Brites renunciasse a Casa, e Condado de Olivença, que com effeito fez, como dissemos no Livro IX. Cap. I. pag. 29 do Tomo X. No mesmo anno em Outubro casou ElRey D. Manoel com a Rainha D. Maria, e a foy esperar ao Crato, onde se achou o Duque acompanhando a El-Rey com grande luzimento, e beijou a maõ à Rainha.

Chronica delRey Dom Manoel, part. 1. cap. 45. pag. 33.

Era o Duque dotado de muitas virtudes, e cuidando na obrigaçaõ, em que o punha a Dignidade de Graõ Mestre das Ordens Militares, que governava, as engrandeceo com novos privilegios, isenções, e prerogativas; de sorte, que no seu tempo a Ordem de Aviz conseguio singulares privilegios da Sé Apostolica.

tolica. No anno de 1492 se concedeo o poderem casar os Cavalleiros por graça do Papa Alexandre VI. o que naõ foy concedido aos Commendadores, que entaõ eraõ, senaõ aos que de novo fossem. Depois por Breve do Papa Julio II. se concedeo aos Freires poderem testar dos seus bens, tendo pago meya annata, que vem a ser ametade dos primeiros tres annos das Commendas. Para o bom governo, e administraçaõ das Ordens fez diversos Capitulos, o primeiro foy da Ordem de Santiago na Villa de Palmella, celebrado em Outubro do anno de 1508; nelle foraõ eleitos, por todo o Capitulo, por Definidores Gil Vaz da Cunha, Dom Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, Commendador de Cezimbra, Ruy Telles, Commendador de Ourique, e Gonçalo Figueira, os quaes eraõ do numero dos Treze; porque à maneira da Ordem de Ucles, no seu tempo se usou do lugar de Treze; entaõ se imprimio a Regra, Estatutos, e Definitorios em Setuval no anno de 1509. He memoravel este Capitulo, porque nelle se deu Ordem à Regra, e Estatutos, que saõ os que hoje guardaõ os Cavalleiros. Depois o tornou a convocar para o mesmo Convento de Palmella, que se fez em Outubro de 1532, e foraõ os Definidores o Duque de Aveiro, D. Joaõ de Lencastre seu filho, Commendador do Torraõ, Ferreira, e Alhos Vedros, Affonso Pires Pantoja, Commendador de Santiago de Cacem, Affonso de Arriaga, Commendador de Alcochete, e Aldea Gallega, o Licenciado

Fran-

Francisco Barradas, Commendador de Mouguellas, e Juiz da Ordem, D. Mendo Affonso Prior môr, D. Affonso de Lencastre, Commendador môr, como se vê nos Definitorios, que se imprimiraõ em Lisboa no anno de 1614. Na Ordem de Aviz he celebre o Capitulo, que celebrou em Setuval na Capella do Espirito Santo em Agosto de 1515, em que se ordenaraõ Estatutos, e Definições, por concessaõ da Sé Apostolica, pelo que saõ vulgarmente chamados os *Estatutos do Mestre Dom Jorge*, em que assistiraõ nelle, sendo Definidores, o Doutor Fr. Joaõ Pires das Coberturas, do Conselho, e Desembargo delRey, Commendador de Santa Maria de Béja, Fr. Henrique de Miranda, Commendador de Santa Maria de Portalegre, Alcaide môr de Fronteira, Dom Fr. Alvaro, Prior môr, Alvaro de Sousa, Commendador de Alpedriz, em lugar do Commendador môr, Dom Luiz de Lencastre filho do Mestre. Este Definitorio foy determinado com o conselho de diversos Letrados, que foraõ o dito Joaõ Pires das Coberturas, o Licenciado Francisco Barradas, Chanceller da Ordem de Santiago, e Aviz, Commendador de Mouguellas, e da Coriça, o Bacharel Fernando Gil Cayola, Desembargador, e Procurador do Mestre, e das Ordens, e o Bacharel Fr. Nuno Cordeiro, Capellaõ do Mestre, e Prior de Coruche, como se vê nos Estatutos impressos em Almeirim no anno de 1516. Depois no anno de 1616 a 2 de Outubro se fez Capitulo na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Setuval, onde foy

convo-

convocada a Ordem, em que foraõ Definidores Fr. Dom Lopo de Sequeira Pereira, Prior môr, depois Bispo de Portalegre, Fr. Dom Luiz de Lencastre, Commendador môr, Fr. D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, e Commendador de Olivença, e Fr. D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ, depois Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens. A qual Regra, e Estatutos se imprimiraõ em Lisboa em 1631. O Papa Leaõ X. no anno de 1515 concedeo a graça dos Priores môres da Ordem de Aviz poderem usar de insignias, e vestiduras Pontificaes; o que o mesmo Papa concedeo tambem aos Priores môres de Palmella; no seu Convento lhe fez hum Quarto o Mestre para assistirem, e outras obras, que honraõ a sua memoria.

Quando ElRey D. Manoel passou a Tavira no anno de 1508, com determinaçaõ de passar à Africa para soccorrer a Praça de Arzila, se achava o Senhor D. Jorge em Setuval, donde logo sahio com muita gente, e navios para acompanhar a ElRey naquella jornada, que naõ tendo effeito, se recolheo à Villa de Setuval, tendo mostrado a grandeza do seu animo, e o desejo, que tinha de servir a ElRey. Depois no dito anno de 1518, achando-se ElRey em Lisboa, mandou chamar aos grandes Senhores, e Fidalgos, que se achavaõ na Corte, e lhes participou o seu terceiro casamento com a Rainha D. Leonor, entaõ Infanta de Hespanha, foy o Duque de Coimbra hum dos que assistiraõ, e entaõ lhe beijaraõ a

Chronica del Rey Dom Manoel, part. 4. cap. 34.

maõ. Depois tambem no anno de 1521 foy hum dos Senhores, que se acharaõ presentes à morte do mesmo Rey, como refere o Chronista Damiaõ de Goes. Sentio o Duque a sua falta justamente, naõ só pelas merces, com que lhe estabeleceo huma Casa, das mais poderosas do Reyno; mas pelas muitas, e especiaes prerogativas, com que tanto a distinguio. Succedeo ElRey D. Joaõ III. na Coroa, e no acto da sua exaltaçaõ ao Throno, o acompanhou o Duque do Paço até S. Domingos, onde foy jurado pelos Tres Estados do Reyno: neste acto hia o Duque adiante a pé com o Duque de Bragança D. Jayme unico do nome: naõ deixou o novo Rey de estimar ao Duque como elle merecia pela grandeza da sua pessoa, e pelo chegado parentesco, que com elle tinha. Costumava ElRey D. Manoel visitar ao Duque nas suas doenças, e succedendo depois adoecer o Duque, ElRey D. Joaõ mandou propor no Conselho, se o havia de visitar, o que o Duque sentio; e quando ElRey D. Joaõ o foy ver à sua casa, succedeo achar dous criados jugando o xadrès na sua presença; retirou-se logo o jogo, e daqui nasceo perguntar ao Duque, se gostava de ver jogar, que lhe respondeo: *Senhor, quando ElRey vosso Pay, que santa gloria haja, me honrava com a sua presença por me divertir nas doenças, elle mesmo com summa benignidade se punha a jogar por me divertir*; querendo na repetiçaõ daquella memoria, que tanto o honrava, mostrar o sentimento, que lhe causara, o ter El-Rey

Dita *Chronica*, part. 4. cap. 83.

Andrade, *Chronic. del-Rey D. Joaõ III.* cap. 8.

Rey mandado consultar aquella materia no seu Conselho.

Foy o Senhor D. Jorge Mestre da Ordem de Santiago, Administrador da de Aviz, Duque de Coimbra, Senhor da Villa de Montemôr o Velho, com todas as suas rendas do Campo, da Villa de Penella, do Reguengo de Campores, do Lugar de Pereira, da terra de Castro-Novo, Alcacere, da Ponte de Almeara, dos Lugares de Abiul, de Condeixa, da Lousãa, do Casal de D. Alvaro, da terra de Dalboster arriba de Agueda, da Villa de Aveiro, com suas Lizirias, e Ilhas de dentro da Foz, das terras dos Coutos de Avelãas de Cima, de Ferreiros, do Reguengo de Coartella, de Arcos, dos Lugares de Ilhavo, Villa de Milho, dos Casaes de Sá, Pedroso, S. Salvador de Miranda junto a Coimbra, da Villa de Torres-Novas, e outras muitas terras. Teve tambem as Beetrias de Amarante, Honra de Ovelha, de Canavezes, Couto de Tuyas, Honras de Gallegos, Paços de Gozelo, Gondin, e S. Isidro, que vagaraõ por o Principe D. Affonso seu irmaõ; e os moradores das ditas Beetrias, em virtude do privilegio da sua liberdade, o tomaraõ por Senhor no anno de 1491, as quaes eleições sendo apresentadas a ElRey por Ruy de Pina, Escrivaõ da sua Camera, em nome dos Juizes, Vereadores, Procuradores, e Officiaes, Conselhos, e Homens Bons, das referidas Beetrias, lhas confirmou por huma Carta, passada na Villa de Santarem a 7 de Setembro do dito anno. Os Reys

Prova num. 4.

Prova num. 5.

lhe concederaõ grandes privilegios, e regalias, que se continuaraõ depois em seus successores. ElRey D. Manoel lhe concedeo hum Ouvidor na Corte para sentenciar as causas pertencentes à sua Casa: foy passada a Carta em Lisboa a 26 de Agosto de 1511.

Liv. 24. pag. 73 vers. da Chancellaria do dito Rey.

Teve huma grande Casa servida com authoridade, com luzida familia; foy ornado de excellentes virtudes, que correspondiaõ ao Real sangue, que lhe dera o ser, e de tanta generosidade, que referiremos hum caso, que lhe succedeo entre outros, que mostra bem a grandeza do seu espirito. Succedeo vagar huma Commenda, que devia ser de grande rendimento; porque hum criado lhe lembrou a désse ao Duque seu filho, ao tempo, que lha pedia o filho do Fidalgo por quem vagara; a que o Duque com admiravel acordo respondeo: os Principes podem viver sem filhos, mas naõ sem criados; acçaõ verdadeiramente grande, naõ se lê mais generosa, nas que se celebraõ dos Varoens mais desinteressados na antiga, e moderna Historia, e verdadeiramente nascida de hum coraçaõ taõ admiravel, que tinha por maxima, que muitas vezes repetia, que o Principe poderia negar a merce, que se lhe pedia; mas naõ a alegria do semblante. Assim a sua Casa era frequentada da Nobreza mais illustre, que obsequiosamente lhe assistia, e a muitos Fidalgos fez merce de grandes Commendas; porque era muito o quanto comprehendiaõ as Ordens, de que foy Graõ Mestre; assim tambem eraõ muitos os obrigados. Da sua piedade deixou

deixou hum eterno padraõ no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, que elle com a Duqueza sua esposa fundaraõ, e se povoou a 24 de Julho do anno de 1529, entrando nelle tres filhas suas. Ao Convento de Aviz favoreceo muito, e naõ menos ao de Palmella, em que se vê, em diversas obras, conservada a sua memoria; porque reedificou o Convento, ornou a Igreja, e nella determinou fazer o seu jazigo, edificando na Igreja huma Capella, ao lado da Capella môr, da invocaçaõ da Annunciaçaõ, para nella ser sepultado, e a Duqueza sua esposa, e seus descendentes, com duas Missas pelas suas almas, e de todos os seus; e para a subsistencia, e fabrica desta Capella, satisfaçaõ das Missas, e outros legados pios, supplicou ao Papa Clemente VII. dizendolhe, que alli se queria sepultar, como se vê da narrativa da mesma Bulla, nas palavras seguintes: ***Ipse Georgius monasterium per Priorem gubernari solitum Sancti Jacobi de Palmela Ulisbonensis Diœcesis Caput dictæ Militiæ Sancti Jacobi, illiusque ædificia reparaverit, illiusque Ecclesiam decoraverit, & in Capella majori, Ecclesiæ monasterij hujusmodi ad partem qua Euangelium cantari solet, sepulturam sibi elegerit.*** Pedindolhe, que lhe annexasse ao dito Convento de Palmella o rendimento das Igrejas de Santa Maria de Lamas, e S. Salvador de Covellos, no Termo de Aveiro. O Papa satisfez à supplica, concedendolhe a graça por duas Bullas, que estaõ no Cartorio do dito Convento, passadas no anno de 1530,

Historia de S. Domingos, part. 3. cap. 9. pag. 120.

1530, no ſetimo do ſeu Pontificado; e em virtude deſta graça ſe annexaraõ duas partes dos rendimentos das ditas duas Igrejas ao Convento de Palmella, para a ſubſiſtencia dos encargos da referida Capella; e com effeito o Convento tomou poſſe dos rendimentos das taes Igrejas no anno de 1531, cujo auto da poſſe ſe conſerva no referido Cartorio. Paſſado algum tempo morreo a Duqueza D. Brites, e ſe mandou ſepultar no Convento de S. Joaõ de Setuval, que ella com o Duque ſeu marido tinhaõ fundado. Naõ ſe tinha dado ainda principio à Capella no Convento de Palmella; aſſim movido o Duque, ou do amor da Duqueza, ou de outro motivo, mudou de parecer, querendo fazer a Capella da Annunciaçaõ no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval, para o que recorreo ao Papa Paulo III. para que annullaſſe a annexaçaõ das ditas duas Igrejas, feita por ſeu anteceſſor, e as paſſaſſe, e annexaſſe à Igreja de S. Joaõ, onde eſtava ſepultada a Duqueza ſua eſpoſa, para que nelle ſe edificaſſe a Capella da Annunciaçaõ, que ſe naõ havia feito em Palmella. Concedeo-lhe o Papa a graça com duas condições: a primeira, que conviеſſe neſta deſannexaçaõ o Prior môr, e Convento de Palmella; a ſegunda, que a tal Capella ſeria edificada dentro de dous annos, o que foy no anno de 1545, undecimo do ſeu Pontificado. Porém ainda que lhe foy concedida eſta graça, naõ ſe fez a Capella em Setuval, nem em Palmella, ſem embargo de o Duque o ordenar no ſeu Teſtamento, de que adiante faremos

remos mençaõ, e o que ainda he mais, he haver o Convento de Palmella tomado posse das duas Igrejas, como consta do auto della, e ter cobrado os frutos, e rendimentos dellas, como se refere na supplica, que o mesmo Duque Mestre fez ao Papa Paulo III. com tudo isto o Convento naõ tem, nem cobra o rendimento destas Igrejas, nem nelle se sabe de taes Igrejas; de sorte, que nos Freires naõ ha memoria, nem tradiçaõ alguma, de que as possuiraõ, nem onde eraõ: porém o referido consta das memorias, que temos extrahidas do seu Cartorio pelo Doutor Clemente Rodrigues Montanhes, Freire Conventual, e Prior da Igreja de S. Juliaõ de Setuval, que foy muy douto, com muita intelligencia, e curiosidade, o qual por ordem do Duque de Cadaval, entaõ Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de quem nos valemos, fez a diligencia com muita exacçaõ, que temos em nosso poder.

He certo, que o Senhor D. Jorge foy ornado de virtudes, e partes de Principe; com tudo depois da morte da Duqueza D. Brites sua esposa, a quem sobreviveo muitos annos, (a qual no anno de 1531 já era falecida) se esqueceo tanto della, como diremos, e naõ menos daquella authoridade, indespensavel à grandeza da sua pessoa, pelo que foy geralmente notado: foy a causa a de se empregar com excesso em pensamentos improprios do respeito, e do caracter, e representaçaõ, de que era revestido, seguindo com demasiada frequencia a conversaçaõ, e galanteo das

Da-

Damas do Paço, ainda que decente no uſo daquelle tempo, com tudo improprio da ſua idade, por ſer já muy avançada em annos, com muitos filhos, para ſe deixar arraſtar de huma paixaõ amoroſa, pois rendido da fermoſura de Dona Maria Manoel, Dama da Rainha D. Catharina, determinou caſar com ella, ſem que precedeſſe a vontade dos Reys, e outras formalidades neceſſarias para o effeituar; de ſorte, que a Rainha ſe eſcandaliſou, ainda antes de ſaber o penſamento do Duque, ſómente pelo modo, e frequencia da ſua aſſiſtencia no ſeu Quarto. Eraõ grandes os exceſſos, e já taõ publicos, que ſeus filhos, o Duque de Aveiro, e D. Jayme de Lencaſtre, Biſpo de Ceuta, naõ podendo diſſimular, o que ſentiaõ, ſe queixavaõ publicamente deſte negoceado, naõ porque naõ reconheceſſem concorria na peſſoa de Dona Maria illuſtre naſcimento; porque era filha de Dom Fernando de Lima, Senhor de Caſtro-Dairo, Commendador de Garfe, Capitaõ de Ormuz, onde morreo, e tinha ſido muy valido delRey D. Joaõ III. e de ſua mulher D. Franciſca de Vilhena, Dama da meſma Rainha; e aſſim nella concorriaõ outras virtudes, que a faziaõ merecedora de huma taõ grande uniaõ; mas a deſproporçaõ, a fazia eſcandaloſa: pelo que dizia, que o Duque Meſtre ſeu pay contava ſetenta annos de idade, e ſómente dezaſeis aquella Dama, naõ ſe eſquecendo dos intereſſes da ſua Caſa, com outras muitas circunſtancias, que ponderadas com razaõ, moſtravaõ a infelicidade, que ſe devia

ſeguir

ſeguir na pouca duraçaõ daquella voda, e com eſtes, e outros motivos, ſe reſolveraõ a reverentemente o fazerem repreſentar ao Duque ſeu pay. Eſta pratica produzio bem differente effeito, do que elles eſperavaõ; porque com ella ſe augmentou o affecto, e amor, que tinha a D. Maria Manoel, e começou a deſagradarſe de ſeus filhos, principalmente do Duque de Aveiro, de quem publicamente ſe queixava. Nada mudava a paixaõ do Duque, e já era taõ publica a ſua vontade, que ſe eſpalhou na Corte, que ſahindo D. Maria Manoel com licença do Paço, para caſa de ſua mãy, nella a recebera o Meſtre por mulher, tendo-o já feito por hum eſcrito, que lhe mandara ao Paço. A Rainha, em quem a authoridade, e virtude, de que ſe adornava, a faziaõ mais ſoberana, ſentida tambem da pouca memoria, que o Duque tinha da grandeza da ſua peſſoa, para tratar ſemelhante negocio por meyos taõ deſproporcionados ao reſpeito, advertio a D. Maria, e lhe eſtranhou o modo, com que ſe tinha havido, que deſiſtiſſe daquella idéa; que naõ lhe pareceſſe, que havia de caſar com o Duque; porque nem a ella lhe convinha ſer por aquelle modo, nem ElRey, nem ella o tinhaõ por ſerviço de Deos, nem ſeu; mas que tomando-a à ſua conta, teria a ſua protecçaõ. Porém D. Maria Manoel, que duvidara muito em dar o conſentimento para o caſamento no principio, eſtava já perſuadida dos ſeus parentes a conſentir nelle, e tambem eſcandaliſada dos filhos do Duque; eſte era o

motivo, porque adiantava o effeito daquella voda; o que certamente se conseguiria, senaõ fora a inadvertencia de huma, e outra parte, de se naõ lembrarem do parentesco de affinidade, que entre ambos havia no terceiro grao, por ser D. Maria Manoel segunda prima da Duqueza D. Brites, mulher do Mestre, a qual D. Brites era neta de Dom Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, irmaõ de Manoel de Mello, Alcaide môr de Olivença, de quem era neta D. Maria Manoel, por ser filha de D. Francisca de Vilhena, filha do dito Manoel de Mello, e mulher de D. Fernando de Lima, pelo que se impedio ante o Nuncio, e em Roma. E como este negocio se adiantava, e o Mestre insistia na pretençaõ, ElRey o chamou à sua presença, e naõ só lho estranhou, mas com muitas razoens lhe mostrou os inconvenientes, que delle se seguiaõ à sua Casa, rogandolhe, que apartasse da idéa aquelle negocio com hum total esquecimento. O Mestre, depois de lhe beijar a maõ, lhe rendeo as graças da benignidade, com que o tratava, e do affecto, com que se interessava pelo augmento da sua Casa, e que assim bastava ser conselho seu, para elle o seguir; mas arrastado tanto da paixaõ, que o dominava, passados alguns dias, esquecido do que prometera, publicou sem rebuço, que elle recebera a D. Maria Manoel por palavras de presente, para o que pedira dispensa ao Nuncio. O que sendo presente a ElRey, o tornou a mandar chamar, e lhe perguntou, se era casado, e que se o naõ era, que

naõ

naõ era serviço de Deos, nem seu aquelle casamento. O Duque ficou taõ confuso, que lhe respondeo, que se já o naõ tinha feito, o naõ faria; como refere largamente o Chronista Francisco de Andrade. Estas cousas se adiantaraõ tanto, que ElRey sentido do que o Mestre tinha passado com elle, quiz com publica demonstraçaõ mostrar ao Duque o seu desagrado: pelo que mandou ao Doutor Gaspar de Carvalho, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, que buscasse o Duque, e lhe dissesse lhe ordenava sahisse logo da Corte, e fosse para a Villa de Setuval. Deu o Ministro o recado, que levava por escrito assinado por ElRey, e lendo-o ao Duque, elle lhe pedio huma copia, que Gaspar de Carvalho lhe naõ deu. Obedeceo incontinente o Duque, e passou a Setuval, donde mandou hum criado de authoridade, com hum largo recado por escrito, em que se queixava do aggravo, que se lhe fizera naquella demonstraçaõ, no modo, e no tempo; porque ainda que o Doutor Gaspar de Carvalho fosse do Conselho de Sua Alteza, e seu Desembargador do Paço, com tudo naõ podia deixar de sentir, que fosse o executor da ordem hum Desembargador, por ser costume neste Reyno, serem differentemente tratadas as pessoas da sua cathegoria, e caracter, ainda nas cousas de differente materia, da que se tratava, o que Sua Alteza já com elle mesmo havia praticado; porque quando succedeo o caso da filha do Conde de Marialva, e seu filho o Duque de Aveiro, nas dilatadas disputas,

Andrade, *Chron. del-Rey D. Joaõ III.* part. 4. cap. 43.

tas, que entaõ ſe trataraõ ſobre o ſeu caſamento, ordenara Sua Alteza, que elle ſahiſſe da Corte, e lho mandara participar por Antonio Carneiro ſeu Secretario, ſem que lhe limitaſſe parte, nem diſtancia; e dando diverſos deſcargos ſobre o caſo, que ſe tratava, com tanta reverencia, e reſpeito, que acabava pedindolhe perdaõ a ElRey, ajuntando a eſte papel huma Carta feita em Setuval a 12 de Outubro de 1548; e mandou outra à Rainha, em que lhe pedia foſſe ſua valedora com ElRey, narrando o motivo da ſua razaõ, e a pouca, que tinhaõ ſeus filhos, a quem Sua Alteza favorecia: foy feita no meſmo dia. ElRey mandou reſponder por eſcrito com grande benignidade, dizendo, que ſempre tratara de o conſervar no ſeu reſpeito; e que a queixa de ſer aquelle recado por Gaſpar de Carvalho, a quem chamava Deſembargador, que era do ſeu Paço, e petições, do ſeu Conſelho, de quem muito confiava em couſas grandes, e de ſeu ſerviço, e importancia, pela qualidade dos negocios; reſpondendo ao mais, concluîa, que o negocio naõ teria effeito; porque nelle naõ havia de conſentir: foy feita em Lisboa a 9 de Novembro de 1548. D. Antonio de Lima, que viveo por eſte tempo, no ſeu Nobiliario, affirma, que o Duque caſara com eſta Senhora, e que foraõ muitas as demonſtrações del-Rey, e da Rainha, por haverem caſado contra a ſua vontade; porque era Dona Maria Manoel Dama da Rainha, de quem naõ teve licença, e tambem por ſe queixar vivamente o Duque de Aveiro, e ſeus irmãos,

Prova num. 6.

Prova num. 7.

mãos, a quem os Reys quizeraõ favorecer antes, que a D. Maria; e havendo o Nuncio dispensado, lhe tomaraõ a dispensa desabridamente, e o mesmo fizeraõ em Roma, impedindo este negocio, e outras mais cousas, que naõ importaõ ao caso. Com tudo o Duque nunca se despersuadio desta pretençaõ, seguindo constante a paixaõ; e he certo, que o Duque naõ casou com D. Maria Manoel, sem embargo de que D. Antonio de Lima o affirma, e o Chronista Francisco de Andrade o dá tambem a entender; porque temos huma prova evidente do mesmo Duque em huma verba do Testamento, que fez na doença, de que faleceo, em que diz: *Deixo a D. Maria Manoel pella obrigaçaõ, que lhe tenho em lhe prometer de cazar com ella se o sancto Padre dispensar, mil cruzados, da terça do dote, que minha filha Dona Elena me hâ de dar, e assi lhe deixo hum Alvarâ do Duque, meu filho, em que me promette a valia de cem mil reis de renda para minhas obrigaçoens em vida de huma pessoa assi, e da maneira, que no dito Alvarâ contem, que quero, que haja naõ cazando ella, e cazando se destribua em obras pias, como assima digo.* Esta asseveraçaõ do Duque tira toda a duvida, em que nos punhaõ os referidos Authores; porque naõ houve mais, que promessa, e que para esta se verificar, necessitava de dispensa do Papa, como refere o Duque, que he o que esperava, para o poder effeituar, mostrando qual era a sua inclinaçaõ nos legados, que lhe deixou, que tambem naõ tiveraõ effeito

feito conforme à sua vontade; porque Dona Maria Manoel casou com Manoel de Sousa da Sylva, Aposentador mór delRey D. Sebastiaõ, Commendador de Villarfrey, e Alfayates, que havia sido casado com D. Francisca de Vilhena sua sobrinha, filha de sua irmãa D. Isabel de Castro, e ambas filhas de D. Fernando de Lima, Senhor de Castro-Dairo, Commendador de Garfe, e Capitaõ de Ormuz, e de D. Francisca de Vilhena sua mulher, como acima dissemos; e sendo taõ apertado o parentesco, querendo facilitar a dispensa, conforme ao que diz D. Antonio de Lima, o mesmo Manoel de Sousa passou a Roma a solicitalla, e havendo-a conseguido, voltou ao Reyno a tempo, que D. Maria Manoel havia falecido, rompendo a morte este tratado, que o Duque no seu Testamento acautelado prevenio.

Salazar, *Casa de Sylva*, tom. 2. liv. 12. cap. 8. pag. 767.

Achava-se o Duque na Villa de Setuval neste tempo, quando adoeceo gravemente, e conhecendo como Christaõ a incerteza da vida, e que poderia ser aquella a ultima enfermidade, e o termo da sua vida, ordenou o seu Testamento com muita piedade, e tanta advertencia, como se vê na referida verba; nelle nomeou por Testamenteiros a D. Affonso de Lencastre, Commendador mór de Santiago, seu filho, ao Prior mór do Convento de Palmella, e a Jorge Pereira, Védor da sua fazenda, o qual mandou escrever por o Doutor Christovaõ Pinto: foy feito na dita Villa a 20 de Julho de 1550. Delle consta, que se mandou enterrar no Convento de Palmella; porque

Prova num. 8.

que em huma verba diz: *Eu elegi minha sepultura no Combento de Santiago na Villa de Palmella, honde mando fazer huma Capella da Invocaçaõ da Annunciaçaõ, a qual he annexa à Igreja do lugar de Lamas com sua annexa Santa Maria de Cavellos: por tanto mando a meus Testamenteiros, que me mandem fazer hum arco de pedraria na Capella môr do dito Convento de Santiago, e à custa, e rendimento das ditas Igrejas a elle annexas, com sua abobeda, e paredes de dentro tudo de pedraria, e seu altar à parte do Evangelho, na qual se gastarâ athe duzentos mil reis, e a sepultura me mandaraõ fazer raza no chaõ dentro no dito arco.* Aqui faz mençaõ das Igrejas, que acima dissemos, de que naõ ha noticia no dito Convento, nem menos se vê nelle a memoria, que elle ordena se puzesse em huma pedra dentro no arco do cruzeiro, e o arco do jazigo, que havia de dizer: *Aqui jaz Dom Jorge, filho de El-Rey Dom Joaõ o II. de Portugal, o qual foi Mestre de Santiago, e Aviz, Duque de Coimbra, e se finou a tantos dias de tal mês, e de tal anno, o qual deixou a este Mosteiro a Igreja de Lamas, e sua annexa, com obrigaçaõ de huma missa quotidiana, segundo esta declarado na escritura do Convento, que fez com este Mosteiro.* Naõ podemos averiguar o motivo, porque se naõ satisfez, o que o Duque Mestre ordenou no seu Testamento, pois nelle antevendo, que naõ poderia estar acabada a Capella, mandou, que por entaõ o puzessem na Capella môr do

dito

dito Convento, à parte direita, em huma Tumba coberta de veludo preto, com huma Cruz branca, em que ſe gaſtaſſe até ſeſſenta mil reis, como diz no ſeu Teſtamento. Faleceo o Duque a 22 de Julho de 1550, o que conſta de hum livro, que eſtá no dito Cartorio, formado de memorias antigas no anno de 1648 por ordem do Prior mór D. Diogo Lobo, onde a pag. 3 diz: *Faleceo o Duque Dom Jorge, filho delRey Dom Joaõ II. Meſtre de Sam Tiago, a 22 de Julho de 1550; eſtá ſepultado na Capella mór deſte Convento no cham ao lado do Evangelho.* Neſte lugar jaz o Duque taõ deſconhecido naquelle Convento, que apenas ſe ſabe por tradiçaõ onde eſtá ſepultado; porque tendo naquelle lugar huma pequena pedra, que o declarava, quando ſe fez a obra do xadrès, haverá ſetenta annos, lha tiraraõ com inadvertencia indiſculpavel, quando deviaõ conſervar com reſpeito a memoria, que declarava o lugar, em que eſtavaõ as cinzas de hum Principe, e de hum tal Meſtre da Ordem, que foy hum dos mais inſignes bemfeitores della, perpetuando aos vindouros com huma inſcripçaõ o ſeu agradecimento. Foy o Duque ornado de excellentes virtudes, magnanimo, generoſo, pio, erudito, e bem inſtruido na lingua Latina, em que teve por Meſtre o inſigne Cataldo Siculo, que lhe aſſiſtio deſde os ſeus primeiros annos, como ſe vê da Carta, que lhe eſcreveo na occaſiaõ da morte delRey ſeu pay, que anda com outras tambem para o Senhor D. Jorge, nas Epiſtolas deſte excellente

cellente Author, que se imprimiraõ em o anno de 1500, e principia: *Vilius argentum est auro: virtutibus aurum, ait Venusius tuus; ego vero dico; virtus tua sapientiæ admixta est omni argento: omni auro: omni gemma preciosior. Hec mea unque de ingenii tui perfunditate fefelit opinio*; e com o elogio de Varaõ taõ insigne damos fim ao deste Principe.

Casou a 31 de Mayo do anno de 1500, como affirma o Chronista Damiaõ de Goes, com a Duqueza D. Brites de Vilhena, filha do Senhor Dom Alvaro, (irmaõ de D. Fernando II. do nome, Duque de Bragança) e de sua mulher D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, como deixamos escrito no Livro IX. Capulo I. pag. 43. do Tomo X. Naõ sabemos quando a Duqueza de Coimbra faleceo; porém dos documentos, que acima apontamos, já no anno de 1531 se achava o Duque viuvo, e delles consta, que a Duqueza jaz em o Mosteiro de S. Joaõ de Setuval. Desta excelsa uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

Goes, *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 3. cap. 45. pag. 212.

14 Dom Joaõ de Lencastre, I. Duque de Aveiro, que occupará o Capitulo II.

14 D. Affonso de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Santiago, Capitulo IV.

14 D. Luiz de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Aviz, como diremos no Capitulo XIV.

14 D. Jayme de Lencastre, que foy o quarto Varaõ na ordem do nascimento, seguio a vida Ecclesiastica, em que teve diversos Beneficios; por-

que no anno de 1538 era Prior de S. Pedro de Torres-Novas, e das quatro Freguesias daquella Villa, como consta de hum contrato, em que o Prior com os Beneficiados da dita Igreja deraõ huma Ermida, e casas contiguas ao Provedor, e Irmandade da Misericordia, o qual contrato foy feito no primeiro de Julho de 1538; e esta Ermida he a Casa da Misericordia daquella Villa, cujo contrato se conserva no Archivo, que foy da Sé de Lisboa, hoje Basilica de Santa Maria, donde o vimos, nas Memorias, que mandou à Academia Real. No anno de 1545 foy eleito Bispo de Ceuta, em que succedeo a Dom Fr. Diogo da Sylva, Religioso da Ordem Serafica, e I. Inquisidor Geral destes Reynos. Saõ muy curtas as noticias, que achamos deste Prelado; mas em huma memoria vimos, que fora Varaõ de grande virtude, com que fez ainda mayor a sua pessoa. A Rainha D. Catharina o fez seu Capellaõ môr. Jaz no Mosteiro do Carmo de Lisboa na Capella môr.

Memorias do Cartorio da Sé de Lisboa, &c.

Nobiliario de Goes.

14 D. Helena de Lencastre, que foy Commendadeira do Mosteiro de Santos, da Ordem Militar de Santiago, lugar, em que succedeo a sua avó D. Anna de Mendoça, o qual governou até depois do anno de 1578, e mais, sem embargo do que diz o Author da *Historia Tripartita*, tendo entrado a governar pelos annos de 1550. Foy huma das Princezas, que se propuzeraõ, para haverem de casar com o Infante D. Luiz.

Histor. Tripartita, trat. 3. §. 18.

14 D. Maria de Lencastre, Religiosa no Mostei-

Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, onde se chamou Soror Maria Magdalena, e vivendo na Religiaõ em grande desprezo do Mundo, humildade, e oraçaõ, acabou santamente.

Historia de S. Domingos, part. 3. liv. 2. cap. 10.

14 D. Filippa de Lencastre, Religiosa em o referido Mosteiro, de que foy Prioressa.

14 D. Isabel de Lencastre, tambem Religiosa no dito Mosteiro, onde todas estas Senhoras entraraõ juntas no dia de S. Joaõ Bautista do anno de 1529, em que se deu principio à entrada das Fundadoras, com grande satisfaçaõ do Mestre, e da Duqueza. O Padre Fr. Luiz de Sousa, insigne Chronista da Religiaõ de S. Domingos, com a sua elegancia refere huma pratica, que a Duqueza de Coimbra sua mãy fez a suas filhas nesta occasiaõ, com tanto espirito, e piedade christãa, que enchia de devoçaõ às Noviças, e de espanto às Fundadoras, e até aos Prégadores, que alli assistiaõ, confundio, e enterneceo. Porém esta Senhora passou para o Mosteiro de Santos depois, para que obteve dous Breves, hum do Papa Julio III. e outro de Gregorio X. seria por falta de saude, e naõ poder com o rigor, que naquella Casa entaõ se praticava.

Teve o Mestre fóra do matrimonio os filhos seguintes:

14 Dom Jorge de Lencastre, estudou em Coimbra Canones, em que foy Bacharel: foy Clerigo de bom procedimento. A Universidade de Coimbra o quiz eleger Reytor, e sendo votado no pri-

meiro escrutinio, naõ teve effeito. Foy Prior môr da Ordem de Aviz pelos annos de 1547. Delle faz memoria o Duque seu pay no seu Testamento. Devia de viver largo tempo; porque achamos, que no anno de 1617 fez o officio de Capellaõ môr, quando ElRey Filippe III. veyo a este Reyno. Teve as Commendas de Villa-Viçosa, e Ervedal. Jaz em Aviz.

14 D. JORGE DE LENCASTRE, que foy Religioso da Ordem de S. Jeronymo no Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, como refere o Duque seu pay no seu Testamento.

14 D. JORGE DE LENCASTRE, ficou de tenra idade, quando o Duque seu pay faleceo: foy Frade Eremita na Religiaõ de Santo Agostinho, onde se chamou Fr. Antonio de Santa Maria, e foy Provincial, e depois Bispo de Leiria, em que já residia no anno de 1616. Foy dotado de muita caridade. Achou-se no anno de 1623 em Lisboa na entrada del-Rey D. Filippe III. neste Reyno, e no mesmo anno faleceo em Leiria a 16 de Mayo; e jaz no Convento, que a sua Ordem tem naquella Cidade, na Capella môr, para onde foy trasladado, junto do Altar de S. Nicolao, onde tinha o seguinte Epitafio:

Hic requiescit Corpus Illustrissimi Domini Antonij à Sancta Maria alias Lencastro ex Patre Georgio Joannis II. Regis

Regis Lusitaniæ Nepotis. Eremitæ August. Dignissimi Episcopi Leiriensis, Amabili, ad omnes benignitate insignis obiit die 16 *Maij Anno salutis* 1623.

Todos estes filhos tiveraõ o mesmo nome de seu pay, os quaes declarou no seu Testamento, e a filha seguinte:

14 D. JOANNA DE LENCASTRE, que sendo recolhida no Mosteiro das Commendadeiras de Santos, nelle morreo moça sem estado.

- Duque- a D. Bri- de Vi- lna, mu- lr do Se- or Dom ge, Du- e de Co- ibsa.
  - O Senhor D. Alvaro, ✠ a 4 de Março de 1504.
    - D. Fernando I. do nome, Duque de Bragança, &c. ✠ a 23 de Março de 1478.
      - O Senhor D. Affonso, Duque de Bragança, &c. ✠ em Dezembro de 1461.
        - ElRey D. Joaõ I. de Portugal, ✠ a 14 de Agosto de 1433.
          - ElRey D. Pedro I. de Portugal, ✠ em 18 de Janeiro de 1367.
          - Theresa Lourenço.
        - D. Ignez Pires, Commendadeira de Santos.
          - Pedro Esteves.
          - Maria Annes.
      - D. Brites Pereira, Condessa de Ourem.
        - O Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, &c. ✠ em 12 de Mayo de 1432.
          - D. Alvaro Pereira, Prior do Hospital.
          - Iria Gonçalves do Carvalhal.
        - D. Leonor de Alvim. H.
          - Joaõ Pires de Alvim.
          - D. Branca Pires Coelho.
    - A Duqueza D. Joanna de Castro, ✠ a 14 de Fevereir. 1479.
      - D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval, &c. ✠ em 1428.
        - D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval.
          - D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, ✠ em 1383.
          - A Condessa Dona Maria Ponce de Leon.
        - D. Leonor Telles de Menezes.
          - D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, Conde de Ourem, e Barcellos.
          - D. Guiomar de Villa Lobos.
      - D. Leonor da Cunha Giraõ.
        - Martim Vasques da Cunha, I. Conde de Valença.
          - Vasco Martins da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites Soares de Albergaria.
        - Dona Theresa Telles Girao.
          - Dom Affonso Telles Giraõ, Rico-Homem, Senhor de S. Romaõ.
          - D. Theresa Rodrigues de Alarcaõ.
  - D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, ✠ em 1516.
    - D. Rodrigo Affonso de Mello, I. Conde de Olivença, Guarda môr da pessoa delRey, I. Capitaõ de Tangere, ✠ em 25 de Novembro de 1484.
      - Martim Affonso de Mello, Sen. de Ferreira de Aves, Guarda môr delRey D. Duarte.
        - Martim Affonso de Mello, Guarda môr delRey, Senhor de Arega.
          - Vasco Martins de Mello, Senhor da Castanheira, e Povos.
          - D. Maria Affonso de Brito.
        - D. Brites Pimentel.
          - Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Bragança, I. Conde de Benavente.
          - D. Joanna de Menezes.
      - Dona Margarida de Vilhena. H.
        - Ruy Vaz Coutinho, Meirinho môr do Reyno.
          - Vasco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, &c.
          - Dona Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
        - D. Branca de Vilhena.
          - Dom Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra.
          - D. Brites de Sousa.
    - A Condessa D. Isabel de Menezes, ✠ a 12 de Agosto 1482.
      - Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, &c. Regedor, vivia no anno de 1449.
        - Joaõ Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, &c. ✠ a 26 de Março de 1444.
          - Gonçalo Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, Rico-Homem, Embaixador em Roma, &c. ✠ 1386.
          - D. Leonor Gonçalves Coutinho.
        - D. Margarida Coelho.
          - Egas Coelho, Senhor de Montalvo, Mestre Salla delRey.
          - D. Mayor Affonso Pacheco.
      - D. Brites de Menezes.
        - D. Martinho de Menezes, II. Conde de Cantanhede.
          - D. Gonçallo Telles de Menezes, I. Senhor de Cantanhede, Conde de Neiva, e Faria.
          - D. Maria de Albuquerque.
        - D. Theresa Vasques Coutinho.
          - Vasco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, &c.
          - D. Brites Gonçalves de Moura.

CAPITULO II.

De D. Joaõ de Lencastre I. Duque de Aveiro, e Marquez de Torres-Novas.

14 DO esclarecido thalamo dos Duques de Coimbra, como dissemos no Capitulo precedente, foy o primeiro fruto D. Joaõ de Lencastre, nome, que se lhe deu em memoria de seu Augusto avô ElRey D. Joaõ II. e o appellido por querer renovar a daquella esclarecida Heroîna a Rainha Dona Filippa de Lencastre, de quem D. Joaõ era duas vezes quarto neto, para assim conservarem na grande Casa, que estabeleceraõ, huma distincta Familia, em que se dilatasse a gloria dos successores nos Reaes ascendentes, de que se deduzia; parecendo, que tambem se lembrara o Senhor D. Jorge do exemplo, que lhe deixou seu bisavô o Infante D. Pedro, quando em veneraçaõ da Rainha sua mãy, deu a sua filha D. Filippa de Lencastre o nome, e o appellido, como dissemos no Capitulo II. do Livro III. pag. 80 do Tomo II. Nasceo este grande Senhor no anno de 1501, segundo inferimos de huma Carta sua para a Rainha D. Catharina, sobre particulares seus, da qual ainda nos havemos de valer. Passou no anno de 1513 a primeira vez à Corte com o Duque Mestre seu pay, que apresentando-o a ElRey Dom Manoel, o levou com-

Goes, *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 3. cap. 45.

comſigo a Cintra, quando contava ſómente doze annos; e logo começou a ſervir a ElRey D. Joaõ III. entaõ Principe, como elle diz no referido papel.

ElRey D. Manoel creou a D. Joaõ de Lencaſtre Marquez de Torres-Novas, eſtando na Cidade de Evora, de que ſe lhe paſſou Carta a 27 de Março de 1520; e a 29 de Mayo do meſmo anno lhe deu de aſſentamento quatrocentos mil reis, em attençaõ a ſer filho do Senhor D. Jorge, as quaes Cartas eſtaõ no Archivo da Torre do Tombo. Porém parece, que antes de ſe paſſarem as Cartas, já lograva da Grandeza de Marquez de Torres-Novas; porque no anno de 1518 quando ElRey D. Manoel caſou com a Rainha D. Leonor ſua terceira eſpoſa, na occaſiaõ, em que chamou a Corte para lhe participar eſta noticia, diz o Chroniſta Damiaõ de Goes, que o Marquez de Torres-Novas lhe beijara a maõ, ſendo hum dos Senhores, que eſtiveraõ preſentes neſta occaſiaõ. Depois no anno de 1521 ſe achou tambem na occaſiaõ da morte do meſmo Rey.

Livro 6. dos *Myſticos*, pag. 51, e 53.

Goes, *Chronic. del Rey Dom Manoel*, part. 4. cap. 34.

Dita *Chronica* cap. 83.

No Capitulo IX. do Livro IV. a pag. 406 do Tomo II. diſſemos como ElRey D. Manoel, antes da ſua morte, deixara tratado o caſamento de ſeu filho o Infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, herdeira dos Condados de Marialva, e Loulé, eſtando eſte tratado publico na Corte, eſperando, que o Infante cumpriſſe a idade competente para o thalamo; e ſendo recomendado por ElRey a ſeu filho ElRey Dom Joaõ III. o Marquez de Torres-Novas, ſem

ſem embargo do que paſſava, depois da morte del-Rey, ſe oppoz ſem rebuço pedindo a Condeſſa D. Guiomar Coutinho; e publicando, que muito tempo antes de ſe tratar o caſamento do Infante com a Condeſſa D. Guiomar, eſtava ella clandeſtinamente recebida com o Marquez: pelo que ſe via preciſado a pôr eſte negocio no Juizo contencioſo, onde foſſe ſentenciado. Sentio o Conde de Marialva duramente a acçaõ, que intentou o Marquez, e queixou-ſe vivamente a ElRey, que mandando ver eſte negocio maduramente pelos mais graves, e authoriſados Miniſtros do Reyno, reſultou mandarſe prender ao Marquez no Caſtello de Lisboa, e ao Duque ſeu pay, que ſahiſſe da Corte; porém o Marquez naõ deſiſtio da ſua idéa, antes querendo moſtrar a juſtiça, que tinha, demandou ordinariamente ao Conde de Marialva, o que naõ chegou a ſentenciarſe; porque a demanda tocava ao Juizo Eccleſiaſtico, onde durou nove annos, até que no de 1529 mandou ElRey ſe fizeſſem novas preguntas a D. Guiomar por Theologos, e Canoniſtas, e pondo-a na ſua liberdade, a interrogaraõ ſe era caſada com o Marquez, o que ella conſtantemente negou; e como da inſtrucçaõ do proceſſo ſe naõ provava juridicamente o contrario, foy ſentenciada a cauſa contra o Marquez de Torres-Novas, e ella caſou com o Infante, como deixamos eſcrito a pag. 412 do Tomo III. e refere muy largamente o Chroniſta Franciſco de Andrade.

Chronica del Rey Dom João III. liv. 1. cap. 12.

Era o Marquez de Torres-Novas ornado de

muitas virtudes, de valor, bom entendimento, viveza, e promptidaõ nas repoſtas, e com muita applicaçaõ ás bellas letras; de ſorte, que na ſua grande peſſoa brilhavaõ com applauſo taõ excellentes partes, e por iſſo foy mais notado no caſo preſente, em que parece naõ entrou com toda aquella conſideraçaõ, que pedia hum negocio taõ grave, para ſe naõ deixar perſuadir de conductores falſos, e atrevidos, como moſtrou o ſucceſſo, que he ſó a culpa, que o Marquez neſte negoceado parece teve; o que bem ſe vê na Carta, que deixamos acima allegada, eſcrita muitos annos depois, em que diz: *Fui prezo, e deſpoes degradado da Corte por culpas, que ſe offerecerão, o que eu naõ confeço, nem Deos tal queira, eraõ alheas, e naõ minhas, nem de Sua Alteza por noſſa idade, e diſto porque naõ pareça, que allego com teſtemunhas mortas, ainda poderey moſtrar papeis, ou papel, em que moſtraria minha innocencia contra quem me culpaſſe.* De que ſe vê padeceo engano neſte negoceado ſem culpa do Marquez, que foy ſempre de muy elevados penſamentos, dignos da repreſentaçaõ de hum taõ grande Senhor, como elle foy; de ſorte, que eſta foy a ſua mayor idéa, de que a grandeza da ſua Caſa naõ foſſe aſſombrada da de Bragança, de que ſempre viveo com emulaçaõ, trabalhando por conſeguir nellas hum equilibrio, o que era quaſi impoſſivel. Eſte foy hum dos motivos, porque ſe apartou da Corte, e paſſou a viver na Villa de Setuval, donde voltou a ſeguir a Corte, quando El-Rey

Rey D. Joaõ III. o creou Duque. Naõ sabemos o anno desta merce, de que entaõ se lhe naõ passou Carta; porque ElRey o fez em vida do Duque Mestre seu pay, por hum Alvará, que se compriria em certo tempo, e passado este por huma Carta missiva a seu pay, o declarou Duque de Aveiro. Muitos annos depois lha passou ElRey D. Sebastiaõ, dandolhe o Ducado de Aveiro a elle, e a todos os seus herdeiros, e descendentes, que succederem na Casa, e terras da Coroa, com a prerogativa, de que se pudesse chamar o successor logo Duque, tanto que falecesse o ultimo possuidor, sem outra mais solemnidade, nem ceremonia: foy passada em Lisboa a 30 de Agosto de 1557.

Prova num. 9.

No anno de 1535 parece, que já era Duque de Aveiro; porque com este titulo o nomeaõ os Chronistas Damiaõ de Goes, e Francisco de Andrade, quando o Infante D. Luiz se ausentou da Corte com a resoluçaõ de passar à Africa na expediçaõ, que seu cunhado o Emperador Carlos V. tinha preparado, e para o que pedio a ElRey D. Joaõ o auxiliasse. Tendo pois noticia o Duque de Aveiro, de que o Infante D. Luiz sahira incognito da Corte para Barcellona, como era dotado de valor, desejando deixar da sua pessoa distincta memoria, se valeo da occasiaõ, que se lhe offerecia: assim sahio de Setuval pela posta a Evora, onde a Corte residia, e pedio com grande instancia licença a ElRey para seguir ao Infante, a qual por muitas razoens, que teve, lha naõ conce-

Goes, *Chronica del-Rey D. Manoel*, part. 1. cap. 10.
Andrade, *Chronic. del-Rey Dom Joaõ III.* part. 3. cap. 15. pag. 21.

deo: assim o referem os mencionados Chronistas, a quem nós naõ intentamos contrariar; porém o mesmo Duque na Carta, que escreveo à Rainha D. Catharina, lhe allega por serviço a jornada, que fizera a Barcelona por ordem delRey, dizendo estas palavras: *Em quanto andava neste requerimento me mandou Sua Alteza a Barcellona com o Infante D. Luiz, que Deos tem*; e depois mais adiante torna a fallar na mesma jornada, dizendo: *No mesmo seu servisso* (falla delRey D. Joaõ III.) *e seguindo sua Corte, e indo onde me mandou, e servindo nisso o melhor, que entendi, e o Infante, que Deos tem, e todos os que com elle foraõ, creo, que o poderaõ bem testemunhar, mas o Infante melhor por algumas couzas de maes segredo, que passaraõ antre nós, e quanto maes pesado eu seria aos cavallos da posta, do que fui a elle, e a seu servisso, e taõbem o sabia ElRey meu Senhor, que Deos tem.* De que se colhe, que o Duque foy a Barcelona com o Infante por ordem delRey: naõ sabemos o que trataraõ; mas que foy na sua companhia, pela posta a Barcelona, naõ padece duvida; porque nenhuma pessoa o podia saber melhor, que o Duque, que relata por serviço, que tinha feito à Coroa esta jornada, e o bem, que nella servira a ElRey, e ao Infante, allegando por testemunhas todos os que foraõ com elle. Devemos entender, como me persuado, que o Infante tornou depois a Barcelona a verse com o Emperador seu cunhado, quando estava de partida para Italia, e que o Duque o acompanhou,

como

como refere Dom Luiz Lobo, dizendo: *E quando mandou o Infante D. Luiz seu Irmaõ verse com seu cunhado o Emperador em Barcelona estando de caminho para Italia o Duque o acompanhou, com mui honrado acompanhamento de criados seus, que levou pella posta como tambem hia o Infante, a quem da sua companhia deu tanta satisfaçaõ como deu ao Emperador, e a toda sua Corte pella descriçaõ, e prudencia, que nelle havia, e tornado ao Reyno foy sempre bem visto, e tratado delRey.* He certo, que D. Luiz Lobo soube muito bem a nossa Historia, e naõ fez mençaõ da licença, que ElRey lhe negou, para se unir ao Infante quando sahira da Corte, e fora a Barcelona, para se achar na empreza de Goleta, pois o Duque precisamente o havia de seguir, e acharse naquella facçaõ, que he o que pretendeo, quando pedio a licença para o acompanhar, como referem os Chronistas, que passaraõ em silencio esta segunda jornada a Barcelona; nem o Conde de Vimioso na Vida, que escreveo com tanta elegancia, como exacçaõ, teve noticia della: pelo que nos persuadimos ser distincta huma jornada da outra, ainda que ignoremos o motivo, que ElRey teve para mandar o Infante a verse com o Emperador; ordenando ao Duque de Aveiro o acompanhasse, como elle refere na representaçaõ mencionada, que fez à Rainha Dona Catharina como Regente do Reyno.

D. Luiz Lobo, *Nobil. Histor. da Descendencia da Casa Real* m. s. part. 1.

Conde de Vimioso, *Vida do Infante Dom Luiz.*

Nasceo no anno de 1539, e foy bautizado no Hospital Real de Todos os Santos o Infante D. Antonio,

Andrade, *Chronica del-Rey D. Joaõ III.* part. 3. cap. 69.

tonio, filho dos ditos Reys, e levaraõ as peſſas, o Duque de Bragança, o Salleiro; o Duque de Aveiro, o Cirio; e o Marquez de Villa-Real, a Offerta. Neſte meſmo anno faleceo em Toledo a Emperatriz D. Iſabel, irmãa delRey D. Joaõ III. o que cauſou grande ſentimento na noſſa Corte, e na de Caſtella, aonde ElRey mandou viſitar ao Emperador Carlos V. ſeu cunhado pelo Duque de Aveiro; querendo na eſcolha de peſſoa taõ grande moſtrar ao Emperador a ſua amiſade, e o quanto fazia publico o ſentimento, com que o acompanhava naquella fatal occaſiaõ. Sahio o Duque de Evora a 14 de Mayo do referido anno pela poſta, ſómente acompanhado de vinte cavallos, em que hiaõ criados ſeus; foy a Toledo, onde entaõ eſtava o Emperador, e ſendolhe inſinuado por ElRey ſe apoſentaſſe em caſa de Dom Franciſco Lobo, Alcaide môr de Campo-Mayor, e ſeu Embaixador naquella Corte, o Duque o naõ pode fazer; porque o Arcebiſpo de Toledo o convidou para ſua caſa com taes expreſſoens, e inſtancias, que offenderia a civilidade, ſenaõ aceitaſſe o ſer ſeu hoſpede. Teve o Duque logo audiencia do Emperador, e feita a viſita da parte delRey ſeu amo, com toda aquella ceremonia devida à Mageſtade, a fez tambem ao Principe D. Filippe ſeu ſobrinho, e às Infantas D. Maria, e D. Joanna ſuas ſobrinhas; e cumprindo prudentemente, com o que lhe ordenara, ſe recolheo ao Reyno, onde ElRey lhe agradeceo o bem, que o havia ſervido. Naõ podemos deixar de reparar em

em o Chronista Francisco de Andrade depois de nomear o Principe, e Infantas, sobrinhas delRey, fazer mençaõ da Infanta D. Maria; porque naquelle tempo naõ havia mais, que duas Infantas deste nome: a Infanta D. Maria, que foy depois Emperatriz, mulher de Maximiliano II. que ficava incluida nas sobrinhas, e a Infanta D. Maria irmãa do mesmo Rey; porém esta naõ estava em Castella, senaõ em Portugal, tal vez, que a Infanta D. Maria estivesse fóra da Corte, e ElRey a mandasse visitar de caminho pelo Duque.

Dita *Chronica*, pag. 94.

Depois desta missaõ, sendo ainda vivo o Mestre de Santiago seu pay, tratou o Duque de Aveiro de casar com huma filha do Duque de Bragança D. Jayme, e reciprocamente o Duque de Barcellos com sua irmãa Dona Helena de Lencastre; porém ElRey naõ mostrou satisfaçaõ desta pratica, que logo se rompeo, com grande desprazer do de Aveiro, dando-se por taõ sentido, que naõ cuidou mais em vida de seu pay de haver de tomar estado; de sorte, que naõ só se lhe naõ conhecia vontade para elle; mas antes o contrario, que parecia mais, que indifferença, como se vê da já allegada Carta, em que se lembra queixoso de ElRey naõ vir naquelle tratado. Foy o motivo desta Carta o haverse feito Duque de Barcellos ao filho do Duque de Bragança, pelo que pertendia, que a Rainha fizesse o mesmo ao Marquez de Torres-Novas seu filho, e nesta Carta relata toda a sua vida, e serviços, a qual vay lançada nas Provas por inteiro, para satisfaçaõ dos curiosos.

Prova num. 10.

Torre do Tombo liv. 58. *delRey Dom Joaõ III.* pag. 141.

ſos. Era ElRey muy inclinado ao Duque, a quem ſeu pay, Meſtre da Ordem da Cavallaria de Santiago, havia conferido as Commendas de Aljuſtrel, Arruda, Ferreira, Caſtro-Verde, Barreiro, Santiago de Caſſem, Sines, Cezimbra, Arrabida, Belmonte, e Samora Correa; e ſuppoſto os Commendadores das referidas Commendas eraõ Alcaides môres dellas, ElRey lhe fez merce de lhe dar a juriſdicçaõ de todas aquellas Villas, de que ficou ſendo Senhor, dandolhe mais a Villa de Penella, que vagara pelo ultimo Conde de Penella, em que o Duque entrou, e em outras terras, que foraõ vagando, a que chamavaõ do Infantado, por terem ſido do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, com o mais que herdara do Duque Meſtre ſeu pay. Teve o Duque D. Joaõ huma grande Caſa, diſtincta em rendas, regalias, e iſenções; de ſorte, que era huma das mais poderoſas do Reyno, que elle com a ſua prudencia, e talento, fazia ſer mais eſtimada.

Era o principio do anno de 1547 quando o Duque ſe achava em Evora convalecido de huma doença, e muy longe dos cuidados de tomar eſtado, quando ElRey o mandou chamar a Almeirim, onde entaõ eſtava a Corte, e lhe propoz para eſpoſa a Dona Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real. O Duque lhe beijou a maõ, agradecendolhe o intereſſarſe tanto na conſervaçaõ da ſua Caſa, e que na eſcolha naõ tinha elle arbitrio, ſenaõ para eſtimar o quanto ſe obrigava da ſua Real memo-

memoria; porque quando sua Alteza elegera esposa para elle, nenhuma lhe podia ser mais convenite, que a que lhe insinuava. Na presença delRey se fez o ajuste do dote, e arrhas, e mais cousas, que de huma, e outra parte eraõ convenientes, de que lhe mandou passar hum Alvarà, assinado da sua propria maõ, feito em Almeirim a 29 de Janeiro do referido anno, que depois se incorporou no mesmo Tratado, que se estipulou em a dita Villa no primeiro de Fevereiro do mesmo anno nas casas em que assistia o Duque, estando elle presente, e D. Nuno Alvares Pereira, como Procurador de seu irmaõ D. Miguel de Menezes, Marquez de Villa-Real, e de sua mãy a Marqueza D. Brites de Lara, como Tutora de seu filho o Marquez, e Procurador de D. Juliana seu tio D. Francisco de Noronha. Foy o dote vinte contos de reis, oito contos pagos logo em padroens de tenças, joyas, ouro, prata lavrada, e dinheiro; doze contos, que o Marquez havia de pagar em seis annos para cumprimento dos vintes contos, que principiariaõ em Janeiro do anno seguinte de 1548, e seriaõ satisfeitos nas rendas do Marquez da Cidade de Tavira, da Villa de Alcoutim, e na Cidade de Leiria, e em a Villa de Chaõ de Couce; e que havendo diminuiçaõ nas rendas, para a quantia dos dous contos de cada hum anno, a satisfaria o Marquez de outra parte. O Duque lhe prometteo de arrhas a terça parte do dote, ou houvesse, ou naõ filhos; para o que o Duque Mestre obrigou os rendimentos das Villas de Monte-

Prova num. II.

môr, e Aveiro, para a ſatisfaçaõ do dote, e arrhas, no caſo da reſtituiçaõ; determinando-ſe com convençaõ das partes, que o dito dote ſeria vinculado em Morgado, como ſe aſſentara na preſença delRey; porém ainda que o dote foſſe vinculado, no caſo de ſua futura eſpoſa naõ ter filhos, poderia teſtar de tres contos de reis delle, e tendo-os, ſómente de hum conto. Neſte Morgado ſuccederiaõ os ſeus deſcendentes, e no caſo de naõ ter filhos, paſſaria à Caſa de Villa-Real; e ſuccedendo falecer D. Juliana primeiro, que o Duque, deixando filhos, e eſtes faltaſſem, o Duque entraria em ſua vida na poſſe do Morgado, no qual ſe excluiraõ Clerigos, Frades, Freiras, baſtardos, eſpurios, com outras ſubſtituições, e clauſulas, que ſe podem ver; e foy feito eſte Contrato por Pedro Fernandes, Eſcrivaõ da Camera delRey, que por hum Alvará ſeu o conſtituîo Notario para eſta Eſcritura, feita a 30 de Janeiro de 1547; o qual Contrato foy depois confirmado por ElRey, com clauſulas eſpeciaes, por huma Carta, em que foy incorporado com tudo o que ſobre eſte negoceado ſe tratou, e foy paſſada em Lisboa a 17 de Março do anno de 1548.

Celebraraõ-ſe as vodas a 22 de Fevereiro do anno de 1547 na Villa de Almeirim, onde eſtava entaõ a Corte: foy grande a pompa, e mayor as demonſtrações da eſtimaçaõ delRey, que com publicas honras fez mais luzido o acto. Sahiraõ do Paço o Infante Dom Luiz, e o Cardeal Infante, ſeguidos dos

Arce-

Arcebispos de Lisboa, e do Funchal, o Bispo de S. Thomé, dos Condes de Portalegre, da Castanheira, e da Vidigueira, D. Affonso de Portugal, filho do Conde de Vimioso, D. Francisco de Mello, filho do Marquez de Ferreira, e outros muitos Senhores, e foraõ à casa do Arcebispo do Funchal, onde estava o Duque de Aveiro, que posto a cavallo, os Infantes lhe deraõ o lugar entre elles, ficando da parte direita o Infante Cardeal, e da esquerda o Infante D. Luiz: hia o Duque vestido de pano preto tozado, pelote, e capa aberta, gorra de veludo com huma estampa aberta, e colar, montado em hum cavallo ruço ricamente ajaezado, e passando o arco do terreiro, em que está o Paço, encontraraõ a ElRey, que dando ao Duque a maõ esquerda, foy conversando com elle, e depois sobindo ao Paço, ElRey tomando o docel, veyo a Rainha com a nova Duqueza, acompanhada das Damas, e o Nuncio, que era o Arcebispo do Funchal, os recebeo na fórma do Ceremonial Romano: depois houve sarão, em que ElRey dançou com a Rainha, o Infante D. Luiz com a Infanta D. Maria, e logo os Duques esposados, e outros muitos Senhores; de sorte, que durou até às nove horas da noite. Recolhidos os Reys, o Duque voltou para sua casa, acompanhado de muitos Senhores, e Fidalgos, e no dia seguinte houve na Capella Pontifical, que fez o Arcebispo do Funchal. Tanto que ElRey chegou à porta da salla, sahio o Arcebispo revestido de Pontifical com toda a Capel-

la a lançar agua benta aos Reys, e Principe: ElRey levava da parte esquerda ao Duque, e a Rainha à Duqueza; e depois de feitas diversas ceremonias, que entaõ se praticavaõ, antes do Concilio de Trento, acabado o acto, o Duque beijou a maõ a ElRey, Rainha, Principe, e Infantes, e a Duqueza o fez à Rainha, e todos os mais parentes fizeraõ o mesmo; e recolhendo-se, o Duque teve a honra de jantar com ElRey, e o Infante Dom Luiz, e a Duqueza com a Rainha. Tanto que ElRey acabou de comer, se levantou, e foy para o Quarto da Rainha: houve saráo, segundo o costume do Paço, dançaraõ as Damas. A's quatro horas sahio ElRey a cavallo com os Infantes, e toda a Corte, e levaraõ aos Duques a casa de seu tio D. Nuno Alvares, que se lhe tinha preparado, aonde ficaraõ; e depois de ElRey com esta distincta expressaõ ter honrado as vodas dos Duques, que elles lhe agradeceraõ com o mais profundo respeito, se despedio, e foy divertirse ao campo antes de se recolher ao Paço, como vimos em huma Carta escrita naquelle tempo.

Prova num. 12.

Chronica delRey Dom Joaõ III. part. 4. cap. 95.

Era já o anno de 1552, em que casou o Principe D. Joaõ; encarregou ElRey ao Duque de Aveiro, junto com o Bispo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares, fosse à Raya de Castella a tomar entrega da Princeza D. Joanna, futura esposa do Principe. O Duque de Aveiro fez esta funçaõ com notavel grandeza; porque se acompanhou de seus irmãos Dom Affonso de Lencastre, Commendador môr de Santiago, e Dom

Luiz

Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, Henrique Correa da Sylva, Senhor da Torre da Murta, e outros Fidalgos, Furtados Mendoças, seus parentes, que fariaõ o numero de vinte, que todos com despeza, e luzimento nas suas pessoas, criados, e librés differentes, fizeraõ ainda mais pomposo aquelle dia. Hia tambem com elle Ayres Pires Cabral, Corregedor da Corte, e Casa, com os seus officiaes, para as cousas pertencentes à justiça. O Duque compunha a sua comitiva, entre criados, e Vassallos, de quinhentos homens de cavallo, oitenta Alabardeiros de sua guarda, dous Arautos com suas Cotas de Armas, atabales, trombetas, e charamellas, ao uso daquelle tempo; e toda aquella Familia vestia libré das cores do Duque, que era roxo, amarello, e branco: levava cento e cincoenta azemolas, cubertas com reposteiros, guarnecidos das mesmas cores, custosamente bordados com as suas Armas. O Bispo, e irmãos do Duque eraõ seguidos das suas comitivas, com custosas, e luzidas librés. Chegou o Duque a Elvas com este grande apparato, e tendo noticia, que a Princeza era chegada a Badajoz, determinou logo, de que se fizesse o acto da entrega. Vinhaõ com a mesma commissaõ para a entrega, servindo a Princeza, D. Diogo Lopes Pacheco, Duque de Escalona, com o Bispo de Osma, D. Pedro da Costa, Capellaõ môr, que tinha sido da Emperatriz D. Isabel, em cujo serviço passou de Portugal a Hespanha, e era sobrinho do Cardeal D. Jorge da Costa, e ambos

bos acompanhados de Fidalgos, e gente luzida: acompanhavaõ mais à Princeza Luiz Venegas, Apoſentador mór, e Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, que era Embaixador del-Rey Dom Joaõ ao Emperador, e depois o primeiro Conſelheiro de Eſtado, que houve em Portugal. Aſſim concorreraõ ambas as Coroas a fazerem mais viſtoſo aquelle acto, ſobre que ſe moveraõ algumas duvidas no modo da entrega; porém o Duque de Aveiro preſiſtio, em que devia de ſer na meſma fórma, que ſe praticara nas entregas antecedentes, o que encontrava o de Eſcalona. O Duque de Aveiro, que era dotado de talento, e prudencia, o repreſentou à meſma Princeza, inteirando-a da inſtrucçaõ, que trazia, fundada nos caſos precedentes; o que reveſtio com tanta perſuaſaõ, que a Princeza ſe conformou com o ſeu parecer, e todos vieraõ a accommodarſe, e aſſim ſe executou a entrega. Determinado o dia, ſahio a Princeza de Badajoz acompanhada da ſua Corte, e de Elvas, o Duque de Aveiro com o Biſpo de Coimbra, e toda a mais comitiva, que os ſeguia; e chegando ao lugar determinado, que divide Portugal de Caſtella, moſtrando reciprocamente cada hum dos Duques o ſeu pleno poder, de que eſtavaõ reveſtidos para aquelle acto, ſe fizeraõ os Inſtrumentos publicos, de que cada hum tomou, o que lhe tocava. O Duque de Eſcalona, que tinha de redea a mulla, em que a Princeza eſtava, a entregou ao Duque de Aveiro, e apartando-ſe, ſe houve por entregue

da

da Princeza, e montando a cavallo, lhe foy beijar a maõ, por assim lho ter ordenado ElRey; e compridas as ceremonias, marcharaõ para Elvas, onde foy recebida com notaveis expressoens de gosto, que se continuaraõ por todas as terras, até que chegou ao Barreiro, onde ElRey a esperava, e partiraõ para Lisboa com magestoso, e real apparato, em que se via a grandeza dos Reys, e o amor dos Vassallos. ElRey agradeceo ao Duque o bem, que correspondera à eleiçaõ, que delle fizera, para hum acto de tanta confiança, e estimaçaõ, de que o Duque era merecedor, pela grande representaçaõ da sua pessoa, que ornava de excellentes virtudes; porque foy agradavel, entendido, prudente, e pio.

He fundaçaõ sua o Convento de Nossa Senhora da Arrabida, que deu depois o nome àquella exemplar Provincia, cooperando o seu respeito, e cuidado para a sua erecçaõ; porque elle trouxe a este Reyno ao Veneravel Fr. Martinho, Varaõ Apostolico, ornado de virtude heroica, com a Doaçaõ, que lhe fez da Ermida da Senhora da Arrabida, de cuja Provincia foy Fundador, que teve principio no Convento, que no mesmo sitio o Duque fez fabricar, conforme o rigor da vida, que nelle se havia de praticar, ajudando com zelo, e devoçaõ os bons intentos do Santo Fundador, que em breve tempo se adiantaraõ com universal edificaçaõ, crescendo a huma Provincia, que se fez benemerita, em todas as idades, da attençaõ dos nossos Reys; a qual reconhe-

Annales Minorum ad an. 1542. tom. XVIII. pag. 41.
Chronica da Provincia da Arrabida, part. 1. liv. 1. cap. 4. e 14.

çendo

cendo a obrigaçaõ, em que eſtavaõ ao ſeu primeiro Bemfeitor, o elegeo Padroeiro geral, o que elle entaõ muito eſtimou, e depois ſe continuou nos ſucceſſores deſta grande Caſa. Tambem he fundaçaõ ſua o Convento, que a meſma Provincia tem em Torres-Novas, que ſendo fundado primeiro em hum lugar fóra da Villa com o titulo de Noſſa Senhora do Egypto, depois o mudaraõ para onde exiſte.

Historia de S. Domingos, part. 1. liv. 3. cap. 5.

O Convento de S. Domingos da Cidade de Coimbra, da Ordem dos Prégadores, que ſe havia fundado pelos annos de 1242, mudaraõ por juſtos motivos os ſeus Religioſos para o lugar, em que ſe vê naquella Cidade pelos annos de 1546; porém como eraõ curtos os cabedaes, corria taõ lentamente a obra, que parece ſeria largo prazo o fim, ſe o Duque de Aveiro generoſamente a naõ ajudara, tomando por ſua conta parte da obra, e a Capella mòr para ſeu jazigo: pelo que contratou com o Convento algumas couſas, com tal piedade, que redundaraõ em honra, e reputaçaõ da Caſa. Foraõ eſtas inſtituir tres Miſſas quotidianas, para o que applicou hum juro de cem mil reis; recomendando mais, que a ſete Clerigos pobres ſe dê todos os annos doze mil reis para poderem eſtudar, e a treze orfãas dez mil reis para ajuda do ſeu dote, fazendo Adminiſtrador ao Prior do Convento; obras verdadeiramente de animo pio, e generoſo; porque naõ eraõ curtas para aquelle tempo. Faleceo a 22 de Agoſto do anno de 1571, e jaz na dita Capella.

Foy

Foy o Duque, como temos visto, de animo pio, muy devoto da Virgem Santissima, que venerava com particular culto na sua Igreja da Arrabida, e sempre generoso, e magnifico nas occasioens, que temos referido, em que se distinguio, com applauso do seu nome, e honra da Naçaõ. A sua Casa era servida de numerosa, e luzida familia de criados, de diversos foros, em que dava a conhecer a grandeza da pessoa; de sorte, que sempre, que assistia na Corte, dava mesa a muitos Fidalgos, que comiaõ com elle, e o acompanhavaõ. Era erudîto, com muita applicaçaõ aos estudos, de que nos deixou hum excellente testemunho na Traducçaõ, que fez da lingua Italiana para a Latina do livro, que Tullio Cripoldo Reatino compoz da Paixaõ de Christo Senhor Nosso, tirado dos quatro Euangelistas, de que diz Xysto Senense, que felizmente conseguira o estylo, e idéa do Author, nas palavras seguintes: *Quem Joannes I. Lusitaniæ Regis Nepos, & Averiæ Dux lectione ejus incensus, latinitati donavit, styllum, & mentem auctoris feliciter assecutus.* Este elogio he huma prova do talento do Duque, e do grande conhecimento, que tinha da lingua Latina, para verter nella com tanta propriedade huma Obra escrita na Italiana, de que devia igualmente ter conhecimento. Era discreto, e prompto em dizer com emfaze, e delle se referem repostas muy galantes, como foraõ, o dizerlhe o Duque de Bragança, que dera huma Commenda a hum Musico seu, e que tanto, que a

Xysto Senense, *Bibliothec.* lib. *M.* in fin. impres. em Colonia 1586.

teve, se ausentara da sua Casa, a que lhe respondeo: Senhor, a semelhantes passaros naõ se dá de comer, senaõ na maõ, como ao gaviaõ. O Marquez de Ayamonte o mandou visitar, e perguntando ao criado, em que se occupava seu amo, lhe disse: Que na caça da volataria, em que gastava toda a sua fazenda; a que o Duque respondeo: Dizey a vosso amo, que huns homens se perdem na terra, outros no mar; mas que o Marquez se perdia no ar. Quando elegeraõ ao Senhor D. Constantino, filho do Duque de Bragança, Vice-Rey da India, disse lhe naõ parecia boa a eleiçaõ; porque se o fizesse bem, naõ havia no Reyno recompensa, que o satisfizesse; e se mal, quem o havia de castigar? No tempo, que o mesmo Duque se andava aprestando para ir receber à Raya de Castella a Princeza D. Joanna, lhe mandaraõ de Setuval hum solho de naõ ordinaria grandeza, e por tal o mandou a ElRey com este recado: Que tambem soubesse a Sua Alteza o solho, como a elle lhe soube a Raya; fundando o dito no equivoco, que formou de ajuntar à palavra, que dá o nome àquelle peixe: outros muitos ditos foraõ celebres naquelle tempo, de que se conhece a agudeza, e promptidaõ, que tinha na conversaçaõ familiar.

Casou com a Duqueza D. Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real, e da Marqueza D. Brites de Lara sua prima com irmãa, filha de D. Affonso, Condestavel de Portugal, como já deixamos escrito a pag. 514 do Tomo II. donde

donde se deve reparar a equivocaçaõ de lhe chamar Joanna. A sua Arvore se verá adiante. Deste esclarecido consorcio nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. Jorge de Lencastre, II. Duque de Aveiro, como se dirá no Capitulo III.

15 D. Pedro Diniz de Lencastre, foy o segundo filho desta esclarecida uniaõ. Foy Senhor da Capitanía de Porto-Seguro, por Doaçaõ do Duque seu pay, que estimou a este filho, a quem quiz assim estabelecer hum Estado, o qual comprou com faculdade Real.

Desejava ElRey D. Joaõ III. povoar as dilatadas terras da Costa do Brasil, pelo que fez diversas Doações, e entre ellas foy a Pedro de Campo Tourinho de cincoenta legoas de largo na Costa do Brasil, para elle, e seus descendentes, de juro, e herdade, com jurisdicçaõ Civel, e Crime, de que se formou a Capitanía de Porto-Seguro, a que deu o nome a embocadura de huma Ribeira da parte do Mar do Norte, concedendolhe largas isenções, que nella se contém, e foy passada em Lisboa a 27 de Mayo do anno de 1534. Succedeo nesta Capitanîa seu filho Fernaõ de Campo Tourinho, que faleceo sem estado, antes de tirar Doaçaõ, e confirmaçaõ da dita Capitanía; e sendo já mortos seu pay, e mãy, Pedro de Campo Tourinho, e Ignes Fernandes Pinta, e naõ havendo delles outro descendente mais, que sua filha Leonor de Campo, ElRey lha confirmou por successaõ de seu irmaõ, por Carta passada em Lis-

boa a 30 de Mayo de 1556. Depois a meſma Leonor do Campo, com faculdade Real, a vendeo ao Duque de Aveiro, a quem ElRey no meſmo Alvará deu permiſſaõ, para por ſua morte a nomear em ſeu filho D. Pedro Diniz de Lencaſtre, dizendo: *E outro ſy hei por bem, e me praz, que comprando o dito Duque a dita Capitanîa, elle a poſſa deixar por ſeu falecimento a D. Pedro Diniz ſeu filho ſegundo, o qual Dom Pedro a herdará, e ſuccederá da meſma maneira, que a dita Leonor do Campo a tem pela dita Doaçaõ, que foy feita a Pedro de Campo ſeu pay, e a Fernaõ do Campo ſeu irmaõ, de quem ella a houve por ſucceſſaõ, &c.* Foy feito em Lisboa a 16 de Julho de 1559. E com eſta licença delRey fizeraõ huma eſcritura publica em 19 de Agoſto do meſmo anno, em que Leonor do Campo vendeo, e renunciou no Duque a Capitanía de Porto-Seguro, com toda a ſua juriſdicçaõ, Civel, e Crime, &c. para elle, e todos os ſeus ſucceſſores, pela quantia de cem mil reis de juro, a razaõ de doze mil e quinhentos reis o milheiro, e ſeiſcentos mil reis em dinheiro, e dous moyos de trigo cada anno em quanto ella viveſſe; o que tudo ElRey Dom Sebaſtiaõ confirmou, e paſſou huma Carta de Doaçaõ ao Duque, com a faculdade de por ſua morte nomear a dita Capitanía de Porto-Seguro em ſeu filho ſegundo D. Pedro Diniz, dizendo: *Para elle, e todos os ſeus filhos, netos, herdeiros, e ſucceſſores, que apôs elle vierem, aſſim, e da maneira, que a dita Doaçaõ foy concedida ao dito*

Prova num. 13.

Pedro

Pedro do Campo primeiro Capitaõ della, &c. Foy passada em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1560. Assim o Duque, que estimou muito este filho, lhe nomeou no seu Testamento a dita Capitanía, e juntamente seu Testamenteiro com o Duque D. Jorge seu irmaõ. Depois o mesmo Rey o mandou a Castella no anno de 1573 a dar os pezames a ElRey D. Filippe II. da morte da Princeza D. Joanna sua irmãa, e mãy do mesmo Rey D. Sebastiaõ, com quem passou a primeira vez à Africa. Teve algumas Commendas na Ordem de Santiago, por merce do Duque Mestre seu avô. Foy Mordomo môr do dito Rey, como affirma D. Antonio de Lima no seu Nobiliario. Naõ contava mais, que vinte e sete annos, quando morreo, deixando grande sentimento na Corte, por ser ornado de excellentes partes, que promettiaõ certas esperanças de ser hum grande Ministro.

Nobiliario de D. Antonio de Lima.

Casou com D. Filippa da Sylva, que depois foy IV. Condessa de Portalegre, Senhora das Villas de Gouvea, S. Romaõ, Cerolico, Valerin, Villa-Nova, Moymenta, e das Ilhas de S. Nicolao, e S. Vicente, em que succedeo a seu avô D. Alvaro, III. Conde de Portalegre, por assim o determinar ElRey D. Sebastiaõ. Era filha de D. Joaõ da Sylva, herdeiro da Casa de Portalegre, e de sua segunda mulher, e tia D. Margarida da Sylva, Dama da Rainha D. Catharina, filha herdeira de Dom Garcia de Almeida, Commendador de Sebal na Ordem de Christo; porém foy pouco ditosa esta uniaõ, porque em breve tempo

tempo faleceo Dom Diniz, deixando a filha ſeguinte:

16 D. Juliana da Sylva, que morreo menina, ſobrevivendo pouco a ſeu pay.

Eſta Senhora caſou depois ſegunda vez com D. Joaõ da Sylva, Commendador de Obſeria, Gentil-homem de Boca delRey D. Filippe II. de Caſtella, de quem entaõ ſe achava Embaixador em Portugal a ElRey D. Sebaſtiaõ, que preferio eſte Fidalgo aos mais pretendentes deſte matrimonio; porque nelle ſe reſtituîa a Caſa de Portalegre à varonia de Sylva, por ſer filho de D. Manrique da Sylva, Meſtre Salla da Emperatriz Dona Iſabel, Commendador de Gualdelerça na Ordem de Calatrava, e de D. Brites da Sylveira, Dama da meſma Emperatriz, e neto de D. Joaõ da Sylva e Ribera, I. Marquez de Monte-Mayor, Senhor de Villa Seca, Laganilha, e Aguila, Alcaide môr de Toledo, e Notario mayor daquelle Reyno, e da Marqueza D. Maria de Toledo, Senhora do Eſtado de Mejorada, como eſcreve o erudîto D. Luiz de Salazar e Caſtro naquella eſtimadiſſima Obra da Caſa de Sylva, onde ſe póde ver.

Hiſtoria da Caſa de Sylva, tom. I. liv. 4. cap. 3. e 16.

Teve o Duque illegitimo

15 D. Joaõ de Lencastre, que com o Duque ſeu pay acompanhou a Princeza Dona Joanna, quando veyo para eſte Reyno; depois tomou o habito da Ordem dos Prégadores, que profeſſou, onde morreo em Caſtella.

D. Ju-

D. Juliana de Lara, Duqueza de Aveiro, mulher do Duque D. ...
D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real.
Dom Fernando de Menezes, II. Marquez de Villa-Real, ✱ em 1523.
D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real, ✱ em 1499.
D. Fernando de Noronha, Conde de Villa-Real.
Dom Affonso, Conde de Gijon.
D. Isabel filha delRey D. Fernando.
D. Brites de Menezes, II. Condessa de Villa-Real.
D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real.
A Condessa D. Margarida de Miranda.
A Marqueza Dona Brites.
D. Fernando, I. do nome, Duque de Bragança, ✱ a 23 de Março de 1478.
D. Affonso, I. Duque de Bragança, ✱ em 1461.
A Condessa D. Brites Pereira.
A Duqueza D. Joanna de Castro.
D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval.
D. Leonor da Cunha.
A Marqueza D. Maria Freire. H.
Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Alcoutim, Aposentador mór.
Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.
Gomes Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.
Dona Leonor Pereira
Dona Catharina de Sousa.
Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
Dona Maria de Briteiros.
D. Leonor da Sylva, segunda mulher.
Pedro Gonçalv. Malafaya, Védor da Fazenda delRey Dom Joaõ I.
Gonçalo Pires Malafaya, Védor da Fazenda.
Maria Annes.
Dona Isabel Gomes da Sylva, Dama da Rainha D. Leonor.
Joaõ Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, Alferes mór.
Ignez Lopes.
D. Brites de Lara sua prima com irmáa.
Dom Affonso, Condestavel de Portugal, ✱ em Outubro 1504.
D. Diogo, Duque de Viseu, Mestre da Ordem de Christo, Condestavel de Portugal, ✱ a 23 de Agosto de 1484.
O Infante Dom Fernando, ✱ em 18 de Setembro de 1470.
ElRey Dom Duarte, ✱ a 9 de Setembro de 1438.
A Rainha D. Leonor, Infanta de Aragaõ, ✱ a 18 de Fever. 1445.
A Infanta D. Brites, ✱ a 30 de Setembro de 1506.
O Inf. D. Joaõ, Mestre da Ord. de Santiago, ✱ a 18 de Out. 1442.
A Infanta D. Isabel, ✱ em 26 de Outubro de 1465.
D. Isabel de Sottomayor e Portugal, Marqueza de Villa Hermosa.
Dom Joaõ de Sottomayor.
D. Fernando de Sottomayor.
D. Leonor Yxar.
Dona Isabel de Portugal.
Dom Fernando de Eça, Senhor de Eça, filho do Infante D. Joaõ.
D. Isabel de Avalos.
A Condestablessa D. Joanna de Noronha, vivia em 1512.
D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real.
D. Fernando, Conde de Villa-Real.
D. Affonso, Conde de Gijon.
A Senhora D. Isabel acima.
D. Brites de Menezes, II. Condessa de Villa-Real.
D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real.
D. Margarida de Miranda.
A Marqueza Dona Brites.
Dom Fernando, I. do nome, Duque de Bragança.
D. Affonso, I. Duque de Bragança.
A Condessa D. Brites Pereira.
A Duqueza D. Joanna de Castro.
D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval.
D. Leonor da Cunha.

CAPI-

CAPITULO III.

De D. Jorge de Lencastre II. Duque de Aveiro, e Marquez de Torres-Novas.

15 Nasceo Dom Jorge de Lencastre Marquez de Torres-Novas, primogenito da esclarecida uniaõ dos Duques de Aveiro D. Joaõ, e D. Juliana. A memoria de seu excelso avô o Senhor D. Jorge lhe deu o nome, a que elle ajuntou admiraveis virtudes, que praticou com o tempo; porque o sangue, que recebera de Reaes ascendentes, foy estimulo para fazer grande o seu nome. Succedeo por morte do Duque seu pay nos Estados da sua grande Casa, e foy II. Duque de Aveiro, Commendador na Ordem de Santiago nas Commendas, que teve seu pay. Unio à sua pessoa tantos merecimentos, que o faziaõ digno de mais larga vida, que acabou moço; mas coroado de immortal gloria, como veremos.

Nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa no anno de 1562, em que a Rainha D. Catharina entregou o governo do Reyno ao Infante Cardeal Dom Henrique, se achou presente D. Jorge sendo Marquez de Torres-Novas; e tambem no anno de 1568, em que ElRey Dom Sebastiaõ tomou o governo do Reyno; e depois quando o mesmo Rey passou a primeira vez à Africa, o acompanhou o Duque. No

anno

anno de 1577, quando passou a avistarse em Guadalupe com ElRey D. Filippe II. seu tio, o acompanhou nesta jornada o Duque de Aveiro; e tratando este aos mais Senhores, que acompanharaõ a ElRey, com especiaes honras, distinguio ao Duque de Aveiro, abraçando-o com particular affecto, e o mandou cobrir, e ElRey D. Sebastiaõ ao Duque de Alva. Era o fim desta jornada os soccorros para a guerra de Africa; assim tanto que ElRey voltou para o Reyno, entrou com grande calor nesta expediçaõ; e tanto que esteve prompta, se poz em execuçaõ esta infeliz jornada no anno de 1578, para que determinando ElRey dar a Regencia do Reyno ao Cardeal Infante D. Henrique seu tio, que elle naõ aceitou, nomeou quatro Fidalgos, em que ficasse este poder: foraõ o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. Joaõ Mascarenhas, Francisco de Sá, e Pedro de Alcaçova Carneiro; o que participou por Cartas circulares às Cidades, e Villas principaes do Reyno, e alguns Senhores, conforme o costume. Embarcou ElRey na Armada, e logo entraraõ os da Regencia a governar; era o dia 15 de Julho do referido anno: o despacho era no Paço com assistencia do Secretario de Estado Miguel de Moura, todos em huma mesa, e se ajuntavaõ duas vezes no dia. Seguio o Duque a ElRey com luzida comitiva de Fidalgos, Vassallos, e Criados. Chegou finalmente à Africa a Armada, e desembarcando o Exercito, começou a marchar; e depois de ter feito o quinto alojamento, em hum

Faria, *Europa Portug.* tom. 3. part. 1. cap. 1. pag. 14.
Historia Sebastica, liv. 2. cap. 27. pag. 340.

hum Sabbado 2 de Agosto, appareceraõ os primeiros inimigos, que sendo vistos dos nossos, elegeo ElRey ao Duque de Aveiro, para que fosse com trezentos cavallos observallos, e reconhecellos, e lhe deu o seu mesmo Guiaõ, favor taõ especial, que o Duque reconhecido a tanta honra, se apeou logo, e lhe beijou a maõ, e o estribo. O Prior do Crato sentio muito a preferencia da eleiçaõ, e naõ menos a merce da honra do Estendarte. Era esta a primeira acçaõ dos nossos, pelo que todos os Cavalleiros pretendiaõ acompanhar ao Duque; porém ElRey mesmo andou ordenando a gente, e nomeou os que foraõ; e voltando o Duque, informou a ElRey de qual era o poder dos inimigos; chamou a Conselho, para se determinar o caminho, que haviaõ de tomar. Seguio-se, passados dous dias, a batalha, e disposta a ordem, ficou ElRey da parte esquerda, à maõ direita dos Aventureiros o Duque de Aveiro com o seu batalhaõ composto de muitos Senhores, Fidalgos, e Cavalleiros, que por ordem delRey o seguiaõ, sem elle ter posto. Algumas Memorias, que vimos, dizem, que ElRey na vespera da batalha o nomeara General da Cavallaria; porém Jeronymo de Mendoça, que se achou na occasiaõ, e escreveo este successo affirma, que naõ tivera o Duque posto. Finalmente travada a batalha, e já na força do conflicto, passou ElRey por onde o Duque estava, e depois de com palavras de muita honra, e estimaçaõ, lhe louvar muito a ordem, em que tinha posto aos seus, lhe en-

Mendoça, *Jornada de Africa*, cap. 6. pag. 25.
Faria, *Europa Portugueza*, tom. 3. part. 1. cap. 1.
Historia Sebastica, liv. 2. cap. 34. pag. 403.

carregou, que daquelle posto senaõ bollisse, sem que elle da sua propria boca lho mandasse; o que foy hum erro taõ grande, que miseravelmente fez perecer este corpo de Cavallaria, que tal vez poderia, senaõ conseguir a vitoria, ao menos com elle salvarse. Vendo o Duque de Aveiro, que ElRey naõ apparecia, e a ordem, que tinha para naõ abalar daquelle lugar, e já tudo com confusaõ perdido, os Mouros taõ perto, que quasi o offendiaõ com as lanças; incitado de alguns Fidalgos, forçado da necessidade, ainda com escrupulo da obediencia, deu rijamente de esporas ao cavallo, e querendo tirar a lança, em que estava arrimado, se lhe havia de tal sorte metido na terra, que a naõ pode tirar, e largando a lança, que parece, que a mesma terra lha arrebatara, levou da espada, e correndo diante do seu esquadraõ, o mandou meter entre os Mouros por Antonio de Vasconcellos, que hia encarregado delle; o que fez taõ arrebatadamente, que alguns o naõ puderaõ seguir com a mesma pressa. Neste mesmo tempo D. Duarte de Menezes, que algum tanto ficava apartado do Duque, com os que o seguiaõ, e o Xarife, deraõ de maneira nos Mouros, com tal coraje, e impeto, que cedendo a multidaõ ao valor, fizeraõ nelles tal estrago, que os puzeraõ em fogida, começando outra vez a divisarse a vitoria da parte dos nossos. Porém como eraõ só dous mil de Cavallo, ainda que taõ valerosos, como o mesmo Marte, naõ puderaõ resistir a quarenta mil Barbaros, com quem

con-

contendiaõ; e naõ podendo já os nossos sofrer o grande pezo, com que os Barbaros os opprimiaõ, depois de ter feito quanto a arte, e o valor podia discorrer, ficaraõ no campo os mais delles mortos; o que vendo o Duque de Aveiro, se retirou de sorte, que os tornou a investir pela parte do Esquadraõ dos Tudescos. Desordenados outra vez, perguntando por El-Rey, com a pouca gente, que já lhe restava do conflicto, a persuadio, que o seguissem; e entrando pelos Mouros terceira vez, depois de ter obrado milagres de valor, em pouco espaço perdeo a vida a 4 de Agosto de 1578; nunca assás satisfeita no estrago, que fez com a sua espada nos Barbaros, ainda que em pequeno espaço de tempo, que nunca podia ser recompensa da perda de hum Principe, em quem as virtudes igualaraõ o animo, que se huma só pudera ter igual, nenhuma fora mayor; porque em tudo foy grande: e assim deixou de seu valor taõ esclarecida memoria, como da sua grande pessoa, que foy ornada de excellentes virtudes, sendo o brilhante o valor, e a generosidade, com grande exercicio na nobre arte da Cavallaria, pelo que era amado da Corte, e com especial inclinaçaõ do mesmo Rey, com quem acabou no mesmo dia. Antes de passar à Africa ordenou o seu Testamento em a Villa de Setuval, approvado em 10 de Julho de 1578. Nelle, na clausula seguinte, declarou a sua vontade sobre o casamento de sua filha, dizendo assim.

Naõ tendo eu filho baraõ cazece Dona Juliana

na minha filha com o Senhor Dom Jorge, meu Primo, como tenho já tratado, com a Duqueza minha mulher, e a ElRey meu Senhor peſſo o haja aſſim por bem, e lhe dê a ella para eſte caſamento tudo, o que eu agora tenho, aſſim de Coroa, como dos Meſtrados, e a merce, que lhe maes parecer pelos meos ſerviſſos, e de meus paſſados, e ficando de mjm filho baraõ, entaõ ſerá o caſamento de noſſa filha, com quem parecer à Duqueza minha mulher, tomando niſſo licença de ElRey, meu Senhor, e parecer de noſſos parentes, e ſe a Duqueza ficar com alguma ſuſpeita de empreinhidaõ, quando me Deos levar, ſe aguardará athe ver, o que paire, e ſendo cazo, que o Senhor D. Jorge de Alencaſtro meu Primo ſeja fallecido, emtaõ ſerá o dito caſamento de minha filha, com o Irmaõ maes velho, que ficar do dito meu Primo, naõ me ficando de mjm filho barcõ, porque ficando ſerá entaõ o caſamento, de minha filha, com quem parecer à Duqueza como digo &c.

E porque na meſma batalha de Africa morreo D. Jorge de Lencaſtre, ſe effeituou o caſamento com ſeu irmaõ D. Alvaro de Lencaſtre, como dirá o Capitulo V.

Caſou com D. Magdalena Giron, irmãa do I. Duque de Oſſuna, Dama da Rainha Dona Iſabel de la Paz, e filha de D. Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, Senhor de Oſſuna, Caçalha, Penhafiel, Archidona, Olvera, Briones, e Gumiel de Yzan, Notario mayor de Caſtella, Camareiro mór delRey, e da

e da Condessa D. Maria de la Cueva sua mulher, Camareira môr da Rainha D. Isabel de la Paz, irmãa de D. Beltraõ de la Cueva, III. Duque de Albuquerque, Cavalleiro do Tusaõ, e filhos de D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque, Marquez de Cuelhar, Conde de Ledesma, e de Huelma, e da Duqueza D. Francisca de Toledo. Desta esclarecida uniaõ nasceo unica

15 D. Juliana de Lencatre, III. Duqueza de Aveiro, Marqueza de Torres-Novas, e Senhora de toda a mais Casa, e Estados do Duque seu pay. Casou com D. Alvaro de Lencastre seu tio, que occupará o Capitulo V.

- [D]uq. D. [M]agdalena [G]iron, mu[lh]er de D. [...]e, II. [D]uque de [...]iro.
  - D. Joaõ Telles Giron, II. Cond. de Urenha, ✱ em 19 de Mayo de 1558.
    - D. Joaõ Telles Giron, I. Conde de Urenha, ✱ a 21 de Mayo de 1528.
      - D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava, ✱ em 2 de Mayo de 1466.
        - Alonso Telles Giron, Senhor de Frechoso, Rico-homem.
          - Martim Vasques da Cunha, Conde de Valença.
          - D. Theresa Telles Giron, filha de Affonso Telles Giron, Senhor de Frechoso.
        - D. Maria Pacheco, Senhora de Belmonte.
          - Dom Joaõ Fernandes Pacheco, Senhor de Belmonte.
          - D. Ignez Telles de Menezes.
      - D. Isabel de las Casas, segunda mulher, de nobre geraçaõ.
        - Alonso de las Casas, Senhor de Gomez Cardena.
          - D. Guilhen de Casaus.
          - D. Maria Fernandes de Fuentes.
        - D. Leonor Fernandes.
          - Diogo Furtado de Mendoça, Senhor del Cerprado.
          - D. Leonor Marmolejo.
    - A Condessa Dona Leonor de la Vega de Velasco, ✱ 1522.
      - D. Pedro Fernandes de Velasco, II. Conde de Haro, ✱ a 6 de Janeiro de 1492.
        - Dom Pedro Fernandes de Velasco, I. Conde de Haro, ✱ a 25 de Fevereiro de 1470.
          - Joaõ de Velasco, Senhor de Medina, &c. Camar. mór, e Tutor delRey D. Joaõ II. de Castel. ✱ 1418.
          - D. Maria Soher, Sen. de Villalpand.
        - A Condessa D. Brites Manrique.
          - D. Pedro Manrique, Senh. de Trevinho, Adiantado mayor de Leaõ.
          - D. Leonor de Castella.
      - A Condessa Dona Maria de Mendoça.
        - D. Inigo Lopes de Mendoça, I. Marquez de Sentilhana, ✱ em 1455.
          - Dom Diogo Furtado de Mendoça, Senhor de Mendoça, Almirante de Castella, ✱ em 1405.
          - D. Leonor de la Vega.
        - A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa.
          - D. Lourenço Soares de Figueiroa, Mestre de Santiago, ✱ em 1405.
          - D. Maria de Horosco, Senhora de Escamilha, e Santa Olalha.
  - A Cond. D. Maria de la Cueva, ✱ a 19 de Abril de 1566.
    - Dom Francisco de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
      - Dom Beltraõ de la Cueva, I. Duque de Albuquerque, ✱ a 31 de Outubro de 1492.
        - D. Diogo de la Cueva, Visconde de Huelma no anno de 1460.
          - Dom Egidio Martins de la Cueva, Commendador de Santiago, vivia em 1424.
          - D. Branca Fernandes de la Cueva.
        - D. Mayor Affonso de Mercado.
          - Joaõ Affonso de Mercado, Regedor de Ubeda.
          - Maria Sanches de Mollina.
      - A Duqueza Dona Mecia de Mendoça.
        - D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado, ✱ em 1479.
          - D. Inigo Lopes de Mendoça, Marquez de Sentilhana, ✱ em 1458.
          - A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa, Senhora de Torija.
        - A Duqueza Dona Brianda de Luna e Mendoça.
          - D. Joaõ Furtado de Mendoça, Senhor de Moron, Mordomo mór delRey.
          - D. Maria de Luna.
    - A Duqueza D. Francisca de Toledo.
      - D. Garcia Alvares de Toledo, I. Duque de Alva, ✱ em 1488.
        - D. Fernando Alvares de Toledo, Conde de Alva, creado em 1439.
          - D. Garcia Alvares de Toledo, Senhor de Valdecorneja.
          - D. Constança Sarmento.
        - A Condessa D. Mecia Carrilho de Toledo.
          - D. Pedro Carrilho de Toledo, Copeiro mór delRey.
          - D. Elvira Pallomeque.
      - A Duqueza Dona Maria Henriques.
        - D. Fradique Henriques, II. Almirante de Castella.
          - D. Alonso Henriques, I. Almirante de Castella, vivia em 1405.
          - D. Joanna de Mendoça.
        - D. Theresa de Quinhones.
          - D. Diogo Fernandes de Quinhones, Senhor de Luna, Meirinho mór de Leaõ.
          - D. Maria de Toledo.

CAPI-

CAPITULO IV.

De Dom Affonso de Lencastre, Commendador môr de Santiago.

14 DEixamos escrito no Capitulo I. que dos filhos, que procrearaõ os Duques de Coimbra o Senhor D. Jorge, e sua mulher a Duqueza D. Brites, fora o segundogenito D. Affonso de Lencastre, a quem seu pay fez merce da Commenda mayor de Santiago, e teve as Commendas de Grandola, Arruda, Almodovar, Gravaõ, Castro-Verde, Canha, Aldea-Galega. A sua linha veyo depois a recuperar a Varonía desta esclarecida, e grande Casa, como veremos no Capitulo seguinte. No anno de 1542, em que dissemos fora o Duque de Aveiro a tomar entrega da Princeza D. Joanna, o acompanhou o Commendador môr D. Affonso seu irmaõ, com tanto luzimento, que a sua comitiva se compunha de oitenta Criados a cavallo, quarenta Alabardeiros, vestidos todos das librés de suas cores, e trinta azemolas com reposteiros bordados das mesmas cores. No anno de 1574 foy D. Affonso chamado por ordem da Rainha D. Catharina, para huma das testemunhas da approvaçaõ do seu Testamento. Achouse nas Exequias delRey D. Sebastiaõ, que se celebraraõ na Igreja de Belem, e teve cadeira. Viveo com singu-

Chronica delRey Dom Joaõ III. part. 4. cap. 95.

ſingular modo, huma vida retirada, e quaſi Religioſa nas ſuas caſas de Santos, onde morreo em veſpera de Natal.

Caſou com D. Violante Henriques, filha de D. Joaõ Coutinho, I. Conde de Redondo, Commendador de Almourol, e Golegãa na Ordem de Chriſto, Senhor da Villa de S. Mil, Loriga, Alvoſo, e Concelho de Villa-Pouca, Capitaõ de Arzilla, em que alcançou notaveis vitorias: taõ valeroſo, e deſtro na guerra contra os Mouros, que delle diſſe o Magnanimo Carlos V. ao Infante D. Luiz, quando eſtava ſobre Tunes: *Quien tuviera aqui el Conde de Redondo con ſus dozientos rocines*; tal era a fama do Conde, e a grande reputaçaõ, em que eſtava com o Emperador! e de ſua mulher a Condeſſa D. Violante Henriques, filha de Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes, Senhor de Lavre, Alcaide mòr de Montemòr o Novo, &c. Deſta eſclarecida uniaõ tiveraõ copioſo fruto nos filhos ſeguintes:

15 D. Jorge de Lencastre, que foy o primeiro na ordem do naſcimento; aſſim ſuccedeo a ſeu pay, e foy Commendador mòr da Ordem de Santiago, e teve tambem outras Commendas. Naõ caſou, porque acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ à Africa, acabou na batalha, com eſtranho valor, de hum tiro de huma eſcopeta a 4 de Agoſto de 1578.

Jornada de Africa, liv. 1. cap. 7.

15 D. Alvaro de Lencastre, que foy III. Duque de Aveiro, como ſe verá no Capitulo V.

15 D. Manoel de Lencastre, que no anno de

de 1606 foy mandado por Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, que governou com prudencia, e faleceo no de 1614, sem ter sido casado; e teve naturaes

16 D. Joaõ de Lencastre, que foy Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, Theologo, e Provincial; e depois da Acclamaçaõ, por pouco fiel à Coroa, padeceo alguns trabalhos.

16 D. Maria de Lencastre, que foy Religiosa em Madrid.

15 D. Brites de Lencastre, foy Commendadeira do Mosteiro de Santos da Ordem Militar de Santiago, em que entrou a 20 de Setembro de 1623, tomando o habito de Religiosa, e no seguinte professou. Depois a proveo ElRey D. Filippe III. de Portugal no cargo de Prelada daquelle Real Mosteiro, em que succedeo a sua prima com irmãa D. Anna de Lencastre, que governou dez annos, com prudencia, e amor das subditas, e morreo no de 1634.

15 D. Maria de Lencastre,

15 D. Filippa de Lencastre,

15 D. Anna de Lencastre, que foraõ Freiras da Ordem de S. Domingos no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

15 D. Helena de Lencastre, que morreo sem estado.

Teve fóra do matrimonio,

15 Dom Jeronymo de Lencastre, que foy Clerigo, e Prior da Igreja de Torres-Novas, Pa-

droado da Caſa de Aveiro ; e teve os filhos ſeguintes:

16 D. LUIZ DE LENCASTRE, que foy Clerigo, e Prior da dita Igreja.

16 D. CONSTANTINO DE LENCASTRE, viveo em caſa de ſeu tio o Duque de Aveiro D. Alvaro. No anno de 1605 paſſou a ſervir à India com Braz Telles de Menezes, levando moradia de Moço Fidalgo, como ſe vê no livro da Caſa da India daquelle anno.

16 D. ALVARO DE LENCASTRE, que tambem viveo em caſa do meſmo Duque Dom Alvaro ſeu tio.

16 D. FULGENCIA DE LENCASTRE, Freira no Moſteiro de Religioſas de Torres-Novas, da Ordem Serafica.

16 D. ANNA DE LENCASTRE, Freira no meſmo Moſteiro.

-).Violan- : Henri- ues, mul. : D. Af- nso de encaſtre, ommen- dor môr Santia-).
  - D. Joaõ Coutinho, I. Conde de Redondo, Capitaõ de Arzila.
    - D. Vaſco Coutinho, Conde de Borba, Capitaõ de Arzila.
      - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, Capitaõ de Ceuta em 1451.
        - Vaſco Fernand. Coutinho, I. Conde de Marialva, Meirinho môr, e Marichal &c. vivia em 1440.
          - Gonçalo Vaſques Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, anno 1419.
          - D. Leonor Gonçalves de Azevedo.
        - D. Maria de Souſa.
          - D. Lopo Dias de Souſa, Meſtre da Ordem de Chriſto.
          - D. Maria Ribeira.
      - D. Joanna de Caſtro.
        - Dom Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, ✠ em 1452.
          - Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide môr de Chaves.
          - D. Mecia Vaſques Coutinho.
        - A Condeſſa D. Guiomar de Caſtro.
          - D. Pedro de Caſtro, Senhor do Cadaval.
          - D. Leonor Telles de Menezes.
    - D. Catharina da Sylva.
      - D. Joaõ de Menezes, herdeiro da Caſa de Cantanhede.
        - D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede.
          - D. Martinho de Menezes, II. Senhor de Cantanhede.
          - D. Thereſa Vaſques Coutinho.
        - D. Brites de Andrade.
          - Ruy Freire de Andrade, Commendador de Palmella, e Arruda.
          - N. . . . .
      - D. Leonor da Sylva.
        - Ayres Gomes da Sylva, III. Senhor de Vagos, Unhaõ, &c. ✠ a 25 de Mayo de 1454.
          - Joaõ Gomes da Sylva, II. Senhor de Vagos, e Unhaõ, Alferes mor delRey D. Joaõ I. ✠ em 1445.
          - D. Margarida Coelho.
        - D. Leonor de Miranda.
          - D. Martinho Affonſo da Charneca, Arcebiſpo de Braga.
          - Mecia Gonçalves de Miranda, Fidalga Caſtelhana.
  - Dona Iſabel Henriques.
    - Fernaõ Martins Maſcarenh. Capitaõ dos Ginetes, Commendador de Mertola, &c. ✠ em 13 de Abril de 1508.
      - Nuno Maſcarenhas, Commendador de Almodovar.
        - Fernaõ Martins Maſcarenhas, Commendador môr de Santiago.
          - Martim Vaz Maſcarenhas, Vaſſallo delRey D. Fernando.
          - N. . . . .
        - D. Filippa.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Catharina de Ataide.
        - Nuno Gonçalves de Ataide, Governador da Caſa do Infante D. Fernando.
          - Gonçalo Viegas de Ataide.
          - Beatriz Nunes de Goes.
        - D. Mecia de Meira.
          - Fernaõ Gonçalves de Meira.
          - N. . . . .
    - Dona Violante Henriques, ſegunda mulher.
      - Fernando da Sylveira, Senhor de Sarzedas, Regedor das Juſtiças.
        - Nuno Martins da Sylveira, Eſcrivaõ da Puridade delRey D. Duarte, Ayo delRey D. Affonſo, e do ſeu Conſelho &c.
          - Martim Gil Peſtana, Alferes môr de Evora.
          - Maria Gonçalves da Sylveira, H. de Gonçalo Vaſques da Sylveira.
        - Leonor Gonçalves de Abreu.
          - Gonçalo Annes de Abreu, Senhor de Caſtello de Vide.
          - N. . . . .
      - D. Iſabel Henriques.
        - D. Fernando Henriques, Senhor das Alcaçovas.
          - D. Fernando Henriques, Senhor de Ametade de Duenhas, filho delRey D. Henrique II. de Caſtella.
          - D. Leonor Sarmento de Caſtella.
        - D. Branca de Mello.
          - Martim Affonſo de Mello, Guarda môr delRey D. Joaõ I.
          - D. Briolanja de Souſa.

CAPITULO V.

De D. Alvaro de Lencastre, e Dona Juliana de Lencastre, III. Duques de Aveiro.

15 NO Capitulo antecedente deixamos escrito a pouca duraçaõ do primeiro filho do Commendador môr D. Affonso, a quem succedeo seu irmaõ D. Alvaro de Lencastre, e foy Commendador môr da Ordem de Santiago, e teve as Commendas da Arruda, e Castro-Verde. Estava destinado para a vida Ecclesiastica, e por morrer seu irmaõ na batalha de Alcacere, e outro ser Religioso, succedeo na Casa; e pela morte de seu primo com irmaõ o Duque de Aveiro D. Jorge, entrou D. Alvaro na pretençaõ de lhe succeder nos Estados, e Ducado de Aveiro, casando com sua sobrinha, o que foy muy controvertido; porque naõ faltaraõ negoceados para lho impedirem; sem embargo de o Duque D. Jorge no seu Testamento haver ordenado, que sua filha D. Juliana casasse com o filho successor da Casa de seu tio o Commendador môr D. Affonso, como dissemos. Ficou a Duqueza D. Magdalena Giron, pela morte do Duque D. Jorge seu esposo, com sua filha, e como ella era sem duvida naquelle tempo a mayor herdeira de Portugal, e de toda a Hespanha, tanto pelo seu altissimo nascimento, como

mo pela grandeza da Caſa , que repreſentava , em que ſobre riqueza , concorriaõ muitas prerogativas, que a faziaõ univerſalmente reſpeitada , entrou o Duque de Oſſuna na idéa de a pretender para ſeu filho ſegundo Dom Pedro Giron ; e com grande efficacia perſuadio à Duqueza D. Magdalena ſua irmãa, que aſſim ſeriaõ mais certas delRey D. Filippe II. todas as merces, que pertendeſſem ; porém a Duqueza naõ ſe deixando vencer das perſuaſoens , e deſtrezas do Duque ſeu irmaõ, reſolutamente lha negou, dizendo, que o Duque de Aveiro no ſeu Teſtamento havia determinado a peſſoa com quem ſua filha havia de caſar , no que ella naõ podia ter arbitrio para o diſpenſar. Perſiſtio o Duque de Oſſuna neſta pretençaõ com tal empenho, que ſe perſuadio a effeituaria por merce eſpecial delRey, de quem era Camareiro môr, e muy attendido ; de ſorte, que intentou mandar de Napoles, onde entaõ era Vice-Rey, a Roma o meſmo filho , para pedir a diſpenſa ao Papa : porém neſte tempo, antes de partir, morreo o filho de huma apoplexia, e naõ lhe ficou outro para a pretençaõ ; porque com o ſucceſſor da ſua Caſa, ainda ſeria mais ardua a empreza.

Naõ faltava tambem quem pretendeſſe malquiſtar com ElRey a Dom Alvaro, lembrandolhe, que quando foraõ as revoluçoẽs do Prior do Crato, elle ſe achara na batalha de Alcantara, o que havia ſido certamente huma caſualidade rara ; porque D. Alvaro naõ tinha amiſade com o Prior do Crato , nem

menos

menos seguio o seu partido, como logo se vio. Foy o caso, que passando D. Alvaro por Lisboa para Setuval a buscar suas irmãas, tendo já mandado antes hum recado aos Governadores do Reyno, que vissem o que queriaõ elle fizesse; lhe mandou o Prior do Crato dizer, que se deixasse ficar em Lisboa; e vendo que se naõ podia escusar, cheyo de brio, e honra, por evitar mayor perigo, se deteve pouco mais de quinze dias, naõ seguindo tal partido; e tanto que pode, se recolheo para a casa de sua mãy. Assim naquella conjunctura, com hum Exercito levantado, era precisa a *dissimulaçaõ*; porque tudo o que obrasse fóra da prudencia lhe seria condemnado: porém naõ fizeraõ damno às pretenções de D. Alvaro com ElRey taõ feyas suggestoens; porque bem informado do seu procedimento, o estimou com attençaõ à sua pessoa. Naõ era tambem pequeno outro obstaculo às pretenções de D. Alvaro, haverem suggerido à sobrinha, que o excluisse, e com effeito ella constante dizia o naõ queria por esposo.

He preciso para mayor clareza referir, que quando morreo em Africa o Duque D. Jorge, deixando por unica herdeira a sua filha D. Juliana, bisneta do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e Mestre de Santiago, se achavaõ naquelle tempo vivas duas filhas suas D. Elena, Commendadeira de Santos, e D. Isabel, Freira no mesmo Mosteiro, D. Luiz de Lencastre seu neto, filho do Commendador môr de Aviz D. Luiz seu filho terceiro, e Dom Alvaro de

Len-

Lencaſtre, tambem ſeu neto, filho do Commendador môr de Santiago D. Affonſo, filho ſegundo do meſmo Duque Meſtre; porém a queſtaõ veyo a ſer ſómente entre D. Juliana, e ſeu tio D. Alvaro, primo com irmaõ de ſeu pay; e foraõ depois muitas as Allegações, que por huma, e outra parte entaõ ſe fizeraõ, e ſe apreſentaraõ a ElRey.

Havia ficado D. Juliana de Lencaſtre de curta idade ſucceſſora deſta grande Caſa, e ſuppoſto naõ entrou na poſſe dos Eſtados do Ducado de Aveiro, a teve de outros muitos bens, e riquezas della, na companhia da Duqueza ſua mãy; porém quando ElRey D. Filippe II. no anno de 1581 paſſou a Portugal, e a elle o veyo viſitar a Emperatriz D. Maria de Auſtria, lhe entregou D. Juliana, para que a levaſſe em ſua companhia, e a creaſſe no ſeu Paço, em que aſſiſtio com grande eſtimaçaõ. Eſta eſpecial honra, com que ElRey diſtinguio o altiſſimo naſcimento deſta Princeza, cuſtou muito à Duqueza ſua mãy, o apartarſe della, ſem embargo de reconhecer a merce, que ElRey nella fazia à ſua Caſa; aſſim largando a habitaçaõ do ſeu Palacio, foy para o Moſteiro de Santos, das Commendadeiras da Ordem de Santiago, donde ſatisfazia as ſuas ſaudades, no cuidado dos intereſſes da Caſa de ſua filha. Pedindo a ElRey o deſpacho das merces, que gozara o Duque Dom Jorge, a attendeo tanto, que ſe oppoz aos intentos do Duque de Oſſuna ſeu irmaõ, como fica dito, ſómente com a lembrança, de que na Caſa de

Avei-

Aveiro havia Senhores para o casamento de sua filha.

Parecenos obrigaçaõ da Historia dar noticia dos fundamentos, com que cada huma destas partes pertendiaõ formar o direito, porque lhe pertencia o Ducado de Aveiro: Dona Juliana mostrava, o que naõ padecia duvida, que era filha unica do Duque Dom Jorge; porque ainda que a Doaçaõ excluîa as filhas do Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, em quanto houvesse filhos varoens, naõ se entendia com ella; porque ella naõ era de linha feminina, senaõ filha do varaõ herdeiro, e possuidor do Ducado de Aveiro; e assim naõ podia haver quem a pudesse preferir, por ser a parenta mais chegada do ultimo possuidor; porque a Doaçaõ da mesma Casa, em defeito de filhos descendentes do Senhor Dom Jorge, Mestre de Santiago, chama à filha mayor expressamente: neste caso se entendia ella como filha do Duque de Aveiro D. Jorge; porque tanto, que huma linha he chamada à successaõ, em quanto ella dura se entende saõ todas as mais excluidas até à sua total extinçaõ, o que naõ padecia duvida; e assim sendo a primeira linha a chamada, a do Duque D. Joaõ seu avô, a quem succedeo o Duque D. Jorge seu pay, com a posse desta linha ficaraõ excluidas as dos irmãos de seu avò.

Porém D. Alvaro tomando differente motivo, infirmava toda a referida allegaçaõ, dizendo, que a elle pertencia o Ducado de Aveiro, tanto que em

Africa

Africa morrera seu primo com irmaõ o Duque Dom Jorge, o que era evidente, e se mostrava na Instituiçaõ da Casa; tocandolhe pela mesma Doaçaõ succeder no Ducado, e Estados da Casa de Aveiro: sendo o fundamento o ser D. Affonso de Lencastre seu pay, filho segundo do Duque Mestre, de quem elle era neto, e por isso preferia; porque na Doaçaõ, as filhas naõ eraõ chamadas, senaõ em defeito dos varoens; porque entaõ de todas as netas, e bisnetas do dito Duque, precederia a mayor, o que era expressamente determinado na Doaçaõ; na qual se ordenava, que acabada a linha do filho primogenito varaõ do Duque Mestre, em tal caso naõ chamava as filhas, nem descendentes do sexo feminino; mas sim o filho segundo depois do primeiro, e a sua linha masculina direita, como diziaõ as palavras da mesma Doaçaõ na clausula seguinte: *E assim descendendo pella dita linha direita lidima, e mascullina do dito filho baraõ mayor descendente, e fiquando outros filhos baroens lidimos, e filha do dito Duque, que por semelhavelmente as aja, o outro filho baraõ lidimo, e sua linha masculina direita: e naõ havendo hi filho lidimo baraõ do dito Duque, nem neto, e descendentes pella guiza suso scripta, que antaõ as aja a filha mayor lidima do dito Duque pella maneira, e condiçoes, que dito he.* Esta vocaçaõ expressada na Doaçaõ, seguiaõ muitos, e grandes Jurisconsultos nos seus pareceres, havendo por ella chamado D. Alvaro à successaõ da Casa, e Estados do Ducado de Aveiro; com tudo sua mãy D.

D. Violante Henriques, Matrona em quem concorriaõ ſobre illuſtriſſimo naſcimento, prudencia, e gravidade, naõ quiz pôr em pleito a pertençaõ de ſeu filho, querendo, que ſe compriſſe a ultima vontade do Duque D. Jorge, que no ſeu Teſtamento mandava caſar ſua filha com o filho primeiro de D. Affonſo ſeu marido. A eſte fim, quando ElRey D. Filippe II. paſſou a Portugal, lhe fallou diverſas vezes ſobre eſta materia, ſobre a qual agora por hum reverente memorial, lhe repreſentou a juſtiça, e razaõ de ſeu filho, que em ſubſtancia lhe dizia:

Primeiramente lembrava a ElRey, que no meſmo dia, que ſe fora de Lisboa para Caſtella, lhe diſſera as muitas vezes, que lhe tinha fallado, em ſe naõ dilatar o effeito, do que o Duque D. Jorge ordenara no ſeu Teſtamento, mandando caſar ſua filha Dona Juliana com ſeu filho, repreſentandolhe os motivos, que tinha para lhe deferir, e o quanto era a Caſa de Aveiro benemerita da Real attençaõ: e tambem qual fora a delRey D. Manoel na ſua inſtituiçaõ, por ſatisfazer com a recomendaçaõ, e amor, que devia a ElRey D. Joaõ II. ſeu primo: pelo que dera de juro, e herdade ao Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e Meſtre de Santiago, ſeu ſogro, a Caſa que lhe inſtituira, fóra da Ley mental; querendo que nella ſuccedeſſem ſempre ſeus deſcendentes por linha maſculina, e que no eſtado preſente tinha acabado a primeira de ſeu filho mais velho o Duque D. Joaõ no Duque D. Jorge, neto do Duque Meſtre;

 aſſim

affim devia retroceder ao filho fegundo do mefmo Duque Meftre por linha mafculina, pois a varonía da primeira linha acabara no Duque D. Jorge, e no feu lugar entrara a do filho fegundo do dito Duque Meftre, que era D. Affonfo de Lencaftre, feu marido, e feus defcendentes, os quaes todos foraõ indiftinctamente chamados nas Doações. O que era taõ evidente, que o Duque D. Jorge, ultimo poffuidor do Ducado de Aveiro, depois de ter confultado os mayores Letrados do Reyno fobre a fucceffaõ da fua Cafa, como bom Chriftaõ, reconhecendo o direito, e juftiça de feus filhos; e vendo como prudente, naõ convinha à grandeza de fua Cafa, deixar a fua filha D. Juliana hum pleito taõ incerto, determinara cafaffe feu filho mais velho com a dita fua filha; moftrando nefta determinaçaõ, que a feu filho pertencia a herança, e tambem que a ella lhe naõ convinha outro marido; o que pedia a Sua Mageftade fizeffe cumprir, por fer aquella a vontade do Duque Dom Jorge: e depois difto, com outras muitas razoens repetidas com refpeito, lembrava os ferviços da Cafa de Aveiro, o Real tronco, de que fe dirivava; e finalmente concluîa, que ainda que o Duque D. Jorge naõ determinara pofitivamente o cafamento de fua filha, nem feu filho fora reveftido de taõ claro direito; Sua Mageftade de equidade, e pelo amor, que tinha a ElRey D. Manoel feu avô, obrigado da razaõ, parecia que de rigorofa juftiça no cafo prefente, naõ devia permittir, que a Cafa do Duque de

de Coimbra, Meſtre de Santiago, filho delRey D. Joaõ II. paſſaſſe a outra peſſoa, que naõ foſſe a de ſeu neto, e do ſeu proprio ſangue. E ultimamente, que ſe era neceſſario ajuntar à memoria, que eſtava taõ preſente da obrigaçaõ, em que a Coroa deſtes ſeus Reynos eſtava à Caſa, de que ella deſcendia, para fazer merces a ſeus filhos, lembrava os grandes ſerviços do Conde de Redondo D. Joaõ Coutinho ſeu pay, e do Conde de Borba ſeu avô; e aſſim eſperava, que Sua Mageſtade lhe deferiſſe com brevidade, como lhe promettera, quando partio de Portugal, por lhe eſcuſar o incommodo, e trabalho de peſſoalmente paſſar à Corte a pedillo a Sua Mageſtade, com a tribulaçaõ, e lagrimas, que pedia a qualidade de hum tal negocio, e da obrigaçaõ de requerer a juſtiça de ſeu filho.

Paſſou D. Alvaro de Lencaſtre à Corte de Madrid por ordem de ſua mãy, a ſeguir eſta pretençaõ, porém difficultava muito o ajuſte deſte negocio D. Juliana de Lencaſtre; porque reſolutamente publicava, que naõ queria caſar com ſeu tio, tal vez fomentada de peſſoas pouco conſideradas. Por fim fizeraõ muitos Letrados diverſos pareceres, em que moſtravaõ nas ſuas Allegações, lhe pertencia de juſtiça o Ducado, e Eſtados da Caſa de Aveiro; e ao meſmo tempo outros a favor de D. Alvaro, como diſſemos. Mandou ElRey conſultar os mayores Juriſconſultos, que entaõ havia, que eraõ muitos, e grandes, em que entrou o inſigne Pedro Barboſa, do

ſeu Conſelho , e ſeu Deſembargador do Paço, que deu por eſcrito o ſeu parecer a favor de D. Alvaro, com que dando-ſe por reſolvida a queſtaõ, entrou El-Rey a dar fim a eſte negocio; e ſabendo da repugnancia de D. Juliana, lhe mandou hum recado, que elle tinha determinado, que caſaſſe com ſeu tio D. Alvaro; porque aſſim era ſerviço de Deos, e ſeu: e que no caſo de ella faltar ao ſeu preceito, o que naõ ſuppunha, lhe dizia, que naõ ſeria Duqueza de Aveiro.

Com eſta declaraçaõ da vontade delRey deſiſtio D. Juliana da pratica, que tinha admittido de caſar com o Duque de Alva, e ficou ajuſtado o caſamento com ſeu tio: e he bem para advertir, que ſendo taõ publica a repugnancia da vontade deſta Princeza, em breve ſe mudou de ſorte, que deixou lugar a entenderſe, como de ordinario ſuccede, naſcer de perverſos conſelhos ſemelhantes demonſtrações; porque os Duques viveraõ ſempre em reciproca, e eſtimavel uniaõ.

ElRey querendo moſtrar a ſatisfaçaõ, com que entrava neſte Tratado, naõ ſó honrou aos novos Duques de Aveiro com a confirmaçaõ de todas as Doações, Privilegios, e prerogativas, que os Reys ſeus anteceſſores lhe haviaõ dado; mas de novo com novas merces, dandolhe o titulo de Duque de Torres-Novas para o filho primeiro, que naſceſſe deſte matrimonio; e de mais o titulo de Duque de Aveiro de juro, e herdade, para todos os ſeus ſucceſſores,

e o

e o de Marquez de Torres-Novas tambem de juro, para os primogenitos da Casa, tirandolhe duas vezes fóra da Ley mental, e lhe deu todas as Commendas da Ordem de Santiago, que vagaraõ pelo Duque Dom Jorge, e as Alcaidarias môres, excepto a Commenda de Noudar, da Ordem de S. Bento de Aviz. Foy feita a Carta em Madrid a 10 de Setembro de 1598.

Prova num. 14.

Publicou ElRey Dom Filippe a Ley chamada *das Cortezias* a 16 de Setembro de 1597, em que regulava os tratamentos, com que os Grandes, e Senhores, haviaõ de ser tratados; e como nella se havia mandado dar Excellencia ao Duque de Bragança D. Theodosio II., sentio muito o Duque de Aveiro esta declaraçaõ, pertendendo, que a elle se lhe devia dar o mesmo tratamento. O insigne D. Luiz de Salazar de Castro, referindo esta pretençaõ, e as allianças, que o Duque D. Alvaro tinha com a Casa Real, diz: *Por esta proximidad de origen en la Casa Real se agraviò D. Alvaro III. Duque de Avero, quando Phelippe II. mandò por Pregmatica de las cortesias, que a Don Theodosio, Duque de Bragança, se hablasse en Portugal de Excelencia, queriendo satisfazer con aquel, y otros honores los derechos, que la Princesa Doña Catalina su madre pretendia tener à la Corona*; e continúa, dizendo: Que o Duque de Aveiro fizera esta representaçaõ a ElRey por huma prudente Carta, em que referia o tratamento igual, que ambas as Casas sempre tiveraõ. Desta Carta vimos

Histor. da Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 17. pag. 222.

mos a copia, e foy feita no anno de 1598, que devendo-se considerar a origem das Familias Reaes pela varonía, elle era bisneto delRey D. Joaõ II., e o Duque de Bragança lhe ficava mais distante delRey D. Joaõ I. progenitor da sua Casa; e que se attendesse, que aquelle Duque era bisneto delRey Dom Manoel, era por linha feminina, e elle estava no mesmo grao com ElRey D. Joaõ II. e de melhor qualidade por ser por varonía. Remetteo ElRey esta Carta ao Conde de Portalegre D. Joaõ da Sylva, Capitaõ General de Portugal, e do Conselho de Estado, cujo parecer tambem vimos, em que discorrendo largamente, foy de parecer, se devia conceder ao Duque de Aveiro o mesmo tratamento, concluindo com esta notavel reflexaõ, em que dizia: *Que a legitimidade da linha materna do Duque de Bragança, e o ser bisneto delRey D. Manoel, o fazia mais atendivel, pello direito de soceder em a Coroa de Portugal.* Naõ entramos a fazer juizo sobre esta clausula, que o Conde interpoz no seu parecer: ElRey em quanto viveo naõ deferio ao Duque D. Alvaro; e depois ElRey D. Filippe III. seu filho por hum Alvará passado a 20 de Junho de 1606 lhe concedeo a permissaõ de se lhe poder fallar, e escrever por Excellencia, que vay lançado no num. 194 do Tomo IV. das *Provas* pag. 301.

Lavanha, *Viagem del-Rey Filippe a Portug.* pag. 7.

No anno de 1619 passou a Portugal o mesmo Rey D. Filippe III. e celebrou Cortes em Lisboa. Achava-se em Setuval o Duque de Aveiro, e assim que

que ElRey chegou a Almada, onde se deteve alguns dias, em quanto se acabava de preparar o magnifico apparato, com que a Cidade de Lisboa o recebeo; sahio de Setuval o Duque D. Alvaro com seus dous filhos, o Duque de Torres-Novas D. Jorge de Lencastre, e D. Affonso de Lencastre, com luzido acompanhamento de parentes, e criados, vestidos de luto aliviado pela morte da Duqueza de Torres-Novas D. Anna Doria Colona, que havia dous mezes falecera. Parou o Duque em huma Quinta, hum quarto de legoa da Villa de Almada, donde no dia seguinte, que se contavaõ 27 de Mayo, foy ao Paço a beijar a maõ a ElRey. Levava vinte e quatro Lacayos em corpo descobertos, vinte moços da Camera à roda do coche, em que hia; seguia-se a liteira de respeito, e tres coches com os Officiaes da sua Casa. ElRey recebeo a ambos os Duques, com as mesmas honras de chapeo, passos, e cadeiras com almofadas de veludo, que costumaõ ser concedidas a esta grande Dignidade no nosso Reyno. A Dom Affonso de Lencastre mandou El-Rey cobrir; porque tambem gozaõ os filhos dos Duques na nossa Corte esta preeminencia pelo seu nascimento, ainda que naõ gozaõ titulo, tem por merce dos Reys as honras de Marquezes com assentamento, e as filhas as honras de Marquezas com almofada. Em o primeiro de Outubro do mesmo anno passou ElRey à Villa de Setuval, onde sendo recebido com as devidas ceremonias da Magestade, o Duque

que de Aveiro, como Alcaide môr da dita Villa, descoberto, meteo de redea o cavallo, como he costume em semelhantes occasioens; e depois se hospedou no Palacio do Duque, que estava ricamente composto.

Assistia o Duque de Aveiro, depois que veyo da Corte de Madrid, o mais do tempo, que lhe durou a vida, na Villa de Setuval, donde conservava grande communicaçaõ com os Religiosos do Mosteiro da Arrabida, Provincia, que os Duques estimaraõ com iguaes demonstrações de affecto, que de veneraçaõ; e assim muitas vezes passava a visitar os Religiosos daquella Serra, com tanta familiaridade, que os acompanhava nos actos de Communidade, rezando com elles no Coro, assistindo à oraçaõ, e disciplina da Communidade. Se algumas vezes chegava a este Convento a tempo, que a Communidade estava na Oraçaõ, naõ consentia, que o Porteiro désse recado ao Guardiaõ; e na Capella de joelhos esperava, que se désse a ella fim. Estimou muito a este Santuario de virtude, querendo que se conservasse naquelle primor do espirito do seu Santo Fundador; e lhe fez levantar na mesma Serra, à entrada do Mosteiro, huma Estatua de marmore, sobre hum grande globo, em que se poz a seguinte Inscripçaõ:

Chronica da Provincia da Arrabida, part. 1. liv. 1. cap. 20.

Effigies

Effigies Fratris Martini à Sancta Maria, qui in hoc Barbarico monte, sancto loco primum Cœnobium hujus Sanctæ Religionis Capucinorum de Arrabida sic fundavit anno 1542.

Et Dominus Alvarus, quartus Dux de Aveyro, & tertius Patronus hujus Sanctæ Provinciæ, ut memoria tanti Viri, & filiorum ejus in posteros permaneat, typum posuit anno Domini 1622.

Attendite ergo filij ad petram unde excisi estis. Isai. 51. v. 1.

Quem escreveo a referida Inscripçaõ se equivocou, chamandolhe IV. Duque de Aveiro, porque foy o terceiro: parecerlhehia, que devia numerar o Ducado do Senhor D. Jorge; mas sendo de Coimbra, naõ se contava por de Aveiro, e he a verdadeira interpretaçaõ, que acho a esta equivocaçaõ.

Foy o Duque taõ zelador da austéra vida deste Mosteiro, querendo que como Cabeça de toda a Provincia, permanecesse nelle a observancia, em que fora edificado, que conseguio do Capitulo, que se celebrou em Loures no anno de 1610, se guardasse nelle perpetua abstinencia de carne: e finalmente em

tudo o que pertencia a esta Santa, e reformada Provincia, foy o Duque hum acerrimo Patrono; e assim por qualquer parte, que passava, que havia Convento da Provincia, ainda que ficasse distante do caminho, que seguia, o visitava, inquirindo tudo, de que podia necessitar, ou fosse do temporal, ou espiritual; e costumava dizer, que naõ podia estar sem os seus Arrabidos. He fundaçaõ sua o Mosteiro de Santo Antonio de Torres-Novas, para o qual se transferio o de Nossa Senhora do Egypto, desaccommodado pelo sitio aos Religiosos, que tinha fundado fóra da Villa o I. Duque de Aveiro, como dissemos. Em Azeitaõ, junto do Palacio, que alli tem, fez hum Hospicio para os Religiosos, que vem da Arrabida à esmola; ordenando, que da sua fazenda se lhe désse tudo o necessario para o sustento; o que depois seu neto o Duque D. Raymundo estabeleceo de sorte, que ainda hoje se conserva. Naõ podiaõ obras taõ pias, acompanhadas das santas orações daquelles Religiosos, deixar de contribuir para huma feliz disposiçaõ; porque na ultima vez, que o Duque visitou o Santuario da Arrabida, se preparou alguns dias para huma confissaõ geral; e ajudando à Missa ao seu Confessor, recebeo da sua maõ a sagrada Eucharistia; e depois de ter rendido a Deos as graças, com grande edificaçaõ daquelles Religiosos, estando de joelhos na Capella mór, mandou chamar ao Guardiaõ, e Communidade, e lhes disse: *Padres aqui neste lugar onde estou ajoelhado me haveis de enter-*

rar

rar quando morrer; o que teve effeito dalli a hum mez, e cinco dias, morrendo aos 13 de Setembro de 1626.

Casou no anno de 1588 com a Duqueza D. Juliana de Lencastre, filha herdeira do Duque D. Jorge, como já deixamos escrito no Capitulo III.

Quando ElRey D. Filippe III. passou a Portugal, como dissemos, no tempo que assistio na Corte de Lisboa, foy hum dia visitar a Duqueza D. Juliana; e sahindo do Paço com o Principe, Princeza, e Infanta, foraõ ao Mosteiro da Esperança, deposito da Nobreza deste Reyno, e deixando no Mosteiro a Princeza, e Infanta, passou ElRey com o Principe a casa do Duque de Aveiro, que fica defronte do Mosteiro. Esta taõ grande visita sahio a receber o Duque de Aveiro acompanhado de cinco filhos, o Duque de Torres-Novas, D. Affonso, D. Pedro, D. Luiz, e D. Antonio de Lencastre, e de muitos Senhores, e Fidalgos parentes seus, à porta do saguaõ, aonde com seus filhos beijou a maõ a ElRey, e ao Principe. Mandou ElRey cobrir aos quatro filhos do Duque, pela razaõ de seu nascimento. A Duqueza desceo até o primeiro taboleiro da escada, onde beijou a maõ a Sua Magestade, e Alteza; e sendo recebida com benevolencia, e affabilidade, sobiraõ acima, e sentados ElRey, e o Principe em cadeiras postas sobre huma esteira, arrimadas ao docel, mandou ElRey trazer almofada para a Duqueza, que se poz sobre a mesma esteira ao lado de Sua Ma-

Lavanha, *Viagem del-Rey D. Filippe a Port.* pag. 72.
Yañes, *Memorias para la Historia de Don Filipe III. Rey de España*, impr. em 1723.

gestade, em que se assentou; e querendo ElRey ver suas filhas, Dona Magdalena, e D. Maria, viéraõ acompanhadas do Duque de Torres-Novas, e D. Affonso de Lencastre seus irmãos, e beijaraõ a maõ a ElRey, que lhes mandou dar almofadas sobre a mesma esteira, em que se sentaraõ, e durou a visita tempo, em alegre conversaçaõ, e bastante familiaridade. Na mesma casa assistiraõ os Senhores Castelhanos, e Portuguezes em pé, e cobertos, os que diante delRey gozavaõ desta preeminencia. Acabada a visita, acompanharaõ as filhas da Duqueza a ElRey até a porta da mesma casa, e a Duqueza sahio duas casas mais adiante, donde ElRey naõ consentio, que passasse, ainda que ella muito porfiou; e alli honrando muito a Duqueza, se despedio com extraordinarias mostras de benevolencia: os Duques, filhos, e mais Senhores, o acompanharaõ até a porta do saguaõ, onde entrando ElRey, e o Principe no coche, tornaraõ ao Mosteiro da Esperança a buscar a Princeza, e Infanta. No dia seguinte foy a Duqueza ao Paço a beijar a maõ à Princeza, e Infanta, acompanhada de todos os Senhores, Fidalgos Castelhanos, e Portuguezes, que havia na Corte; Suas Altezas a receberaõ em pé na segunda antecamera, e depois de sentadas, se sentou a Duqueza em huma almofada; alli veyo ElRey, e o Principe, e estiveraõ todos juntos em boa pratica, que acabada, se despedio a Duqueza de Suas Altezas; e fallando às Damas, voltou para sua casa com o mesmo acompanha-

panha-

panhamento. Depois voltou ao Paço, por assim lho mandarem Suas Altezas, com suas filhas, às quaes se deraõ almofadas, em que se sentaraõ, sobre huma esteira, que se poz junto à em que Suas Altezas, e a Duqueza estavaõ assentadas.

Sobreviveo a Duqueza dez annos ao Duque seu esposo, e empregando o tempo em obras pias, fez saudosa a sua memoria nos pobres, e miseraveis, que soccorria com maõ muy larga, importando esta despeza todos os annos treze mil cruzados, pela folha da Casa; naõ sendo facil de averiguar as particulares, que a Duqueza dispendia, nem a conta das Missas, que mandava dizer pelas almas do Purgatorio, de quem tinha grande compaixaõ; porque à medida da ancia era a despeza, e caridade, com que de continuo as soccorria. Em todas as obras de caridade, que liberalmente empregava com os necessitados, preferia aos Religiosos do Mosteiro da Arrabida, que com notavel affecto estimou. De obras de tanta edificaçaõ piamente se póde crer teria verdadeira recompensa daquelle justissimo remunerador, que tem por proprias, as que se fazem aos pobres. Morreo a 23 de Agosto de 1636, e jaz com o Duque seu esposo na Igreja de Nossa Senhora da Arrabida; e desta excelsa uniaõ houve a copiosa, e esclarecida successaõ, que se segue:

16 Dona Isabel de Lencastre, nasceo em Azeitaõ no anno de 1590, e foy bautizada a 30 de Julho; faleceo menina.

D.

16 D. VIOLANTE DE LENCASTRE nasceo no anno de 1593 em Azeitaõ, foy bautizada a 6 de Abril, e foy Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, da primeira Regra de Santa Clara.

16 DOM JORGE DE LENCASTRE, I. Duque de Torres-Novas, como se dirá no Capitulo VI.

16 D. IGNEZ DE LENCASTRE nasceo no anno de 1596 em Azeitaõ, e foy bautizada a 19 de Mayo: faleceo de curta idade.

16 D. AFFONSO DE LENCASTRE, Marquez de Porto-Seguro, como se diz no Capitulo XI.

16 D. JOAÕ DE LENCASTRE nasceo em Azeitaõ no anno de 1598, foy bautizado a 8 de Janeiro; foy Religioso da Ordem dos Prégadores, e se chamou Fr. Jacintho; foy Prior do Convento de Setuval.

16 DONA MAGDALENA DE LENCASTRE, casou com D. Diniz de Faro, II. Conde de Faro, como se disse no Capitulo XIII. pag. 676 do Tom. IX. Naõ achamos o anno, em que esta Senhora nasceo; porque naõ está em o assento dos livros do Bautismo de Azeitaõ, nem sua irmãa D. Maria; com tudo entendemos serem primeiro, que suas irmãas; porque ellas se acharaõ na visita delRey D. Filippe, como dissemos.

16 D. LUIZA DE LENCASTRE nasceo em Azeitaõ no anno de 1600; parece foy Religiosa no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

16 D. MANOEL DE LENCASTRE nasceo no anno

no de 1601 em Azeitaõ, foy bautizado a 6 de Agosto: morreo de tenra idade.

16 D. MARIA DE LENCASTRE casou com D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, cujo contrato ElRey confirmou por hum Alvará passado no primeiro de Agosto de 1620, que está na Torre do Tombo no livro 30 da Chancellaria do dito anno a pag. 214; e a sua successaõ deixamos escrita no Capitulo III. do livro IX. pag. 141 do Tomo X.

16 D. VIOLANTE DE LENCASTRE nasceo no anno de 1604, e foy bautizada a 9 de Março. Casou com Dom Lourenço Pires de Castro, III. Conde de Basto, Alcaide môr de Evora, Commendador de Almodovar, e Garvaõ, na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. com quem no anno de 1631 entrou nas Canas, que se jogaraõ nas festas, com que applaudia a Canonizaçaõ de Santa Isabel, Rainha de Portugal, sua ascendente, sendo hum dos mais luzidos, que entraraõ naquella Real solemnidade. No tempo que succedeo a Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ IV. se achava em Castella, e lá se deixou ficar. Morreo em Catalunha, e desta alliança nasceo unico

17 D. DIOGO DE CASTRO, que morreo menino.

16 D. MARIANA DE LENCASTRE nasceo no anno de 1606 em Azeitaõ, foy bautizada a 17 de Outubro, e foy Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa.

D.

16 D. PEDRO DE LENCASTRE, V. Duque de Aveiro, ſe tratará no Capitulo VIII.

16 D. LUIZ BERNABÈ DE LENCASTRE, Marquez de Malagon, como ſe verá no Capitulo XII.

16 DOM ANTONIO DE LENCASTRE naſceo no anno de 1611 em Azeitaõ, e foy bautizado a 4 de Agoſto. Seguio a vida Eccleſiaſtica, em cujo habito ſempre andou, por ter diverſos Beneficios. Paſſou para Caſtella com a Duqueza ſua cunhada, quando foy mandada ſahir do Reyno, e lá morreo velho, provido em huma Dignidade da Igreja de Santiago. Por morte de ſeu irmaõ D. Luiz, Marquez de Malagon, eſteve ajuſtado a caſar com ſua cunhada a Marqueza de Malagon; e pela grande difficuldade da diſpenſa, teve a protecçaõ delRey de Caſtella, que o mandou repreſentar ao Papa pelo ſeu Embaixador o Cardeal de Aragaõ, o que naõ teve effeito; porque a Marqueza caſou depois, como ſe dirá adiante.

16 D. BRITES DE LENCASTRE, que foy Religioſa no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, onde ſe chamou Soror Brites de S. Joſeph, donde foy Prioreſſa, dotada de prudencia, e de grande zelo da obſervancia regular, que ella ſatisfazia com pontualidade, a que accreſcentava muitas, e diverſas penitencias, com que ſe affligia. No anno de 1645, em que ElRey Dom Joaõ IV. foy a Setuval, querendo ver o Convento de S. Joaõ, fallou a Soror Brites, e lhe mandou dar almofada para ſe

se sentar; e assim esteve conversando com ElRey largo espaço de tempo, até que se despedio: naõ querendo aquelle grande Rey privalla por Religiosa da honra, que merecia pelo seu nascimento. Faleceo a 23 de Mayo de 1673, observando-se na sua morte notaveis prodigios, como refere a Historia de S. Domingos, onde lhe faz hum merecido elogio à sua virtuosa vida.

Historia de S. Domingos, part. 4. cap. 30. pag. 443.

- A Duque- D. Ju- ... a, mul. ... Duque ... Alvaro.
  - Dom Jorge de Lencastre, II. Duque de Aveiro, ✠ a 4 de Agosto de 1578.
    - D. Joaõ de Lencastre, I. Duque de Aveiro, ✠ a 22 de Agosto de 1571.
      - O Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Mestre de Santiago, e Aviz, ✠ a 22 de Julho de 1550.
        - D. Joaõ II. Rey de Portugal, ✠ a 25 de Outubro de 1495.
          - D. Affonso V. Rey de Portugal, ✠ a 28 de Agosto de 1481.
          - A Rainha D. Isabel.
        - D. Anna de Mendoça, Dama da Excellente Senhora, ✠ em 1545.
          - Nuno Furtado de Mendoça, Aposentador mór delRey D. Affonso V. do seu Conselho.
          - D. Leonor da Sylva.
      - A Duqueza Dona Brites de Vilhena.
        - O Senhor D. Alvaro, ✠ a 4 de Março de 1504.
          - D. Fernando I. Duque de Bragança, ✠ a 23 de Março de 1478.
          - A Duqueza D. Joanna de Castro, ✠ em 14 de Fevereiro de 1479.
        - D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, ✠ em 1516.
          - D. Rodrigo Affonso de Mello, I. Conde de Olivença, ✠ em 1484.
          - A Condessa D. Isabel de Menezes, ✠ a 12 de Agosto de 1482.
    - A Duqueza D. Juliana de Lara.
      - D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real.
        - D. Fernando de Menezes, II. Marquez de Villa-Real, ✠ em 1523.
          - D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real, ✠ em 1499.
          - A Marqueza D. Brites.
        - A Marqueza D. Maria Freire.
          - Joaõ Freire, Senhor de Alcoutim, Aposentador mór.
          - D. Leonor da Sylva, segunda mulher.
      - A Marqueza Dona Brites de Lara.
        - D. Affonso, Condestavel de Portugal, ✠ em Outubro 1504.
          - D. Diogo, Duque de Viseu, Mestre da Ordem de Christo, ✠ em 23 de Agosto de 1484.
          - D. Isabel de Sottomayor e Portugal.
        - A Condestablessa D. Joanna de Noronha, ✠ em 1512.
          - D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real.
          - A Marqueza D. Brites.
  - A Duqueza D. Magdalena Giron.
    - Dom Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, Senhor de Ossuna, &c. ✠ em 1558.
      - D. Joaõ Telles Giron, II. Conde de Urenha, ✠ a 21 de Mayo de 1528.
        - Dom Pedro Giron, Mestre de Calatrava, ✠ a 2 de Mayo de 1466.
          - Affonso Telles Giron, Senhor de Frechoso, Rico-homem.
          - D. Maria Pacheco, Senhora de Belmonte. B.
        - D. Isabel de las Casas, nobre Sevilhana.
          - Affonso de las Casas, Senhor de Gares, Alcaide mór de Priego.
          - D. Leonor Fernandes.
      - A Condessa Dona Leonor de la Vega, ✠ em 1522.
        - D. Pedro Fernandes de Velasco, I. Condestavel de Castella, II. Conde de Haro, ✠ em 1472.
          - D. Pedro Fernandes de Velasco, I. Conde de Haro, creado em 1430.
          - A Condessa D. Brites Manrique.
        - A Condestablessa D. Mecia de Mendoça.
          - Dom Inigo Lopes de Mendoça, I. Marquez de Santilhana, ✠ 1445.
          - A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa.
    - A Condessa Dona Maria de la Cueva.
      - D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
        - D. Beltraõ de la Cueva, I. Duque de Albuquerque, ✠ no 1. de Novembr. 1492.
          - Dom Diogo Fernandes de la Cueva, Visconde de Huelma, feito em 1460.
          - D. Mayor Alonso de Mercado.
        - A Duqueza D. Mecia de Mendoça.
          - D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado, ✠ em 1479.
          - A Duqueza D. Brianda de Luna e Mendoça.
      - A Duqueza Dona Francisca de Toledo.
        - D. Garcia Alvares de Toledo, I. Duque de Alva, ✠ em 1488.
          - D. Fernando Alvares de Toledo, I. Conde de Alva, feito em 1439.
          - A Condessa D. Mecia Carrilho de Toledo.
        - A Duqueza D. Maria Henriques.
          - D. Fradique Henriques, II. Almirante de Castella.
          - A Condessa D. Theresa de Quinhones.

CAPITULO VI.

De Dom Jorge de Lencastre, I. Duque de Torres-Novas.

16 A Gloriosa memoria do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, fez agora, que da excelsa uniaõ de seu neto o Duque D. Alvaro, e da Duqueza D. Juliana, se puzesse a seu filho o nome de D. Jorge, para que sendo herdeiro da sua Casa, fosse em tudo semelhante a seu grande bisavó o Mestre de Santiago. Nasceo no anno de 1594 Duque de Torres-Novas, e foy o I., merce, que ElRey tinha feito aos Duques seus pays, para o primogenito, que nascesse daquelle matrimonio: foy bautizado a 13 de Abril, conforme o assento, que se conserva na Matriz da Igreja de Azeitaõ. No anno de 1619 se achou o Duque de Torres-Novas nas Cortes, que ElRey Dom Filippe III. celebrou em Lisboa, quando jurou ao Principe seu filho. Naõ durou ao Duque a vida de sorte, que succedesse nos Estados da Casa de Aveiro, de que sua mãy estava de posse. Naõ teve mais titulo, que o de Duque de Torres-Novas, por morrer em sua vida. Naõ contava mais, que vinte e tres annos de idade, quando os Duques seus pays ajustaraõ o seu casamento com D. Anna Doria Colona, que foy sua primeira mulher, filha

de

de André Doria, e de Joanna Colona, III. Principes de Melfi, o que se passou depois a hum Tratado de dote, e arrhas; e para segurança delle, alcançaraõ hum Alvará, em que ElRey suppria todos os defeitos deste contrato, concedendolhe, que no caso de naõ bastarem os bens hypothecados, à satisfaçaõ do dote, e arrhas, que eraõ livres, ficassem obrigados os da Casa, e Morgado, e todos os mais que possuîa a Casa de Aveiro, ao complemento, e satisfaçaõ do estipulado na Escritura. Foy passado o Alvará a 8 de Novembro de 1618, o qual vimos na Torre do Tombo na Chancellaria do dito anno no livro 44 pag. 21. Porém delle se naõ tira, o que continha a Escritura do dote, e arrhas, donde estaõ as condições do ajuste, a qual naõ vimos, nem outros papeis, que poderiaõ ser uteis à Historia; os quaes pedimos, e apontámos, para se nos darem do Cartorio da Casa de Aveiro, e naõ se me negando, os naõ tive; e tal vez com prejuizo da memoria dos antigos Senhores della. Foy pio, e devoto, com grande devoçaõ ao Santissimo Sacramento, e quando o levavaõ por Viatico aos enfermos, hia o Duque de Torres-Novas diante, tangendo a campainha; e servia na Irmandade da Misericordia de Setuval, onde residia, a Nossa Senhora: era elle notavel servidor do seu Santo Instituto, acompanhando os enterros, e tomando muitas vezes sobre seus hombros a Tumba. Foy muy inclinado à caça, que seguia com excesso, tanto que se lhe attribue a doença, de que se lhe originou

nou

nou a morte, ao excessivo calor, com que em o ultimo dia, que foy ao monte, o penetrou de sorte, que o poz no extremo de acabar a vida. ElRey D. Filippe III. com novas merces, que fez à Casa de seu pay, mostrou a grande estimaçaõ, que fazia della, e a satisfaçaõ das suas segundas vodas; porque para as facilitar com Real generosidade, dotou a noiva com extraordinarias merces. Faleceo a 7 de Setembro de 1632: jaz na Capella môr do seu Mosteiro da Arrabida.

Casou duas vezes, a primeira no anno de 1619 com D. Anna Doria Colona, que de Genova conduzio a Portugal Carlos Doria, Duque de Tursis seu tio, com onze Galés; e no dia de S. Lourenço do referido anno deraõ fundo no porto da Villa de Setuval; e antes que desembarcassem, mandou o Duque de Tursis noticiar a sua chegada, por dous parentes seus, Cavalleiros da Ordem de Santiago, e comprimentar aos Duques de Aveiro, e de Torres-Novas, os quaes sem dilaçaõ foraõ a dar as boas vindas à Duqueza de Torres-Novas, e ao Duque Carlos, que os recebeo com todas aquellas demonstrações de gosto, que correspondiaõ a esta grande alliança; e assentando, que no dia seguinte desembarcaria a Duqueza, passaraõ a noite no mar com excellentes musicas, e outros divertimentos, que dissimularaõ a dilaçaõ. No dia seguinte em hum Sabbado, que se contavaõ 11 de Agosto, empavezadas as Galés de festa, com estandartes, e galhardetes, levaraõ ferro, e deraõ fundo

do defronte da ponte , que se tinha fabricado sobre barcos ; e dando todas as Galés huma salva de artilharia , lhe respondeo com outra o Castello de S. Filippe , e a esta se seguio outra da gente da guarniçaõ da Villa. A Duqueza de Aveiro esperava na praya em hum coche guarnecido de prata , de grande feitio , e custo , acompanhada de seus filhos , e parentes , e de muitos criados vestidos ricamente , e com excellentes librés ; apeou-se a Duqueza , e foy levada à ponte em cadeira de mãos : a este tempo desembarcou a Duqueza de Torres-Novas , vestida de sitim verde , bordado primorosamente de ouro , com colar , e cinta de rubins , que seu esposo lhe mandara ; trazia-a pela maõ o Duque de Aveiro , que com seu filho o Duque de Torres-Novas , a vieraõ acompanhando na Galé. Assim que a Duqueza de Torres-Novas se achou em terra , ajoelhando ao Duque seu sogro , lhe quiz beijar a maõ ; mas a Duqueza sua sogra levando-a nos braços , a meteo no coche , dandolhe o melhor lugar. Neste tempo se repetio outra salva de artilharia , e mosquetaria , e começaraõ a caminhar para o Paço do Duque em boa ordem ; levavaõ diante os Porteiros da Cana , e Maças , Arautos com suas Cotas de Armas , grande numero de Lacayos , trombetas , charamellas , e vinte Alabardeiros , que acompanhavaõ o coche , todos luzidamente vestidos. O Duque de Torres-Novas hia a cavallo ao estribo do coche , vestido de calças , e coura de ambar , bordado de ouro , sobre sitim encarnado ,

do, cappa negra bordada de ouro, eſpada de ouro, e na gorra penacho rico de diamantes. Seguiaõ-ſe dous coches, e muitos cavallos à maõ: os Senhores hiaõ a cavallo, e tambem os parentes da nova Duqueza. Neſta ordem deraõ hum gyro à Villa. As ruas eſtavaõ todas armadas até chegarem à Praça, em que eſtava formado hum Eſquadraõ da gente da terra, que ao chegar deraõ huma dilatada ſalva. Entraraõ na Igreja de S. Juliaõ, onde eſperava D. Jorge de Mello, Prior môr de Palmella, reveſtido em Pontifical, para a ceremonia das benções; e feitas todas as que ordena o Ritual Romano, ſe recolheraõ. Levava a falda à Duqueza hum irmaõ de ſeu eſpoſo; e ſeguido eſte luzido acompanhamento de infinito povo, que acodio de Lisboa, e dos Lugares circumviſinhos. Na noite na ſalla grande do ſeu Palacio havia variedade de muſicas, danças, e inſtrumentos, que com o eſtrondo dos fogos de artificio, que ardia na Villa, era tudo hum agradavel, e goſtoſo divertimento; porque no Palacio do Duque eſtavaõ ricos aparadores cheyos de muita prata, magnificas meſas, em que comeraõ os Senhores, ſeparados das Damas, em que ſó foy admittido o Duque de Torres-Novas. Os apoſentos armados com notavel pompa, de diverſas, e differentes cores; camas, e leitos ricos: para hoſpedes tinha o Duque lavrado novo Quarto, em que havia diverſos apoſentos, com quinze leitos todos bem armados; o do Duque de Turſis era de evano com o paramento de téla,

que

que lhe foy levado à Galé, nas quaes houve a mesma abundancia de viandas, e regallos para os Soldados, e Galeotes. O Quarto do Duque de Torres-Novas estava adereçado com a mais primorosa grandeza, que se póde imaginar, assim no rico, como no exquisito. No Domingo houve Touros, em que entrou Dom Jeronymo de Ataide, filho do Conde de Castro-Dairo: na noite illuminada a Praça, ardeo em novos artificios de fogo, sendo tudo magnifico. Na segunda feira o Duque de Tursis se levantou da cama, e sem dizer cousa alguma, se meteo em huma cadeira de mãos, e embarcou na sua Galé, e ao mesmo tempo os Capitães, e pessoas, que o acompanhavaõ, e levaraõ ferro; deixando hum recado, em que dizia, que antes queria passar por ser grosseiro, no modo da despedida, do que ver os effeitos, que havia de causar, que esta era a causa da sua inesperada partida: o que os Duques de Aveiro, e Torres-Novas sentiraõ; e assim acodiraõ às Galés, rogandolhe se detivesse mais alguns dias: o Duque Carlos o festejou, mandando embandeirar as Galés, e com repetidas salvas de artilharia deu à véla. A todos fez o Duque presentes de ricas joyas, e ricas pessas, cheiros, luvas, e coletes de ambar, contadores, e cousas da India, e cavallos, com toda a grandeza, que cabia na estreiteza do tempo, que se fora mais, como se entendia, ainda seria mais publica a generosidade dos Duques. Toda esta alegria, grandeza, e contentamento, com que estas vodas foraõ celebradas,

das, se naõ dilatou demasiadamente; porque se seguio, o que costuma succeder no Mundo, durando muito pouco esta excelsa uniaõ, pois naõ viveo a Duqueza D. Anna Doria hum anno; porque no seguinte de 1620 morreo, naõ contando vinte de idade: era de aspecto grave, mas alegre, revestida de brio Romano, mas com muito agrado. Era filha de André Doria, III. Principe de Melfi, Grande de Hespanha, (filho do Principe Joaõ André Doria, General do mar) e da Princeza Joanna Colona, filha de Fabricio Colona, Principe de Paliano, que morreo em vida de seu pay no anno de 1580, e da Princeza Anna Borromeo, irmãa de S. Carlos Borromeo, filha de Gilberto Conde de Arona, e de Margarida de Medicis, neta de Antonio Colona, Duque de Talhacoz, e Paliano, Condestavel de Napoles, Cavalleiro do Tosaõ, Vice-Rey de Sicilia, e da Condestablessa sua mulher Felicia Ursino, irmãa de Paulo Jordaõ Ursino, Duque de Braciano; e assim era a Duqueza de Torres-Novas huma Princeza, animada do mais esclarecido sangue, que se conhecia na Italia.

Casou segunda vez com D. Anna Manrique de Cardenas, Dama da Rainha D. Isabel, primeira mulher delRey D. Filippe IV. sua prima segunda, em cuja attençaõ o dito Rey fez por este casamento merce à Casa de Aveiro do titulo de Duque de Torres-Novas, por tres vidas mais fóra a do Duque D. Jorge; e dos bens da Coroa, e Ordens, por duas vi-

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 17.

das mais, além das que a Casa tinha; e declarando titulo de Marquez para o neto, em os tres primeiros casos, que pudesse vir a acontecer; fazendolhe merce tambem das jurisdicções de Santiago de Cacem, e Sines, na mesma fórma, que as demais, que possuía: e à Duqueza D. Anna tres mil ducados de renda em sua vida, e quatro habitos das Ordens Militares deste Reyno, para que os repartisse por seu arbitrio. Depois lhe fez o mesmo Rey merce da administraçaõ da Commenda de Monasterio na Ordem de Santiago, de que tirando Bulla Pontificia, tomou posse a 6 de Outubro de 1629; e ElRey lhe concedeo mais duas vidas nella, por recompensa de ter renunciado os tres mil ducados. Por morte de seu sobrinho o Duque D. Francisco Maria, pertendeo a Duqueza D. Anna succeder nas Casas de Naxera, Maqueda, Trevinho, Valencia, e Belmonte: pelo que poz demanda, em o Conselho, à Duqueza D. Theresa Antonia Manrique de Mendoça sua sobrinha, filha da Marqueza de Canhete D. Maria de Cardenas Manrique sua irmãa mais velha, pretendendo como parenta em grao mais proximo, que sua sobrinha, do ultimo possuidor, lhe houvesse de succeder, e como filha da Duqueza D. Luiza Manrique, e do Duque D. Bernardino, lhe pertenciaõ as ditas Casas, com tudo o que nellas se aggregava: porém antes que se pronunciasse a final sentença, morreo a Duqueza em Madrid a 17 de Dezembro de 1660, por ter sido mandada sahir deste Reyno com

sua

sua filha D. Maria de Guadalupe, e seu cunhado D. Antonio de Lencastre, pela fogida, que o Duque de Aveiro D. Raymundo tinha feito, como se dirá em seu lugar. Era filha de D. Bernardino de Cardenas, III. Duque de Maqueda, Marquez de Elche, Senhor das Villas de Torrijos, S. Sylvestre, Alcabon, el Campilho, Monasterio, Riaza, Crevilhen, e Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, Adiantado mayor de Granada, Alcaide môr de Toledo, e Alcaide perpetuo de Almeria, Jax, Chinchilha, e de la Mota de Medina de Campo; e da Duqueza D. Luiza Manrique de Lara, V. Duqueza de Naxera, Condessa de Valença, e Trevinho, Senhora de Navarrete, Belmonte, Cevico, Ocon, S. Pedro, Villoslada, Lumbrelas, Ortigosa, Villademor, Fresno, e outras muitas Villas, em que succedeo a seu pay D. Manrique de Lara e Cunha Manoel, IV. Duque de Naxera, V. Conde de Trevinho, VI. Conde de Valença, XIII. Senhor de Amusco, &c. em quem se conservava huma das mais esclarecidas linhas da grande Casa de Lara, como se póde ver naquella estimadissima Obra, que escreveo o Principe das Genealogias do seu tempo, na qual como em precioso thesouro acharáõ todos os professores da Historia, e da Genealogia, com que enriquecer os seus estudos, e luz em muitas materias, que o seu trabalho, e erudiçaõ soube averiguar; e nós já deixamos tocado no Capitulo XII. do Livro V. desta Obra. Jaz no Mosteiro de Guadalupe, em hum

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 10.

nicho debaixo do arco principal da Capella môr, onde sua filha a Duqueza de Aveiro lhe mandou pôr a seguinte Inscripçaõ:

Doña Ana Maria de Cardenas, Duqueza que fue de Maqueda, y Torres Novas, yaze en esta sepultura que elegio para su entierro.
Hæc requies mea in sæculum &c.
Hic habitabo quoniam elegi eam.

Deste matrimonio da Duqueza D. Anna, cuja Arvore de Costado se verá adiante, teve o Duque de Torres-Novas os filhos, que se seguem.

17 D. Raymundo de Lencastre, IV. Duque de Aveiro, como se dirá no Capitulo VII.

17 D. Maria de Guadalupe de Lencastre, VI. Duqueza de Aveiro, como se verá no Capitulo IX.

17 D. Luiza Thomasia Gaspara Maria Francisca Raymunda Antonia Manrique de Lencastre nasceo no anno de 1632, e foy bautizada a 6 de Janeiro, e morreo com poucos annos, e sem estado.

17 Dom Joaõ Manrique de Lencastre e Cardenas, que sendo nascido posthumo no anno de 1633, foy bautizado a 26 de Mayo do dito anno, com o nome de Joaõ Mathias Luiz Antonio Gonçalo

çalo Boaventura Melchior Mariano; e foy oppoente às Casas de Naxera, e Maqueda, desde 25 de Outubro de 1656 até que faleceo no anno de 1659; assim alguns o appellidaraõ Duque de Maqueda.

Dona

- D. Bernardino de Cardenas, III. Duque de Maqueda, nasc. a 20 de Janeiro de 1553, ✠ em 17 de Dezembro de 1601.
  - Dom Bernardino de Cardenas, Marquez de Elche, ✠ a 2 de Agosto de 1557.
    - D. Bernardino de Cardenas, II. Duque de Maqueda, ✠ anno de 1560.
      - Dom Diogo de Cardenas, I. Duque de Maqueda, ✠ 1542.
        - D. Guterre de Cardenas, Commendador môr de Leaõ, ✠ em 1493.
        - D. Theresa Henriques, ✠ a 4 de Março de 1528.
      - A Duqueza D. Mecia Pacheco.
        - D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, Duque de Escalona, &c.
        - D. Maria Velasco, filha de D. Pedro Condestavel de Castella.
    - A Duqueza Dona Isabel de Velasco.
      - D. Inigo de Velasco, II. Duque de Frias, Condestavel de Castella.
        - D. Pedro, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
        - D. Maria de Mend. filha de D. Inigo de Mend. I. Marq. de Santilhana.
      - A Duqueza D. Maria de Tovar, Senhora de Berlanga.
        - D. Luiz de Tovar, Conde de Berlanga.
        - D. Maria de Gusmaõ, filha de D. Afonso Peres, Cont. môr de Castel.
  - A Marqueza D. Joanna, ✠ a 21 de Outubro de 1588.
    - D. Jayme, unico do nome, Duque de Bragança, ✠ a 20 de Set. 1532.
      - Dom Fernando, II. do nome, Duque de Bragança, ✠ a 21 de Junho de 1481.
        - D. Fernando I. Duque de Bragança, ✠ em 22 de Março de 1478.
        - D. Joanna de Castr. fil. H. de D. Joaõ de Castro, Sen. do Cadav. ✠ 1489.
      - A Duqueza D. Isabel de Portug. ✠ 1521.
        - O Infante D. Fernando, ✠ a 18 de Setembro de 1470.
        - A Infante D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, ✠ a 30 de Setemb. 1506.
    - A Duqueza D. Joanna de Mendoça, segunda mulher, ✠ em 1580.
      - Diogo Furtado de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ.
        - Affonso Furtado de Mendoça, Anadel mór dos Besteiros.
        - D. Brites de Villaragut, filha de D. Antonio, III. Baraõ de Olacau.
      - D. Brites Soares de Albergaria.
        - Fernaõ Soares de Albergaria, Senhor de Prado.
        - D. Maria Gonçalves Alcafachaõ, filha de Gonçalo Fernandes Alcaf.
- Dona Luiza Manrique de Lara, V. Duqueza de Naxera, nasceo a 8 de Janeiro de 1558, ✠ no anno de 1627.
  - Dom Manrique de Lara e Cunha Manoel, IV. Duque de Naxera, Conde de Trevinho, e VI. Conde de Valença, ✠ a 5 de Julho de 1600.
    - Dom Manrique de Lara, III. Duque de Naxera, IV. Conde de Trevinho, &c. ✠ a 29 de Janeiro 1558.
      - D. Antonio Manrique, II. Duque de Naxera, &c. ✠ a 13 de Dezembro 1555.
        - D. Pedro Manrique, I. Duque de Naxera, ✠ em Fevereiro de 1515.
        - D. Guiomar de Castro, ✠ 1506, fil. de D. Alvaro, I. C. de Monsanto.
      - D. Joanna de Cardenas, ✠ a 31 de Janeiro de 1547.
        - D. Joaõ de Cardona, I. Duque de Cardona.
        - D. Aldonça Henriques, filha de D. Fradique, Almirante de Castella.
    - D. Luiza da Cunha, V. Condessa de Valença, ✠ a 10 de Outubro de 1570.
      - D. Henrique da Cunha, IV. Conde de Valença.
        - D. Joaõ da Cunha, Duq. de Valença.
        - D. Theresa Henriques, filha de D. Henrique Henriques, I. Conde de Alva de Liste.
      - D. Aldonça Manoel.
        - D. Joaõ Manoel, II. Senhor de Belmonte, e Cervico.
        - D. Catharina de Castella, filha de D. Diogo de Rojas, Senhor de Poza.
  - A Duqueza D. Maria Giron, ✠ a 10 de Agosto de 1562.
    - D. Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, ✠ a 10 de Mayo de 1558.
      - D. Joaõ, II. Conde de Urenha, ✠ a 21 de Mayo de 1528.
        - D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava, ✠ no 1. de Mayo de 1466.
        - D. Isabel de las Casas, filha de Affonso de las Casas.
      - D. Leonor da Veiga, ✠ em 1522.
        - D. Pedro de Velasco, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
        - D. Maria de Mendoça, filha de D. Inigo, I. Marquez de Santilhana.
    - A Condessa Dona Maria de la Cueva, ✠ em 19 de Abril de 1566.
      - Dom Francisco de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
        - D. Beltran, I. Duque de Albuquerque, Mestre de Santiago, ✠ 1492.
        - D. Mecia de Mendoça, filha de D. Diogo, I. Duque do Infantado.
      - D. Francisca de Toledo.
        - D. Garcia de Toledo, I. Duque de Alva, Marquez de Coria, &c.
        - D. Maria Henriq. filha de D. Fradique Henriques, Almir. de Castella.

CAPI-

CAPITULO VII.

De D. Raymundo de Lencastre, IV. Duque de Aveiro, e II. de Torres-Novas.

17 NO Capitulo passado dissemos, que fora o primogenito dos Duques de Torres-Novas Dom Raymundo de Lencastre; por morte do Duque seu pay, foy II. Duque de Torres-Novas por Carta passada a 24 de Junho de 1633, por viver ainda a Duqueza D. Juliana, proprietaria da Casa de Aveiro; e por sua morte succedeo em toda esta grande Casa, e foy IV. Duque de Aveiro, II. de Torres-Novas, Senhor de Penella, Abiul, Condeixa, Cezimbra, Santiago de Cacem, Sines, e outras muitas terras, Alcaide môr de Coimbra, de Setuval, Commendador na Ordem de Santiago, em que teve as grandes Commendas, que seus avós possuiraõ. Todos estes Estados lhe pretendeo tirar seu tio D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, querendo succeder nelles a Duqueza D. Juliana sua mãy, avó do Duque Dom Raymundo, sobre que fizeraõ muitos pareceres insignes Jurisconsultos daquelle tempo, Portuguezes, e Castelhanos: porém correndo a causa, depois da morte da Duqueza D. Juliana, teve sentença o Duque D. Raymundo a seu favor a 18 de Setembro de 1637, ficando excluido seu tio o Marquez de Porto-Seguro. No

No anno de 1640 da feliciſſima Acclamaçaõ, em que ſobio ao Throno de Portugal ElRey Dom Joaõ IV. ſe achava fóra da Corte o Duque D. Raymundo debaixo da tutela de ſua mãy a Duqueza de Torres-Novas. No anno ſeguinte no Auto do Juramento, que os Tres Eſtados do Reyno fizeraõ ao meſmo Rey, em que foy jurado ſeu filho o Principe D. Theodoſio herdeiro do Reyno, jurou o Duque de Aveiro por ſeu Procurador o Marquez de Villa-Real, com procuraçaõ da Duqueza de Torres-Novas ſua mãy, como Tutora, e Adminiſtradora da ſua peſſoa, e Caſa, por o Duque naõ ter idade de ſe poder mancipar. Depois no anno de 1656, em que o meſmo Rey teve a ultima doença, de que morreo, depois de tomar o ſagrado Viatico com grande edificaçaõ da Corte, e recolhido interiormente, depois da Communhaõ, lhe diſſe o Camereiro môr, que eſtavaõ alli os Duques de Aveiro, e Cadaval, aos quaes já Sua Mageſtade tinha chamado para junto ao leito; e chegando o de Aveiro, lhe lançou o braço ao peſcoço, dizendolhe, que era moço, que ſe naõ deſvaneceſſe nos annos, na riqueza, nem na Dignidade, pois as mayores naquillo vinhaõ a parar: que viveſſe com a morte diante dos olhos, para que viveſſe, como convinha: que ſempre o amara muito, e deſejara vello bem encaminhado; e aſſim para as lembranças, que já lhe naõ podia fazer, ſerviſſe a repreſentaçaõ daquella morte, para que lhe naõ foſſem neceſſarias, e déſſe em todo o tempo a conta

Auto das Cortes de 1641, impreſſo no dito anno.

Ultimas acções delRey D. Joaõ IV. impr. em 1657, pag. 12.

Portugal Reſtaurado, liv. 12. tom. 1. pag. 895.

conta de si, que Sua Mageſtade eſperava, principalmente quando era neceſſario ao Reyno mayor quietaçaõ, obediencia, e uniformidade. A que o Duque reſpondeo com muitas lagrimas, (que em taes occaſioens ſaõ filhas do mayor valor) que eſperava em Deos tiveſſe Sua Mageſtade muita vida, para que teſtemunhaſſe o quanto em todo o tempo o deſejava ſervir, e obedecer. Aſſim que ElRey faleceo, o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, por ordem da Rainha Regente, lhe participou a noticia, e que havia de pegar em huma das argollas do caixaõ, em que eſtava o Real cadaver; o que o Duque fez no Paço, e depois o acompanhou a S. Vicente de Fóra, onde foy ſepultado. Determinou a Rainha o juramento delRey D. Affonſo ſeu filho, que ſe celebrou a 15 de Novembro de 1656 com grande pompa; nelle ſe achou no meſmo Auto, acompanhando a ElRey, e nelle lhe deu homenagem, ſendo o que ſe ſeguio a jurar, conforme a antiguidade da Carta da ſua Dignidade, o primeiro depois do Infante D. Pedro.

Havia quaſi vinte annos, que o Duque com fiel ſubordinaçaõ vivia em Portugal, quando entrando em hum negoceado com D. Fernando Telles de Faro, que fora Embaixador aos Eſtados Geraes, aſſentaraõ deixar a Patria, contra que formaraõ affectadas queixas; aſſim D. Fernando largando os negocios da Embaixada, o veyo a fazer, paſſando-ſe ao ſerviço de Caſtella, com abominavel eſcandalo; e o

Duque para o executar ſe valeo de La Lande, que era hum Francez, Soldado da fortuna, que paſſou a ſervir no noſſo Reyno com huma Carta de recommendaçaõ do Cardeal Mazarino; e tendo ſervido tempos nas Campanhas de Alentejo com preſtimo, ſe achou no ſoccorro de Elvas com o poſto de Tenente General da Cavallaria das Tropas Auxiliares. Depois paſſou à Corte de Lisboa a pretender o meſmo poſto na Cavallaria do noſſo Exercito; e naõ ſe lhe deferindo à pretençaõ com a brevidade, que elle queria, reſolveo voltar para França: e aproveitandoſe o Duque da occaſiaõ, fez delle confiança, para diſpor a jornada de França. Soube La Lande, que em Setuval eſtava huma Charrua para fazer viagem para Bretanha; ajuſtou-ſe com o Meſtre, e ſahindo daquelle porto, deu fundo na Enſeada da Arrabida, onde o Duque de Aveiro embarcou no anno de 1659, e aportou em Breſt. Havia já chegado àquelle Reyno o Conde de Soure D. Joaõ da Coſta, mandado por Embaixador Extraordinario àquella Corte, Varaõ dotado de valor, prudencia, e ſabedoria, que tendo eſta noticia, ſem embargo, de que lhe era preſente chegara anticipadamente Dom Luiz de Haro, Miniſtro de Caſtella, para a concluſaõ do Tratado da Paz entre aquellas Coroas; e que La Lande havia paſſado por Bayona pela poſta, e ſendo caſado naquella Cidade, ſe naõ detivera em ſua caſa mais, que o tempo preciſo para comer, e mudar de poſtas, e que com toda a diligencia fora

para

para Madrid, lhe era clara a inferencia, de que o Duque caminhava àquella parte. Com tudo a grandeza da pessoa, e a representaçaõ da Casa do Duque, obrigaraõ ao Conde procurar todos os caminhos de divertillo, ou impedirlhe a jornada. Determinou o Conde escreverlhe, mostrando estar persuadido, que desgostos particulares o levaraõ a França; offereceolhe a sua casa, e servillo naquella Corte, com a fazenda, e com a authoridade do caracter, que representava: que o esperava em Tolosa, onde lhe tinha prevenido hum Quarto; e porque tal vez (lhe dizia) a pressa, com que se embarcara, lhe seria a causa de naõ prevenir os meyos necessarios, lhe remettia hum credito de dous mil escudos.

Naõ havia muitos dias, que o Conde de Soure estava em Tolosa, quando recebeo despachos da sua Corte, que continhaõ a noticia da ausencia do Duque de Aveiro, com instrucçaõ sobre este particular, de que informará a copia da Carta Original da Rainha Regente, que anda na Relaçaõ, que escreveo o Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, entaõ Secretario da Embaixada, e depois Enviado na mesma Corte, e outras, Varaõ prudente, erudìto, e de grande eloquencia, como testemunhaõ as Obras, que vemos suas; diz assim:

Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, pag. 43

„ Dom Joaõ da Costa, Conde de Soure, &c.
„ Muito presente vos he a grande estimaçaõ, que
„ sempre fiz da pessoa do Duque de Aveiro, e de sua
„ Casa, imitando nisto a ElRey meu Senhor, e pay,

,, que Deos tem, que todo o tempo de ſeu governo
,, tratou ao Duque, e ſuas couſas com particular af-
,, feiçaõ. Naõ baſtou iſto para o Duque deixar de
,, ter ſempre queixas, que eu deſejey muito evitar
,, em differentes occaſioens, de que naõ he neceſſa-
,, rio advertirvos por menor. Ultimamente offereceo
,, hum papel ſobre particulares de ſua Caſa em tem-
,, po, que os communs do Reyno naõ davaõ lugar
,, a ſe tratar de outra couſa, ſem embargo, do que
,, lhe mandey logo reſponder; naõ ſe ſatisfez da re-
,, poſta, e eſta foy a ultima queixa, que ouvi tiveſſe
,, no Reyno; taõ pouco juſtificada, que nem eſta,
,, nem as paſſadas, parecem motivo baſtante para hu-
,, ma reſoluçaõ taõ alheya das obrigaçoẽs, que o
,, Duque me tem a mim, a ſi, e à terra, em que naſ-
,, ceo; deixando-a quando ella tem neceſſidade naõ
,, ſó do mayor, mas do menor Vaſſallo. Eſcreveo-
,, me a Carta, de que ſerá a copia com eſta, e outra
,, a Pedro Vieira para as communicar, de que tam-
,, bem vos vay copia. A primeira, que nem por mim,
,, nem ſey, que por Miniſtro meu algum ſe lhe fez o
,, menor impedimento a haver de caſar; antes ElRey
,, meu Senhor, e eu, depois de ſeu falecimento, lhe
,, concedemos, naõ ſó licença, mas (dizendo elle,
,, que caſava em França) os navios da minha Arma-
,, da, para com mais authoridade, e ſegurança, e me-
,, nos deſpeza ſua poder trazer ſua mulher ao Rey-
,, no. A ſegunda, que deſejando, e procurando eu
,, muito todos os acertos no governo de meus Rey-
,, nos,

„ nos, querendo que o Duque tivesse nelles muita
„ parte, o fiz do meu Conselho de Estado, que lar-
„ gou, naõ só sem causa; mas com desabrimento
„ muito differente da boa vontade, com que lhe offe-
„ reci aquella occupaçaõ. Encommendeilhe o go-
„ verno de minhas armas na mais importante Provin-
„ cia, e na mais apertada occasiaõ; e posto que o
„ aceitou, o largou logo com o termo, que sabeis,
„ pois reguley tudo pelo vosso conselho, e dos mais
„ Ministros com quem me podia, e devia aconselhar;
„ de maneira, que assim na paz, como na guerra, lhe
„ dey toda a occasiaõ, para com seu conselho, eu
„ emendar o que fosse necessario.

„ Supposto isto me foy taõ estranha a resoluçaõ
„ do Duque, sem exemplo, pelo tempo, e occasiaõ,
„ que vos naõ posso negar o muito sentimento della,
„ e o grande escandalo, e mao exemplo, que deu a
„ meus Vassallos, que espero naõ sigaõ. Saõ mui-
„ to roins os juizos, que fizeraõ desta acçaõ do Du-
„ que, todos em prejuizo seu; e porque convem dar
„ satisfaçaõ ao Mundo, e ao Reyno: ao Mundo
„ mostrando, que o Duque largou meu serviço sem
„ causa, nem motivo justo; e ao Reyno, procuran-
„ do saber os intentos, com que vay, e procedimen-
„ tos, que tem. Entendereis se o Duque (como
„ diz em suas Cartas, e mais em particular na que
„ escreveo a sua irmãa) for à vossa casa, e entender-
„ des está taõ certo, e taõ prompto a meu serviço, e
„ ao bem do Reyno, como he obrigado, deveis dizer

„ a Sua

„ a Sua Mageſtade Chriſtianiſſima, meu bom Irmaõ,
„ e Primo, e a ſeus Miniſtros, o que for neceſſario
„ para perſuadir, que ſe lhe naõ deu cauſa por mi-
„ nha parte; e que elle ſe foy disfarçado, por curio-
„ ſidade de ver eſſa Corte, ou de buſcar nella mu-
„ lher a ſeu goſto, ou o que vos parecer baſtante,
„ para com menos offenſa do decóro, que ſe deve ao
„ Duque, ſe ſaber foy eſta acçaõ puramente ſua; e
„ ſe elle naõ for a voſſa caſa, ou entenderdes vay
„ com intentos encontrados às obrigações, com que
„ naſceo, vos queixareis delle a ElRey, e ao Car-
„ deal, procurando encontrallo no que for de prejui-
„ zo ao Reyno; e conforme o ſeu procedimento, ſe-
„ rá a correſpondencia, que com elle tereis. O al-
„ cançar o animo, e intentos do Duque, poſto que
„ ſerá facil a voſſo juizo, e à voſſa diligencia, encom-
„ mendareis em particular a Duarte Ribeiro de Ma-
„ cedo, Secretario da Embaixada; porque fio delle,
„ de ſua induſtria, e prudencia, ſaberá tomar de tu-
„ do a informaçaõ neceſſaria; e de tudo o que alcan-
„ çardes, me aviſareis com toda a particularidade.
„ Deixou o Duque huma Procuraçaõ a ſua irmãa D.
„ Maria, para governar ſua Caſa, e em defeito del-
„ la deixou o meſmo poder a D. Pedro de Alencaſ-
„ tre ſeu tio.

„ Deixou mais ordem para ſe lhe remetterem
„ cincoenta mil cruzados das ſuas rendas, e outras
„ advertencias de menor conſideraçaõ; até agora naõ
„ declarey como ſe havia de haver em cada huma del-
„ las,

„ las, logo que o faça, se vos avisará com os funda-
„ mentos da resoluçaõ, que tomar. Escrita em Lis-
„ boa a 20 de Novembro de 1659.

„ RAINHA.

Desta Carta se vê qual era o cuidado daquella celebre Heroina a Rainha Dona Luiza, e a fatalidade, com que o Duque taõ inconsideradamente fabricou a ruina da sua grande Casa.

Teve o Conde de Soure reposta do Duque em poucas regras, em que lhe agradecia os offerecimentos, dizendo, que fazia jornada a Pariz com o desejo de ver aquella Corte; acabando, dizia: Duvido que nos possamos ver; porque conforme a regra de Euclides: *Duæ lineæ quamquam in infinitum protrahantur, non tanguntur*. Em breve verificou o successo a intelligencia deste lugar; porque parecia entaõ ao Duque, que seguindo o serviço de Castella, e sendo o Conde Ministro de Portugal, se naõ podiaõ encontrar por mais, que caminhassem; e conheceo o Conde, que deixar o Duque escrito em Lisboa, que hia pousar à sua casa, foy prevenirse da contingencia de padecer algum temporal, que o obrigasse a entrar em porto deste Reyno. Declarado assim qual era o destino do Duque, era inutil o exame, que a Rainha recommendava na Instrucçaõ; e só era necessario prevenir a Corte. Despachou o Conde Embaixador hum proprio ao Cardeal, primeiro Ministro, dandolhe conta da jornada do Duque, e das razoens,

que

que o perſuadiaõ a entender, que paſſava ao ſerviço delRey Catholico. E ultimamente pedia a Sua Mageſtade Chriſtianiſſima, lhe negaſſe paſſo por França; porque naõ era juſto, que hum Vaſſallo de hum Principe alliado, caminhaſſe pelos Eſtados de Sua Mageſtade, a declararſe inimigo da ſua Patria, pedindo que foſſe retido em França, até declarar a reſoluçaõ, que tomava. O Duque de Aveiro ao meſmo tempo mandou hum proprio ao Conde de Cominges, que havia conhecido Embaixador de França em Portugal, e ſahira de Lisboa poucos dias antes, que o Duque embarcaſſe, e lhe pedia lhe quizeſſe ſolicitar licença para ir à Corte a fallar a ElRey. Ao tempo que Cominges inſtava pela licença, recebeo o Cardeal a Carta do Embaixador. A repoſta que mandou ao Duque continha: Que ſe o traziaõ a França negocios particulares de ſua peſſoa, e Caſa, ſem embaraço podia fazer a jornada; porque em El-Rey ſeu Senhor acharia acolhimento, e toda a ſatiſfaçaõ, que podeſſe deſejar nos ſeus particulares; porém que ſe o intento era differente, que eſcuſaſſe o trabalho da jornada. Eſta reſoluçaõ referio o Cardeal na repoſta ao Embaixador, eſcuſando-ſe de paſſar a outra demonſtraçaõ, por ſer em todos os ſeculos naquelle Reyno o paſſo livre aos Eſtrangeiros.

Todas as circunſtancias deſte negoceado declaravaõ com evidencia, que o Duque caminhava a Caſtella; porém ſó faltava huma conſideraçaõ, que podia entreter a eſperança de o perſuadir, que refe-

re

re Duarte Ribeiro, que era fundada em saber, se o Duque sahira de Portugal com anticipada communicaçaõ com Castella; porque neste caso a jornada àquella parte era já mais necessaria, que livre. Neste supposto pareceo ao Conde Embaixador continuar a diligencia de persuadir ao Duque. E porque o Enviado Feliciano Dourado se achava de caminho para Portugal, e já despedido da Corte de Pariz; e pelos avisos, que o Conde tinha, sabia, que o Duque havia tomado o caminho de Bordeos, lhe ordenou esperasse naquella Cidade ao Duque, a quem escreveo ouvisse a Feliciano Dourado, e quizesse dar credito a tudo o que da sua parte lhe referisse. Continuou Feliciano Dourado a sua jornada, e achou ao Duque em Bordeos: teve com elle algumas conferencias; participoulhe as ordens, que o Conde Embaixador tinha, para lhe facilitar toda a satisfaçaõ, que quizesse nos seus particulares, em Portugal, e França. Mostroulhe com evidencia a precipitaçaõ, com que caminhava na certeza de perder a sua Casa, e as difficuldades de se restituir a ella; porque o caso, de que a sua idéa se lisongeava de occuparem as Armas de Castella Portugal, naõ era negocio de hum anno, mas de muitos; e entaõ ainda que o conseguisse, havia de ser com a ruina, e desolaçaõ da sua Patria, que elle esperava se defendesse, assim pelo valor, e uniaõ dos seus naturaes, que elle bem conhecia, como porque a inconstancia dos tempos havia de persuadir facilmente à defensa de Portugal os mesmos,

Relaçaõ de Duarte Ribeiro, pag. 47.

que naquella occasiaõ se esqueciaõ della. A estas, e outras razoens proferidas com a eloquencia de Feliciano Dourado, respondeo o Duque com indifferença, a que chamava politicas do Conde de Soure; e vendo Feliciano Dourado, que toda a diligencia era infructuosa, deu conta ao Conde Embaixador, e continuou a jornada para o Reyno, e o Duque a sua para Madrid. Com a noticia deste ultimo desengano, se resolveo o Conde a lhe escrever a Carta, de que Duarte Ribeiro diz ser digna de a observar a posteridade.

Relaçaõ de Duarte Ribeiro, pag.48. *Portugal Restaurado*, tom.2. pag.262. Le Clede.

„Em fim, Senhor Duque, Vossa Excellencia „tem tomado a resoluçaõ de se passar ao serviço d' „ElRey Catholico; assim o tem mostrado as acções „de Vossa Excellencia em França, e as repostas, que „deu às instancias, que tenho feito a Vossa Excel-„lencia, seguindo as ordens d' ElRey meu Senhor, „e a obrigaçaõ de Ministro publico de Portugal. E „porque me naõ fique nada por fazer em materia taõ „grave, escrevo esta Carta, que será a ultima, lem-„brado da confiança, e da amisade, com que Vossa „Excellencia sempre me honrou. As obrigações, „que Vossa Excellencia deve a seu nascimento, cla-„maõ todas contra esta resoluçaõ. O tempo, e a „occasiaõ mostraõ ao Mundo, que Vossa Excellen-„cia busca o partido de Castella por mais seguro; „que busca hum Principe estranho por se cobrir aos „perigos, que ameaçaõ o Principe natural; porque „vê a paz feita, as armas d' ElRey Catholico des-

„occupa-

„ occupadas, os interesses de Portugal desamparados
„ de França, e duvidosa a conservaçaõ de sua Patria.
„ Isto he o que diz o Mundo, e o que dirá da reso-
„ luçaõ de Vossa Excellencia a posteridade!

„ Se Vossa Excellencia teve a causa de Portu-
„ gal por menos justa, como a seguio vinte annos?
„ Como jurou fidelidade àquelles Principes? Como
„ por tantos actos de obediencia os reconheceo? Se a
„ teve por justificada, como a desampara agora? Jul-
„ gue Vossa Excellencia se convem a seu nome a cau-
„ sa, e os motivos, que haõ de dar a esta acçaõ os
„ sentidos?

„ Supponhamos, que apparece hoje no Mundo
„ o Senhor D. Joaõ, avô, e Fundador da Casa de
„ Aveiro, aquelle grande Mestre de reynar, glorio-
„ so Rey de seus filhos, e amoroso Pay de seus Vas-
„ sallos; que vê Portugal em perigo, e a V. Excel-
„ lencia duvidoso. Que dirá a Vossa Excellencia?
„ Que siga hum Principe estrangeiro, neto da Em-
„ peratriz D. Isabel, ou hum Principe natural, neto
„ do Infante Dom Duarte? Quereria que governasse
„ Portugal hum Principe varaõ da Casa de Austria,
„ ou hum Principe do seu sangue? Quereria ver ou-
„ tra vez os seus portos com presidios Castelhanos; os
„ Portuguezes desprezados, e opprimidos? He certo,
„ que Vossa Excellencia dentro em si mesmo diz,
„ que naõ; e segue V. Excellencia maximas encon-
„ tradas a hum grande Monarca, que lhe deu o ser?

„ Será Vossa Excellencia bem recebido em Cas-

,, tella, naõ duvido; mas por quem he? Naõ Se-
,, nhor, ha lá muitos Grandes, que naõ ſuppoem
,, deſigualdade no Duque de Aveiro. Haõ de fazer-
,, lhe a Voſſa Excellencia muita feſta; porque enten-
,, dem, que o exemplo ha de ſer ſeguido; e o ſervi-
,, ço, que Voſſa Excellencia agora lhes faz, ha de
,, ſer util. Se nenhuma deſtas couſas ſucceder; que
,, pezado ha de ſer Voſſa Excellencia! Que impor-
,, tunos haõ de ſer os requerimentos de Voſſa Excel-
,, lencia naquella Corte! que facilmente verá Voſſa
,, Excellencia logo, o que deixa, e o que buſca! Dei-
,, xa Voſſa Excellencia a ſua Patria, onde toda a No-
,, breza o ama com reſpeito, e o reſpeita com amor;
,, e buſca hum Reyno eſtranho, onde ninguem ha
,, de cuidar, que lhe deve amor, e reſpeito?

,, Expoz-ſe Voſſa Excellencia a paſſar os mares
,, em huma pequena barca por buſcar Caſtella; e ſa-
,, he de huma grande nao, onde deixa tantos homens
,, honrados trabalhando com os temporaes. Deixa
,, Voſſa Excellencia de ſe expor às ballas Caſtelhanas
,, por defender a ſua Patria; e virá com os Caſtelha-
,, nos exporſe às ballas Portuguezas pela ſogeitar. Se
,, eſtas razoens perſuadem a Voſſa Excellencia, ain-
,, da tem tempo para ſe reſolver, e amigos para o
,, ſervirem. Se o naõ perſuadem, em paſſando os Py-
,, rineos, buſquenos bem armado; porque todos o
,, havemos de eſperar como inimigo.,, A repoſta
deſta Carta continha poucas regras, e entre ellas di-
zia: *Sempre conheci a Voſſa Excellencia com o acha-*

que

que de zeloso do bem publico, e nesta consideraçaõ lhe prometo fazello meu Alferes mòr quando for Rey de Portugal. O Conde Embaixador sentio a reposta, e levado do ardor do seu espirito, esteve resoluto a desafiar ao Duque, o que parece se desvaneceo pela brevidade, com que sahio de França; porque logo, que mandou a Carta, mandou o Duque hum Capellaõ seu Irlandez, pedindo passaporte para passar a Hespanha, para onde caminhava com o sentimento de se lhe negar a licença de fallar a ElRey. Respondeolhe o Cardeal, mandandolhe o passaporte; e de palavra disse ao Capellaõ, que em quanto naõ soubera a ultima resoluçaõ do Duque, o esperava na Corte com hum Quarto prevenido no seu Palacio; mas como a sua jornada a França tivera só por fim a passagem para Hespanha, deixarlha livre, he quanto podia permittir. Em fim passou o Duque o Rubicon nos Pyrineos: chegou a Madrid, donde já era esperado; porque D. Fernando Telles, que com resoluçaõ mais indigna, e detestavel, largando a Embaixada, passou a Madrid, tinha segurado, e D. Joaõ de Zuniga a ElRey, e a D. Luiz de Haro a resoluçaõ do Duque. Havia sido D. Joaõ de Zuniga prisioneiro na batalha das Linhas de Elvas, e se lhe tinha dado por prizaõ o Castello de Lisboa; e neste tempo contrahio estreita amisade com o Duque de Aveiro, e D. Fernando Telles, de que resultou communicaremlhe o seu segredo, quando sahio da prizaõ, e partio para Castella, o muito que desejavaõ

passar

passar ao serviço delRey Catholico, concedendolhe certas proposições, que assentaraõ, que Dom Joaõ conferiria com D. Luiz de Haro; e que naõ havendo duvida em se lhe permitirem, lho participasse, sendo o aviso em tal fórma, que nunca se pudesse penetrar; porque se reduzia, a que D. Joaõ lhe mandaria de presente hum caixaõ de chocolate com tantas arrobas, huma mulla com gualdrapa de veludo verde, guarnecida de passamanes de prata, humas espingardas, e outras cousas, que cada huma significava cada huma das proposições, que o Duque, e D. Fernando haviaõ mandado. Foy o Duque recebido delRey D. Filippe IV. com singulares favores; porém a pouco tempo do trato da Corte, encontrou muitos pezares; porque trazia os Cocheiros, e Lacayos descobertos, huma das prerogativas dos Duques em Portugal; e ordenaraõ-lhe, que os trouxesse como os demais. Em huma salla do Paço o buscou hum filho de hum Grande para lhe fallar por Senhoria; respondeolhe por merce, de que sentido lhe disse: *Pues asim me habla? fuera de Palacio*; tornou o Duque, lhe responderey, e foy sahindo da antecamara, em que estava; porém compoz a authoridade delRey este desgosto; e para que os filhos dos Grandes lhe naõ duvidassem do tratamento de Excellencia, lhe fez merce de Duque de Ciudad Real. Estes successos, e outros semelhantes o traziaõ taõ desgostado, que na Primavera do anno de 1661 sahio da Corte; e por huma Carta deixou pedida licença a ElRey para servir

vir

vir na Campanha daquelle anno. Ouvindo ElRey ler a Carta, ordenou que fosse com toda a pressa chamado: porém naõ faltou quem lhe avdertisse a conveniencia de o deixar servir nas Fronteiras de Portugal, a que ElRey respondeo: *No quiero, que su temeridad le exponga a una desgracia, y a mis ojos le corten alla la cabeça.* Desorte que o Duque naquella Corte só a ElRey foy devedor de attenções, devidas ao seu altissimo nascimento; porque os mais o desejavaõ pôr em empenhos, de que ao menos naõ sahisse satisfeito.

Em quanto isto passava na Corte de Madrid, na de Portugal o processaraõ; e foy sentenciado a ser degollado em estatua, e confiscados todos os seus bens, e banida a sua pessoa, em Agosto de 1663, e a 16 de Outubro do dito anno se executou a sentença. Estes successos com os dissabores, que padeceo na Corte, parece lhe causariaõ arrependimento do seu erro, em tempo que já era impossivel o remedio. Seguia o Duque de Aveiro já os interesses de Castella contra a sua Patria, naõ duvidava em querer ser elle o instrumento da sua ruina; e assim aquelle grande projecto, que o Marquez de Carracena expuzera a ElRey Catholico para a guerra de Portugal, o mandou ElRey communicar ao Duque de Aveiro, que o approvou, accrescentando, que para se conseguir qualquer das emprezas imaginadas, era precisa huma poderosa Armada, que ao mesmo tempo operasse com o Exercito, para que dividindo-se o poder de Portu-

Portugal Restaurado, liv. 10. pag. 686.

Portugal, pudesse ser mais facil o bom successo. Este parecer do Duque mandou ElRey ao Marquez de Carracena, que o julgou muy proprio, e acertado, e aconselhou a ElRey, que fizesse ao Duque de Aveiro executor desta empreza, nomeando-o General da Armada; porque assim conseguia huma acertada politica: porque no valor, e grande qualidade do Duque, assentava bem este grande emprego. Seguindo ElRey a idéa, chamou ao Duque, e lhe ordenou passasse a Cadiz, com huma Patente, em que lhe assinalava amplissimas jurisdicções para apparelhar trinta Navios, e vinte Galés, em que haviaõ de embarcar oito mil homens, grande numero de munições de guerra, e boca, e instrumentos de expugnaçaõ. Partio o Duque a Cadiz, e naõ achando dinheiro algum para o apresto da Armada, por se haver dilatado a frota de Indias, cujo dinheiro se tinha consignado para taõ largas despezas, o sentio o Duque com extremo, naõ sabendo ter por effeito da Providencia Divina o negarlhe este caminho de ser executor das offensas da Patria, contra quem chegou a pôr em execuçaõ no anno de 1666 os seus designios; sahindo de Cadiz no mez de Junho em huma Armada composta de quinze Navios: porém todos os seus progressos se reduziraõ a ganhar na Costa do Algarve hum pequeno Forte, chamado a *Baleieira*, que tinha só tres pessas, querendo emprender a importante Fortaleza de Sagres, no Cabo de S. Vicente; porém foraõ os Navios taõ rebatidos da artilharia

lharia da Praça, que governava Simaõ Rodrigues Moreira, que se dessuadio do intento do desembarque; e passou a Armada à pequena Ilha de Berlenga, que fica tres legoas da Costa de Peniche; e depois de lhe resistir dous dias a guarniçaõ de trinta Soldados, que defendiaõ hum Forte de taõ pouca importancia, o renderaõ, e desmantelaraõ. Recolheo o Duque de Aveiro a Armada, sem outra operaçaõ, perdendo a gloria, que podera adquirir no serviço da Patria. Neste mesmo anno de 1666 faleceo em Cadiz a 5 de Novembro, e foy depositado no Convento dos Capuchinhos, donde depois foy trasladado para Guadalupe, como diremos. Foy o Duque de Aveiro ornado de muitas virtudes; porque foy valeroso, dotado de talento, bem instruido, com actividade, como mostrou nos cuidados de adiantar as forças maritimas de Castella, em que se occupou com summo acerto, e vigilancia, na applicaçaõ dos meyos, e conveniencia da fazenda Real, sendo amado, e temido igualmente de todos os que lhe obedeciaõ. Estas virtudes, que entaõ foraõ publicas, e geralmente confessaraõ todos, seriaõ sem duvida mais gloriosas ao seu nome, se as executara no serviço da Patria, como depois mostraraõ os successos. Assim acabou o Duque no serviço delRey Filippe IV. de Castella, onde foy por merce do mesmo Rey Duque de Ciudad Real, e Capitaõ General da Armada do Oceano; e oppondo-se aos pleitos da Casa de Naxera, e Maqueda, em 26 de Mayo de 1660,

allegando, que lhe pertenciaõ estas Casas, como neto varaõ legitimo dos Duques D. Bernardino de Cardenas, e D. Luiza Manrique; e naõ sendo attendido, no que pertencia a Naxera, Trevinho, Valencia, e suas dependencias, o Conselho lhe julgou pertencerlhe a Casa de Maqueda, de que o metteo de posse, e das mais terras, e jurisdicções, que lhe eraõ annexas; e assim foy Duque de Maqueda, Marquez de Montemayor, e de Elche, Adiantado mayor do Reyno de Granada, Senhor das Villas de S. Sylvestre, Torrijos, Alcabon, Monasterio, el Campilho, Riaza, Penela, Crevilhen, e Taha de Marchena, Baraõ de Axpe, Planes, e Patrax, Alcaide mòr de Toledo, de Almerias, Chinchilha, Sax, e la Mota de Medina. Jaz em o Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, debaixo do arco principal da Capella mayor em hum nicho, a quem sua irmãa a Duqueza D. Maria de Guadalupe mandou pôr esta Inscripçaõ.

Don Raymundo de Lancaster, Duque de Aveiro, que fue, cuyo cadaver yaze en esta sepultura, por la heredada piedad de su Familia a esta Santa Casa, descansando en ella los despojos de la mortalidad. Innova dies nostros sicut à principio. In pace in id ipsum dormiam. Requiescat in pace. Amen.

Casou

Casou com Dona Luiza Clara de Ligne, que depois foy mulher de D. Inigo Velez de Guevara, e Taſſis, X. Conde de Onhate, e de Villa Mediana, Grande de Heſpanha, &c. e era filha de Claudio Lamoral, Principe de Ligne, de Ambliſe, e do Sacro Romano Imperio, Grande de Heſpanha, &c. Cavalleiro do Tuſaõ, Vice-Rey de Sicilia, Governador de Milaõ, do Conſelho de Eſtado, e da Princeza Clara Maria de Naſau ſua mulher, e prima com irmãa, filha de Joaõ, Conde de Naſau-Siege, Cavalleiro do Tuſaõ, General da Cavallaria de Flandres, e de Erneſtina Violante de Ligne, filha de Lamoral, Principe de Ligne, Cavalleiro do Tuſaõ, e de Maria de Melun, Marqueza de Rube. Deſte matrimonio naõ teve o Duque ſucceſſaõ.

Teve fóra do matrimonio em D. Joanna

18 Dom Pedro de Lencastre, que paſſou tambem para Caſtella, donde ſervio, e foy morto no anno de 1676 na guerra de Sicilia.

-)uque-). Lui- Clara de ne, m. Duque n Ray- ndo.
  - Claudio Lamoral, Principe do S. R. I. de Ligne, Cavalleiro do Tusaõ, ✠ a 21 de Dez. de 1679.
    - Florencio Principe de Ligne, &c. ✠ em Abril de 1622.
      - Lamoral, I. Principe de Ligne, Cavalleiro do Tusaõ, ✠ em Janeiro de 1624.
        - Filippe Conde de Ligne, &c. Cavalleiro do Tusaõ, ✠ em 1583.
          - Jaques de Ligne, Conde de Fanquembourk, e Ligne, ✠ em 1552.
          - A Condessa Maria, Senhora de Wassenaer.
        - A Condessa Margarida de Lalain.
          - Filippe de Lalain, Conde de Hoochtrate.
          - A Condessa Anna de Revensbourg.
      - A Princeza Maria de Melun, ✠ em 1694.
        - Hugo de Melun, Principe de Espinoy, Condestavel de Flandes, ✠ em 13 de Agosto de 1553.
          - Francisco de Melun, Conde de Espinoy, Condest. de Fland. ✠ 1547.
          - Luiza de Foix, irmãa de Joaõ, Rey de Navarra.
        - A Princeza Violante de Barbanzon Werchin.
          - Pedro de Barbanzon, Senhor de Werchin, Cavalleiro do Tusaõ.
          - Hellena de Vergy.
    - A Princeza Luiza de Lorena, ✠ no 1. de Dezembro de 1653.
      - Henrique de Lorena, Marquez de Moy, &c. ✠ em 1601.
        - Nicolao de Lorena, Duque de Mercoeur, ✠ a 4 de Janeiro de 1577.
          - Antonio Duque de Lorena, e Bar, ✠ a 14 de Junho de 1544.
          - A Duqueza Rainera de Bourbon, ✠ em 1539.
        - A Duqueza Catharina de Lorena.
          - Claudio de Lorena, Duque de Aumale.
          - A Duqueza Luiza de Breze.
      - Claudia, Marqueza de Moy, ✠ a 3 de Novembro de 1627.
        - Carlos Marquez de Moy.
          - Antonio Baraõ de Moy.
          - Charlota de Chabanes.
        - A Marqueza Catharina Susanes.
          - Joaõ Jacobo de Susanes, Conde de Cerny.
          - Francisca de la Chambre.
  - A Princ. Clara Maria de Nasau, ✠ a 4 de Setembro de 1695.
    - Joaõ, Conde de Nasau, Cavalleiro do Tusaõ, e da Annunciada, Marquez de Cavelli, ✠ em 1638.
      - Joaõ, Conde de Nasau Diliembourg, ✠ a 27 de Setembro 1623.
        - Joaõ Conde de Nasau o velho, ✠ a 8 de Outubro 1606.
          - Guilherme Conde de Nasau, e de Dillembourg, ✠ em 1559.
          - A Condessa Juliana de Stolberg.
        - A Condessa Isabel de Leuchtemberg, ✠ em 1579.
          - Jorge Landgrave de Leuchtemberg, ✠ em 1555.
          - A Landgravina Barbara de Brandenbourg, ✠ em 1553.
      - A Condessa Magdalena de Waldeck ✠ em 1599.
        - Samuel, Conde de Waldeck, ✠ 1570.
          - Filippe Conde de Waldeck, ✠ em 1574.
          - A Condessa Margarida de Frisen, ✠ em 1537.
        - A Condessa Anna Maria de Schwarzenburg.
          - Henrique Conde de Schawarzemburg, ✠ em 1538.
          - A Condessa Catharina de Henrnenbourg.
    - A Condessa Ernestina Violante de Ligne.
      - Lamoral, Principe de Ligne.
        - Filippe Conde de Ligne, &c.
          - Jaques Conde de Ligne.
          - A Condessa Maria, Senhora de Wassenaer.
        - A Condessa Margarida de Lalain.
          - Filippe de Lalain, Conde de Hoochtrate.
          - A Condessa Anna de Revensbourg.
      - A Princeza Anna Maria de Melun.
        - Hugo de Melun, Principe de Espinoy.
          - Francisco de Melun, Conde de Espinoy.
          - A Condessa Luiza de Foix.
        - A Princeza Violante de Barbanzon.
          - Pedro de Barbanzon, Senhor de Werchin.
          - Helena de Vergy.

CAPITULO VIII.

De Dom Pedro de Lencastre, V. Duque de Aveiro &c. Inquisidor Geral destes Reynos, e Arcebispo de Sida.

16 NO Capitulo V. deste Livro fica escrita a fecundidade da excelsa uniaõ da Duqueza D. Juliana de Lencastre com seu tio o Duque D. Alvaro, que della fora quinto filho varaõ D. Pedro de Lencastre, que nasceo no anno de 1608; e sendo destinado para a vida Ecclesiastica, elle a seguio com inclinaçaõ; porque foy de costumes, e vida muy exemplar; com grande gravidade, e authoridade nos lugares, que occupou neste Reyno. Estudou na Universidade de Coimbra Direito Canonico, em que foy versado; de sorte, que na causa, que depois teve sobre o Ducado, e Estado da Casa de Aveiro, elle mesmo fez os arrezoados, ainda que andaõ em nome de Bibiano Pinto da Sylva. Era muy applicado à liçaõ dos Santos Padres, de sorte, que de ordinario nas conversações, se servia das suas authoridades, para corroborar o que dizia.

Depois da Acclamaçaõ no anno de 1641 passou a primeira vez à Corte a beijar a maõ a ElRey D. Joaõ IV. que o honrou muito, e se recolheo a Azeitaõ. ElRey attendendo à sua grande pessoa, tanto

que

que teve a idade competente, pelo Sagrado Concilio de Trento, o nomeou Bispo da Guarda; depois querendo, que assistisse na Corte, o nomeou no alto emprego do Conselho de Estado no anno de 1648. Esta nomeaçaõ, justamente merecida do alto nascimento de D. Pedro, foy muy disputada pela circunstancia de elle querer preceder aos Condes, que logo lho duvidaraõ; o que D. Pedro representou a El-Rey por huma larga petiçaõ bem instruida, dizia: que os filhos dos Duques, quando ElRey lhes fazia a merce de os mandar cobrir, nas honras que lhe permittia, eraõ com muita differença das dos Condes; porque costumava Sua Magestade tirarlhe o chapeo, o que naõ fazia aos Condes; e que D. Affonso de Lencastre nas Exequias delRey D. Sebastiaõ, que se fizeraõ na Igreja de Belém, tivera cadeira: e que os filhos dos Duques venciaõ de assentamento trezentos mil reis, que eraõ quasi tres vezes dobrado da quantia do assentamento dos Condes: que às filhas, e noras dos Duques honravaõ tambem as Magestades com differença das Condessas; porque a estas dava só assento em huma alcatifa, e àquellas se dava almofada; o que se praticou com suas irmãas Dona Magdalena, e D. Marianna, quando ElRey D. Filippe III. foy visitar a Sua Mãy a Duqueza D. Juliana; e Sua Magestade havia feito a mesma honra a sua irmãa Sor Brites de S. Joseph no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval; e precedendo assim as filhas dos Duques às Condessas, como queriaõ os Condes preceder

ceder a ſeus irmãos? O que era taõ certo, como ſe vira nas Cortes, que convocou a Rainha D. Catharina, e tiveraõ principio a 27 de Setembro de 1562, em que na planta, que fez Miguel de Moura, Secretario de Eſtado, dizia: *No banco dos Condes da parte delle, que eſtiver mais perto dos Marquezes ſe ſentaráõ os irmãos do Duque de Bragança, e junto delle, os irmãos do Duque de Aveiro, e logo Dom Pedro, filho ſegundo do dito Duque, e após elles os Condes por ſuas precedencias*; o que era taõ manifeſto, que na ſua meſma peſſoa tinha elle já a precedencia; porque a primeira vez, que tivera a honra de beijar a maõ a Sua Mageſtade a 9 de Setembro de 1641, lhe diſſera o Marquez de Ferreira, por ordem do meſmo Senhor, que havia de ſer precedido pelos Marquezes, e que havia de preceder aos Condes; e com effeito entaõ fora precedido do Marquez de Ferreira, e do Marquez de Gouvea, e elle precedeo ao Conde de Penaguiaõ Franciſco de Sá de Menezes: e que quando ElRey eſteve na Villa de Setuval, precedera em todos os actos aos Condes de Redondo, S. Joaõ, Villa-Nova, Penaguiaõ, Sarzedas, Prado, e Alegrete, que eraõ os que ſe acharaõ preſentes; aſſim na parede quando ElRey jantava, como no acompanhamento à Capella; e quando Sua Mageſtade ſahia fóra, ſem que faltaſſe nunca D. Pedro, hia elle da parte direita mais chegado a ElRey, e os Condes diante delle; e quando naõ houvera outras taõ evidentes provas a ſeu favor, os repetidos actos ſó baſta-

Prova num. 15.

baſtavaõ para ficar em poſſe, pela qual ſe regulavaõ as precedencias, quando eſtivera deſtituido de outros motivos, a que ajuntou diverſas atteſtações, que o confirmavaõ na poſſe.

Naõ ſe eſqueceo da Pragmatica das Cortezias, em que fazendo mençaõ dos filhos dos Duques, os preferia; e ultimamente o aſſento da reſoluçaõ del-Rey D. Affonſo V. na ordem, que ſe deu ſobre as precedencias no anno de 1472.

Eſte papel remetteo a 19 de Agoſto do dito anno o Secretario de Eſtado Pedro Vieira ao Conde de Santa Cruz, que era o mais antigo neſta Dignidade, para que o participaſſe aos mais Condes; e que a ſua repoſta, e a ſua enviaſſe às Reaes mãos de Sua Mageſtade no termo de oito dias.

Ajuntaraõ-ſe na Caſa Profeſſa de S. Roque, o Conde de Santa Cruz, o Viſconde de Villa-Nova D. Lourenço de Lima, e o Conde de Abrantes D. Miguel de Almeida, e em huma reverente repoſta concluîaõ, que além das razoens, que já de palavra foraõ apontadas, reſervavaõ outras para pôr por eſcrito, e darem no lugar, onde a acçaõ de D. Pedro de Lencaſtre pertenceſſe, ou Sua Mageſtade ordenaſſe. Foy ElRey ſervido em 2 de Outubro do meſmo anno, que dentro em quinze dias diſſeſſem de Direito, e que nomearia Juizes para determinarem a cauſa.

Os Condes ſe haviaõ com cautella neſte negocio com algumas demoras, ſem embargo do Secretario de Eſtado inſtar. Tomou ElRey a reſoluçaõ, de

que

que huns, e outros papeis se remettessem ao Doutor Francisco de Carvalho, para os ver, communicando-os aos Doutores Jorge de Araujo, e Fernaõ de Mattos de Carvalhosa; porque haviaõ de votar na materia, de que tratavaõ, na presença de Sua Magestade; e que tanto, que os vissem, lhos remettesse. Assim a 11 de Dezembro do mesmo anno de 1648 resolveo ElRey, que sem embargo da reposta dos Condes, em que pertendiaõ, que esta causa corresse ordinariamente, se lhe tornasse vista do papel de D. Pedro de Lencastre, e que respondessem direitamente dentro de oito dias, ajuntando os papeis, e documentos, que fizessem a bem da sua Causa; e que tendo alguma prova de testemunhas, ou requerimento, que fazer, o poderiaõ fazer diante do Doutor Marçal Casado Jacome, do seu Conselho, e Desembargador do Paço, que ElRey nomeava, para preparar este Processo, de que seria Escrivaõ Jacintho Fagundes Bezerra, Escrivaõ da sua Camera; porque na Mesa do Desembargo do Paço se fariaõ os requerimentos, que na presença delRey haviaõ de ser sentenciados. Correo a Causa diversos termos, e incidentes, que passaraõ depois de todos terem apresentado as razoens da sua pretençaõ, em que allegaraõ de facto, e de Direito muy diffusamente: finalmente se tomou assento sobre este negocio na presença del-Rey, e do Principe D. Theodosio, e foy o seguinte:

„Em presença de Sua Magestade, e de Sua Al-

„ teza o Principe nosso Senhor, que Deos guarde, „ foraõ vistos os papeis, e os mais appensos tocantes „ à duvida das precedencias de D. Pedro de Lencas- „ tre, Presidente da Mesa do Desembargo do Paço, „ e os Condes do Reyno; e votando-se sobre ella, se „ determinou, que D. Pedro, filho dos Duques de „ Aveiro, descendentes da Casa Real, devia prece- „ der aos Condes, de que fiz este assento por manda- „ do de Sua Magestade. Lisboa em 28 de Julho de „ 1651. = Francisco de Andrade Leitaõ. = Thomé „ Pinheiro da Veiga. = Joaõ Pinheiro. = Francis- „ co de Carvalho. = George de Araujo. = Panta- „ liaõ Rodrigues Pacheco. = Francisco de Almei- „ da. = Fernaõ de Mattos de Carvalhosa. = Pe- „ dro Fernandes Monteiro. „

Desta sentença pediraõ vista os Condes, e se lhe deu, e embargaraõ, correndo seus termos, e muitas dilações affectadas, e suspeições de Ministros, de huma, e outra parte; até que finalmente entregues os autos os fez conclusos o Escrivaõ da Camera de Sua Magestade Jacintho Fagundes Bezerra a 9 de Outubro de 1653, e se tomou a resoluçaõ seguinte:

„ Em presença de ElRey nosso Senhor, que „ Deos guarde, se resolveo pelos Desembargadores „ abaixo assinados, que sem embargo dos embargos, „ offerecidos por parte dos Condes, se cumprisse a sen- „ tença embargada, e se cumpra como nella se con- „ tém. Lisboa 23 de Outubro de 1654. Andradre, „ Casado, Pacheco, Mattos, Francisco Carvalho,

„ Esta-

,, Estaço, Monteiro. ,, E no dia seguinte se passou a D. Pedro a sua sentença, a qual elle mandou imprimir. Depois elle, e seu irmaõ D. Antonio de Lencastre, requereraõ a ElRey, que visto se lhe ter julgado a precedencia dos Condes, lha devia S. Magestade mandar dar cadeira abaixo dos Marquezes, assim como suas irmãas tinhaõ almofadas como as Marquezas; a que ElRey naõ deferio, nem respondeo; porque supposto mostraraõ de facto, que as filhas dos Duques tiveraõ sempre almofadas, nunca tiveraõ cadeiras, como os Marquezes, os filhos; e esta preeminencia se concedeo aos filhos segundos da Serenissima Casa de Bragança; porque tiveraõ por merce especial as honras de Marquezes, como se tira do livro IV. dos assentos do Desembargo do Paço sobre as citações para Carta de Camera, pag. 86 vers.

No tempo que correo esta contenda nomeou ElRey Presidente da Mesa do Desembargo do Paço a D. Pedro; e foy eleito Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas; e o tinha sido no anno de 1649 Arcebispo de Evora, em successaõ ao Infante D. Affonso. Exercitou o lugar de Presidente do Desembargo do Paço, de que se lhe passou Carta a 7 de Outubro de 1651, em que diz: *D. Pedro de Lencastre, meu muito amado sobrinho, do meu Conselho de Estado, &c.* Está no livro 21 pag. 120 da Chancellaria do mesmo Rey. Depois foy reconduzido a 28 de Novembro de 1654; nelle se houve com grande authoridade, e naõ menos inteireza, do que proveito dos pretenden-

tes. Efte lugar largou depois levado de algum particular capricho; porque ainda que Dom Pedro foy dotado de muitas virtudes, como veremos, era de auftéro natural, naõ facil de moderar pela fua elevaçaõ, fem embargo, que era de fãa confciencia, e virtuofo; mas inflexivel nas fuas maximas: porém ainda que rigidas, naõ fe oppunhaõ ao brio, antes eraõ fempre abonadoras da honra. Teve o affentamento de filho de Duque por Carta, que eftá no livro 27 pag. 132 da Chancellaria delRey D. Affonfo VI. e nella fe diz, que lhe faz merce do affentamento de trezentos mil reis, os quaes tiveraõ feus irmãos D. Affonfo, antes de fer Marquez, e D. Antonio, e D. Luiz de Noronha por filho do Duque de Villa-Real, o qual affentamento pertencia a D. Pedro por filho do Duque de Aveiro.

Na fatal defgraça do Duque D. Raymundo, como differnos, lhe foy confifcada a fua Cafa; tempo tambem, em que com licença, e paffaporte tinha paffado para Caftella fua irmãa D. Maria de Guadalupe, depois Duqueza de Arcos, na companhia de fua mãy a Duqueza de Torres-Novas. Entrou o Fifco Real na poffe do Ducado, e Eftado da Cafa de Aveiro, a que fe oppozeraõ diverfos Senhores, dando hum libello contra o Procurador da Coroa, em que allegavaõ, que a Cafa naõ vagara, nem podia fer confifcada, nem ainda na vida do Duque Dom Raymundo, fem embargo da fentença, que fe proferira a favor da Coroa. Foraõ os Oppoentes D. Pedro

dro de Lencastre, sua irmãa D. Magdalena de Lencastre, Condessa de Faro, D. Joaõ da Sylva, I. Marquez de Gouvea, e D. Joseph de Lencastre, Conde de Figueiró; e depois de largas contendas, foy sentenciada no supremo Senado da Relaçaõ a 14 de Mayo de 1668 a D. Pedro de Lencastre, por ser o varaõ mais chegado da linha do Senhor Dom Jorge, Duque de Coimbra, e do ultimo possuidor, que actualmente se achava neste Reyno; porque conforme a instituiçaõ desta Casa, naõ tinha lugar a represalia, de que se tinha valído o Procurador da Fazenda, com o motivo de ausentes em Castella. Celebrada a paz entre Portugal, e Castella, inquietaraõ na posse a D. Pedro, movendo huma nova causa, sobre a successaõ do mesmo Estado, e Casa de Aveiro, que a gozava neste Reyno com o titulo de Duque, sendo Author Dom Agostinho de Lencastre, Marquez de Valdefuentes, intitulado Duque de Abrantes, e D. Maria de Guadalupe, Duqueza de Maqueda, com seu marido; porém a causa naõ se chegou a sentenciar em vida de D. Pedro de Lencastre, que foy V. Duque de Aveiro, III. Duque de Torres-Novas, Marquez de Montemôr o Velho, Conde de Penella, Senhor das terras, e Villas de Segadaens, e Recardaens, Bronhido, Casal de D. Alvaro, e Bolfear, Abiul, Pereira, Lousãa, Alcaide môr de Coimbra, e da Villa de Setuval, Commendador na Ordem de Santiago, das Commendas das Villas de Sezimbra, Arrabida, Azeitaõ, Barreiro, Çamora Correa, Belmonte,

monte, Motrena, Pinheiro, Torraõ, Ferreira, Castro-Verde, Aljustrel, e Senhor das referidas Villas, e das de Santiago de Cacem, Sines, e outras.

Sousa, Catalogo Historico dos Bispos Titulares, pag. 206.

Na promoçaõ, que no anno de 1671 fez o Principe D. Pedro Regente, de Prelados para todas as Igrejas do Reyno, foy o Duque D. Pedro nomeado Arcebispo titular de Sida, e Inquisidor Geral destes Reynos; e sendo confirmado pelo Papa Clemente X. por Bulla de 26 de Outubro, de que fez aceitaçaõ aos 22 de Dezembro do mesmo anno, na fórma do estylo do Santo Officio, tomou posse por seu Procurador Fr. Pedro de Magalhaens, da Ordem dos Prégadores, do Conselho de Sua Magestade, e do Géral do Santo Officio, em 24 do referido mez. Este grande lugar occupou o Duque com aquella authoridade, de que naturalmente era revestido, conservando naõ só o Tribunal no respeito, que devia; mas aos mesmos Ministros, procurando que fossem cada hum de per si o exemplo da Corte, e do Reyno todo; assim fazia a escolha dos Ministros, de que se havia de servir nas Inquisições destes Reynos dos mais benemeritos em letras, e virtudes; e como se adornava de todas aquellas, que se podem desejar em hum perfeito Prelado, as queria nos subditos, observando o mesmo com a sua familia, que foy reformadissima, como escolhida, e creada com o seu exemplo, e integridade de costumes. Era compassivo, e esmoler com os pobres, e recatado nas suas morti ficações; porque tres dias na semana se castigava com disci-

discipllina ; a camiza de que usava era de lãa , e lhe acharaõ quinze por sua morte ; era sobrio , e parco no comer , e às vezes disfarçava com outros motivos a abstinencia rigorosa , que passava ; porque jejuava todas as sestas feiras do anno a paõ , e agua , em quanto lho permittiraõ os seus Confessores ; e depois a paõ , e agua , e ervas nas segundas , quartas , e sextas feiras do Advento , e Quaresma : dormia pouco , porque às quatro horas da manhãa se levantava , e até às oito gastava em oraçaõ , e devoções : teve grande compaixaõ das penas das Almas do Purgatorio ; porquem applicava muitos suffragios. Hum dia lhe disseraõ : Dizem , Senhor , que Vossa Illustrissima tira todos os dias cento e cincoenta Almas do Purgatorio , com as indulgencias , que lhes applica ; respondeo com graça , como burlando : Naõ saõ cento e cincoenta ; mas cento setenta e cinco. Fazia muitas esmolas particulares em segredo pelos seus Confessores : era até no somno mortificado ; porque dormia entre humas mantas sobre huma cortiça , naõ havendo da sua mortificaõ mais testemunhas , que hum Criado confidente deste segredo ; porque a sua Casa era ornada com a magnificencia , e apparato de Principe , de que elle naõ usava mais que pelo caracter , e representaçaõ da sua grande Casa , ao modo de S. Carlos Borromeo , que quando via o seu Palacio adornado , dizia : Esta he a Casa do Cardeal , e quando se recolhia ao aposento interior dos seus exercicios , e mortificações : Esta he a Casa de Carlos Borromeo. Foy de animo pio ,

Chronica da Provincia da Arrabida , tom. 1. liv. 1. cap. 21. n. 123. *Oraçaõ Funebre* , impr. no anno 1673.

pio, e de Principe: amigo de fazer merces; de sorte, que duas horas antes de espirar, esteve assinando merces de officios, e provimentos de Igrejas. Trazia sempre diante dos olhos a morte, repetindo, Huma hora boa: huma hora boa he só o que importa. Do exercicio de tanta piedade, e de heroicas virtudes, he de crer iria ter o premio eterno, para que Deos o chamou a 23 de Abril do anno de 1673; tendo em Roma a nomina de Cardeal Nacional, feita por o Principe Regente D. Pedro. Estimou muito o estado Regular. Teve grande trato com os Religiosos de S. Domingos, e com os Religiosos da sua Provincia da Arrabida; e se mandou sepultar na Igreja da Senhora da Arrabida. A 25 de Mayo se lhe fizeraõ as ultimas honras, em que fez huma Oraçaõ Funebre Fr. Jorge de Castro, da Ordem dos Prégadores, depois Bispo de Angra, e Miranda. No seu Testamento deixou vinte e tres mil Missas pela sua alma, e pelos defuntos, particularmente daquelles das terras, em que viveo. Jaz em sepultura humilde, ao entrar pela porta da Igreja, onde se lê este breve Epitafio:

> *Este lugar escolheo para sua sepultura Dom Pedro de Lencastro, Duque que foy de Aveiro, e Inquisidor Géral. Faleceo a 23 de Abril de 1673.*

CAPI-

CAPITULO IX.

De Dona Maria de Guadalupe de Lencastre, VI. Duqueza de Aveiro.

17 JA deixamos referido no Capitulo precedente como succedeo no Ducado, e Estado da Casa de Aveiro o Duque D. Pedro, por ser o unico parente mais chegado do ultimo possuidor, que se achava neste Reyno; e como depois foy Oppoente à dita Casa sua sobrinha D. Maria de Guadalupe, que se achava ausente na Corte de Madrid, cujo direito era indubitavel, por immediata successora do Duque D. Raymundo, e ser a Casa de juro, e herdade, dispensada na Ley Mental para sempre, pela Doaçaõ delRey D. Manoel. No Capitulo V. dissemos, que esta Casa recahio em Dona Juliana de Lencastre; e ElRey Filippe o Prudente a reconhecia indubitavel successora, ainda supposta a obrigaçaõ, que lhe impoz de casar com seu tio Dom Alvaro de Lencastre; porque depois do já mencionado Alvará da merce, em que relata os grandes serviços do Duque de Aveiro D. Jorge, e acompanhar ao Senhor Rey D. Sebastiaõ à Africa, e outros muitos, diz o seguinte: *E por Eu folgar muito por todos estes respeitos fazer toda a honra, e merce, e acressentamento a D. Juliana de Lencastre, minha muito amada sobri-*

 nha,

nha, filha do dito Duque, &c. de ſorte, que ainda que lhe poz a condiçaõ de caſar com ſeu tio D. Alvaro por evitar contendas; porque eſte pretendia, que o ſeu direito foſſe o mais eſpecioſo, conforme às vocações, a merce foy feita a ſua ſobrinha, em quem (quebrada a varonía) quiz ElRey, que naõ paſſaſſe a outra, e ſe perpetuaſſe na deſcendencia da Familia de Lencaſtre, como já vimos: agora ſegunda vez quebrada a linha da varonía, ſe continuou nos deſcendentes da Duqueza Dona Maria, como veremos.

No anno de 1630 naſceo primeira filha do Duque de Torres-Novas no ſeu Paço de Azeitaõ, e ſendolhe adminiſtrado o ſagrado Bautiſmo a 11 de Janeiro, lhe foy poſto por nome D. Maria de Guadalupe Luiza Melchiora Antonia Dominica Raymunda Boaventura Egidia Sebaſtiana Margarida de Lencaſtre Cardenas Manrique, appellidos, que uſou pelas Caſas, que poſſuîo. Paſſou com ſua mãy para Caſtella com paſſaporte, e faculdade Real de 6 de Julho do anno de 1660, e juntamente D. Antonio de Lencaſtre ſeu tio.

Por morte do Duque D. Raymundo lhe ſuccedeo D. Maria de Guadalupe Lencaſtre Cardenas e Manrique, entrando logo de poſſe dos Eſtados, que em Caſtella lhe pertenciaõ; aſſim foy Duqueza de Maqueda, Ciudad Real, Marqueza de Elche, Senhora do Adiantamento de Granada, e das Villas de Torrijos, Riaça, S. Sylveſt.e, Alcabon, Monaſterio, e

Cam-

Campilho, Penela, Crevilhen, Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, e da Commenda de Monaſterio, que a Duqueza ſua mãy nella nomeara por faculdade Real a ſegunda vida, que desfrutou, e gozou como Adminiſtradora, ſuccedendo na pretençaõ do Ducado, e Eſtados da Caſa de Aveiro, que depois lhe foraõ julgados neſte Reyno.

Porque aſſim, que ſe celebrou o Tratado da Paz entre as Coroas de Portugal, e Caſtella, tratou a Duqueza D. Maria de Guadalupe de ſucceder na Caſa de Aveiro, mandando a eſta Corte por ſeu Procurador a D. Joaõ Carlos Baçan, inſigne Juriſconſulto, que depois morreo Embaixador da Coroa de Caſtella em Veneza: deu hum libello contra ſeu tio o Inquiſidor Geral, Duque de Aveiro, que ſe achava de poſſe do Ducado, e mais Eſtados, e Commendas da dita Caſa; e ſendo de novo Oppoſitores D. Agoſtinho de Lencaſtre, Marquez de Valdefuentes ſeu tio, e D. Joachim Ponce de Leon, filho primogenito da meſma Duqueza, e os Procuradores da Coroa, e Fazenda Real; ſentenciou-ſe a cauſa a favor da Duqueza D. Maria de Guadalupe a 20 de Outubro do anno de 1679, com a condiçaõ, de que a naõ poderia gozar ſenaõ voltando para eſte Reyno, com eſtas formaes palavras: *Porém naõ tomará poſſe do dito Eſtado, e Caſa ſem primeiro tornar para elle, e aſſentar ſeu domicilio com a devida vaſſallagem ao dito Senhor*; e depois ſendo embargada no primeiro

de Março de 1681, ſahio confirmada a ſeu favor; e aſſim eſteve em hum Adminiſtrador nomeado por El-Rey, que tratava da arrecadaçaõ, e adminiſtraçaõ dos Eſtados do Ducado de Aveiro. He certo, que a Duqueza naõ ſó determinou, que eſta Caſa ſenaõ uniſſe com a de ſeu eſpoſo, como declarou nas condições, que ſe capitularaõ no Tratado Matrimonial com D. Manoel Ponce de Leon, ainda naõ Duque de Arcos, a que era immediato ſucceſſor, feito na Villa de Madrid a 17 de Agoſto de 1665 por ſeu Procurador o Doutor Franciſco Lopes de Mena; e entre as condições, que ſe outorgaraõ, foy a ſeguinte: *Que ſi los dichos Señores llegaren a heredar las Caſas de ſus Padres, dexando dos hijos, ſe ayan de dividir entre ellos, en eſta forma: Si el Hijo mayor eligiere vivir en la de Portugal, ha de intitularſe Duque de Aveiro, uſar de ſu apellido, y armas, quedando los de mas Eſtados de Caſtilla, aſſi paternos, como maternos, y ſus Titulos, Apellido, y armas, al Hijo ſegundo; con calidad, que ſe dividan perpetuamente, y ſer incompatibles los de Caſtilla con los de Portugal; a eleccion del mayor, ſiempre que el Hijo ſegundo, o qualquiera de ſus deſcendientes en quien ayan eſtado unidos dichos Eſtados, dexaren dos Hijos, ſi el Hijo mayor eligiere las Caſas de Caſtilla, ha de intitularſe con los titulos de los Eſtados Paternos, y Maternos, como abaxo ſe dirá, y uſar de ſu apellido, y Armas, con la miſma calidad de dividirſe a eleccion del mayor, lo de Caſtilla, a lo de Portugal, entre ſus dos*

Prova num. 16.

dos hijos, y entre los que le quedaren de qualquiera de sus descendientes, perpetuamente; y en este caso, ha de quedar para el Hijo segundo de los dichos Señores el Estado de Aveiro, con el Titulo, Apellido, y Armas, &c. Deste Contrato se vê a prudencia, com que esta sábia Matrona estimava a conservaçaõ, e divisaõ dos Estados da Casa de Aveiro, de que naõ era entaõ mais que remota successora, por se achar seu irmaõ o Duque Dom Raymundo casado, com cuja approvaçaõ se fizeraõ estes contratos; nem seu marido era mais que immediato successor do Duque de Arcos Dom Francisco, de quem naõ havia esperanças de successaõ. Depois de effeituado o matrimonio com Dom Manoel Ponce de Leon, (que depois veyo a succeder na Casa de seus avós, e foy Duque de Arcos, &c.) morreo o Duque de Aveiro D. Raymundo; e feita a paz entre as Coroas de Portugal, e Castella, pertendeo logo succeder na Casa de seus avós. Com effeito lhe foy julgada, como temos dito: porém como se achava casada em o Reyno de Castella, e como a condiçaõ, e qualidade da Sentença fosse, de que naõ havia de tomar posse do Estado, e Ducado de Aveiro, sem primeiro voltar para Portugal, e assentar neste Reyno o seu domicilio, com a vassallagem devida a seu proprio Rey; teve grandes desejos a Duqueza D. Maria de cumprir a clausula da Sentença, passando a fazer a sua residencia neste Reyno, pois se achava com filhos, em quem se podiaõ verificar as clausulas,

que

que ella previra taõ anticipadamente da incompatibilidade de ſe poderem unir todos os Eſtados da Caſa de ſeus avós com os de ſeu marido, com que naõ deixou de padecer alguns diſſabores, por intentar pôr em execuçaõ o paſſar com ſeu filho para Portugal, de que ſe ſeguio finalmente romper, e quebrar com o Duque de Arcos; de ſorte, que eſtando hum dia à meſa tratou a Duqueza eſte negocio na ultima reſoluçaõ, de que ſe ſeguio o apartarſe do Duque, e viver ſeparada com ſeus filhos, ſem que ſe tornaſſem ajuntar, como ella modeſta, e diſcretamente declara na ceſſaõ, que fez a ſeu filho D. Gabriel Ponce de Leon Lencaſtre e Cardenas em Madrid a 14 de Mayo do anno de 1692, tempo que já ſe achava viuva, onde diz eſtas palavras: *Aun que he deſeado ir a tomar la poſſeſſion efectiva de dicha Caſa, y Eſtado de Aveiro, reduciendo mi domicilio al Reyno de Portugal (como ſe previene en la executoria) de ningun lo pude conſeguir en el tiempo, que durò mi matrimonio con el Excelentiſſimo Señor Don Manuel Ponce de Leon, Duque de Arcos, mi marido, por no avermelo permitido, ſin embargo de las continuas inſtancias, que ſobre ello le hize, y a Su Mageſtad muy repetidamente para que lo mandaſſe, como es notorio. Y deſpues de diſſuelto el matrimonio, ade mas de hallarme cercada de muchas, y graves dependencias, impoſibles de abandonar, haſta ſenecerlas, padeciendo tantos, y tan repetidos achaques, (ſobre mi crecida edad) que los Medicos, conſultados uniformemente, me adver-*

Prova num. 17.

advertieron el conocido riesgo a que me expongo en tan dilatado viage, si mi salud no se mejora; y considerando, que cada dia se van augmentando los años con el peligro, y que el immediato subcessor del Estado de Aveiro es mi Hijo Don Gabriel Ponce de Leon Lencastre y Cardenas, por hallarse impedido mi Hijo primogenito, con el goze, y possession de su Casa, y Estado de Arcos en estos Reynos de Castilla, y que en la persona del dicho Don Gabriel mi Hijo, no ay este impedimento, ni embarazo alguno para continuar la subcession, y tomar la possession del Estado, y Casa de Aveiro; desde luego en aquella via, y forma, que mas aya lugar de derecho, cedo, renuncio, y traspasso en dicho Don Gabriel Ponce de Leon Lencastre y Cardenas, mi Hijo segundo genito, todo derecho, y accion, que me esta diferida, y en qualquiera manera toque, y pertenesca a mi Casa, y Estado de Aveiro, y agregados a ella, como su immediato, y invariable subcessor, para como tal, por la representacion de la Casa, y de mi persona, pueda pedir, pida, y aprehenda en el Reyno de Portugal la possession real, actual, &c. Tinha a Duqueza padecido huma grave enfermidade, e de tanto perigo, que os Medicos lhe ordenaraõ, que dispuzesse das suas cousas; e como o seu mayor cuidado era attender à conservaçaõ da Casa de Aveiro, (como ella refere) achando-se convalecida, fez a referida cessaõ em seu filho, que sem duvida entraria na posse da Casa, se naquelle tempo effeituara as clausulas, com que a sua mãy fo-

ra

ra sentenciada; e sobre que naõ podia haver Oppoentes, por ser ella a Senhora da Casa de Aveiro, que actualmente vivia. Deixou a Duqueza nesta cessaõ hum irrefragavel testemunho, do que amava a sua Patria, e do quanto o seu coraçaõ desejou voltar a ella, e como em seus dias queria ver estabelecida a successaõ da Casa de Aveiro no seu proprio sangue. Viveo depois disto a Duqueza D. Maria de Guadalupe muitos annos. Quando no anno de 1712 a 2 de Julho, por lhe parecer ser assim conveniente, seu filho primogenito o Duque de Arcos Dom Joachim, por huma publica Escritura, fez cessaõ tambem do dito Ducado, e Estados de Aveiro em seu irmaõ, a qual ratificou depois da morte da Duqueza sua mãy a 22 de Março do anno de 1715. Desta sorte tinha concertado o estabelecimento da Casa de Aveiro a Duqueza D. Maria, quando faleceo a 9 de Fevereiro de 1715. Foy dotada de singulares virtudes, de grande entendimento, que cultivou no estudo das sciencias: pelo que no seu tempo conseguio applauso, e nome nas nações Estrangeiras; e para concluir esta curta memoria, o farey com hum, ainda que breve, elegante Elogio da discreta penna do erudito D. Luiz de Salazar e Castro na sua estimadissima Obra da Casa de Lara, onde fallando da Duqueza D. Maria de Guadalupe, que elle muito tratou; porque a communicaçaõ, que ella mais estimou, foy sempre a dos homens eruditos, e professores de sciencias, diz assim: *Es una de las Princesas de mayor piedad, y sabiduria*

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 17. §. 2.

biduria de nuestros tiempos ; porque el conocimiento de las sciencias , y las operaciones piadosas , an sido siempre su principal aplicacion , viviendo acia todo lo demas enteramente separada del siglo , y con una llaneza , modestia , y trato sencillo , que desdice de la elevacion de su nacimiento ; a que naõ temos , que accrescentar , mais que dizer , que neste modo perseverou , até que passou à melhor vida , em huma breve doença de cinco dias , confortada com o Santissimo Viatico , e o Sacramento da Extrema-Unçaõ , preparada com notaveis actos de amor de Deos ; e tendo muito anticipadamente guardadas as mortalhas, e tudo o que pertencia àquella occasiaõ ; assim lhe vestiraõ o Habito de S. Bruno , S. Bernardo , e S. Francisco , como ella ordenara. E o Santo Padre Innocencio XI. attendendo às instancias , que a Duqueza de Aveiro lhe fizera pelo Geral da Companhia o Reverendissimo Padre Tyrso Gonçales , concedeo indulgencia plenaria *in articulo mortis* , em huma véla benta , que lhe mandou de Roma , muitos annos antes da sua morte , para nella lhe servir. Jaz no Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe debaixo do arco principal da Capella môr aos pés do milagroso simulacro daquella prodigiosa Imagem da Virgem Santissima , sitio que ella escolheo em vida , em o nicho do meyo , e nos dos lados estaõ sua mãy , e irmaõ , como dissemos. Deixou dictadas no seu Testamento para Epitafio as palavras seguintes :

Breve Noticia de la enfermedad , muerte , &c. de la Duqueza de Aveiro , impressa no anno de 1715.

Maria de Guadalupe Lencaſtre y Cardenas, mandô ſe enterraſſe neſte lugar debaxo de los pies de la Imagen centro de ſu amor, y eſperança.

In nidulo meo moriar, & ſicut &c.

Caſou no anno de 1665 com D. Manoel Ponce de Leon, VI. Duque da Cidade de Arcos, Conde de Baylen, e de Caſares, Marquez de Zara, e de Elche, Alcaide môr de Sevilha, Senhor de Marchena, Rota, Chipiona, Mayrena, Ilha de Leaõ, de Palacios, Ubrique, de la Serrania, de Villa Longa, Commendador môr de Caſtella, e Commendador de Carriaõ, e Calatrava a Velha na Ordem de Calatrava, que naſceo em 15 de Setembro de 1633; filho de D. Rodrigo Ponce de Leaõ, IV. Duque de Arcos, Marquez de Zara, Conde de Baylen, e de Caſares, do Conſelho de Eſtado delRey Filippe IV. Vice-Rey de Valença, e Napoles, Cavalleiro do Tuſaõ, como diſſemos no Livro IX. Capitulo II. §. III. pag. 78 do Tomo X. Chefe, e Parente mayor de los Ponces de Leon em Heſpanha, e França, huma das mais eſclarecidas Familias daquella Monarchia por ſua antiguidade, grandeza, e poder: della eſcreveo Salazar de Mendonça, e o eruditiſſimo, e Excellentiſſimo Marquez de Mondejar D. Gaſpar Ibanhes de Mendoça hum bem fundado Tratado; e de ſua mulher

Salazar de Mendonça, *Chronica de los Ponces de Leon.*

O Marquez de Mondejar, *Memorias Hiſtor. y Genealog. de la Caſa de los Ponces de Leon*, m. 1.

lher a Duqueza D. Anna Francisca de Aragaõ, filha dos V. Duques de Segorbe, como fica escrito no Livro VIII. Capitulo IV. pag. 280 do Tomo IX. Morreo o Duque Dom Manoel em Madrid a 28 de Novembro de 1693, deixando deste excelso matrimonio os filhos seguintes:

18 D. JOACHIM PONCE DE LEON, VII. Duque de Arcos.

18 D. GABRIEL PONCE DE LEON DE LENCASTRE, Duque de Aveiro, Capitulo X.

18 D. ISABEL ZACARIAS PONCE DE LEON E LENCASTRE casou a 25 de Março de 1688 com D. Antonio Martim de Toledo Beaumont Henriques de Ribera e Manrique, IX. Duque de Alva, de Guesca, e de Galisteo, XI. Conde de Osforno, de Lerin, e de Salvaterra, Marquez de Villa-Nova del Rio, e de Coria, Senhor de Val de Corneja, la Campana, S. Nicolao, Verlanda, Granada, Sanfelices dos Gallegos, e de outros grandes Estados, Alcaide môr de Carmona, Condestavel, e Chanceller môr de Navarra, Gentil-homem da Camera com exercicio, Embaixador em Roma, e Pariz, onde morreo a 27 de Março de 1711. A successaõ, que tiveraõ fica já referida no Livro VIII. Cap. IV. §. IV. pag. 350 do Tomo IX. Casou segunda vez no anno de 1716 com D. Francisco Gonzaga, Duque de Solforino, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey Filippe V. de quem naõ teve successaõ, como já dissemos no Cap. VII. §. III. do Liv. IV. pag. 343 do Tom. III.

Salazar de Caſtro, *Indice de las Glorias de la Caſa Farneſe*, pag. 354, e 364, e no Prologo.

18 D. JOACHIM DE GUADALUPE LENCASTRE E CARDENAS PONCE DE LEON naſceo a 22 de Julho do anno de 1666. Foy VII. Duque de Arcos, de Maqueda, Marquez de Elche, de Zara, Conde de Baylen, e de Caſares, Adiantado mayor do Reyno de Granada, Senhor de Marchena, de la Caſa de Villa Gracia, e terras do Infantaſgo, das Villas de la Serrania, de Villa Longa, das de Rota, Chipiona, e Ilha de Leaõ, Senhor de la Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, Alcaide mòr da Cidade de Toledo, Alcaide de Saz, Chomhilla, e de la Mota de Medina, e da Fortaleza de Almeria, Alcaide mòr perpetuo da Cidade de Sevilha, Commendador mòr de Caſtella na Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey D. Carlos II. e do Conſelho de Eſtado delRey Filippe V. Vice-Rey, e Capitaõ General do Reyno de Valença. Morreo a 18 de Março de 1728.

Caſou duas vezes, a primeira em 20 de Mayo de 1688 com Dona Thereſa Henriques, irmãa de Joaõ Thomás Henriques, XI. Almirante de Caſtella, a qual morreo ſem ſucceſſaõ a 5 de Abril de 1716, como já eſcrevemos no Capitulo III. §. II. do Livro VIII.

Caſou ſegunda vez a 9 de Novembro de 1716 com D. Anna Maria Spinola de Lacerda, irmãa inteira de D. Ambroſio Spinola, V. Marquez de los Balvaſes, que foy Embaixador Extraordinario na Corte de Liſboa, e he Eſtribeiro mòr da Princeza das Auſturias, de

de quem já fizemos mençaõ no Capitulo VII. do Livro VIII. e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

19 D. JOSEPH PONCE DE LEON E SPINOLA, que nasceo a 9 de Agosto de 1717, e faleceo a 28 de Outubro do mesmo anno.

19 D. JOACHIM PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de que adiante se fará mençaõ.

19 D. MANOEL PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de quem faremos mençaõ.

19 D. CAETANO PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 25 de Outubro de 1720, e morreo a 14 de Abril de 1722.

19 D. THERESA PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 12 de Outubro de 1721, morreo em Julho de 1723.

19 D. PIO PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 20 de Novembro de 1722, e faleceo a 4 de Julho de 1723.

19 D. FRANCISCO PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de que adiante se tratará.

19 D. ANTONIO PONCE DE LEON nasceo a 15 de Outubro de 1726, que seguindo a vida Militar, foy Capitaõ de Dragoens do Regimento de la Reyna, de que he ao presente Coronel, e serve no Exercito delRey Catholico em Italia com a distinçaõ do seu esclarecido nascimento.

19 DOM JOACHIM PONCE DE LEON SPINOLA LENCASTRE CARDENAS MANRIQUE DE LARA E

MANOEL

MANOEL naſceo a 10 de Janeiro de 1719, foy VIII. Duque de Arcos, IX. de Maqueda, &c. e dos mais Titulos, e Eſtados, que teve o Duque ſeu pay. Foy tambem XV. Duque de Naxera, Conde de Trevinho, e Valença, Senhor de Belmonte de Campos, e Cevico de la Torre, &c. em que ſuccedeo ao ultimo Duque de Naxera Dom Joſeph Porto-Carrero Manrique, que faleceo de curta idade no anno de 1732. Foy Gentil-homem da Camera delRey Dom Filippe V. com exercicio, Coronel do Regimento de Dragoens de la Reyna, Brigadeiro dos Exercitos delRey Catholico, póſtos com que ſervio no Exercito de Italia, com tanta diſtinçaõ, como ſe vio no dia 8 de Janeiro de 1743, em que depois de ter elle cooperado muito a romper a Cavallaria contraria, recebeo huma ferida, que lhe atraveſſou de parte a parte hum braço; e depois deſta acçaõ taõ diſtincta, o fez ElRey Catholico General de Batalha, paſſando o Regimento a ſeu irmaõ D. Antonio: porém a ferida foy malicioſa, que depois de haver padecido com conſtancia a ſua cura, a naõ pode conſeguir, morrendo della a 2 de Agoſto de 1743 em Bolonha, com univerſal ſentimento; porque as partes, de que ſe adornava o faziaõ amavel. Caſou no anno de 1739 com Dona Thereſa da Sylva e Mendoça, (Condeſſa viuva de Luna) filha de D. Joaõ de Deos, Duque do Infantado, Paſtrana, e Lerma, &c. e de ſua mulher, e Prima a Duqueza D. Maria Thereſa de los Rios Zapata e Sylva, como fica eſcrito no Capitulo VII.

VII. do Livro VIII. a pag. 488 do Tomo IX. de quem naõ deixou successaõ.

19 DOM MANOEL PONCE DE LEON SPINOLA LENCASTRE CARDENAS MANRIQUE DE LARA E MANOEL nasceo a 12 de Dezembro de 1719; pela infelicidade da morte de seu irmaõ foy IX. Duque de Arcos, X. de Maqueda, XVI. de Naxera, Marquez de Zahara, e Elche, e de todos os Estados, de que se compoem esta grande Casa, Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio, Coronel de Infantaria do Regimento de Cordova, e Brigadeiro actualmente no Exercito delRey Catholico em Saboya, sendo hum dos Ajudantes do Serenissimo Infante D. Filippe; e por sua ordem trouxe a noticia à Corte de Madrid da entrada, que com o seu Exercito tinha feito na Saboya, que ganhou no anno de 1743: pelo que ElRey lhe deu huma Commenda na Ordem de Calatrava. E voltando para o Exercito, conduzio, e mandou os Regimentos de milicias, com que o Exercito se augmentou; distinguindo-se em todas as occasioens, principalmente na entrada de Pont, e no ataque das trincheiras, ainda que o agreste, e intratavel do terreno, defendido, e cerrado do rigoroso tempo do Inverno, o obrigou à retirada, padecendo inevitaveis contratempos com a neve, que carregaraõ muito com os frios, em caminhos asperos, e embaraçados de Tropas inimigas, mostrou na constancia, com que supportou taõ dilatados discomodos, o esclarecido sangue, de que se animava; e tendo licen-

ça

ça para paſſar à Corte a compor algumas dependencias da ſua grande Caſa, continuou com o ſerviço com tanto zelo, que fatigado do trabalho, veyo a morrer no anno de 1744, ſem ter tomado eſtado.

19 D. FRANCISCO PONCE DE LEON SPINOLA LENCASTRE CARDENAS MANRIQUE DE LARA E MANOEL naſceo a 8 de Dezembro de 1724; foy deſtinado para a vida Eccleſiaſtica, e aſſim aſſiſtio algum tempo em Roma. A pouca duraçaõ de ſeus irmãos os Duques D. Joachim, e D. Manoel, o fizeraõ ſucceſſor da ſua eſclarecida Caſa: he X. Duque de Arcos, XI. de Maqueda, XVII. de Naxera, Marquez de Zahara, e Elche, Conde de Baylen, e Caſares, Senhor de Marchena, &c. Eſtá concertado a caſar com D. Maria do Roſario de Figueiroa, que naſceo no anno de 1732, filha dos XI. Duques de Medina Celi, Segorbe, &c. e VII. Marquez de Aytona, como deixamos eſcrito a pag. 308 do Tomo IX.

CAPI-

CAPITULO X.

De Dom Gabriel de Lencastre, VII. Duque de Aveiro.

NAsceo segundogenito a 9 de Agosto de 1667 do thalamo da Duqueza D. Maria de Guadalupe, D. Gabriel de Lencastre, e desde o berço o destinou sua mãy para lhe succeder na Casa de Aveiro, como temos visto; e porque as contrariedades de seu marido retardaraõ esta resoluçaõ, ElRey D. Carlos II. lhe fez merce de doze mil ducados de prata de renda, que na Cruzada tivera seu tio o Duque de Aveiro D. Raymundo; e creando-o Grande, o fez Duque de Banhos, e lhe deu as Commendas de Carrion, e Calatrava a Velha na Ordem de Calatrava. Foy creado pela sábia direcçaõ de sua esclarecida mãy, e seguindo proveitosos dictames, se ornou de todas aquellas virtudes, dignas de o fazerem recommendavel entre os seus excellsos progenitores, applicando-se à liçaõ dos livros, e estudo das belas letras, e depois à Historia Ecclesiastica, e profana, e se instruhio tambem em algumas partes da Mathematica; desorte, que adquirio huma erudiçaõ estimavel, fazendo-se mais distincta com o uso das linguas Latina, Portugueza, Hespanhola, Franceza, e Italiana, que com propriedade falla, e escreve. Fez algumas Cam-

Salazar, *Historia de la Casa de Lara*, tom. 2. pag. 224.

panhas no Exercito de Catalunha ; e depois esteve em Flandes, na Corte de Pariz, e outras.

Por morte da Duqueza sua mãy, em virtude dos Contratos Matrimoniaes, que já apontámos, e nova cessaõ do Duque de Arcos, (supposto naõ era necessaria) passou a Portugal a litigar com os Oppoentes o Ducado, e Estado de Aveiro; para o que El-Rey, por obviar demoras, e lhe fazer merce, passou hum Decreto a 2 de Agosto de 1718, que em nove mezes fosse sentenciado este pleito a quem pertencesse; e assim lhe foy julgada em hum Sabbado 22 de Fevereiro de 1720: porém sendo embargada pelos demais Oppoentes, a saber: a Marqueza de Unhaõ, Camereira môr, D. Maria de Lencastre; o Marquez de Gouvea, Mordomo môr, D. Martinho Mascarenhas; o Conde de Villa-Nova, Commendador môr de Aviz, D. Pedro de Lencastre; e D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, e Claveiro da dita Ordem, lhe foy depois confirmada a Sentença no Juizo da Coroa do Ducado, e Estado da Casa de Aveiro a 10 de Novembro de 1724; e fazendo os Oppoentes Petiçaõ de Revista, lhes foy negada pelo supremo Tribunal do Desembargo do Paço a 22 de Março de 1729; ficando assim sentenciada a Casa à linha dos descendentes da Duqueza Dona Maria de Guadalupe. Voltando a esta Corte chegou a 16 de Fevereiro de 1732; e fazendo acto de Vassallagem nas mãos delRey D. Joaõ V. a 2 de Mayo, foraõ seus Padrinhos o Conde de Villa-Nova D. Pedro de Lencas-

Prova num. 18.

Lencastre, e D. Rodrigo de Lencastre; e por Real Decreto de 27 de Mayo do dito anno, se lhe mandou dar posse de todos os bens, terras, rendas, e direitos, que se contém nas Doações da dita Casa, na fórma que lhe foraõ julgadas, sem ser necessario requerer pelos meyos ordinarios a execuçaõ della; assim he VII. Duque de Aveiro por Carta passada a 2 de Junho de 1732, Marquez de Torres-Novas, Senhor das Villas de Montemór o Velho, Aveiro, Torres-Novas, Penella, Abiul, Lousãa, Segadaens, Recardaens, Brunhido, Casal de Alvaro, Pereira, e outras terras, Alcaide mòr da Cidade de Coimbra, da Villa de Setuval, Commendador, e Alcaide mòr, e Senhor das Villas de Sezimbra, Barreiro, Arrabida, Çamora Correa, Torraõ, Ferreira, Castro-Verde, Aljustrel, Arruda, Santiago de Cacem, Sines, e da do Sal da Villa de Setuval, todas na Ordem de Santiago; succedendo em todas as mais prerogativas, e privilegios, que tiveraõ os seus predecessores, com hum grande Padroado de Igrejas, que dá, e Alcaidarias mòres, com as datas dos officios de Justiça, e Fazenda, apresentaçaõ de Ouvidores nas suas terras, para o que tem hum Ouvidor da sua Casa, lugar que occupaõ Ministros Togados de grande litteratura, e he hoje o Doutor Dionysio Esteves Negraõ, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, Procurador do Collegio Patriarcal, Ministro benemerito dos mayores lugares; assim tem huma Casa com luzida familia, conservando a representaçaõ dos seus mayores

naquella magnificencia , e trato devido à sua grande pessoa , em que brilha a religiaõ na devoçaõ, com que frequenta as Igrejas , visitando o Santissimo Sacramento no quotidiano Jubileo do Lausperenne, e a caridade , com que generosamente soccorre aos pobres , e outros actos de piedade , em que louvavelmente se exercita. Naõ casou até o presente.

CAPITULO XI.

De Dom Affonso de Lencastre, Marquez de Porto Seguro, Duque de Abrantes.

16 JA deixamos escrito no Capitulo V. que da excelsa uniaõ dos Duques de Aveiro Dom Alvaro, e D. Juliana de Lencastre foy o segundo filho varaõ D. Affonso de Lencastre, o qual nasceo no anno de 1597 no Palacio de Azeitaõ; porque no livro dos Bautismos se acha, que fora bautizado a 18 de Junho do referido anno. A primeira memoria, que achamos sua foy de se achar presente no anno de 1619, quando ElRey Dom Filippe II. passou a este Reyno; e indo a visitar a Duqueza de Aveiro Dona Juliana sua mãy, ElRey mandou cobrir a D. Affonso, e a seus irmãos, como dissemos. Os Duques seus pays lhe fizeraõ Doaçaõ da Capitanía de Porto Seguro no Estado do Brasil; porém naõ precedeo faculdade Real para a sua validade, conforme

Lavanha, *Viagen del-Rey D. Filippe a Port.* pag. 7.

forme era necessario. No anno de 1625 passou à restauração da Bahia, que os Hollandezes tinhaõ invadido, com o posto de Capitaõ de Infantaria; e voltantando ao Reyno, sabendo que os Inglezes estavaõ sobre Cadiz, foy em soccorro daquella Cidade, mostrando em toda a occasiaõ o esclarecido sangue, que o animava, para se portar nas emprezas como devia a seu alto nascimento, que o habilitavaõ para os mayores lugares do Reyno, que depois veyo a occupar.

ElRey Dom Filippe IV. o fez Commendador môr da Ordem de Santiago, e o creou Marquez de Porto Seguro no Estado do Brasil, em attençaõ de casar com D. Anna de Sande, Dama da Rainha D. Isabel de Borbon, de que se lhe passou Carta a 8 de Abril de 1627: *E tendo efeito o dito casamento, para elle Dom Affonso, e seus descendentes deste matrimonio da dita D. Anna de Sande de juro, e herdade na fórma da Ley mental.* Pelo mesmo motivo lhe fez merce de Capitaõ General das Galés de Portugal por Carta patente passada no mesmo dia, e anno, em que diz: *Dom Affonso de Lencastro, meu muito amado sobrinho, &c. por estar concertado para casar com D. Anna de Sande, Dama da Rainha, minha sobre todas muito amada, e prezada molher, &c. havendo effeito o dito casamento, &c. do cargo de Capitaõ General das Galés de Portugal, com tres mil cruzados, como teve o ultimo General, &c.* Depois o fez do Conselho de Estado; e morrendo na Corte de Madrid

Torre do Tomb. Chancellaria de 1627. liv. 29 pag. 38 vers.

drid Dom Antonio de Almeida, Senhor do Sardoal, Alcaide mòr de Abrantes, no anno de 1633, depois de dezoito annos de pertendente do Condado de Abrantes, que fora de ſeus avós, lhe fez merce dos bens, que vagaraõ por D. Antonio, em tres vidas, por Alvará de 23 de Dezembro de 1635, por equivalente de ſeis mil cruzados, que tinha de renda na Caſa da Contrataçaõ de Sevilha, que largou. A eſta merce ſe oppoz D. Miguel de Almeida, que era o herdeiro deſta Caſa, por biſneto de D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, o qual elle depois da reſtituiçaõ da Coroa a ElRey D. Joaõ IV. teve a Caſa com o titulo de Conde de Abrantes. Depois no anno de 1636 a 16 de Janeiro lhe deu faculdade para empenhar os ditos bens. No anno de 1639 tirou a Carta da Alcaidaria mòr de Abrantes, que foy paſſada a 22 de Dezembro do dito anno.

Faleceo Dom Jorge de Lencaſtre, Duque de Torres-Novas, em vida da Duqueza D. Juliana ſua mãy, proprietaria do Eſtado, e Ducado de Aveiro, de quem era filho ſegundo o Marquez de Porto Seguro, que logo intentou ſuccederlhe por ſua morte, preferindo a D. Raymundo filho do Duque D. Jorge, para o que conſultou muitos Letrados grandes, que fizeraõ pareceres a ſeu favor: porém por morte da Duqueza movendo demanda ao Duque D. Raymundo, que elle queria naõ tiveſſe o beneficio da repreſentaçaõ do Duque ſeu pay para ſucceder a ſua avó, de quem elle ſe achava em grao mais chegado,

do, lhe veyo a preferir o Duque D. Raymundo, tendo Sentença a seu favor, proferida a 18 de Setembro de 1637; e he bem para reflectir, que o Marquez procurou o lugar de Regedor das Justiças, para poder melhorar nesta demanda. Todos estes lugares, e titulos, logrou o Marquez em Portugal; e em Castella foy Gentil-homem da Camera do dito Rey, do Conselho de Guerra, Grande de Hespanha, que o fez Duque de Abrantes, e Marquez do Sardoal em Portugal depois da separaçaõ das Coroas, tempo em que o Marquez D. Affonso perdeo tudo o que tinha neste Reyno, por se deixar ficar no de Castella; e sobrevivendo à Marqueza sua mulher, se ordenou Sacerdote, de que se levantou huma questaõ, se sendo Clerigo, devia o Duque de Abrantes gozar das preeminencias da Grandeza, concorrendo na Capella no banco dos Grandes, sobre o que fez muitos papeis, que entaõ imprimio: porém ElRey decidio esta materia, e resolveo, que devia o Duque gozar todas as prerogativas concedidas à Dignidade dos Grandes, excepto de concorrer na Capella ao banco dos Grandes, o que ficou assim decidido para outros semelhantes casos, que depois aconteceraõ. Morreo a 28 de Março de 1654.

Casou a 15 de Julho do anno de 1627 com D. Anna de Sande, II. Marqueza de Val de Fuentes, Condessa de Mejorada, Senhora das Villas de Pinos, Beas, e Valhondo, e dametade de Noves, e Fortaleza, e Vassallos de Mascaraque, a qual tinha sido Dama da Rainha

Casa de Lara, Tom. 2. livro 10. cap. 18. §. I. pag. 431.

Rainha D. Iſabel de Borbon, e morreo a 26 de Janeiro de 1650. Era filha unica, e herdeira de D. Alvaro de Sande, I. Marquez de Val de Fuentes, e III. de la Piovera, Senhor de Valhondo, e da Marqueza D. Marianna de Padilha e Mendoça, Senhora das Villas de Pinos, e Beas, irmãa de D. Antonio de Padilha, I. Conde de Mejorada, que morreo em 18 de Julho de 1627, em cuja Caſa tambem ſuccedeo: eraõ filhos de Dom Antonio de Padilha, Senhor de Noves, e Mejorada, e da Caſa, e Fortaleza de Maſcaraque, Commendador de Val de Penhas, e Caſa Rubio, das Caſas de Sevilha, e Niebla, na Ordem de Calatrava, Alcaide môr da Cidade de Alhama, morreo a 22 de Outubro de 1591; e de ſua mulher D. Joanna de Mendoça e Lacerda, filha de D. Lourenço Soares de Mendoça, IV. Conde da Corunha, Viſconde de Torrija, e de D. Catharina de Lacerda, filha de D. Joaõ de Lacerda, II. Duque de Medina-Celi. Era o Marquez D. Alvaro filho de D. Rodrigo de Sande, II. Marquez de la Piovera, Senhor de Val de Fuentes, e da Marqueza D. Ignes Henriques Manrique, IX. Senhora de Vilhalva, Tavera, Caſtro, Nunhodono, Negrillos, S. Pedro de la Maza, e Mozaraves, (que já tinha ſido caſada com ſeu tio D. Henrique Manrique Henriques, Commendador de Penha de Martos) filha de D. Gomes Henriques Manrique, VIII. Senhor de Vilhalva de los Lhanos, Tavera, &c. filho de D. Alonſo Henriques de Sevilha, VII. Senhor de Vilhalva de los Lhanos, &c. e de

Dita *Hiſtor.* liv. 5. cap. 13. pag. 429.

de D. Ignes Manrique, filha de Henrique Manrique, Senhor do Morgado de Rielves, e Commendador de Carriosa na Ordem de Santiago, da antiga varonía de Manriques de Lara, como se póde ver na excellente Obra desta Casa, no lugar acima citado. Desta esclarecida uniaõ tiveraõ os Marquezes de Val de Fuentes a succeſſaõ seguinte:

* 17 D. AGOSTINHO DE LENCASTRE, II. Duque de Abrantes, que nasceo juntamente com sua irmãa, como diz Salazar de Castro.

17 D. MARIA DE LENCASTRE, que casou em 22 de Outubro de 1692 com D. Pedro de Leiva de Lacerda e de la Cueva, III. Conde de Banhos, Marquez de Ladrada, e Leiva, cuja descendencia fica escrita no Livro VIII. pag. 531 do Tomo IX.

17 D. ALVARO DE LENCASTRE, que morreo menino, que entendemos devia ser o primeiro.

17 D. LUIZ DE LENCASTRE, e parece, que tiveraõ outros, que todos morreraõ de tenra idade.

* 17 D. AGOSTINHO DE LENCASTRE SANDE PADILHA E BOBADILHA nasceo em Lisboa a 12 de Dezembro de 1639, e foy bautizado na Freguesia de Santos por seu tio o Reverendiſſimo Padre Fr. Jacintho de Lencastre, da Ordem dos Prégadores; succedeo a seu pay, e na Casa de sua mãy, e foy segundo Duque de Abrantes, Marquez de Porto Seguro, e Sardoal, III. Marquez de Val de Fuentes, II. de Porto Seguro, e Sardoal, Conde de Mejorada, Senhor de Valhondo, Pinos, Beas, Noves, e Mascara-

que, Padroeiro do Mosteiro da Piedade de Torre Ximeno, e de Nossa Senhora de Frex del Val, que fundou o Adiantado D. Gomes Manrique, seu setimo avô, Senhor de S. Gadea. Foy Cavalleiro da Ordem de Santiago por merce delRey Filippe IV. que o fez Commendador môr da dita Ordem em Portugal, tempo em que já naõ podia ter vigor a tal merce.

Depois da morte do Duque D. Raymundo esperou o Duque de Abrantes tempo para pretender a Casa de Aveiro, como unico varaõ habil para nella succeder; e assim depois da paz celebrada com a nossa Coroa, moveo litigio sobre a successaõ do Ducado, e Estados da Casa de Aveiro contra o Duque Dom Pedro seu tio, em que foy Author, a que se oppoz a Duqueza, entaõ de Maqueda, D. Maria de Guadalupe com seu marido o Duque de Arcos D. Manoel Ponce de Leon, a quem depois da morte do Duque D. Pedro foy sentenciada, como já temos dito. Ficou este Senhor vivendo na Corte de Madrid, onde foy muy estimado dos Reys Carlos II. e Filippe V. e morreo em Fevereiro do anno de 1720. Casou com D. Joanna de Noronha da Sylva, que morreo no principio do mez de Dezembro de 1690, filha de D. Fernando de Noronha, V. Conde, e I. Duque de Linhares, e de sua mulher D. Marianna de Castro, filha de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, Gentilhomem da Camera delRey Filippe IV. com exercicio,

cicio, e Mordomo môr da Casa Real de Portugal, &c. como fica escrito no Livro VI. pag. 216 do Tomo V., e foraõ seus filhos

18 D. AFFONSO DE LENCASTRE, Marquez de Porto Seguro, que morreo sem casar.

* 18 D. FERNANDO DE LENCASTRE, que foy IV. Marquez de Val de Fuentes, e III. Duque de Linhares, de quem adiante daremos noticia.

18 D. JOAÕ MANOEL DA CRUZ E LENCASTRE, seguio a vida Ecclesiastica, foy Capellaõ môr da Encarnaçaõ, e Sumilher da Cortina delRey Catholico, Bispo de Cuenca; e por morte do Duque seu pay foy III. Duque de Abrantes, e Linhares, (por naõ deixar successaõ seu irmaõ) e renunciou o titulo de Duque de Linhares em seu sobrinho Dom Joaõ de Carvajal, que se cobrio Grande, e depois veyo a ser seu herdeiro: foy Patriarca de Indias, lugar que occupou pouco tempo, por falecer em o mez de Outubro de 1733.

18 D. MARIANNA DE LENCASTRE, morreo menina.

* 18 D. JOSEFA DE LENCASTRE, mulher de D. Bernardino de Carvajal, II. Conde de Enjarada, como diremos adiante.

18 D. MANOELA DE LENCASTRE, que foy Dama da Rainha D. Maria Luiza de Orleans, e da Rainha D. Marianna de Baviera, e casou em Madrid a 16 de Outubro de 1690 com D. Joseph Bernardino de Bazan Benavides e Pimentel, Marquez de Santa

Cruz del Viſo, e de Vayona, Grande de Heſpanha, Gentil-homem da Camera delRey, Commendador de Alhambra, e la Solona na Ordem de Santiago, de quem ficou viuva em 27 de Setembro de 1693 ſem filhos. Tomou o habito das Carmelitas Deſcalças no Moſtero de Santa Thereſa de Madrid em Mayo de 1694, onde ſe chamou Soror Maria da Conceiçaõ.

18 D. ANNA AGOSTINHA DE LENCASTRE, Freira no Moſteiro Real da Encarnaçaõ de Madrid, da Ordem de Santo Agoſtinho, donde foy Prioreſſa.

* 18 D. FERNANDO DE LENCASTRE E NORONHA, Marquez de Val de Fuentes, Gentil-homem da Camera delRey Catholico ſem exercicio, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e depois IV. Duque de Linhares, Grande de Heſpanha, General da Cavallaria de Milaõ, Governador de Pavia, Meſtre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico, Vigario Geral dos pórtos de Toſcana, Vice-Rey de Sardenha, e ultimamente Vice-Rey da Nova Heſpanha, onde morreo.

Caſou em 26 de Janeiro de 1686 com D. Leonor da Sylva, Dama da Rainha Dona Maria Luiza de Orleans, que morreo em o anno de 1692, filha de D. Iſidro da Sylva e Portugal, II. Marquez de Orani, Senhor das Baronías de Monabâr, Mur, e Solona, e das Villas de Penhalver, e Alhondiga, Commendador de Galicuela na Ordem de Alcantara, Gentilhomem da Camera ſem exercicio, e Capitaõ General das Galés de Sardenha; e de D. Agoſtinha Portocarrero,

carrero, irmãa do Cardeal D. Luiz Manoel Portocarrero, Arcebispo de Toledo, e filhos de D. Luiz André Portocarrero, I. Marquez de Almenara, e da Marqueza Dona Leonor de Gusmaõ: porém desta uniaõ lhe faltou em breve tempo a successaõ, e veyo a succeder na Casa sua irmãa, como diremos, havendo elle tido os filhos seguintes:

19 D. AGOSTINHO DE LENCASTRE,

19 D. IGNACIA DE LENCASTRE, que ambos morreraõ de curta idade.

Teve de huma mulher Fidalga, fóra do matrimonio,

19 D. N. . . . . . DE LENCASTRE, que he Cavalleiro da Ordem de Santiago, a quem seu pay deixou o que pode para se manter conforme o seu nascimento.

* 18 D. JOSEFA DE LENCASTRE E NORONHA, filha primeira do Duque Dom Agostinho, casou no anno de 1686 com D. Bernardino de Carvajal e Sande Vivero e Motezuma, que foy II. Conde de Enjarada, Veador da Rainha D. Marianna de Baviera, filho de D. Joaõ de Carvajal e Sande, I. Conde de Enjarada, Cavalleiro da Ordem de Calatrava, Regedor, e illustre Fidalgo de Caceres, e de D. Maria de Vivero e Motezuma sua mulher, Senhora de Maraz, e S. Joaõ de Encilha, que litigou com o Conde de Montehermoso a Casa de Fuen Saldanha, por ser filha de D. Alvaro de Vivero e Luna, General da Cavallaria do Exercito da Extremadura, (irmaõ inteiro de D. Affonso Peres de Vivero, III. Conde

de

de Fuen Saldanha, Visconde de Altamira, Gentilhomem da Camera delRey Filippe IV. do Conselho de Estado, e Guerra, Governador de Flandres, e Milaõ, e da Provincia da Extremadura) e de sua mulher D. Marianna de Toledo, e Motezuma, Senhora da Casa, e Morgado de Toledo em Caceres, quarta neta de Motezuma, Emperador de Mexico: o I. Conde de Enjarada era filho de D. Bernardino de Carvajal e Sande, e de D. Isabel Perero e Carvajal sua mulher; elle filho de D. Joaõ de Carvajal e Sande, Senhor de Enjarada, (da varonía legitima da Casa dos Condes de Terrejon) e de D. Luiza de Penha Rol de Lacerda sua mulher, e ella filha de D. Affonso Perero, Fidalgo de Caceres, e de D. Leonor de Carvajal, da mesma linha de Enjarada, e tiveraõ os filhos seguintes:

Histor. da Casa de Lara, tom. 1, liv. 7. cap. 16.

* 19 D. Joaõ de Carvajal e Lencastre, IV. Duque de Abrantes, adiante.

19 Dom Alvaro Joseph de Carvajal e Lencastre, Collegial hospede em o Collegio de S. Bartholomeu em Salamanca, Arcediago de Mora na Sé de Cuenca, Alcaide môr das Fortalezas de Bareja, e Carteza, Sumilher da Cortina delRey Catholico, que sendo nomeado Bispo, o recusou.

19 D. Nicolao de Carvajal e Lencastre, que foy Coronel no Regimento da Coroa, e he Tenente Coronel do Regimento das Guardas de Infantaria, Brigadeiro, e General de Batalha, e Mestre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico,

lico, e Inspector General da Infantaria do Exercito de Italia.

19 D. JOSEPH DE CARVAJAL LENCASTRE, Collegial hospede em o Collegio de S. Bartholomeu em Salamanca, Ouvidor na Chancellaria de Valhadolid, do Conselho, e Camera de Indias, e ultimamente Governador do mesmo Conselho, na ausencia, e enfermidades do Presidente.

19 D. ISIDRO DE CARVAJAL E LENCASTRE, tambem Collegial em S. Bartholomeu de Salamanca, Conego, e Arcipreste na Sé de Cuenca, nomeado Bispo de Barcelona, que por sua virtude, e recolhimento naõ aceitou.

19 D. MARIA MANOELA DE CARVAJAL, Religiosa em o Mosteiro da Encarnaçaõ de Madrid.

19 D. JOANNA DE CARVAJAL, Religiosa no dito Mosteiro, onde se chama Maria Agostinha.

19 D. THERESA DE CARVAJAL, Religiosa no Mosteiro de Corpus Christi de Madrid.

* 19 D. JOAÕ DE CARVAJAL LENCASTRE E NORONHA SANDE PADILHA VIVERO E MOTEZUMA, IV. Duque de Abrantes, e Linhares, III. Conde de Enjarada, e Mejorada, IV. Marquez de Val de Fuentes, e Porto Seguro, &c. Senhor de Pinos, e Beas, e de toda a Casa de seu avô o II. Duque de Abrantes. Foy Coronel do Regimento de la Corona, Brigadeiro, e General de Batalha, e he Mestre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico.

Casou

Casou no anno de 1735 com D. Francisca de Paula de Zuniga e Cordova, filha de D. Valerio de Zuniga, e de D. Anna Maria Pimentel, VIII. Marquezes de Tavara, como dissemos no Livro VIII. Capitulo IV. §. IV. pag. 359 do Tomo IX. a qual faleceo no anno de 1742, de quem teve

20 D. MARIA SINFOROSA DE CARVAJAL LENCASTRE, que nasceo em Junho de 1738.

20 D. MANOEL BERNARDINO DE CARVAJAL DE LENCASTRE E NORONHA SANDE PADILHA VIVERO E MOTEZUMA, que nasceo no anno de 1739 successor de taõ esclarecidas Casas.

CAPITULO XII.

De D. Luiz de Lencastre, Marquez de Malagon em Castella.

16 ENtre os filhos, que deixamos apontados no Capitulo V. que tiveraõ os Duques de Aveiro D. Alvaro, e Dona Juliana, foy D. Luiz Bernabè de Lencastre, que nasceo em Azeitaõ no anno de 1609, e foy bautizado em 17 de Outubro do referido anno. Seus pays o destinaraõ para a vida Ecclesiastica, e assim o mandaraõ estudar à Universidade de Coimbra: porém elle com differente idéa, deixando aquella profissaõ por seguir as armas, passou a servir em Flandres: e sendo em Portugal acclamado

mado o Senhor Rey D. Joaõ IV. se deixou ficar servindo a Coroa de Castella, e foy Mestre de Campo, e General da Artilharia; e por seu casamento, Marquez de Malagon, Conde de Castelhar, Senhor del Viso, Mariscal, e Alfaqueque mór de Castella. Casou no anno de 1651 com a Marqueza D. Theresa Maria Savedra, filha herdeira de Dom Fernando Arias de Savedra, III. Marquez de Malagon, VI. Conde de Castelhar, Senhor del Viso, Mariscal, e Alfaqueque mór de Castella, e da Marqueza D. Catharina Henriques, filha de D. Rodrigo Henriques de Mendoça, I. Marquez de Valdonquilho, filho terceiro de D. Luiz Henriques de Cabrera, VII. Almirante de Castella; e deste matrimonio naõ teve o Marquez successaõ: e morrendo no anno de 1673, casou esta Senhora segunda vez com Dom Balthasar de la Cueva, irmaõ do Duque de Albuquerque, de quem já temos feito mençaõ.

TABOA XIV.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XIII

D. Jorge, filho legitimado delRey D. Joaõ II. havido em D. Anna de Mendoça, naſceo a 12 de Agoſto do anno de 1481, Duque de Coimbra, Meſtre da Ordem de Santiago, e Aviz, ✠ a 22 de Julho de 1550.

Caſou em 31 de Mayo do anno de 1500 com Dona Brites de Vilhena, filha de Dom Alvaro, filho de Dom Fernando, I. Duque de Bragança.

XIV

- D. Joaõ de Lencaſtre, I. Duque de Aveiro, Marquez de Torres-Novas, &c. ✠ a 22 de Agoſto de 1571. Caſou com D. Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real.
- D. Elena de Lencaſtre, Commendadeira do Moſteiro de Santos da Ordem de Santiago.
- Dom Affonſo de Lencaſtre, Commendador môr da Ordem de Santiago. Caſou com D. Violante Henriques, filha de D. Joaõ Coutinho, II. Conde de Redondo.
- D. Luiz de Lencaſtre. *Tab. XV.*
- Dom Jayme de Lencaſtre, Biſpo de Ceuta, Capellaõ môr da Rainha Dona Catharina.
- Dona Filippa de Lencaſtre, Prioreſſa de S. Joaõ de Setuval.
- Dona Iſabel de Lencaſtre, Freira em Setuval, e depois em Santos.
- D. Maria de Lencaſtre, Freira em Setuval.
- D. Antonio de Santa Maria, illegitimo, Frade da Ordem de Santo Agoſtinho, Biſpo de Leiria, ✠ a 16 de Mayo de 1623.
- Dom Joaõ de Lencaſtre, illegitimo, Prior môr de Aviz, ſervio de Capellaõ môr de Filippe II.
- D. Antonio de Lencaſtre, illegitimo, Frade de S. Jeronymo.
- D. Joanna de Lencaſtre, illegitima, ✠ ſem eſtado, recolhida em o Moſteiro de Santos.

XV

Filhos de D. Joaõ de Lencaſtre, I. Duque de Aveiro:

- D. Jorge de Lencaſtre, II. Duque de Aveiro, Marquez de Torres-Novas, &c. ✠ a 4 de Agoſto de 1578 na batalha de Alcacer. Caſou com D. Magdalena Giraõ, filha de Dom Joaõ Telles Giraõ, IV. Conde de Urenha.
- D. Pedro Diniz de Lencaſtre caſou com D. Filippa da Sylva H. do Condado de Portalegre, filha de D. Joaõ da Sylva.
  - D. Juliana da Sylva e Lencaſtre, ✝ pouco depois de ſeu pay.
- D. Joaõ de Lencaſtre, illegitimo, Frade de S. Domingos.

Filhos de Dom Affonſo de Lencaſtre:

- D. Jorge de Lencaſtre, ✠ em Africa a 4 de Agoſto de 1578.
- Dom Manoel de Lencaſtre, Commendador na Ordem de Santiago, Governador do Algarve; teve illegitimos Dom Joaõ, Frade de Santo Agoſtinho, e Dona Maria, Freira em Madrid.
- Dom Alvaro de Lencaſtre, Commendador môr de Santiago, III. Duque de Aveiro, Marquez de Torres-Novas, &c. ✠ em 13 de Setembro de 1626. Caſou com Dona Juliana de Lencaſtre, Duqueza de Aveiro ſua ſobrinha, ✠ a 23 de Agoſto de 1636.
- D. Brites de Lencaſtre, Commendadeira de Santos.
- D. Elena de Lencaſtre, ✠ ſem eſtado.
- Dona Maria, Dona Filippa, Dona Anna, Freiras em S. Joaõ de Setuval.
- D. Jeronymo de Lencaſtre, illegitimo, Prior de S. Miguel de Torres-Vedras; teve BB. a D. Luiz de Lencaſtre, que foy Prior da dita Igreja; Dom Conſtantino de Lencaſtre, que paſſou à India no anno de 1605; D. Alvaro, Dona Anna, Freira, em Torres-Novas, e D. Fulgencia.

XVI

Filha de D. Jorge de Lencaſtre, II. Duque de Aveiro:

- Dona Juliana de Lencaſtre, III. Duqueza de Aveiro, ✠ a 23 de Agoſto de 1636. Caſou no anno de 1588 com ſeu tio D. Alvaro de Lencaſtre.

Filhos de Dom Alvaro de Lencaſtre e Dona Juliana:

- Dom Jorge de Lencaſtre, I. Duque de Torres-Novas, ✠ em o primeiro de Setembro de 1632 tendo viva ſua mãy. Caſou I. vez com D. Anna Doria, filha de Andre Doria, Principe de Melfi, S. G. II. com Dona Anna Manrique de Cardenas e Lara, filha de D. Bernardino, III. Duque de Maqueda.
- D. Affonſo de Lencaſtre, Marquez de Porto Seguro, e de Val de Fuentes, Duque de Abrantes, ✠ a 28 de Março de 1654. Caſou com D. Anna de Sande, II. Marqueza de Val de Fuentes, Condeſſa de Mejorada, filha H. de D. Alvaro de Sande, Marquez de Val de Fuentes, ✠ no anno de 1650, e elle ſe fez Clerigo.
- D. Joaõ de Lencaſtre, Frade da Ordem de Saõ Domingos, e ſe chamou Fr. Jacintho.
- D. Pedro de Lencaſtre, Inquiſidor Geral de Portugal, nomeado Arcebiſpo de Evora, V. Duque de Aveiro, e Torres-Novas, &c. ✠ a 23 de Abril de 1673.
- D. Antonio de Lencaſtre.
- D. Luiz Bernabé de Lencaſtre, Marquez de Malagon, ✠ em 1673. Caſou com D. Thereſa Maria de Savedra, Marqueza de Malagon, filha H. de D. Fernando Arias de Savedra, III. Marquez de Malagon, S. G.
- D. Magdalena de Lencaſtre, caſou com D. Diniz de Faro, II. Conde de Faro.
- D. Marianna de Lencaſtre, Freira na Madre de Deos de Lisboa.
- Dona Maria de Lencaſtre, terceira mulher de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, caſou a 28 de Abril 1625.
- Dona Brites de Lencaſtre, Freira em S. Joaõ de Setuval.
- D. Violante de Lencaſtre, caſou com D. Lourenço Pires de Caſtro, III. Conde de Baſto.
- D. Luiza de Lencaſtre, Freira em S. Joaõ de Setuval.
- D. Iſabel, D. Ignez, D. Manoel, ✠ de tenra idade.

XVII

Filhos de Dom Jorge de Lencaſtre, I. Duque de Torres-Novas:

- II. Dom Raymundo de Lencaſtre, Manrique de Cardenas, IV. Duque de Aveiro, e Torres-Novas, &c. em Caſtella Duque de Ciudad Real, e VII. de Maqueda, Marquez de Elche, ✠ a 5 de Dezembro de 1665. Caſou com D. Luiza Clara de Ligne, filha de Claudio Lamoral, Principe de Ligne, e Ambliſe, e do Sacro Rom. Imp. &c. S. G.
  - Dom Pedro de Lencaſtre, illegitimo, ✠ no anno de 1676.
- II. D. Joaõ Manrique de Lencaſtre e Cardenas, ✠ em 1657, intitulouſe Duque de Naxera, e Maqueda.
- II. D. Maria de Guadalupe de Lencaſtre, VI. Duqueza de Aveiro e Torres-Novas, &c. VIII. Duqueza de Maqueda, &c. ✠ a 9 de Fevereiro de 1715. Caſou em 1665 com D. Manoel Ponce de Leon, VI. Duque de Arcos, ✠ a 28 de Novemb. de 1693.
  - Dom Gabriel de Lencaſtre, naſceo a 9 de Agoſto de 1667, he VII. Duque de Aveiro, Marquez de Torres-Novas, &c.
- II. D. Luiza, ✠ menina.

Filhos de D. Affonſo de Lencaſtre, Marquez de Porto Seguro:

- D. Agoſtinho de Lencaſtre de Sande e Padilha, naſceo a 12 de Dezembro de 1639, IV. Marquez de Val de Fuentes, Conde de Mejorada, Duque de Abrantes, e Marquez de Porto Seguro, ✠ no anno de 1720. Caſou com D. Joanna de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha, intitulado Duque de Linhares, ✠ em Dezembro de 1690.
- D. Maria de Lencaſtre, primeira mulher de D. Pedro de Leiva de Lacerda, III. Conde de Banhos, Marquez de Ladrada, e Leiva, caſaraõ em 22 de Outubro do anno de 1654.
- Dom Alvaro de Lencaſtre, ✠ menino.
- Dom Luiz de Lencaſtre, ✠ menino.

Filhos de D. Agoſtinho de Lencaſtre de Sande:

- D. Affonſo de Lencaſtre, ✠ menino.
- D. Fernando de Lencaſtre, IV. Marquez de Val de Fuentes, Gentil-homem da Camera com exercicio, Vice-Rey da Nova Heſpanha. Caſou no anno de 1686 a 25 de Janeiro com D. Leonor da Sylva, filha de D. Iſidro da Sylva e Portugal, II. Marquez de Orani, ✠ em 1692.
  - D. Agoſtinho de Lencaſtre, ✠ menino.
  - D. Ignacia de Lencaſtre, ✠ menina.
  - D. N. . . . . . de Lencaſtre, illegitimo, Cavalleiro da Ordem de Santiago.
- D. Joaõ Manoel e Lencaſtre, Clerigo, Sumilher da Cortina delRey, Biſpo de Cuenca, Duque de Abrantes, Patriarca de Indias, ✠ em Outubro de 1733.
- D. Marianna de Lencaſtre, ✠ menina.
- D. Joſefa de Lencaſtre caſou em 1686 com Dom Bernardino de Carvajal, II. Conde de Enxarada com ſucceſſaõ.
- D. Manoela de Lencaſtre caſou a 16 de Outubro de 1690 com D. Joſeph Bernardino de Benavides, VI. Marquez de Santa Cruz del Viſo, e Bayona, ✠ a 27 de Setembro de 1693, e ella ſe fez Carmelita Deſcalça.
- D. Anna Agoſtinha de Lencaſtre Freira na Encarnaçaõ de Madrid.

CAPITULO XIII.

De D. Luiz de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Aviz.

14 TEndo dado fim nos Capitulos precedentes às primeiras duas linhas dos descendentes do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e da Duqueza D. Brites de Vilhena, nos resta outra naõ menos illustre de seu terceiro filho D. Luiz de Lencastre, em quem hoje se conserva a varonía do Duque Mestre: a primeira merce, que este lhe fez, foy a Commenda, e Alcaidaria môr de Veiros com o habito da Ordem de Aviz, por Alvará de 27 de Junho de 1540. Depois lhe deu a Dignidade de Commendador môr da Ordem de Aviz, por Alvará de 26 de Abril de 1513, tendolhe já feito merce das Commendas de Veiros, Coruche, Seda, Alcanede, Landroal, e Fronteira, com as apresentações dos officios, por Alvará de 19 de Julho de 1550. Teve tambem as Alcaidarias môres de Veiros, Landroal, Aviz, Alcanede, Benavente, Cabessaõ, e Benavilla, e ultimamente a Commenda de Estremoz, tudo na mesma Ordem; de sorte, que lhe deu rendas, com que pudesse ter huma Casa com o luzimento devido a ser seu filho. No anno de 1531 lhe fez merce ElRey D. Joaõ III. do assentamento, e honras de Marquez por

Chronica delRey Dom Manoel, part. 3. cap. 45.

Prova num. 18.

Prova num. 19.

por ſer filho do Duque de Coimbra, com o tratamento de Sobrinho, e lhe fez entre outras merces a de confirmar as que o Duque ſeu pay lhe havia feito; porque foy ElRey particularmente inclinado a Dom Luiz, por nelle concorrerem virtudes, que no ſeu eſclarecido naſcimento ſe faziaõ ainda mais eſtimaveis. Na occaſiaõ em que a Princeza D. Joanna paſſou a Portugal no anno de 1552, entre os Senhores, que foraõ nomeados para aſſiſtir ao auto da entrega, foy o Commendador môr de Aviz em a companhia de ſeus irmãos o Duque de Aveiro, e o Commendador môr da Ordem de Santiago, e naõ moſtrou menos luzimento neſta occaſiaõ; porque levava de ſua comitiva ſeſſenta homens a cavallo da ſua familia, alguns Alabardeiros, e vinte azemolas, cobertas de repoſteiros bordados com ſuas Armas. ElRey D. Sebaſtiaõ o mandou por Embaixador Extraordinario a Caſtella no anno de 1568 a dar os pezames a ElRey D. Filippe II. da morte do Principe D. Carlos ſeu filho; e tendo cumprido com eſta miſſaõ, ſuccedeo morrer a Rainha D. Iſabel de Valoes, terceira mulher do proprio Rey, lhe foy encarregado a viſitar a ElRey por aquelle motivo, o que tudo cumprio cabalmente com muita authoridade, e ſe recolheo ao Reyno. No anno de 1574 confirmou o dito Rey as merces, que o Commendador môr tinha no Alvará, que paſſou a ſua mulher Dona Magdalena de Granada, para nellas ſuccederem ſeu filho, e neto; e no Alvará diz: *Dom Luiz meu muito amado, e prezado ſobrinho, filho*

Chronica delRey Dom Joaõ III, part. 4. cap. 95.

filho do Mestre de Santiago, meu muito amado, e prezado Primo. No anno de 1562 celebrou hum contrato a 29 de Agosto com as Freiras de S. Joaõ de Setuval da compra da Capella môr da sua Igreja para seu enterro, e da sua Casa, pelo valor de dous mil cruzados: foy feita a Escritura por Henrique Nunes, e se conserva no Cartorio da Casa de Villa-Nova. Faleceo, parece, no principio do anno de 1574; porque em Fevereiro já seu filho estava de posse da sua Casa. Jaz na Capella môr da dita Igreja de S. Joaõ de Setuval.

Casou no anno de 1540 com D. Magdalena de Granada, Dama da Rainha D. Catharina, que a estimou muito, a quem os Reys casaraõ com o Commendador môr, fazendolhe muitas merces, segurandolhe as suas arrhas: a Rainha além de muitas joyas lhe deu dezaseis mil cruzados, que se depositaraõ na maõ do Thesoureiro Diogo Salema, e ElRey mandou, que se empregassem em tença de juro a dezaseis o milhar, e depois lhe fez outras merces. Era filha do Infante D. Joaõ de Granada, Governador de Galiza, e de D. Brites de Sandoval sua primeira mulher, filha de D. Joaõ de Sandoval, Senhor de Ayora, e parte de Huessa, e Munhessa, que nas alterações de Castella seguio a fortuna de seu pay: pelo que voltou ao Reyno no principio do Reynado delRey D. Henrique IV. e de sua mulher D. N. . . . de Mendonça, como diz D. Melchior de Teive, do Conselho de Guerra, no Tratado que escreveo da ascendencia,

Fr. Prudencio de Sandoval, *Chron. do Emperador Dom Affonso VII. na descendencia da Casa de Sandoval, Duques de Lerma*, pag. 231.

Teive, *Casa de Sandoval*, [illegible]

dencia, e descendencia da Casa de Sandoval; porque os demais Genealogicos naõ lhe expressaõ o nome, sendo que foy D. Ignes de Leiva, o que nos affiança o douto Salazar na estimadissima Obra da Casa de Lara. Era filho quarto de D. Diogo Gomes de Sandoval, I. Conde de Castro, e de Denia, Adiantado, e Chanceller môr de Castella, Mordomo môr da Rainha D. Maria de Navarra, Senhor das Villas de Lerma, Cea, Denia, Gumiel, Portilho, Saldanha, e outras muitas, e da Condessa D. Brites de Avelhaneda sua primeira mulher, Senhora de Gumieles. Era o Infante D. Joaõ de Granada irmaõ de Mahunad Baudalin, chamado o *Chico*, ultimo Rey de Granada, filhos de Muley Abul-Hayen, Rey de Granada; porém o Infante D. Joaõ da segunda mulher (que tendo sido Christãa, ElRey seu marido a fez tornar Moura) chamada Zoroyra, de quem tambem foy filho D. Fernando, Infante de Granada, que com seu irmaõ receberaõ de sua livre vontade a nossa Santa Fé, que antes se chamava Cad, e seu irmaõ Nacre, tomaraõ os nomes, o primeiro delRey D. Fernando o Catholico, e o segundo do Principe D. Joaõ seu filho; e a a Rainha Zoroyra sua mãy reconciliando-se à Santa Fé, se chamou D. Isabel de Solir; e eraõ descendentes legitimos do primeiro Rey de Granada por linha feminina, e por varonía de Arraez de Malaga Farrachem, valeroso, e muy estimado, em quem muito antes tinha entrado o sangue Real dos Reys de Granada; porque Muley Abul-Hayen, pay dos ditos Infantes,

Histor. da Casa de Lara, tom. 3. liv. 10. cap. 16. §. 5. pag. 510; e no liv. 8. cap. 4. pag. 56 e pag. 73.

Garibay, *Historia de Esp.* liv. 40. cap. 26. Teive, *Casa de Sandoval*, pag. 570 mihi.

fantes, que concorreo no tempo delRey D. Henrique IV., foy filho delRey Aben Ismael, que succedeo no Reyno no fim do reynado delRey D. Joaõ II. de Castella; havendo com o seu favor desapossado a ElRey Mahomad Abden Ismael o *Coxo*, seu primo com irmaõ, que eraõ filhos do Infante de Gadix, irmaõ delRey Maohomad o *Esquerdo*, filhos delRey Joseph III. que começou a reynar no anno de 1408, e morreo de huma setta envenenada, era filho de Mahomad, VIII. do nome, X. Rey de Granada, chamado Gadix, pelo muito, que illustrou aquella Cidade; e de sua mulher a Rainha Hadiza, filha delRey de Tunes, e succedeo a seu pay na Coroa de Granada no anno de 1379, chamado ElRey Mohumad o *Velho*, que concorreo com os Reys D. Pedro, e D. Henrique de Castella seu irmaõ; e destruîo Ubeda, e Baeça, chegando-se muito a Cordova; e sendo despojado do Reyno por Mahomad, a quem commummente chamaõ *ElRey Vermelho de Granada*, elle valerosamente o recobrou, lançando-o fóra, buscou o amparo delRey D. Pedro de Castella o *Cruel*, e foy por seu mandado publicamente justiçado em Sevilha, contra o que devia à fé do asylo, que buscara, e a pessoa de hum Rey, ainda que barbaro, merecia diversa attençaõ; mas ElRey D. Pedro pareceo mais barbaro na sua tyrannia, e crueldade, do que era por nascimento, e crença o infiel, e desgraçado. Tinha Mahomad o *Velho* succedido na Coroa a ElRey Juceph Aben-

Amet

Amet ſeu ſobrinho no anno de 1348, que era irmaõ delRey Iſmael, e filho de Tarachem Araez de Malaga, muy conhecido naquelle tempo pelo ſeu valor entre os Mouros, que paſſou à Africa; tomou Ceuta, fez guerra a ElRey de Fez, a quem conquiſtou varias povoações; ElRey Mahomad Abden Alhamar III. o caſou com huma irmãa ſua, filha de Mahaomad Mir Almuz Lemun, II. Rey de Granada, que entrou a reynar no anno de 1263, ſuccedendo a ſeu pay Mahomad Aben Alhamar, Rey I. de Granada, que começou a reynar no anno de Chriſto de 1236; era natural de Arjona, donde primeiro foy levantado Rey, e pouco depois em Granada. Deſorte, que por ſucceſſaõ continuada, ainda que quebrada a varonía, ſe continuou em ſeus deſcendentes a Coroa de Granada até o anno de 1429, em vinte e hum Reys, muy valeroſos, ainda que infieis, e com brios de Heſpanhoes; e por iſſo foraõ os ſeus Reys muy eſtimados dos Principes Chriſtãos, com quem ſe confederavaõ, e ajudaraõ muitas vezes nas ſuas expedições. Pareceo-nos dar conta da aſcendencia do Infante D. Joaõ de Granada, e antes que demos da ſua ſucceſſaõ, daremos conta da de ſeu irmaõ D. Fernando, Infante de Granada, que caſou tambem com outra Senhora da Caſa de Sandoval, prima com irmãa de D. Brites de Sandoval ſua cunhada, chamada D. Mecia de la Vega, filha de Dom Diogo de Sandoval, Senhor do Caſtello de Villa Vega, que morreo no Boſque del Pardo no anno de 1495, era irmaõ

Alonſo Telles de Menezes, *Blazones, e Solares de las Caſas de Eſpaña.*

irmaõ de D. Joaõ, e filhos do Conde D. Diogo Gomes de Sandoval, e de sua mulher D. Leonor de la Vega, Senhora de Tordehumos, e do Castello da Villa Vega, e outros Lugares, filha de D. Gonçalo Rodrigues de la Vega, e de sua mulher D. Mecia Telles de Toledo; era D. Gonçalo filho de D. Diogo Furtado de Mendoça, Senhor de Hita, e Buitrago, Almirante de Castella. Foy D. Mecia de la Vega filha unica, e herdeira da Casa de seus pays, e foy Senhora de Tordehumos &c. e casou quatro vezes, a primeira com D. Pedro de Mendoça, filho de D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado; a segunda com D. Bernardino de Quinhones, Conde de Luna; a terceira com D. Joaõ de Mendoça, filho do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça; e a quarta com D. Fernando, Infante de Granada, pelo que lhe chamaraõ a Infanta D. Mecia; porém de nenhum destes matrimonios teve successaõ. A que teve o Infante D. Joaõ (além de D. Magdalena, que he o motivo porque nos dilatamos) da Infanta D. Brites de Sandoval sua primeira mulher, D. Bernardino de Granada, que foy o primeiro, e servio ao Emperador Carlos V., e casou com D. Francisca de Castella, de quem nasceo D. Joaõ de Granada, que casando em Valhadolid com D. Joanna de Castella, naõ teve filhos. O segundo foy D. Joaõ de Granada, que naõ casou, nem teve successaõ. E D. Isabel de Granada foy Dama da Emperatriz D. Isabel, huma das mais fermosas Senhoras do seu tem-

po; naõ caſou, e morreo em Valhadolid, e eſtá enterrada nas Huelgas. D. Filippa de Granada, e D. Magdalena de Granada, que paſſou a Portugal por Dama da Rainha D. Catharina, irmãa do Emperador Carlos V. D. Melchior de Teive diz, que do Infante D. Joaõ naõ ha mais deſcendencia legitima, que por ſua filha D. Magdalena de Granada. Dom Alonſo Telles de Menezes fallando neſtes Infantes, diz: ***Huvieron generacion, de que ay deſcendencia de principales Cavalleros.*** Fr. Prudencio de Sandoval, que hum pouco confunde eſta materia; porque depois de dar a D. Fernando caſado com D. Mecia de la Vega, como acima diſſemos, declarando ſer da Caſa Real de Granada, diz: ***De la Caſa Real de Granada, de cuyos Reys quedaron dos ſucceſſores, que fueron muy eſtimados de los Señores Reys Catolicos, y del Emperador nueſtro Señor, que fueron D. Pedro de Granada***, (eſte me parece ſer D. Fernando) ***que fue del habito de San Tiago, y primer Aguazil mayor de Granada, que ſerviò mucho en la conquiſta de aquel Reyno: Don Juan de Granada, que fue del habito de Santiago, y Governador de Galiza***: e pouco adiante fallando dos filhos do I. Conde de Caſtro, diz: ***Don Juan de Sandoval, que tuvo a D. Brites de Sandoval, que bolviò a caſar en la Caſa de Granada con D. Juan de Granada***; que he o Infante de Granada, de quem tratamos, de quem foy filha D. Magdalena de Granada, e foraõ ſeus filhos, e do Commendador môr

D.

15 D. Luiz de Lencastre, Commendador môr, com quem se continúa no Capitulo XIV.

15 D. Joaõ de Lencastre, Commendador de Coruche, e a sua descendencia se escreverá no Capitulo XXII.

15 D. Brites de Lencastre, Duqueza de Bragança, casou com o Duque D. Theodosio I. de quem foy segunda mulher, como se disse no Capitulo XIII. do Livro VI. Tomo VI. pag. 106.

15 D. Maria de Lencastre, ♀. I.

15 D. Anna de Lencastre, Commendadeira de Santos, donde professando em 10 de Abril do anno de 1579, poucos dias depois foy logo provida no lugar de Commendadeira de Santos, como se vê de huma Provisaõ delRey D. Henrique em que ordenava accrescentar aquelle Mosteiro, assim em numero de Religiosas, como em rendas, e edificios, e provia algumas cousas em observancia da Casa, e dizia: *Dom Henrique por graça de Deos Rey de Portugal, &c. como Governador, e perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria de Sam Tiago. Faço saber a vós D. Anna de Lencastre minha muito prezada sobrinha, Commendadeira do Mosteiro de Santos da dita Ordem, e à Vigaria, e maes Dónas, que pella obrigaçaõ, que tenho a esse Mosteiro de prover em tudo, que ao bem delle cumpre, para que Nosso Senhor seja servido, e as couzas da dita Ordem vaõ em crescimento, &c. Feita em Lisboa a 20 de Mayo de 1579.* Estimava ElRey muito a Commendadei-

Historia Tripartita part. 3. do Mosteiro de Santos, §. 17. pag. 439.

ra, aſſim pelo ſeu alto naſcimento, e parenteſco com a Caſa Real, como pela ſua virtude, e authoridade, com que governava aquelle Real Moſteiro com particular obſervancia, conforme os ſeus Eſtatutos, conſervando-o na reputaçaõ, que ſe devia a huma tal Caſa. Com a mudança da Coroa de Portugal à de Caſtella, experimentou a Commendadeira D. Anna a meſma attençaõ com os Reys Filippe II. e ſeu filho Filippe III. porque recebeo delles eſpeciaes merces feitas à ſua peſſoa, com que era eſta Senhora rica; porque além das ordinarias de ſeu lugar, tinha quatro mil cruzados de renda, (naõ pouco naquelle tempo) e tudo gaſtava em utilidade do Moſteiro, e no culto Divino, de que era muy devota, deſejando que tudo ſe obraſſe com perfeiçaõ, e aceyo. Tinha junto hum grande numero de Reliquias inſignes, em que entrava o Santo Lenho, a do Santo Sudario, da Columna, e da Eſponja, e da Veſtidura de Chriſto Senhor noſſo, Véo de Noſſa Senhora, de S. Pedro, e outros Apoſtolos, e de muitos inſignes Martyres, que collocou em huma grande Cruz de prata dourarada, obra primoroſa, onde no pedeſtal da meſma Cruz, pela parte de dentro, mandou abrir o letreiro ſeguinte: *Dona Anna de Lencaſtro, Commendadeira deſte Moſteiro de Santos, deu eſta Cruz com as ſuas Reliquias, para a Igreja do meſmo Moſteiro em honra dos Santos Martyres, anno de 1624*; a qual ſe coſtuma expor na Igreja nos dias da Invençaõ, e Exaltaçaõ da Cruz, e no dia do Patraõ de Heſpanha o Apoſ-

o Apostolo Santiago. Além desta insigne memoria, que deixou a Commendadeira D. Anna, fez outra Cruz mais pequena, onde se vem outras Reliquias, e hum Dente do Apostolo Santiago, com tres Ossos dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia. Em tudo se augmentou este Real Mosteiro no seu tempo; assim no espiritual, como no material, e em rendas. ElRey Dom Henrique lhe fez Doaçaõ da Commenda de Canha, annexando-a *in perpetuum* ao Mosteiro; e nesta Doaçaõ faz huma declaraçaõ em grande abono, e estimaçaõ da Communidade, e diz o seguinte: *E assim hey por bem, que haja D. Anna de Lencastro minha muito prezada sobrinha, Commendadeira do dito Mosteiro de Santos, cem mil reis em cada hum anno, em dias de sua vida, para seu ordenado, e ajuda de sua sustentaçaõ, além das suas rações, e rendas, que saõ applicadas ao dito cargo, e dos sessenta e quatro mil e quinhentos, que tem cada anno assentados nas rendas da Mesa Mestral da dita Ordem da Villa de Setuval, que naõ largará, posto que lhe fizessem merce delles, com declaraçaõ que os houvesse, em quanto se naõ annexassem ao dito Mosteiro rendas, em que lhe pudessem ser pagas, &c. Dada em a Villa de Almeirim aos 23 dias do mez de Janeiro. Simaõ Botelho a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1580.* E se ainda fora mais dilatado o seu reynado, experimentaria o Mosteiro grandes ventagens nas rendas, e mayor numero de Religiosas, e na grandeza do edificio, que seu succes-

successor ElRey Dom Filippe executou nesta parte, comprando sitio, e concorrendo com a despeza para a grandeza do edificio, que permanece, a que se deu principio, lançando-se a primeira pedra em 9 de Fevereiro de 1609, cuja magnifica obra, se fosse continuada, e se acabasse, segundo a deliniaçaõ da sua planta, seria hum dos sumptuosos edificios do Reyno; porque constava de dous grandes corpos, e no meyo corria a Igreja, que havia de ser magnifica, porém toda a obra ficou imperfeita. Tudo quanto podia, dispendia a Commendadeira no adorno da Igreja; porque a sua devoçaõ desejava, que Deos fosse servido com grandeza, e precioso culto; e assim a enriqueceo de pessas, ricos ornamentos, e alfayas, augmentando o Mosteiro naõ menos nos costumes, e na observancia, de que foy muy zelosa; desejando nas suas subditas a perfeiçaõ na vida, e que se adiantassem na virtude; e assim teve muitas, que se distinguiraõ em a observancia do estado Religioso. Recebeo vinte e oito Religiosas no seu tempo, e senaõ todas illustres por nascimento, com as circunstancias da nobreza, que requer o seu Estatuto, que naõ he razaõ se deva dissimular, nem quebrar daquelle vigor, com que foy instituido aquelle Mosteiro de Santos, e o da Encarnaçaõ, para mulheres de nascimento Fidalgas. Alguns annos antes da sua morte pedio a Commendadeira D. Anna de Lencastre licença a El-Rey, como Mestre da Ordem, para renunciar o lugar de Commendadeira na pessoa de sua prima com

irmãa

irmãa D. Brites de Lencaſtre, irmãa do Duque de Aveiro, que ElRey lhe concedeo, fazendo-a Coadjutora, e futura ſucceſſora da Commendadeira Dona Anna, cuja memoria chega até o anno de 1625, em que parece faleceo.

15 D. Magdalena de Granada, §. II.

§. I.

15 Dona Maria de Lencastre caſou com Joaõ Gonçalves da Camera, II. Conde da Calheta, e VI. Capitaõ Donatario da parte do Funchal da Ilha da Madeira, filho de Simaõ Gonçalves da Camera, primeiro Conde da Calheta, e da Capitanía da Ilha da Madeira da parte do Funchal, como quinto neto de Joaõ Gonçalves Zarco, deſcobridor da dita Ilha, e primeiro Capitaõ, Governador, e Donatario da parte, que chamaõ o Funchal, que dá nome à Cidade, por merce do primeiro de Novembro de 1450; e tendo ſervido com ElRey Dom Sebaſtiaõ em Africa, que attendendo a ſeus ſerviços, e merecimentos, o fez Conde da Calheta, Villa ſua na Ilha da Madeira, no anno de 1576 com outras merces, diſpenſando duas vezes na Ley Mental; morreo a 4 de Março de 1580, e jaz ſepultado com ſeus avós em o Moſteiro de Santa Clara do Funchal; e tinha ſido caſado com D. Iſabel de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina, com quem tinha vindo de Caſtella, filha de Ruy Dias de Mendoça, Senhor de Moron,

Meſtre-

Mestre-Salla dos Reys Catholicos, e de sua mulher D. Brites de Noronha, filha de Ruy Vaz Pereira o *Velho*; e tiveraõ os segundos Condes da Calheta o filho, e filha, que se seguem:

16 DONA ISABEL DE LENCASTRE, que casou com D. Luiz da Sylveira, III. Conde da Sortelha, como adiante se dirá.

16 SIMAÕ GONÇALVES DA CAMERA, que foy III. Conde da Calheta, e VII. Capitaõ Donatario da parte do Funchal, da Ilha da Madeira. Casou duas vezes, a primeira com sua prima com irmãa D. Maria de Leucastre, irmãa de seu cunhado, e filha dos segundos Condes de Sortelha, de quem naõ teve filhos. Casou segunda vez com D. Margarida de Menezes e Vasconcellos, Dama da Rainha D. Margarida de Austria, filha herdeira de Ruy Mendes de Vasconcellos, I. Conde de Castello-Melhor, Senhor de Valhelhas, Almendra, Alcaide mór da Covilhãa, e de Penamacor, e de D. Isabel de Menezes sua mulher, de quem teve

17 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA, IV. Conde da Calheta, VIII. Capitaõ da parte do Funchal, da Ilha da Madeira, pelo que foy chamado communmente o *Conde Capitaõ*. Casou com D. Ignez de Menezes, viuva de D. Lourenço Filippe de Brito Nogueira e Lima, II. Conde dos Arcos, e filha herdeira de D. Antonio de Menezes, que ficando viuva, e sem successaõ, em 27 de Março de 1656, distribuindo a sua fazenda com muita piedade, tomou

o ha-

o habito das Carmelitas Descalças no Mosteiro de Santo Alberto, onde foy duas vezes Priora, e viveo com grande exemplo, e opiniaõ de virtuosa.

17 D. MARIANNA DE LENCASTRE VASCONCELLOS E CAMERA, que tinha sido escolhida por seu avô materno, em virtude da faculdade Real, para lhe succeder na Casa, e Condado de Castello-Melhor, com condiçaõ de haver de casar com seu parente Francisco de Vasconcellos e Sousa, Alcaide mòr, e Commendador de Pombal; e por elle morrer antes de se effeituar o matrimonio com esta Senhora, a demandou seu irmaõ Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, Alcaide mòr de Pombal, com quem casou, e foy segunda Condessa de Castello-Melhor; e por morte de seu irmaõ, succedeo na Casa da Calheta, sem embargo da demanda, que sobre esta successaõ lhe moveo sua irmãa a Marqueza de Niza, e foy IX. Senhora Donataria da Capitanía da parte do Funchal, da Ilha da Madeira; e da sua successaõ temos já dado noticia no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 226 do Tomo IX.

17 D. IGNEZ DE NORONHA casou com D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, e I. Marquez de Niza, Almirante da India, do Conselho de Estado, &c. por morte de seu irmaõ o Conde da Calheta trouxe demanda sobre a successaõ da Casa com sua irmãa a Condessa de Castello-Melhor, por estas Casas se naõ deverem unir na mesma pessoa, conforme a disposiçaõ testamentaria de seu avô ma-

terno o I. Conde de Castello-Melhor, de quem havia sido herdeira, porém teve sentença contra si: a sua descendencia já deixamos escrita no Capitulo IV. do Livro IX. pag. 567 do Tomo X.

§. II.

* 15 D. Magdalena de Granada, que foy a quarta filha do Commendador mòr Dom Luiz de Lencastre, casou com Dom Joaõ da Sylveira, filho herdeiro de D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha, Guarda môr delRey D. Sebastiaõ, e depois delRey D. Henrique, Senhor de Segadaens, Recardaens, e Brunhido, de Oliveira do Conde, de Goes, e Cellavica, Carrellos, Pinheiro, Penhalva, S. Giaõ, do Morgado, e Defeza de pedra alçada, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Matosinhos, Paiva, Baltar, e outras terras, Alcaide môr do Porto, que depois de ter servido em Africa com reputaçaõ, foy Embaixador del-Rey D. Manoel a ElRey D. Fernando o Catholico, a cuja morte se achou presente; e voltando ao Reyno, foy mandado por Embaixador a Saboya; e de sua mulher D. Camilla de Noronha, filha de D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, por Carta delRey D. Manoel, feita a 28 de Mayo do anno de 1504, que vimos; foy Governador da Casa do Civel, Védor da Fazenda dos Reys

D.

D. Affonso V. D. Joaõ II. e D. Manoel, Camereiro mòr delRey D. Joaõ III. e do Conselho de todos os ditos Reys, Superintendente das Aposentadorias de Lisboa; e tendo taõ grandes lugares, que o faziaõ respeitado, costumava dizer, que todo o homem havia de fazer mais por adquirir homens, que dinheiro; porque havia occasioens, em que valiaõ mais os amigos, do que a fazenda; e assim quando o consolavaõ na morte de seu filho primogenito, com o successor que lhe ficava, respondeo com este adagio Portuguez: *Temo que lhe naçaõ malvas à porta*; *porque naõ conhece, que o thesouro dos prudentes saõ os amigos.* Naõ chegou D. Joaõ da Sylveira a succeder na Casa de seu pay, por morrer em sua vida na batalha de Alcacere no anno de 1578, deixando os filhos, que se seguem:

16 D. Diogo da Sylveira, que succedendo a seu avô, teve largas demandas com seu tio D. Alvaro da Sylveira, Commendador de Sortelha na Ordem de Christo, e tendo-as já vencido, morreo solteiro, sem ter tido successaõ.

* 16 D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, com quem se continúa.

16 D. Maria de Lencastre, que casou com Simaõ Gonçalves da Camera, III. Conde da Calheta, seu primo com irmaõ, sem successaõ, como já fica dito.

* 16 Dona Helena de Lencastre, casou com Martim Affonso de Oliveira, Senhor do Mor-

gado de Oliveira, de quem adiante se fallará.

* 16 D. LUIZ DA SYLVEIRA, succedeo a seu irmaõ D. Diogo em toda a Casa de seu avô, excepto em os Senhorios de Segadaens, Recardaens, e Brunhido, que se deraõ ao Duque de Aveiro, por serem terras chamadas do *Infantado*, que lhe pertenciaõ. Foy III. Conde de Sortelha, por merce delRey D. Filippe II. e Guarda môr do dito Rey, Commendador na Ordem de Christo, Senhor de Goes, &c. Faleceo no anno de 1617.

Casou duas vezes, a primeira com D. Isabel de Lencastre sua prima com irmãa, filha de Joaõ Gonçalves da Camera, II. Conde da Calheta, e da Condessa D. Maria de Lencastre, de quem teve

17 D. MAGDALENA,

17 D. MARIA, que ambas morreraõ com poucos mezes de vida.

Casou segunda vez com D. Maria de Vilhena, que muitos annos depois de viuva veyo a ser Senhora da Casa, e Condado de Villa-Nova de Portimaõ, filha primeira de D. Manoel de Castellobranco, II. Conde de Villa-Nova, do Conselho de Estado dos Reys D. Filippe II. e D. Filippe III. e seu Escrivaõ da Puridade, e como tal assistio nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa no anno de 1619; o mesmo Rey lhe fez merce da Casa de juro, dispensada da Ley Mental, dandolhe seiscentos mil reis de juro, nos Almoxarifados de Villa-Real, por desistir do direito das madeiras de Lisboa no anno de 1616, dandolhe mais

mais seiscentos mil reis de tença em duas vidas. Foy Commendador da Ordem de Christo, Senhor do Morgado da Povoa, &c. de Villa-Nova de Portimaõ, Varaõ prudente, e entendido, e muito bom Christaõ, devoto, e pio; e de sua mulher a Condessa D. Branca de Vilhena sua sobrinha, filha de D. Diogo de Castellobranco, e de sua irmãa D. Leonor de Milá, que eraõ filhos de D. Joaõ de Castellobranco, Superintendente das Aposentadorias de Lisboa, e Santarem, (que vendeo ao Aposentador mòr Lourenço de Sousa) do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, Governador, e Capitaõ General do Algarve, Commendador de Aljesur na Ordem de Santiago, e de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mòr de Faro, e Loulé, Védor da Fazenda do Reyno do Algarve; e deste matrimonio da Condessa D. Maria de Vilhena e Castellobranco com o Conde de Sortelha Dom Luiz nasceraõ as duas filhas, que se seguem:

17 D. BRANCA DE VILHENA DA SYLVEIRA, que foy a filha primeira, e succedeo em toda a Casa de Sortelha, porém naõ no titulo do Condado de seu pay, e foy primeira mulher de seu tio, irmaõ de sua mãy, D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco, III. Conde de Villa-Nova, que faleceo a 11 de Abril do anno de 1662, Senhor da Povoa de Dom Martinho, e do Morgado, e Casa dos Valentes, Guarda mòr da pessoa delRey D. Joaõ IV. e o ultimo que teve este officio, que era hum dos mayores

da

da Casa Real, do qual, como extincto, naõ será desagradavel a noticia: naõ tiveraõ successaõ, e sua mulher faleceo a 30 de Abril de 1649 no Hospital, sendo o Conde seu marido Provedor actual da Misericordia. Jaz em S. Martinho de Lisboa.

Este officio parece ser o mesmo, que tinhaõ os Reys Godos no tempo da sua Monarchia de Toledo, a que chamaraõ *Comes Spathariorum*, como escreve Garcia de Loaysa no livro sobre os Concilios de Toledo: *Comes Spathariorum, Custodum Corporis Regis Præfectus. Hunc, & Protospatharium appellatum fuisse existimo.* Em hum papel da letra de Gaspar Alvares de Lousada, que conservo, acho que ElRey D. Sancho I. teve Guarda môr da sua pessoa, fundado em huma Escritura, que achou no Cartorio do Mosteiro de Pedroso, annexo ao Collegio da Companhia de Coimbra, feita na Era de Cesar de 1235, que he anno de Christo 1197, feita a hum Affonso Dias, que acaba assim: *Factum tempore Domini nostri Regis Sancij, & uxoris ejus Regina D. Dulcia: & ad hoc autem pervenimus consilio, & auxilio Domini Martini Bracharensis Archiepiscopi, & Dominorum Episcoporum Petri Colimbriensis Episcopi, & Domini Martini Portugalensis Episcopi, Maiordomi Curia, & Gundisalvi Menendi, filij Comitis Menendi, Custodientis Curia*, que entendeo ser Guarda môr da pessoa Real.

Loaysa, *in Concil.Toletano*, pag. 461.

Porém naõ os temos achado seguido senaõ delRey D. Affonso IV. de quem foy Guarda môr Gon-

Gonçalo do Rego seu Vassallo, de quem faz menção a VII. Parte da *Monarchia Lusitana* do Padre Fr. Manoel dos Santos, Chronista deste Reyno, no Capitulo XIX. e no Capitulo IV. de Gonçalo Vaz de Moura, Senhor de Marmelar, e do Castello de Moura, que tambem foy Guarda môr do dito Rey, como tambem tinha escrito Salazar de Castro na *Casa de Sylva*, pag. 331 do Tomo II.

DelRey Dom Pedro I. foy Guarda môr Joaõ Lourenço Lubal, e consta da merce, que o mesmo Rey lhe fez da Alcaidaria, e direitos Reaes da Cidade do Porto, dada em Lisboa a 8 de Junho da Era de 1395, que he anno de 1357, como se vê do seu registo pag. 1 na Torre do Tombo; como tambem no dito livro a pag. 50 está huma Procuraçaõ para se tratarem pazes com ElRey de Castella, feita a D. Fr. Martinho de Avelar, Mestre da Ordem de Aviz, na qual diz: *Ordenamos, e estabelecemos nosso Procurador lidimo, &c. ao honrado Religioso, e honesto Dom Fr. Martins de Avelar, Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, Portador desta presente Procuraçaõ, &c. feita em Baleisaõ, Termo da Villa de Béja, a 6 de Março da Era de 1399*, que he anno 1361; e acaba na fórma seguinte: *Testemunhas, que presentes foraõ, os honrados, e Sages Baroens Rodrigo Affonso de Sousa, Rico-homem, e Joaõ Lourenço Lubal, Cavalleiro, e Guarda môr do dito Senhor Rey, e os honestos Religiosos Gonçalo Martins, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Alvaro Gonçal-*

ves,

ves, Cavalleiro da Ordem de Aviz, e Vasco Fernandes Coutinho, e Lourenço Martins Bornes, Escudeiro do dito Senhor Rey, &c. No Instrumento com que o dito Rey mostrou fora casado com D. Ignez de Castro, foy testemunha Joaõ Lourenço Lubal. Os da Familia de Lubal foraõ nobilissimos, naõ inferiores na qualidade, e sangue às grandes Casas, que hoje vemos no Reyno, como advertio Lousada.

No tempo delRey D. Fernando foy seu Guarda môr Gomes Lourenço do Avelar, Senhor de Cascaes, como se vê do Livro I. do Registo do dito Rey a pag. 56, em que está a Doaçaõ do Castello, e Lugar de Cascaes, onde diz: *Escolhemos Gomes Lourenço do Avelar, nosso Cavalleiro, e nosso Guarda môr, e leal Vassallo*; e depois de relatar os serviços, que lhe tinha feito, vay dizendo, como dá ao dito Gomes Lourenço, e seus successores, de juro, e herdade o seu Castello, e Lugar de Cascaes, e que o aparta, e tira da sogeiçaõ da Villa de Cintra, a que até entaõ estava unido. *Dada em Santarem a 8 de Abril da Era 1408*, que he anno de Christo 1370. No mesmo Livro da Chancellaria do dito Rey a pag. 111 lhe confirma a mesma merce, feita em Villa-Nova de Familicaõ a 22 de Agosto da Era de 1410, que he anno 1372. Tambem foy Guarda môr do mesmo Rey, Vasco Martins de Mello, Meirinho môr do Algarve, como se vê do Livro II. do Registo a pag. 90, em que está huma Carta, porque o dito Senhor, nella dá para sempre a Vasco Martins de Mello seu Guar-

Guarda môr, e Meirinho môr do Reyno do Algarve, todos os bens moveis, e de raiz, de todos os moradores do dito Reyno, que andavaõ com ElRey de Castella em seu serviço: *Dada em Santarem a 15 de de Fevereiro da Era 1420*, que vem a ser no anno 1382.

Em tempo delRey D. Joaõ I. foy seu Guarda môr Joaõ Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira de Aves, Penella, e outros Lugares, que passandose a Castella, lhe confiscou ElRey os bens, que tinha neste Reyno, como refere na Carta de Doaçaõ de Oliveira do Conde, e seus Termos, de que fez merce a Gomes Martins de Lemos, Ayo de seu filho D. Affonso, depois I. Duque de Bragança, onde diz: *Fazemos saber, que por as maldades, e treiçoens, que Joaõ Fernandes Pacheco cometeo contra nossa pessoa, e contra os nossos Reynos, em contratar com ElRey de Castella nosso imigo, &c. sendo elle natural de nossos Reynos, e nosso Vassallo, e Guarda môr, do nosso Conselho*; e depois de lhe confiscar os bens para a Coroa, diz: *E nós considerando os muitos, e estremados serviços, que nós, e nossos Reynos recebemos, e entendemos receber ao diante de Gomes Martins de Lemos, Ayo de Dom Affonso meu filho*; lhe faz Doaçaõ de juro, e herdade para sempre do Julgado de Oliveira de Conde, com seus Termos, e jurisdicções, da maneira que a teve delle Rey o dito Joaõ Fernandes Pacheco: dada no Porto a 12 de Abril da Era 1436, que he anno 1398. Succedeo-

lhe Martim Affonso de Mello, que foy Guarda môr do mesmo Rey, e do seu Conselho, Alcaide môr de Evora, Olivença, e Campo-Mayor, como refere a Chronica do dito Rey; e no mesmo anno se acha, que era Guarda môr, pela Doação da Torre da Cerca Velha da Cidade de Evora, passada no Porto a 30 de Agosto da Era 1436, que he o anno referido; e bem se vê por hum Alvará passado a seu filho Joaõ de Mello, que está na Chancellaria delRey D. Affonso V. do anno de 1450 a pag. 90, onde ElRey diz: *Em como ElRey Dom Duarte seu pay tratara o casamento de Joaõ de Mello, Fidalgo, e Cavalleiro de sua Casa, e que agora o he nosso, com D. Isabel da Sylveira, Donzella da Casa da Senhora Rainha minha Madre, &c. e que lhe prometeo duas mil Coroas, e se finou sem haver effeito, &c. assim lhe dá em quanto sua merce for, as rendas da Villa de Redondo, pertencentes à Alcaidaria, assi como as havia Martim Affonso de Mello seu padre, e Guarda môr delRey seu avô, e do seu Conselho, e delle Rey, &c.* E diz mais como lhe dá o Bispo de Evora D. Alvaro, do seu Conselho, tio da dita D. Isabel da Sylveira, seiscentas Coroas de ouro; e Nuno Martins da Sylveira, do seu Conselho, e seu Escrivaõ da Puridade, dá mais à dita sua filha quinhentas Coroas de ouro. Dada em Evora a 18 de Abril de 1450. Este Joaõ de Mello foy Alcaide môr de Serpa, e Copeiro môr delRey D. Affonso V. de quem procedem Casas illustres por varonía, como a dos Porteiros môres,

res, as do Monteiro môr do Reyno, em quem ha pouco se quebrou, e já naõ tem mais que o appellido, com a varonía da de Sylva, e de quem tambem he a dos Senhores de Ficalho com o appellido de Mello, que he antiquissimo, e illustre.

DelRey D. Duarte foy Guarda môr, sendo Infante, e successor da Coroa, Martim Affonso de Mello, filho do sobredito Martim Affonso de Mello, e de sua primeira mulher D. Brites Pimentel, filha de Dom Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Bragança. Consta da Carta do officio, que lhe passou o dito Rey em Almeirim a 8 de Dezembro de 1433.

Em tempo delRey D. Affonso V. foy tambem seu Guarda môr o mesmo Martim Affonso de Mello, por Carta de confirmaçaõ do dito officio, em que vem inserta a de seu pay, e foy dada em Lisboa a 7 de Julho de 1449, que anda na Chancellaria do dito Rey, que começa no anno de 1445 a pag. 168. Depois foy Guarda môr D. Rodrigo de Mello, que foy Conde de Olivença, como se vê da Chancellaria do mesmo Rey do anno de 1464 a pag. 126, em que diz: *Fazemos saber, que nós considerando os muitos, grandes, e continuados serviços, que temos recebido de Ruy de Mello, do nosso Conselho, e nosso Guarda môr, querendolhe dar algum repouzo dos trabalhos, que em nossa Corte, e outras partes levou em nosso serviço, &c.* lhe faz merce de quarenta e cinco mil e seiscentos cada anno: *em satisfaçaõ, e contentamento de toda a moradia, que em nossa Casa havia.*

Dada em Evora a 12 de Julho de 1461; e outra a pag. 216, feita em Tangere a 12 de Setembro de 1471, onde nomea ao dito Ruy de Mello ſeu Guarda môr, do ſeu Conſelho, e Capitaõ de Tangere.

DelRey D. Joaõ II. foy Guarda môr o meſmo D. Rodrigo de Mello, lugar que devia de largar annos antes da ſua morte; porque na Chancellaria do dito Rey do anno de 1482 a pag. 146 nomea ElRey a D. Joaõ de Lima do ſeu Conſelho, e ſeu Guarda môr, dada em Alvito a 16 de Abril do referido anno. Tambem foy ſeu Guarda môr, ſendo Principe, Ruy de Souſa, Senhor de Sagres, e Biringel, como ſe diz na Doaçaõ deſta Villa, paſſada no anno de 1471 por ElRey D. Affonſo V.

Em tempo delRey D. Manoel foy ſeu Guarda môr Jorge Moniz, Senhor de Angeja, Bempoſta, Pinheiro, e Sequins; conſta da meſma Carta do officio, onde diz: *Fazemos ſaber, que conſiderando nós na muita bondade, e diſcriçaõ, e grande lealdade de Jorge Moniz, Fidalgo de noſſa Caſa, e a limpa linhagem, de que deſcende; e aſſim havendo reſpeito aos muitos, e extremados ſerviços, que delle recebemos, &c.* o faz ſeu Guarda môr: dada em Montemôr o Novo no primeiro de Março de 1496. Depois o foy D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, por Carta feita em Almeirim a 8 de Fevereiro de 1508, e conſta de varios Documentos, como ſe vê de hum Mandado, que eſtá no armario ſegundo da eſcada, que vay para a Caſa da Coroa na Torre do Tombo

no

no maço 40, conforme os extractos de Lousada, onde diz: *Mandamos a vós Fernam Dalves, que deis a Dona Lourença filha do Conde de Penella, meu muito amado sobrinho, mulher de D. Nuno Manoel, do nosso Conselho, e nosso Almotacê môr, e Guarda môr duzentos e setenta mil reis, que se montaõ nas duas mil e duzentas e sincoenta Coroas, que lhe despachamos para ajuda de seu casamento, &c. em Evora a 22 de Junho de 1520.* E no dito maço se acha outro mandado do anno de 1526 em 31 de Mayo, de que se tira, que tambem foy Guarda môr delRey Dom Joaõ III.

DelRey D. Joaõ III. foy seu Guarda môr D. Luiz da Sylveira, (depois I. Conde de Sortelha) que já o tinha sido quando era Principe, em vida delRey seu pay. Em a Chancellaria do dito Rey do anno de 1528 se acha a pag. 103 huma merce feita em Almeirim a 5 de Mayo do dito anno, em que diz: *ElRey o mandou por Luiz da Sylveira, do seu Conselho, e seu Guarda môr, que hora tem cargo de Védor môr das obras, terças, residuos, Hospitaes, e Capellas de seus Reynos*; de quem tambem o foy seu filho D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha.

DelRey Dom Sebastiaõ tambem foy Guarda môr D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha.

DelRey D. Henrique foy o mesmo Conde de Sortelha D. Diogo da Sylveira Guarda môr.

Tambem delRey D. Filippe II. quando dominou Portugal, foy o mesmo Conde D. Diogo; e de

seu

ſeu filho ElRey Filippe III. e delRey Filippe IV. o foy ſeu neto D. Luiz da Sylveira , III. Conde de Sortelha.

DelRey D. Joaõ IV. foy primeiro nomeado Pedro de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, entre os officios, de que compoz a ſua Caſa, cargo que ſervio algum tempo ; depois o foy em propriedade D. Gregorio Thaumaturgo de Caſtellobranco , III. Conde de Villa-Nova , como herdeiro da Caſa de Sortelha por ſua mulher , e foy o ultimo ; porque depois nem de propriedade , nem de ſerventia houve Guarda môr da peſſoa delRey.

Naõ ſabemos, que tiveſſe exercicio eſte officio depois delRey D. Sebaſtiaõ : eraõ muitas as ſuas preeminencias ; porque depois delRey ſe deitar na cama , entrava o Guarda môr , antes de ſe lhe correr a cortina , e via a ElRey , e depois corria a cortina o Sumilher , e ſahiaõ ambos para fóra , e o Guarda môr fechava a porta , e com a cabeceira nella ſe lhe fazia a ſua cama , ſem ſer levantada do chaõ , (mas podia ſe quizeſſe tella , e por evitar o deſcommodo o naõ uſava) e pelas ilhargas da caſa, hum pouco affaſtadas da ſua , corriaõ as camas dos Fidalgos da guarda , que dormiaõ no Paço. Pela manhãa quando ElRey chamava, antes de veſtir a camiſa, entrava o Guarda môr com o Sumilher , que levantava a cortina da cama, para moſtrar ao Camereiro môr como lho entregava vivo , e entrava ao veſtir , ſem que lhe foſſe neceſſario licença , ſem a qual naõ podiaõ entrar

entrar os Fidalgos da guarda. Quando ElRey fazia jornada tinha o Guarda môr casa no Paço, como se praticou quando ElRey D. Sebastiaõ passou a Guadalupe. Das Cartas dos officios dos Guardas môres, que os Reys lhe passavaõ do dito officio, naõ constaõ as preeminencias, por quanto nellas se lem sómente aquellas palavras geraes, que dizem, tenhaõ, e possaõ gozar de todos os privilegios, liberdades, e isenções, de que usaraõ seus antecessores; porque na Torre do Tombo naõ ha o livro, que trata dos officios da Casa, e Guerra, que se fez no tempo del-Rey D. Diniz, que diz Cabedo nas suas Decisoens o vira; o qual já o insigne investigador Gaspar Alvares de Lousada, Escrivaõ daquelle Real Archivo, naõ achou, donde diz se furtaria, como succedeo a muitas cousas de importancia. Na Livraria manuscrita do Marquez de Gouvea, que posso dizer passey toda, achey humas Cartas de Criados delRey D. Sebastiaõ, que serviaõ na sua Guarda-roupa, que era Martim Vaz de Azevedo, que era sobrinho de Lucas de Andrade, casado com huma sua neta; o qual Lucas de Andrade era a pessoa, que mais assistia a ElRey da sua confiança, e o primeiro que entrava na sua Camera com a camisa; mas primeiro o fazia saber ao Guarda môr: a qual Carta era escrita para o Conde de Villa-Nova, que foy muito curioso, feita em 7 de Fevereiro de 1621; e outra de Antonio Viles de Lima, escrita em 27 de Janeiro do dito anno ao mesmo Conde, em que daõ conta

do

do exercicio do Guarda môr, que elles viraõ praticar.

Estes saõ os Fidalgos, que temos apontados, serviraõ aos Reys no officio de Guarda môr, que expenderemos mais largamente, se dermos à luz hum livro, que contém todos os Officiaes, que houve na Casa Real, para que temos junto hum grande peculio, distribuido por todos os officios, com algum trabalho, o qual supposto temos communicado a algumas pessoas, de que sey se serviraõ; porque he grande cousa edificar sem trabalho, sobre fundamentos solidos, naõ deixaremos de o publicar, se tivermos vida.

17 D. Magdalena de Lencastre, que foy a segunda filha dos terceiros Condes de Sortelha, casou com seu primo segundo D. Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueirò, e a sua Casa se unio por este casamento à de Sortelha, em que succedeo esta Senhora por morte da Condessa D. Branca de Vilhena e Sylveira sua irmãa, e à de Villa-Nova, em que succederaõ seus filhos por morte da Condessa D. Maria sua mãy, como adiante se dirá.

* 16 D. Helena de Lencastre, segunda filha de D. Joaõ da Sylveira, herdeiro da Casa de Sortelha, e de sua mulher D. Magdalena de Lencastre, como fica dito. Casou com Martim Affonso de Oliveira, X. Senhor dos Morgados de Oliveira, e Patameira, Commendador na Ordem de Christo; celebraraõ-se os contratos matrimoniaes na Cidade de Lisboa

boa a 15 de Setembro de 1598. Foy morto no sitio da Cidade de S. Salvador da Bahia no anno de 1625 de huma balla de artilharia. Era filho de Joanne Mendes de Oliveira e Miranda, Senhor dos mesmos Morgados, que morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578, e de sua mulher D. Brites de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, S. Joaõ da Pesqueira, e outras terras, Alcaide mòr de Miranda; e de D. Filippa de Vilhena sua mulher, filha de D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Alcaide mòr, e Senhor das rendas, e reguengos da dita Villa, Alcaide mòr de Alenquer, Guarda mòr da pessoa del Rey D. Joaõ III. de quem foy muy valído, e seu Embaixador a Castella, a tratar o seu casamento, e o da Infanta D. Isabel sua irmãa: e voltando ao Reyno, se achou descahido da privança; porque na sua ausencia havia tomado grande parte nella D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira. Era dotado de grandes partes, galante, e entendido, de nobre condiçaõ, e bom Poeta, para aquelles tempos, em que com o seu estylo fazia plausivel a lingua Portugueza. Jaz na sua Villa de Goes; e na sepultura mandou pôr o seguinte Epitafio, digno de reflexaõ:

Aqui jaz Dom Luiz da Sylveira, primeiro Conde de Sortelha, que em quanto viveo, nunca fallou com Pero Correa.

E deſte matrimonio tiveraõ os filhos ſeguintes:

17 JOANNE MENDES DE OLIVEIRA,

17 ANTONIO MENDES DE OLIVEIRA, que ambos morreraõ moços, ſem ſucceſſaõ.

* 17 LUIZ FRANCISCO DE OLIVEIRA E MIRANDA, com quem ſe continúa.

* 17 D. MAGDALENA DE LENCASTRE caſou com Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Carvalhaes.

17 D. BRITES DE LENCASTRE caſou com D. Joaõ de Eça Corte-Real, Senhor dos Morgados dos Eças em Azeitaõ, como diremos adiante em outra parte no Livro XIII.

17 D. ANNA MARIA DE LENCASTRE caſou com Franciſco Serraõ de Almeida, Commendador na Ordem de Chriſto, e filho de Joaõ Gomes Serraõ, Eſcrivaõ da Fazenda, e naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

17 D. IGNEZ DE LENCASTRE, que foy Religioſa no Moſteiro da Eſperança de Lisboa, e ſe chamou Soror Ignez do Eſpirito Santo, onde foy Abbadeſſa.

17 D. MARIA ANTONIA DE LENCASTRE foy Religioſa no Moſteiro de Santa Clara de Lisboa, de que foy Abbadeſſa.

17 D. VIOLANTE DE LENCASTRE, que profeſſou no Moſteiro da Eſperança de Lisboa.

17 D. THERESA DE LENCASTRE, Religioſa no Moſteiro das Commendadeiras de Santos, da Ordem Militar de Santiago, que foy oppoente à Caſa de Baſto.

LUIZ

* 17 LUIZ FRANCISCO DE OLIVEIRA E MIRANDA, XI. Senhor dos Morgados de Oliveira, Sobrados, e Patameira, Commendador de Santa Eulalia na Ordem de Christo.

Casou com D. Luiza de Tavora, filha primeira de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado, e Torre de Caparica, e de D. Maria de Lima sua mulher, filha de Dom Lourenço de Lima Brito e Nogueira, VI. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, Senhor de Arcos, e outras muitas terras, Alcaide môr de Ponte de Lima, do Conselho de Estado, Presidente do Paço. Esta Senhora ficando viuva fundou o Mosteiro da Conceiçaõ dos Cardaes das Religiosas Carmelitas Descalças de Lisboa, onde viveo, tendo o habito de Santa Theresa, sem professar, para com as rendas da Casa de Caparica, de que era Senhora, o poder acabar; e deixou o Padroado a seu neto D. Joseph de Menezes, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 18 D. MARIA DE OLIVEIRA, com quem se continúa.

* 18 D. ELENA DE TAVORA, que casou duas vezes, a primeira com seu tio Ruy Lourenço de Tavora, e a segunda com Henrique de Carvalho de Sousa, Senhor da Azambujeira, como se dirá adiante.

* 18 D. IGNEZ ANTONIA DE TAVORA casou com Joaõ de Saldanha, como adiante se dirá.

18 DONA LEONOR DE LENCASTRE, que foy Freira da Ordem de S. Domingos no Mosteiro do Sacramento de Lisboa.

* 18 D. MARIA DE OLIVEIRA nasceo no anno de 1635, e foy bautizada em Santa Catharina a 22 de Março, primeira filha do Morgado de Oliveira Luiz Francisco de Oliveira, e de sua mulher Dona Luiza de Tavora. Casou com Dom Diogo de Menezes, Commendador da Valada na Ordem de Christo, Governador da Torre de S. Sebastiaõ, chamada a *Velha*, na barra de Lisboa, que faleceo no anno de 1668: filho de D. Joaõ de Menezes, Commendador da mesma Commenda, ramo da esclarecida Familia de Menezes da Casa de Tarouca, de quem descendia por varonía, e de D. Magdalena de Tavora sua segunda mulher, filha de Ruy Pires de Tavora, Reposteiro mór delRey. Succedeo D. Maria de Oliveira por morte de seu pay no Morgado de Patameira, e esteve de posse dos de Oliveira, e Val de Sobrados, que depois lhe tirou por demanda seu primo com irmaõ Christovaõ de Almada, Senhor de Carvalhaes, &c. por estes Morgados serem de masculinidade, em que naõ podem succeder femeas, porém sim varaõ, posto que seja descendente por linha feminina, que se achar nascido, ou gerado ao tempo da morte do ultimo possuidor; com que morrendo a esta Senhora o filho, que tinha quando morreo seu pay, sem lhe ficar outro, passaraõ os Morgados à outra linha. Morreo no anno de 1663, e tiveraõ a successaõ seguinte:

* 19 D. JOSEPH DE MENEZES E TAVORA com quem se continúa.

19 D. LUIZA DE TAVORA casou com Antonio

nio de Saldanha de Oliveira e Sousa seu primo com irmaõ, Senhor do Morgado de Oliveira, de quem adiante se fará mençaõ.

19 D. IGNEZ THOMASIA DE TAVORA casou com Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, Commendador de S. Martinho de Pinhel, e S. Pedro de Gouveas, e de Vea, todas na Ordem de Christo, Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade, e Governador das Armas na Provincia da Beira, &c. de quem teve unica

20 D. THERESA JOSEFA DE MELLO, que nasceo a 6 de Abril de 1683, e foy sua herdeira, e casou com Antonio Telles da Sylva, filho dos II. Marquezes de Alegrete, e a sua successaõ deixamos apontada no Capitulo III. do Livro VIII. parte IV. pag. 623 do Tomo IX.

19 D. BRITES MARIANNA DE MENEZES casou com seu tio D. Alvaro da Sylveira, que foy Governador do Rio de Janeiro, e era filho de D. Antonio da Sylveira, Commendador de Santa Maria de Sortelha, e S. Martinho de Lordello na Ordem de Christo, e de D. Catharina de Lima sua mulher, irmãa de D. Luiza de Tavora, avó da dita D. Brites, que morreo sem successaõ.

* 19 D. JOSEPH DE MENEZES E TAVORA, que nasceo no anno de 1662, e foy bautizado em Santa Catharina a 4 de Janeiro de 1663, succedeo na Casa de seu pay, e por sua mãy no Morgado da Patameira, e no da Torre de Caparica, que tambem lhe pertenceo

por

por morte de D. Elena de Tavora ſua prima com irmãa, filha unica de ſeu tio Ruy Lourenço de Tavora. Foy Commendador de Valada, e de Padroens, e Entradas na Ordem de Chriſto, Governador da Torre Velha, Védor da Caſa das Rainhas D. Maria Sofia, e D. Maria Anna de Auſtria. Morreo a 2 de Outubro de 1725.

Caſou no anno de 1678, a 26 de Fevereiro, com D. Brites Franciſca de Mendoça, filha de Henrique de Souſa Tavares, I. Marquez de Arronches, Conde de Miranda, do Conſelho de Eſtado; e da Marqueza D. Marianna de Caſtro, como adiante ſe verá no Livro XIV. e deſte matrimonio tiveraõ a ſucceſſaõ ſeguinte:

* 20 D. DIOGO DE MENEZES, com quem ſe continúa.

20 D. HENRIQUE DE MENEZES naſceo a 17 de Novembro de 1680, foy Porcioniſta do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que foy aceito a 13 de Outubro de 1695. No tempo que era Vice-Rey do Eſtado do Braſil ſeu tio o Marquez de Angeja, paſſou D. Henrique à Bahia, onde eſteve algum tempo, e voltou para o Reyno. Teve alguns Beneficios Eccleſiaſticos, mas ſem Ordens Sacras. Faleceo a 17 de Mayo de 1732. Teve illegitima

21 D. FILIPPA DE MENEZES, que caſou com Bartholhomeu de Vaſconcellos da Cunha, filho de Troillo de Vaſconcellos da Cunha, Secretario da Junta dos Tres Eſtados, Fidalgo deſ-

cendente

cendente dos de seu appellido na linha dos Commendadores do Seixo, de quem naõ tem até o presente successaõ.

20 D. Luiz de Menezes nasceo no primeiro de Novembro de 1682, e morreo menino.

20 D. Carlos Joseph Bento de Menezes nasceo em Lisboa a 21 de Março de 1684; estudou em Coimbra, onde foy Porcionista no Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 5 de Dezembro do anno de 1705; depois passou a Roma, onde residio naquella Curia algum tempo; foy Mestre Escola da Sé de Braga, e teve tres Beneficios Ecclesiastiacos, sem residencia, que todos largou, por casar com sua sobrinha D. Brites Josefa da Cunha e Mendoça em 21 de Janeiro de 1720; e he Védor da Casa da Princeza do Brasil: era filha herdeira de seu cunhado Pedro da Cunha de Mendoça, e de sua irmãa Dona Marianna Josefa de Menezes, como se dirá adiante, a qual morreo a 17 de Junho de 1728, deixando os filhos seguintes:

21 Pedro da Cunha de Mendoça nasceo a 3 de Dezembro de 1720.

21 Tristaõ da Cunha nasceo a 14 de Julho de 1723.

21 N. N. . . . . morreraõ de curta idade.

20 D. Marianna Josefa de Menezes nasceo em Lisboa a 21 de Janeiro de 1686, Dama do Paço, que morreo, sem tomar estado, no anno de 1706.

D.

20 D. Luiza Josefa de Menezes nasceo em Lisboa a 17 de Outubro de 1687, foy tambem Dama do Paço. Casou em 12 de Julho de 1702 com Pedro da Cunha de Mendoça, Senhor da Villa de Valdige, Commendador das Commendas de Santa Maria de Tondella, Bispado de Viseu, Santa Maria de Carresso, S. Pedro de Morufe, S. Salvador do Campo no Arcebispado de Braga, todas da Ordem de Christo: servio na guerra com distinçaõ, e occupou varios póstos, e ultimamente o de General de Batalha; foy nomeado Governador das Minas, que naõ aceitou; foy Veador da Casa da Rainha Dona Maria Anna de Austria, e morreo a 11 de Março de 1731. Era filho de Tristaõ da Cunha, Governador de Angola, Mestre de Campo General da Provincia de Traz os Montes, que governou, e de sua mulher Dona Joanna Luiza de Mendoça, filha de Pedro de Mello, do Conselho de Guerra, Governador do Rio de Janeiro. Ficou Pedro da Cunha viuvo em 25 de Setembro do anno de 1707, e casou segunda vez com D. Josefa de Castro sua prima segunda, filha de Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, do Conselho de Estado, Presidente do Paço, &c. de quem naõ teve successaõ, e de sua primeira mulher teve a seguinte:

21 D. Brites Josefa da Cunha de Mendoça casou com seu tio D. Carlos Joseph Bento de Menezes, Védor da Casa da Princeza do Brasil, como fica dito.

D.

21 D. Theresa Luiza de Mendoça, que morreo de curta idade.

20 D. Theresa Josefa de Menezes nasceo a 2 de Abril de 1689, casou com Manoel Ignacio da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, como se disse no Capitulo III. pag. 626 do Tomo X.

20 D. Isabel Josefa de Menezes, he Religiosa Carmelita Descalça no Mosteiro da Conceiçaõ dos Cardaes, Padroado da sua Casa.

20 D. Diogo de Menezes e Tavora nasceo em Lisboa a 19 de Setembro de 1679. Succedeo na Casa por morte de seu pay: he Commendador de Santa Maria de Valada na Ordem de Christo, Alcaide môr de Silves, foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e he seu Estribeiro môr: servio em toda a guerra, foy prisioneiro na batalha de Almança, em que recebeo huma ferida de huma balla no braço direito, procedendo sempre como devia ao seu illustre nascimento: foy Tenente das Guardas de seu tio o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, Capitaõ de Cavallos: foy nomeado Coronel de hum Regimento de Cavallaria, e pela lesaõ do braço, se achou impossibilitado a continuar a vida militar.

Casou em o primeiro de Junho de 1711 com D. Maria Barbara de Breiner, Dama da dita Rainha, com quem passou de Alemanha a Portugal; receberaõ-se em publico no Paço, em que teve as honras de Dama, jantando com os Reys à mesa, ceremonia que havia

muitos annos se naõ praticara, e he de muita estimaçaõ em Hespanha, onde se observava, antes que houvesse Damas casadas: he filha de Filippe Ignacio, Conde de Breiner, e de Maria Isabel, Condessa de Breiner, filha de Ernesto Federico, Conde de Breiner, e de Maria Isabel, Condessa de Nathaffht, de Weremberg, filha de Joaõ Henrique, Conde de Nathaflht, Baraõ de Weremberg, e de Maria Leonor de Zizendorff, filha de Jorge, Senhor de Zizendorff; e neta de Fernaõ Ernesto, Conde de Breiner, e de Clara Cecilia de Nogarola, filha de Fernando, Conde de Nogarola, e da Condessa Anna Maria de Hosemburg, segunda neta de Segefrido Christovaõ, Baraõ de Breiner, Cavalleiro do Tusaõ, e de Anna Isabel, Baroneza de Harrach, filha de Leonardo, Baraõ livre de Harrach, e de Maria Jacoba do Hohenzollern, filha de Carlos, Conde de Hohenzollern, e de Anna Marqueza de Baden, filha de Ernesto Marquez de Baden, que tendo nascido a 7 de Outubro de 1482, lhe coube em partilha Pfortzheim, o Marquezado de Hochberg, com os Senhorios de Susemberg, e Badenweiller, e de Rothelin, e deu principio à linha de Bade-Durlach; abraçou a Religiaõ Protestante, e morreo a 6 de Fevereiro de 1553, (era filho de Christovaõ, Marquez de Baden, e neto de Carlos, Marquez de Baden, e de Anna de Austria, irmãa do Emperador Federico III. filhos de Ernesto, Archiduque de Austria) e de sua primeira mulher Isabel de Brandebourg, filha de Federico, Marquez de Brandebourg, e de sua mulher

Ritthershusio, *Tab. B.* pars I.
Spenero, *Theatrum Nobilitatis*, part. IV. *Tab. XVII.*
Hubner. tom. 3. *Tab.* 829.

mulher Sofia, Princeza de Polonia, filha de Casimiro, Rey de Polonia, que morreo no anno de 1492, e da Rainha Isabel de Austria, filha de Alberto II. Emperador dos Romanos, que morreo no anno de 1505. Desta alliança, que a Casa de Breiner fez com a de Harrach, quizemos produzir huma linha taõ esclarecida, como a que tem os Soberanos de Baden; porque lhe entrou o Real sangue de Austria, em cujo serviço tanto se empregou esta Familia. Deste illustre matrimonio tem os filhos seguintes:

21 D. MARIA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 14 de Mayo de 1712, casou com D. Diogo de Faro e Sousa, III. Conde do Vimieiro, como fica escrito no Capitulo X. do Livro VIII. Parte IV. pag. 663 do Tomo IX.

21 DOM JOSEPH DE MENEZES nasceo a 9 de Dezembro de 1713; servio de Moço Fidalgo no Paço, e foy hum dos nomeados para assistir a ElRey D. Joaõ V. no anno de 1729, quando passou à Provincia de Alentejo, na occasiaõ dos reciprocos casamentos das Princezas do Brasil, e Asturias; depois servindo na Infantaria, he Capitaõ em hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte. No anno de 1743 passou à Corte de Vienna com faculdade Real, onde a Rainha de Hungria Maria Theresa de Austria lhe fez especiaes honras, e lá casou a 15 de Abril de 1744 com Luiza Gonzaga, Condessa de Rappach, que nasceo a 21 de Julho de 1723; e voltando a Portugal, a Rainha D. Maria Anna de Austria a fez sua

Dama Camarista; he filha de Carlos Adolfo, Conde de Rappach, Camereiro da Rainha de Hungria, e Governador da Fortaleza de Kopfstain no Tirol, e de sua mulher a Condessa Luiza Antonia de Lamberg, irmãa de Francisco Antonio, que nasceo a 30 de Setembro de 1678, Principe de Lamberg, Cavalleiro de S. Huberto, Camereiro môr, e General supremo das Armas do Emperador, Estribeiro môr hereditario do Ducado de Carniole, e de Windisch Marck, Camereiro môr, e Caçador môr do Paiz Austriaco sobre o Ens; e de Joseph Domingos Francisco Kilian, que nasceo no anno de 1680, Conego de Passau, Bispo de Seckau, e depois Bispo de Passau em 2 de Janeiro de 1723, a quem o Papa mandou o Palio no anno de 1728 a 29 de Outubro, ultimamente Cardeal da Santa Igreja Romana, creado a 20 de Dezembro de 1737, do titulo *de S. Pedro in Montorio*; e filhos de Francisco Joseph, Conde de Lamberg, Baraõ de Otteneg, e de Ottenstein, Senhor de Ancerano, que nasceo no anno de 1637. Foy Cavalleiro do Tusaõ de Ouro, Conselheiro de Estado do Emperador, Ministro das Conferencias, Capitaõ supremo da Austria Superior, e Principe do S. R. I. feito no anno de 1711, irmaõ de Joaõ Filippe, Conde de Lamberg, que nasceo a 26 de Mayo de 1651, Bispo de Passau, e Cardeal da Santa Igreja Romana, creado pelo Papa Innocencio XII. a 25 de Junho de 1700, Commissario principal do Emperador à Dieta Geral do Imperio no anno de 1701. Morreo a 20 de Outu-

Outubro de 1712. Morreo o Principe Francisco Joseph a 2 de Novembro de 1712, havendo casado com a Condessa Anna Maria de Trautmandorff, filha de Adam Mathias, Conde de Trautmandorff, e tendo daquella uniaõ vinte e nove filhos.

21 D. MARIANNA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 2 de Mayo de 1715, Religiosa de S. Theresa no Mosteiro dos Cardaes, onde faleceo no anno de 1740.

21 D. THERESA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 17 de Novembro de 1716, e tendo cumprido sete annos, tomou o habito de Santa Theresa no Mosteiro dos Cardaes, onde he Religiosa.

21 D. ISABEL JOSEFA DE BREINER E MENEZES nasceo a 14 de Abril de 1717, casou com Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, de quem a pag. 627 do Tomo IX. se fez mençaõ.

21 D. MARIA ANTONIA DA CONCEIÇAÕ DE MENEZES nasceo a 8 de Dezembro de 1719. Casou a 10 de Janeiro de 1745 com Fernando de Sousa Coutinho, III. Conde de Redondo, como diremos no Livro XIV.

21 D. FRANCISCO XAVIER JOSEPH DE MENEZES E BREINER nasceo a 28 de Julho de 1724, he Conego da Basilica da Santa Igreja Patriarcal.

21 D. ANTONIO DE MENEZES nasceo a 13 de Julho de 1726, e morreo de tenra idade.

* 18 D. ELENA DE TAVORA, que faleceo em Agosto de 1720, filha segunda do Morgado de Oliveira Luiz Francisco, e de sua mulher D. Luiza de Tavora.

Tavora. Caſou duas vezes, a primeira com ſeu tio Ruy Lourenço de Tavora, irmaõ de ſua mãy, Senhor do Morgado da Torre de Caparica, Meſtre de Campo do Terço novo de Lisboa, com o qual ſe achou no aſſalto, que os noſſos deraõ a Badajoz, em que foy morto em 19 de Mayo do anno de 1657, e foy ſua ſegunda mulher, e naõ tiveraõ filhos. Caſou ſegunda vez com Henrique Carvalho de Souſa Patalim, Senhor da Azambugeira, Commendador de Santa Maria de Seiva, Santa Eulalia, S. Pedro de Aguiar, Juncal, e Pias, na Ordem de Chriſto, Provedor das Obras delRey, que tendo ſervido na guerra ſendo Capitaõ de Couraças, acabou deſgraçadamente em huma briga, que teve com D. Luiz de Lencaſtre, depois Conde de Villa-Nova, onde foy morto barbaramente por hum Lacayo, eſtando brigando com ſeu Amo. Deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 GONÇALO JOSEPH CARVALHO PATALIM DE SOUSA, que ſuccedeo nos Morgados, e Caſa de ſeu pay, foy Senhor da Azambugeira, Provedor das Obras dos Paços, e Caſas Reaes, Commendador de S. Pedro de Aguiar na Ordem de Chriſto, Capitaõ de Cavallos na Corte. Morreo de bexigas em 30 de Agoſto de 1698, tendo caſado em França no anno de 1694, a 9 de Agoſto, com Maria Clara de Bretanha, de quem naõ teve ſucceſſaõ; e ella depois de alguns annos de viuva, no anno de 1703 paſſou a França, e caſou a 19 de Novembro de 1704 com Carlos

Carlos Roger, Principe de Courtenay, Conde de Cesy, Senhor de Chevillon, de Blencau, de Treuville, e de Briant, descendente por varonía legitima de Pedro de França, Senhor de Courtenay, &c. setimo filho de Luiz o *Grosso*, Rey de França, e da Rainha Adelayda de Saboya. Era filha de Claudio de Bretanha, Marquez de Avaugour, Conde de Vertus, e de Goello, Senhor de Clisson, de Ingrande, de Chantoce, e de Montfaucon, que morreo a 7 de Março de 1669, e de sua mulher Judith Anna de Lievre, filha de Thomás de Lievre, Marquez de la Grange Fourilhe, e Uriel, primeiro Presidente no Graõ Conselho, e neta de Claudio de Bretanha, Conde de Vertus, Governador de Rennes, descendente por varonía dos Duques Soberanos de Bretanha, cujo Ducado se aggregou à Coroa de França pelo casamento de Anna de Bretanha, (filha de Francisco II. do nome, Duque de Bretanha, que morreo a 9 de Setembro de 1488, e de sua segunda mulher a Duqueza Margarida de Foix, filha de Gastaõ, Conde de Foix) a qual casou duas vezes, a primeira com Carlos VIII. Rey de França, que morreo a 7 de Abril de 1498, sem deixar successaõ, por serem mortos os filhos, que houve deste matrimonio; e a Rainha casou segunda vez com Luiz XII. Rey de França, e foy sua segunda mulher, de quem nasceo Claudia de França, mulher delRey Francisco I. de França, de quem foy filho, e successor ElRey Henrique II. que unio o Ducado de Bretanha para sempre à Coroa,

P.Anselmo, *Hist. Gen.* cap. 17. §. 4. pag. 504. Imhoff, *Excel. Famil. in Galia.* Tab. 7. e 28. O P. Anselmo, *Hist. Gen. de França*, tom. I. cap. 16. §. 2. pag. 472.

Coroa, ſupprimindo todos os Officiaes do Ducado; erigio hum Parlamento, e depois deſte tempo ficou inſeparavel membro do corpo dos Eſtados de França.

19 D. Luiza Francisca de Tavora, que foy Dama da Rainha D. Maria Sofia, e caſou com D. Joaõ Joſeph da Coſta, III. Conde de Soure, e por morte de ſeu irmaõ ſuccedeo em toda a Caſa, e Morgados, que elle teve, ſobre que lhe moveo demanda ſeu tio Lourenço Pires de Carvalho, Commiſſario Geral da Bulla daCruzada, que com a ſua morte deu eſta mal intentada acçaõ fim. A ſucceſſaõ que tiveraõ os Condes de Soure, já temos referido no Capitulo IV. §. IV. do Livro X. pag. 671 do Tomo X.

19 D. Magdalena da Gloria, Religioſa na Eſperança de Lisboa, muy entendida, diſcreta, e applicada, como teſtemunhaõ as diverſas Obras, que tem compoſto, que a ſua modeſtia imprimio com o nome de D. Leonarda Gil da Gama, a ſaber: *Brados do Deſengano contra o profundo ſono do eſquecimento*, I. e II. Parte. *Aſtro Brilhante em novo Mundo, Novena de Santa Roſa de Santa Maria, Epitome da ſua Vida. Aguia Real, Fenix abrazado, Vida de Santo Agoſtinho. Orbe Celeſte.*

* 18 D. Ignez Antonia de Tavora, filha terceira de Luiz Franciſco, Senhor do Morgado de Oliveira, a qual depois de viuva, foy Dama da Rainha da Grãa Bretanha. Litigou a Caſa de Oliveira em nome de ſeu filho, cuja cauſa durou muitos annos;

nos; e depois de varias ſentenças, melhorou na Reviſta, em que lhe julgaraõ os Morgados de Oliveira, e Val de Sobrados, em nome dos filhos, que ſucceſſivamente lhe foraõ naſcendo, tirando-os a Chriſtovaõ de Almada, a quem foraõ julgados primeiro, e eſtava de poſſe.

Caſou com Joaõ de Saldanha, Senhor do Morgado de Barquerena, e Quinta da Azinhaga, Commendador de S. Martinho de Santarem, da Torre, e Santa Maria de Africa, na Ordem de Chriſto; e tendo ſervido no Paço à Rainha D. Iſabel de Borbon, depois em Africa, achou-ſe na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. a quem ſervio na guerra, em que occupou varios póſtos: era Meſtre de Campo na batalha de Montijo; neſta, e em outras occaſioens de honra ſe diſtinguio: foy Tenente General da Cavallaria da Provincia da Beira, que governou, e ultimamente Governador das Armas de Setuval, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados. Deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 FERNAÕ DE SALDANHA morreo de tenra idade.

19 LUIZ DE SALDANHA, que tambem morreo menino.

19 MANOEL DE SALDANHA, que morreo menino.

* 19 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA, com quem ſe continúa.

19 JACINTHO DE SALDANHA.

19 BERNARDINO DE SALDANHA, que morreo ſem eſtado.

19 D. JOANNA LUIZA DE NORONHA, ſegunda mulher de Manoel de Sampayo, X. Senhor de Villa-Flor, e Chacim, Villas-Boas, e outros Lugares, Alcaide môr de Moncorvo, Commendador na Ordem de Chriſto, de quem naſceo unico

FRANCISCO JOSEPH DE SAMPAYO, XI. Senhor de Villa-Flor, &c. e a ſua ſucceſſaõ já fica referida no Capitulo XIII. do Livro X. pag. 870 do Tomo X.

* 19 D. LUIZA IGNEZ DE TAVORA caſou com Ayres de Saldanha e Souſa, de quem ſe tratará adiante.

19 D. HELENA DE LENCASTRE, foy Religioſa de Santa Thereſa.

19 D. MARIA . . . . foy Religioſa da Ordem de S. Domingos no Moſteiro do Sacramento de Lisboa.

19 FR. DIOGO DE SALDANHA, illegitimo, da Ordem dos Prégadores.

* 19 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA naſceo em 1658, e foy bautizado a 4 de Setembro, filho quarto: foy o que por morte de ſeus irmãos ſuccedeo na Caſa, e Morgados de Oliveira, e Val de Sobrados, e nas Commendas, e Morgados, que teve ſeu pay. Morreo em o primeiro de Abril de 1706, ſendo Coronel dos Privilegiados da Corte. Caſou com D. Luiza de Tavora ſua prima com irmãa,

mãa, que morreo em 1722, filha de Dom Diogo de Menezes, e de D. Maria de Oliveira, e teve os filhos seguintes:

* 20 JOAÕ PEDRO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA, como adiante se dirá.

20 DIOGO DE SALDANHA, teve o exercicio de Moço Fidalgo, e depois o accrescentamento a Fidalgo Escudeiro com 2500 reis de moradia, que depois competio a seu filho. Morreo em Julho de 1712. Casou com D. Josefa Maria Margarida Pereira, filha que veyo a ser herdeira de Gaspar de Abreu de Freitas, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, do Conselho de Sua Magestade, e da sua Fazenda, Commendador na Ordem de Christo, que foy Enviado em as Cortes de Hollanda, e Roma, e ultimamente Embaixador na de Inglaterra; e de sua segunda mulher D. Joanna Pereira, irmãa de Antonio de Basto Pereira, que depois de ter servido diversos lugares, foy Secretario de Sua Magestade, e do seu Conselho, e do da Fazenda, e Secretario da Rainha D. Maria Anna de Austria, Juiz da Inconfidencia, Chanceller da Relaçaõ, e servio muitos annos de Regedor; filhos de Luiz Gomes de Basto, Desembargador do Paço, do Conselho delRey: a qual ficando viuva, casou segunda vez com Caetano Cabral de Menezes, irmaõ de Pedralves Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte, que foy Plenipotenciario na Corte de Castella, de quem naõ ficou succeſſaõ; e ella morreo em Março de 1728.

1728. De seu primeiro marido teve a seguinte:

21 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA nasceo a 3 de Abril de 1710; succedeo tambem em hum Morgado, que teve seu pay, por filho segundo da Casa de seus avós.

Casou em Evora em o primeiro de Mayo de 1730 com D. Francisca Antonia de Azeredo Corte-Real, onde havia nascido em Mayo de 1716, filha herdeira de Manoel Correa de Azeredo, Fidalgo da Casa Real, que depois de viuvo seguio a vida Eccesiastica, e he actualmente Deaõ da Sé de Evora; e de sua mulher D. Marianna da Fonseca Pestana, de quem tem até ao presente, além de dous filhos, que morreraõ de curta idade,

22 D. MARIANNA DE SALDANHA DE AZEREDO E TAVORA, que nasceo a 11 de Julho de 1731.

22 D. ANNA JERONYMA DE SALDANHA DE AZEREDO E TAVORA nasceo a 30 de Abril de 1732.

22 D. JOSEFA DE SALDANHA AZEREDO E TAVORA, que nasceo a 4 de Outubro de 1737.

20 JOAÕ PEDRO DE SALDANHA DE OLIVEIRA, foy XIV. Morgado de Oliveira, e Senhor das mais Casas, e Commendas, que teve seu pay, Commendador na Ordem de Christo; faleceo a 19 de Julho de 1732.

Casou a primeira vez em 20 de Agosto de 1708 com D. Marianna de Noronha, Dama do Paço, e filha de Joaõ de Saldanha e Albuquerque, do Conselho de Guerra, Presidente do Senado da Camera, Tenente Gene-

General da Artilharia do Reyno; e de sua mulher D. Catharina Coutinho, filha de D. Pedro Coutinho, Commendador de Almourol; e morreo no anno de 1714 sem successaõ. Casou segunda vez em 3 de Março de 1715 com Dona Ignez Antonia da Sylva, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Bernardo de Vasconcellos e Sousa, e de D. Maria Magdalena de Portugal sua mulher, como já dissemos no Capitulo IV. do Livro X. pag. 614 do Tomo X. a qual morreo a 9 de Outubro de 1727, deixando os filhos seguintes:

21 ANTONIO DE SALDANHA, com quem se continúa.

21 BERNARDO DE SALDANHA nasceo em 29 de Janeiro de 1718, e morreo no anno de 1724.

21 DOMINGOS DE SALDANHA nasceo no anno de 1719, e faleceo no anno de 1725.

21 D. IGNEZ MARIA DE SALDANHA nasceo a 20 de Janeiro de 1723, Dama do Paço.

21 D. LUIZA DE SALDANHA nasceo a 4 de Junho de 1724.

21 D. DOMINGAS DE SALDANHA nasceo a 16 de Março de 1726.

21 D. FRANCISCA DE ASSIZ DE SALDANHA nasceo em Setembro de 1727.

Casou terceira vez em 19 de Fevereiro de 1730 com D. Maria Antonia Henriques, filha de André Lopes de Lavre, Senhor do Reguengo de Carvoeira, Commendador de Santa Margarida da Matta na Ordem

de

de Christo, Alcaide môr de Serolico, e Secretario do Conselho Ultramarino, e de sua mulher D. Briolanja Henriques, filha de Simaõ da Costa Freire, Senhor de Pancas, de quem naõ teve filhos.

* 21 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA nasceo em 2 de Dezembro de 1716 mudo, porém com tal advertencia, e viveza, que percebe, e se explica com singularidade. Succedeo na Casa, he Morgado de Oliveira, Commendador de Santa Maria de Africa, de S. Martinho de Santarem, e Santa Maria da Torre na Prelazia de Thomar, todas na Ordem de Christo. Casou em o primeiro de Mayo de 1736 com D. Constança de Portugal sua prima com irmãa, Dama do Paço, filha de Dom Luiz de Portugal, e de D. Ignacia de Rohan, Dama do Paço, como se disse a pag. 242 do Tomo IX. de quem tem

22 D. IGNACIA DE SALDANHA, que nasceo a 29 de Abril de 1741.

22 JOSEPH DE SALDANHA, que nasceo a 15 de Março de 1744.

* 19 D. LUIZA IGNEZ DE TAVORA, filha segunda de Joaõ de Saldanha, e de D. Ignez Antonia de Tavora, foy Dama do Paço.
Casou com Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, que servio na guerra de Alentejo com reputaçaõ, e occupou varios póstos; e sendo Capitaõ de Cavallos, se achou na batalha do Ameixial, e na restauraçaõ de Evora; e depois sendo Mestre de Campo de hum

Terço

Terço de Infantaria, se achou com elle no sitio, e tomada de Valença de Alcantara; e no anno de 1665 na batalha de Montes-Claros, onde com louvavel valor, se naõ quiz retirar, estando taõ mal ferido, que ainda depois de curado padeceo continuo embaraço. Celebrada a paz com Castella, foy Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira; depois dos Reynos de Angola, e do Algarve; e no anno de 1701 Governador das Armas de Setuval, e ultimamente do Conselho de Guerra. Era filho de Luiz de Saldanha, Commendador de Salvaterra, e Alcains na Ordem de Christo, Védor da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, e de D. Violante de Mendoça sua segunda mulher, filha de Ayres de Sousa de Castro, Commendador de Alpedrinha, e Rio-Mayor na Ordem de Aviz, e de D. Leonor Manrique; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ de curta idade, os seguintes:

Portugal Restaurado, liv. 10. pag. 724.

* 20 JOSEPH DE SALDANHA DE MENEZES E SOUSA, com quem se continúa.

20 D. IGNEZ JOSEFA DE TAVORA nasceo no anno de 1686, foy bautizada a 9 de Março. Casou com D. Pedro de Almeida de Lencastre, como adiante se verá no Capitulo XXIII.

20 D. VIOLANTE DE TAVORA, que he Religiosa de Santa Theresa no Mosteiro da Conceiçaõ dos Cardaes em Lisboa.

* 20 JOSEPH DE SALDANHA DE MENEZES E SOUSA, succedeo a seu pay, e he Commendador de

Santo

Santo Eusebio de Aguiar da Beira na Ordem de Christo, e possuidor de hum Morgado em Lisboa com a Capella do Santo Crucifixo na Igreja da Graça, e de outro em Santarem na Capella da Collegiada da dita Villa.

Casou em 13 de Junho de 1710 com D. Victoria de Lencastre, Dama da Rainha Dona Maria Anna de Austria, filha de D. Bernardo de Noronha, e de D. Maria Antonia de Almada, Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, Arcos, &c. filha herdeira de Christovaõ de Almada, Senhor das referidas terras, &c. de quem tem unico

21 AYRES BENTO DE SALDANHA nasceo a 21 de Março de 1711, que he Capitaõ de Infantaria em hum dos Regimentos da Corte. Casou em 13 de Junho de 1737 com D. Maria Herculana Mascarenhas, filha dos II. Condes de Coculim, como dissemos no Capitulo V. do Livro VI. pag. 246 do Tomo V.

* 17 D. MAGDALENA DE LENCASTRE, filha primeira de Martim Affonso de Oliveira, Senhor do Morgado de Oliveira, e de D. Helena de Lencastre, como dissemos.

Casou com Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, e Ferreiros, com os seus Padroados, Provedor da Casa da India, Commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, Gentil-homem da Camera delRey D. Pedro II.

sendo

ſendo Infante. Faleceo no anno de 1678. E deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

* 18 CRHISTOVAÕ DE ALMADA, com quem ſe continúa.

18 MARTIM AFFONSO DE ALMADA, que foy Porcioniſta no Collegio de S. Pedro na Univerſidade de Coimbra, em que entrou a 15 de Dezembro de 1653. Foy Conego da Sé de Lisboa. Morreo de bexigas, ſendo muito moço.

18 ANTONIO LUIZ DE ALMADA, morreo moço, ſem eſtado.

* 18 CHRISTOVAÕ DE ALMADA, ſuccedeo por morte de ſeu pay na ſua Caſa, e foy Senhor de Carvalhaes, e mais terras, Commendador de Rio de Moinhos, Provedor da Caſa da India, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro, depois Rey, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e alguns annos Senhor do Morgado de Oliveira, em virtude da Sentença, que alcançou contra ſua prima com irmãa D. Maria de Oliveira; e depois de dilatadas demandas, ſe lhe tirou por Sentença de Reviſta, dada no anno de 1671, em que ſe julgou eſte Morgado, e o de Val de Sobrados annexo a elle, em virtude das inſtituiçoẽs, ao filho varaõ de ſua prima Dona Ignez Antonia de Tavora, por ſer mais proximo ao ultimo poſſuidor, e já gerado ao tempo da ſua morte. Por morte da Condeſſa de Vimioſo Dona Maria Margarida de Caſtro e Albuquerque, Senhora da Caſa de Baſto, pertendeo ſucceder nella; e depois de

largos annos lhe foy ſentenciada: porém nos Embargos, depois da ſua morte, foy tirada a ſeu neto, e conſervado na poſſe o Marquez de Valença, Conde de Vimioſo D. Franciſco de Portugal, a quem de todo foy ultimamente julgada na denegaçaõ de Reviſta no anno de 1726, como ſe diſſe a pag. 781 do Tomo X. Foy muy cortezaõ, e eſtimado na Corte, verſado nas ceremonias, e etichetas do Paço, que ninguem entendeo no ſeu tempo melhor do que elle, de ſorte que era archivo vivo, para as duvidas, que occorriaõ; muy fino na amiſade, animado de grande coraçaõ, ſem que ſe dominaſſe da ambiçaõ, em extremo aceado, ſem nimiedade, de agradavel converſaçaõ, e em tudo generoſo, e magnifico, em que imitou muito a ſeu pay. ElRey noſſo Senhor fez delle grande eſtimaçaõ, e na ſua doença, paſſando pela ſua porta algumas vezes, hindo a viſitar a ſagrada Imagem da Virgem Santiſſima com o titulo das Neceſſidades, mandava ſaber delle do meſmo coche, com eſpecial benignidade, demonſtradora do muito, que o attendia, e eſtimava; pois elle lhe tinha aſſiſtido deſde o ſeu naſcimento, até que ſobio ao Throno, ſendo Veador da Rainha D. Maria Sofia, e antes da Rainha Dona Maria Franciſca. Finalmente cheyo de annos, no que contava oitenta e hum, morreo a 9 de Agoſto de 1713, e foy enterrado no ſeu Jazigo na Freguesia de Santa Catharina de Lisboa. Caſou duas vezes, a primeira com D. Luiza de Eça Corte-Real ſua prima com irmãa, Senhora do Morgado

gado dos Eças em Azeitaõ, e de Marim no Algarve, filha herdeira de Dom Joaõ de Eça Corte-Real, Senhor dos referidos Morgados, Commendador na Ordem de Christo, e de D. Brites de Lencastre sua mulher, filha de Martim Affonso de Oliveira, Senhor do Morgado de Oliveira, e tiveraõ os filhos seguintes:

19 RUY LUIZ FERNANDES DE ALMADA E EÇA, que succedeo por morte de sua mãy nos seus Morgados, e na Casa de seu avô materno; porém morreo moço, sem idade de poder tomar estado.

19 D. JOAÕ DE EÇA DE ALMADA,

19 D. BRITES DE LENCASTRE,

19 D. MAGDALENA DE LENCASTRE, que todos morreraõ meninos.

19 D. DIOGO DE EÇA DE ALMADA,

19 LUIZ DE ALMADA,

19 FRANCISCO DE ALMADA, que todos morreraõ tambem em curta idade.

Casou segunda vez no anno de 1667 com D. Filippa Maria de Mello sua sobrinha, filha primeira de Dom Luiz de Almada, Senhor de Pombalinho, &c. e de D. Luiza de Menezes sua mulher, como deixamos escrito no Capitulo IV. do Livro X. pag. 617 do Tomo X. e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

* 19 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, com quem se continúa.

19 D. IGNEZ MARGARIDA DE LENCASTRE casou com D. Vasco Lobo da Sylveira, II. Conde de

Oriola, IX. Baraõ de Alvito, e da sua successaõ se dirá adiante.

19 D. ISABEL, = D. MARGARIDA, = LUIZ DE ALMADA, = RUY FERNANDES DE ALMADA, morreraõ todos meninos.

Teve Bastardos.

19 LUIZ DE ALMADA, havido em Maria Rolim, irmãa de Francisco Barques Rolim, Cavalleiro na Ordem de Christo, e filhos de João Barques Rolim, e de Maria da Mota; estudou em Coimbra, e depois de formado foy Clerigo, e Abbade da Igreja da Alfandega da Fé, e depois Prior de S. Miguel de Oliveira de Barro, ambas do Padroado Real, donde passou a Prior de S. Salvador de Ilhavo, Igreja de grande renda, Padroado da Casa de seu pay; a qual renunciou, tirando huma pensaõ de dous mil e quinhentos cruzados cada anno, e teve outros Beneficios Ecclesiasticos. Foy Deaõ da Capella Real, e Deputado do Santo Officio de Lisboa, em que entrou a 23 de Fevereiro do anno de 1708; e ultimamente nomeado Prior môr de Aviz a 15 de Julho de 1709, e tomou o habito na Igreja da Encarnaçaõ das Religiosas da mesma Ordem a 22 de Junho do anno seguinte, que lho lançou o Prior da dita Igreja Fr. Joaõ Baracho, e assistentes Fr. Miguel Barbosa Carneiro, entaõ Juiz Geral das Ordens, Desembargador da Relaçaõ, e Deputado do Santo Officio, depois Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e Fr. Bento Guarda Rios, Secretario do Infante D. Fran-

Franciſco. Morreo em Lisboa a 8 de Abril do anno de 1720, tendo governado com prudencia, e tal urbanidade, que deixou entre os ſeus Freires ſaudoſa memoria.

19 FRANCISCO DE ALMADA, Religioſo da Ordem de S. Bernardo no Moſteiro de Alcobaça.

19 D. ANGELA DE ALMADA, Freira em Santa Clara de Coimbra.

19 D. MARIA VICTORIA DE ALMADA, Freira em Santa Clara de Lisboa, onde foy Abbadeſſa.

19 JOSEPH DE ALMADA, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, paſſou a ſervir à India, onde morreo em huma expediçaõ militar.

19 DONA ANTONIA DE ALMADA.

19 DONA MAGDALENA DE ALMADA,

19 JOSEPH DE SOUSA DE ALMADA, que naſceo no anno de 1702, e foy bautizado a 19 de Março na Freguesia de Santos. Faleceo, e outros, que morreraõ meninos, havidos todos eſtes filhos em diverſas mãys.

* 19 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, foy Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, Ferreiros, e das mais terras, e Padroados da Caſa de ſeu pay, em que ſuccedeo por ſua morte, a qual faleceo em Azeitaõ a 2 de Julho de 1720. Caſou com D. Bernardo de Noronha, filho ſegundo de D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos, do Conſelho de Eſtado, Preſidente do Conſelho Ultramarino, Gentil-homem da Camera do Principe D.

Theo-

Theodoſio, Commendador de Santa Maria de Val Longo na Ordem de Chriſto, e de ſua ſegunda mulher D. Magdalena de Borbon, Dama do Paço, e irmãa do II. Conde dos Arcos, de quem veyo a ſer herdeira; e filha de D. Luiz de Lima Brito e Nogueira, I. Conde dos Arcos, feito no primeiro de Novembro de 1619, e VIII. Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, Alcaide môr de Ponte de Lima, e Senhor dos Morgados de Santo Eſtevaõ de Béja, e S. Lourenço de Lisboa, e muitas terras na Provincia do Minho, Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. que morreo a 24 de Julho de 1647. Eſtudou Canones em Coimbra, e foy Porcioniſta do Collegio Real de S. Paulo daquella Univerſidade: naõ ſeguio as letras por eſte caſamento; e morreo em Lisboa apreſſadamente a 7 de Março de 1704, deixando a ſucceſſaõ ſeguinte:

20 CHRISTOVAÕ DE ALMADA, que morreo menino.

* 20 FRANCISCO DE ALMADA, Senhor de Carvalhaes, &c. com quem ſe continúa.

20 D. MAGDALENA DE BORBON, Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, caſou com Joſeph de Mello, Porteiro môr, como ſe dirá adiante.

20 D. THERESA DE NORONHA, Dama da meſma Rainha. Caſou a 17 de Julho de 1714 com Antonio de Mendoça ſeu ſobrinho, filho herdeiro de Triſtaõ de Mendoça, Commendador de Avanca na Ordem de Chriſto, que ſervio na guerra, ſendo Tenente

nente General da Cavallaria; e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, filha de D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho, e Mestre-Salla de Sua Magestade: porém naõ lhe ficando desta uniaõ filhos, por elle morrer moço, casou depois com Sebastiaõ Joseph de Carvalho e Mendoça, Enviado Extraordinario na Corte de Londres; e ella faleceo a 21 de Março de 1739, tambem sem successaõ deste segundo matrimonio.

20 D. VICTORIA EUFEMIA DE LENCASTRE nasceo em 1690, bautizada a 22 de Abril, que tambem foy Dama da mesma Rainha, e casou com seu primo Joseph de Saldanha, como fica dito.

20 D. LUIZA DE NORONHA nasceo no anno de 1691, foy bautizada em Santos a 3 de Dezembro, Freira no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

20 D. FILIPPA DE NORONHA morreo menina.

20 D. ANNA DE NORONHA, Freira de Santa Theresa no Mosteiro de Santo Alberto de Lisboa.

20 D. ISABEL DE NORONHA, Freira em Santa Clara de Lisboa, onde professou a 15 de Agosto de 1711.

20 D. ANTONIA DE NORONHA, Freira no mesmo Mosteiro.

20 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, Freira tambem em Santa Clara de Lisboa.

* 20 FRANCISCO DE ALMADA nasceo em Agosto do anno de 1700; por morte de sua mãy herdou a Casa de seu avô, e foy Senhor das Villas de Carvalhaes,

lhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, e Ferreiros, e dos seus Padroados, Provedor da Casa da India, Commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos, Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças de Lisboa; e morreo a 7 de Mayo de 1730. Casou em 8 de Setembro de 1716 com D. Guiomar de Vasconcellos, Dama da mesma Rainha, e hoje Senhora de Honor, filha segunda de Affonso de Vasconcellos e Sousa, Conde da Calheta, e da Condessa D. Pelagia Sinfronia de Rohan sua mulher, como já se disse, de quem teve

* 21 BERNARDO DE ALMADA, de quem adiante se tratará.

21 D. PELAGIA DE ALMADA nasceo em Verdemilho a 28 de Agosto de 1718. Casou a 14 de Julho de 1740 com Dom Luiz de Castellobranco, IV. Conde de Pombeiro, como dissemos no Capitulo ultimo do Livro VIII. pag. 706 do Tomo IX.

21 AFFONSO DE ALMADA morreo poucos dias depois de nascido.

21 JOSEPH DE ALMADA nasceo a 15 de Julho de 1721, morreo de curta idade em Janeiro de 1724.

21 D. MARIA DE NORONHA nasceo em Lisboa a 22 de Dezembro de 1722, morreo em 1728.

21 D. ISABEL DE ALMADA nasceo em 9 de Julho de 1724, e morreo menina.

21 D. FRANCISCO DE NORONHA nasceo a 26 de Março de 1725, e morreo tanto que recebeo a agua do Bautismo.

D.

21 D. ANTONIO DE NORONHA naſceo a 26 de Mayo de 1728, e morreo de tenra idade.

21 D. JOSEPH DE NORONHA naſceo em 9 de Julho de 1729, que tambem morreo de curta idade.

* 21 BERNARDO DE ALMADA naſceo a 31 de Julho de 1717. Foy Moço Fidalgo, e com eſte exercicio foy nomeado para acompanhar a Sua Mageſtade, quando paſſou a Alentejo, na occaſiaõ dos reciprocos caſamentos dos Principes do Braſil, e Aſturias: ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, e he Senhor de Carvalhaes, Verdemilho, Ilhavo, Avelans, e Ferreiros, menos nos Padroados, Provedor da Caſa da India. Caſou a 10 de Janeiro de 1740 com D. Magdalena de Almeida, filha dos III. Condes de Aſſumar, como diſſemos no Liv. X. pag. 818 do Tomo X. a qual faleceo a 3 de Março de 1742, ſem deixar ſuceſſaõ.

* 20 D. MAGDALENA DE BORBON, foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria. Caſou a 8 de Setembro de 1719 com Joſeph de Mello e Souſa, Porteiro mór de Sua Mageſtade, Senhor do Morgado de Alcube, Commendador das Commendas de S. Giaõ, S. Salvador de Anciaens, no Arcebiſpado de Braga, e da de Couro na Guarda, na Ordem de Chriſto, Alcaide mór das Villas de Toloſa, e Amieira, Donatario da Villa de Caheté no Eſtado do Braſil: foy Coronel de hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte, poſto com que ſervio na guerra, e Brigadeiro, e he General de Batalha: filho de Manoel de Mello, que foy Porteiro mór, e Capitaõ da Guarda Real,

Alcaide môr de Campo-Mayor, que depois de ter servido na guerra, e occupado varios póstos, até o de Governador da Cavallaria da Provincia de Alentejo, do Conselho de Guerra, foy Regedor da Casa da Supplicaçaõ; e depois de viuvo, Graõ Prior do Crato na Ordem de S. Joaõ de Malta neste Reyno, que morreo a 14 de Abril de 1695, e lhe succedeo no Graõ Priorado o Senhor Infante D. Francisco; e de sua mulher, e sobrinha D. Francisca de Vilhena, filha herdeira de Alvaro de Sousa, Senhor do Morgado de Alcube, de quem tem

21 MANOEL ANTONIO DE SOUSA E MELLO.

21 D. MARIA ANTONIA THERESA DE MELLO nasceo a 22 de Novembro de 1721.

21 D. FRANCISCA ANTONIA DE MELLO, que faleceo a 16 de Agosto de 1732, havendo nascido no primeiro de Dezembro de 1722.

21 MANOEL ANTONIO DE SOUSA E MELLO, que nasceo a 9 de Setembro de 1720, que he o seu successor. Casou a 28 de Outubro de 1742 com D. Maria Theresa Xavier Telles, filha dos IV. Condes de Unhaõ, de quem fizemos mençaõ no Capitulo II. §. I. do Livro VIII. pag. 84 do Tomo IX. e tem

22 D. VICTORIA XAVIER DE MELLO nasceo a 19 de Agosto de 1743.

22 JOSEPH ANTONIO JOACHIM XAVIER DE SOUSA E MELLO nasceo a 2 de Dezembro de 1744.

D. Fi-

[Fi]ppa [M]ene[zes], [f]ulh. [de] D. Luiz [...] cast. C[o]men[da]dor mór [...]z.

- D. Diogo da Sylveira, II. Cond. de Sortelha, Guarda mór del Rey Dom Sebastiaõ.
  - D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Guarda mór dos Reys Dom Manoel, e D. Joaõ III. &c.
    - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Recardaens, &c. Vedor das Obras do Reyno, Mordomo mór da Rainha D. Catharina.
      - Diogo da Sylveira, Sen. de Recardaens, Escrivaõ da Puridade delRey D. Affonso V. Coudel mór.
        - Nuno Martins da Sylveira, Escrivaõ da Puridade delRey D. Duarte.
        - Leonor Gonçalves de Abreu.
      - D. Brites de Goes, Senhora de Oliveira do Conde, &c.
        - Fernando Gomes de Lemos de Goes, Senhor de Oliveira do Conde, &c.
        - D. Leonor da Cunha.
    - D. Filippa de Vilhena, Dama do Paço.
      - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, ✱ a 10 de Abril de 1477.
        - Ayres Gomes da Sylva, III. Senhor de Vagos, &c. Regedor da Justiça, ✱ a 25 de Mayo de 1454.
        - D. Brites de Menezes.
      - D. Maria de Vilhena, Camereira mór.
        - Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Olivença.
        - D. Margarida de Vilhena.
  - A Condessa Dona Brites Coutinho.
    - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal.
      - Dom Alvaro Coutinho.
        - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, Capitaõ de Ceuta em 1451.
        - D. Joanna de Castro.
      - D. Brites Soares de Mello.
        - Ruy Gomes de Alvarenga, Chanceller mór, Embaixador a Roma.
        - D. Melicia de Mello.
    - D. Maria de Noronha.
      - Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ Donatario do Funchal, ✱ em 1501.
        - Joaõ Gonçalves Zarco, Descobridor da Ilha da Madeira, I. Capitaõ do Funchal.
        - Constança Rodrigues de Sá.
      - D. Maria de Noronha.
        - D. Diogo Henriques de Noronha.
        - D. Maria de Gusmaõ.
- A Condessa D. Maria de Menezes.
  - Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Alcaide mór do Porto.
    - Henrique de Sá de Menezes, Senhor de Sever.
      - Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, &c.
        - Fernaõ de Sá, Senhor de Sever, Camereiro mór dos Reys D. Joaõ I. D. Duarte, e D. Affonso V.
        - D. Filippa da Cunha.
      - D. Catharina de Menezes.
        - Luiz de Azevedo.
        - D. Aldonça de Menezes, Senhora do Morgado de Valverde.
    - D. Brites de Menezes.
      - D. Joaõ de Menezes, Senhor de Cantanhede.
        - D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede, Mordomo mór da Rainha D. Isabel.
        - D. Brites de Andrade.
      - D. Leonor da Sylva.
        - Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos.
        - D. Leonor de Miranda.
  - Dona Camila de Noronha.
    - Dom Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villanova, Camereiro mór delRey Dom Joaõ III. do seu Conselho, &c.
      - Gonçalo Vaz de Castellobranco, Escrivaõ da Puridade, e Védor da Fazenda delRey Dom Affonso V.
        - Lopo Vaz de Castellobranco, Monteiro mór delRey D. Joaõ I. &c.
        - Catharina Vaz Pessanha.
      - D. Brites Valente. H.
        - Martim Affonso Valente, Senhor da Povoa.
        - D. Violante Affonso de Azambuja.
    - A Condessa Dona Mecia de Noronha.
      - Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ do Funchal.
        - Joaõ Gonçalves Zarco, Descobridor da Ilha da Madeira, anno de 1420.
        - Constança Rodrigues de Sá.
      - D. Maria de Noronha.
        - D. Diogo Henriques de Noronha.
        - D. Maria de Gusmaõ.

CAPITULO XIV.

De D. Luiz de Lencastre, II. Commendador môr de Aviz.

15 HErdou este Senhor a Casa de seu pay no anno de 1574, como se vê de hum Alvará delRey D. Sebastiaõ, em que confirma a Dona Magdalena de Granada o poder succeder nas Commendas seu filho, e neto, dizendo nas Cartas: *Dom Luiz meu muito amado, e prezado Sobrinho, filho do Mestre de Saõ Tiago, meu muito amado, e prezado Primo*; succedeo tambem a seu pay no nome de D. Luiz de Lencastre: foy Commendador môr de Aviz, e Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, e Alcanede, Alcaide môr dos Castellos das Villas de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, e Alcanede, por Cartas de 15 de Fevereiro de 1574, todas na Ordem de Aviz; verificando-se nelle a primeira vida do despacho de sua mãy, dandolhe o tratamento de Sobrinho ElRey D. Sebastiaõ, e os Reys que lhe succederaõ. Acompanhou a seu pay nas Embaixadas a Castella, por Carta que para isso teve. Servio a ElRey D. Sebastiaõ nas duas expediçoes, que fez à Africa; na segunda se achou na infelice batalha de Alcacere do anno de 1578, em que depois de ter obrado, como se podia esperar do

seu

ſeu alto naſcimento, tendo recebido duas feridas, foy cativo, e levado com os mais Senhores à eſcravidaõ, de que ſe reſgatou à ſua cuſta pelo valor de doze mil cruzados, entrando no numero dos oitenta Fidalgos, que ſe eſtipularaõ no contrato, para o que ElRey D. Henrique mandou por Embaixador a D. Franciſco da Coſta. Naõ contava mais, que vinte e ſete annos quando foy nomeado do Conſelho de Eſtado por ElRey D. Henrique, lugar em que ſervio aos Reys D. Filippe II. e III. e do Deſpacho. Quando ſe entendeo, que os Inglezes, fomentados pelo Prior do Crato, intentavaõ alguma operaçaõ militar em a Cidade de Lisboa, que ſe começou a prevenir da irrupçaõ, que ſe temia, o Commendador mòr levantou à ſua cuſta huma Companhia de duzentos homens, aos quaes pagava, aſſim aos Officiaes, como aos Soldados, ſuſtentando-os a todos por treze mezes. Nas Cortes de Thomar ſervio o Commendador mòr o officio de Guarda mòr da peſſoa delRey; devia ſer na menoridade de ſeu ſobrinho o Conde de Sortelha D. Luiz da Sylveira, ou na auſencia do Conde Dom Diogo da Sylveira ſeu pay. Havia D. Luiz de Lencaſtre entrado na moradia de Moço Fidalgo, que ſaõ mil reis por mez, e alqueire e meyo de cevada por dia; e ſendo accreſcentado deſte foro ao de Fidalgo Eſcudeiro com cinco mil e quinhentos de moradia por mez, e alqueire e meyo de cevada por dia; ſendo accreſcentado depois no anno de 1588, no primeiro de Outubro, a Fidalgo Cavalleiro com ſete mil e

duzen-

duzentos e cincoenta de moradia, sendo já do Conselho de Estado: pelo que em attençaõ deste grande lugar, ElRey lhe houve por bem fazer merce a D. Luiz de Lencastre seu muito amado, e prezado sobrinho, pelo haver feito do seu Conselho de Estado, dalli em diante nove mil reis de moradia, por Alvará feito a 24 de Setembro de 1591. No anno de 1609 foy nomeado Védor da Fazenda, lugar que exerceo até a morte. No anno de 1611 o escolheo ElRey para Presidente de hum novo Tribunal, que erigia, para reformaçaõ da Casa do assentamento do Reyno. Morreo em Lisboa no primeiro de Junho de 1613, e foy sepultado na Capella môr de S. Joaõ de Setuval, onde jaz, como se vê no Livro dos assentos da Freguesia de Santos daquelle anno.

Liv. 3. do Regist. das Merces do anno 1588.

Casou no anno de 1548 com D. Filippa de Menezes, irmãa de seu cunhado D. Joaõ da Sylveira, e filha dos II. Condes de Sortelha, como já dissemos. Celebrou-se o Tratado deste matrimonio em Lisboa no Palacio do Duque de Coimbra seu avô, que o assinou a 27 de Julho do referido anno. Faleceo a 12 de Março de 1621; e deste matrimonio teve os filhos seguintes:

16 D. Luiz de Lencastre = D. Jorge, = D. Maria, = e D. Jorge de Lencastre, morreraõ de tenra idade.

16 Dom Francisco Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, com quem se continuará no Capitulo XV.

D.

16 D. Maria de Lencastre morreo menina.

* 16 D. Magdalena de Lencastre casou com D. Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito, Senhor da mesma Villa, e das de Oriola, Villa-Nova de Aguiar, e Ribeira de Niza, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. e Commendador da Repreza na Ordem de Santiago; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

17 D. Rodrigo Lobo, que morreo moço, sem estado, nem geraçaõ, em vida de seu pay.

* 17 D. Luiz Lobo, VII. Baraõ de Alvito, I. Conde de Oriola, como se dirá adiante.

17 D. Francisco Lobo, foy Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho.

17 D. Diogo Lobo, estudou em a Universidade de Coimbra Theologia, sendo Porcionista do Collegio de S. Pedro na dita Universidade, em que foy aceito a 9 de Março de 1637; e depois passou a Collegial, eleito a 8 de Dezembro de 1639. Foy Conego da Sé de Lisboa, hoje Basilica de Santa Maria, e Sumilher da Cortina dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonso VI. Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, e foy no numero XLIX. e já no anno de 1662 era Prelado desta Igreja; o que consta dos Estatutos, que fez daquella Collegiada, que se guardaõ no seu Archivo. Foy tambem eleito Bispo de Viseu, de que naõ teve Bullas, por ser no tempo, que naõ as concedia a Sé Apostolica a Portugal. Morreo desgraçadamente a 7 de Setembro

Catal. dos Dons Priores de Guimaraens, pag. 66.

bro de 1666, cahindo a varanda das casas, em que morava; e assim ficou juntamente morto, e sepultado nas ruinas.

17 D. Lourenço Lobo morreo moço.

17 D. Filippa de Lencastre, que morreo, sem ter elegido estado, em Janeiro de 1667.

17 D. Barbara de Lencastre, que tambem morreo sem ter tomado estado.

* 17 D. Maria de Lencastre casou com D. Alvaro de Abranches, de quem se dirá adiante.

* 17 D. Luiz Lobo foy VII. Baraõ de Alvito, I. Conde de Oriola, por merce delRey D. Joaõ o IV. em 16 de Setembro de 1653, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. Commendador da Repreza na Ordem de Santiago, Senhor de Alvito, e outras terras, que seu pay possuîo: servio na guerra contra Castella a ElRey D. Joaõ IV. e foy Governador, e Capitaõ General de Tanger.
Casou com D. Eufrazia Luiza de Tavora, filha de D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, e da Condessa D. Leonor Coutinho sua segunda mulher; como já se disse no Livro X. Capitulo IV. pag. 566 do Tomo X. e tiveraõ os filhos seguintes:

18 D. Joaõ Lobo, VIII. Baraõ de Alvito, Senhor das mais terras desta Casa, Commendador da Repreza na Ordem de Santiago. Servio a ElRey D. Joaõ IV. de Moço Fidalgo, e foy seu Pagem da lança quando passou à Alentejo no anno de 1643. Depois na guerra contra Castella, foy Coronel, e Governa-

vernador da Praça de Serpa, e se achou com o seu Regimento no sitio, que o Exercito de Portugal poz à Praça de Badajoz no anno de 1658, onde por levissima causa o Baraõ D. Joaõ se desafiou com D. Vasco da Gama, Capitaõ de Cavallos, e levou por Padrinho a seu irmaõ D. Francisco Lobo, e D. Vasco da Gama a Luiz de Miranda Henriques, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Coronel de Infantaria; assistiaõ no Quartel de S. Gabriel, e todos juntos chegaraõ ao da Corte, e passaraõ o Guadiana; e tendo noticia do desafio Joanne Mendes de Vasconcellos, Governador das Armas, e General, que mandava aquella facçaõ, ordenou a D. Joaõ da Sylva, Tenente General da Cavallaria, fosse prendellos: montou D. Joaõ a cavallo com os primeiros Soldados, que encontrou, e correndo à redea solta, naõ bastou toda a diligencia; porque quando chegou ao lugar do desafio, naõ achou mais que estragos da vingança, vendo mortos, e ainda palpitantes, ao Baraõ de Alvito, a D. Francisco, e a Luiz de Miranda, faltando só D. Vasco, que se tinha retirado com muitas, e perigosas feridas. Este desgraçado successo foy geralmente sentido; porque o Baraõ era dotado de summo valor, de liberalidade, e de outras partes dignas de estimaçaõ. Estava casado com D. Francisca de Gusmaõ, Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, &c. e da Condessa D. Constança de Gusmaõ sua mulher, que foy nomeada Aya da Infanta D. Isabel Josefa

Portugal Restaurado, part. 2, liv. 2, pag. 120.

sesa, por Carta do Principe Regente de 3 de Novembro de 1673; della se tira, que a Baroneza estava fóra da Corte, e parece naõ teve effeito. Falleceo a 11 de Março de 1698: jaz em S. Pedro de Alcantara. Desta uniaõ foy unica

19 D. BERNARDA CAETANA LOBO, que succedeo na Casa, e foy IX. Baroneza de Alvito, e II. Condessa de Oriola, e Senhora das mais terras, que teve seu pay, e casou com seu tio D. Vasco Lobo, como logo se dirá.

18 D. FRANCISCO LOBO, que sendo Capitaõ de Cavallos no Exercito de Alentejo, foy morto juntamente com o Baraõ seu irmaõ, no desafio relatado, no anno de 1658.

18 D. CARLOS LOBO morreo de pouca idade.

* 18 D. VASCO LOBO, Baraõ de Alvito, e Conde de Oriola, com quem se continúa.

18 D. LEONOR DE TAVORA, foy Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 18 D. VASCO LOBO nasceo em Alvito, foy destinado para a Igreja, por ser filho quarto da sua Casa; estudou Canones na Universidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 6 de Dezembro de 1649; e depois passou a Collegial, eleito a 31 de Outubro de 1656, e Arcipreste da Sé de Lisboa, Dignidade que renunciou para casar com sua sobrinha: pelo que foy II. Conde de Oriola, IX. Baraõ de Alvito, Senhor da dita Villa, e da de Oriola, de Villa-Nova de Aguiar,

e Ribeira de Niza, Commendador da Repreza na Ordem de Santiago, e Senhor do officio de Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. Foy Védor da Casa das Rainhas D. Maria Francisca de Saboya, e D. Maria Sofia; depois de Suas Altezas, e Deputado da Junta dos Tres Estados. Morreo a 22 de Fevereiro do anno de 1705.

Casou duas vezes, a primeira em 9 de Setembro de 1666 com sua sobrinha D. Bernarda Caetana Lobo, Condessa de Oriola, e Baroneza de Alvito, e Senhora de toda a mais Casa de seu pay D. Joaõ Lobo, VIII. Baraõ de Alvito, a qual faleceo a 16 de Março de 1687. Desta uniaõ nasceo

19 D. JOAÕ LOBO DA SYLVEIRA, que sendo baldado das pernas, mas de gentil presença, morreo moço a 16 de Setembro de 1689, e jaz em S. Pedro de Alcantara com sua mãy.

Casou segunda vez em 12 de Janeiro de 1692 com D. Ignez Margarida de Lencastre, Dama das referidas Rainhas, e da Infanta D. Isabel, filha de Christovaõ de Almada, Senhor de Carvalhaes, &c. e de sua segunda mulher D. Filippa Maria de Mello; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

19 D. LUIZ LOBO, que morreo antes de cumprir oito annos de idade em o de 1701, dando grandes esperanças na sua viveza, e admiravel indole.

* 19 D. JOSEPH ANTONIO FRANCISCO LOBO DA SYLVEIRA, III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, com quem se continúa.

D.

19 D. Christovaõ Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1700, e foy bautizado a 10 de Julho; morreo moço a 10 de Junho do anno de 1727.

19 D. Josefa Gabriella de Lencastre nasceo em 1697, foy bautizada a 25 de Março, que até ao presente naõ tem elegido estado.

19 D. Francisco Xavier Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1703, foy bautizado a 8 de Setembro; passou a servir à India no anno de 1728, e lá morreo na Armada, que se perdeo no anno de 1729; e tinha hido soccorrer Mombaça.

* 19 D. Joseph Antonio Francisco Lobo, nasceo a 3 de Junho do anno de 1698, e foy bautizado a 13 do dito mez; he III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, Senhor das Villas de Alvito, Oriola, Villa-Nova de Aguiar, e Ribeira de Niza, Commendador da Commenda da Repreza na Ordem de Santiago; he Capitaõ de Cavallos em hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte, Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e nomeado para assistir ao Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, e Deputado da Junta dos Tres Estados, feito no anno de 1744. Casou em 4 de Março de 1726 com D. Theresa de Assiz Mascarenhas, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Dom Fernando Mascarenhas, II. Conde de Obidos, Meirinho môr de Portugal, e de Dona Brites Mascarenhas, Condessa de Sabugal, e Palma, &c. de quem tem os filhos seguintes:

20 D. Vasco Joseph Lobo, que naſceo a 30 de Novembro de 1726.

20 D. Fernando Joseph Lobo naſceo a 21 de Novembro do anno de 1727.

20 D. Maria Josefa Lobo, que naſceo a 8 de Dezembro do anno de 1728.

20 D. Francisco Joseph Lobo naſceo a 12 de Abril de 1730, faleceo de tenra idade.

20 D. Manoel Joseph Lobo naſceo a 3 de Mayo de 1731.

20 D. Ignez Josefa Lobo naſceo a 14 de Abril de 1733.

20 D. Josefa Lobo naſceo a 14 de Mayo de 1734, e viveo poucos dias depois de bautizada.

20 Dom Joseph Lobo naſceo a 15 de Março de 1736.

20 D. Francisco Joseph Lobo naſceo a 19 de Abril de 1737.

20 D. Theresa Josefa Lobo naſceo a 30 de Julho do anno de 1738.

Teve o Baraõ Conde illegitima a

20 D. Maria Lobo, que naſceo no anno de 1717, e foy bautizada em Santos a 4 de Dezembro, havida em Maria Metheer, Franceza.

* 17 D. Maria de Lencastre, filha de Dom Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito. Caſou com D. Alvaro de Abranches, Commendador de S. Joaõ da Caſtanheira na Ordem de Chriſto, que depois de ſe ter achado na reſtauraçaõ da Bahia, e ſer eleito Governador,

vernador, e Capitaõ General de Mazagaõ; foy hum dos Acclamadores delRey D. Joaõ IV. de gloriosa memoria, e do seu Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia da Beira, e das de Entre Douro, e Minho, e Cidade do Porto, e ultimamente Mestre de Campo General da Provincia da Estremadura, Senhor do Morgado de Abranches, Almadas, como filho de D. Francisco Coutinho da Camera, Commendador de S. Joaõ da Castanheira; e de sua mulher Dona Guiomar de Abranches, filha herdeira de D. Joaõ de Abranches, Senhor do dito Morgado, e de Dona Antonia de Sousa sua segunda mulher; e neto de Ruy Gonçalves da Camera, I. Conde de Villa-Franca, &c. e tendo casado segunda vez com D. Ignez de Avila sua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, de quem naõ teve successaõ; e morreo em Abril de 1660, deixando de sua primeira mulher, os filhos seguintes:

18 D. Francisco de Abranches, que morreo menino.

18 D. Magdalena de Lencastre e Abranches, que foy sua herdeira, e succedeo no Morgado, e Casa de seu pay, e casou com D. Miguel Luiz de Menezes, I. Conde de Valadares, a qual morreo no anno de 1667, deixando a successaõ, que deixamos escrita no Capitulo VIII. do Livro III. pag. 522 do Tomo II.

* 18 D. Guiomar de Lencastre nasceo em

1631,

1631, que casou com Luiz da Cunha de Ataide, como logo se dirá.

18 D. Filippa de Lencastre nasceo em 1632, Religiosa no Mosteiro de Chellas de Conegas Regrantes, junto a Lisboa, onde foy Prioressa.

18 Dona Catharina de Lencastre nasceo em 1633.

18 D. Francisca . . . . . nasceo em 1635.

* 18 D. Guiomar de Lencastre, filha segunda de D. Alvaro de Abranches, e de sua primeira mulher D. Maria de Lencastre.

Casou com Luiz da Cunha de Ataide, Senhor do Conselho de Povolide, da Villa de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, e dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, Commendador na Ordem de Christo; e morreo no anno de 1665, havendo tido os filhos seguintes:

* 19 Tristaõ da Cunha de Ataide, I. Conde de Povolide, com quem se continúa.

19 D. Alvaro de Abranches, que foy Commendador de S. Mattheus de Soure na Ordem de Christo, e morreo moço.

19 Simaõ da Cunha morreo tambem moço, sem estado.

19 D. Maria de Lencastre casou com seu primo com irmaõ D. Carlos de Noronha, II. Conde de Valadares, como já se disse a pag. 524 do Tom. II.

19 Nuno da Cunha de Ataide nasceo a 8 de Dezembro de 1664. Foy Porcionista do Collegio

gio Real de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 29 de Outubro de 1681. Estudou Theologia, e deixando esta faculdade, passou à de Canones, em que se graduou, e fez exame privado, que he o mais rigoroso daquella Universidade; foy Conego na Sé de Coimbra, Beneficiado em Coruche, Deputado da Inquisição daquella Cidade em 2 de Novembro de 1691, e logo Promotor em 29 de Julho de 1692; e em 8 de Abril de 1693 foy promovido a Deputado da Inquisição de Lisboa, e Inquisidor em 5 de Abril, de 1700; lugares que exerceo com grande applicação, sendo hum dos mais egregios Inquisidores, assim pela gravidade, como no manejo dos negocios; de quem dizia Luiz Vieira da Sylva, Varaõ digno de memoria, que servio com elle no tempo, em que foy primeira Cadeira, que nascera para presidir, pelo modo, com que em tudo se portava; fortuna que o acompanhou em todas as suas acções, desde os seus primeiros annos: sendo moço, quando seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cunha, Estribeiro mór da Princeza D. Isabel Josefa, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, passava a Inglaterra por Embaixador Extraordinario, com o desejo de ver algumas Cortes, o acompanhou até à de Pariz; e depois por sua morte lhe succedeo na Commenda de Bornes na Ordem de Christo, de que he Commendador. Foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o fez Deputado da Junta dos Tres Estados, feito a 7 de Março de 1702; e nomeou Bispo de Elvas a 30 de

Julho

Julho de 1705, Dignidade que recuſou, por naõ ſe encarregar do pezo da conta das ovelhas, como bem acreditou depois a experiencia; porque naõ houve nenhuma no Reyno, de que ſe naõ fizeſſe digno; o ſeu merecimento fazia facil a ſua fortuna na graça do ſeu Soberano. A Mageſtade do meſmo Senhor o nomeou ſeu Capellaõ mór em 14 de Setembro de 1705, Dignidade em que ſuccedeo a D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, Biſpo Inquiſidor Geral, &c. O Papa Clemente XI. o fez Biſpo titular de Targa: foy ſagrado na Capella Real em 14 de Março de 1706 por ſeu primo com irmaõ D. Alvaro de Abranches, Biſpo de Leiria, e Aſſiſtentes D. Antonio de Vaſconcellos e Souſa, Biſpo Conde, e D. Antonio de Saldanha, Biſpo da Guarda. Sobindo ao Throno ElRey D. Joaõ V. a quem já era muito aceito, e tendo no alto conceito de Sua Mageſtade adquirido aquella reputaçaõ, que depois o tempo teſtemunhou, com as partes mais eſſenciaes de hum grande Miniſtro, deſintereſſe, recta intençaõ, e grande amor, e zelo do ſerviço de ſeu Soberano; virtudes que naõ lhe duvidaraõ, nem ainda os que podiaõ ſer emulos da ſua gloria; o nomeou a 10 de Março de 1707 do ſeu Conſelho de Eſtado, e Miniſtro do ſeu Deſpacho, e Inquiſidor Geral deſtes Reynos, e ſuas Conquiſtas; e ſendo confirmado por Bulla Pontificia, tomou poſſe deſta grande Dignidade a 6 de Outubro de 1707, em que tem luzido a ſua prudencia, e benignidade; de ſorte, que ſendo eſte Principe creado no

ſerviço

serviço do Santo Officio, e nos seus estylos, e na pratica eminente, he tal a rectidaõ, com que obra, que tendo inteira liberdade nas materias do Conselho Geral, para as determinar só pelo seu parecer, sempre se conformou com os que os Ministros do seu Conselho venceraõ, ainda nas materias mais leves, que naõ dependiaõ da justiça, e sómente de graça. Observou grande equidade nos provimentos, attendendo sempre aos benemeritos; e com tal cuidado se houve sempre na creaçaõ de novos Ministros para as Inquisições, que escolheo na Universidade os mais doutos, e de louvavel procedimento; de sorte, que no zelo, e vigilancia naõ cedeo em cousa alguma aos mayores Prelados, que occuparaõ este grande lugar, em que a sua memoria será recomendavel aos seculos futuros. O Papa Clemente XI. por nomina de Sua Magestade, o creou Cardeal Nacional a 18 de Mayo de 1712; e em 8 de Outubro recebeo da maõ delRey o Barrete, precedendo Missa no Oratorio do Paço, e depois lhe conferio as honras, que os Reys tem acordado a esta Dignidade. Por morte do Papa Clemente XI. foy chamado ao Conclave, e sahio de Lisboa a 9 de Mayo de 1721 em huma nao de guerra da Coroa, e a 19 do dito mez chegou a Leorne, aonde achou a noticia de ser exaltado à Cadeira de S. Pedro a 8 de Mayo o Cardeal Miguel Angelo Conti, com o nome de Innocencio XIII. Foy recebido do novo Pontifice com especiaes demonstrações de paternal benevolencia, acordando em parti-

culares honras, o trato familiar da boa correſpondencia, que tiveraõ na Corte de Lisboa, quando fora Nuncio da Sé Apoſtolica. A 10 de Junho do meſmo anno lhe deu o Capello com o titulo de *Santa Anaſtaſia*, de que tomou poſſe a 21 de Julho ſeguinte, e o occupou nas Congregações dos Biſpos, e Regulares, de Propaganda Fide, dos Ritos, e da Conſiſtorial, em que deu iguaes moſtras das ſuas letras, que de ſumma prudencia; admirando toda a Curia nelle, naõ menos piedade, do que magnificencia, e grandeza; obrando todo o tempo, que eſteve em Roma, acções dignas da ſua peſſoa, e da Mageſtade Portugueza, de que ſe reveſtia, aſſim no apparato da ſua caſa, como no magnifico cortejo, de que ſe ſervia na pompa das carroças, tudo em fim rico, e magnifico. E para que naquella Curia permaneceſſe da ſua piedade, e religiaõ, hum eterno monumento da ſua grandeza, reſtaurou à ſua cuſta a Baſilica de Santa Anaſtaſia, que ameaçava a ultima ruina, Igreja do ſeu Titulo, com tanta deſpeza, que mais parece ſe lhe deve o nome de Fundador, que de Reparador. No ornamento do portico, ſobre o claro, que faz huma grande janella, ſe lê o nome do ſeu Reſtaurador:

Capello, *Breve noticia de Santa Anaſtaſia.* Creſcimbene, *Hiſt. de Santa Anaſtaſia*, cap. 6. pag. 37. e pag. 190.

Nonius Tit. S. Anaſtaſiæ
Presb. Card. A Cunha.
Anno Dñi M. DCCXXII.

E ſobre o grande arco da nave do meyo, ou presbyterio

terio, se vem as Armas da esclarecida Familia de Cunha, esculpidas em hum globo, que cerca huma serpente, unindo a cabeça com a cauda, symbolo da Eternidade, e com outros ornatos allusivos ao Eminentissimo Cunha. Encarregou o Cardeal esta obra a Carlos Gimach, nobre Cidadaõ de Malta, que foy o director, e inventor da obra, a quem a curiosidade fez hum dos mais insignes professores da Architectura civil, dotado de insignes partes, amante das bellas letras, em cuja morada fizeraõ habitaçaõ as Musas, com taõ suave dominio, que foy hum dos excellentes Poetas do seu tempo, ou fosse na lingua Latina, ou Italiana: em ambas logrou suave explicaçaõ, e igual applauso, como testemunhaõ os que nesta Corte o trataraõ, onde depois de residir, e no Reyno muitos annos, passou por ordem de Sua Magestade à de Roma, com o Marquez de Abrantes, (entaõ de Fontes) Embaixador Extraordinario àquella Corte, de quem foy Gentil-homem da Embaixada; e depois ficando mantido nella à Real despeza, lhe encarregou o Cardeal da Cunha a referida obra, que elle executou com os mayores primores da arte, accomodando-se com o sitio da antiga fabrica, e fazendo diversas allusoens, que primorosamente se vem, ornando a Igreja, em que declara as virtudes, e prerogativas de Santa Anastasia, e as excellencias de seu insigne Bemfeitor: fez a seguinte Inscripçaõ, que deixou gravada na mesma Igreja:

Nonius : S. R. E. Pres. Card. à Cunha
Generalis in Lusitania Inquisitor
Antiquissimam hanc Basilicam
S. Anastasiæ dicatam
Titulum suum
Vetustate deformatam
Parietibus, & contignatione
Jam inclinantibus pene collabentem
Novis jactis fundamentis,
Aliisque operibus adjectis
Firmavit,
Elegantioremque in formam
Restituit,
Anno à Nato Christo
M. DCCXXII.

Desta obra trata Joaõ Mario Crescimbene, Arcipreste de Santa Maria *in Cosmedin*, e Custode Geral da Arcadia, na *Historia da Basilica de Santa Anastasia*, impressa em Roma no anno de 1722; e Filippe Capello, Conego da mesma Collegiada, na *Breve noticia do antigo, e moderno estado da Igreja Collegiada de Santa Anastasia de Roma*, impressa na mesma Cidade no anno de 1722. Agradecido o Cabido desta insigne Basilica à grandeza de tanto beneficio, resolveo em 22 de Mayo de 1722, que naquella Igreja se fizesse em todos os annos, até o fim do Mundo, especial memoria de taõ insigne Bemfeitor; e em testemunho da sua gratidaõ, mandou gravar em hum marmore esta Inscripçaõ: *Emi-*

Eminentissimo Principi Nonio à Cunha
Tit. S. Anastasiæ Presbyt. S. R. E. Cardinali,
Omnium Portugalliæ Regis Provinciarum
Inquisitori Generali,
Quod vetustissimam hanc Basilicam
Primis Æræ Christianæ seculis
Ædificatam,
Ac complurium Summorum Pontificum,
Tum etiam Cardinalium Titularium
Piâ curâ multoties restitutam,
Ornatamque
Postremis hisce temporibus
Miserè fatiscentem, & excidio proximam
Resarto tecto, addito laqueari,
Parietibus ad libellam revocatis;
Atque directis,
Utraque laterali navi concaramata,
Pristino antiquis columnis reddito
Nitore,
Novis apertis fenestris,
Novâ itidem interiori extructâ porticu,
Atque Odio super imposito,
Æquato, stratoque pavimento,
Instauratâ fronte, amplificatâ areâ,
Ac universi ædificij squalore deterso
Non tantum ab interitu vindicaverit,
Et adversus ævi damna firmaverit,
Sed elegantiorem insuper,
Splendididoremque in speciem restituerit:

Repa-

Reparatori Munificentissimo
Capitulum, & Canonici
Gratum animum declaraturi,
Missam solemnem ipsis assistentibus,
Et duodecim alias Missas lectas
Eo vivente pro vitæ diuturnitate
Die 21 Julij, qua Tituli possessionem
Assumpsit:
Eo mortuo, die obitus pro animæ suffragio
Perpetuis futuris temporibus
Celebrandas
Unanimi consensu decreverunt,
Et ad posteritatis notitiam
Acceptorum beneficiorum,
Ac simul Capitularis Decreti
Monumentum posuere
Anno sal. M.DCCXXII.

Naõ só este Padraõ da sua piedade deixou em Roma perpetuado nos marmores, outros muitos argumentos da sua grandeza ficaraõ gravados nos corações dos Romanos, em que viverá eternamente o seu nome na successiva tradiçaõ dos pays aos filhos; e sahindo daquella Curia a 2 de Mayo de 1722, e fazendo jornada por terra, tomou o caminho do Loreto para venerar a sagrada Imagem de Maria Santissima, a quem em memoria da sua devoçaõ deixou duas singularissimas pessas, como saõ huma Cruz de ouro grande com grossas safiras cercadas de diamantes;

tes; e hum preciosissimo ornato de ouro com geroglificos, posto sobre lapis lazuli, que cerca o nicho, em que se adora a Santa Imagem da Virgem, como lemos na Relaçaõ da Santa Casa do Loreto, que se imprimio em Lisboa no anno de 1736, tirada de outra Italiana pelo Padre D. Caetano de Gouvea; chegou a esta Corte no fausto dia 22 de Outubro do mesmo anno: foy recebido do nosso grande Rey, que Deos guarde, com especial agrado, e satisfaçaõ, de que se fez merecedor pelo amor do seu serviço, e digno da sua graça, e da estimaçaõ da Nobreza da Corte, e do povo de Lisboa, que seguindo-o no coche com acclamações, lhe davaõ os parabens da restituiçaõ à Patria; assim como com lagrimas o tinhaõ saudosamente sentido quando sahira da Corte; expressaõ poucas vezes experimentada na inconstancia dos póvos, que de ordinario sem causa se queixaõ dos Ministros, e he este taõ benemerito, como bem quisto.

* 19 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE nasceo no anno de 1655. Foy I. Conde de Povolide por merce delRey D. Joaõ V. de que teve Carta em 6 de Janeiro de 1709, e Senhor de Povolide, e de Castro-Verde, e da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, e herdeiro da Casa de seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cunha, Commendador das Commendas de S. Cosme de Guademar, e Santa Maria de Montalvaõ na Ordem

dem de Christo. No anno de 1683 foy na Armada, que a nossa Coroa mandou a Villafranca a buscar ao Duque de Saboya; e foy Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e depois de hum Terço pago de Pinhel, com que servio na guerra. Morreo apressadamente a 8 de Agosto de 1722. Casou com Dona Archangela Maria de Tavora, que morreo a 14 de Agosto de 1709, filha de Miguel Carlos de Tavora, II. Conde de S. Vincente, General da Armada Real, do Conselho de Estado, &c. e da Condessa Dona Maria Caetana da Cunha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE, II. Conde de Povolide, com quem se continúa.

20 D. MARIA CAETANA DE TAVORA nasceo a 10 de Setembro de 1699, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou em 25 de Fevereiro de 1732 com D. Braz Balthasar da Sylveira, Mestre de Campo General dos Exercitos delRey, com o Governo das Armas na Provincia da Beira, do Conselho de Guerra, Senhor de S. Cosmade, Commendador de Ranhados, &c. de quem naõ tem successaõ; e da de sua primeira mulher daremos conta no Livro XIV.

20 D. GUIOMAR JOACHINA DE LENCASTRE nasceo a 9 de Agosto de 1701, he Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

20 MIGUEL CARLOS DA CUNHA nasceo a 18 de Fevereiro de 1703. Foy Porcionista do Collegio Real

Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Canones, em que se graduou a 2 de Julho de 1725, e Conductario, com privilegios de Lente, na dita faculdade; e sendo os seus progressos com tanta distincçaõ, que lhe promettiaõ humas largas esperanças, com notavel resoluçaõ tomou o habito dos Conegos Regrantes em Santa Cruz a 26 de Abril de 1728, onde professou com o nome de Dom Miguel da Annunciaçaõ a 28 de Abril do anno seguinte, de que foy Geral nomeado a 6 de Abril de 1737; e sendo eleito Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, foy sagrado na *Dominica in Albis* a 9 de Abril de 1741 por Dom Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, Assistentes D. Fr. Joaõ do Nascimento, Bispo do Funchal, e D. Fr. Hilario de Santa Rosa, Bispo de Macao, na Igreja do Convento de Santa Cruz de Coimbra.

20 Nuno da Cunha nasceo a 8 de Outubro de 1705, entrou na Companhia de Jesus, e professou no anno de 1726.

* 20 Luiz Vasques da Cunha de Ataide nasceo a 31 de Novembro do anno de 1697, he II. Conde de Povolide, e Senhor da dita Villa, e de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, Commendador de S. Cosme de Gundar, e de Santa Maria de Montalvaõ, de Santa Martha de Bornes, e de Santa Maria da Graça de Castello-Novo, Gentil-homem da Camera do Senhor

Infante D. Antonio, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados.

Caſou em 11 de Dezembro de 1729 com D. Helena de Caſtellobranco ſua ſobrinha, filha de D. Miguel Luiz de Menezes, III. Conde de Valadares, e da Condeſſa D. Marianna de Caſtellobranco, de quem tem

21 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE naſceo a 13 de Abril de 1731, faleceo a 26 de Fevereiro de 1739.

21 JOSEPH DA CUNHA DE ATAIDE naſceo a 25 de Junho de 1734.

21 NUNO JOSEPH DA CUNHA naſceo a 21 de Fevereiro de 1737.

21 MIGUEL JOSEPH DA CUNHA naſceo a 2 de Janeiro de 1739, faleceo a 5 de Março de 1744.

21 D. MARIANNA THERESA DA CUNHA naſceo a 5 de Dezembro de 1740.

21 D. MARIA THERESA DA CUNHA naſceo a 15 de Fevereiro de 1743.

21 ANTONIO JOSEPH DA CUNHA naſceo a 26 de Mayo de 1744.

CAPI-

CAPITULO XV.

De D. Francisco Luiz de Lencastre, III. Commendador môr de Aviz.

16 PEla pouca vida, que gozaraõ seus irmãos, veyo a succeder Dom Francisco Luiz de Lencastre na Casa de seu pay, em sua vida foy armado Cavalleiro para receber a Ordem de S. Bento de Aviz, por Alvará de 12 de Agosto de 1600, em que ElRey diz: ***Ser filho do Commendador môr D. Luiz, meu muito amado Primo***; a quem depois o mesmo Rey por Carta sua de 15 de Julho de 1614, depois da morte de seu pay, dá o tratamento de sobrinho; e assim foy D. Francisco Luiz III. Commendador môr da Ordem de Aviz, Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, Alcanede, e Alcaidarias môres das ditas Villas. Achou-se nas Cortes, que ElRey D. Filippe II. de Portugal celebrou em Lisboa no anno de 1619, em que exerceo o officio de Guarda môr da pessoa delRey, como escreve Joaõ Bautista Lavanha. Estava o Commendador môr D. Francisco em Madrid, quando em Portugal succedeo a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. e lá se deixou ficar, podendo com elle mais o receyo da contingencia dos successos, do que o amor da Patria, em que tantos se interessavaõ; lá teve o titulo

Jornada de Filippe II. a Portugal, pag. 65.

de Conde de Alcanede; foy Veador da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e no ſeu ſerviço morreo em Madrid a 17 de Fevereiro de 1667, donde foy traſladado para a Igreja de S. Joaõ de Setuval, enterro da ſua Caſa, onde jaz.

Caſou com D. Filippa de Mendoça, Dama da Rainha D. Margarida de Auſtria, e devia de ſer no anno de 1604; porque em 16 de Fevereiro do referido anno ſe celebraraõ os contratos matrimoniaes, em que foy dotada com humas herdades em Arrayolos, e huma Quinta em Loures, além de joyas, e as merces de Dama, em que por hum Alvará, paſſado a 19 de Novembro do meſmo anno, ſe lhe fez merce de duas vidas mais nas Commendas, que tinha ſeu marido, e na Dignidade de Commendador môr; e ſeu marido lhe prometteo de arrhas quatorze mil cruzados. Faleceo eſta Senhora em Lisboa a 22 de Dezembro de 1651; era irmãa de Franciſco de Vaſconcellos, I. Conde de Figueiró, e filhos ambos de Manoel de Vaſconcellos, Senhor do Morgado do Eſporaõ, e de Villa-Nova de Faſcoa, Commendador de Izeda na Ordem de Chriſto, Preſidente da Camera de Lisboa, Regedor das Juſtiças, e do Conſelho de Eſtado de Portugal em Madrid; e de D. Luiza de Vilhena de Mendoça ſua mulher, que foy Dama da Infanta D. Maria, e filha de Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha, filho ſegundo do Grande Nuno da Cunha, Governador da India; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

D.

17 D. LUIZ DE LENCASTRE, = D. MANOEL DE LENCASTRE, morrerão de tenra idade.

17 D. PEDRO DE LENCASTRE, II. Conde de Figueiró, como se dirá adiante no Capitulo XVIII.

17 D. ANTONIO DE LENCASTRE, foy Religioso da Ordem Militar de Christo no Mosteiro de Thomar.

17 D. VERISSIMO DE LENCASTRE, que foy Cardeal, de quem no Capitulo XVI. se fará menção.

17 D. CARLOS DE LENCASTRE, que estudou em Coimbra, e foy bom Letrado, morreo louco.

17 D. JOSEPH DE LENCASTRE, que foy Inquisidor Geral, como se dirá no Capitulo XVII.

17 D. MARIA DE LENCASTRE, morreo menina.

* 17 D. MARIANNA DE LENCASTRE casou com D. João de Castro, Almirante de Portugal, Senhor de Reriz, Sul, Bem-Viver, Resende, e outras terras &c. filho de D. Simão de Castro, Senhor de Reriz, e das mais Villas, e Concelhos; e de D. Bernarda de Menezes, filha de João de Azevedo, Almirante de Portugal, Commendador de Jurumenha, e Claveiro da Ordem de Aviz, e de D. Joanna de Menezes, como se disse no Livro VI. Capitulo V. §. II. pag. 276 do Tomo V. que foy sua primeira mulher, filha de D. Pedro de Menezes, VIII. Senhor de Cantanhede; e por sua avó materna, veyo a recahir nelle o Almirantado de Portugal, de que lhe fez merce ElRey D. Affonso VI. por morte de sua prima com

irmãa

irmãa D. Maria Ignez de Azevedo , Condessa de Vimioso, mulher de D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimioso , que foy por este casamento Almirante de Portugal; e porque naõ tiveraõ successaõ, succedeo na Casa D. Joaõ de Castro, que do matrinio com D. Marianna de Lencastre teve

18 D. SIMAÕ DE CASTRO morreo menino.

* 18 D. FRANCISCO DE CASTRO, succedeo na Casa a seu pay; foy Almirante de Portugal, Capitaõ da Guarda Real, Senhor de Reriz, Sul, Resende, e Bem-Viver, &c. e morreo a 19 de Agosto de 1693. Casou no anno de 1675 com D. Francisca Josefa de Vilhena, Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha de Christovaõ de Mello, Alcaide môr de Serpa, Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Real, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e da de Serpa na Ordem de Aviz, que depois de ter servido em Alentejo com o posto de Capitaõ de Cavallos, com que se achou no soccorro de Elvas no anno de 1659, foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e de D. Mecia de Vilhena sua mulher, filha de Lourenço Pires Carvalho, Provedor das obras do Paço, Senhor da Azambugeira, e dos Morgados de Patalim, e de Dona Magdalena de Vilhena, filha de Henrique de Sousa, I. Conde de Miranda, Governador do Porto, do Conselho de Estado; e deste matrimonio nasceraõ

18 D. JOSEPH DE CASTRO, que nasceo de hum

hum mesmo ventre com D. MARIANNA, e ambos morreraõ de curta idade.

18 D. JOAÕ JOSEPH DE CASTRO, que nasceo na Cidade do Porto, foy Senhor de Reriz, Resende, e mais terras, Almirante de Portugal, e Capitaõ da Guarda delRey, officio que a respeito da sua menoridade servio por elle Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande; porém morreo moço, sem chegar a casar: jaz em S. Francisco de Xabregas.

* 18 D. LUIZ INNOCENCIO DE CASTRO, veyo a succeder a seu irmaõ, e foy Almirante de Portugal, Capitaõ de huma das Companhias da Guarda del-Rey D. Joaõ V., Senhor dos Concelhos de Resende, Honras de Gosende, Heiras, Ribadellas, Reriz, Sul, e Bem-Viver, e dametade da Villa de Penella, com Padroados, e datas de officios; e no Estado do Brasil da Capitanía dos Ilheos, e da Villa de Camamu, Boupeba, Cayru, e Itaparica, com cincoenta legoas de terra. Faleceo a 3 de Novembro de 1733. Casou a 12 de Setembro de 1708 com D. Joanna Cecilia de Lencastre, filha de Pedro de Vasconcellos, Estribeiro môr da Princeza do Brasil, e de D. Marianna de Lencastre sua mulher, e prima, como já dissemos no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 246 do Tomo IX. de quem teve

19 D. MARIANNA JOSEFA DE LENCASTRE nasceo a 7 de Novembro de 1712.

19 D. FRANCISCA DE LENCASTRE nasceo a 4 de Outubro de 1713.

D.

19 D. Ignez de Lencastre nasceo a 28 de Mayo de 1714, casou com D. Antonio da Sylveira, como se disse a pag. 864 do Tomo X.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro com quem se continúa.

19 D. Maria Isabel de Lencastre nasceo a 25 de Dezembro de 1726.

19 D. Theresa Rita de Lencastre nasceo a 6 de Outubro de 1727.

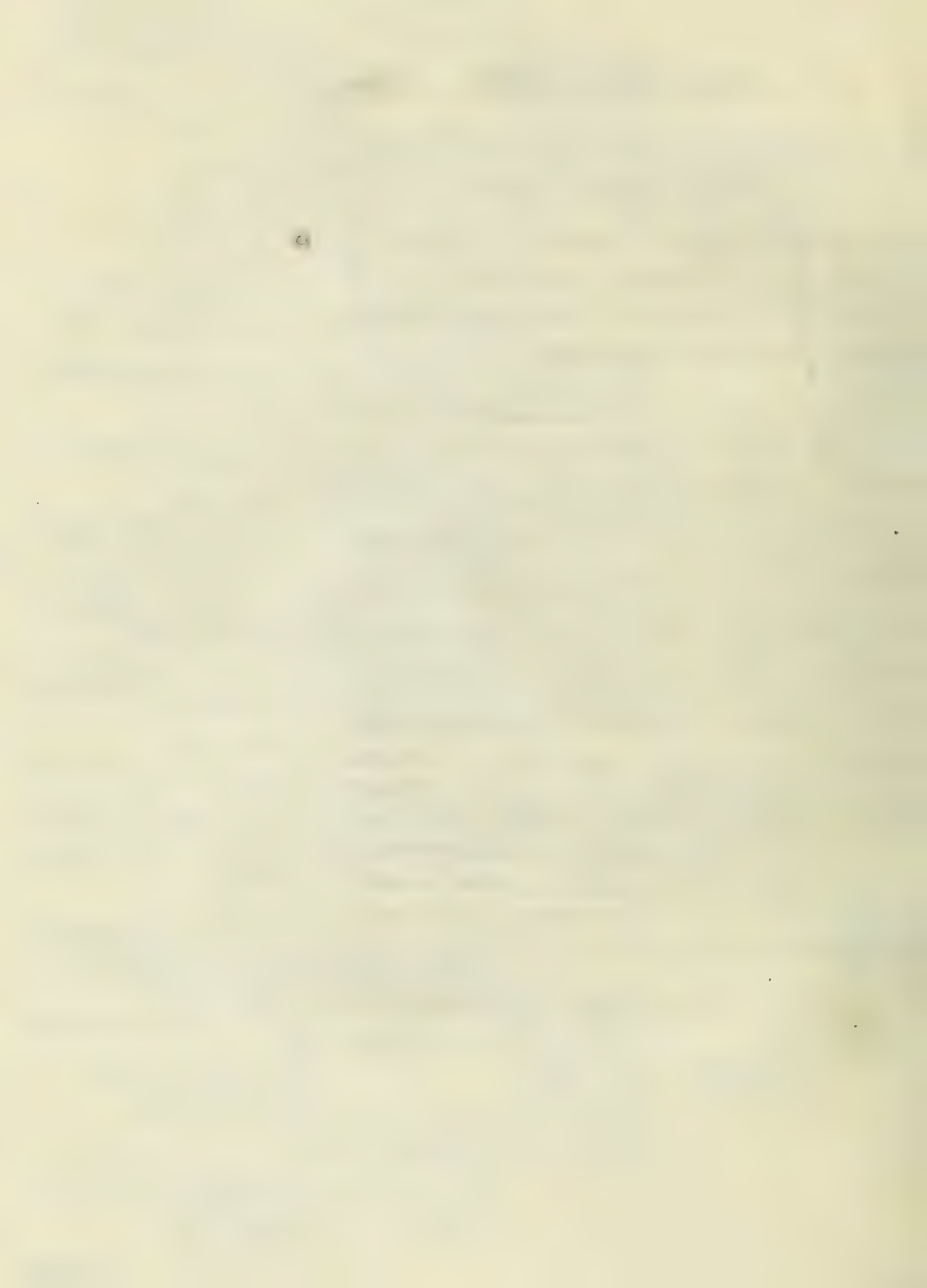
* 19 D. Antonio Joseph de Castro nasceo a 3 de Julho do anno de 1719, he Almirante de Portugal, e Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Real, Senhor da Casa de Resende, Donatario do seu Conselho, e das Villas de Bem-Viver, Reriz, Sul, Penella, e Albergaria, das Honras de Heiras, Montaõ, Gosende, Ribellas, do Roguengo de Godim, e dos tres fogos do Rio Douro, Canedo, Lobazim, e Figueira Velha; e no Estado do Brasil Senhor da Capitanía dos Ilheos, da Villa de Camamu, Boubepa, Cayru, e Itaparica, e Ribadellas, &c. Casou a 12 de Fevereiro do anno de 1741 com D. Theresa de Tavora, filha dos IV. Condes de S. Vicente, como dissemos no Livro VI. pag. 228 do Tomo V. de quem tem até o presente

20 D. Isabel Maria de Castro, que nasceo a 14 de Junho de 1742.

20 Dom . . . . . . de Castro nasceo em Agosto de 1744.

D. Fi-

pa
do-
, hu-
D.
co
II.
en-
ôr
A.

- Manoel de Vasconcellos, Sen. do Morgado de Esporaõ, &c. Cõmendador na Ordem de Christo, Reged. das Justiças, * em 25 de Abril de 1637.
  - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Commendador da Ordem de Christo.
    - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Embaixador ao Emperador Carlos V.
      - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
        - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
        - D. Leonor Ribeira, Senh. do Morgado de Esporaõ, instituido 1427.
      - D. Joanna de Sousa.
        - Vasco Martins de Sousa Chicorro, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Affonso V.
        - D. Isabel Osorio, Fidalga Castelha.
    - Dona Guiomar de Mello.
      - Duarte de Mello.
        - Henrique de Mello.
        - Dona Brites Pereira.
      - D. Isabel de Brito.
        - Gil Vaz Raposo Lobo.
        - D. Ignez de Aboim.
  - D. Antonia de Ataide.
    - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Vèdor da Fazenda.
      - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, e Povos, &c. * em 1505.
        - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
        - A Condessa D. Guiomar de Castro.
      - D. Violante de Tavora, * em 3 de Julho de 1555, segunda mulher.
        - Pedro de Sousa, Senhor do Prado, Alcaide mòr de Seabra.
        - D. Maria Pinheira.
    - A Condessa Dona Anna de Tavora.
      - Alvaro Pires de Tavora, Senh. de Mogadouro, Commendador de Castello-branco na Ordem de Christo.
        - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
        - D. Ignez de Sousa.
      - D. Joanna da Sylva.
        - Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, * em 1480.
        - A Condessa D. Isabel da Sylva.
- D. Luiza de Vilhena de Mendoça.
  - Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha.
    - Nuno da Cunha, Governador da India.
      - Tristaõ da Cunha, Camereiro mòr do Senhor Dom Diogo, Duque de Viseu, Senhor de Gestaço &c.
        - Nuno da Cunha, Camereiro mòr do Infante D. Fernando.
        - D. Catharina de Albuquerque.
      - D. Antonia Paes.
        - Pedro Gonçalves, Secretario delRey D. Affonso V.
        - D. Leonor Paes.
    - D. Isabel de Vilhena, segunda mulher.
      - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Goes, Escrivaõ da Puridade.
        - Diogo da Sylveira, Escrivaõ da Puridade.
        - D. Brites de Goes, Senhora de Olivença do Conde, de Goes, &c.
      - D. Filippa de Vilhena.
        - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
        - D. Maria de Vilhena.
  - Dona Filippa de Mendoça.
    - Manoel Corte-Real, do Conselho delRey, Senhor da Ilha Terceira, e S. Jorge.
      - Vasque Annes Corte-Real, Donatario da Ilha Terceira, &c.
        - Joaõ Vaz Corte-Real, Porteiro mòr do Infante D. Fernando, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira.
        - D. Maria de Abarca.
      - D. Joanna da Sylva.
        - Garcia de Mello, Alcaide mòr de Serpa.
        - D. Filippa Pereira da Sylva.
    - D. Brites de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina.
      - Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de Moron.
        - Ruy Dias de Mendoça.
        - N. . . . .
      - D. Maria Branca, Viscondessa de Valduerna.
        - Joaõ Rodrigues de Baçan, Visconde de Valduerna.
        - D. Maria Çapata.

CAPI-

CAPITULO XVI.

De Dom Verissimo de Lencastre, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral de Portugal, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado.

17 NO anno de 1615 na Cidade de Lisboa nasceo D. Verissimo de Lencastre, e foy bautizado na Igreja Parochial dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, em cujo obsequio lhe foy posto o nome, a 15 de Novembro, por D. Joaõ da Gama, Bispo de Miranda, como consta do Livro da dita Freguesia pag. 14; e sendo creado no amor de seus esclarecidos pays, a quem deveo muito, e elles às suas virtudes a gloria de hum filho taõ benemerito; porque na vida, que seguio, só lhe faltou a suprema Dignidade do Pontificado, para o que o habilitavaõ o exercicio das virtudes, letras, e alto nascimento, se houvera sahido fóra da Patria. Estudou na Universidade de Coimbra os Sagrados Canones, em que foy Doutor; e seguindo a vida Ecclesiastica, foy sempre desde os seus primeiros annos o exemplar entre os Fidalgos do seu tempo; foy Conego, e Thesoureiro mór da Metropolitana Sé de Evora, e nesta Cidade entrou no serviço do Santo Officio, sendo Deputado, e Promotor, lugar de que tomou pos-

ſe em 19 de Novembro de 1644; foy Inquiſidor da meſma Inquiſiçaõ, em que entrou a 16 de Março de 1649; e correndo todas as tres Cadeiras, paſſou para a primeira da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe em 7 de Junho do anno de 1660; e ſendo promovido a Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, tomou poſſe no primeiro de Abril de 1664. Foy do Conſelho delRey, Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o nomeou Biſpo de Lamego, Dignidade, que naõ aceitou. Os ſeus grandes merecimentos o lembraraõ ao meſmo Principe para o eleger Arcebiſpo Primaz, e Senhor de Braga, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe por ſeu Procurador em 8 de Julho de 1671, e entrou naquella Auguſta Cidade em 3 de Novembro do meſmo anno, com grandes demonſtrações de goſto de ſeus moradores, que havia tantos annos ſe viaõ ſem Paſtor: logo tratou de viſitar o Arcebiſpado com tanta diligencia, como caridade, adminiſtrando o Sacramento da Confirmaçaõ a innumeraveis peſſoas de hum, e outro ſexo, e conferindo Ordens. O meſmo fez depois na Corte, dando Ordens todos os Domingos, e dias Santos na ſua Capella a todos os que tinhaõ privilegios para as tomar *extra tempora*; o que era grande commodidade dos Ordinandos, naõ ſó deſta Diocesi, mas de todo o Reyno, e ainda dos viſinhos, donde vinhaõ muitos Heſpanhoes a tomar Ordens a Liſboa; o que elle exercitava com tanta ſatisfaçaõ, que dizia, que naõ fazia favor, mas que o recebia; e da

meſma

mesma sorte administrava a todas as pessoas o Sacramento da Confirmaçaõ, depois de acabar de dar Ordens. Satisfez todas as obrigações de hum verdadeiro Prelado; porque foy pay universal daquelles póvos, pela candidez do animo, compaixaõ, e benignidade; nelle virtudes taõ naturaes, que para todos era igual, e sem differença: e tendo renunciado o Arcebispado, e residindo nesta Diocesi até 27 de Março do anno de 1677, em que passou à Corte provido no lugar de Inquisidor Geral destes Reynos, deixando em toda aquella larga Diocesi hum geral sentimento, e huma viva saudade dos beneficios, que delle recebiaõ. E sendo confirmado no lugar de Inquisidor Geral por Bulla do Papa Innocencio XI. de 22 de Novembro do anno de 1676, tomou posse em 9 de Abril do anno seguinte. Neste grande lugar mostrou a sua prudencia, e o seu zelo na escolha dos Ministros; porque os teve excellentes, doutos, e benemeritos de mayores Dignidades, logrando neste emprego occasioens, em que pode luzir o zelo da Fé, entre todas as virtudes moraes, de que foy dotado. ElRey D. Pedro II. que naõ só o estimou grandemente, mas o respeitava, o fez do seu Conselho de Estado, em que servia ao Reyno com tanto amor, como christandade; porque só entaõ he que o Principe he dignamente servido, quando se naõ antepoem a lisonja à saude universal da Republica com tanto risco da consciencia. O mesmo Rey lhe deu a nomina de Cardeal nacional, e foy

 crea-

creado Cardeal da Santa Igreja de Roma pelo Santo Papa Innocencio XI. em 12 de Setembro de 1686. Havia muitos annos, que ſe naõ via em Portugal eſta eminente Dignidade; porque a dominaçaõ eſtranha, e depois a guerra com Caſtella, naõ tinha dado lugar a que a Cabeça da Igreja attendeſſe aos eſclarecidos ſerviços, que a Coroa de Portugal tinha feito em obſequio da Religiaõ, e da Fé: porém eſta taõ alta Dignidade nenhuma impreſſaõ fez no animo deſte Principe, em quem a affabilidade era natural, e naõ affectada. Foy Varaõ de excellentes virtudes, em que ſe uniraõ as partes de perfeito Prelado; porque foy douto, e ainda ſendo velho ſe levantava muito cedo para eſtudar na ſua copioſa Livraria: pelo que foy taõ verſado no Direito Canonico, que em nenhuma materia lhe allegavaõ Author algum, que elle naõ accreſcentaſſe a allegaçaõ com outros muitos: foy muy curioſo dos eſtudos Genealogicos, de que eſcreveo livros, que deixou com outros no ſecreto do Santo Officio. Da ſua letra, que era excellente, vimos varios papeis, e annotações a livros de Familias; e aſſim foy elle hum dos bons Genealogicos do noſſo Reyno, e com todos os profeſſores deſte eſtudo mantinha communicaçaõ. Era caſto, virtuoſo, e com entranhas de piedade, conſolando aos afflictos, animando aos pretendentes, por quem obrava quanto em ſi eſtava pelos ſervir, principalmente em materias de honra, ainda nas mayores circunſtancias. Foy geralmente honrador dos homens: era de animo

Souſa, *Catalogo dos Summos Pontifices, e Cardeaes, &c. da Collecçaõ da Academia do anno de 17*

animo brando, benigno, favorecedor dos pretendentes, que com elle tinhaõ entrada, por prompto em fallar às partes; de sorte, que todos conseguiaõ, sem trabalho, ter delle audiencia, com a certeza de que os naõ havia de escandalizar. Foy muy devoto, e todo o anno visitava as Igrejas, em que estava o Santo Lausperenne; e sendo taõ virtuoso, naõ era invencioneiro, antes de animo alegre, e jovial, gostando das galantarias, e graças, com que entretinha a conversaçaõ naquellas horas, que serviaõ de entretenimento à cortezãa civilidade, dos que o visitavaõ. Estas, e outras admiraveis virtudes o fizeraõ amado, e respeitado de todos os Estados do Reyno, em que vive com saudosa memoria; porque os Grandes, e Fidalgos, os Ecclesiasticos, e Seculares, os Religiosos, a Nobreza, e o povo, todos lhe eraõ ou inclinados, ou obrigados; porque elle a todos correspondia com igual affabilidade. Conservou em idade larga, saude robusta, até que finalmente assaltado de violentos achaques, se rendeo à cama, e em poucos dias de doença, deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Neste tempo se achava em Lisboa o Reverendissimo Padre Fr. Joaõ de Alvim, Ministro Geral de toda a Religiaõ dos Menores, que tinha vindo a visitar as Provincias deste Reyno, Varaõ verdadeiramente successor de S. Francisco, e de santa vida; e visitando ao Cardeal, o recebeo com as mais vivas expressoens de humildade christãa, que pudera fazer o menor subdito daquelle Prelado. Nesta

ta

ta doença continuou aquelles actos de christandade, que tanto exercitava; e com constancia de animo recebeo todos os ultimos Sacramentos, com tal piedade, que edificou a toda a Corte, que universalmente sentia, e ouvia com pezar a sua molestia. As Religioens desta Cidade, que tanto estimara, com preces publicas pediaõ a Deos pela vida do Cardeal; testemunhando desta sorte o seu agradecimento, e o quanto todos necessitavaõ da vida deste Principe, que cheyo de annos, e merecimentos, morreo santamente a 13 de Dezembro de 1692 às sete horas da manhãa; a sua morte foy taõ sentida, como elle amado. ElRey D. Pedro se recolheo os dous dias seguintes, naõ sahindo fóra, nem dando audiencia; e o mesmo fez a Rainha D. Maria Sofia. O seu corpo foy venerado como de Varaõ Santo; porque o povo concorria em grande numero ao seu Palacio, e todos o pertendiaõ ver, tocando, como podiaõ, cada qual o seu Rosario, sendo huma só a voz, que se ouvia em toda a parte, appellidando-o *Santo*, espalhando-se por todo o Reyno este sentimento; porque as suas virtudes a toda a parte chegaraõ, ainda dos que o naõ conheceraõ. O seu corpo foy levado com magnificencia devida à sua pessoa, e ao seu caracter, ao Mosteiro de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, que elle muito estimou, e de que foy insigne Bemfeitor, por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens da Corte, com cirios accesos, e principiando do seu Palacio, acabava à porta do Mosteiro;

teiro; e acompanhava as andas, da parte esquerda, o referido Geral. Entre as disposições pias do seu Testamento ordenou, que lhe fizessem huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara, e que nella se dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma oitenta mil reis de esmola ao Sacerdote, que a dissesse, e de fabrica o mesmo. Mandou-se sepultar no Adro da Igreja, à entrada da porta, em sepultura raza, onde jaz, e tem o seguinte Epitafio:

Latet hic, & tacet, quem fama loquitur & prodit
Eminentissimus D. D. Verissimus de Lancastro.
Genus si quæris?
His friget in cineribus, qui olim juvenis caluit,
Lusitanorum, imò & totius Europæ Regum sanguis.
Si Sapientiam?
Quam in utraque Regni hausit, & exhausit Academia,
In commune Ecclesiæ bonum perenni effudit scaturigine.
Si honorum gradus?
Sacris initiatus tuendæ, augendæque Fidei partes suscepit:
Decursis sacro Areopago, ordine suo minoribus subselijs,
In supremam tandem Generalis Inquisitoris erectus selam.
Fabio maior Maximo, & felicior
Catholicam nobis cunctando restituit rem.
Ex Hispaniarum Primate, factus Ecclesiæ Princeps purpuratus,
Petri Claves, & si non obtinuit, virtutibus meruit, quibus claruit.
Ex una omnes disce Humilitate,
Quam in vulgaris tumuli lapide, ceu in speculo poteris contemplari,
De Æterna scilicet animi mansione magis,
Quam de Mausoleo cadaveris sollicitus.
Sua nihil interesse duxit humi ne an sublime putresceret.
Regnum Cœlorum, si venditur, eleemosinis emit.
Verissimus citra adulationem, pauperum Pater.
Cœlo charus, & solo.
Vixit justissime annos 76 Obijt piissime 12 Decembris 1692.
Quiescit placidissime ad diem soli Deo notam.

Na

Na Capella do mesmo Cardeal, que fica no atrio da mesma Igreja, se vem as duas Inscripções seguintes:

Da parte do Euangelho.

D. Fr. Josephus de Lancastro, Inquisitor Generalis, & D. Ludovicus de Lancastro, Villæ novæ Comes, Avisijque Maximus Commendatarius, Eminentissimi Dñi D. Verissimi de Lancastro frater, & ex Fratre nepos ejus Testamentarij sacellum hoc ipsius tumulo contiguum cum ducentis aureis pro fabrica, ut quater in illo pro ejusdem anima quotidie Sacrum celebretur, additis ad sepulchrum responsorijs cum donatione ducentorum aureorum pro quolibet Sacrificio erigere jusserunt.

Da parte da Epistola.

E tumulo huc oculos ad parvum flecte sacellum
Contracta in spatium stat breve sacra domus.
Scilicet hæc humili respondet parva sepulchro,
Illud & exigui est arca plana soli.
Nam qui mente humilis contempsit vivus honores,
Hic quoque summa fugit mortuus, ima cupit.
Ergo purpurei qui stemmata sacra galeri
Addit ad titulos tot sibi jure datos.
Cum foret evectus summa ad fastigia solum,
Sensit onus, renuit quidquid honoris erat.

CAPI-

CAPITULO XVII.

De D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo de Miranda, e Leiria, Inquisidor Geral destes Reynos, Capellaõ môr delRey Dom Pedro II e do Conselho de Estado.

17 NAõ se costumaõ herdar com o sangue as virtudes, nem menos serem taõ igualmente praticadas nos irmãos, que se naõ differencem hum do outro: porém agora veremos, depois do que temos referido no Capitulo precedente, que nada cedeo a seu irmaõ o Cardeal D. Verissimo no exercicio das virtudes D. Joseph de Lencastre. Nasceo na Cidade de Lisboa a 19 de Março do anno de 1621, e foy tambem bautizado na Parochial Igreja de Santos. Apenas tinha cumprido quinze annos, quando com generosa resoluçaõ, sem ter dado parte a seus pays, tomou o habito dos Carmelitas Descalços no Mosteiro de Evora em 12 de Março de 1636, donde sendo mandado a continuar o noviciado em Lisboa, professou no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios a 22 de Março de 1637: vida aspera em compreiçaõ debil, lhe originaraõ algumas enfermidades; de sorte, que por mitigar o rigor da Regra na Reforma, naõ mudando da Religiaõ, passou para a Provincia do Carmo Calçada, e entrou no Mosteiro

de Setuval a 13 de Outubro de 1645. Neſta Religiaõ foy Socio, e Secretario da Provincia, ſendo Provincial o Padre Meſtre Fr. Gaſpar dos Reys; e depois deſte emprego, no anno de 1656, o mandou a Provincia a Roma, a tratar da Beatificaçaõ do Veneravel Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira. Foy graduado Preſentado, e Meſtre em Theologia, graos para que os ſeus eſtudos o habilitaraõ com diſtincçaõ. A ſua grande peſſoa lembrou ao Papa Alexandre VII. que por motu proprio o nomeaſſe Prior de S. Martinho *in Montibus*, hum dos Moſteiros, que a ſua Religiaõ tem na Curia Romana, que elle regeitou. Depois no Capitulo, que a Religiaõ celebrou em Roma a 5 do mez de Julho de 1666, foy eleito Aſſiſtente Geral das Provincias de Portugal, e Heſpanha, com o titulo de Provincial de Dacia. Reſtituío-ſe à ſua Provincia no anno de 1669, de que foy nomeado Commiſſario Geral pelo ſeu Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Mattheus Orlando, à ſua inſtancia o Papa Clemente X. (com quem tivera trato no tempo, que eſteve em Roma, e era Cardeal) o fez por motu proprio Provincial deſta Provincia, que naõ aceitou, dizendo ſer prejudicial à Religiaõ ſemelhantes exemplos. Porém o Geral o encarregou do governo da Provincia com o titulo de Vigario Provincial; e finalmente foy eleito Provincial no Capitulo de 28 de Abril de 1674, celebrado em Lisboa, com todos os votos, que governou com acerto; porque foy ſempre obſervante da ſua Regra, moſ-

Sà, *Memorias dos Arcebiſpos, e Biſpos do Carmo*, pag. 166.

mostrando em tudo o que obrava a estimaçaõ, que fazia de a professar, andando a pé, sem entrar em carruagem, nem usar de mais distincçaõ, do que a Religiaõ permittia aos demais filhos; nem comeo fóra do Convento, nem ainda em casa de seu irmaõ. Esta vida exemplar, que sempre observou, o fazia benemerito de grandes Dignidades, que sobre o seu grande nascimento naõ podia esquecer ao vigilante cuidado delRey D. Pedro II. (entaõ Principe Regente) com que cuidava na eleiçaõ dos Prelados para as Igrejas; elle o nomeou Bispo de Miranda, de que sendo confirmado pelo Santissimo Padre Innocencio XI. lhe foraõ expedidas Bullas a 26 do mez de Abril de 1677: foy sagrado no Mosteiro do Carmo de Lisboa por seu irmaõ D. Verissimo, Arcebispo Primaz, em 25 de Junho do mesmo anno, assistentes D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Bispo de Pernambuco, e depois do Funchal, e D. Fr. Christovaõ de Almeida, Bispo Titular de Martyria. Foy elle hum dos Bispos, que em Coimbra assistiraõ à primeira Trasladaçaõ, que se fez do Corpo da Rainha Santa Isabel por ordem do Senhor Rey D. Pedro. Assim que entrou no seu Bispado o visitou pessoalmente, em que fez todas as obrigações de hum verdadeiro Pastor. Dentro no Palacio Episcopal erigio hum Collegio com o titulo de S. Joseph, de que foy muy devoto, com renda para doze Collegiaes pobres, com seu Mestre de Grammatica; e no mesmo Palacio tinha classe publica de Latim para todos os moradores

Catalogo dos Bispos de Miranda na Collecçaõ da Academia do anno de 1721.

Corograf. Portug. tom. 1. pag. 480.

da sua Diocesi, que regeo com admiravel prudencia, zelo do serviço de Deos, e amor das suas ovelhas; porque era muy compassivo, e liberal com os pobres, que com saudade sentiraõ o ser promovido ao Bispado de Leiria, de que tirando Bullas Apostolicas, tomou posse a 2 de Agosto de 1681. Nesta Igreja exercitou o officio de Pastor com toda a propriedade, apascentando com as esmolas, e com a doutrina, prégando, com grande edificaçaõ da sua Diocesi, por muitas vezes na sua Sé, visitando o Bispado, arrancando abusos, e plantando santos costumes, que fortificava com os Operarios Euangelicos, que continuamente andavaõ trabalhando naquella Diocesi. ElRey D. Pedro, que tinha alto conceito das virtudes deste Prelado, por morte de seu irmaõ o nomeou Inquisidor Geral, de que lhe passou Bullas o Papa Innocencio XII. em o primeiro de Julho de 1693, de que tomou posse em 20 de Outubro do mesmo anno; e depois em o anno de 1702 o fez seu Capellaõ mòr, de que lhe mandou passar Carta a 17 de Janeiro do referido anno; e ultimamente o nomeou o mesmo Rey a 31 de Mayo de 1704 do seu Conselho de Estado, na promoçaõ que fez de Ministros de Estado, achando-se em Santarem. Foy o Bispo D. Fr. Joseph de Lencastre ornado de grandes virtudes; em todas estas grandes occupações se portou com modestia religiosa. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Missa, o que fazia com devoçaõ, e copiosas lagrimas; depois da qual rezava o Terço do Rosa-

Catalogo dos Bispos de Leiria da Collecçaõ da Academia do anno de 1722.

Rosario com a sua familia. Nunca quiz deixar de satisfazer com as obrigações de Religioso; pelo que jejuava os jejuns da Regra Carmelitana: naõ havia dia algum, que naõ tivesse oraçaõ, e na semana tres vezes disciplina, nas segundas, quartas, e sextas feiras; porém de sorte acautelado, que naõ se percebia; a que ajuntava outras muitas particulares mortificações, e penitencias. Era a sua familia muy reformada, e modesta, com quem sempre comeo em tinello, tendo hum pobre mendigo à sua maõ direita, a quem elle servia os pratos: a sua casa limpa, mas sem ostentaçaõ; porque naõ tinha de valor mais que livros, cortinas de lãa, nem elle vestio nunca outra cousa, que naõ fosse lãa; em tudo mostrava, que era Religioso, e reformado: dormia em huma barra pobre de pinho, e tinha hum leito concertado com o paramento de serafina roxa, e a colcha rica era de huma palha fina de Angola. ElRey D. Pedro nos dias, que hia ao Palacio da Inquisiçaõ, por adorar a Santissima Imagem do Senhor chamado *dos Passos*, na Procissaõ da segunda sexta feira da Quaresma, tinha a curiosidade de ver o pobre ornato daquella cama de estado, de que muito se edificava, da qual naõ se servia, se naõ nas occasioens, que por molestia havia de receber visitas. Teve grande talento para os negocios politicos, que comprehendia com admiravel percepçaõ, votando singularmente nas materias de Estado; de sorte, que o seu voto era de grande ponderaçaõ aos demais Ministros: a hum, sem controversia

ſia grande em tudo daquelle tempo, que foy o Duque de Cadaval D. Nuno, o ouvi muitas vezes. Era de animo compaſſivo, e taõ eſmoler, que a reſerva, que fez do Biſpado de Leiria, quando o renunciou para ſer Inquiſidor Geral, ficava no meſmo Biſpado em ordinarias, e eſmolas, com que ſoccorria viuvas honradas, recolhidas, e a outras peſſoas nobres, e neceſſitadas. Finalmente nelle concorreraõ todas as virtudes de hum grande Prelado, e de hum grande Senhor, como elle foy, com coraçaõ candido, mas prudente, com notavel conſtancia, e naõ menos affabilidade, Letrado, e virtuoſo, de que foy piamente receber o premio eterno, fortalecido com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; cheyo de annos, e merecimentos, faleceo a 13 de Setembro de 1705. Aberto o ſeu Teſtamento ſe achou cheyo de diſpoſições pias, e devotas, ordenando que foſſe enterrado, ſem pompa alguma, na Capella do Noviciado dos Carmelitas Deſcalços de Lisboa, para deſcançar eternamente com aquelles, que tanto amara na vida, e donde aprendera as virtudes, que tanto ſoube exercitar. Jaz em ſepultura raza no meyo da Capella, onde em huma pedra lhe puzeraõ o ſeguinte Epitaſio:

Aqui deſcança o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Dom Fr. Joſeph de Lancaſtro, Religioſo profeſſo Carmelita

ta

ta Descalço neste Santo Noviciado de Nossa Senhora dos Remedios, e depois de muitos annos passado à Familia dos Observantes. Foy Provincial, e Commissario Geral, de donde sahio para Bispo de Miranda, e de Leiria, e ultimamente Inquisidor Geral, e Capellaõ môr delRey D. Pedro II. e do seu Conselho de Estado. Faleceo em 13 *de Setembro de* 1705.

CAPITULO XVIII.

De Dom Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueiró, &c.

17 NAõ succedeo D. Pedro de Lencastre na Casa, e na Dignidade de Commendador môr de Aviz; porque anticipando-selhe a morte, acabou a vida primeiro, que seu pay: porém succedeo na de seu tio Francisco de Vasconcellos, I. Conde de Figueiró, que morreo em Madrid no anno de 1653, como neto de Manoel de Vasconcellos, Regedor das Justiças, do Conselho de Estado em Madrid, Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Esporaõ em Evora. Foy D. Pedro

Pedro recebido à moradia de Moço Fidalgo por Alvará de 7 de Fevereiro de 1625, em que ElRey diz: *A Dom Joaõ da Silva, meu Mordomo môr, hey por bem fazer merce a D. Pedro de Lencastre, filho de D. Francisco Luiz de Lencastre, meu muito amado, e prezado Sobrinho, de o tomar por Moço Fidalgo, com o foro, e moradia, que pelo dito seu pay lhe pertence, &c.* Sem embargo de D. Pedro naõ succeder na Casa de Figueiró, que era da Condessa Dona Anna de Menezes e Vasconcellos, mulher de seu tio o I. Conde, lhe succedeo no Condado por merce del-Rey D. Joaõ IV. attendendo à grande qualidade de D. Pedro, de que lhe passou Carta a 19 de Mayo do anno de 1654, e foy Senhor de Villa-Nova de Fascoa, e do Morgado de Esporaõ. No anno em que o mesmo Rey, como dissemos, instituìo o Tribunal da Junta dos Tres Estados, foy o Conde de Figueiró hum dos primeiros Ministros, que nelle houve: e pelo seu casamento foy Senhor de Goes, e do Condado de Sortelha. Morreo a 21 de Julho de 1658. Foy depositado na Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços, donde foy trasladado para a Capella mòr de S. Joaõ de Setuval, enterro da sua Casa.

Casou em vida de seu pay em 16 de Fevereiro de 1630 com a Condessa D. Magdalena de Lencastre, que faleceo em 5 de Dezembro de 1649, e jaz na Igreja do Mosteiro da Esperança de Lisboa. Era filha segunda de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sorte-

Sortelha, e Guarda môr da pessoa delRey, e de sua mulher Dona Maria de Vilhena, Condessa de Villa-Nova; veyo a Condessa D. Magdalena a herdar a Casa de seu pay por morte de sua irmãa mais velha a Condessa de Villa-Nova D. Branca de Vilhena da Sylveira; succedeo nas terras, Morgados, e mais Senhorios da Casa de Sortelha; e deste matrimonio nascerað os filhos seguintes:

18 D. JOSEPH DE LENCASTRE, III. Conde de Figueiró, como se verá no Capitulo XIX.

18 D. LUIZ DE LENCASTRE, IV. Conde de Villa-Nova, Capitulo XX.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, a quem a natureza dotou de fermosura, e sem ter elegido estado, acabou na flor da idade em o primeiro de Outubro de 1657; e jaz com sua mãy no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

…Condes- …D.Mag- …na de …castre, …her de Pedro …encas- …II.Cõ- …de Fi- …ró.

- Dom Luiz da Sylveira, III. Cond. de Sortelha, Guarda môr delRey, ✱ em 1617.
  - D. Joaõ da Sylveira, successor da Casa de Sortelha.
    - D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha, Guarda môr delRey D. Sebastiaõ, e do seu Conselho de Estado.
      - D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Guarda môr delRey D. Manoel, &c.
        - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Recardaens, Brunhido, Goes, &c. Mordomo môr da Rainha.
        - D. Filippa de Vilhena, Dama da Rainha D. Leonor.
      - A Condessa D. Brites Coutinho.
        - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal.
        - D. Maria de Noronha.
    - D. Maria de Menezes.
      - Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, &c. Alcaide môr do Porto.
        - Henrique de Sá de Menezes, Senhor de Sever, &c.
        - D. Brites de Menezes.
      - D. Camilla de Noronha.
        - D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova.
        - A Condessa D. Mecia de Noronha.
  - Dona Magdalena de Granada.
    - D. Luiz de Lencastre, I. Comendador môr de Aviz.
      - O Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, nasceo a 12 de Agosto de 1487, ✱ a 22 de Julho de 1550.
        - ElRey D. Joaõ II. ✱ a 25 de Outubro de 1495.
        - D. Anna de Mendoça, Dama do Paço.
      - A Duqueza D. Brites de Vilhena.
        - O Senhor Dom Alvaro, ✱ a 4 de Março de 1504.
        - D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, ✱ em 1516.
    - D. Magdalena de Granada.
      - D. Joaõ Infante de Granada.
        - Muley Abul Haren, Rey de Granada.
        - A Rainha Zoyra, chamada D. Isabel, antes, e depois.
      - D. Brites de Sandoval.
        - D. Joaõ de Sandoval, Senhor de Ayora.
        - D. Ignez de Leiva.
- Dona Maria de Vilhena, Condessa de Villa-Nova.
  - D. Manoel de Castellobranco, II. Conde de Villa-Nova do Conselho de Estado, Escrivaõ da Puridade, ✱ a 10 de Setembro de 1626.
    - D. Joaõ de Castellobranco, Senhor de Villa-Nova de Portimaõ, do Conselho de Estado, Governad. do Algarve.
      - D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova no anno de 1485, &c.
        - Gonçalo Vaz de Castellobranco, Senhor de Villa-Nova de Portimaõ.
        - D. Brites Valente.
      - A Condessa D. Mecia de Noronha.
        - Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ Donatario do Funchal.
        - D. Maria de Noronha.
    - D. Branca de Vilhena, 2. mulher.
      - Nuno Rodrig. Barreto, Alcaide môr de Faro.
        - Ruy Barreto, Alcaide môr de Faro.
        - D. Branca de Vilhena.
      - D. Leonor de Milá.
        - D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, Guarda mór da pessoa delRey D. Manoel.
        - D. Leonor de Milá.
  - A Condessa D. Branca de Vilhena, ✱ a 14 de Mayo 1626. H.
    - D. Diogo de Castellobranco, ✱ em 1578 na batalha de Alcacer.
      - D. Francisco de Castellobranco, Senhor de Villa-Nova, &c. Camereiro môr delRey D. Joaõ III.
        - D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova.
        - A Condessa Dona Mecia de Noronha.
      - D. Maria de Castro, ✱ a 27 de Outubro de 1557.
        - Diogo Lopes de Lima, Copeiro môr delRey D. Joaõ II.
        - D. Isabel de Castro Pereira, Senhora de Castro-Dairo.
    - D. Leonor de Milá.
      - D. Joaõ de Castellobranco, Senhor de Villa-Nova, &c.
        - D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova.
        - A Condessa Dona Mecia de Noronha.
      - D. Branca de Vilhena, segunda mulher.
        - Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro.
        - D. Leonor de Milá.

CAPITULO XIX.

De D. Joseph Luiz de Lencastre, III. Conde de Figueiró, Commendador môr de Aviz.

18 NAsceo na Cidade de Evora, e foy bautizado na Cathedral daquella Cidade em 27 de Agosto do anno de 1639, sendo seu Padrinho seu tio D. Verissimo de Lencastre, e Madrinha sua avó D. Filippa de Mendoça: succedeo na Casa de seu pay, e foy III. Conde de Figueiró, de que se lhe passou Carta a 29 de Setembro de 1658; declarandose ser a terceira vida, com que esta merce fora feita a Manoel de Vasconcellos seu visavô, sendo a primeira seu filho Francisco de Vasconcellos; e que nas outras duas entrariaõ seus descendentes, ou as pessoas, que em falta delles succedessem na Casa. Teve a Dignidade de Commendador môr da Ordem de Aviz, de que tirou Carta a 17 de Outubro de 1673, e as mais Commendas, e Alcaidarias móres, que possuhio seu avô: e tendo succedido por morte da Condessa sua mãy na Casa de Sortelha, veyo por morte de sua avó materna a succeder no Condado de Villa-Nova de Portimaõ; e engrossando em rendas a sua grande Casa, por recahirem nella duas taõ illustres, veyo a ser huma das mais ricas, e poderosas do Reyno. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, e Presidente do

do Senado da Camera; e morreo em Lisboa a 11 de Dezembro de 1687. A devoçaõ o fez deixar o enterro dos ſeus mayores, mandando-ſe ſepultar na ſua Parochia de Santos, na Capella de Noſſa Senhora da Saude, onde jaz.

Caſou em 31 de Julho de 1664 com a Condeſſa D. Filippa de Vilhena, huma das Senhoras mais magnificas no trato, e grandeza da Caſa, que teve a Corte: faleceo a 15 de Dezembro de 1688. Era filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór, e do Conſelho de Eſtado delRey D. Joaõ IV. e de ſua mulher a Condeſſa D. Luiza Maria de Faro: porém deſta eſclarecida uniaõ naõ tiveraõ filhos. E jaz na dita Capella da Igreja de Santos com o Conde ſeu marido, onde ſe conſerva eſta memoria:

Neſta Capella ſe mandaraõ enterrar D. Joſeph de Lencaſtre, Conde de Figueiró, e a Condeſſa D. Filippa de Vilhena ſua mulher, pela ſingular devoçaõ, que ſempre tiveraõ a eſta Santa Imagem da Virgem Senhora noſſa.

CAPI-

CAPITULO XX.

De D. Luiz de Lencastre, IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador mór de Aviz.

18 DA esclarecida uniaõ de D. Pedro de Lencastre, e D. Magdalena de Lencastre, II. Condes de Figueiró, foy o segundo filho D. Luiz de Lencastre, que nasceo em Azeitaõ em hum Sabbado do mez de Mayo de 1644. ElRey D. Affonso VI. por seu Alvará de 17 de Setembro de 1666, accrescentando-o do foro de Moço Fidalgo, diz: *Faço merce de Fidalgo Escudeiro, e Fidalgo Cavalleiro a D. Luiz de Lencastre com a moradia, que teve seu Avô Dom Francisco Luiz, meu muito amado Sobrinho, filho de D. Luiz de Lencastre, meu muito amado Sobrinho.* Este tratamento de parentesco com a Casa Real, expressáraõ os Reys ainda em seu avó, como referimos.

Naõ teve successaõ, como temos visto no Capitulo precedente, o Conde de Figueiró seu irmaõ: pelo que D. Luiz lhe succedeo em toda a Casa, e Morgados, que por elle vagaraõ, menos os bens da Coroa, que eraõ muitos; porque nestes, em huns lhe faltavaõ as vidas, e outros eraõ incluidos na Ley Mental; e sómente se lhe conservou o Senhorio de Villa-

Nova

Nova de Fascoa por ser de juro, e ter huma vida fóra da Ley Mental, de que se lhe passou Carta a 5 de Novembro de 1688 por merce delRey D. Pedro; pela qual foy tambem IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr da Ordem de Aviz, e das Commendas, e Alcaidarias móres, de que se lhe passaraõ Cartas a 27 de Agosto de 1688, em que diz: ***Por aver respeito às duas vidas, em que sua Avó foy despachada, e estar huma por verificar.*** Morreo em o primeiro de Janeiro de 1704, e jaz na Parochia de Santos, na mesma Capella do Conde seu irmaõ.

Casou em 15 de Fevereiro de 1694 com D. Magdalena Theresa de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha de D. Estevaõ de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, e de D. Helena de Noronha sua mulher; e deixando a successaõ, que diremos, morreo a 26 de Dezembro de 1701; e foy sepultada na mesma Capella da Igreja de Santos, onde está seu marido. Foraõ seus filhos

19 D. PEDRO DE LENCASTRE, que nasceo, e morreo em 23 de Março de 1696.

19 D. PEDRO DE LENCASTRE, V. Conde de Villa-Nova, como se verá no Capitulo XXI.

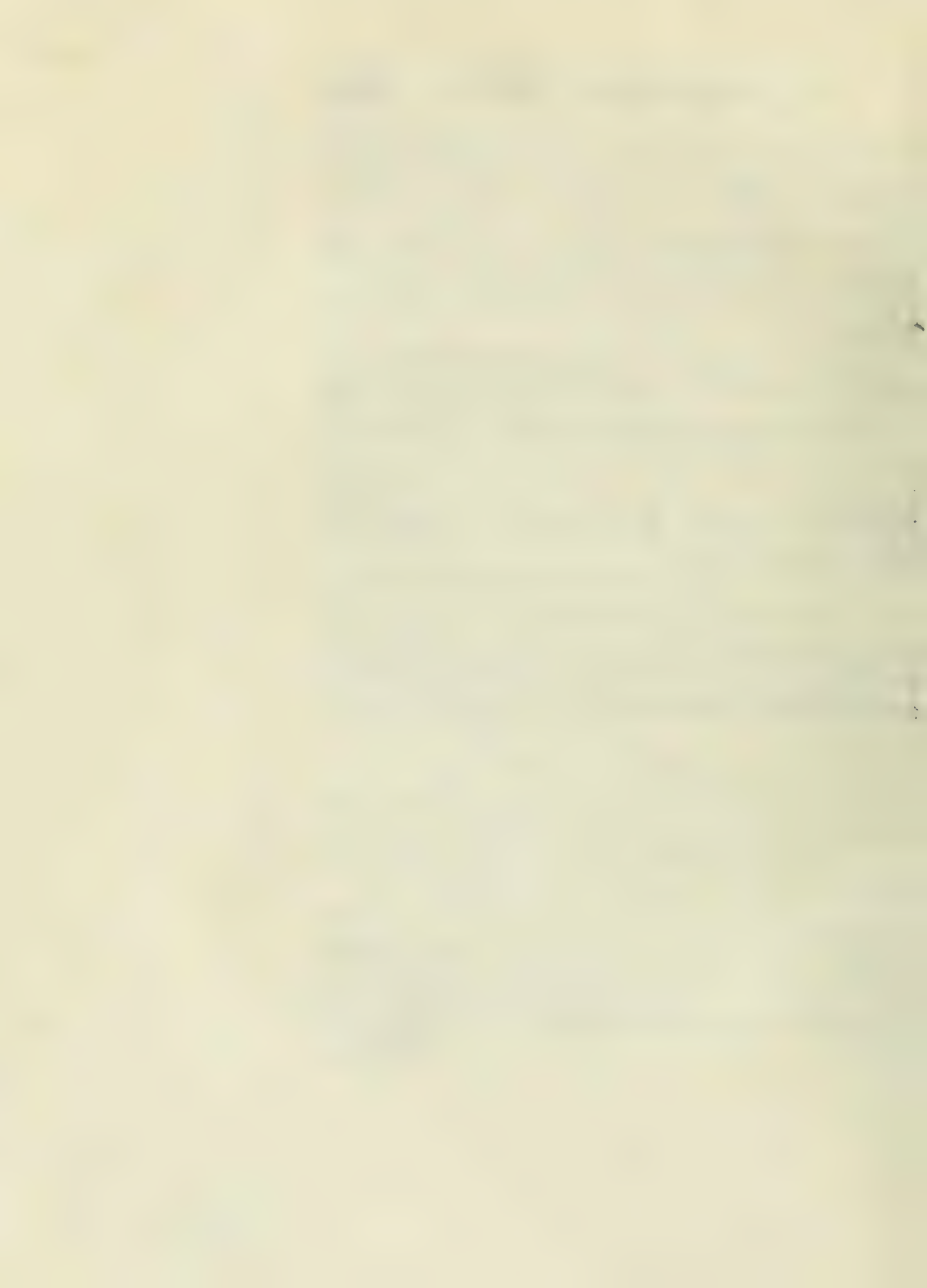
19 D. MARIA DE LENCASTRE nasceo a 17 de Abril de 1698, casou em 25 de Fevereiro de 1715 com D. Pedro de Almeida, III. Conde de Assumar, e I. Marquez de Castello-Novo, Vice-Rey, e Capitaõ General do Estado da India, para onde partio

a 29

a 29 de Março de 1744; e da sua successaõ já demos noticia em seu proprio lugar a pag. 818 do Tomo X.

19 D. FRANCISCO JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 14 de Agosto de 1699, em quem defeituosa a natureza, o fez incapaz de trato, por ser enfermo no juizo.

19 D. HELENA DE LENCASTRE nasceo a 25 de Outubro do anno de 1700, e casou em 13 de Agosto de 1713 com D. Joaõ Mascarenhas, III. Marquez de Fronteira, e IV. Conde da Torre, como em outra parte fica dito a pag. 472 do Tomo IX. de quem nasceo D. MARIA a 23 de Setembro de 1738, que faleceo de tenra idade.

19 D. THERESA DE LENCASTRE, que foy a ultima, nasceo a 10 de Dezembro do anno de 1701, e casou em 24 de Setembro de 1719 com D. Francisco Mascarenhas, III. Conde de Coculim, como já temos em outra parte escrito a pag. 246 do Tomo V.

ndes-
Mag-
.The-
e No-
mul.
Luiz
ncas-
IV.
e de
-No-
Dom Estevaõ de Menezes, Senh. da Casa de Tarouca, Deputado da Junta dos Tres Estados.
Dom Duarte de Menezes, III. Conde de Tarouca.
D. Luiz de Menezes, II. Conde de Tarouca, Governador de Tangere, ✠ em Outubro de 1614.
D. Lourença Henriques, segunda mulher.
D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, Vice-Rey da India, nasceo em Tangere a 6 de Dezembro 1537.
D. Leonor da Sylva.
D. Joaõ de Menezes, XVII. Governador de Tangere, Comendador de Albufeira da Ordem de Santiago.
D. Luiza de Castro.
Diogo da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças.
D. Antonia de Vilhena.
Vasco Martins Moniz, IV. Senhor de Angeja, &c.
D. Violante de Menezes.
Jorge Moniz, Senhor de Angeja, &c.
D. Leonor Henriques.
D. Fernando de Noronha, Capitaõ de Azamor.
D. Joanna de Menezes.
A Condessa D. Luiza de Castro.
D. Estevaõ de Faro, I. Conde de Faro, do Conselho de Estado, ✠ a 12 de Fevereiro de 1628.
A Condessa Dona Guiomar de Castro, ✠ a 7 de Outubro de 1620.
Dom Diniz de Faro, Commendador de Moras na Ordem de Christo, ✠ a 12 de Dezembro de 1574.
D. Luiza Cabral.
D. Fernando de Faro, Senh. do Vimieiro, Mordomo môr da Rainha D. Catharina, ✠ a 9 de Jan. 1552.
D. Isabel de Mello, ✠ em 1563.
Joaõ Alvares Caminha.
D. Isabel Cabral.
D. Joaõ Lobo, IV. Baraõ de Alvito, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda.
A Baroneza D. Leonor Mascarenhas.
D. Rodrigo Lobo, II. Baraõ de Alvito, do Conselho delRey D. Joaõ III. e Védor da Fazenda.
Dona Guiomar de Castro.
D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Manoel, Senhor de Lavre.
D. Margarida Coutinho.
D. Helena de Noronha.
D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos.
D. Marcos de Noronha.
D. Maria Henriques.
D. Thomás de Noronha.
D. Helena da Sylva.
D. Leaõ de Noronha.
D. Branca de Castro.
D. Gil Eannes da Costa, Védor da Fazenda, do Conselho de Estado, e Despacho.
D. Joanna da Sylva.
D. Francisco da Costa, Embaixador a Marrocos, anno de 1579.
Dona Joanna Henriques.
D. Duarte da Costa, Armeiro môr, Governador do Brasil, Presidente do Senado da Camera.
D. Maria de Mendoça.
Gonçalo Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes.
D. Violante Henriques.
A Condessa D. Magdalena de Borbon, segunda mulher.
D. Luiz de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, I. Conde dos Arcos, ✠ a 24 de Junho de 1647.
A Condessa Vitoria de Cardaillac.
D. Lourenço de Brito Nogueira e Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado.
A Viscondessa Dona Luiza de Tavora.
Luiz de Brito, IV. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
A Viscondessa D. Ignez de Lima.
Luiz de Alcaçova Carneiro, Senhor de Figueiró.
D. Antonia de Tavora.
Francisco de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle.
A Baroneza Magdalena de Borbon.
Antonio de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle, &c.
A Baroneza Victoria de Aquino.
Henrique de Borbon, Visconde de Laveden.
A Viscondessa Francisca de Mirimont.

 CAPI-

CAPITULO XXI.

De D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, e VI. Commendador mòr de Aviz.

19 NO anno de 1697 a 4 de Abril nasceo D. Pedro de Lencastre Sylveira Valente Castellobranco Vasconcellos Barreto e Menezes, em quem a obrigaçaõ de tantos Morgados unio tantos, e taõ illustres appellidos. Succedeo em toda a Casa de seu pay, quando ainda naõ tinha cumprido sete annos, ficando por seu tutor aquelle virtuoso Prelado o Bispo Inquisidor Geral seu tio, que em sua vida tratou o seu casamento, nomeando por seu tutor a seu futuro sogro, debaixo de cujas prudentes maximas foy educado. He V. Conde de Villa-Nova por Carta de 5 de Fevereiro de 1704, VI. Commendador mòr da Ordem de Aviz na sua Casa, e Commendador das Commendas de Alcanede, Estremoz, Veiros, e Landroal, todas na dita Ordem, e Alcaide mòr dos Castellos de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, Alcanede, e Pernes, Senhor das Villas de Goes, Salriza, Villa-Nova de Fascoa, e das Casas de Villa-Nova de Portimaõ, e de Sortelha, Senhor dos Morgados da Povoa, de Esporaõ, Oliveira do Conde, Goes, Pedra-Alçada, Marvilla, Valverde, Algarve, Alcochete, e Ma-

fra, e Senhor dos Padroados das Igrejas de Sampayo de Villa-Verde, S. Thomé de Cabella, S. Salvador de Ruivaens, Santa Margarida de Colzada, Santiago de Tremes, S. Vicente de Sousa, Santa Maria de Idens, e da Collegiada, e Vigairarias de Santa Maria de Goes, Santa Maria de Correllos, S. Pedro da Varzea, S. Pedro de Oliveira de Conde, S. Christovaõ de Cabanas. A Providencia Divina, que o fez Senhor de huma taõ grande Casa, deixou que a natureza próvida lhe désse huma gentil, e agradavel presença, de corpo agigantado; mas com proporçaõ taõ armoniosa, que o faz bisarro, a que unio partes de grande Senhor, magnificencia no trato da sua Casa, e prudencia em dirigir as suas acções; gostando dos exercicios, que saõ precisos, e como necessarios, nas pessoas do seu alto nascimento; usando do manejos dos cavallos, da caça, e outros exercicios, a que o leva mais que o divertimento, a satisfaçaõ da amisade, do que o genio mais dado à liçaõ dos livros: principalmente da Historia, que leo com gosto, he a parte Genealogica a mais favorecida; e em huma, e outra he bem instruido; porque com memoria prompta se sabe servir das occasioens, em que brilha com modestia. No anno de 1729, quando as Magestades Portuguezas passaraõ à Provincia de Alentejo para se verem no Caya com as Magestades Catholicas, foy o Conde hum dos Senhores, que se acharaõ nesta magestosa juncçaõ com magnifico trem, e acompanhado de luzida familia. No anno de 1744

foy

foy feito Deputado da Junta dos Tres Estados, que exercita com prestimo, e pontualidade; porque concorrem nelle partes de vir a ser hum grande Ministro.

Casou em 29 de Outubro de 1711 com D. Maria Sofia de Lencastre, filha de D. Rodrigo Pedro Eannes de Sá, Marquez de Abrantes, e de Fontes; e da Marqueza Dona Isabel de Lorena sua mulher: desta esclarecida uniaõ teve

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE, com quem se continúa.

20 D. MAGDALENA DE LENCASTRE nasceo a 25 de Junho de 1714.

20 D. ANNA DE LENCASTRE nasceo a 26 de Setembro de 1716, casou em 8 de Outubro de 1737 com seu primo com irmaõ Dom Fernando Mascarenhas, filho dos III. Marquezes de Fronteira, de quem teve D. MARIA, que nasceo a 23 de Setembro de 1738, e viveo poucos mezes; e sua mãy faleceo a 6 de Setembro de 1739.

20 D. IGNEZ ANDREZA DE LENCASTRE nasceo a 4 de Fevereiro do anno de 1717, e morreo em Agosto do anno seguinte.

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE nasceo a 2 de Abril de 1713: casou, como presumptiva herdeira desta grande Casa, com Manoel Rafael de Tavora, Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, filho dos II. Condes de Alvor, a qual faleceo a 26 de Fevereiro de 1742; e desta esclarecida uniaõ he unico

21 D. JOSEPH MARIA GREGORIO FRANCISCO XAVIER DE LENCASTRE naſceo a 15 de Fevereiro do referido anno de 1742, que he preſumptivo herdeiro da Caſa de ſeu avô.

- A Condessa D. Maria Sofia de Lencastre, mulher de D. Pedro, V. Conde de Villa-Nova.
  - Rodrig. Eannes de Sá e Menezes, III. Marquez de Fontes, I. de Abrant. Gentil-homem da Camera delRey D. Joaõ V. seu Vêdor da Fazenda, Embaixad. a Roma, e Madrid, ✱ a 30 de Abril de 1733.
    - Francisco de Sá de Menezes, I. Marq. de Fontes, IV. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Affonso VI. ✱ em 1677.
      - Joaõ Rodriguez de Sá, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey Dom Joaõ IV. do Conselho de Estado, &c. ✱ em 1658.
        - Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, ✱ em 15 de Agosto 1647.
          - Joaõ Rodriguez de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, e Camereiro môr delRey D. Filippe II.
          - A Condessa D. Isabel de Mendoça.
        - A Condessa D. Joanna de Castro.
          - Joaõ Gonçalves da Camera, Conde de Atouguia, ✱ em Abril de 1628.
          - A Condessa D. Maria de Castro, ✱ a 25 de Mayo de 1632.
      - A Condessa Dona Luiza de Faro.
        - D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia, Senhor de Piniche, ✱ em 1639.
          - Joaõ Gonçalves de Ataide, Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Maria de Castro.
        - A Condessa D. Filippa de Vilhena.
          - D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, ✱ em 22 de Julho de 1630.
          - D. Luiza de Faro.
    - A Marqueza D. Joanna de Lencastre.
      - Dom Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, ✱ em 1657.
        - D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Joaõ de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Paula da Sylva.
        - D. Ignez de Noronha.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
      - D. Ignez de Noronha.
        - Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, XI. Senhor de Vagos, ✱ em 1651.
          - Diogo da Sylva, X. Senhor de Vagos.
          - D. Margarida de Menezes.
        - A Condessa D. Maria de Castro.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
  - A Marqueza D. Isabel de Lorena, ✱ a 26 de Nov. de 1699.
    - Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, I. Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreir. V. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. ✱ em 29 de Janeiro de 1727.
      - Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. ✱ a 17 de Março de 1645.
        - D. Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Tentugal, ✱ a 28 de Fevereiro de 1597.
          - Francisco de Mello, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, ✱ em Dezembro de 1588.
          - A Senhora D. Eugenia.
        - A Condessa D. Marianna de Castro, ✱ a 20 de Jan. 1626.
          - D. Rodrigo de Moscoso Osorio, V. Conde de Altamira.
          - N. . . . .
      - A Marqueza Dona Joanna Pimentel, ✱ a 11 de Setembro de 1657.
        - D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavera, Vice-Rey de Valença, ✱ a 28 de Março de 1627.
          - D. Henrique Pimentel, III. Marquez de Tavera.
          - A Marqueza Dona Joanna de Toledo.
        - A Marqueza D. Isabel de Moscoso.
          - D. Lopo de Moscoso, VI. Conde de Altamira, &c. ✱ a 15 de Dezembro de 1636.
          - A Condessa D. Leonor de Sandoval.
    - A Duqueza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, ✱ a 7 de Julho 1674.
      - Francisco de Lorena, Conde de Harcourt, de Rieux, &c. ✱ em 27 de Junho de 1694.
        - Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Cavalleiro das Ordens delRey, &c. ✱ a 5 de Nov. 1675.
          - Carlos de Lorena, I. do nome, Duque de Elbeuf, &c. ✱ em 1605.
          - A Duqueza Margarida Chabot, ✱ a 29 de Setembro de 1652.
        - A Duqueza Henriqueta, legitimada de França.
          - Henrique IV. Rey de França, ✱ a 14 de Mayo de 1610.
          - Gabriella de Estreés, Duqueza de Bocaufort.
      - Anna de Ornano, Condessa de Montsor, ✱ em Setemb. de 1695.
        - Henrique Francisco Affonso de Ornano, Marquez de Maubec, &c.
          - Affonso Corse de Ornano, Marichal de França.
          - Margarida Luiza de Grasse, Senhora de Flassans.
        - A Marqueza Margarida de Montsor.
          - Luiz Raymundo, Conde de Montsor.
          - A Condessa Maria de Maugiron.

TABOA XV.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XIV

D. Luiz de Lencaſtre, filho terceiro do Senhor D Jorge, Duque de Coimbra, foy Commendador môr da Ordem de Aviz. Caſou com Dona Magdalena de Granada, filha do Infante D. Joaõ de Granada, Governador de Galiza.

XV

D. Luiz de Lencaſtre, Commendador môr da Ordem de Aviz, do Conſelho de Eſtado, Védor da Fazenda, ✠ no primeiro de Julho de 1613. Caſou com D. Filippa de Menezes, filha de Dom Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha.

Dom Joaõ de Lencaſtre. *Tab. XVI.*

Dona Brites de Lencaſtre caſou com D. Theodoſio I. Duque V. de Bragança, e foy ſua ſegunda mulher.

Dona Anna de Lencaſtre, Cõmendadeira de Santos.

Dona Maria de Lencaſtre, ✠ em 1580. Caſou com Joaõ Gonçalves da Camera, II. Conde da Calheta.

D. Magdalena de Granada caſou com Dom Joaõ da Sylveira, H. do Condado de Sortelha.

XVI

Dom Luiz de Lencaſtre, ✠ menino.

Dom Jorge de Lencaſtre, ✠ menino.

D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, Commendador môr da Ordem de Aviz, ✠ em 17 de Fevereiro de 1667. Caſou com Dona Filippa de Mendoça, filha de Manoel de Vaſconcellos, Senhor do Morgado do Eſporaõ, ✠ a 6 de Setembro de 1653.

D. Maria de Lencaſtre, ✠ menina.

D. Magdalena de Lencaſtre caſou com D. Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito.

XVII

Dom Luiz de Lencaſtre, ✠ menino.

D. Manoel de Lencaſtre, ✠ menino.

Dom Pedro de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz, II. Conde de Figueiró, V. Conde de Sortelha, e de Villa-Nova de Portimaõ, ✠ a 21 de Julho de 1658. Caſou com D. Magdalena de Lencaſtre ſua prima, filha de Dom Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, ✠ em 5 de Dezembro de 1649.

D. Antonio de Lencaſtre, Religioſo da Ordem de Chriſto.

D. Veriſſimo de Lencaſtre, Arcebiſpo de Braga, Primaz de Heſpanha, Inquiſidor Geral dos Reynos de Portugal, do Conſelho de Eſtado, Cardeal da Santa Igreja Romana, creado a 12 de Setembro de 1686, ✠ em 13 de Dezembro de 1692.

Dom Carlos de Lencaſtre, Clerigo, ✠ moço.

D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, Frade Carmelita, Biſpo de Miranda, e de Leiria, Inquiſidor Geral de Portugal, do Conſelho de Eſtado, Capellaõ môr del-Rey D. Pedro II. ✠ a 13 de Setembro de 1706.

Dona Marianna de Lencaſtre caſou com Dom Joaõ de Caſtro, Almirante de Portugal, Senhor de Reris.

XVIII

Dom Joſeph Luiz de Lencaſtre, III. Conde de Figueiró, Senhor dos Condados de Sortelha, e Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr da Ordem de Aviz, ✠ a 11 de Dezembro de 1687. Caſou em 31 de Julho de 1664 com Dona Filippa de Vilhena, filha de Joaõ Rodrigues de Sá e Menezes, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, ✠ a 15 de Dezembro de 1688.

Dona Luiz de Lencaſtre, IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, VI. Commendador môr da Ordem de Aviz, Senhor das Villas de Sortelha, Oliveira do Conde, e Goes, &c. ✠ em o primeiro de Janeiro de 1704. Caſou em 15 de Fevereiro de 1694 com D. Magdalena Thereſa de Noronha, filha de D. Eſtevaõ de Menezes, Senhor da Caſa de Tarouca, ✠ em 26 de Dezembro de 1701.

Dona Maria de Lencaſtre, ✠ na flor da idade ſem eſtado no primeiro de Outubro de 1657.

XIX

Dom Pedro de Lencaſtre, naſceo, e ✠ em 23 de Março do anno de 1696.

Dom Pedro de Lencaſtre, V. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, VII. Commendador môr da Ordem de Aviz, Senhor de Goes, &c. naſceo em 4 de Abril do anno de 1697. Caſou em 29 de Outubro de 1711 com D. Maria Sofia de Lencaſtre, filha de Rodrigo Eannes de Sá, II. Marquez de Fontes, e I. de Abrantes.

D. Maria de Lencaſtre, naſceo a 17 de Abril de 1698, caſou com D. Pedro de Almeida, III. Conde de Aſſumar, e I. Marquez de Caſtello-Novo.

D. Franciſco de Lencaſtre, naſceo em 14 de Agoſto do anno de 1699.

D. Elena de Lencaſtre, naſceo a 25 de Outubro do anno de 1700. Caſou com D. Joaõ Maſcarenhas, IV. Conde da Torre, e III. Marquez de Fronteira.

D. Thereſa de Lencaſtre, naſceo a 10 de Dezembro do anno de 1701. Caſou com D. Franciſco Maſcarenhas, III. Conde de Coculim.

XX

D. Iſabel de Lencaſtre, naſceo a 2 de Abril do anno de 1713, ✠ a 26 de Fevereiro de 1742. Caſou em 29 de Mayo de 1735 com Manoel de Tavora, filho dos ſegundos Condes de Alvor.

D. Magdalena de Lencaſtre, naſceo a 25 de Junho do anno de 1714.

D. Anna de Lencaſtre, naſceo a 25 de Setembro de 1716, ✠ a 6 de Setembro de 1739. Caſou com D. Fernando Maſcarenhas ſeu primo com irmaõ, filho dos III. Marquezes de Fronteira.

Dona Ignez Andreza de Lencaſtre naſceo a 4 de Fevereiro de 1717, ✠ em Agoſto de 1718.

D. Joſeph Maria de Lencaſtre, naſceo a 13 de Fevereiro de 1742. H.

CAPITULO XXII.

De Dom João de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz.

15 ENtre os filhos, que teve o Commendador môr Dom Luiz de Lencastre de sua mulher D. Magdalena de Granada, como dissemos no Capitulo XIII. foy o segundo genito D. Joaõ de Lencastre, a quem o Duque Mestre fez merce da Commenda de Coruche, e Alcaidaria môr de Aviz, de cuja Ordem he a dita Commenda, bastante patrimonio naquelle tempo para estabelecer huma grande Casa, por ser muy rendosa esta Commenda; e assim com mais huma linha do seu proprio sangue dilatava a sua posteridade, que o tempo depois tanto restringio na linha masculina, de que saõ hoje já muy poucos; porque esta se extinguio em parte, como logo diremos. No anno de 1578 passou à Africa com ElRey D. Sebastiaõ, e foy hum dos Senhores, que ficaraõ cativos naquella infeliz batalha; e foy resgatado no numero dos oitenta Fidalgos, como escreve Jeronymo de Mendoça. ElRey D. Filippe II. que reconhecia a sua grande qualidade, e os seus merecimentos, no anno de 1597 o fez do seu Conselho com nove mil reis por mez de Conselheiro. Fundou o Convento de Religiosos Capuchos de S. Joaõ da Villa

Jornada de Africa, liv. 2. cap. 8. pag. 77.

Chronica da Provincia da Arrabida, pag. 705.

Villa de Santarem, em que lhe lançou a primeira pedra a 24 de Junho de 1589, e o aceitou o Padre Fr. André de S. Paulo. Morreo no anno de 1614, e jaz no dito Convento.

Casou duas vezes, a primeira com D. Paula da Sylva, filha de Lourenço Pires de Tavora, Governador da Torre de Caparica, e Senhor do Morgado, que elle naquelle lugar instituío, Commendador das Commendas de Requiaõ, de Salvaterra, e das Pias, na Ordem de Christo. Foy Embaixador a ElRey de Fez no anno de 1541 sobre a guerra, que ElRey Dom Joaõ queria mover ao Xarife; Capitaõ môr da Armada, que no anno de 1546 passou à India, Embaixador ao Emperador Carlos V. no anno de 1548, e depois a Inglaterra no anno de 1553 na exaltaçaõ da Rainha D. Maria por morte delRey Duarte VI. e no de 1559 passou por Embaixador a Roma a dar obediencia ao Papa Pio IV.; Varaõ prudente, valeroso, entendido, generoso, e luzido, a quem os Reys tiveraõ tanta attençaõ, que pareceo respeito aos seus grandes merecimentos. Finalmente com licença, que pedio a ElRey para descançar em sua casa, livre de negocios politicos, morreo em a sua Quinta de Caparica em 15 de Fevereiro de 1573; e jaz no Mosteiro dos Arrabidos, que fundou naquelle mesmo sitio. Foy casado com D. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Commendador de Mirandella, seu primo segundo. Deste esclarecido matrimonio de D. Joaõ de Lencastre

com

com Dona Paula da Sylva nasceraõ os filhos seguintes:

16 D. LUIZ DE LENCASTRE, que succedendo na Commenda de Coruche, morreo moço, sem ter tomado estado.

* 16 DOM LOURENÇO DE LENCASTRE, com quem se continúa.

16 D. JORGE DE LENCASTRE, servio na India com satisfaçaõ; e voltando ao Reyno, passou segunda vez à India, despachado com o governo da Capitanía de Ormuz, em companhia de Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, no anno de 1608; e levava de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez sete mil duzentos e cincoenta reis, e faleceo na viagem; naõ foy casado, nem teve geraçaõ.

* 16 D. CATHARINA DE LENCASTRE, adiante. Casou segunda vez com D. Filippa de Castro, filha de D. Affonso de Castellobranco, Meirinho môr, e de sua segunda mulher D. Isabel de Menezes, filha de D. Duarte de Menezes; e era viuva de Joaõ Pereira Marramaque, de quem naõ teve successaõ.

* 16 D. CATHARINA DE LENCASTRE casou com Dom Fernaõ Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, e Commendador de Mertola na Ordem de Santiago, de quem foy segunda mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 17 D. LUIZ MASCARENHAS DE LENCASTRE, adiante.

* 17 D. PEDRO MASCARENHAS, adiante.

D.

17 D. Maria de Lencastre,

17 D. Aldonça de Lencastre, Freiras no Mosteiro de Montemôr o Novo, da Ordem de S. Domingos.

* 17 D. Luiz Mascarenhas de Lencastre, succedeo em hum Morgado, que seu pay se obrigou a instituir, quando casou com sua mãy D. Catharina de Lencastre, para o filho primeiro daquelle matrimonio; porém seu irmaõ mais moço se meteo de posse, sem que D. Luiz soubesse tratar do direito, que tinha; porque foy Fidalgo com pouco talento. Casou com D. Brites de Menezes, filha de Damiaõ Dias de Menezes, Commendador na Ordem de Christo, Secretario das Confirmações delRey; e de D. Anna de Castro sua mulher, de quem teve

18 D. Catharina de Lencastre recolhida no Mosteiro de Odivellas, onde morreo moça.

18 D. Fernaõ Martins Mascarenhas, passou a servir à India, e foy Cavalleiro da Ordem de Christo; e tendo occupado póstos naquelle Estado, foy Governador da India, em que succedeo a D. Miguel de Almeida a 9 de Janeiro de 1691, junto com Luiz Gonçalves Cota, Clerigo do habito de S. Pedro, Secretario de Estado, que naõ governou mais que quatro mezes; e ficou governando a India D. Fernando, até que em Setembro chegou o Arcebispo Primaz D. Agostinho da Annunciaçaõ, Religioso da Ordem Militar de Christo, que era nomeado na Via; e ambos governaraõ o Estado até 13 de

de Mayo de 1693, que entrou em Goa o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha; e D. Fernando voltou para o Reyno. E no anno de 1703 foy mandado por Governador de Pernambuco, e depois do Rio de Janeiro.

Casou na India com D. Maria Manoel de Albuquerque, filha de D. Joaõ Manoel de Albuquerque, Capitaõ de Dio, filho natural de D. Jorge Manoel de Albuquerque, Commendador de S. Mamede de Trovisco na Ordem de Christo, Senhor do Morgado do Grande Affonso de Albuquerque, de quem naõ teve successaõ.

* 17 D. Pedro Mascarenhas, foy Conego, e Arcediago na Sé de Lisboa, que renunciou pela vida de Soldado; e servio na guerra contra Castella, depois da Acclamaçaõ; occupou os póstos de Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo no Exercito da Provincia de Alentejo. Foy Commendador de S. Pedro Fins de Ferreira na Ordem de Christo, e Governador do Rio de Janeiro.

Casou duas vezes, a primeira com D. Brites de Tavora e Mendoça, filha de Christovaõ de Almada, Provedor da Casa da India, e de sua mulher D. Luiza de Mello, Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, e Verdemilho, &c. filha herdeira de André Pereira de Miranda, Senhor das ditas Villas. E a segunda com D. Maria da Sylva e Camoens, Senhora do Morgado da Camoeira, viuva de Antonio Magalhaens de Menezes, Senhor da Ponte da Barca, e filha de An-

tonio Vaz de Camoens, Senhor do dito Morgado; e de D. Francisca de Menezes, filha de D. Alvaro da Sylveira, Commendador de Sortelha na Ordem de Christo, filho de D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha; porém de nenhum destes matrimonios teve successaõ.

* 16 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, filho segundo de D. Joaõ de Lencastre, e de sua mulher D. Paula da Sylva, foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, Senhor da Casa de seu pay. Casou com D. Ignez de Noronha, que faleceo a 2 de Novembro de 1651, irmãa do primeiro Conde de Unhaõ, filha de Ruy Telles de Menezes, VIII. Senhor de Unhaõ, Cepaes, Meinedo, Gestaço, Commendador de Ourique; e de D. Marianna da Sylveira sua mulher, filha herdeira de D. Vasco da Sylveira, Commendador de Arguim na Ordem de Christo, e de D. Ignez de Noronha sua mulher, como dissemos no Livro VI. Capitulo V. §. III. pag. 317 do Tomo V. e teve

17 D. JOAÕ DE LENCASTRE, E D. RODRIGO DE LENCASTRE, morreraõ meninos.

17 D. LUIZ DE LENCASTRE, servio em Mazagaõ, sendo Capitaõ daquella Fronteira Joaõ da Sylva, desde o anno de 1631 até o de 1636; e morreo sem successaõ.

* 17 D. RODRIGO DE LENCASTRE, Commendador de Coruche, com quem se continúa.

17 D. PEDRO DE LENCASTRE, foy Capitaõ de

de Cavallos no Exercito da Provincia de Alentejo, e Capitaõ môr da Armada, em que no anno de 1657 passou à India com seu tio Antonio Telles de Menezes, I. Conde de Villa-Pouca, que a Rainha Regente tinha mandado por Vice-Rey daquelle Estado; e ficando na India, governou o Estado juntamente com Luiz de Mendoça; e voltando para o Reyno no anno de 1664, morreo na Bahia; tendo casado com D. Margarida de Tavora sua prima com irmãa, filha do I. Conde de Unhaõ, com quem se tinha recebido hum mez antes de partir para a India.

Portugal Restaur. tom. 2. liv. 2. pag. 82.

17 D. Marianna de Lencastre casou com D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco, III. Conde de Villa-Nova, de quem foy terceira mulher; e por sua morte casou segunda vez com seu primo com irmaõ Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças, de quem foy segunda mulher; e de nenhum destes matrimonios teve successaõ.

* 17 D. Rodrigo de Lencastre, succedeo a seu pay na sua Casa, e foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz; e sendo nomeado Governador, e Capitaõ General da Cidade de Tangere, entrou nesta Praça em Janeiro do anno de 1653, em que mostrou grande valor, e prudencia, mayor do que promettiaõ os seus poucos annos, mas sim o seu esclarecido sangue; dando nos primeiros exercicios da sua occupaçaõ differente idéa, da que tinhaõ recebido os Cavalleiros daquella Praça da sua pouca

Conde da Ericeira D. Luiz, *Portug. Restaur.* tom. I. liv. 12. pag. 811.

Conde da Ericeira D. Fernando, *Historia de Tangere*, liv. 3.

idade; tendo tido ſucceſſos proſperos, com utilidade dos Tangerinos, era o ſeu governo feliz por todas as circunſtancias; achando-ſe em muitas occaſioens, em que dando do ſeu valor naõ vulgares moſtras, adquirio reputaçaõ à ſua peſſoa, e às noſſas Armas. Na Cidade fez algumas obras publicas, de que a mais importante foy a do Miradouro, que eſtava arruinado, levantando o muro dos fundamentos; reformou o Caes para as embarcações, aſſiſtindo ao trabalho; reparou os Vallos, ou Tranqueiras, todas as vezes, que tiveraõ damno: do Reyno lhe mandaraõ trinta cavallos, com que ſe refez a Cavallaria; em tudo moſtrou tanta prudencia, que podia o ſeu governo ſervir de exemplo; aos ſubditos tratou com amor, e benignidade, ſem offender o reſpeito, que fez guardar com ſeveridade quando convinha; e aſſim foy Dom Rodrigo naõ ſó amado dos ſubditos, mas dos inimigos. E ſuccedendolhe no Governo D. Fernando de Menezes, II. Conde da Ericeira, ſe embarcou para o Reyno, e chegou a ſalvamento a Lisboa em o anno de 1656: porém no tempo, que os ſeus merecimentos enchiaõ a Republica de huma larga expectaçaõ, morreo moço no anno de 1657 a 21 de Fevereiro. Jaz nos Capuchos de Santarem.

Caſou com D. Ignez de Noronha ſua prima com irmãa, filha de Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, e de ſua mulher a Condeſſa D. Maria de Caſtro, de quem teve eſclarecida ſucceſſaõ nos filhos ſeguintes:

D.

* 18 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, Commendador de Coruche, com quem se continúa.

18 D. PEDRO DE LENCASTRE nasceo em Lisboa no anno de 1653 sendo bautizado na Parochia de Santiago a 22 de Mayo: foy Monge no Real Mosteiro de Alcabaça, e seguindo a vida Monastica, com fervor, se fez benemerito pelos merecimentos proprios da attençaõ dos seus: ao mesmo tempo que elle com louvavel desenteresse naõ pertendia cousa alguma, foy momeado Secretario do Geral no anno de 1687, e acabando, o quizeraõ fazer Abbade do Desterro, que recusou entaõ, dizendo, que era preciso o merecello, e rogou lhe dessem a occupaçaõ de Sachristaõ de Alcobaça, e foy a unica cousa que em sua vida pedio; e se entendeo, que era sómente para assistir à fabrica da Ermida da Virgem do Desterro, que foy motivo de ter que sofrer no modo com que se houveraõ com elle sobre esta Capella, que elle prudente, e devoto mostrou, que o que só queria era o culto da Senhora, e dos seus Campanheiros do Desterro, sem que se queixasse talvez da desattençaõ com que o trataraõ. No anno de 1693, foy eleito D. Abbade do Desterro, onde emprendeo dar principio à Igreja, sobre o que naõ padeceo poucas tribulações com os mesmos Religiosos, que naõ podendo entaõ impedir a fabrica, veyo o tempo a satisfazellos, naõ se continuando. Poucos mezes tinha de Abbade, quando achando-se com queixas graves o Padre Fr. Luiz Coutinho, para poder conti-

continuar com a occupaçaõ de Esmoler môr, a que se ajuntavaõ muitos annos: pelo que fez deixaçaõ do lugar, e sendo nomeado para este honorifico emprego de Official da Casa Real, o Abbade Fr. Pedro de Lencastre, lhe mandou ElRey passar Carta a 5 de Outubro de 1693, lugar que exerceo com louvavel piedade, e seguindo-se o Capitulo Geral, lhe propunhaõ alguns o modo de poder ser eleito D. Abbade Geral, que elle com animo desinteressado desprezou. Neste Capitulo, que foy no anno de 1696, lhe acordaraõ voto perpetuo, com todas as preeminencias, que gozaõ os que tem logrado o lugar de Geral da sua Congregaçaõ.

No anno de 1699 succederaõ na Congregaçaõ de Cister algumas domesticas perturbações sobre o governo da Religiaõ, em que Fr. Pedro se mostrou naõ só imparcial; mas com zelo do serviço de Deos, e desinteresse do temporal, mostrou a sua recta intençaõ, sincero, e candido animo, que mereceo delRey novos louvores a sua prudencia, edificando-se sempre do seu desinteresse. Estava no anno de 1700 a Corte em Salvaterra, quando propoz a Sua Magestade os meyos de se evitarem vagabundos, e mendicantes pelas portas, que ElRey mandou conferisse aquelle negocio com o seu Confessor, o Padre Sebastiaõ de Magalhães, que assentando fizesse hum papel sobre aquella materia, o fez; porém ou a occurrencia dos negocios, ou outro motivo, naõ deixou executar huma obra taõ necessaria, com que se evi-

tavaõ

tavaõ muitas desordens. Depois lhe fez ElRey a merce de declarar, que havia de gozar o foro de Capellaõ Fidalgo, com a moradia, que lhe pertencia; de que lhe passou Alvará a 22 de Novembro de 1702. Neste mesmo anno foy Fr. Pedro de Lencastre eleito D. Abbade Geral da Congregaçaõ de Cister, que governou com zelo, e prudencia, onde deixou monumentos, que faraõ perduravel à sua memoria. ElRey D. Pedro o nomeou Bispo de Elvas, por promoçaõ de D. Antonio Pereira da Sylva, para o Algarve, que elle com naõ pouca repugnancia aceitou mais por attender a persuaçaõ de seu irmaõ D. Joaõ de Lencastre, e ao Marquez de Fontes, depois de Abrantes, seu sobrinho, do que por satisfaçaõ propria; porque nada desejava fóra da Cogûla de S. Fernando, amando a vida Monastica, naõ queria outra. Foy confirmado pelo Papa Clemente XI. e passandolhe Bulla, foy Sagrado, e tomou posse a 17 de Abril do anno de 1706. Passou a Alcobaça a despedirse dos Claustros daquelle Mosteiro, que tanto estimava, e dia de seu Santo Patriarcha, fez Pontifical, e crismou grande multidaõ de pessoas, e deu Ordens a alguns dos seus Religiosos; e depois de assistir alguns dias naquella Casa, se despedio da sua Religiosa familia, sendo reciprocas as demonstrações da saudade; e voltando a Lisboa partio para o seu Bispado. No anno seguinte veyo à Corte, e hindo ao Mosteiro do Desterro, com saudosa memoria da vida Monastica, disse a seu sobrinho Fr. Verissimo de Lencastre,

Lencaſtre, que lhe havia ſuccedo no lugar de Eſmoler môr, que de boa vontade trocara com elle, e com pouca aſſiſtencia da Corte voltou para a ſua Dioceſi, donde já mais ſahio, a qual governou com notavel exemplo, e edificando com o ſeu modo de vida, porque andava a pé pela Cidade, acompanhava os ſeus Conegos no Coro, adminiſtrava os Sacramentos, e ſe exercitava em obras de caridade, em utilidade do proximo, a quem ſoccorria quanto alcançavaõ as ſuas rendas, por ſerem curtas ſempre, e muito mais no tempo de guerra, que durou todo o tempo da ſua vida, occupada em todas as virtudes de hum verdadeiro Paſtor: acabou religioſamente com univerſal ſentimento de toda a Cidade a 27 de Septembro de 1713; jaz na Cathedral na Capella das Chagas.

18 D. JOAÕ DE LENCASTRE, Capitulo XXIII.

18 D. ANTONIO DE LENCASTRE, foy para a India, e lá morreo ſolteiro.

18 D. JOANNA LUIZA DE LENCASTRE, que caſou duas vezes, a primeira com Ruy Telles de Menezes, II. Conde de Unhaõ; e ficando viuva, caſou ſegunda vez com Franciſco de Sá e Menezes, I. Marquez de Fontes, como já temos dito no Livro VIII. Capitulo V. pag. 475 do Tomo IX. e a pag. 385 do Tomo X. e de ambos ſe conſerva eſclarecida deſcendencia.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, morreo moça, ſem ter elegido eſtado.

D.

18 D. MARIANNA DE LENCASTRE casou com Luiz Cesar de Menezes, Alferes môr de Portugal, &c. e da sua successaõ já em outro lugar temos dado conta a pag. 75 do Tomo IX.

18 D. RODRIGO DE LENCASTRE nasceo posthumo, foy Religioso da Santissima Trindade, e foy Provincial eleito no anno de 1693, e depois foy a Redempçaõ no anno de 1696 a Argel, em que mostrou muito zelo, e caridade; morreo a 23 de Março de 1700.

* 18 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, succedeo na Casa a seu pay; foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Commendador de Coruche da mesma Ordem, Veador da Infanta D. Isabel, e depois da Rainha D. Maria Sofia, e por sua morte ficou servindo a Suas Altezas; e tambem foy Veador da Rainha D. Maria Anna de Austria. Quando seu pay passou por Governador de Tangere o acompanhou, sendo de muy curta idade; e quando àquella Praça chegou o Conde da Ericeira, para lhe succeder no governo, o mandou visitar por elle a bordo. Foy tambem Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e hum dos Oppositores à Casa de Aveiro. Faleceo a 20 de Dezembro de 1715.

Portugal Restaurado, tom. 1. pag. 886.

Casou com Dona Isabel de Menezes, filha de Dom Antonio Luiz de Menezes, I. Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, &c. e da Marqueza D. Catharina Coutinho; e desta esclarecida uniaõ tiveraõ os filhos seguintes:

* 19 D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, com quem se continúa.

19 D. Antonio Luiz de Lencastre, morreo de curta idade.

19 D. Joaõ de Lencastre, passou a servir na India, e lá morreo.

19 D. Joseph de Lencastre, morreo de poucos annos.

19 D. Verissimo de Lencastre, tomou a Cogulla de S. Bernardo no Mosteiro de Alcobaça; e estando com patente de Mestre para ir ler Theologia ao seu Collegio de Coimbra, foy nomeado para succeder a seu tio no lugar de Esmoler môr por ElRey D. Pedro; e depois se lhe passou a Carta a 7 de Fevereiro de 1707. ElRey lhe fez a merce de gozar a moradia de Capellaõ Fidalgo. He Esmoler môr de Sua Magestade, e foy Dom Abbade do Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa.

19 D. Catharina de Lencastre, que morreo na flor da idade.

* 19 D. Rodrigo de Lencastre succedeo na Casa, e foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, e de S. Romaõ de Mouriz na de Christo, Alcaide môr de Coruche, e de Benavente, Gentilhomem da Camera do Senhor Infante D. Francisco. Servio na paz, embarcando nas Armadas, que sahiaõ a guardar a Costa deste Reyno: foy Coronel de hum Regimento de Infantaria, com que se achou na Campanha da Beira do anno de 1704, onde ElRey D.

Pedro

Pedro II. o fez General de Batalha, posto que exercitou na guerra com distincçaõ. Faleceo a 26 de Julho de 1725.

Casou duas vezes, a primeira com D. Vincencia de Menezes sua prima com irmãa, que faleceo a 28 de Março de 1703. Era filha de D. Rodrigo de Menezes, do Conselho de Estado do Principe Regente D. Pedro, seu Gentil-homem da Camera, e Estribeiro mòr; e de D. Guiomar de Menezes sua sobrinha, e mulher, de quem teve a succeffaõ, que logo se dirá. Casou segunda vez em 23 de Mayo do anno de 1720 com D. Anna de Vasconcellos, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, Camerista da Infanta D. Maria, e filha de Affonso de Vasconcellos e Sousa, Conde da Calheta, Reposteiro mòr; e da Condessa D. Pelagia Sinfrosa de Rohan: e deste matrimonio naõ teve succeffaõ; e do primeiro teve os que se seguem:

20 Dom Antonio de Lencastre casou em vida de seu pay com D. Maria da Porta de Lencastre, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha unica de D. Christovaõ da Gama, Veador da Casa da dita Rainha, irmaõ do III. Marquez de Niza; e de D. Marianna de Lencastre, filha de Simaõ de Vasconcellos e Sousa: porém esta uniaõ durou pouco tempo, por elle morrer do terrivel mal de bexigas, em Março do anno de 1719.

20 D. Guiomar de Lencastre, por morte de seu pay succedeo na Casa, e Commenda de

Coruche, a qual faleceo ſobre parto a 23 de Novembro de 1735. Caſou em Dezembro do anno de 1725, com D. Affonſo de Noronha, Védor da Caſa da Rainha, noſſa Senhora, e Capitaõ de Mar, e guerra, irmaõ do V. Conde dos Arcos, como ſe diſſe no Capitulo V. do Livro VI. pag. 235, do Tom. V. e deſta uniaõ teve.

21 D. RODRIGO DE LENCASTRE, que morreo menino, no anno de 1733.

21 DONNA N. . . . . que naſceo a 13 de Fevereiro de 1733, e faleceo de tenra idade.

21 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, que naſceo a 5 de Fevereiro de 1735.

21 D. JOANNA DE LENCASTRE E NORONHA, que faleceo em Mayo de 1744.

-] Paula [ ] Sylva, [mu]lher de [D.] Joaõ de [La]ncaltre, [Co]mmendador de Co[ ]che.
  - Lourenço Pires de Tavora, Governador da Torre de Caparica, Embaixador ao Emperador Carlos V. do Conselho de Estado, ✠ a 15 de Fev. de 1573.
    - Christovaõ de Tavora, Mordomo mór do Infante D. Fernando, Commend. da Conceiçaõ de Lisboa na Ordem de Christo, Capitaõ de Sofala, Senhor de Ranhados.
      - Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senh. do Mogad. e da Casa de Tavora.
          - Brites Esteves, Aya delRey D. Affonso IV.
        - D. Leonor da Cunha, segunda mulher.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
      - D. Maria Telles.
        - D. Gonçalo Coutinho, II. Conde de Marialva.
          - D. Vasco Coutinho, I. Conde de Marialva.
          - D. Maria de Sousa.
        - A Condessa D. Brites de Mello.
          - Martim Affonso de Mello, Guarda mór da pessoa delRey D. Joaõ I.
          - D. Briolanja de Sousa.
    - D. Francisca de Sousa.
      - Fernando de Sousa, o da *Botelha*, Senhor de Rossas.
        - Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayaõ, &c.
          - Alvaro Gonçalves Camello, Meirinho mór, Marichal do Reyno, e Prior do Crato.
          - N. . . . .
        - D. Ignez de Sousa.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - D. Maria de Briteiros.
      - D. Ignez de Sottomayor.
        - D. Leonel de Lima, I. Visconde de Villa-Nova.
          - Fernando Eannes de Lima, Senhor dos Arcos de Valdeves, &c.
          - D. Theresa da Sylva.
        - A Viscondessa D. Filippa da Cunha.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
  - D. Catharina de Tavora.
    - Ruy Lourenço de Tavor. Trinchante delRey Dom Joaõ III. Vice-Rey da India.
      - Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro, Commendador de Santa Maria de Castello-Branco.
        - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - D. Leonor da Cunha, segunda mulher.
        - D. Ignez de Sousa.
          - Fernaõ de Sousa Camello, Senhor de Rossas.
          - D. Joanna Maria de Sousa de Alvim.
      - D. Joanna da Sylva.
        - D. Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella.
          - D. Fernando de Vasconcellos, Senhor da Enxara.
          - D. Isabel de Menezes.
        - A Condessa D. Isabel da Sylva.
          - D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes.
          - A Condessa D. Brites da Sylva.
    - D. Joanna Ferrer, Dama da Rainha D. Catharina.
      - Dom Jayme Ferrer, Governador de Valença, Senhor de Sor.
        - D. Luiz Ferrer, Governador de Valença.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Maria de Robles, Dama da Rainha Catholica D. Isabel, Senhora de Oteros.
        - Joaõ de Robles, Senhor de Villarmontero, &c.
          - Guterre de Robles, III. Senhor de Val de Trigueiros, do Conselho dos Reys Catholicos, ✠ em Nov. 1479.
          - D. Maria de Guevara.
        - D. Anna da Cunha.
          - N. . . . .
          - N. . . . .

CAPITULO XXIII.

D. Joaõ de Lencastre, do Conselho de Guerra.

18 NO Capitulo XX. dissemos, que da esclarecida uniaõ de D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, e de D. Ignez de Noronha, sua mulher; nasceo na Villa de Aveiras D. Joaõ de Lencastre, que foy o segundo, bautizado a 3 de Mayo do anno 1646. Seus pays o inclinaraõ à Religiaõ de S. Domingos, em que teve o habito de pupillo algum tempo; porém tendo mais vocaçaõ às armas, que às letras, seguio a vida de Soldado, em que occupou grandes póstos: servio na guerra contra Castella, que tinha principiado no anno de 1640; e foy Capitaõ de Cavallos, e com este posto se achou na batalha do Ameixeal, e na de Montes Claros, sendo Capitaõ das Guardas do Marquez de Marialva, General daquelle Exercito: em ambas estas occasiões procedeo com valor devido ao seu alto nascimento, adquirindo depois em diversas occasiões naquella guerra reputaçaõ, e honra, em que recebeo duas feridas de espada, com que deixou com o seu esclarecido sangue segura a occasiaõ, e illustrado o seu nome. Feita a paz com Castella, no anno de 1668, se recolheo à Corte aonde occupou o posto de Commissario Geral da Cavallaria.

Portugal Restaur. tom. 1. liv. 8. pag. 547.

ria. No anno de 1683 na Armada, que foy a Saboya, lhe foy encarregado o governo da Capitania, S. Francisco de Assis, e depois Mestre de Campo do Terço da Armada, e Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, de que se lhe passou Carta patente a 23 de Março de 1688.

Chancel. del Rey D. Pedro liv. 34. pag. 58.

No anno de 1694 foy mandado a governar o Estado do Brazil com Patente de Capitaõ General de mar, e terra: no seu tempo descobrio as Minas de Salitre, e nelle começaraõ a apparecer as de ouro: e nove annos assistio na Cidade da Bahia com este posto, com grande satisfaçaõ delRey D. Pedro II. que o estimou muito, e attendia com particular attençaõ, por ser elle hum daquelles Senhores, com quem o dito Rey se havia creado, muito da sua confiança; de sorte, que D. Joaõ de Lencastre foy hum dos mais favorecidos do seu tempo, porque ElRey o distinguio com tal affecto, que naõ sendo Criado da Casa Real, em que naõ tinha officio: nas audiencias tomava a parede dos Criados; o que nenhum lhe disputou pela sua grande pessoa, ainda sem a prerogativa de titulo; e ElRey o approvava tanto, que dizia: D. Joaõ de Lencastre naõ he Criado da Casa Real; mas he meu Criado. No anno de 1704 os Generaes, que ElRey entaõ nomeou para a Campanha, foy D. Joaõ, General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, e do Conselho de guerra, e depois Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, por Carta patente de 8 de Julho do anno

no de 1705, que está no Livro 30 pag. 126 da Chancelaria. Foy Commendador da Ordem de Christo, em que teve as Commendas de S. Joaõ de Trancoso, S. Pedro de Lardosa, e S. Braz da Figueira, e Alcaidaria môr desta mesma Villa. Era dotado de excellentes partes, com generosidade natural, bondade de coraçaõ, agradavel, amigo de prestar, e servir; virtudes todas de hum grande Senhor, como elle era. Delle escreve o Padre D. Joseph Barbosa, no Elogio de seu filho, com a sua singular eloquencia, fallando na grande distincçaõ, com que a Magestade do Senhor Rey D. Pedro o tratava, estas palavras: *Nunca lhe pedio despacho algum, nem ainda que verificasse nelle o Decreto, que o mesmo Senhor sendo Regente destes Reynos, a 2 de Dezembro de 1667, passara a favor de seu sogro D. Pedro de Almeida, confirmando a merce delRey D. Affonso VI. feita no anno antecedente, em que lhe dava hum Titulo para quem casasse com sua filha herdeira, sem mais condiçaõ, que a de ter em segredo esta merce, pelo espaço de tres annos, julgando o pedir por injuria do merecimento. Naõ sey se corre no Mundo hoje esta moeda, com a mesma estimaçaõ.* Morreo em Lisboa em Fevereiro, do anno de 1707.

Casou com D. Maria Thereza de Portugal, que morreo a 28 de Março do anno de 1703, dotada de muitas virtudes, filha herdeira de D. Pedro de Almeida, que foy Governador de Pernambuco, e de D. Luiza de Portugal, filha de Miguel de Quadros, e Tavora,

vora, Provedor das Vallas de Santarem, officio, que depois de D. Pedro de Almeida o ſervir, o vendeo; e de ſua mulher D. Catharina de Purtugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, Commendador de Arganil, e da Caſtanheira, na Ordem de Chriſto, Almirante das Armadas da Coſta, Governador da Ilha da Madeira, e de Tangere, e General do mar; e de ſua mulher, D. Maria de Portugal, filha de D. Diogo de Caſtro: e deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes.

19 D. LUIZA ANTONIA DE LENCASTRE, que naſceo no anno de 1675, e faleceo.

* 19 D. PEDRO DE ALMEIDA DE LENCASTRE, com quem ſe continua.

* 19 D. RODRIGO DE LENCASTRE, de quem ſe dirá adiante.

19 D. ANTONIO DE LENCASTRE naſceo a 11 de Julho do anno de 1678. Eſtudou em Coimbra, onde ſe formou em Canones: foy Deaõ da Capella Ducal de Villa Viçoſa, e he ao preſente Principal da Santa Igreja Patriarchal, onde entrou a 17 de Outubro de 1719.

19 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, Monge de S. Bernardo, que foy D. Abbade do Moſteiro de Noſſa Senhora do Deſterro de Lisboa, e teve outros cargos na Religiaõ.

19 D. IGNEZ DE LENCASTRE naſceo a 14 de Dezembro, do anno de 1680. Foy Dama do Paço. Caſou com Antonio de Melo de Caſtro III. Conde

das

das Galveas, Commendador de Santa Maria de Torradeira, S. Christovaõ de Nogueira, e S. Pedro de Monsarás, todas na Ordem de Christo, e da dos Collos, e Mouguellas na Ordem de Santiago, e da das Galveas, na Ordem de Aviz, Couteiro mór da Casa de Bragança, de quem até ao presente naõ tem successaõ, como se disse no Livro X. pag. 861 do Tomo X.

19 D. CECILIA DE LENCASTRE nasceo a 8 de Septembro de 1682. Freira na Encarnaçaõ.

19 D. JOANNA VITORIA DE LENCASTRE nasceo a 15 de Junho de 1683. Foy Freira no mesmo Mosteiro, e morreo em Junho de 1723.

19 D. TERESA MARGARIDA DE LENCASTRE nasceo a 14 de Janeiro de 1684. Freira no mesmo Mosteiro, e morreo em Junho de 1723.

19 D. MARIANNA DE LENCASTRE nasceo a 26 de Março do anno de 1686, religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde trocando o appellido da sua esclarecida Casa, pelo humilde da Religiaõ, se chamou das Estrellas; e foy Abbadessa do dito Mosteiro tres annos, que acabaraõ em Mayo de 1729, com grande saudade daquella Religiosa Casa, em que luzindo o seu talento, entre taõ esclarecida observancia, deixou da sua singular attençaõ, e prudencia, feliz memoria: pelo que foy segunda, e terceira vez eleita Abbadessa, e o seria sempre, se as Leys o naõ encontraraõ, e ella naõ desejasse unirse à obediencia de subdita.

19 D. Isabel de Lencastre naſceo a 16 de Outubro de 1687.

19 D. Caetana Alberto de Lencastre naſceo a 7 de Agoſto do anno de 1693. Foy educada no Moſteiro da Eſperança, donde ſeus pays a caſaraõ em 10 de Janeiro de 1706, com Franciſco Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos, Coronel do Regimento do Algarve, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Mageſtade, de quem até agora naõ tem tido ſucceſſaõ.

* 19 D. Pedro Balthasar de Almeida de Lencastre naſceo a 6 de Janeiro de 1676: ſuccedeo no Morgado de ſua mãy, e foy Commendador de S. Joaõ de Trancoſo, S. Pedro de Lardoſa, no Biſpado de Viſeo, na Ordem de Chriſto, Alcaide mòr da Figueira. Deſde os ſeus primeiros annos, foy inclinado à virtude, de ſorte, que com o tempo ſe adiantou tanto, que pode com o ſeu modo de vida fazer mais eſclarecido o ſeu nome entre os de ſeus Illuſtriſſimos Progenitores: ſempre interiormente ſeguio a vida de hum verdadeiro Chriſtaõ, ainda que dentro nos limites do ſeu naſcimento, ſeguindo a Corte, e uſando das gallas proprias da ſua peſſoa; e achando-ſe na idade de trinta e oito annos, ſe reſolveo a tomar eſtado, e no anno de 1714 caſou com D. Ignez Joſepha de Tavora, Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, em quem concorriaõ ſobre qualidade illuſtre, virtudes, que fizeraõ feliciſſimo eſte Conſorcio; porque a natureza a dotou de fer-

moſura,

mosura, e discriçaõ, que ella com singular engenho pollio com a liçaõ dos livros, applicando-se com tanto gosto, que soube perfeitamente a Geografia, e a lingua Franceza com propriedade. Esta venturosa uniaõ se dissolveo com poucos annos de casados, morrendo D. Ignez, deixando hum unico filho, como logo veremos.

Penetrado D. Pedro taõ altamente da saudade, como movido interiormente de hum desprezo do Mundo, desenganado do caduco, assentou comsigo entrar a viver no Deserto de Bussaco, onde em vida contemplativa vagasse sómente a Deos, e sem mais memoria dos parentes, e amigos acabasse escondido das vaidades do Mundo: persuadido de prudente conselho, se naõ resolveo a pollo em execuçaõ; porém assentando comsigo acabar com o Mundo, determinou, naõ sahindo da Corte, nem da sua propria casa, viver sómente para Deos, sem trato, nem commercio com as pessos da sua alta esfera; porque humilhando-se por amor de Deos, seguio hum raro modo de vida. Andou sempre a pé, vestido honestamente, sem adorno; mas com limpeza, sem criado, nem companhia de pessoa alguma com quem conversasse, e só admittia algum mendigo, a quem soccorria com esmola. Naõ entrou mais nunca no Paço, nem a solicitar algumas dependencias importantes: naõ contemporizou com os amigos, e se privou de toda a sua communicaçaõ; e dos parentes sómente via nos Sabbados, em que levado da sua

devoçaõ hia visitar a milagrosa Imagem da Senhora da Piedade, da Igreja das Chagas, e depois de cumprida a sua devoçaõ, passava a ver sua irmãa, a Condessa das Galveas, e sendo já de noite, se recolhia na carruagem com seu irmaõ, o Principal Lencastre: e neste rigoroso modo de vida só conservou com attençaõ a correspondencia de seu cunhado Joseph de Saldanha, que visitava nas occasiões de molestias; porém em tempo, que estivesse sem visitas, porque sabendo estava com alguma, satisfazia com lhe deixar hum recado.

Escolheo-o a Rainha para seu Veador, e naõ houve persuaçaõ, que o pudesse vencer; porque tendo determinado no seu coraçaõ servir sómente a Deos, naõ admittio o que era honra, e vaidade do Mundo, vivendo taõ abatido na humildade, como se vê de hum caso, que lhe succedeo na Igreja da Trindade, que entrando para ouvir hum Sermaõ, se sentou em hum banco, em que estavaõ outros homens, que no trato das pessoas se pareciaõ, com o que elle representava; e entrando hum moço luzido no vestido, e imprudente no modo, se quiz assentar junto a D. Pedro; e como naõ houvesse lugar, lho cedeo D. Pedro, hindo para o degráo de pedra de huma Capella; porém naõ faltou quem lhe dissesse quem era, o que se levantara para elle se assentar, e corrido o moço passou a darlhe satisfaçaõ. Confuso D. Pedro, lhe agradeceo a attençaõ com taes palavras, que bem mostrou naõ estar agravado,

vado, e fogindo dos que testemunhavaõ o caso, se retirou buscando parte mais occulta, porque de nenhuma sorte pudesse ter lugar a vaidade. Em outras occasiões lhe succederaõ semelhantes lances, em que mostrou qual era a paz interior, de que se adornava, como quem naõ tinha mayor satisfaçaõ, que o abatimento da sua pessoa. Como a sua vida era perfeita, toda se empregava em devoções, e santos exercicios. Naõ faltava a visitar o santissimo Lausperenne, buscando as horas de menos concurso, e a parte mais retirada, onde em larga oraçaõ vagava a Deos com edificaçaõ do proximo. Soccorria aos pobres, e sempre estes acharaõ nelle amparo, exercitando-se nesta virtude com admiravel caridade, sendo continuadas as esmolas, que fazia pela sua propria maõ, sendo certas nas quintas, e Sabbados; e já mais se chegou na rua a elle pobre, a quem naõ désse esmola: na mesa reservava todos os dias do melhor dos pratos para os seus pobres, aos quaes tratava com tanto amor, e caridade, que elle os servia, dandolhes a comer, e algumas vezes metendolhes o comer na boca, vencendo com a virtude a natural repugnancia do estado de semelhantes pessoas, a quem venerava com taõ ardente amor de proximo, que por muitas vezes lhes deu a camisa, e occasiaõ houve, em que lhe deu o capote, que trazia aos hombros.

A sua vida como se regulava pela observancia da Ley de Deos, se augmentava na perfeiçaõ de todas

das as ſuas obras; porque com admiravel methodo tinha diſtribuido o tempo: aſſim todos os dias ſahia de caſa às nove horas, tendo já cumprido com a Oraçaõ mental, e outros exercicios, em que gaſtava aquelle tempo; paſſava à Igreja a ouvir Miſſas, e dar eſmolas até o meyo dia, em que ſe recolhia: as tardes, que naõ ſahia fora, ſe fechava até às nove horas da noite lendo livros, e paſſando o tempo em exercicios eſpirituaes: era abſtinente, ſatisfazendo com devoçaõ os jejuns da Igreja, a que accreſcentava o de todas as quartas feiras do anno. Na Quareſma naõ comia doce, nem fruta, e em memoria da Paixaõ na ſemana ſanta era o jejum taõ rigoroſo, que deſde Quinta feira mayor, até o Sabbado de Alleluia paſſava ſem alimento algum: dormia em hum enxergaõ, e nas ſeſtas feiras naõ uſava de cama, e dormia ſobre humas taboas, e ſempre meyo veſtido: os cilicios, e diſciplinas eraõ continuos, porém debaixo da obediencia do ſeu Director, que no eſpaço de vinte annos continuados, com pouca interrupçaõ de outros Confeſſores, o governou, e affirmava, que nunca em todo aquelle largo tempo de annos tivera culpa alguma mortal.

Neſte theor de vida paſſava D. Pedro, quando acometido de huma doença, que elle affirmou ſeria a ultima, em que teve a ſua paciencia naõ pouco exercicio no ſofrimento com que tolerou remedios violentos; e preparando-ſe com os Sacramentos da Igreja, que recebeo com grande edificaçaõ da Corte,

te, que testemunhava a sua fervorosa devoçaõ, e a sua resignada paciencia, acabou placidamente a 20 de Septembro de 1740, para viver na eternidade, e lograr o premio, que Deos tem preparado para os que bem o serviraõ. Mandou, que fosse enterrado sem pompa no Convento de S. Pedro de Alcantara, e que o seu corpo fosse em hum caixaõ curberto de burel, levado por oito pobres, sem outro algum apparato funebre; o que seu irmaõ o Principal Lencastre, em cuja companhia elle sempre esteve com muita amisade, como seu Testamenteiro fez executar. O Padre D. Joseph Barbosa fez à sua memoria hum Elogio, que imprimio no anno de 1741, aonde se pódem ver largamente, e em elegante estylo, muitos actos de virtude heroica, em que D. Pedro se exercitou, e que nós no estylo, que seguimos succintamente referimos.

Casou a 2 de Septembro de 1714, com D. Ignez Josepha de Tavora, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, que morreo a 7 de Julho de 1718, filha de Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, do Conselho de Guerra, Commendador de Santo Eusebio de Aguiar da Beira, e de sua mulher D. Luiza Ignez de Tavora, Dama do Paço, como fica dito: e desta uniaõ foy unico.

20 D. JOSEPH DE LENCASTRE, que nasceo a 15 de Dezembro de 1716, e he Commendador de S. Joaõ de Trancoso, S. Pedro de Lardosa, na Ordem de Christo, e Alcaide môr da Figueira.

D.

19 D. RODRIGO DE LENCASTRE, filho segundo de D. Joaõ de Lencastre, nasceo a 31 de Janeiro do anno de 1677: acompanhou a seu pay à Bahia, donde em hum soccorro, que mandava à India, embarcou D. Rodrigo, e lá servio naquelle Estado; e voltando ao Reyno, servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e Commissario geral da Cavallaria, Posto que com as novas Ordenanças se supprimio. Casou no anno de 1713, com D. Isabel de Castro, viuva de Luiz Francisco Correa de Lacerda, e filha de Joaõ Correa de Lacerda, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Capitaõ de Cavallos da Guarniçaõ da Corte, e de D. Luiza Fontoura teve

20 D. JOAÕ DE LENCASTRE nasceo a 3 de Dezembro de 1713.

20 D. ANNA JOACHINA DE LENCASTRE nasceo a 26 de Abril de 1715. Casou com Gonçallo de Almeida Sousa e Sá, Senhor do Morgado da Cavallaria, de quem tem os filhos seguintes, que nasceraõ na Cidade do Porto. ⁐ D. MARGARIDA ISABEL DE LENCASTRE nasceo a 20 de Agosto de 1730. Casou a 10 de Fevereiro de 1745, com Francisco de Sousa da Sylva, Senhor da antiga Quinta de Sylva. ⁐ D. JOACHINA ROSA DE LENCASTRE nasceo a 27 de Outubro de 1731. ⁐ MANOEL DE ALMEIDA DE SOUSA E SA', que nasceo a 15 de Março de 1733, que he o successor. ⁐ RODRIGO DE ALMEIDA DE SOUSA nasceo a 8 de Dezembro de 1736, aceito na Religiaõ de Malta. ⁐ D. THE-

RESA

RESA XAVIER DE LENCASTRE nasceo a 6 de Mayo de 1737. ⊐ ANTONIO DE ALMEIDA DE SOUSA nasceo a 15 de Agosto de 1739. ⊐ LOURENÇO DE ALMEIDA nasceo a 30 de Agosto de 1740. ⊐ D. MARIA DO VALLE DE LENCASTRE nasceo a 15 de Novembro de 1741. ⊐ D. RITA JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 14 de Junho de 1743. ⊐ DUARTE ⊐ AYRES, ⊐ e VITORIA, que morreraõ de tenra idade.

20 D. LOURENÇO DE LENCASTRE nasceo a 10 de Junho de 1716, depois de estudar em Coimbra com aproveitamento, he Prelado da Santa Igreja de Lisboa.

20 D. JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 8 de Fevereiro de 1719, he Religioso Eremita de Santo Agostinho.

20 D. ANTONIO DE LENCASTRE nasceo no 1 de Junho de 1721. Casou com D. Guiomar Anacleta de Carvalho Fonseca e Camões, filha herdeira de Thadeu Luiz Antonio de Carvalho Fonseca e Camões, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, VII. Senhor, e Capitaõ môr hereditario dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, com jurisdicçaõ Civel, e Crime em todas as suas povoações, Senhor das Torres, e Solares de Camões, Landim Torneiros, Montelongo, e Padroeiro das suas Igrejas, Cavalleiro da Ordem de Christo; e de sua mulher D. Francisca Rosa de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendoça, e de sua mulher

D. Marianna Luiza de Valladares ; de quem tem

21 D. MANOEL THADEU GONÇALO ANTONIO LOPES DE CARVALHO FONSECA CAMÕES DE LENCASTRE, que naſceo a 7 de Fevereiro de 1744.

21 D. PEDRO DE LENCASTRE naſceo a 8 de Dezembro de 1722, he Conego na Baſilica da Santa Igreja Patriarchal.

21 D. FRANCISCO DE LENCASTRE naſceo a 17 de Janeiro de 1723 , e falleceo a 24 de Septembro do referido anno.

21 D. VERISSIMO DE LENCASTRE , que naſceo a 14 de Mayo de 1728, ſervio no Regimento da Marinha, e he Cavalleiro de Malta.

21 D. LUIZ DE LENCASTRE naſceo a 15 de Janeiro de 1722 , e morreo poucos dias depois de naſcido.

21 D. FRANCISCO DE LENCASTRE naſceo a 25 de Outubro de 1729, e aſſiſte no Algarve, onde ſerve na Infantaria.

21 D. RITA DA GRAÇA DE LENCASTRE, que naſceo a 23 de Novembro de 1734.

TA-

TABOA XVI.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XV

D. Joaõ de Lencastre, filho segundo de D. Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, foy Commendador de Coruche, do Conselho del-Rey, ✠ no anno de 1614. Casou duas vezes, a I. com D. Paula da Sylva, filha de Lourenço Pires de Tavora, Embaixador em Roma. II. com D. Filippa de Castro, filha de D. Affonso de Castellobranco, Meirinho môr de Portugal, de quem naõ teve geraçaõ.

XVI

D. Luiz de Lencastre, ✠ S. G.

D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz. Casou com D. Ignez de Noronha, filha de Ruy Telles de Menezes, VIII. Senhor de Unhaõ, ✠ a 2 de Novembro de 1651.

D. Jorge de Lencastre, que no anno de 1608 passou à India por Capitaõ de Ormuz, ✠ na viagem.

D. Catharina de Lencastre casou com D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, e foy sua segunda mulher.

XVII

Dom Joaõ de Lencastre, ✠ menino.

Dom Rodrigo de Lencastre, ✠ menino.

Dom Luiz de Lencastre, ✠ moço.

Dom Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, Governador de Tanger, ✠ a 21 de Fevereiro de 1657. Casou com D. Ignez de Castro sua prima com irmãa, filha de Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras.

Dom Pedro de Lencastre, passou à India no anno de 1657, e a governou, ✠ em 1664 voltando para o Reyno. Casou com sua prima com irmãa Dona Margarida de Tavora, filha de Fernaõ Telles, I. Conde de Unhaõ, S. G.

D. Marianna de Lencastre, casou a I. vez com D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco, III. Conde de Villa-Nova. II. com Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, S. G.

XVIII

D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche, Vêdor da Casa da Rainha, ✠ a 20 de Dezembro de 1715. Casou com Dona Isabel de Menezes, filha de D. Antonio Luiz de Menezes, I. Marquez de Marialva.

D. Joanna Luiza de Lencastre, casou a I. vez com D. Rodrigo Telles de Menezes, II. Conde de Unhaõ. II. com D. Francisco de Sá e Menezes, I. Marquez de Fontes.

D. Joaõ de Lencastre, Governador, e Capitaõ General de Angola, e da Bahia, General da Cavallaria de Alentejo, do Conselho de Guerra, e Governador do Algarve, ✠ em Fevereiro de 1707. Casou com Dona Maria de Portugal, filha H. de D. Pedro de Almeida.

D. Antonio de Lencastre, ✠ na India.

D. Pedro de Lencastre, Frade de S. Bernardo, Esmoler môr, e Geral da Ordem de Cister, Bispo de Elvas, ✠ a 27 de Setembro de 1713.

D. Rodrigo de Lencastre, Frade da Ordem da Santissima Trindade, de que foy Provincial.

D. Marianna de Lencastre casou com Luiz Cesar de Menezes, Alferes môr de Portugal.

Dona Maria de Lencastre, ✠ moça.

XIX

D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, foy General de Batalha, ✠ a 30 de Julho de 1725. Casou a I. vez com D. Vicencia de Menezes sua prima com irmãa, filha de D. Rodrigo de Menezes, Estribeiro môr do Principe D. Pedro, depois Rey. A II. com D. Anna de Vasconcellos, filha de Affonso de Vasconcellos, Conde da Calheta.

D. Antonio Luiz de Lencastre, ✠ menino.

D. Joaõ de Lenc. foy para a India, ✠ S. G.

D. Joseph de Lencastre, ✠ moço.

D. Verissimo de Lencastre, Frade da Ordem de Cister, e Esmoler môr delRey.

D. Catharina de Lenc. ✠ na flor da idade.

Dom Pedro de Almeida de Lencastre, nasceo a 6 de Janeiro de 1676, Commendador na Ordem de Christo, ✠ a 20 de Setembro de 1740. Casou em Agosto de 1714 com D. Ignez Josefa de Tavora, ✠ em Julho de 1718, filha de Ayres de Saldanha e Sousa, do Conselho de Guerra.

D. Rodrigo de Lencastre nasceo no anno de 1677. Casou com Dona Isabel de Castro, filha de Joaõ Correa de Lacerda, Capitaõ de Cavallos.

D. Antonio de Lencastre nasceo a 11 de Janeiro de 1678, Deaõ da Capella de Villa-Viçosa, Principal da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa.

D. Lourenço de Lencastre, Frade da Ordem de S. Bernardo.

D. Luiza Antonia, ✠ menina.

D. Ignez de Lencastre, Dama de Palacio, nasceo a 14 de Dezembro de 1680. Casou com Antonio de Mello de Castro, III. Conde das Galveas.

D. Joanna de Lencastre, nasceo em 1681, ✠ em 1723. D. Cecilia de Lencastre, nasceo a 8 de Setembro de 1682. D. Theresa de Lencastre, nasceo em 1684, ✠ em Junho de 1723, todas tres Freiras na Encarnaçaõ de Lisboa.

D. Marianna de Lencastre, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa, nasceo no anno de 1686. Foy Abbadessa.

D. Caetana de Lencastre nasceo no anno de 1693. Casou com Francisco Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos.

XX

I. Dom Antonio de Lencastre, ✠ de bexigas. Casou com Dona Maria da Porta de Lencastre, filha de D. Christovaõ da Gama, S. G.

I. Dona Guiomar Bernarda de Lencastre, ✠ a 23 de Fevereiro de 1740. Casou em Dezembro de 1725 com D. Affonso de Noronha, filho dos IV. Condes dos Arcos.

Dom Joseph de Lencastre, nasceo a 15 de Dezembro de 1715.

Dom Joaõ de Lencastre, nasceo a 3 de Dezembro de 1713, Capitaõ de Infantaria.

D. Anna Joachina de Lencastre, nasceo a 26 de Abril de 1715. Casou com Gonçalo de Almeida de Sousa.

D. Lourenço de Lencastre, nasceo a 9 de Julho de 1716, Prelado da Santa Igreja de Lisboa.

Dom Joseph de Lencastre, nasceo a 8 de Fevereiro de 1719, Religioso Eremita de Santo Agostinho.

Dom Antonio de Lencastre, nasceo no primeiro de Junho de 1721. Casou com Dona Guiomar Anacleta de Carvalho Fonseca e Camoens, filha de Thadeu Luiz Antonio de Carvalho, Senhor de Abbadim.

Dom Pedro de Lencastre, nasceo em 8 de Dezembro de 1722, Conego da Santa Basilica Patriarcal.

D. Francisco de Lencastre, nasceo em 17 de Setembro de 1723, ✠ aos 24 de Setembro do referido anno.

D. Verissimo de Lencastre, nasceo em 14 de Mayo de 1725.

D. Luiz nasceo a 15 de Janeiro de 1727, ✠ menino.

D. Francisco de Lencastre nasceo a 25 de Janeiro de 1729.

D. Rita da Graça de Lencastre, nasceo em 24 de Novembro de 1734.

D. Lourenço de Lencastre nasceo a 5 de Fevereiro de 1735.

D. Joanna de Lencastre e Noronha, ✠ em Mayo de 1744.

D. Manoel Thadeu Gonçalo Antonio Lopes de Carvalho nasceo a 7 de Fevereiro de 1744.

D. Joseph Raymundo de Lencastre nasceo a 14 de Março de 1745.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XII.

CONTÉM

Condes da Atalaya,

Commendadores da Arrifana,

Commendadores da Idanha.

11 D. Joaõ Manoel, Bispo da Guarda, Capellaõ mór

12
- D. Joaõ Manoel, Camereiro mór.
- D. Nuno Manoel, Guarda mór.

13
- D. Bernardo Manoel, Camereiro mór.
- D. Joanna, mulher de D. Affonso Pacheco.
- D. Fradique, Senhor de Atalaya.
- D. Leonor, mulh. de Nuno Barreto, Alcaide mór de Faro.
- D. Maria, mulher de D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela.
- D. Jorge Manoel, Cõmend. de S. Vicente.
- Dona Joanna, mulh. de Ruy Barreto, Senhor da Quarteira.
- D. Affonso, Commendador de S. Christina.
- D. Joaõ Cõmendador d Idanha.

14
- D. Mecia, mulher de D. Pedro, Senhor de Fermoselhe.
- D. Joaõ Manoel.
- Dom Antonio, Commendador de Ortalagoa.
- D. Nuno Manoel, Senh. de Atalaya.
- D. Leonor, mulher de Luiz Carneiro, Sen. da Ilha do Principe.
- D. Joaõ Manoel, Commendador da Arrifana.
- D. Diogo, Esmoler mór.
- D. Jeronymo, Cõmendador de S. Mamede.
- D. Maria, mulh. de D. Henrique, Sen. as Alcaç.
- Dom Jeronymo Manoel.
- D... de Pedro Lopes Giraõ.

15
- D. Francisco, I. Conde de Atalaya.
- D. Pedro, II. Conde de Atalaya.
- D. Joaõ Manoel, Arcebisp. Vice-Rey de Portug.
- Dona Francisca, mul. de D. Manoel Mascarenh.
- D. Antonio Manoel, Capitaõ de Malaca.
- D. Jorge, Commendador de S. Mamede.
- Dona Antonia, mulh. de Pedro de Mendoça.
- D. Jeronymo, Capitaõ de Dio.
- D. Tristaõ Manoel.

16
- Dom Antonio Manoel, III. Conde de Atalaya.
- Dom Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya.
- D. Francisca de Ataide.
- D. Mart. Affonso Manoel.
- D. Catharina, mulher de Manoel de Sampayo.
- D. Francisco Manoel.
- D. Maria Manoel, mulh. de Fernaõ Martins Mascarenhas.
- D. Anton Manoel.

17
- D. Luiz Manoel, IV. Conde de Atalaya.
- D. Maria Magdalena, Marqueza das Minas.

18
- Dom Pedro Manoel, V. Conde de Atalaya.
- D. Mecia, mulher de D. Francisco de Sousa.
- Dom Joaõ Manoel, VI. Conde de Atalaya.
- D. Joseph, Principal Decano.
- D. Theresa, Condessa de Vimieiro.
- D. Diogo Manoel, Coronel da Cavallaria.
- D. Francisco Manoel, da Congreg. do Oratorio.
- D. Ign Manoe Freira.

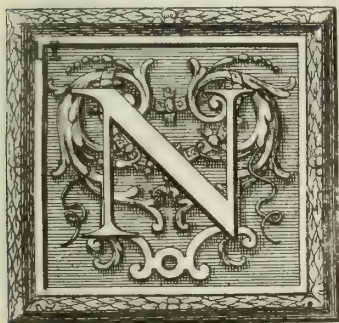
19
- D. Luiz Manoel.
- D. Constança Manoel.
- D. Maria Manoel.
- D. Francisca Manoel, Freira.

HIST

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XII.

CAPITULO I.

D. Fr. Joaõ Manoel Bispo da Guarda, Capellaõ môr.

O Capitulo VII. do Livro III. pag. 495 do Tom. II. deixamos escrito ser D. Fr. Joaõ Manoel filho delRey D. Duarte, que o teve de D. Joanna Manoel, sem embargo de nos faltarem as memorias daquelle tempo taõ claras, como deviaõ ser; porém a confusaõ, e descuido dos antigos naõ deve ser em prejuizo de huma

ma taõ illuſtre familia, principalmente quando temos motivos veroſimeis, que no lo perſuadem, accuſando a falta, que experimentamos da individuaçaõ; pois o meſmo ſuccedeo a outras grandes familias, em que a falta da noticia dos antigos as deixaraõ ſem a certeza do ſeu principio, que os modernos com o ſeu trabalho puderaõ deſcobrir, e chegar à ſua origem.

Naõ póde deixar de ſentirſe o damno de hum ſemelhante deſcuido, por ſe pôr em duvida huma materia, que, ainda que verdadeira, padeceo contradiçaõ no ſilencio das Chronicas daquelle tempo; porém a falta, que nellas obſervamos em outros pontos importantes, nos naõ embaraça a ſeguirmos eſta ſiliaçaõ accoſtado ao que logo referiremos. Durou pouco o governo delRey D. Duarte, e naõ pretendemos entrar na averiguaçaõ do motivo, porque creando incognito eſte filho, o naõ declarou. He certo, que depois do Santo Condeſtavel ſe recolher no Convento do Carmo, o tomou a ſi, e o creou com grande eſtimaçaõ affeverando ſer filho delRey, D. Duarte. Huma Chronica antiga, eſcrita na lingua Gallega, no lo perſuade, ainda que confuſamente prova a noſſa opiniaõ, pois fallando delRey D. Duarte, diz eſtas palavras, que achamos ſer preciſo tranſcrevellas, e ſaõ as ſeguintes: *Oube em Sembra huma gentil ſemea por amiga de Loucois do airos a nella ſe fallava ca ElRey oubera hum Baron a el foy Frade dos Carmellos, a Biſpo da Guarda a ella cahira*

hira femea de prol a filha dum Conde de Sintra hermon da Reina Constança , ca era morto , y ella se tanchou Freira a morreu recolhida a bom viver. Outra prova igualmente antiga se conserva na Livraria do Real Mosteiro de Alcobaça, em hum livro das Obras de S. Fulgencio, encadernado com outro de Paulo Orosio , escrito em pergaminho , no fim do qual tinha as Armas dos Manoeis , que eraõ as do Bispo D. Joaõ Manoel, no qual se lê esta memoria: *Hunc librum dedit Monasterio de Alcobatia Dominus Joannes Episcopus Egitanensis , filius naturalis Domini Regis Eduardus.* Esta memoria temos achado allegada em diversos livros. Deste se refere, que tinha as Armas, de que usou, que foraõ as dos Manoeis, e no Mosteiro de Jesus de Setuval havia huns reposteiros antigos com as Armas dos Manoeis, que era verosimel , como refere Affonso de Torres , os desse a Justa Rodrigues , fundadora daquelle Mosteiro.

Seguio-se o Reynado delRey D. Affonso V. que principiando em tenra idade, debaixo da tutella do Infante D. Pedro, em todo elle logrou huma especial distincçaõ D. Joaõ Manoel, com tantas circunstancias, e expressões, que vereficaõ bem o parentesco, ainda que era tacito tratamento ; porque a ElRey naõ competia declarar hum irmaõ com o devido tratamento, que lhe pertencia por filho delRey, quando elle talvez por motivos particulares o occultara, e naõ quizera fazer publico; porque sómente

ao

ao pay compete ſemelhante declaraçaõ, e naõ o tendo feito, mal podia ElRey D. Affonſo V. conferirlhe aquella honra, que ſeu pay lhe naõ dera: ſupposto em muitas occaſiões depois confeſſou o parenteſco, de que referiremos algumas tiradas de memorias dignas de fé. Succedeo, que voltando o Biſpo de Ceuta, onde fora a tomar poſſe daquella Igreja, lhe preguntou ElRey novas do Infante D. Fernando, e naõ lhas dando taõ individuaes, como elle queria, lhe diſſe: *Por certo, Biſpo, que ſe a mim como Rey me toca ſabellas, no mais igual obrigaçaõ tinheis vós*; lembrandolhe aſſim o parenteſco. Em outra occaſiaõ ſe praticava na preſença delRey, e fallando-ſe no valor, e esforço das nações em geral, o Biſpo acodio pela Caſtelhana com muitas expreſſões, de ſorte que ElRey lho eſtranhou, dizendo: Biſpo, que tendes vós com Caſtella? A que lhe reſpondeo: *Senhor eſtimo Caſtella, porque nunca me negou o parenteſco, que com ella tenho*, a que El-Rey tornou: *Deixay vós os amores*, (iſto alludia a divertimentos do Biſpo) *que nem eu vos negarey o parenteſco, que comigo tendes*; e paſſada a porfia, em que ElRey ſe moſtrara ſevero, ſatisfez ao Biſpo com particular carinho. Eſtava ElRey no Paço de Alcaçova, em huma ſeſta, converſando com o Principe D. Joaõ, e entrou o Biſpo a ver ElRey, que recebendo-o com eſpecial acolhimento, o Principe lhe fez taõ pouco, que o Biſpo ſahio ſentido; o que ElRey percebeo, e diſſe ao Principe eſtas palavras:

Deſa-

Desagravay ao Bispo, que he vosso tio; e querendo satisfazer logo com o que ElRey lhe mandava, sahio da casa, e chegou ao alto da escada, por onde o Bispo descia, e o chamou; e voltando chegou ao Principe, que o abraçou, dizendolhe em voz, que todos ouviraõ: *Perdoay, Bispo, que naõ estar informado com certeza duas razões, que entre nós havia, me fez tratarvos com menos favor, do que a vossa pessoa merecia.* O Bispo que era dotado de talento, e discriçaõ, lhe respondeo: *Senhor, a quem seu pay encobrio o real sangue, que lhe dera a natureza, bem he, que Vossa Alteza lhe negue o que por elle merece.* Estes factos, que referimos juntos com a tradiçaõ antiquissima derivada sem interrupçaõ no Mosteiro do Carmo de Lisboa, que constantemente referem os Authores desta gravissima Ordem que relataremos, nos fortifica mais o nosso parecer, com a authoridade de antigos, e insignes Genealogicos, Gaspar Barreiros no seu Nobiliario, que viveo no tempo delRey D. Joaõ III. e Fr. Francisco de Lisboa, da Ordem de S. Francisco, que viveo no mesmo tempo; o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, no Nobilliario, que escreveo, e se conservava na casa de Villa Verde; Affonso de Torres, D. Antonio de Noronha I. Conde de Villa Verde, Diogo Gomes de Figueiredo, Tenente General da Artelharia do Reyno, que temos da sua propria maõ; Manoel Alveres Pedrosa; o Bispo do Funchal D. Joseph de Sousa de Castello-Branco, e seu irmaõ An-

tonio Vaz de Castello-Branco, Secretario do Infante D. Francisco; e outros muitos escritos por pessoas de boa liçaõ da Historia.

Dos livros impressos, que seguem esta opiniaõ tem o primeiro lugar Damiaõ de Goes, que ainda que tacimente o confessa, quando diz: *D. Joaõ Bispo da Guarda, homem que por sua doutrina, e geraçaõ valleo muito*; de que se tira ser de claro nascimento, ainda que o naõ quiz declarar: Pedro de Mariz, que foy Escrivaõ da Torre do Tombo, e com muita intelligencia da Historia o affirma; e o Doutor Fr. Bernardo de Brito, insigne professor da Historia, que soube com erudiçaõ; Rodrigo Mendes Sylva, o Padre Antonio de Vasconcellos, Manoel de Sousa Moreira, no Theatro Genealogico da Casa de Sousa, que nesta parte merece muita attençaõ; porque no que pertence à Genealogia, foy approvada pelo insigne Joseph de Faria, e muita parte administrada; o Padre Fr. Manoel de Sá nas Memorias do Carmo, e outros muitos, que o escreveraõ, cuja allegaçaõ naõ faz mais força a nossa opiniaõ do que os referidos. Que ElRey tivesse este filho em D. Joanna Manoel, Senhora de illustre nascimento; tambem o asseveraõ Authores de grande nome, e credito na Historia.

Chronica delRey D. Manoel, part. 1. cap. 5.

Vasconcellos *Anacephal.*

Mariz *Dial.* 4. cap. 5.

Brito *Elogios dos Reys de Portugal.*
Chronica de Cister, part. 1. liv. 6. cap. 36.
D. Antonio Alvares da Cunha *Obellisco.*
Barbud. *Emprezas Militares*, pag. 57.
Alvaro Ferreira de Vera, hum dos Commentadores do Conde D. Pedro, *nas Linhas Reaes.*
Rodrigo Mendes Sylva, *Catalogo Real.*

Seguem uniformemente esta opiniaõ os irmãos, Scevola, e Luiz de Santa Martha, e o Padre Anselmo na Historia Genealogica da Casa Real de França, e Jacobo Wilhelmo Imhoff na Familia de Manoeis;

Sainte Marth. *Hist. Geneal. de la Maison Royal de France* tom. 2 liv. 21. cap. 13. pag. 682.

noeis; dizendo ser filho de D. Joanna Manoel da esclarecida familia do seu appellido; sendo o que mais confirma o nascimento, e filiaçaõ desta Dama, escrever o insigne, e douto D. Joseph de Pellicer, Chronista môr de Castella, no memorial de D. Francisco Manoel de Vilhena, Senhor de Chelles, impresso no anno de 1660, que de D. Fernando Manoel, Senhor de Belmonte, e de sua mulher D. Mecia da Fonseca, nasceo D. Joaõ Manoel, segundo Senhor de Belmonte, de que segue aquella linha, e D. Joanna Manoel, que passou a Portugal, e deu o appellido à Casa de Manoel neste Reyno, a qual era terceira neta do Infante D. Manoel, e de sua segunda mulher a Infanta D. Brites de Saboya, filha de Amadeo IV. Conde de Saboya, e filho de S. Fernando III. Rey de Castella, e Leaõ, e de sua primeira mulher a Rainha D. Brites de Suevia, filha de Filippe Emperador. D. Luiz Salazar de Castro antegonista de Pellicer, nas Advertencias Historicas nega, que D. Fernando fosse Senhor de Belmonte, e naõ affirmando esta filiaçaõ, tambem a naõ nega, ainda que diga, que lhe naõ conste mais, que do Varaõ. Certo Author produzio a seu favor a Salazar de Castro, nas Advertencias Historicas, e bem mostra, que o naõ tinha visto, o que succede a muitos, que por ostentar liçaõ, allegaõ o que naõ viraõ, nem sabem. Naõ podemos duvidar o muito, que Salazar vio, e o quanto me seria agradavel a sua asseveraçaõ; porém elle nesta parte naõ quiz negar

P. Anselm. *Hist. Geneal. de la Maison Royale de France* tom. 1. §. 19. pag. 680.

Salazar de Castro *Advert. Hist.* pag. 56.

esta filiação de D. Joanna Manoel, e sómente, que D. Fernando não fora I. Senhor de Belmonte, porque as escrituras lhe não dão mais nome, que D. Fernando Manoel de Vilhena. Este D. Fernando Manoel de Vilhena, que morreo pelos annos de 1419, tinha servido em Portugal, e depois voltando a Castella se achou na batalha de Aljubarrota, por parte delRey de Castella: os nossos Nobilliarios o intitulão Senhor de Belmonte, Zebico, de Torre. Imhoff insigne nas Genealogias do Norte, e não menos instruido nas de Hespanha, segue o mesmo: e assim se vê, que não era filha de D. Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra, mas neta, e irmãa de D. Fernando Manoel Senhor de Chelles, e filha de D. Fernando, e de sua mulher D. Maria Rodrigues da Fonseca, filha de Pedro Rodrigues da Fonseca. Não faltou quem do contrato, que fez D. João Manoel, filho do Bispo, com o Convento do Carmo, se persuadisse, que não fora o Bispo filho delRey; porém padecerão engano, porque delle senão produz prova, que possa infirmar a nossa opinião, como logo veremos; porque a equivocação, que muitos Genealogicos tiverão em trocarem o Bispo D. João por outro Religioso da mesma Ordem, chamado Fr. João Sobrinho, não tem lugar, porque se oppoem totalmente a nossa Historia; porque D. Fr. João Manoel foy Provincial, e Bispo, e Fr. João não foy Provincial da Religião do Carmo; nem concorrião outras circunstancias, que em D. João Manoel, supposto foy Reli-

Imhoff *Stematis Desederiani Stirps. VII. Emanuelensis ad Tab. XXIII.*

Faria *Europ. Port.* tom. 2. part. 3. cap. 1. pag. 354.

Religioso de grande vida, e santos costumes.

Saõ constantes as memorias, que do seu talento deixou o Bispo D. Joaõ Manoel, que se diz nascer na Cidade de Lisboa, e que tendo-se recolhido no Mosteiro do Carmo, o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira o tomara a si, e o creara com estimações, e que asseverava ser filho delRey D. Duarte, e de D. Joanna Manoel, Senhora de qualidade, que querem, que passasse a Portugal com a Rainha D. Leonor, mulher do referido Rey; porém naõ póde ser, porque encontra ao tempo, e idade, que tinha o Bispo, como logo veremos, porque ElRey casou em o anno de 1428. Eu me persuado com os que dizem, que esta Senhora fora Dama da Rainha D. Filippa, e que teria vindo com seu pay a Portugal, e ficara no serviço do Paço, como seu irmaõ servio a esta Coroa, e delle descendem os Manoeis de Cheles, que ha neste Reyno, o que naõ padece contradiçaõ: e sendo educado em virtuosos principios, e instruido nas bellas letras, tomou o habito Carmelitano, que professou, e seguindo os estudos sahio bom letrado, e hum dos mais benemeritos filhos da Provincia de Portugal, de que foy Provincial, nomeado no anno de 1441 pelo Geral da Ordem, Fr. Joaõ Facci, por commissaõ, que tinha do Capitulo Geral, que no anno antecedente se celebrara. Por este tempo governava a Igreja o Papa Eugenio IV. e lhe mandou huma Bulla, de que faz mençaõ o Annalista Carmelitano, em que o constitue

Lezana tom. 4. *dos Ann.* pag. 856. num. 4.

tue Vigario Geral, Provincial, e Prior do Convento do Carmo, lugares, que affirmaõ conſervou ainda depois de Biſpo, delegando em Prelados, que conſtituia na ſua auſencia, o que conſta de eſcrituras, que ſe conſervaõ no Archivo do Carmo, de que depois o Papa Sixto IV. o mandou abſolver por hum Breve paſſado a 31 de Outubro de 1476, com que veyo a governar ſucceſſivamente a Provincia, como eſcreve o Padre Fr. Manoel de Sá nas Memorias Hiſtoricas dos Arcebiſpos, e Biſpos da dita Provincia.

Bullar. do Carmo tom. 1. pag. 318.
Sá *Mem. Hiſt. dos Arcebiſp. e Biſpos da Provincia* pag. 216.

Era D. Joaõ Manoel ſobre letrado de huma natural eloquencia, com entendimento ſublime, e claro, e muy prompto; de ſorte, que o ſeu diſcurſo era tambem fundado, que previa os acontecimentos, pelo que referem, era dotado de eſpirito profetico, e ainda a naõ ſer taõ alto o ſeu naſcimento, ſe fazia neceſſario, e eſtimado. ElRey D. Affonſo V. fez delle grande confiança, fiando do ſeu conſelho, e execuçaõ os negocios da mayor ſuppoziçaõ; e aſſim tambem com os Infantes daquelle tempo teve muito trato, e correſpondencia. Teve grande eſtimaçaõ do Infante D. Fernando, que fez delle a mayor confiança, que conſervou com toda a ſua Caſa: pelo que foy encarregado de varias commiſſões. Já era Provincial, quando foy mandado a Roma com Ruy da Cunha, Prior de Guimarães, com huma Embaixada ao Papa Eugenio IV. de que voltaraõ no anno de 1440. Era o negocio della mais importante a diſpenſa delRey D. Affonſo V. para caſar com

Chronica de D. Affonſo V. cap. 10.

com sua prima a Senhora D. Isabel, filha do Infante D. Pedro, Regente do Reyno: o Papa a concedeo *vivæ vocis oraculo*, porque entaõ naõ quiz expedir Bulla, por assim dissimular com as instancias dos Reys de Castella, Navarra, e Aragaõ, a quem a Rainha D. Leonor sua irmãa fizera encontrar esta supplica, por se vingar do Infante D. Pedro Regente; assim o Papa a concedeo entaõ em segredo, e depois a seu tempo mandou a Bulla da dispensa por Fernaõ Lopes de Azevedo, Commendador môr da Ordem de Christo, que depois lhe succedeo por Embaixador na Curia. Foy o outro ponto da Embaixada de D. Joaõ, a exempçaõ dos Mestrados de Santiago, e Aviz das Ordens de Ucles, e Calatrava, que tambem o mesmo Papa lhe concedeo, sem embargo das contradições dos Reys de Castella, que tanto o impediaõ nos Reynados antecedentes: negocio taõ importante, que o Infante Regente o estimou tanto como a dispensa para o casamento de sua filha, porque nem ElRey D. Joaõ seu pay, nem ElRey D. Duarte seu irmaõ, puderaõ conseguir cabalmente esta isençaõ, pelas contradições dos Reys de Castella. Neste tempo, que D. Joaõ Manoel assistio em Roma, dizem alguns Authores da sua Religiaõ, fora eleito Bispo Titular de Tiberiades, como consta da nomeaçaõ do mesmo Papa: *Fr. Joannes ellectus Tiberiadensis transfertur ad Ecclesiam Ceptensem, per obitum Adamcri decimotertio Kalendas Augusti anno* 1443; e que logo, que chegara

Speculum Carmelitan.

Memorias do Carmo pag. 277.
Catalogo da Guarda num. 24. *da Collecção da Academia* do anno 17.

gara a Roma, fora nomeado em primeiro Biſpo de Ceuta; o que ſe vê he equivocaçaõ, porque D. Joaõ naõ foy o primeiro Biſpo daquella Igreja: materia que naõ neceſſita de prova, e muito mais com a memoria allegada por o meſmo Author: ***Per obitum Adamari***: que no tempo, que veyo de Roma da Embaixada naõ era Biſpo, o diz a Chronica delRey D. Affonſo V. neſtas palavras: ***Neſte tempo*** (que era o anno de 1440) ***chegaraõ de Roma Ruy da Cunha, Prior de Santa Maria de Guimarães, e Fr. Joaõ, Provincial do Carmo, que depois foy Biſpo de Ceita, e da Guarda, que haviaõ hido com Embaixada ao Papa Eugenio.*** Deve-ſe ſaber, que D. Fr. Joaõ foy duas vezes a Roma, a primeira ſendo Provincial, e a ſegunda ſendo já Biſpo; a primeira o refere o Deſembargador Duarte Nunes na ſua Chronica, como temos dito; a ſegunda conſta de hum Documento da Torre do Tombo, da Chancellaria delRey D. Affonſo V. que affirma ſer Biſpo de Ceuta D. Joaõ; e que fora mandado a Roma, no anno de 1443, conſta da Quitaçaõ deſta Embaixada, donde ſe faz mençaõ de hum Alvará feito em Cintra a 16 de Julho do referido anno, em que ElRey lhe dá faculdade para as deſpezas deſta jornada. He digna de reparo eſta Quitaçaõ; e aſſim tranſcreveremos o mais ſubſtancial, que ella contém, para que os curioſos vejaõ as differenças do tempo. Diz ElRey, que mandara ao Biſpo de Ceuta D. Joaõ à Corte de Roma a couſas de ſeu ſerviço, e

Torre do Tombo, Chancellaria do anno 1446. pag. 54.

que

que recebera lá mil e setecentos e cincoenta cruzados de cambio por letras de Mercadores de Genova, e Florença: *Em que entraõ alguns dinheiros, que lhe foraõ dados em Guarda no tempo delRey, meu Senhor, e Padre, cuja alma Deos haja.* Desta clausula se vê, que o Bispo já tinha estimaçaõ no tempo delRey D. Duarte, e que era da sua confiança, e que nelle concorriaõ as circunstancias, que temos referido para este trato, ainda que por algum motivo, o naõ tratasse por filho. Continúa a Quitaçaõ, dizendo, que despendera na dispensa, e annexaçaõ, do Mestrado de Santiago, mil e trezentos e cincoenta cruzados, e que despendera na dispensaçaõ do casamento do Infante D. Fernando seu irmaõ quinze cruzados, que dera por letra, e para o seu mantimento, e despezas de tres cavalgaduras, conforme a ordem, que ElRey lhe dera pelo Alvará, que acima apontámos desde 8 de Dezembro do dito anno 1443, em que chegara a Burgos, até 8 de Dezembro do anno de 1444, em que partio de Roma, *a razaõ de meyo cruzado por dia para a sua pessoa, e tres terços de cruzado para as cavalgaduras a terço de cruzado por cada huma por dia*: e que embarcara em huma carraca em Savona, donde veyo a Cadiz, no que gastara quatro mezes e meyo, e entrara por Castro Marim a 20 de Mayo do anno seguinte: foy passada esta Quitaçaõ em Abrantes a 3 de Junho de 1445. Tambem consta de memorias do Archivo do Carmo, que o Bispo antes de o ser,

no tempo do mesmo Rey fora mandado com huma Embaixada a Hungria.

Succedeo D. Fr. Joaõ no Bispado de Ceuta a D. Fr. Aymaro, Religioso da Ordem de S. Francisco, Varaõ Apostolico; o mesmo Papa o fez no anno de 1444 Primaz de Africa, assinandolhe para se sustentar a administraçaõ de Valença do Minho, e de Olivença em Alentejo, sendo desta sorte immediato à Sé Apostolica. Naõ sabemos, que fosse residir àquella Cidade, porque sendo Bispo de Ceuta, foy nomeado Capellaõ mòr: no anno de 1451, parece já exercitava esta dignidade, porque algumas memorias dizem, que naquelle solemne acto, que fez ElRey D. Affonso, levando à Sé a Infante D. Leonor, Emperatriz de Alemanha sua irmãa em 26 de Outubro do referido anno, lhe disse a Missa o Bispo de Ceuta, e lhe lançou a bençaõ; porém a sua Chronica diz, que o Arcebispo de Lisboa. No anno de 1455 bautizou ao Principe D. Joaõ, a que mais se inclina Damiaõ de Goes nestas palavras: *Porque a Chronica antiga diz, que foy D. Joaõ Bispo de Ceuta, que depois foy da Guarda; e Garcia de Rezende, que foy o Arcebispo de Braga, que naõ nomea.* E como estes actos sejaõ do Capellaõ mòr, parece, que devo suppor, de que Resende se enganou: e se naquelle tempo vemos os Escritores com equivocaçaõ, no que escreviaõ, naõ he muito, que nos faltem agora memorias taõ antigas; porém o Desembargador Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica

Chronica delRey D. Affonso V. cap. 24.

Goes Chronic. do Principe D. Joaõ cap. 2.

Dita Chronica del Rey D. Affonso V. cap. 26.

nica delRey D. Affonso V. diz: *O Principe D. Joaõ, o qual aos oito dias foy bautisado na Sé pelo Bispo de Ceuta D. Joaõ*; com que se tira a duvida. Neste mesmo anno assistio em Lisboa às Cortes delRey D. Affonso V. como se vê da Concordata feita entre o mesmo Rey, e os Ecclesiasticos. Vagou o Bispado da Guarda, e absoluto do vinculo de Ceuta, foy transferido à Igreja da Guarda em Janeiro de 1459, como refere esta memoria: *Joannes Episcopus Ceptensis provisus est Episcopus Egitanensis per obitum Ludovici decimo octavo Kalendis Februarii anno primo Pii Secundi, idest anno* 1459: isto he, que succedeo a D. Luiz da Guerra, Bispo desta Igreja, que morreo no anno antecedente. Na Chancellaria delRey D. Affonso V. achamos huma Carta, em que concede ao Bispo da Guarda a faculdade de poder mandar abrir em certas partes minas de prata, ouro, cobre, e estanho; foy passada em Lisboa no anno de 1462. Governou a sua Igreja até o anno de 1476, em que a renunciou em tempo já do Papa Sixto IV. por Bulla passada em Narni aos 24 do mez de Julho do dito anno, e lhe succedeo D. Joaõ Ferrás, seu particular amigo, que tambem lhe tinha succedido na de Ceuta. Naõ durou muito o Bispo D. Fr. Joaõ depois da demissaõ do Bispado, porque parece faleceo no mesmo anno de 1476, sem embargo de alguns Authores lhe darem mais larga vida. Mandou-se sepultar na Igreja do Carmo de Lisboa na Capella dos Reys: pelo que seu filho D. Joaõ Manoel contratou com

Chancellaria delRey D. Affonso V. liv. 1. pag. 101.

o Prior, e mais Religiosos de ter esta Capella; e no contrato diz: *Por quanto D. Joaõ, que foy Bispo da Guarda, e Provincial daquelle Mosteiro, se mandou alli enterrar, lhe davaõ a Capella dos Reys para elle Bispo, e que nella senaõ enterrariaõ, senaõ o dito D. Joaõ, e seu irmaõ D. Nuno, e os que delles descendessem, salvo Leonor Pires, mulher, que foy de Pedro Annes Escudeiro, e morador em Valverde, para o que o dito D. Joaõ Manoel dava tal renda ao Mosteiro, para lhe dizerem certo numero de Missas pelas almas do Bispo seu pay, e seu pay, e mãy delle Bispo, que estavaõ enterrados da banda de fóra da dita Capella, junto com o primeiro esteyo, em direito do pulpito de gesso, &c.* Foy feita esta instituiçaõ a 5 de Julho de 1488. Esta Escritura referem alguns Genealogicos, para negarem, que o Bispo naõ era filho delRey D. Duarte; porém ella naõ produz, quanto a mim, a força, que se lhe attribue; primeiramente, porque o Bispo sendo criado incognitamente havia de ser entregue a algumas pessoas, que o tratassem como proprio filho; o que he ordinario em semelhantes casos, até que o Principe, ou algum outro Senhor, que tem filho semelhante, entregue a pessoa de sua confiança, o declara, e o poem no trato, que corresponde ao seu caracter, e qualidade; o que naõ succedeo com o Bispo D. Joaõ, porque seu pay o naõ declarou, e o condestavel, que o tomou a si depois de Religioso, participava, como em segredo, o seu nascimento, pois

Liv. 1. *dos Tombos do Carmo* pag. 27.

pois achamos em alguns Nobiliarios, que o affirmava, e Fr. Simaõ Coelho da mesma Ordem. E o Bispo, que foy pessoa de grande juizo, e no tempo, que era Religioso, e Provincial do Carmo, mandaria sepultar aquellas pessoas, a quem chamava pay, e mãy, naquelle lugar; pois ainda que já soubesse o naõ eraõ, a criaçaõ lhe faria ser mayor o agradecimento para os conservar nessa posse; demais, que era o Bispo de taõ grande juizo, que se fossem verdadeiramente seus pays, os havia de mandar enterrar dentro da mesma Capella, que elle escolhia para seu jazigo, e da sua familia: nem as honras, que o Bispo recebeo, e as que se verificaraõ em seus filhos, podiaõ deixar de cahir sobre alto nascimento, que o Bispo naõ declarava, nem tambem negava no trato de seus filhos, a quem deu o appellido de Manoel, que tivera por sua mãy; mostrando desta sorte, que elle estabelecia huma familia sua, sem mais tronco, do que os seus merecimentos, e grandes partes; e que havendo de ter appellido, e armas fossem as dos Manoeis de Castella, com cuja familia elles se tratavaõ como parentes, nas occasiões, que se encontraraõ naquelle Reyno, como dizem memorias antigas: de que se vê, que o silencio dos nossos naõ foy mais, que descuido, e de outros ignorancia, equivocando a D. Joaõ Bispo, com Fr. Joaõ Sobrinho, Religioso, e Mestre da mesma Ordem, Varaõ virtuoso, que nem foy Provincial, nem Bispo de Igreja alguma pertencente à Coroa Portugueza, e sem controversia, que

o Fra-

o Frade de quem Justa Rodrigues teve os filhos, e foy depois Bispo de Ceuta, e da Guarda, foy D. Joaõ Manoel; com que sobre a equivocaçaõ, que alguns dos nossos Nobiliarios padeceraõ em terem a Fr. Joaõ Sobrinho por Progenitor dos Manoeis, he erro, e engano manifesto por ser totalmente distincto hum do outro, o que consta evidentemente dos monumentos, da mesma Ordem, das Bullas de Bispo, e da historia daquelle tempo; de sorte, que esta materia naõ necessita de nella se gastar tempo, por ser certo, que o Bispo D. Fr. Joaõ Manoel foy o Progenitor desta familia. Sendo moço teve trato com Justa Rodrigues Pereira, de que depois muito se sentia, tomando por divisa esta letra: *Justa fue mi perdicion.* Era irmãa de Maria Rodrigues Pereira, mulher nobre, de quem D. Antonio de Lima, diz ser huma Dona, de bons parentes, a qual se escreve ser segunda mulher de Gonçalo Cardoso, Senhor do Morgado da Taipa, Vedor da Fazenda do Infante D. Fernando, à qual alguns Nibiliarios deraõ o appellido de Pereira, e outros o de Cardosa, quanto a mim com equivocaçaõ pelo cunhado. Eraõ irmãas de Fernaõ Rodrigues Pereira, que era criado do Infante D. Fernando, que quando casou sua filha, a Senhora D. Isabel, com o Duque D. Fernando passou a servilla, e foy Vedor da dita Senhora, que servio com grande fineza, acompanhando a Castella seu filhos, depois da tragica morte do Duque D. Fernando, e vindo a Portugal foy prezo por ordem

Fr. Manoel Coelho, *Chronica do Carmo.* *Nobiliarios* de Diogo Gomes de Figueiredo, e Manoel Alvares Pedrosa, Affonso de Torres.

dem delRey, e por naõ entregar a carta, que trazia daquelles Senhores para sua mãy, com notavel advertencia a comeo, assegurando nella hum merecido elogio à sua pessoa; o que ElRey reconheceo tanto, que alludindo à alcunha, com que era chamado *o Passaro* disse: *Daquelle Passaro creara elle os filhos*: e tendo-o prezo largo tempo, depois antes de morrer, como recompensandolhe o damno, lhe fez merce de huma tença de quarenta mil reis, com a Ordem de Christo. ElRey D. Manoel o mandou depois a Castella a servir ao Duque D. Jayme, de quem foy Veador da sua Casa, e algumas memorias dizem, que Camareiro môr: foy Alcaide môr de Borba, e de Monforte, e Commendador de Parada em Santarem. Era filho de Joaõ Pereira Criado do Infante D. Fernando, e seu avô Joaõ Rodrigues Pereira tinha servido ao Infante D. Joaõ: esta distincçaõ da qualidade de Justa Rodrigues, parece, que foy o motivo de o Infante D. Fernando a aceitar para ama de seu filho ElRey D. Manoel, pois na qualidade da ama se seguravaõ no leite os requisitos, que entaõ se buscavaõ nas amas dos Principes. Foy esta de grande estimaçaõ; pois quando o dito Senhor D. Manoel, naõ sendo ainda Rey, foy a Castella para as Terciarias, que era de curta idade, foy na sua companhia, como quem necessitava de ama para o educar: e quando naõ foraõ tantas as noticias que temos, esta bastava só para verificar a nobreza da sua pessoa, e as do seu talento

se

ſe confirmaõ com dizerem, que o dito Principe ſendo já Rey, a mandara a Caſtella a tratar alguns negoceos ſecretamente com os Reys Catholicos, habilitando-a para tudo o ſeu talento, e diſcriçaõ, e o honeſto modo de vida, com que ſe portou aſſim que entrou a criar a ElRey D. Manoel como diz a ſua Chronica: *A todo o genero de mulheres dava exemplo de virtude*; creſcendo nella de ſorte o deſejo da perfeiçaõ, que fundou à ſua cuſta, o Moſteiro de Jeſus de Setuval, que foy o primeiro, que ſe fundou em Heſpanha da primeira Regra de Santa Clara, a que deu principio no anno de 1489, e a favor deſta fundaçaõ, paſſou hum Breve o Papa Innocencio VIII. à ſua inſtancia a 17 de Julho de 1490, e acabado o material da Caſa a 22 de Agoſto de 1492. Diſſe a primeira Miſſa na nova Igreja D. Diogo Ortis de Vilhegas, Biſpo de Tanger, que depois o foy de Viſeo. Em eſte Moſteiro ſe recolheo, tomou o habito, e viveo alguns annos com total eſquecimento das couſas do Mundo, e com tanta virtude, que ſervia de admiraçaõ às demais Religioſas; e deſta ſorte lavando com a ſua penitencia os delirios de outro tempo, acabou ſantamente, deixando do ſeu ditoſo fim louvavel memoria. O ſeu corpo foy ſepultado no meyo do Capitulo deſta Caſa, onde jaziaõ os oſſos de ſua mãy, que de Abrantes fez traſladar, onde falecera Priora do Moſteiro da Graça daquella Villa.

Chronica del Rey D. Manoel, cap. 5. part. 1.

Agiologio tom. 1. *Com letra* d pag. 114.

As Armas de que o Biſpo uſou, ſaõ as que ſe vêm

vêm no principio esculpidas dos Manoeis de Castella, pelas razões, que já deixamos referidas, e por serem as de que usaraõ seus filhos, que haviaõ de ser sem duvida as mesmas, que as de seu pay, em cuja vida parece as deviaõ de usar. Foraõ seus filhos os seguintes.

12 D. JOAÕ MANOEL Capitulo II.

12 D. NUNO MANOEL Capitulo IV.

O Licenciado Jorge Cardoso entendeo ser filho do Bispo D. Fr. Joaõ Manoel, Fr. Joaõ de Portugal, Religioso da Ordem de S. Francisco, que morreo em Chalon de Borgonha com grande fama de santidade a 14 de Junho de 1525, fundando-se em que alguns Authores da Historia de Borgonha, e outros da sua Ordem, fazem a este virtuoso Religioso do sangue Real Portuguez; porém com taõ inverosimeis circunstancias, que fica sendo huma fabulosa Historia, para total opposiçaõ à verdade, e nesta confusaõ o adopta por filho do Bispo D. Joaõ Manoel, sendo o motivo da sua inferencia hum risco, que diz tinha em seu poder da sepultura deste Religioso, que constava de huma figura vestida no habito de S. Francisco, com Capello piramydal, mãos postas, e à parte direita as Armas Reaes de Portugal, e à esquerda as de Manoeis, com este disthico, que lhe sahe do coraçaõ.

Pauper erat tenues genitrix dum misit in auras
Ipsa licet fuerit regia progenies.

Porém he taõ debil este fundamento, que naõ me parece ser bastante para entrar neste lugar: demais, que nenhuma memoria antiga fez mençaõ: mais que dos dous filhos mencionados.

CAPITULO II.

D. Joaõ Manoel Camareiro môr delRey D. Manoel.

12 SAõ os grandes lugares a mayor prova da estimaçaõ dos Reys, e com elles se qualifica a nobreza, pois sem esta he quasi impossivel chegallos a conseguir, por ser a pratica universal em todas as Cortes, e o distinctivo da cathegoria das pessoas, de quem o tempo, e o descuido naõ deixou individual noticia da grandeza do nascimento, como muitas vezes succede na Historia, naõ só Portugueza, mas nas de outros Reynos da Europa. A notavel distincçaõ com que D. Joaõ Manoel, e seu irmaõ, D. Nuno foraõ criados, he huma evidente prova da grandeza do seu nascimento; porque a naõ ser taõ notorio aos Principes daquelle tempo, naõ podiaõ caber nas suas pessoas as honras a que haviaõ de aspirar as primeiras pessoas do Reyno; as quaes razões, com as circunstancias, que temos referido no Capitulo precedente, foraõ as que parece instigaraõ a ElRey a augmentar esta familia com lugares taõ gran-

grandes. No anno de 1475 legitimou ElRey D. Affonso V. a D. Joaõ Manoel, e a seu irmaõ, declarando, que eraõ filhos de D. Joaõ Bispo da Guarda, do Conselho delRey, havidos em Justa Rodrigues, mulher solteira. ElRey D. Joaõ o II. lhe fez merce de que podessem usar de Dom, merce de grande distincçaõ naquelle tempo, e nos que se seguiraõ, que naõ recahia senaõ em qualidade, e grandes merecimentos. No anno de 1490, acompanhou D. Joaõ Manoel ao mesmo Rey nas Justas, que fez em Evora, nas festas, com que celebrou o casamento do Principe D. Affonso: nellas entrou por aventureiro, levando por divisa, e tençaõ no seu Escudo hum Sol, e huma letra, que dizia.

Torre do Tombo liv. 1. delRey D. Affonso V. pag. 291.

Chronica delRey D. Joaõ II.

Capitulo 128.

Sobre todos resplandece
Mi dolor;
Porque es el, que es mayor.

No Reynado delRey D. Manoel, com quem se havia criado, e por quem já os merecimentos da pessoa de D. Joaõ Manoel eraõ attendidos, porque tambem por sua mãy eraõ seus avós Fidalgos da Casa dos Infantes D. Fernando, e D. Joaõ, e naõ falta quem diga, que sua mãy era parenta do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; o que he certo, que nenhum Author duvidou a nobreza de sua mãy; alguns imaginaraõ, que estes Fidalgos tomaraõ o appellido de Manoel, em attençaõ ao nome delRey, e

por ferem feus collaços, o que quanto a mim he fem fundamento, porque lhe daria ElRey differentes Armas, das que ella ufaraõ, que faõ as da familia dos Manoeis de Caftella, de cujos fidalgos, elle, e feu irmaõ eraõ tratados de parentes, o que confirma fer fua avó daquella cafa. Demais, que fó hum deftes irmãos foy o collaço delRey, e naõ fe havia de participar ao irmaõ o mefmo appellido, e as mefmas honras, as quaes fentavaõ no mefmo, que fenaõ publicava, e feu pay, fuppofto o que temos dito, reconhecendo o feu nafcimento, e que efte ficara occulto, quiz ufaffem do appellido de Manoel, e das mefmas Armas, como de huma taõ efclarecida familia, como a dos Manoeis, que teve principio em o Infanre D. Manoel, filho de S. Fernando III. Rey de Caftella, e da Rainha D. Brites de Suevia, e affim no trato de huns parentes illuftres moftraffem ao Mundo o mefmo, que fenaõ expreffava.

Foy D. Joaõ Manoel Camareiro mór delRey D. Manoel, Alcaide mór de Santarem, e Embaixador a Caftella a tratar o cafamento do mefmo Principe, no anno de 1497, com a Princeza D. Ifabel, viuva do Principe D. Affonfo, e deu feliciffimo, e breve fim a efte negoceado, com grande fatisfaçaõ delRey, como refere o Chronifta Damiaõ de Goes, e em virtude da procuraçaõ delRey, teve a honra de receber em feu nome a Rinha Princeza fua mulher. Depois voltou ao Reyno, e quando eftes Reys paffaraõ a Caftella a fe jurarem Princi-

Goes Chronica delRey D. Manoel cap. 22. 24. e 26.

Principes herdeiros daquella Monarchia, os acompanhou D. Joaõ Manoel, como ſeu Camareiro môr, ſendolhe ſempre grata a ſua peſſoa, como moſtrou depois da morte da Rainha D. Iſabel, que havendo de paſſar a ſegundas vodas, voltou D. Joaõ Manoel a Caſtella com o meſmo caracter de Embaixador a tratar o caſamento da Infanta D. Maria, filha dos meſmos Reys Catholicos, que foy ſua ſegunda mulher; e naõ tendo acabado os negocios da Embaixada, morreo D. Joaõ na Corte dos Reys Catholicos, no anno de 1500. Sentio ElRey muito a ſua morte, por haver criado a eſte Fidalgo, cuja peſſoa eſtimava muito pelas partes, que nelle concorriaõ, de que diz o Choroniſta Damiaõ de Goes: *De que ElRey fora muito enojado, e ſentio muito ſua morte, pela boa vontade, que lhe tinha, e criaçaõ, que nelle fizera.* Concorreraõ nelle grandes partes para conſeguir eſtimaçaõ, porque teve admiravel talento para os negocios, que manejava com prudencia: foy bem inſtruido nas bellas letras, e verſado na Latinidade, e aſſim teve grande trato com o famoſo Cataldo Siculo, e no livro, que imprimio das ſuas Epiſtolas, ſe achaõ algumas para D. Joaõ Manoel, o qual, e ſeu irmaõ D. Nuno uſaraõ deſta letra, que devia ſer de alguma empreza.

Goes *Chronica delRey D. Manoel* cap. 46. part. 1.

Eſta eſpada he de Millaõ
Banhada em ſangue Real,
Sua ventura foy tal,
Que medrou com gran razaõ.

Ca-

Salazar de Castro *Historia da Casa de Sylva*, tom. 2. liv. 6. Capitulo 26.

Casou com D. Isabel de Menezes, filha de D. Affonso Telles de Menezes III. Alcaide môr de Campo mayor, e Ouguela, Capitaõ General de Alcacer Ceguer, esclarecido ramo da illustrissima familia de Sylva; e de D. Joanna de Azevedo, filha de Luiz Gonçalves Malafaya, Vedor da Fazenda delRey D. Affonso V. e seu Embaixador em Roma a dar obediencia ao Papa Calixto III. e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

13 D. Bernardo Manoel Capitulo III.

Haro tom. 2. liv. 9. Capitulo 26.
Imhoff *Corpus Historiæ Genealogicæ Italiæ, & Hispaniæ* pag. 114. Tab. IV.

13 D. Joanna Manoel, que casou em Castella com D. Affonso Pacheco Portocarreiro, irmaõ de D. Joaõ Portocarreiro, I. Marquez de Villa nova del Fresno, e de D. Affonso de Cardenas I. Conde de la Puebla del Maestre, filhos de D. Pedro Portocarreiro, chamado o Surdo, Senhor de Moguere, e Villa-Nova de Barcarrota, e de D. Joanna de Cardenas, Senhora de la Puebla, filha de D. Affonso de Cardenas, ultimo Mestre da Ordem de Santiago, e netos de D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, e I. Duque de Escalona; porém deste casamento naõ teve successaõ, pelo que D. Affonso Pacheco casou segunda vez com D. Brites de Noronha, filha de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, Senhor do Paúl de Boquilobo, com descendencia.

13 N. N. e outros filhos, que morreraõ de curta idade.

CAP-

CAPITULO III.

D. Bernardo Manoel Camereiro môr delRey D. Manoel, Alcaide môr de Santarem.

13 SUccedeo a D. Joaõ Manoel seu filho, primogenito D. Bernardo Manoel, naõ só na Alcaidaria môr de Santarem, e na sua Casa; mas no grande lugar de Camereiro môr; porém com hum genio taõ elevado, que elle foy causá de se perder, deixando a Patria como adiante veremos. Animava-se de espiritos heroicos, e de maximas taõ severas, que nenhuma cousa estimava mais, que os merecimentos proprios, querendo que estes o eternizassem com glorioso nome, conseguido nos duros trabalhos da guerra, para poder entrar no Templo da Heroicidade. Naõ contava mais de vinte annos, fazendo reflexaõ na idade delRey D. Manoel, de quem seu pay havia sido colaço, quando começou a exercer o Officio de Camereiro môr, que parece, que por taõ chegado à Real pessoa, nenhum o excede; porém elle mostrou, que o desprezava sómente por seguir a guerra, em que finalmente veyo a cabar.

Era Africa celebre theatro da guerra naquelle tempo, em que a Nobreza Portugueza com prodigiosas acções por tantas vezes se distinguio, e coroou de immortaes louros; de que incitado D. Bernardo

nardo conseguio licença delRey para servir na guerra de Africa, e passou à Praça de Çafim, onde no grande sitio, que no anno de 1510, sustentou com immortal gloria o insigne Capitaõ Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, se achou D. Bernardo Manoel, defendendo huma estancia, que lhe fora encarregada, com tanto valor, e acordo, que deu della admiravel conta. Depois no anno seguinte acompanhou ao mesmo Governador da Praça, Nuno Fernandes de Ataide, na entrada que fez nos Aduares de Almedina, onde D. Bernardo pelejou com tanto valor, que sahio deste encontro taõ mal ferido, que poz em risco a vida, mas segura a reputaçaõ nos louvores dos mais Soldados. Achou-se com o Duque de Bragança D. Jayme na tomada de Azamor, donde passou a Çafim, acompanhando ao Governador Nuno Fernandes, na entrada, que fez nas Aldeas de Benacofiz, mostrando nesta occasiaõ igual esforço, que prudencia; achando-se em muitas occasiões de grande honra, como foy sobre Tafut, que entrou, e saqueou. Depois naquella grande expediçaõ, que intentou o mesmo Governador Nuno Fernandes, mandou a D. Bernardo Manoel ir sobre a Cidade de Tednest, logrando assim por muitas occasiões gloriosos successos. No anno de 1515, foy com D. Antonio de Noronha ao rio Mamora, em que naõ foy menor o perigo, que nas demais occasiões, nem menos a reputaçaõ, que pelo seu valor conseguio; satisfazendo desta sorte com as obriga-

Faria, *Africa Portugueza* cap. 7. pag. 92. e pag. 95.

Historia Genealogica tom. V. pag. 509.

çoes

ções do seu nascimento, e a expectaçaõ, que os demais Soldados tinhaõ do seu valor, de que deu constantes provas em diversas facções, que succederaõ no tempo, que assistio naquelle theatro da guerra: ou fosse na defensa das Praças, ou na Campanha, em toda à parte se distinguia com applausos dos Soldados, e louvor dos Cabos. No anno de 1514 exercitava o officio de Camereiro môr, como consta de huma verba, que está na Torre do Tombo, no maço 47 do armario segundo da escada, que vay para a Casa da Coroa, conforme as memorias de Lousada, em que lhe manda pagar trinta e nove mil reis de moradia de Cavalleiro, a razaõ de 6500 reis por mez dos primeiros seis mezes deste anno, que fez certo por servir em Azamor, feita a 18 de Julho de 1514, lugar, que achamos occupou até o anno de 1520; com que venho a entender, que em quanto durou a vida delRey D. Manoel, foy seu Camereiro môr; pois Lousada diz: na Torre do Tombo, no maço 3 no armario junto à escada da Coroa, está hum mandado, que diz: *Mandamos a vós Fernaõ Alvares Thesoureiro de nossas moradias, que do dinheiro de nossas rendas do Reyno deste anno de* 1520 *deis a D. Bernardo, nosso Camereiro môr, trinta e sete mil reis, que o dito anno ha de haver de tença, e ordenado com a dita Camera. Em Evora ao derradeiro de Agosto de* 1520. Naõ basta o valor para dirigir as mais operações de huma pessoa grande, quando a fortuna se oppoem ao mesmo merecimen-

to: naõ individuaõ as memorias antigas, nem os Nobiliarios, quaes foraõ os motivos, que obrigaraõ a D. Bernardo Manoel a deixar a Patria para acabar desterrado della; quanto a nós, parece, que o brio, e a honra se interessaraõ nesta resoluçaõ. Antonio de Castilho, Choronista môr do Reyno, e do Conselho delRey D. Sebastiaõ no Elogio delRey D. Joaõ III. que imprimio o Chantre Manoel Severim de Faria o nomeya entre os deservidores delRey, dizendo: *D. Bernardo malsinado por offerecer à Excellente Senhora hum Galleaõ.* Esta expressaõ, que naõ expressa a causa do seu delicto, o viemos depois achar em D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas; dizendo, que havendo D. Bernardo servido com tanta gloria do seu nome, como do Reyno na guerra, como referem as Historias daquelle tempo, eraõ ainda de mayor elevaçaõ as suas idéas, porque intentou tirar a Excellente Senhora do Castello de Lisboa, onde estava, e levalla por mar a França, onde a poderia casar com algum Principe do sangue Real daquella Coroa, que he de crer tivesse já determinado para entrar com ella a conquistar o Reyno de Castella, de que era Rainha: pelo que vindo-se nesta idéa à Excellente Senhora se poz mayor resguardo; e D. Bernado vendo frustradas as suas idéas, naõ cabendo seu elevado espirito nos limites da Patria, a deixou espontaneamente, e incognito passou briosamente a servir na guerra de Italia, que entaõ havia entre Espanhoes, Italianos, e Francezes, sobre a de-

Severim, *Noticias de Portugal*, *Disc.* 8. pag. 297.

a defensa, e occupaçaõ do Estado de Milaõ, donde passou depois à guerra de Napoles, e nella morreo de huma balla de arcabuz, no assalto de hum Castello, acabando briosamente a vida, ainda que naõ em serviço da Patria; com tudo mereceo muita gloria o seu nome, porque havendo comprido com as obrigações do seu nascimento, conseguio honrada memoria.

Casou com D. Francisca de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Camereiro môr delRey D. Joaõ III. Governador da Justiça, Vedor da Fazenda dos Reys D. Affonso V. D. Joaõ II. e D. Manoel, e do seu Conselho; e de D. Mecia de Noronha sua mulher, filha de Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ Donatario da Ilha da Madeira, e de D. Maria de Noronha sua mulher, filha de D. Joaõ Henriques, neto do Conde de Gijon, e Noronha, D. Affonso; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes.

* 14 D. MECIA DE NORONHA, que casou com D. Pedro de Menezes Senhor de Fermoselhe, e da sua descendencia se dirá no §. I.

14 D. JOANNA MANOEL, que escolhendo o estado de Religiosa, foy Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

Casou segunda vez com D. Maria de Bobadilha, a quem ElRey D. Manoel deu para seu casamento cinco mil e trezentas coroas, como consta de hum man- *Torre do Tombo.*

mandado passado em Evora no 1 de mayo de 1520, que está no armario debaixo, das mercês, e moradias junto à escada, que vay para à Casa da Coroa na Torre do Tombo, que refere Lousada. Era filha herdeira de Affonso de Bobadilha, Commendador de Horta lagoa, na Ordem de Santiago, e Instituidor do Morgado do Valle em Santarem, e de D. Leonor de Figueiredo sua mulher, filha de Henrique de Figueiredo, Escrivaõ da Fazenda dos Reys D. Affonso V. e D. Joaõ II. que o mandou por Embaixador a Castella, e de sua mulher Catherina Alvares; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes.

14 D. Joaõ Manoel, a quem por ser muy alvo, e louro, chamaraõ o *Alabastro*, e com este renome o daõ a conhecer as Historias da India, onde procedeo taõ valerosamente, que merecia mais dilatada vida. Servia na Corte delRey D. Manoel de Moço Fidalgo, no anno de 1518, como se vê de huma verba do livro das Moradias dos Criados da Casa Real. Passou a servir à India em companhia do Vice-Rey D. Garcia de Noronha no anno de 1538, por dissabores, que teve na Corte; porque foy de taõ elevado espirito, como seu pay. No anno seguinte era D. Joaõ Manoel, Capitaõ de huma das Galés da Armada, que mandava D. Alvaro de Noronha, filho do Vice-Rey, quando foy a estabelecer a paz com o Çamorim, como escreve o Chronista Diogo do Couto. Depois governando à In-

Decada 5. liv. 6. cap. 7.

à India, o grande D. Joaõ de Castro, era D. Joaõ Manoel, Capitaõ de hum dos Galeões da Armada, com que passou a socorrer Dio, que valerosamente tinha defendido D. Joaõ Mascarenhas do formidavel poder delRey de Cambaya. No dia 11 de Novembro, em que o Governador D. Joaõ de Castro sahio da Praça a buscar aos inimigos, que sitiavaõ Dio, que foy o anno de 1546, foy D. Joaõ Manoel hum dos Capitães da Vanguarda, acabando neste dia com morte illustre por hum estranho caso, que fará memoravel o seu nome entre os ambiciosos da honra. Estava D. Joaõ Manoel desavindo com Joaõ Falcaõ, Fidalgo valeroso, que na sua pessoa desempenhou o appellido dos seus antepassados, que na guerra de Africa conseguiraõ reputaçaõ: era a causa da desconfiança leve, porém daquellas, que no juizo dos homens pezaõ aquillo em que se estimaõ. Desafiaraõ-se em Goa nas vesperas, que o Governador estava para se embarcar; e vendo, que em occasiaõ de tanta necessidade era necessario pouparem-se para servir a ElRey, e concertando-se entre si, com o parecer de Juizes, deferiraõ o desafio para a Campanha, onde o primeiro, que com mayor valor sobisse o muro dos inimigos, ficasse por melhor reputado na singular, e na commua batalha; sendo desta sorte inventores de desafios sem culpa, em que as mortes, ainda que lastimosas, causavaõ inveja aos valerosos. Desta sorte se ajustaraõ, e cada hum dos contendores com brio

Decada 6. liv. 3. cap. 10.

Decada 6. liv. 4. cap. 1.

brio admiravel ſe valeo de amigos, e parentes, para lhe terem as eſcadas no aſſalto; e aſſim adiantando-ſe a todos, arrimadas as eſcadas ao muro, começaraõ a ſobir ao meſmo tempo. D. Joaõ Manoel, lançando a maõ direita para afferrar o muro já em cima, lha cortaraõ os Mouros, e accodindo com a eſquerda, tambem lhe foy cortada, e vendo-ſe ſem mãos, naõ ſentindo o furor do ſeu brio a perda dellas, com os cotos dos braços ſe quiz ſuſpender para ganhar o muro, e eſtando quaſi em cima com hum golpe de alfange lhe levaraõ a cabeça, atalhando deſta ſorte a morte, huma das mais honradas opiniões, que o Mundo vio em homens valeroſos, e naõ temerarios. Joaõ Falcaõ acometeo ao meſmo tempo, chegando à borda do muro, foy morto às cutilladas, e lançadas, acabando ambos com tanto brio, como eſtranhas demonſtrações de valor, pois em beneficio de honra, e do Eſtado deraõ as vidas glorioſamente. Alguns dos noſſos Nobiliarios equivocaõ a D. Joaõ Manoel, com outro do meſmo nome, primo com irmaõ de ſeu pay, filho de D. Nuno Manoel; porém o Chroniſta Diogo de Couto, nos tira a duvida nos lugares, que deixamos apontado, dizendo ſer o que chamaraõ o Alabaſtro; que era filho de D. Bernardo Manoel, e de D. Maria de Bobadilha, ſua ſegunda mulher, e naõ da primeira, como refere, o Chroniſta Diogo de Couto, pois ſaõ uniformes os Nobiliarios deſte Reyno, de Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, Affonſo de Torres,

Nobiliarios, Goes, Lima, Torres, Figueiredo, Pedroſa.

Torres, Diogo Gomes de Figueiredo, e Manoel Alvares Pedrosa, pois naõ teve D. Bernardo Manoel do seu primeiro matrimonio mais succeffaõ, que as ditas filhas, que deixamos escrito.

14 D. Leonor Manoel morreo menina.

14 D. Antonio Manoel foy Commendador de Horta lagoa, na Ordem de Santiago, que tinha sido de seu avô materno. No anno de 1538 a 9 de Setembro, lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. de lhe dobrar a moradia, que tinha na Casa Real, e da mesma sorte a seu irmaõ.
Casou com D. Brites Mexia, filha de Affonso Mexia, Escrivaõ da Fazenda do mesmo Rey, Capitaõ de Cochim, e Vedor da Fazenda da India, e de Brites Carreira de Almada, filha de Bartholomeu Gomes de Almada, de quem naõ teve geraçaõ.

14 D. Tristaõ Manoel, de quem os Nobiliarios naõ fazem mençaõ; porém D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, o nomea entre os filhos de D. Bernardo Manoel, e que casara com D. Margarida de Almeida, e tivera a D. Antonio Manoel, e a D. Maria Manoel, que casou duas vezes, a primeira com Francisco de Aguiar, e a segunda com Francisco da Sylveira.

14 D. Antonio Manoel passou à India no anno 1585, lá morreo havendo casado com D. Maria viuva de Joaõ de Brito Patalim, de quem naõ teve filhos.

§. I.

14 D. Mecia Noronha, filha de D. Bernardo Manoel, e de sua primeira mulher D. Francisca de Noronha.

Casou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Fermoselhe, filho segundo de D. Jorge de Menezes, VI. Senhor de Cantanhede, de Atalaya, Tancos, e Cinceira, e de sua mulher D. Leonor Manoel, filha de D. Joaõ de Sotomayor, Senhor de Alconchel, irmaõ do IV. Conde de Belalcaçar, e de D. Mecia Manoel, filha de D. Lourenço Soares de Figueiroa; e havendo pretendido por demanda, a Casa de Alconchel, a veyo a vencer seu filho: teve deste matrimonio os seguintes filhos.

Haro part. 1. liv. 5. cap. 10. pág. 412.

* 15 D. Jorge de Menezes, com quem se continúa.

15 D. Fernando de Menezes, que tendo sido Religioso da Companhia, largando a roupeta, foy Prior do Santo Milagre de Santarem, e depois de Santa Maria de Obidos.

15 D. N. . . . . que sendo Dama do Paço, tomou o habito nas Capuchas da Madre de Deos de Lisboa.

15 D. Anna Manoel, casou com Jorge de Mello Coutinho, Commendador de Torrados, na Ordem de Christo, e outras; achou-se na batalha de Alcacere, no anno de 1578, e naõ se soube delle mais,

mais, e deste matrimonio teve o filho, e filha seguintes.

16 JERONYMO DE MELLO COUTINHO, que foy successor da sua Casa, Commendador de Punhete, e Dizimos do Paul do Algarve; e casando com D. Maria de Noronha, filha de D. Thomaz de Noronha, Senhor, e Administrador do Convento do Salvador de Lisboa, e de sua mulher D. Helena da Sylva, filha de D. Gil Eannes da Costa, do Conselho de Estado: naõ teve della successaõ.

16 D. MARIA DE MENEZES, que casou com Pedro de Alcaçova de Vasconcellos, Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, filho de Luiz de Alcaçova, Summilher delRey D. Sebastiaõ, com quem morreo na batalha de Alcacere; e de sua mulher D. Joanna de Vasconcellos, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, a quem succedeo nesta Casa: foy Alcaide mòr de Penamacor, Commendador na Ordem de Christo; e deste matrimenio nasceo unica.

17 D. ANNA DE VASCONCELLOS E MENEZES, que foy Senhora de Figueiró, e Pedrogaõ, e casou com Francisco de Vasconcellos I. Conde de Figueiró, Senhor do Morgado do Esporaõ, Mordomo da Rainha D. Isabel de Borbon, mulher delRey Filippe IV. que morreo em Madrid, no anno de 1653, naõ deixando successaõ.

* 15 D. JORGE DE MENEZES SOTOMAYOR, foy Senhor de Fermoselhe em Portugal, e de Alconchel,

Hiſtoria da Caſa de Sylva, tom. 2. pag. 412

em Caſtella, em que ſuccedeo por morte de D. Fradique de Zuniga, primo de ſeu pay, que deu principio à demanda, que elle veyo a conſeguir. Foy hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebaſtiaõ. Caſou com D. Guiomar da Sylva, filha de Antaõ de Faria, Alcaide môr de Palmella, Commendador de Alcaria-Ruiva, e de Alcacer do Sal, e de ſua mulher D. Leonor de Vilhena, filha de Sancho de Tovar, primeiro Capitaõ de Sofalla, (irmaõ de D. Franciſco de Tovar, Senhor de Sevico) e de ſua mulher D. Guiomar da Sylva, de quem teve os filhos ſeguintes.

* 16 D. ANTONIO DE MENEZES E SOTOMAYOR, com quem ſe continua.

* 16 D. MARIA DA SYLVA com a ſucceſſaõ, que logo diremos.

16 D. FERNANDO DE MENEZES, illegitimo, que morreo eſtudando na Univerſidade de Coimbra.

* 16 D. MARIA DA SYLVA, caſou com D. Fernando Martins Maſcarenhas, Commendador de Santa Maria de Maſcarenhas na Ordem de Chriſto, e era filho ſegundo de D. Franciſco Maſcarenhas, I. Conde de Santa Cruz, Vice-Rey da India, do Conſelho de Eſtado, Preſidente do Conſelho da India, que ſe inſtituio entaõ, em que teve principio o Conſelho Ultramarino, e hum dos Governadores de Portugal na auſencia do Cardeal Archiduque, e faleceo a 4 de Setembro de 1607; e de ſua mulher D. Leo-

Leonor de Ataide, filha de Martim Affonso de Oliveira; Morgado de Oliveira, e Patameira, e deste matrimonio teve.

* 17 D. JORGE MASCARENHAS.

17 D. MANOEL MASCARENHAS, que faleceo de curta idade.

17 D. GUIOMAR DA SYLVA, casou com D. Lopo de Azevedo, Almirante de Portugal, Commendador de Jurumenha, de quem teve = D. ANTONIO DE AZEVEDO, que succedeo na Casa, e morreo servindo de Moço Fidalgo a ElRey D. Joaõ o IV. = D. MARIA IGNEZ DE AZEVEDO, que veyo a ser herdeira da Casa de seu irmaõ, e casou com D. Luiz de Portugal, V. Conde de Vimioso, de quem naõ teve successaõ, como dissemos no Capitulo IX. do Livro X. pag. 768. do tom. X. pelo que a Casa, e Officio de Almirante, passou a D. Joaõ de Castro, Senhor de Reriz, e Bemviver, por ser filho de D. Bernarda de Menezes, irmãa do Almirante D. Lopo de Azevedo, a qual casou com D. Simaõ de Castro Senhor de Reriz, em cujos descendentes se conserva o Officio de Almirante de Portugal.

17 D. ANTONIO MASCARENHAS, illegitimo, que foy Almirante da Armada, que no anno de 1664 passou à India, onde servio com distincçaõ, e lá casou com D. Clara de Mello, filha de Luiz de Freitas de Macedo, Védor da Fazenda da India, cuja successaõ naõ chegou à nossa noticia.

* 17 D. JORGE MASCARENHAS, que foy Com-

mendador de Santa Maria de Mascarenhas, casou duas vezes: a primeira com D. Joanna de Noronha, filha de Constantino de Sá, Commendador de S. Pedro de Folgosinho na Ordem de Christo, hum dos mais insignes Varões, que teve a India, como mostrou, sendo General da gente de guerra, em Ceilaõ, onde depois de ter conseguido muitas victorias dos inimigos do Estado, morreo em huma batalha. D. Agostinho Manoel de Vasconcellos seu genro, lhe escreveo a vida, que se conserva manuscrita, e era casado com D. Luiza da Sylva, filha de Duarte de Mello, Senhor de Povolide, mas naõ teve D. Jorge desta uniaõ filhos. Casou segunda vez com D. Joanna de Menezes, filha de D. Vasco da Gama, Capitaõ de Chaul, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Branca da Gama, filha de Luiz da Gama Pereira, Desembargador do Paço, Commendador da Ordem de Christo; e tiveraõ os filhos seguintes.

* 18 D. Fernando Martins Mascarenhas.

18 D. Branca Mascarenhas, que teve a merce da Commenda da Ilha para seu dote, e morreo sem estado.

* 18 D. Fernando Martins Mascarenhas, que foy herdeiro da Casa, e teve a Commenda de Santa Maria de Mascarenhas, e a de Santa Maria da Ilha, que foy de sua irmãa: viveo junto a Palhaes, em huma Quinta da banda de além de Lisboa: naõ casou, e teve illegitimos em Maria Rodrigues, natural

tural de Palhaes , filha de Simaõ Vieira, e de Maria Rodrigues.

* 19 D. Pedro Mascarenhas.

19 D. Branca da Sylva Mascarenhas casou com Francisco Botelho da Sylva Telles Chacon da Sylveira, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor de hum morgado , filho de Damiaõ Botelho Chacon da Sylveira , Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua segunda mulher D. Joanna da Sylva de Menezes, filha de André da Sylva de Menezes, Capitaõ môr de Alegrete, Senhor do morgado de Xevora, por casar com sua prima D. Brites da Sylva, filha de Antonio da Sylva de Menezes, e tiveraõ a

20 Fernando Botelho Mascarenhas Chacon da Sylveira.

20 N. . . . . Freira em Santa Clara de Lisboa.

20 Damiaõ Botelho Chacon da Sylveira.

* 19 D. Pedro Mascarenhas, foy Senhor do morgado de Runa, e dos mais bens, que teve seu pay: faleceo em Mayo do anno de 1742, havendo casado com D. Leonor de Vilhena, filha de D. Lourenço de Sotomayor, e de sua mulher D. Ignez de Vilhena, de quem naõ teve successaõ.

* 16 D. Antonio de Menezes Sotomayor, foy Senhor de Alconchel, e Fermoselhe, casou com D. Cecilia de Mendoça, filha de D. Fernando de Menezes, Commendador de Castello-Branco, e de sua

ſua mulher D. Filippa de Mendoça, de quem teve.

17 D. PEDRO DE MENEZES, que foy ſeu herdeiro, e ſe achou nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa no anno de 1619, e morreo moço ſem caſar.

* 17 D. JORGE DE MENEZES, com quem ſe continúa.

17 D. LUIZ DE MENEZES, que morreo moço.

17 D. MIGUEL DE MENEZES, que tambem morreo moço, ambos ſem eſtado.

* 17 D. ANTONIO DE MENEZES adiante.

17 D. MARIA DE MENDOÇA, que caſou com D. Pedro da Fonſeca, Marquez de Orelhana.

Caſa de Sylva, tom. 2. pag. 413.

* 17 D. JORGE DE MENEZES E SOTOMAYOR, foy Senhor de Alconchel, e Fermoſelhe, Gentilhomem delRey D. Filippe IV. e Mordomo da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e pelo ſeu caſamento, II. Marquez de Caſtro-Forte, e Senhor de Caſtro-Falha. No anno de 1643, eſtava em Alconchel, quando os noſſos ganharaõ eſta Praça aos Caſtelhanos, e ſahio rendido por concerto.

Caſou com D. Andrea Pacheco Sarmento Dama da Rainha D. Iſabel de Borbon, filha herdeira de D. Pedro Pacheco, I. Marquez de Caſtro-Forte, e de ſua mulher D. Franciſca Sarmento Barba, Senhora de Caſtro-Fuerte, e de Caſtro-Falha, filha de D. Luiz Sarmento de Mendoça e Barba, Senhor de Caſtro-Fuerte, e de Caſtro-Falha, e de ſua mulher D. Iſabel de Caſtilha, e Manrique, filha de D. Antonio Peſſoa e Caſtilha, Commendador de la Fuente del Maeſtre,

Salazar, *Caſa de Lara*, tom. 1. pag. 581.

tre, e de Paraçuellos, e de D. Antonia Manrique de Castro, filha de D. Fernando Ninho de Castro, Meirinho mór, e Regedor de Valhadolid, Padroeiro da Igreja de S. Lourenço daquella Cidade, e Cavalleiro da Ordem de Alcantara; e de sua mulher D. Antonia da Cunha, irmãa de D. Fernando, Senhor de Vilhafañe, e filhos de D. Martim da Cunha, Senhor de Matadion, irmaõ inteiro de D. Henrique da Cunha, IV. Conde de Valença; e tiveraõ os filhos seguintes.

18 D. ANTONIO DE SOTOMAYOR E MENEZES, II. Marquez de Castro-Fuerte, Commendador de Hinojoza, e Mestre de Campo em Milaõ, que faleceo sem casar.

18 D. IGNEZ DE CASTRO, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, casou com D. Francisco de Carvajal, e Menezes, I. Visconde de Salinas, Senhor de Huerta, e Sobrinos, e foy sua primeira mulher, de quem naõ teve filhos.

Historia da Casa de Sylva, tom. 1. pag. 490.

* 18 D. FRANCISCO DE SOTOMAYOR PACHECO MENEZES E BARBA, foy III. Marquez de Castro-Fuerte, Visconde de Castro-Falha, Senhor de Alconchel, e Fermoselhe, Commendador de Hinojosa, na Ordem de Santiago, Mordomo da Casa Real, Gentil-homem da Camera delRey D. Carlos II. e de sua mulher D. Francisca Chacon, e a sua successaõ deixamos referida no Capitulo II. §. II. do Liv. VIII. pag. 93. do Tom. IX.

* 17 D. ANTONIO DE MENEZES, filho ultimo de

de D. Antonio de Menezes e Sotomayor, Senhor de Fermoſelhe, e Alconchel, e de ſua mulher D. Cecilia de Mendoça.

Caſou com D. Maria da Sylva, filha de Gonçalo Gomes da Sylva, que foy Gavalleiro da Ordem de Chriſto, e ſe achou na batalha de Alcacer, em que foy cativo; e de ſua mulher D. Franciſca da Sylva, o qual era filho de Antonio da Sylva, que ſervio na India, e chamaraõ *de Soure*, donde era herdado de fazendas, que nella tiveraõ ſeus aſcendentes, Alcaides môres daquella Villa, e de ſua ſegunda mulher D. Leonor de Villalobos Queimado, filha de Vaſco Queimado; e neto de Liſvarte da Sylva, e de ſua mulher D. Filippa de Lordello, filha de Lopo Dias de Lordello, Provedor das Capellas delRey D. Affonſo IV. e ſegundo neto de Gonçalo Gomes da Sylva, Alcaide môr de Soure. O inſigne D. Luiz Salazar faz a Antonio da Sylva, filho de Gaſpar da Sylva; porém Diogo Gomes de Figueiredo ſegue na fórma referida, dizendo, que Antonio da Sylva caſou duas vezes, a primeira com D. Maria das Povoas, de quem naõ teve ſucceſſaõ, e a ſegunda com D. Leonor de Villalobos Queimado; e aquelle Antonio da Sylva, filho de Diogo da Sylva he differente, porque aquelle ſervio em Africa, onde o mataraõ os Mouros, e caſou com D. Guiomar de Faria, filha de Lourenço do Faria, e de D. Luiza Pires, e o outro ſervio na India; e deſte matrimonio tiveraõ os filhos ſeguintes.

Hiſtoria da Caſa de Sylva, tom. 2. pag. 790. e 784.

Nobiliario de Diogo Gomes.

D.

* 18 D. Antonio de Menezes.

18 D. Gonçalo de Menezes, de quem naõ ha geraçaõ.

18 D. Francisca de Mendoça, que casou com Sebastiaõ de Macedo de Menezes, que vivia em Alenquer, e por sua morte casou com Joaõ Gomes de Carvalho, sobrinho de seu primeiro marido; e falecendo casou terceira vez com Francisco Freire de Andrade, que foy do Conselho de guerra, e Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes, de quem foy primeira mulher; e de nenhum destes maridos teve successaõ.

* 18 D. Antonio de Menezes, que foy Alcaide môr de Cintra Commendador da Redinha, que trocou com o Conde de Castello-Melhor, Luiz de Sousa, pelas de S. Sylvestre de Requiaõ, e S. Miguel de Alvarães, e trezentos e cincoenta mil reis de tença, teve mais a Commenda de S. Mamede de Sortes. Todas na Ordem de Christo, e faleceo a 7 de Fevereiro de 1719.

Casou com D. Angela Maria de Albuquerque, filha herdeira de André de Albuquerque Ribafria, Alcaide môr de Cintra, Commendador de Sortaõ na Ordem de Christo, General da Cavallaria de Alentejo, onde servio com grande valor, e reputaçaõ, de sorte, que mereceo universalmente ser tido por hum dos insignes Generaes daquelle tempo, em valor, e sciencia Militar: acabou infelizmente de huma balla de artelharia na batalha das Linhas de El-

vas a 14 de Janeiro de 1659, deixando na nossa Historia glorioso o seu nome: foy havida esta filha em D. Catherina Lobo de Monroy, natural de Olivença; porém deste matrimonio naõ ficou geraçaõ.

Casou segunda vez com D. Antonia Magdalena de Vilhena, filha de Pedro Jaques de Magalhães, I. Visconde de Fonte Arcada, do Conselho de guerra, e General da Armada Real; e de sua segunda mulher D. Maria de Vilhena, filha de Antonio Correa Baharem, Senhor da Ponte do Soro, Commendador de S. Bartholomeu de Alfange da Ordem de Christo, e de sua sobrinha D. Antonia de Vilhena, filha de seu primo Antonio Correa Baharem, Senhor do Morgado da Marinha: tiveraõ os filhos seguintes.

* 19 D. MARIA THERESA DE VILHENA, de quem se trata adiante.

* 19 D. MARIANA IGNACIA DE MENEZES, como diremos adiante.

19 D. CECILIA ANTONIA DE VILHENA nasceo a 20 de Dezembro de 1687, morreo de curta idade.

19 D. MARIANNA JOSEFA DE VILHENA nasceo a 18 de Abril de 1689, faleceo de tenra idade.

* 19 D. JORGE FRANCISCO DE MENEZES, adiante.

19 D. PEDRO JOAÕ DE DEOS DE MENEZES, Principal da Santa Igreja de Lisboa, nasceo no anno de 1692, e foy bautizado a 4 de Fevereiro.

19 D. FRANCISCO NICOLAO DE MENEZES, tambem Principal da Santa Igreja de Lisboa, nasceo

a 4

à 4 de Janeiro no anno de 1693, e foy bautizado a 23 de Abril.

19 D. JOSEPH AFFONSO DE MENEZES, Prelado na mesma Santa Igreja de Lisboa, nasceo no anno de 1696, e foy bautizado a 25 de Março.

19 D. JOAQUIM DE MENEZES, que faleceo de curta idade.

Teve illegitimos.

19 D. JOSEPH DE MENEZES FREIRE Conventual de Palmella da Ordem de Santiago.

19 D. JOAŌ DE MENEZES, que passou a servir à India, e lá tomou o Habito da Ordem dos Prégadores.

19 D. MARIANNA ANTONIA DE MENEZES, que naō tomou estado.

* 19 D. MARIA THEREZA DE VILHENA nasceo a 12 de Setembro de 1684. Casou duas vezes, a primeira com Sancho de Mello da Sylva e Azambuja, e a segunda com D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, como se dirá no Livro XIII. Capitulo XVII. §. II. e de seu primeiro marido teve os filhos seguintes.

20 HENRIQUE DE MELLO DA SYLVA, com quem se continúa.

20 D. ANTONIA JOSEPHA DE VILHENA, que faleceo a 10 de Setembro no anno de 1736. Casou em Junho de 1726 com Francisco de Sousa da Sylva Alcaforado Rabello, Senhor da Quinta da Sylva na Provincia do Minho, de quem naō teve successaō.

20 D. BRITES THERESA DE MENEZES casou em 19 de Mayo de 1720, com Thadeu Luiz Antonio de Carvalho e Camões, Senhor de Abbadim, &c. a qual morreo em Novembro do anno seguinte, sem deixar succeſſaõ; e elle casou segunda vez, como se dirá adiante no Livro XIII. Capitulo IV.

* 20 HENRIQUE DE MELLO DA SYLVA nasceo no anno de 1706: succedeo na Casa de seu pay, e he Capitaõ de Infantaria no Regimento de Cabeço de Vide. Casou em Agosto de 1728, com D. Eugenia Josefa de Menezes, filha de Francisco Furtado de Mendoça e Menezes, e de D. Marianna Luiza de Valladares e Amaral, e tiveraõ os filhos seguintes. ⩶ SANCHO DE MELLO DA SYLVA E AZAMBUJA, que nasceo o 1 de Abril de 1731. ⩶ FRANCISCO DE MELLO nasceo a 12 de Outubro de 1732. ⩶ VASCO MARTINS DE MELLO nasceo a 15 de Janeiro de 1734. ⩶ D. ANNA JOAQUINA DE MENEZES nasceo a 18 de Janeiro de 1736. ⩶ JOSEPH JOAQUIM DE MELLO nasceo a 28 de Abril de 1737. ⩶ D. ANTONIA JOSEFA DE VILHENA nasceo a 11 de Junho de 1738. ⩶ JOAQUIM JOSEPH DE MELLO nasceo a 11 de Agosto de 1739. ⩶ JOAÕ DE MELLO nasceo a 14 de Dezembro de 1740. ⩶ D. MARIANNA LUIZA DE MENEZES nasceo a 7 de Março de 1744.

* 19 D. MARIANNA IGNACIA DE MENEZES nasceo a 14 de Agosto de 1686, e faleceo a 18 de Janeiro de 1745. Casou com Joaõ Jaquez de Magalhães, que foy Governador, e Capitaõ General de Maza-

Mazagaõ, e o he ao presente do Reyno de Angola, e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

20 D. ANTONIA JOAQUINA DE MENEZES adiante. ⵌ HENRIQUE JAQUES nasceo a 23 de Agosto de 1720, que morreo menino a 20 de Setembro de 1722. ⵌ ANTONIO JAQUES DE MAGALHAENS, que nasceo no anno de 1716. ⵌ D. PEDRO FORTUNATO DE MENEZES BAHAREN, que nasceo em 1717, e he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⵌ D. JOSEPH MARTINHO DE MENEZES nasceo a 14 de Novembro de 1722, e morreo menino. ⵌ D. LOURENÇA ANTONIA DE MENEZES nasceo a 26 de Outubro de 1725, recolhida no Mosteiro de Maravila. ⵌ D. FRANCISCO DE PAULA DE MENEZES nasceo a 6 de Abril de 1727.

20 D. ANTONIA JOAQUINA DE MENEZES nasceo a 20 de Setembro de 1714, casou em 26 de Julho de 1729 com Manoel Caetano Lopes de Lavre, Senhor Donatario do Reguengo da Carvoeira, Alcaide môr das Villas de Torres-Novas, e Serolico da Beira, Commendador de Santa Margarida da Matta na Ordem de Christo, e da de la Gualva na de Santiago, Secretario, e Conselheiro do Conselho Ultramarino, de quem tem até ao presente os filhos seguintes. ⵌ JOACHIM MIGUEL LOPES DE LAVRE, que nasceo a 26 de Setembro de 1730. ⵌ D. ANTONIA POLICENA ISABEL DE MENEZES nasceo a 10 de Setembro de 1731. ⵌ e D. MARIANNA ISABEL DE MENEZES, que nasceo a 10 de Novembro de 1732, e faleceo de tenra idade.

D.

* 19 D. JORGE FRANCISCO DE MENEZES, Senhor do Paul do Reguengo da Badeira no Algarve, Commendador de S. Sylvestre de Requiaõ, e S. Miguel de Alvarães, no Arcebispado de Braga, e S. Mamede de Soro no Bispado de Miranda, todas na Ordem de Christo. Faleceo a 25 de Setembro de 1735, havendo nascido no anno de 1690, e sido bautizado a 15 de Outubro.

Casou com D. Luiza Clara de Portugal, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Bernardo de Vasconcellos, e de D. Maria Magdalena de Portugal, como se disse à pag. 240 do Tomo IX. e tiveraõ os filhos seguintes. ⩶ D. ANTONIO DE MENEZES nasceo a 6 de Mayo de 1723, e he successor da Casa, e Commendas de seu pay. ⩶ D. BERNARDO DE MENEZES nasceo ao 1 de Outubro de 1726, Porcionista no Collegio da Purificaçaõ de Evora. ⩶ D. JOSEPH DE MENEZES nasceo a 11 de Agosto de 1728, Porcionista no dito Collegio. ⩶ D. MARIA RITA DE PORTUGAL nasceo a 22 de Mayo de 1731, recolhida no Mosteiro de Santos.

CA-

CAPITULO IV.

D. Nuno Manoel, Guarda môr delRey D. Manoel, Almotacé môr, Senhor de Salvaterra de Magos, &c.

12 DOs filhos que deixamos dito, que teve o Bispo D. Joaõ de Justa Rodigues, foy o segundo D. Nuno Manoel, a quem ElRey D. Affonso V. legitimou no anno de 1475, como se vê no Archivo Real da Torre do Tombo. Concorria sobre a sua pessoa ter sido collaço delRey D. Manoel, de quem naõ foy menos estimado, do que seu irmaõ D. Joaõ; pois a circunstancia de se haver criado no seu serviço, e os proprios merecimentos o habilitaraõ para o lugar da mayor confiança delRey, de quem foy Guarda môr da sua pessoa, lugar taõ grande na Corte de taõ estimaveis preeminencias, como temos referido no Capitulo XIII. do Livro XI. Exercitou D. Nuno Manoel o posto de Guarda môr, de que tirou Carta feita em Almeirim a 12 de Março de 1515 todo o tempo, que durou a vida a ElRey, como se vê de hum Mandado do anno de 1520. Passou ElRey no anno 1498, a jurarse Principe herdeiro da Coroa de Castella: nesta jornada o acompanhou D. Nuno, a quem o mesmo Rey vendeo a herdade de Paõ na Villa de Monçarás,

Torre do Tombo liv. 3. *dos Mist.* pag. 32.

Prova, num. 1.

Liv. 1. *Mist.* pag. 298.

çarás, que houvera de Diogo da Azambuja, e Francisco de Miranda, com a azenha que está no rio Odiana, pelo preço de 152U: foy feita a Carta em Lisboa a 4 de Março de 1498; e já neste anno era Almotacé môr, porque com este lugar o nomea ElRey na dita Carta. Depois no anno de 1502; quando o mesmo Rey fez a romaria a Santiago, o acompanhou D. Nuno. Delle refere Affonso de Torres, que vindo à Corte de Lisboa certo Embaixador de França, que fora taõ aceito a ElRey, que o armara Cavalleiro no anno de 1516, e que D. Nuno lhe calçara as esporas. Depois no anno de 1518, foy elle hum dos Senhores, que lhe beijaraõ a maõ na occasiaõ da declaraçaõ do seu casamento, com a Rainha D. Leonor sua terceira mulher. Quando o mesmo Rey teve a doença, de que faleceo em Lisboa, lhe assistio D. Nuno; e refere o Choronista, que a Rainha D. Leonor se achava em Salvaterra, donde tendo esta noticia, voltou logo com o Principe D. Joaõ, e a Infanta D. Isabel, e que aggravando-se a doença no seteno, o Guarda môr D. Nuno, vendo, que os Medicos desconfiavaõ, lhe pareceo apartar daquelle lugar a Rainha para huma casa contigua da Camera, em que ElRey estava; e representandolhe, que naõ era conveniente, que suas Altezas alli estivessem, fez o mesmo ao Principe, passando-o para outro Quarto: tanto foy o amor, e zelo, com que servia, e naõ menor a authoridade, que conseguio com os Principes do seu tempo. No Reyna-

Goes *Chronic. delRey D. Manoel*, part. 4. cap. 83.

Reynado delRey D. Joaõ o III. foy seu Guarda mòr, como se tira de hum Mandado, que está no maço quarto do armario segundo da escada, que vay para a Casa da Coroa, como refere Gaspar Alvares de Lousada no seu Extracto da Torre do Tombo, de que temos copia, já muitas vezes allegada, onde o Conde Prior, Mordomo mòr, diz: *Mando a vós Gonçalo Vaz Tratador das moradias, que pagueis a D. Fradique, e a D. Joaõ, e a D. Francisco, e a D. Affonso, e a D. Jorge, Moços Fidalgos do dito Senhor, e filhos de D. Nuno Manoel, Almotacé mòr, e Capitaõ da Guarda da Camera, vinte e tres mil e cento e noventa reis de sua moradia, a razaõ de mil reis por mez, &c. e alqueire e meyo de cevada, por dia, do primeiro quartel deste anno, por serem presentes na Corte, &c. Lisboa o derradeiro de Mayo de* 1528. De que se vê, que já eraõ passados annos do Reynado delRey D. Joaõ, em que exercitava o dito officio: nem nos parece ser differente, por dizer Capitaõ da Guarda da Camera, porque entendemos ser o mesmo, porque o Guarda mòr mandava a tal Guarda da Camera, e muitas vezes o achamos assim nomeado; porque o lugar de Capitaõ da Guarda com este nome, naõ teve principio senaõ no Reynado delRey D. Sebastiaõ. Foy tambem Almotacé mòr dos referidos Reys, como consta de diversos Mandados do mesmo tempo. As prerogativas deste Officio declara o seu Regimento, que anda incorporado na Ordenaçaõ do Reyno Livro 1. Tit. 8.

 Foy

Foy Senhor de Salvaterra de Magos, que comprou a Pedro Correa. ElRey D. Manoel lhe fez merce, e doação de todos os direitos, e rendas da dita Villa, e seu termo, com a Leziria do Romaõ, da mesma sorte, que a tivera Rodrigo Affonso, e Pedro Correa seu filho, em duas vidas, e foy passada em Thomar a 27 de Março de 1507. Depois o mesmo Rey lhe deo a jurisdicção de juro, e herdade, e de todas as rendas, e direitos, que nella, e seu termo lhe pertenciaõ: foy feita a Carta em Almeirim a 8 de Fevereiro de 1508; o que tudo está incorporado na Carta, que passou ElRey D. Joaõ III. a seu filho D. Fradique, no contrato, de que adiante faremos mençaõ; e já ElRey D. Manoel lhe havia feito a merce do Paul de Magos em Salvaterra: foy a Carta passada em Abrantes a 8 de Julho de 1507. No anno de 1510, o fez ElRey do seu Conselho, e lhe deu huma sesmaria no termo de Coruche, que por sua morte comprou o Conde da Castanheira. Foy tambem Senhor das Aguias, e da Erra, que comprou a André do Campo, no anno de 1520. Foy Commendador, e Alcaide môr de Idanha a Nova, Jaz em magnica sepultura, na Capella môr da parte do Euangelho, da Igreja de Nossa Senhora de Jesus, Cabeça da Provincia da Ordem Terceira de S. Francisco, onde tem o seguinte Epitafio.

Torre do Tombo Chancel. delRey D. Joaõ III. pag. 96.

Liv. 5. *Misticos*, pag. 37.

Pri-

Primog. mort. S.
H. S. E.
D. Nonius Manoel Eduardi Portug. Regis, & Dominæ Joannæ Manoel nepos. D. Joannis Manoel, & Justæ Rodrigues Pereriæ Clariss. fæminæ filius: Eman. Regi intimus de sinu, Cubiculari custodiæ præfectus: Ædilis maxi: cum uxore sua Domina leonora de Millam Comitis Albaidæ f. Joannis II. Aragoniæ Regis pronepte. D. Joannes Manoel Collimbr. Episcop. comes Argan. Pronepos pro Avis suis.
B. M. M. T.

Casou duas vezes, a primeira com D. Leonor de Milá, a segunda com D. Lourença de Ataide, filha de D. Joaõ de Vasconcellos e Menezes, II. Conde de Penella, e da Condessa D. Maria de Ataide, de quem naõ teve successaõ. Era D. Leonor de Milá, filha de D. Jayme de Milá, Conde de Albayda, e da Condessa D. Leonor de Aragaõ, com quem casou no anno de 1477, e filha de D. Affonso de Aragaõ, Mestre de Calatrava, e Duque de Villa-hermosa, e de D. Maria Junquers, Donzella nobre Catalãa, que elle estimou muito, e a

Zurita, tom. 4. liv. 2. cap. 64. pag. 339. e liv. 18. cap. 56. pag. 198.

quem entregou o cuidado de ſeus filhos, a qual fazendo o ſeu Teſtamento, eſcrito na lingua Catalãa, de que temos huma copia antiga, e que communicamos a Varões ſabios, e eruditos na Hiſtoria, como ſoy o Duque, Senhor de Sottomayor, e D. Gregorio Mayans e Siſcar, que no lo traduziraõ da lingua Catalãa, e com grande exacçaõ, e pontuallidade, de ſorte, que de huma, e outra copia, e traducçaõ, ſe reconhece qual he o talento de ambos, e a ſemelhança, que tem o trabalho dos Sabios, porque naõ differem em materia eſſencial, e ſó em algumas poucas palavras, que ſignificaõ o meſmo. Nelle diſpoem dos ſeus bens, e de huma verba conſta, que tinha filhos, e filhas; porque diz aſſim: *Y quando Dios nueſtro Senhor de mi ordene, que yo deva de ſalir deſta vida preſente, para ir a ſu Reyno Celeſtial, que entre mis hiios y hijas, y otros parientes, no ſe pueda mover, ni ſuſcitar queſtion alguna ſobre los bienes, que Dios me ha encomendado, deſeando ir a la gloria del Paraiſo.* Nomea por Teſtamenteiros ao Prior, que era, e ao depois foſſe de Santa Maria de Linas da Villa de Benavarre, e a Bartholomeu Burro, Procurador que era do Condado de Ribagorza. Deixa por herdeira a ſua filha D. Leonor, como ſe vê da clauſula ſeguinte: *Dexo por heredera univerſal a D. Leonor de Aragon, mi hija y del muy Illuſtriſſimo Senhor D. Alonſo de Aragon, Conde de Ribagorza, con tal empero, y no de otra manera, que no haya de pertender nadie de*

Prova num. 2.

los

los bienes, que de mi Padre a mi podran pertenecer en el dicho Mas de Ostales. Foy feito este Testamento no lugar de Camus a 2 de Outubro do anno de 1481. Sobreviveo depois muitos annos, como se vê de certo Contrato entre ella, e D. Leonor de Aragaõ sua filha, feito em Ilerda a 4 de Dezembro de 1491, e veyo depois a falecer a 15 de Mayo do anno de 1506; e jaz em Nossa Senhora de Linhares na Capella môr do Mosteiro de S. Domingos, como refere Fr. Francisco Diago, na Historia de S. Domingos da Provincia de Aragaõ. Era filha do Mosen Gregorio Junquers Castelaõ de Rosses em Catalunha, e depois Tenente do Capitaõ das Armadas, sendo Generalissimo Mosen D. Joaõ de Villa-marin, e Embaixador delRey D. Joaõ II. de Aragaõ ao Duque de Milaõ; o que consta de differentes escrituras, que estaõ no Archivo Real da Coroa de Aragaõ; o qual era filho de Mosen Bernardo Junquers, que tambem foy Castellaõ do dito Castello, que servio ao dito Rey em as alterações de Lerida, causadas por o Visconde de Narbona, e D. Federico Doria, e em as de Sicilia. Foy Senhor dos lugares de Rocafort, e Mazacaios, por merce delRey D. Joaõ o I. como se vê das Doações Regias, e neto de Bernardo Junquers, Secretario do Despacho universal do dito Rey D. Joaõ I. que lhe fez merce das dizimas, e direitos Reaes, em os lugares de Rocafort, e Mazacaios no Principado de Catallunha, feita em 4 de Fevereiro de 1390, e em 22 de

Prova num. 3.

Diago, *Histor. de S. Domingos*, liv. 2. cap. 9. à pag. 270.

Prova num. 4. 5. 6. 7. 8. 9.

Prova num. 10. 11. 12. 13. 14.

de Dezembro do referido anno lhe concedeo de tença quinhentos florins de ouro, em remuneraçaõ dos especiaes serviços, que com cavallos, e armas à sua custa executara contra o Conde de Armagnac, que lhe tinha feito huma invasaõ nos seus Dominios: e no anno de 1393 lhe fez nova merce, aggregandolhe o tercio decimo dos fructos da Cidade de Valença, manifestando nesta graça, que servira Bernardo Junquers de menino, na Casa Real, e que ao seu conselho, e industria se devia, que se fertilizassem muitas terras do Reyno de Valença. Neste Reyno o nomeou Administrador, e Governador perpetuo da Real Capella, que ElRey à instancia da sua devoçaõ mandara fabricar à Virgem Maria, em a porta nova de Barcellona, (que hoje está derribada) e foy Ministro de talento, de prudencia, e discriçaõ, como manifestou a estimaçaõ do dito Rey, e delRey D. Pedro IV. e Bisneto de Mosen Guilherme Junquers, Cidadaõ de Barcellona, como se vê do seu Testamento approvado na dita Cidade, a 24 de Julho do anno de 1355, pelo Notario Francisco de Podio, em que nomea por seu herdeiro a seu filho Bernardo; e em falta da sua linha, e da de Valentina Junquers sua filha, manda, que depois da morte de sua mulher Bartholomea, a quem naõ dá appellido, se dispendaõ os seus bens em Missas, e obras pias: o que tudo consta de Instrumentos authenticos, que vaõ lançados por extenso no Tomo das Provas, e de que se tira naõ ser D. Maria Junquers,

Prova num. 15.

quers, mulher ordinaria, e de nascimento escuro, como alguns mal instruidos entenderaõ; o que naõ affirmamos, senaõ com documentos authenticos, e Authores de grande estimaçaõ na Historia, que allegamos, e se pódem ver, como he o Licenciado Gaspar Escolano na Historia de Valença, fallando de D. Leonor de Milá, diz: *Una hija, que se llamò D. Leonor, la qual huvo en D. Maria Junquers Dama Catalana hija del Senhor del Mas, ò Casa Junquers del lugar de S. Christoval de Planes, en el Val de Ostules, esta casò com D. Jayme de Milan, Conde de Albayda, sin que de D. Maria huviesse tenido mas hijo, ni hija, que la D. Leonor: como de todo lo dicho dan fé, el Testamento de D. Maria y las Capitulaciones de matrimoniales con el Conde de Albayda.* Alguns fazem a D. Leonor Condessa de Albayda, irmãa inteira de D. Joaõ de Aragaõ, Conde de Ribagorza, Duque de Luna. Era D. Carlos de Gurrea e Aragaõ, Duque de Villa-hermosa, e falecendo em 13 de Agosto de 1691, pleitearaõ esta Casa, como descendentes della D. Antonio Joaõ de Gurrea Aragaõ e Benavides, Marquez de Castro Pinos, como filho de D. Helena de Gurrea e Aragaõ, Marqueza de Castro Pinos, que casou com D. Joaõ de Benavides de Lacerda, o qual litigou com sua Prima comirmãa D. Francisca Josefa de Gurrea, menor de idade, filha de D. Francisco Luiz de Gurrea, e Aragaõ, Governador do Reyno de Aragaõ, (irmaõ inteiro da dita Marqueza de Castro Pinos)

Escollano, *Historia de Val.* part. 2. liv. 8. cap. 7.

Pinos) e de ſua mulher D. Joſefa de Gurrea e Zerda: e na Arvore, que ſe imprimio, e ajuntou dos parenteſcos, deduzida de D. Affonſo de Aragaõ, Meſtre de Calatrava, Duque de Villa-hermoſa, e de D. Maria Junquers, ſe produz por filho a D. Joaõ de Aragaõ Junquers, Conde de Ribagorza, irmaõ inteiro de D. Leonor de Aragaõ, Condeſſa de Albayda. He certo, que a Condeſſa D. Leonor no contrato do ſeu matrimonio, e no ſeu Teſtamento diz ſer filha unica do Meſtre, e de D. Maria Junquers: bem ſe vê, que he por differença de outras irmans, que ſeu pay haveria tido, e por iſſo declara ſer filha unica; porém tambem ſem ſe contradizer poderia ter irmãos maſcullinos, e ſer filha unica, porque naõ teve outra ſua mãy; mas iſto ſe oppoem a authoridade de Eſcolano, contra a qual eſtá o Teſtamento da dita D. Maria Junquers, no qual falla em filhos, e filhas, como acima apontamos, e poderiaõ tambem morrer: porém aquelles Fidalgos, quando litigaraõ aquella Caſa, e finalmente ſe julgou a hum dos oppoentes, preciſamente haviaõ de provar a dita filiaçaõ. ElRey D. Joaõ eſtimou muito a eſta neta, intervindo com a ſua authoridade, quando ſe eſtipulou o contrato do ſeu caſamento com D. Jayme de Milá, a quem creou Conde da ſua Villa de Albayda, e lhe concedeo muitos privilegios, e prerogativas: entre os quaes foy, que qualquer peſſoa, que caſaſſe com filha, ou neta ſua, ficaria nobre; e he de ſaber, que eſta conceſſaõ, que em todo o

tempo

tempo seria notavel, e muy singular, naquelle ainda era mais, pois queria dizer Rico-homem, e em estes Grande: assim o vi em hum papel da Condessa de Cerbellon muy esclarecida em sangue, do Reyno de Aragaõ, e muy versada na Historia, e nos estylos antigos das escrituras, e doações.

Era D. Affonso Mestre de Calatrava, filho delRey D. Joaõ II. de Aragaõ, havido em D. Leonor de Escovar, filha de Affonso Rodrigues, Alcaide môr da terra delRey D. Joaõ de Navarra, em Castella, da Casa de Escovar, de quem procedem illustres Casas, como escreve Jeronymo Zurita, Rades de Andrade, e Salazar de Castro, e D. Jayme de Milá, ou Milaõ, como alguns disseraõ, de illustre, e antiga Casa no Reyno de Valença, donde vieraõ à sua Conquista os seus mayores, já Cavalleiros conhecidos, que deduziaõ a sua familia de França, da Provincia de Languedoc, donde residia com o titulo de Conde. Era filho de D. Joaõ Luiz de Milá, Cardeal da Santa Igreja Romana, do titulo dos Santos quatro Coroados, creado no anno de 1456 Bispo de Lerida, e Segorbe, havido em huma Dama de qualidade, chamada Angelina Ramas; e o dito Cardeal era irmaõ inteiro de D. Pedro de Milá, Camereiro mor delRey D. Affonso V. de Aragaõ, e filhos de D. Joaõ, ou Luiz de Milá, e de D. Catherina de Borja, irmãa do Papa Calixto III. e de D. Isabel de Borja, mãy do Papa Alexandre VI. em quem teve principio a Casa dos Duques de Gandia, em quem

Zurita tom. 3. *Anales de Aragon*, liv. 15. cap. 29.

Rades, *Chronica de Calatrava*, pag. 71. col. 3.

Salazar, *Casa de Lara*, tom. 3. liv. 19. cap. 12. §. 1. pag. 336.

Escolano, *Historia de Valencia*, part. 2. liv. 9. cap. 34.

Zurita, *An. tom* 4. liv. 20. cap. 64.

já a nobreza era taõ esclarecida, que Godofredo de Borja, marido de Isabel de Borja, era descendente por Varonia de D. Ramiro, I. Rey de Aragaõ, como escreve D. Joseph de Pellicer em o seu Seyano Germanico, e o Padre Abarca nos Annaes de Aragaõ, e outros. Desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

Abarca, *An. de Aragon.* part. 1. col. 4. pag. 18.
Rades de Andrade, *Chronic. de Calatrava* pag. 71.
Zapater, *Anal. de Aragon.* lib. 4. pag. 123.

13 D. Fradique Manoel, Senhor de Salvaterra, &c. Capitulo V.

13 D. Joaõ Manoel foy Commendador da Idanha a Velha na Ordem de Christo. Casou por palavras de presente com D. Leonor de Vilhena, filha de D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Guarda môr da pessoa delRey D. Joaõ III. e seu Embaixador a Castella, &c. e de D. Brites Coutinho sua mulher, filha de D. Fernando Coutinho, Marechal do Reyno, a qual antes de consumar o matrimonio, buscou o estado de Religiosa, e foy Freira: pelo que elle tornou a casar com D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio de Almeida, Contador môr do Reyno, Officio em que entrou no anno de 1527, e era de sua mulher; e foy Provedor dos Armazens de India, e Mina, de que lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. no anno de 1522; e de D. Maria Paes, filha de Joaõ Rodrigues Paes, Contador môr do Reyno; de quem naõ teve geraçaõ. Houve Bastardos em Helena Gonçalves, de quem D. Antonio de Lima refere, que alguns dizem, que a recebera à hora da morte, os filhos seguintes.

Nobiliario de Lima.

D.

= D. JORGE MANOEL, que morreo em Africa nabatalha de Alcacere a 4 de Agosto de 1578, tendo casado com D. Maria de Figueiredo, de quem teve. = D. MARIA MANOEL, mulher de D. Affonso Barrantes Castelhano, de quem foraõ filhos. = D. PEDRO BARRANTES MANOEL, Governador de Villa-Nova de Serem em Castella. = D. ISABEL DE ARAGAÕ, mulher de seu tio Joaõ Pessoa de Aragaõ, que viveo em Thomar. = D. TRISTAÕ MANOEL, de quem os Nobiliarios naõ fazem mençaõ, consta da Chancellaria delRey D. Sebastiaõ do anno de 1558, em que lhe fez merce de trinta mil reis de tença pelos serviços de seu pay. = D. JERONYMA MANOEL, que foy Freira. = D. MARIA MANOEL, de quem Diogo Gomes de Figueiredo diz, que casara com Pedro Pessoa, filho de Francisco Pessoa, Feitor em Flandres, e de Isabel Teixeira, de quem nasceo. = FRANCISCO PESSOA, que viveo em Thomar, onde casou. = JOAÕ PESSOA, que tambem viveo na dita Villa, e nella casou.

* 13 D. FRANCISCO MANOEL DE ARAGAÕ, foy Moço Fidalgo delRey D. Manoel, e debaixo deste titulo se acha na Matricula do anno de 1518: passou ao serviço do Emperador Carlos V. e militou em Italia. Morreo fóra de Portugal, e casou em Milaõ, e teve. = D. FELIX DE ARAGAÕ, que servio com valor naquelle Estado, sendo esforçado Cavalleiro: achou-se na derrota de D. Filippe Estrozzi, voltou a este Reyno com ElRey Filippe II. e de-

pois se achou na Armada do Marquez de Santa Cruz, sobre a Ilha Terceira, onde da peleija tirou honradas feridas, e foy Governador de Piombino.

* 13 D. Jorge Manoel, de quem se fará mençaõ no §. II.

13 D. Affonso Manoel, que foy Commendador de Santa Christina de Tife, na Ordem de Christo, no Arcebispado de Braga, de que lhe fez merce ElRey D. Joaõ III. no anno de 1551. Casou, dizem os Nobiliarios uniformemente, como naõ devera à sua pessoa, sem nomearem a mulher, e que della tivera. = D. Maria Manoel de Aragaõ, que casou com Pedro Lopes Giraõ de Santarem. = D. Catharina de Aragaõ, Religiosa no Mosteiro de Odivellas. = D. Jeronymo Manoel, que passou com ElRey D. Sebastiaõ a Africa, e foy cativo na batalha de Alcere, e morreo sem casar, e teve bastardos a = D. Tristaõ Manoel, que passou à India no anno de 1564, com o Vice-Rey D. Antonio de Noronha, com moradia de Fidalgo Escudeiro de 1666 reis por mez, e teve. = D. Antonio Manoel, que passou à India no anno de 1584, como o Vice-Rey D. Duarte de Menezes, com a mesma moradia; e tendo servido no anno de 1585 de Capitaõ de huma Fusta com Ruy Gonçalves da Camera, foraõ ao Estreito, e no anno seguinte passou a Melinde por Capitaõ de huma Náo com Martim Affonso de Mello, e foy Capitaõ de Damaõ no anno de 1598, sendo Vice-Rey o Con-

Liv. 2. *das merces del-Rey D. Joaõ o III.* pag. 212.

Couto, *Dec. X.* liv. 7. cap. 7. e liv. 8.

Conde da Vidigueira, e depois se achou na guerra de Cunhale, e foy dos Capitães, que ficaraõ guardando a Costa, como escreve Diogo de Couto.

* 13 D. LEONOR DE MILLAÕ casou com Nuno Barreto, Alcaide môr de Faro, como se verá no §. III.

13 D. MARIA DE ARAGAÕ casou com D. Alvaro de Cordova, Senhor de Vallençuella §. IV.

13 D. JOANNA DE ARAGAÕ casou com Ruy Barreto de Mello, a quem outros daõ o appellido de Mascarenhas: foy Senhor do Morgado da Quarteira, e do de Ludo, filho de Joaõ de Mello, e de D. Mecia de Noronha; o qual era filho quarto de Nuno Barreto, Alcaide môr de Faro, e de D. Leonor de Mello, filha de Joaõ de Mello Alcaide môr de Serpa, Copeiro môr delRey D. Affonso V. porém deste matrimonio naõ houve successaõ.

Casou D. Nuno segunda vez no anno de 1519, com D. Lourença de Ataide, a quem ElRey D. Manoel segurou as suas arras, no referido anno, e era filha de D. Joaõ de Vasconcellos, Conde de Penella, e da Condessa D. Maria de Ataide, e desta uniaõ naõ teve filhos.

§. II.

13 D. JORGE MANOEL, filho quarto de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leonor de Milá sua primeira mulher, foy Commendador

dador de S. Vincente na Ordem de Chriſto. No anno de 1551 lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. da Capitanía, e governo da Mina. No de 1556 o deſpachou para a India, onde paſſou no anno de 1562, por Capitaõ môr da Armada, que foy àquelle Eſtado; porém infelizmente na volta para a Reyno ſe perdeo.

Caſou com D. Leonor de Brito, filha de Gaſpar de Brito, Trinchante do Cardeal Infante D. Affonſo, e de D. Branca Freire, filha de Luiz de Antas, Alcaide môr do Landroal; de quem teve os filhos ſeguintes.

14 D. Pedro Manoel de Aragaõ, que paſſou com ſeu pay à India, e pereceo no meſmo naufragio.

14 D. Estevaõ Manoel, que acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ a Africa, morreo na batalha a 4 de Agoſto de 1578, depois de ter ſervido nas Armadas da Coſta, e em Tanger, e teve a Commenda de S. Romaõ na Ordem de Chriſto.

* 14 D. Jeronymo Manoel, com quem ſe continúa.

14 D. Antonio Manoel, de que naõ ſabemos mais, que delle fazer mençaõ Affonſo de Torres.

* 14 D. Maria de Aragaõ caſou com D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas, com a ſucceſſaõ, que adiante ſe dirá. = D. Violante Manoel. = D. Jeronyma Manoel. = D. Anna Manoel. = D. Magdalena Manoel, todas

todas quatro Freiras. = D. ANTONIA. = D. CATHARINA morreraõ meninas.

* 14 D. JERONYMO MANOEL, a quem chamaraõ de alcunha o Bacalhao, foy Commendador de S. Mamede de Travisco, da Ordem de Christo, no Arcebispado de Braga, e Capitaõ môr da Armada da India do anno de 1614. despacho, que teve pelos serviços de seu pay, e irmaõ, que acabaraõ a vida, como temos dito, no serviço da Coroa. Chegado a Goa, estando para partir para o Reyno, em 27 de Janeiro de 1626, lhe deu hum temporal, em que varou a Náo na barra de Goa; porém como era baixamar, naõ recebeo mais damno a Náo, que cortaremlhe os mastros. Passada a monçaõ, partio no anno seguinte, e chegando à Ilha das Flores, pelejou com quatro Cossarios, e foy em demanda da Ilha Terceira, onde chegou a 18 de Julho de 1617. Foy Copeiro môr do Cardeal Archiduque Alberto, que servia às semanas com Francisco de Sousa Mancias, e teve a merce de Porteiro môr por morte de Christovaõ de Mello: e pelo seu casamento andou em demanda sobre succeder no morgado do segundo Affonso de Albuquerque, com o Senhor da Casa de Villa Verde, a quem se sentenciou. ElRey D. Sebastiaõ lhe deu a Commenda de S. Martinho da Amoreira, na Ordem de Christo, pelos serviços, que lhe tinha feito em Africa.

Casou com D. Maria de Mendoça e Albuquerque, filha e que veyo a ser herdeira por morte de seus irmãos,

irmãos de Manoel Telles Barreto, Commendador de Aveiro na Ordem de Aviz, Vereador de Lisboa, e Gorvernador do Brasil, onde morreo; e de sua mulher D. Joanna da Sylva, (segunda neta de Fernaõ de Albuquerque) filha de Pedro Barreto, Commendador de Almada na Ordem de Santiago, que era filho de Jorge Barreto, Commendador de Castro Verde da Ordem de Santiago, e de D. Joanna da Sylva, filha de Fernaõ de Albuquerque IV. Senhor de Villa-Verde: e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes. = D. JORGE MANOEL DE ALBUQUERQUE, com quem se continúa. = D. LOURENÇO MANOEL, que morreo sem geraçaõ. = D. ANTONIA DE MENDOÇA adiante.

* 14 D. ANTONIA DE MENDOÇA casou com Pedro de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, Commendador de Santiago de Cassem, hum dos principaes Acclamadores delRey D. Joaõ o IV. a quem servio algum tempo de Guarda môr da sua pessoa, que lhe deo a Commenda de Villa-Franca, que fora da Casa de Villa-Real, e foy sua segunda mulher, de quem teve os filhos seguintes. = LUIZ DE MENDOÇA, que servio na Provincia de Alentejo com reputaçaõ, passou quatro vezes à India, duas por Capitaõ môr das Armadas, e a terceira por General dos Galleões de alto bordo, na regencia da Rainha D. Luiza, e governou o Estado por successaõ; e no anno de 1668. voltou ao Reyno, e foy mandado por Vice-Rey da India, e foy o trigesimo setimo,

ſetimo, que teve eſte titulo. ElRey D. Pedro II. ſendo Regente o creou entaõ Conde de Lavradio, e lhe deu a Commenda de Beringel, pelos ſeus ſerviços; e entrando em Goa no anno de 1671, governou aquelle Eſtado ſete annos, e vinte dias, e embarcando para o Reyno, morreo na Bahia no anno de 1677, ſem ter caſado, nem deixar ſucceſſaõ, por ſe dizer delle, que fora caſto. A ſua fazenda deixou repartida em legados pios, e grande parte à Miſericordia de Lisboa, onde ſe continúa em dotes annuaes a ſua diſpoſiçaõ, e o remaneſcente deixou a ſeus irmãos. ⵈ JERONYMO DE MENDOÇA, Cavalleiro de Malta, naõ profeſſou: ſervio na guerra de Alentejo, e foy Capitaõ de Cavallos, e Meſtre de Campo de hum Terço da Guarniçaõ de Lisboa, o qual largou, e ſe achou como particular na batalha do Canal, de que foy mandado com a nova a ElRey D. Affonſo VI. que lhe deo o governo de Pernambuco; porém neſte ſe houve de ſorte, que amotinado o povo, veyo prezo para Lisboa, e da prizaõ fogio para Caſtella; e voltando ao Reyno, foy culpado em crime de leſa Mageſtade contra ElRey D. Pedro, entaõ Regente: pelo que foy ſentenciado à morte, e confiſcaçaõ dos bens, e perdoandolhe a piedade do Principe a perda da vida, foy degradado toda a vida para a India, onde morreo. ⵈ JOAÕ DE MENDOÇA, que foy Religioſo da Ordem de S. Bernardo. ⵈ NUNO DE MENDOÇA, foy Conego em Evora *in minoribus*, e fazendo huma entrada em Caſtella

no tempo da guerra, foy prizioneiro, e restituido na paz; renunciou a Conesia para succeder na Casa, e fazenda, que lhe deixou seu irmaõ o primeiro Conde de Lavradio. Casou com D. Magdalena de Tavora, Dama do Paço, viuva de D. Joaõ de Castello-branco, a quem ElRey fez merce do titulo de Conde de Redondo, em successaõ a seu primo com irmaõ D. Joaõ de Castello-branco, VII. Conde de Redondo, e em attençaõ ao despacho de sua mulher ter sido Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya; porém naõ chegou a cobrirse, por seu pay se lhe oppor, e embargar a merce, dizendo lhe pertencia. Era filha de Antonio de Mendoça, Commendador de Avanca, e de D. Filippa de Tavora sua mulher, filha de D. Joaõ de Menezes, Commendador da Vallada, e de sua segunda mulher D. Magdalena de Tavora, filha do Reposteiro môr Ruy Pires de Tavora, e naõ tiveraõ geraçaõ.

16 D. MARIA JOSEFA DE MENDOÇA, irmãa do Conde de Lavradio, foy Dama da Rainha D. Luiza, casou com Pedro Guedes de Miranda X. Senhor de Murça, Brunhaes, Agua Revés, e Torre de Donachama, Commendador das Commendas de Cabeço de Vide, Alter Poderoso, do Hospital, e Granja na Ordem de Aviz, Estribeiro môr delRey D. Joaõ IV. de quem teve os filhos seguintes. = JOAÕ GUEDES DE MIRANDA, que morreo de dez annos. = LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES, com quem se continúa = D. ANTONIA DE MENDOÇA,

Frei-

Freira no Mosteiro de Salvador de Lisboa, da Ordem de S. Domingos. ⩶ D. JOANNA DE MENDOÇA casou com D. Antonio Joseph de Mello adiante. ⩶ LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES foy Senhor de Murça, e teve as Commendas de seu pay; foy hum Fidalgo de notaveis paradoxos, que degeneravaõ em loucuras: pelo que esteve prezo diversas vezes. Casou com D. Maria de Ataide, Dama da Rainha D. Luiza, filha de Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado; e a sua ilustre successaõ deixamos escrita no Liv. X. Capitulo IV. pag. 687 do Tom. X.

* 17 D. JOANNA, irmãa de Luiz Guedes, casou em o 1 de Dezembro de 1672 com D. Antonio Joseph de Mello, filho de D. Pedro Joseph de Mello Homem, Governador do Maranhaõ, e de D. Maria de Mendoça sua mulher, irmaõ de D. Joaõ de Mello, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Prelado muy exemplar, e que acabou com opiniaõ de virtuoso; e tiveraõ a ⩶ D. PEDRO JOSEPH ANTONIO DE MELLO HOMEM, Vedor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e casou com D. Maria Antonia de Borbon: a sua successaõ deixamos referida no Livro X. Capitulo XIV. pag. 858 do Tom. X. a que só ajuntaremos, que D. Marianna Josefa de Borbon, Dama do Paço, sua filha, casou com D. Miguel de Mello Abreu Soares e Vasconcellos, seu primo segundo, e a ⩶ D. MARIA DE TAVORA, Freira na Encarnaçaõ de Lisboa.

* 18 D. MAGDALENA LUIZA DE MENDOÇA, filha de D. Antonio Joseph, casou a 3 de Julho de 1690 com D. Antonio Estevaõ da Costa, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, que nascendo a 25 de Dezembro de 1671, faleceo em Janeiro de 1724; filho de D. Luiz da Costa, Tenente General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, onde servio na guerra com valor, e reputaçaõ, como escreve o Conde da Ericeira no Portugal Restaurado, achando-se em muitas occasiões de credito; depois foy hum dos Vereadores de Lisboa, no tempo em que serviaõ Fidalgos de qualidade, e morreo a 5 de Dezembro de 1681; e de sua mulher D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Pedro da Costa, Armeiro mór, e Commendador de S. Vincente da Beira: e tiveraõ os filhos seguintes. ⵌ D. LUIZ DA COSTA nasceo a 7 de Setembro de 1691, e morreo em 13 de Julho de 1693. ⵌ D. ANTONIO DA COSTA nasceo em 5 de Mayo de 1693; e morreo a 5 de Novembro de 1697. ⵌ D. JOSEPH DA COSTA nasceo a 22 de Julho, do anno de 1694, com quem se continúa. ⵌ D. JOANNA JOSEFA DE MENDOÇA nasceo a 13 de Agosto de 1695, he Reliosa no Mosteiro da Conceiçaõ na Luz. ⵌ D. LUIZ DA COSTA nasceo em o 1 de Dezembro de 1699; morreo no anno seguinte a 23 de Abril. ⵌ D. PEDRO JOSEPH DA COSTA nasceo em 30 de Dezembro de 1697, he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⵌ D. MANOEL JOSEPH

DA

da Costa nasceo a 2 de Abril de 1694; morreo a 8 de Julho de 1701. ⩵ D. João Joseph da Costa e Mendoça nasceo em 21 de Julho de 1700; he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⩵ D. Maria Josefa de Noronha nasceo em 25 de Fevereiro de 1702, Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa da Ordem de S. Domingos. ⩵ D. Francisco da Costa nasceo em 22 de Agosto de 1703, Religioso Professo da Ordem de S. Jeronymo. ⩵ D. Rodrigo da Costa nasceo em 17 de Novembro de 1704, Religioso da Ordem de Cister. ⩵ D. Martinho da Costa nasceo em 11 de Novembro de 1706, Religioso tambem de Cister. ⩵ D. Violante de Noronha nasceo em 7 de Novembro de 1707, Religiosa no Mosteiro da Conceição da Luz. ⩵ D. Theresa de Mendoça nasceo em 23 de Mayo de 1709; morreo de tenra idade. ⩵ D. Luiza de Mendoça e D. Catharina de Mendoça, que ambas nascerão da hum parto, em 14 de Setembro de 1711, Religiosas no Mosteiro do Sacramento de Lisboa. ⩵ D. Marianna Josefa de Mendoça nasceo em 6 de Janeiro de 1714, Religiosa no dito Mosteiro. ⩵ D. Isabel de Mendoça nasceo o 1 de Março de 1715, morreo menina. ⩵ D. Antonio Joseph da Costa e D. Simaõ nascerão gemeos a 28 de Outubro de 1717, o qual viveo pouco tempo; e D. Antonio passou a servir a India, e lá casou com sua parenta D. Antonia Rosa de Mello, filha de D. Christovaõ

de

de Mello, que foy Védor da Fazenda da India, e Governador do Estado; e de sua mulher D. . . . . e tiveraõ D. ANTONIO DA COSTA, que nasceo a 23 de Novembro de 1734 na Cidade de Goa.

* 19 D. JOSEPH DA COSTA nasceo em 22 de Julho de 1694: succedeo nos Morgados, e Casa de seu pay; he Armeiro mòr, e Commendador de S. Vicente da Beira, na Ordem de Aviz.

Casou em 24 de Outubro com D. Maria de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de D. Thomás de Noronha, V. Conde dos Arcos, e da Condessa D. Magdalena Bruna de Castro, e até ao presente naõ tem successaõ.

Teve D. Jeronymo Manoel illegitimos.

14 D. JORGE MANOEL, que foy Religioso da Ordem de S. Domingos, e D. JERONYMO MANOEL, que servio na India, e foy Capitaõ de Dio, e vindo para o Reyno se perdeo na Nào de Bartholomeu de Vasconcellos, e lá casou com D. N. . . . . . filha de Lourenço Carvalho, Cidadaõ de Goa, sogro de Manoel Corte Real, de quem teve D. JERONYMO MANOEL, de quem naõ sabemos successaõ, e a D. MARIA MANOEL DE ALBUQUERQUE, que casou com Fernaõ Martins Mascarenhas, e já o tinha sido com Manoel de Mello.

* 14 D. JORGE MANOEL DE ALBUQUERQUE, filho primeiro de D. Jeronymo Manoel, succedeo na Casa, e foy Commendador de S. Mamede de Taviscoso na Ordem de Christo, e por sua mãy teve o mor-

morgado dos Albuquerques, de que he cabeça huma grande Quinta em Azeitaõ. Servio a Commenda em Tanger no tempo, que governou esta Praça D. Fernando Mascarenhas, depois I. Conde da Torre, que começou a governar em 18 de Junho de 1628, e entre as occasiões, que no seu tempo houve, foy huma em dia de S. Gonçalo, em que com formidavel poder os Mouros a combateraõ. Nesta occasiaõ se achou D. Jorge Manoel, e desempenhou as obrigações de seu sangue; porque metendo-se entre os Mouros, e fazendo nelles estrago, lhe cahio morto o cavallo, e saltando delle pelejou com o traçado, até que foy soccorrido por hum Cavalleiro chamado Christovaõ da Fonseca, que o obrigou a sobir no seu cavallo, com que livrou do perigo, chegando a risco de se perder. Era de genio inquieto, e revoltoso, e naõ lizo nos seus procedimentos: pelo que tendo commettido alguns crimes, foy degradado para a Praça de Mazagaõ, donde tambem o Governador D. Gonçalo Coutinho o prendeo: mas nas occasiões, que no seu tempo houve com os inimigos, se achou D. Jorge Manoel, como refere D. Gonçalo Coutinho, no livro que escreveo do tempo, que governou esta Praça. No anno de 1640, quando se executou felizmente a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. se achava em Madrid; ElRey D. Filippe lhe deo o titulo de Conde de Lavradio, merce, que se lhe naõ guardou, por ser feita em tempo, que naõ devia. Voltando depois ao Reyno, e com o desgosto

Conde da Eric. *Hist. de Tanger*, liv. 3.

gosto de naõ se lhe cumprir, viveo retirado na sua Quinta de Azeitaõ. Casou com D. Theresa Maria Coutinho, filha de D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India, e da Condessa D. Leonor Coutinho sua segunda mulher, como se disse no Livro X. Capitulo IV. pag. 566 do Tomo X. e deste matrimonio nasceraõ D. JERONYMO MANOEL DE ALBUQUERQUE morreo sem geraçaõ. = D. FRANCISCO MANOEL DE ALBUQUERQUE, que succedeo na Casa, e morgados de seu pay: servio na Provincia de Alentejo, e se achou na restauraçaõ de Evora. Depois passou à India no anno de 1666, em companhia do Vice-Rey Joaõ Nunes da Cunha I. Conde de S. Vicente, e morreo naquelle Estado em breve tempo, sem ter casado, nem deixar successaõ.

Teve fóra do matrimonio a D. MARIA DE ALBUQUERQUE, Freira em Odivellas.

* 15 D. MARIA DE ARAGAÕ, filha de D. Jorge Manoel, como fica dito, casou com D. Henrique Henriques, IV. Senhor das Alcaçovas, e foy sua segunda mulher, e tiveraõ os filhos seguintes: D. JORGE HENRIQUES, adiante. = D. PEDRO HENRIQUES. = D. LEAÕ HENRIQUES, que tomou a Roupeta, e foy Religioso de grande virtude, e letras, e delle faz mençaõ entre os Varões illustres de Santidade o Agiologio Lusitano a 8 de Abril. = D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, que casou duas vezes, a primeira com Lourenço de Brito, filho de Luiz

Luiz de Brito, e neto de Gaspar de Brito, Trinchante delRey D. Manoel, e tiveraõ a LUIZ DE BRITO, que acabou infelizmente na India, sendo degolado pela entrega de Ormuz: e a D. GUIOMAR MANOEL, que casou com Simaõ Guedes IX. Senhor de Murça, que faleceo no anno de 1619, sem deixar succeslaõ. Casou segunda vez com Manoel Correa de Lacerda, e tiveraõ

* 16 FRANCISCO CORREA DE LACERDA, que herdou o morgado de seu pay, e faleceo a 27 de Fevereiro de 1682, havendo casado com D. Isabel Maria de Castro, filha de Antonio Gonçalves da Camera, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Castro; e era neta de Pedro Gonçalves da Camera, Caçador môr delRey D. Sebastiaõ, e Commendador de Bobadella na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Lourença de Faria, filha de Balthazar de Faria, Almotacé môr, como diremos adiante; e tiveraõ os filhos seguintes: MANOEL CORREA DELACERDA, que casou com D. Luiza de Portugal, e naõ Maria, que faleceo em Abril de 1707, cuja successaõ fica referida a pag. 854 do Tomo. X. ⁐ JOAÕ CORREA DE LACERDA, adiante. ⁐ HENRIQUE CORREA DE LACERDA, que servio na India, e lá casou com D. Margarida de Moraes, filha de Francisco de Sousa Falcaõ, Secretario do Estado, e de D. Branca de Moraes, de quem naõ teve successaõ. ⁐ ANTONIO GONÇALVES DA CAMERA, de quem naõ sabe-

mos geraçaõ. ⁒ D. Francisca de Aragaõ, filha de Franciſco Correa, caſou com Pedro de Souſa de Brito, de quem teve a Manoel Antonio de Sousa e Brito, e a Francisco de Sousa da Camera, adiante. ⁒ Manoel Antonio de Sousa e Brito, foy Alcaide môr de Arrayollos, Commendador de Santa Maria de Antime, e de Santa Maria de Rio frio de Carragoſa, e ſuas annexas na Comarca de Braga, e de Santa Eulalia da Palmeira de Faro, todas na Ordem de Chriſto, Donatario da Aldea de Redemoinhos no termo de Eſtremoz, Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, e Procurador da Cidade de Braga nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa no anno de 1697. Caſou na dita Cidade com D. Joanna Carrilho, de quem teve Pedro Antonio de Sousa, que morreo moço. ⁒ Thome Jeseph de Sousa, adiante. ⁒ Antonio Xavier de Sousa. ⁒ D. Ignez, Freira no Salvador de Braga. ⁒ Thome Joseph de Sousa eſtava deſtinado para a Igreja, e foy Arcediago de Penella, na Sé de Coimbra, e teve outros beneficios, que largou por ſucceder na ſua Caſa, pela morte de ſeu irmaõ, e he Commendador de Santa Maria de Antime, e de Santa Marinha de Rio frio de Carragoſa na Ordem de Chriſto, e Senhor da Aldea de Redemoinhos no termo de Eſtremoz. Caſou a 26 de Mayo de 1728, com D. Maria Proſpera de Menezes, filha de D. Franciſco Furtado de Mendoça, como ſe dirá no Capitulo IV. e tem

tem até o preſente: MANOEL ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES naſceo no anno de 1730. ⩩ FRANCISCO DE SOUSA PEREIRA DE MENEZES naſceo no anno de 1732, Porcioniſta no Collegio da Purificaçaõ de Evora. ⩩ ANTONIO DE SOUSA naſceo no anno de 1740, faleceo de tenra idade. ⩩ D. JOANNA VIOLANTE DE MENEZES naſceo no anno de 1734, recolhida em Santa Clara de Coimbra. ⩩ D. IGNEZ DE TAVORA DE MENEZES naſceo no anno de 1736. ⩩ D. MARIANNA CONSTANÇA DE MENEZES naſceo no anno de 1737. ⩩ PEDRO DE SOUSA, e D. ISABEL morreraõ de curta idade. ⩩ JOSEPH DE SOUSA DE BRITO DE MENEZES. ⩩ LUIZ DE SOUSA DE MENEZES naſceo no anno de 1741. ⩩ JOACHIM DE SOUSA DE MENEZES naſceo no anno de 1742. ⩩ JOAÕ DE SOUSA DE BRITO DE MENEZES naſceo no anno de 1744. ⩩ FRANCISCO DE SOUSA DA CAMERA, filho ſegundo de Pedro de Souſa de Brito, que caſou com D. Maria Antonia de Lemos, filha de Manoel de Andrade de Brito, Alcaide mór de Portel, e de D. Margarida de Lemos de Caſtellobranco, de quem teve os filhos ſeguintes: XAVIER PEDRO DE SOUSA, que caſou em Portalegre. ⩩ MANOEL DE ANDRADE E BRITO PEREIRA caſou no Reyno do Algarve com D. Ignez de Alaras Pimentel, irmãa de ſeu cunhado D. Pedro de Alaras, e morreo no anno de 1744 ſem ſucceſſaõ. ⩩ JOAÕ FRANCISCO DE SOUSA DA CAMERA. ⩩ D. ANTONIA LUIZA FRAN-

CISCA DE ARAGAÕ, ſem eſtado. = D. FRANCISCA XAVIER CAETANA DE ARAGAÕ E CASTRO caſou com D. Pedro Alaras da Fonſeca Pimentel, Fidalgo da Caſa Real, e Cavalleiro da Ordem de Chriſto, de quem naõ teve ſucceſſaõ; filho de Sebaſtiaõ da Fonſeca Pimentel, meyo irmaõ de Luiz da Franca Pimentel, Deſembargador dos Aggravos, e Miniſtro de grande inteireza, e eſtimaçaõ, deſcendente das mais nobres do Reyno do Algarve, mas naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

17 D. MARIA ANTONIA DE CASTRO caſou com Reymaõ Pereira de Lacerda, Senhor do Morgado de Baleizaõ no termo de Béja, e tiveraõ D. MARIA, e D. LEONOR, das quaes naõ ſabemos eſtado. = RUY DIAS PEREIRA, adiante. = NUNO PEREIRA FREIRE, com quem ſe continúa, e GOMES FREIRE. = RUY DIAS PEREIRA DE LACERDA caſou com ſua prima com irmãa D. Iſabel Brazia de Portugal, filha de Manoel Correa de Lacerda, e de D. Luiza de Portugal, naõ tiveraõ ſucceſſaõ. = NUNO PEREIRA FREIRE caſou com D. Brites Joſefa de Brito Godins, filha de Ruy de Brito Godins, e de D. Margarida Palha Leitaõ, e tiveraõ REYMAÕ PEREIRA, que morreo de curta idade. = D. MARGARIDA ANTONIA PEREIRA DE LACERDA, adiante, e D. ISABEL BRAZIA DE CASTRO COUTINHO, recolhida no Moſteiro da Conceiçaõ de Béja. = D. MARGARIDA ANTONIA PEREIRA DE LACERDA, por morte

te de seu tio Ruy Dias Pereira, herdou o morgado de Baleizaõ, e casou com Joaõ Grein de Monseclard, Francez, natural de Leaõ, filho de Claudio Grein de Monseclard, Thesoureiro Geral da dita Cidade, e tem a NUNO ANTONIO PEREIRA DE LACERDA. CLAUDIO GREIN DE MONSECLARD, e D. BRITES MARIA DE BRITO.

17 D. ANTONIA IGNACIA COUTINHO DE CASTRO, foy terceira mulher de Francisco Freire de Andrade, que servio com grande valor, e distincçaõ na guerra da Acclamaçaõ: foy Almirante, e General da Armada da Companhia do Commercio, em que embarcou muitas vezes para o Brasil, e restauraçaõ de Pernambuco, e teve varios combates com os Hollandezes, em que conseguio reputaçaõ. Teve o governo das Armas da Beira, em que conseguio ventajosos successos às nossas armas. Depois teve o governo das Armas da Provincia de Tras os Montes, e ultimamente foy Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, e do Conselho de Guerra, e tiveraõ os filhos, que se seguem JOSEPH GASPAR FREIRE DE ANDRADE E SOUSA, Capitaõ de Infantaria, casou a 30 de Dezembro de 1702, com D. Joanna Coutinho de Noronha filha de D. Marcos de Noronha, Mestre Sala da Casa Real, e faleceo moço sem successaõ. = BERNARDO FREIRE, com quem se continúa. = D. MARIA MAGDALENA FREIRE DE CASTRO, mulher de Christovaõ Correa Freire, adiante. = D. JOANNA

NA LUIZA DE CASTRO, recolhida no Mosteiro das Commendadeiras de Santos. = BERNARDO FREIRE DE ANDRADE E SOUSA, por morte de seu irmaõ succedeo nos morgados da Casa de seu pay; servio na Marinha, foy Capitaõ de Mar, e Guerra, e Coronel do mar, Commendador de S. Joaõ de Couceiro, na Comarca de Viana, e de S. Miguel de Caparrosa na de Vizeu, na Ordem de Christo. Faleceo em Abril de 1743, tendo casado duas vezes, a primeira no anno de 1698, com D. Francisca Ignacia de Noronha, que faleceo a 5 de Fevereiro de 1730, filha herdeira de D. Marcos de Noronha, Mestre Sala da Casa Real, Governador de Mazagaõ, do Conselho delRey, Deputado da Junta dos Tres Estados, e ultimamente Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, e de sua mulher D. Isabel Coutinho; porém deste matrimonio naõ teve successaõ; e casou segunda vez com D. Antonia Rosa de Castro sua sobrinha, filha de Christovaõ Correa Freire, e de sua irmãa D. Maria Magdalena Freire, de quem tambem naõ teve successaõ. = D. MARIA MAGDALENA FREIRE DE CASTRO casou no anno de 1701 com seu primo Christovaõ Correa Freire, General de Batalha, Gonernador das Praças de Estremoz, e Peniche, donde faleceo, e teve D. JOACHINA ISABEL FREIRE DE CASTRO, que nasceo a 3 de Outubro de 1706, e casou a 8 de Julho de 1722, com Jeronymo de Castilho, como diremos no Capit. XXIV. §. II. do Livro XIII. = D. ANTONIA ROSA DE

CAS-

CASTRO, que nasceo a 23 de Setembro de 1708, e casou com seu tio Bernardo Freire, como acima se disse. = D. ANNA DE CASTRO, que nasceo a 11 de Agosto de 1713.

* 17 JOAÕ CORREA DE LACERDA, servio na guerra, foy Capitaõ de Cavallos, e depois Mestre de Campo, e ultimamente Governador do Castello de Outaõ na Praça de Setuval. Casou com D. Luiza Fontoura Carneiro, Açafata da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Diogo Carneiro Fontoura, Porteiro da Camera delRey D. Pedro II. e de D. Catharina Fontoura sua mulher, e prima, e teve a D. ISABEL DE CASTRO, que casou primeira vez em 30 de Agsto de 1704, com seu primo com irmaõ Luiz Francisco Correa de Lacerda, e a sua successaõ fica escrita, a pag. 835 do Tom. X. Casou segunda vez com D. Rodrigo de Lencastre, como se disse no Capitulo XX. do Liv. XI. donde se póde ver a sua descendencia. = D. FRANCISCA DE CASTRO nasceo a 10 de Dezembro, de 1689, esteve recolhida no Mosteiro de Santos, e casou com D. Francisco Estevaõ Xavier da Camera, como dissemos a pag. 585 do Tom. X. e D. CATHARINA, que nasceo a 15 de Dezembro de 1690, e faleceo sem estado.

* 15 D. JORGE HENRIQUES, filho de D. Henrique Henriques, e de D. Maria de Aragaõ, succedeo a seu pay, e foy V. Senhor das Alcaçovas, por morte de seu meyo irmaõ D. Joaõ Henriques. Casou

duas

duas vezes, a primeira com D. Catharina Brandoa, filha de Antonio Velho Tinouco, Governador de Cabo-Verde, Commendador da Conceiçaõ de Lisboa na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Valentina Brandoa; e a segunda com D. Maria de Menezes, filha de D. Alvaro da Sylveira, e de sua mulher D. Brites Mexia, de quem naõ teve geraçaõ: e de sua primeira mulher teve a D. Henrique Henriques, com quem se continúa. ⩵ D. Valentina, Freira em o Mosteiro de Sacavem da primeira Regra de Santa Clara. ⩵ D. Anna, na Madre de Deos de Lisboa, tambem da primeira Regra de Santa Clara. ⩵ D. Henrique Henriques, foy VI. Senhor das Alçovas, casou com D. Maria Luiza Pereira de Menezes e Faria, filha de Braz Pereira de Miranda, e de D. Juliana de Menezes sua mulher, e tiveraõ D. Jorge Henriques, VII. Senhor das Alcaçovas, que casou com D. Magdalena de Borbon, e a sua descendencia fica escrita a pag. 855 do Tom. X. ⩵ D. Juliana Henriques, que morreo moça. ⩵ D. Antonia Caetana Henriques, recolhida na Encarnaçaõ de Lisboa, onde morreo a 16 de Abril de 1738. ⩵ D. Valentina Henriques, Freira no dito Mosteiro.

§. III.

13 D. Leonor de Milá, primeira filha de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leo-

Leonor de Milà sua primeira mulher. Casou com Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro, e Védor da Fazenda do Reyno do Algarve, filho de Ruy Barreto, Alcaide môr de Faro, e Védor da Fazenda do Algarve, Senhor da Quarteira, irmaõ de D. Isabel de Mello Barreto, mãy de D. Leonor de Castro, Marqueza de Lombay, mulher do Marquez D. Francisco de Borja, IV. Duque de Gandia, e III. Geral da Companhia, a quem a Igreja venera Santo com gloriosa, e esclarecida posteridade; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: * 14 RUY BARRETO, com quem se continúa. = GONÇALO NUNES BARRETO, que foy Alcaide môr de Loulé, e Commendador de Mejaõ-Frio na Ordem de Christo, Senhor do Morgado da Quarteira; acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ a Africa, e morreo na batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1578. Casou com D. Margarida de Mendoça, filha de D. Francisco de Sousa, Senhor das Quintas de Calhariz, e Monfalim, e de D. Brites de Mendoça, filha herdeira de Francisco de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, Capitaõ de Ormuz, e de sua mulher D. Leonor de Almeida, que depois foy mulher de D. Rodrigo de Mello, I. Marquez de Ferreira, e filha do grande D. Francisco de Almeida, I. Vice-Rey da India; e tiveraõ NUNO RODRIGUES BARRETO, que sendo moço mataraõ em Madrid sem ter casado. = D. BRITES DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Margarida de Austria: foy muy discreta; naõ casou, e costumava dizer, que

o naõ fazia por naõ ter ſofrimento para ſofrer hum homem. Fundou duas Cellas com renda para dous Monges nos Cartuxos de Laveiras. ⩵ D. LEONOR, Freira em Santa Clara de Coimbra. ⩵ FRANCISCO BARRETO morreo na batalha de Alcacer em Africa no anno de 1578, ſendo muy moço, e de grandes eſperanças. ⩵ D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Catharina, que caſou com D. Joaõ de Borja, como ſe verá adiante. ⩵ D. JOANNA DE ARAGAÕ caſou com Joaõ de Mendoça, e a ſua ſucceſſaõ ſe dirá adiante. ⩵ D. BRITES DE ARAGAÕ, que foy ſegunda mulher de Ayres Telles de Menezes, que na India foy Capitaõ de Dio, e ſe achou depois na batalha de Alcacer com ElRey D. Sebaſtiaõ no anno de 1578, onde foy cativo, e pouco depois de reſgatado, morreo; e era filho de André Telles da Sylva, Alcaide môr da Covilhãa, Mordomo môr do Infante D. Luiz, Commendador na Ordem de Chriſto, Embaixador em Caſtella, e de D. Brites Coutinho, filha de Ruy Dias de Souſa, chamado o Cid, Commendador, e Capitaõ General de Alcacer Seguer; porém deſte matrimonio naõ houve ſucceſſaõ.

Caſa de Sylva, tom. 2. liv. 9. cap. 25. pag. 394.

⩵ D. BRANCA DE VILHENA caſou com D. Joaõ de Caſtello-Branco, e a ſua deſcendencia ſe verá adiante. ⩵ D. MARIA DE ARAGAÕ caſou com D. Joaõ da Coſta, Commendador da Ordem de Aviz, e Padroeiro do Collegio de Santo Antaõ, da Ordem de Santo Agoſtinho, de quem foy terceira mulher, e naõ houveraõ ſucceſſaõ. ⩵ D. JERONYMA DE ARAGAÕ caſou

caſou com ſeu primo com irmaõ Ruy Barreto, Commendador de Rodaõ na Ordem de Chriſto, de quem foy ſegunda mulher ſem ſucceſſaõ.

* 14 Ruy Barreto foy Alcaide môr de Faro, Senhor da Quarteira. Caſou com D. Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Capitaõ de Tangere, onde foy morto em hum combate com os Mouros, e de D. Branca de Vilhena ſua mulher, e prima, filha de ſeu tio D. Henrique de Menezes, Capitaõ de Tangere, Governador da Caſa do Civel, irmaõ de ſeu pay D. Duarte de Menezes, Senhor da Caſa de Tarouca, Capitaõ de Tangere, e V. Governador da India, filhos de Dom Joaõ de Menezes, I. Conde de Tarouca, e Prior do Crato, &c. e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes: Nuno Rodrigues Barreto ſuccedeo na Caſa de ſeu pay: foy Alcaide mòr de Faro, e Senhor do Morgado da Quarteira; e por ſer de pouco juizo, paſſou o Morgado a ſeu irmaõ: naõ caſou, nem teve filhos. = D. Branca de Vilhena, que morreo ſem eſtado. = Francisco Barreto foy Senhor do Morgado da Quarteira, e da mais Caſa de ſeus avós, em que ſuccedeo a ſeu irmaõ. Quando ſeu primo Dom Fernando de Borja paſſou por Vice-Rey de Perú, foy na ſua companhia, e naquelle Reyno foy Governador de Calhao: naõ caſou, e teve de huma mulher principal natural da Nova Eſpanha a

16 Francisco Barreto de Menezes, Commendador na Ordem de Chriſto, e de huma das da

Casa da India nos Direitos da Avintena de Sofala, que depois de ter servido na guerra de Alentejo, foy por Mestre de Campo General ao Estado do Brasil, e restaurou a Capitanîa de Pernambuco do poder dos Hollandezes, de quem alcançou gloriosas vitorias, lançando-os fóra daquella Capitanîa no anno de 1649. Estes relevantes serviços tiveraõ por despacho, entre outras merces, a do titulo de Conde, que se verificou em sua filha. Foy do Conselho de Guerra, e Presidente da Junta do Commercio: morreo a 24 de Janeiro de 1688. Casou duas vezes; a primeira em 13 de Julho de 1665 com D. Maria Francisca de Sá, viuva de D. Antonio de Castro, Senhor da Casa de Basto: foy Senhora de Honor da Rainha D. Luiza, e filha de D. Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, &c. e da Condessa D. Brites de Lima sua segunda mulher, filha de D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas; a qual era viuva de Nuno Alvares Botelho, Governador da India, de quem teve

Portugal Restaurado, tom 1.
Castrioto Lusitano.
Historia da America, liv. 5. pag. 322. e 333.

17 D. ANTONIA MARIA FRANCISCA BARRETO DE SA', que foy Senhora da Casa de seu pay, I. Condessa do Rio Grande, Senhora em quem concorreraõ grandes virtudes, e gravidade; porque mereceo respeito, e estimaçaõ entre as mesmas Senhoras de seu tempo. Casou em Outubro de 1684 com Lopo Furtado de Mendoça, Commendador de Loulé, e por sua mulher Conde do Rio Grande. Começou a servir desde a idade de treze annos na Praça de Mazagaõ, que governava seu tio Christovaõ de Almada com

com tanto fervor, que do seu destemido animo deu naquella Praça repetidas provas com grande louvor dos Cavalleiros exercitados naquelle modo de guerra com os Mouros. Depois continuando o serviço na paz, foy Mestre de Campo dos Terços do Algarve, Setuval, e do da Armada Real, com que embarcou muitas vezes nas Armadas, com que sahia a guardar a Costa; e ultimamente Almirante da Armada Real, feito no anno de 1702. Rota a guerra com Castella no anno de 1704, naõ sofrendo o animo do Conde deixar de se achar na Campanha, aonde as occasiões eraõ infalliveis, e no mar naõ tinha exercicio pela graduaçaõ do seu posto, alcançou licença delRey D. Pedro II. para servir na terra; e para ter exercicio na Campanha lhe deu o posto de General de Batalha na Provincia de Alentejo, retendo o de Almirante: servio na guerra, e achando-se em occasiões de honra, em que o seu valor se distinguio, foy depois nomeado Conselheiro de Guerra. No anno de 1716, em que ElRey D. Joaõ V. movido das instancias do Papa Clemente XI. mandou em soccorro da Igreja huma Esquadra ao Levante, embarcou o Conde do Rio por General da Esquadra, como Almirante da Armada Real; mas quando chegou àquelles mares, já se tinha retirado a Armada do Turco; porém no seguinte anno de 1717 tornou a mesma Esquadra, e combatendo com a Armada do Turco com grande fortuna no Cabo de Matapan, conseguio o Conde naõ menos gloria pela disposiçaõ com que ordenou

o

o combate da sua Esquadra, do que pelo valor com que a sua náo peleijou com grande reputaçaõ das nossas Armas, e perda dos Turcos, como dissemos no Capitulo VI. do Livro VI. O Papa por hum Breve lhe agradeceo com muitas expressoens o que havia obrado em serviço da Igreja. Recolhido o Conde a Lisboa com a sua Esquadra inteira, em que se viaõ os sinaes da peleija, e da vitoria, ElRey o honrou muito, como merecia huma taõ sinalada occasiaõ, e lhe fez merce por gratificaçaõ da Commenda de Borba da Ordem de Aviz. Havia servido o Conde alguns annos de Capitaõ da Guarda de S. Magestade na menoridade de D. Luiz Innocencio de Castro, naõ havendo tempo, em que naõ se empregasse em o serviço da Coroa com grande reputaçaõ sempre. Faleceo a 20 de Novembro de 1730. Mandou-se sepultar por devoçaõ na Igreja das Chagas. Foy o Conde sobre valeroso, muito bizarro, desembaraçado, e galante; muy aceito, e favorecido delRey D. Pedro II. que o estimou muito, sendo hum dos Senhores da sua confiança. Havia nascido no anno de 1661, e a 7 de Fevereiro se lhe puzeraõ os Santos Oleos na Freguesia de Santa Catharina, como se vê no livro dos assentos dos bautizados. Deste matrimonio foy unico

18 JOSEPH ANTONIO BARRETO FURTADO DE MENDOÇA E MENEZES, que nasceo em o anno de 1688; e sentando Praça no Regimento da Armada, foy Capitaõ de Infantaria, e depois de Cavallos na

Pro-

Provincia de Alentejo, posto com que servio na guerra juntamente com seu pay, a quem começando a seguir no ardor Militar, morreo na flor da idade em 2 de Agosto de 1707. Casou segunda vez Francisco Barreto de Menezes com D. Margarida Juliana de Tavora, que ficando viuva, foy mulher de Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, filha de Francisco Botelho de Tavora, I. Conde de S. Miguel, e de sua mulher D. Cecilia de Tavora, de quem teve entre outros filhos, que morreraõ de curta idade a 17 D. CECILIA DE MENEZES, que com heroica resoluçaõ deixando a Casa de seus pays, foy pedir o Habito das Descalças da Madre de Deos da primeira Regra de Santa Clara, e foy Abbadessa daquelle Real Mosteiro. 17 D. THERESA, recolhida no Mosteiro da Encarnaçaõ de Lisboa, onde faleceo; e D. ISABEL, que tambem faleceo sem Estado.

* 14 D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Catharina, e primeira filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Loulé, e de D. Margarida de Mendoça sua mulher; casou com D. Joaõ de Borja, de quem foy segunda mulher, Conde de Ficalho em Portugal, que foy Védor da Fazenda, Commendador de Azuaga, e Treze da Ordem de Santiago em Hespanha, Embaixador a Alemanha, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Emperatriz Maria, mulher do Emperador Maximiliano II. e da Rainha D. Maria, mulher delRey Filippe III. de Castella. Era segundo filho de S. Francisco de Borja, Preposito

ſito Geral da eſclarecida Companhia de JESUS, Duque de Gandia, Marquez de Lombay, Commendador de la Reyna, Vice-Rey de Catalunha, Eſtribeiro mòr da Emperatriz D. Iſabel; e morrendo no primeiro de Outubro de 1572, foy beatificado pelo Papa Urbano VIII. a 24 de Novembro de 1624, e depois canonizado por Clemente X. em 12 de Abril de 1671; e de ſua mulher D. Leonor de Caſtro, Dama da Emperatriz D. Iſabel, que morreo Marqueza de Lombay a 27 de Março de 1546. Era filha de D. Alvaro de Caſtro, Senhor do Morgado do Torraõ, e de D. Iſabel de Mello ſua mulher, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mòr de Faro. Deſta uniaõ de D. Joaõ de Borja, e de D. Joanna de Aragaõ ſua ſegunda mulher, naſceraõ os filhos ſeguintes:

14 D. Francisco de Borja e Aragaõ, Conde de Mayalde, Commendador de Azuaga, Vice-Rey do Perú, que morreo em 25 de Outubro de 1658, havendo caſado com D. Anna Borja e Aragaõ, V. Princeza de Eſquilache, Condeſſa de Simari, filha de D. Pedro de Borja e Aragaõ, IV. Principe de Eſquilache, Conde de Simari, e da Princeza Dona Iſabel Pinhatello ſua primeira mulher, filha de Dom Heytor Pinhatello, II. Duque de Monteleaõ, III. Conde de Borrelo, e de ſua ſegunda mulher a Duqueza Emilia Vintimiglia; e deſte matrimonio naſceraõ D. Joaõ de Borja, Conde de Simari, morreo moço. = D. Maria de Borja e Aragaõ, VI. Prin-

Princeza de Esquilache, &c. casou com seu tio Dom Fernando de Borja, Commendador mòr de Montesa, de quem adiante se dirá. = D. FRANCISCA MARIA DE BORJA E ARAGAÕ, que foy bautizada a 12 de Abril de 1611, e casou com D. Francisco Castelvi, II. Marquez de Laconi sem successaõ.

* 15 D. CARLOS DE BORJA, II. Conde de Ficalho, adiante.

* 15 D. FERNANDO DE BORJA, Commendador môr de Montesa: casou com a Princeza de Esquilache D. Maria de Borja e Aragaõ, como se dirá adiante; o qual teve natural a D. Francisco de Borja, Capellaõ môr das Descalças de Madrid, eleito Bispo de Badajoz, e Osma, e morreo a 16 de Fevereiro de 1685.

15 D. ANTONIO DE BORJA, que seguio a vida Ecclesiastica. Foy Collegial de S. Bartholomeu de Salamanca, Chantre da Igreja de Toledo, Sumilher da Cortina delRey Filippe III. e morreo em o anno de 1615.

* 15 D. CARLOS DE BORJA, II. Conde de Ficalho, filho segundo, foy pelo seu casamento Duque de Villa-Hermosa, Conde de Ribagorça, do Conselho de Estado, e Presidente do Conselho de Portugal em Madrid. Casou com D. Maria Luiza de Aragaõ, VII. Duqueza de Villa-Hermosa, Condessa de Ribagorça, filha herdeira de D. Fernando de Aragaõ, VI. Duque de Villa-Hermosa, Conde de Ribagorça, &c. que faleceo a 6 de Novembro de 1592, ha-

vendo casado com Dona Joanna Wernstein, filha de Vratislao, Baraõ Livre de Wernstein, Cavalleiro do Tosaõ, Graõ Chanceller de Bohemia; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: D. FERNANDO DE BORJA E ARAGAÕ, VIII. Duque de Villa-Hermosa, com quem se continúa. ⩵ D. CARLOS DE BORJA E ARAGAÕ morreo menino. ⩵ D. FRANCISCO DE BORJA E ARAGAÕ, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e do Conselho de Ordens. ⩵ SOROR JOANNA DO ESPIRITO SANTO. ⩵ SOROR MARIA DA CONCEIÇAÕ, ambas Freiras nas Descalças de Madrid. ⩵ D. JOAÕ DE BORJA E ARAGAÕ, que foy General da Cavallaria de Flandres, Gentil-homem da Camera de S. Magestade Catholica. Casou com D. Theresa Antonia Manrique de Mendoça, VII. Marqueza de Canhete; e depois de celebrada esta uniaõ IX. Duqueza de Naxera, e Maqueda, Condessa de Trevinho, e de Valença, Marqueza de Elche, e de Belmonte; a qual era viuva, já havia casado duas vezes; a primeira com D. Fernando de Faro, VI. Senhor de Vimieiro, como fica escrito a pag. 152. e 639. do Tom. IX. e a segunda com D. Joaõ Antonio de Torres e Portugal, III. Conde de Villardompardo, Senhor de Escanhuela, e de Fuensomera, Alferes môr de Jaen: e havendo-se celebrado este terceiro casamento por procuraçaõ, e estando seu esposo occupado no serviço de S. Magestade Catholica, morreo esta Senhora a 17 de Fevereiro de 1657, antes de que pudessem viver juntos, e elle faleceo depois. Era filha

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 16.

lha de D. Joaõ Furtado de Mendoça, e de D. Maria Manrique de Cardenas, V. Marquezes de Canhete: antes tinha havido D. Joaõ de Borja fóra de matrimonio a D. CARLOS DE BORJA E ARAGAÕ, Gentil-homem da Camera de S. Mageſtade Catholica ſem exercicio, que caſou com D. Antonia de Navarra e Velaſco, Marqueza de Cabrega, Senhora de Coſcorita, e Silanes, viuva de D. Joſeph de Gurrea, Marquez de Navarres, Veador da Caſa delRey; a qual era filha de Dom Pedro de Navarra, I. Marquez de Cabrega, Viſconde de Vilhalva, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Gentil-homem da boca delRey D. Filippe IV. de Caſtella, e Veador da Rainha Dona Maria Anna de Auſtria, e de D. Brites de Velaſco Oſorio, Senhora de Coſcorita; porém de nenhum deſtes matrimonios teve ſucceſſaõ, e D. Carlos mudando de eſtado, ſe fez Clerigo de Miſſa.

* 16 D. FERNANDO DE GURREA ARAGAÕ E BORJA, filho primogenito de D. Carlos, Conde de Ficalho, e da Duqueza de Villa-Hermoſa, ſuccedeo nos Eſtados de ſua mãy, e na Caſa de ſeu pay, e foy VIII. Duque de Villa-Hermoſa, Grande de Heſpanha, Conde de Ficalho, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera de Sua Mageſtade Catholica. Caſou duas vezes, a primeira com Dona Luiza de Aragaõ, Condeſſa de Luna, filha de Dom Franciſco Gurrea, Conde de Luna; e ſegunda vez com D. Maria da Sylva, viuva de D. Gaſpar Ladron de Villa-Nova e Ferrer, III. Conde de Sinarcas, Viſ-

Caſa de Sylva, tom. 2. liv. 10. cap. 1,

conde de Chelva, Senhor das Baronîas de Sot, e Quartell: era filha de D. Diogo da Sylva Mendoça e Portugal, I. Marquez de Orani, &c. porém deste matrimonio naõ teve successaõ; e de sua primeira mulher teve os dous filhos seguintes: D. MANOEL DE GURREA ARAGAÕ E BORJA, Conde de Luna, que morreo primeiro, que seu pay sem successaõ no anno de 1653, havendo casado com sua prima Dona Francisca de Borja e Aragaõ, Princeza de Esquilache.

= D. CARLOS DE ARAGAÕ BORJA ALAGON E GURREA, IX. Duque de Villa-Hermosa, Conde de Luna, de Sastago, e Ficalho, Senhor das Baronîas de Pedrola, Ersa, e Pina, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, Gentil-homem da Camera delRey, do Conselho de Estado, Vice-Rey de Catalunha, e Governador de Flandres, que morreo sem successaõ a 14 de Agosto de 1692, sendo casado com D. Maria Henriques de Gusmaõ, que morreo em Julho de 1695, filha de D. Luiz, IX. Conde de Alva de Liste, e da Condessa D. Hypolita de Cordova; e deixando por seus herdeiros universaes aos Padres da Companhia, se lhe oppuzeraõ os parentes com hum pleito, que correo no Conselho Real de Aragaõ, cujo successo ignoramos.

* 16 D. MARIA DE BORJA E ARAGAÕ, filha de D. Francisco de Borja, Principe de Esquilache, Conde de Mayalde, e da Princeza Anna de Borja, como fica dito. Foy VI. Princeza de Esquilache, Condessa de Mayalde, e de S.mari. Casou com seu tio D. Fernando

nando de Borja, Commendador môr da Ordem de Montesa, e por este matrimonio Principe de Esquilache. Foy Vice-Rey de Valença, e Aragaõ, Estribeiro môr delRey Filippe IV. e da Rainha, Sumilher de Corps do Principe D. Balthasar, e morreo a 28 de Novembro de 1665; e tendo havido filhos de hum, e outro sexo, veyo a ser herdeira sua filha.

17 D. FRANCISCA DE BORJA E ARAGAÕ, que foy VII. Princeza de Esquilache, Condessa de Mayalde, e de Simari, que morreo a 23 de Novembro de 1695. Casou duas vezes, a primeira com D. Manoel de Aragaõ, Conde de Luna seu sobrinho sem successaõ. Casou segunda vez com D. Francisco Idiaquez Butron, e Moxica, IV. Duque de Ciudad Real, Conde de Aramayona, Marquez de S. Damiaõ, Vice-Rey de Catalunha, e Capitaõ General do Mar Oceano, que morreo a 30 de Setembro de 1687, tendo havido deste matrimonio o filho, e filha seguintes:

18 D. FRANCISCO IDIAQUEZ DE BORJA BUTRON E MOXICA, IV. Duque de Ciudad Real, VIII. Principe de Esquilache, Conde de Aramayona, Simari, e Mayalde. Casou em 19 de Julho de 1682 com Dona Francisca de Gusmaõ, Condessa de Villa Umbrosa, filha de D. Pedro de Gusmaõ, III. Marquez de Montealegre, e de D. Maria Petronilha Ninho de Porres Henriques e Gusmaõ, III. Condessa de Villa Umbrosa, e Castro-Novo, Marqueza de Quintana; a qual casou segunda vez com D. Diogo Fernando de Cordova, Marquez de Santilhan, irmaõ do

do VIII. Duque de Sessa: porém o Duque D. Francisco morreo sem successaõ, e lhe succedeo nos seus Estados sua irmãa.

18 D. Joanna Maria Idiaquez de Borja, IX. Princeza de Esquilache, V. Duqueza de Ciudad Real, Condessa de Simari, de Aramayona; a qual morreo em 12 de Agosto de 1712, havendo casado duas vezes, a primeira a 21 de Mayo de 1685 com D. Antonio Pimentel de Ibarra, IV. Marquez de Tarracena, que morreo a 18 de Fevereiro de 1686 com a successaõ seguinte. Casou segunda vez a 24 de Fevereiro de 1692 com D. Manoel Pimentel, IV. Marquez de Malpica, e de Piovar, e Mirabel, de quem já fizemos memoria no Capitulo II. do Liv. IX. pag. 92. do Tom. X. sem successaõ; e de seu primeiro marido teve

19 D. Maria Antonia Pimentel de Borja, X. Princeza de Esquilache, VI. Duqueza de Ciudad Real, V. Marqueza de Tarracena, e S. Damiaõ, Condessa de Simari, e de Aramayona, que nasceo em Agosto de 1686, e casou no anno de 1701 com D. Luiz de Borja, Commendador de Sagra, e Canet Castellaõ de Anvers, filho dos IX. Duques de Gandia, como fica escrito no Capitulo II. do Livro IX. §. III. pag. 79. do Tom. X.

Salazar de Castro, *Casa de Lara*, tom. 1. liv. 2. cap. 13. pag. 106. e *Casa Farnese*, pag. 567.

* 14 D. Joanna de Aragaõ, filha segunda de Nuno Rodrigues Barreto, Senhor da Quarteira, e de Dona Leonor de Milá sua mulher. Casou com Joaõ de Mendoça, que no anno de 1548 foy por Capitaõ

pitaõ môr da Armada da India com o despacho de Malaca, e depois foy Governador da India no anno 1564 por successaõ das Vias, que lhe durou poucos mezes. Era filho quarto de Antonio de Mendoça, Commendador das Commendas de Veiros, Cano, e Serpa na Ordem de Aviz, descendente por varonia da antiquissima Familia de Mendoça, sexto neto de Fernaõ Furtado, ou Fernaõ Iniguez de Mendoça (como lhe chama o Principe da Genealogia) que passou a Portugal, filho de D. Inigo Lopes de Mendoça, Senhor desta Casa, e IV. de Lodio, e Zaiteguini, Rico-homem, que se achou na batalha das Navas; e de sua mulher D. Leonor Furtado, Senhora de Mendivil, filha de Fernaõ Peres de Lara, chamado *Furtado*, Rico-homem, Senhor de Escarrona, &c. Mordomo môr delRey D. Sancho o Desejado, irmaõ uterino delRey D. Affonso VII. o Emperador, como filho da Rainha D. Urraca de Castella, e de D. Pedro Gonçalves de Lara, Senhor desta Casa, Conde de Lara, de Medina de la Torre, e de Mormojon, Duenhas, e Tariego: cuja filiaçaõ refere D. Luiz de Salazar, afiançada em Authores graves, e naõ vulgares fundamentos: naõ era menos esclarecido o nascimento de Fernaõ Furtado por seu pay, pois era quinto neto do Conde D. Inigo Lopes, VI. Senhor Soberano de Viscaya, donde se derivou a illustre Familia de Mendoça. Deste matrimonio nasceo unico

15 NUNO DE MENDOÇA, I. Conde de Val de Reys, Commendador das Commendas de S. Lourenço

renço da Villa de Covo, Santo André de Trazela, e S. Miguel de Armamar, Governador de Tangere, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Vice-Rey da India, que naõ aceitou, e ultimamente Governador de Portugal com D. Antonio de Ataide, Conde de Castro Dairo. Casou com D. Giomar da Sylva, filha de Luiz da Sylva Telles e Menezes, Senhor de Lamarosa, Commendador de N. Senhora de Campanhãa na Ordem de Christo, e de D. Isabel Pereira de Miranda e Berredo, filha de Francisco Pereira de Miranda e Berredo, Capitaõ de Chaul; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: JOAÕ DE MENDOÇA, que tomou o Habito dos Eremitas de Santo Agostinho, onde acabou a vida. = LOURENÇO DE MENDOÇA, com quem se continúa. = LUIZ DE MENDOÇA, que foy Commendador na Ordem de Christo: servio na India, e morreo no combate do grande Nuno Alvares Botelho no anno de 1626. Casou naquelle Estado com Dona Anna de Mendoça, filha de Luiz Falcaõ, e de D. Isabel de Azevedo; de quem teve MANOEL DE MENDOÇA, que tendo casado com D. Antonia de Castro, que depois foy mulher de D. Pedro Henriques, naõ teve geraçaõ, e a D. CATHARINA DE MENDOÇA, que casou com André Telles de Menezes. = ANTONIO DE MENDOÇA estudou Canones em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, em que entrou a 13 de Novembro de 1616, Deputado do Santo Officio da Inquisiçaõ de Lisboa, e da de Coimbra,

bra, em que tomou juramento a 23 de Abril de 1626, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, Sumilher da Cortina, Commissario Geral da Cruzada, de que tomou posse a 6 de Março de 1635, lugar que occupou trinta e seis annos, Bispo nomeado de Lamego pelo Senhor Rey Dom João IV. que o fez Presidente da Mesa da Consciencia, e Or dens, em que entrou a 20 de Abril de 1654; e lhe deu a administração do Morgado da Quarteira, que era de seu avô, por ficar em Castella Dom Fernando de Borja, Principe de Esquilache, seu primo com irmaõ, em quem recahira a Casa dos Barretos. Na Regencia da Rainha Dona Luiza foy hum dos Deputados da Junta dos Tres Estados, e eleito Arcebispo de Braga. ElRey D. Affonso VI. o fez seu Conselheiro de Estado, e Ministro do Despacho: e succedendo na Regencia do Reyno o Principe Dom Pedro, o conservou na mesma occupação, e o nomeou Arcebispo de Lisboa em Setembro de 1668, de que tirando Bullas Apostolicas, tomou posse em 27 de Junho de 1669 por seu Procurador o Doutor Estevaõ Brioso de Figueiredo, Vigario Geral de Lisboa, e depois Bispo de Pernambuco, e do Funchal. Governou a Metropolitana Igreja de Lisboa com grande zelo; e pela jurisdicção della teve vigorosas contendas com o Capellaõ mòr Luiz de Sousa, a quem depois dizia, que elle lhe havia de succeder na mesma Igreja; e que todas aquellas contendas, de que fora vencedor, eraõ, e redundavaõ em seu pro-

veito. Foy Ministro integerrimo, e de grande authoridade, como mostrou em todos os grandes lugares, que occupou. Morreo de quasi oitenta annos em 14 de Fevereiro de 1675. Nas suas Exequias prégou D. Fr. Luiz da Sylva, Bispo de Titiopoli, que depois o foy de Lamego, e da Guarda, e ultimamente Arcebispo de Evora. = FRANCISCO DE MENDOÇA, que seu pay teve fóra do matrimonio, e foy Religioso Eremita de Santo Agostinho, em quem concorreraõ muitas partes, que o fizeraõ merecedor de ser Prégador da Magestade delRey D. Joaõ IV.

* 16 LOURENÇO DE MENDOÇA, foy Commendador de Fuzello na Ordem de Christo; morreo em vida de seu pay. Casou com Dona Maria de Ataide de Noronha, filha de D. Francisco Luiz de Noronha e Albuquerque, VIII. Senhor de Villa-Vircude, e de D. Catharina de Sousa sua sobrinha, filha herdeira de D. Manoel de Sousa e Tavora, e de D. Brites de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, VII. Senhor de Villa-Verde; de quem teve, entre outros, a NUNO DE MENDOÇA, II. Conde de Val de Reys; e a sua successaõ deixamos escrita no §. IV. Capitulo IV. do Livro X. pag. 677 do Tomo X.

* 18 D. BRANCA DE VILHENA filha de D. Leonor de Milá, e de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro. Casou com D. Joaõ de Castellobranco, Commendador de Aljesur na Ordem de Santiago, e Senhor da Aposentadoria de Lisboa, e Santarem, que vendeo ao Aposentador môr Lourenço de

de Sousa da Sylva seu sobrinho: foy Governador do Algarve, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ. Era filho terceiro de D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Védor da Fazenda dos Reys D. Affonso V., D. Joaõ II. e D. Manoel, Camereiro mòr delRey D. Joaõ III. e Regedor das Justiças, &c. e da Condessa D. Mecia de Noronha. Tinha sido D. Joaõ de Castellobranco casado outra vez com D. Catharina Barreto; e a segunda com D. Branca de Vilhena, de quem teve os filhos seguintes: D. MANOEL DE CASTELLOBRANCO, II. Conde de Villa-Nova, adiante. ⩵ D. LUIZ DE CASTELLOBRANCO, que morreo menino. ⩵ D. MARIA DE ARAGAÕ, que morreo sem estado. ⩵ D. ANTONIA, e D. JERONYMA, que morreraõ meninas. ⩵ D. LEONOR DE MILÀ, de que logo se fará mençaõ. ⩵ D. MAGDALENA DE MILÀ, Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, da Ordem Serafica, onde foy tres vezes Abbadessa. ⩵ D. BRITES DE MILÀ, ⩵ D. FRANCISCA DE MILA, duas vezes Abbadessa, ⩵ DONA ANNA DE MILÀ, todas Religiosas na Esperança de Lisboa. ⩵ D. JOANNA DE MILÀ, Freira em o Mosteiro de Odivellas, da Ordem de S. Bernardo.

15 D. LEONOR DE MILÀ, que casou com seu primo com irmaõ D. Diogo de Castellobranco, que morreo no anno de 1578 na infelice batalha de Alcacere com ElRey D. Sebastiaõ: era filho segundo de Dom Francisco de Castellobranco, Senhor da

Caſa de Villa-Nova de Portimaõ , e Camereiro mór delRey D. Joaõ III. lugar que largou a ſeu cunhado Joaõ Rodrigues de Sá , Senhor de Sever , quando entendeo , que o dito Rey lhe diminuîa o favor , que lhe fazia , e naõ goſtava da ſua peſſoa ; o qual era irmaõ inteiro de D. Joaõ de Caſtellobranco acima ; e deſte matrimonio naſceraõ eſtes filhos : 16 D. Francisco de Castellobranco , e D. Mecia , que morreraõ de tenra idade. ⩶ D. Branca de Vilhena , que foy herdeira da Caſa de Villa-Nova, e caſou com ſeu tio D. Manoel de Caſtellobranco , II. Conde de Villa-Nova , como logo ſe dirá. ⩶ D. Maria de Vilhena , Freira em o Moſteiro de Odivellas. ⩶ D. Maria de Vilhena , Freira em o Moſteiro da Eſperança. ⩶ D. Maria de Milà , que morreo ſem ter elegido eſtado.

* 15 D. Manoel de Castellobranco , que foy II. Conde de Villa-Nova , do Conſelho de Eſtado , e Eſcrivaõ da Puridade ; e como tal aſſiſtio nas Cortes , que ſe celebraraõ em Lisboa no anno de 1619. ElRey Filippe II. lhe fez merce do titulo de Conde de juro , diſpenſando huma vez na Ley Mental : Varaõ erudîto , prudente , e Chriſtaõ , com grande applicaçaõ às Mathematicas , e Genealogia , de que eſcreveo livros ; e imprimio no anno de 1623 hum livro de Arvores de Coſtados dos Titulos , que entaõ havia neſte Reyno , que conſervamos entre outros. Caſou com ſua ſobrinha D. Branca de Vilhena , que veyo a ſer herdeira do Morgado da Povoa ,

voa, e Casa de Villa-Nova, filha de D. Diogo de Castellobranco, e de sua irmãa D. Leonor de Milá, de que acima tratamos; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes: * 16 D. GREGORIO THAUMATURGO DE CASTELLOBRANCO, III. Conde de Villa-Nova, adiante. ⩶ D. MARTINHO DE CASTELLOBRANCO, que foy Conego da Sé de Lisboa, e depois Carmelita Descalço, donde se mudou para o Carmo Calçado. ⩶ DOM DIOGO DE CASTELLOBRANCO, que passou à India no anno de 1624; e morreo solteiro, sem geração. ⩶ D. MARIA DE VILHENA, que veyo a ser herdeira da Casa; e foy segunda mulher de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, como deixamos escrito no Capitulo XIII. do Livro XI. §. II. pag. 212, onde se continúa a sua successão. ⩶ D. FRANCISCA DE ARAGÃO, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde se chamou D. Francisca da Conceição, Religiosa de virtude, e exemplar vida. ⩶ D. LEONOR DE ARAGÃO, Freira no dito Mosteiro, onde se chamou Leonor do Presepio. ⩶ D. BRANCA, e outros, que morrerão de tenra idade.

* 16 D. GREGORIO THAUMATURGO DE CASTELLOBRANCO, foy III. Conde de Villa-Nova de Portimão, e Senhor de toda a Casa de seu pay, e mãy; e por sua mulher Senhor da Casa de Sortelha, e Goes, e Guarda mór da pessoa delRey, e foy o ultimo, que teve este grande officio no tempo do Senhor Rey D. João IV. Faleceo a 11 de Abril de 1662.

Casou

Casou com sua sobrinha D. Branca de Vilhena da Sylveira, que faleceo a 30 de Abril de 1649, herdeira da Casa de Sortelha, filha de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, Guarda môr delRey; e de sua mulher a Condessa D. Maria de Vilhena sua irmãa, de quem naõ teve successaõ. Casou segunda vez com D. Guiomar de Castro, filha segunda de D. Francisco de Faro, VII. Conde de Odemira; e da Condessa D. Maria da Sylveira, Livro VIII. Capitulo XII. pag. 686 do Tomo IX. de quem naõ teve successaõ. Casou terceira vez com D. Marianna de Lencastre, filha de D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche; e de D. Ignes de Noronha, como fica dito no Capitulo XXII. Livro XI. pag. 335, de quem naõ teve successaõ.

Teve illegitimo

17 D. GREGORIO DE CASTELLOBRANCO, a quem seu pay nomeou a Commenda de S. Miguel de Tres Minas da Ordem de Christo, de grande rendimento, que por sua morte foy unida ao Estado da Casa de Bragança, por hum contrato, que Sua Magestade fez com o Principe, como Duque de Bragança, em recompensa de certas Igrejas, que se dessuniraõ daquelle Padroado. Viveo no Porto, e casou com D. Francisca de Sousa e Ataide, filha de Diogo de Moura Coutinho, e de D. Anna de Sousa Guedes, e naõ tiveraõ geraçaõ.

§. IV.

§. IV.

13 D. Maria de Aragaõ, filha segunda de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leonor de Milá sua primeira mulher. No anno de 1525 lhe fez ElRey D. Joaõ III. merce de humas Saboarias em Traz os Montes. Casou com D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela, Commendador de Havanilha em a Ordem de Calatrava, depois de Mora na de Santiago, Estribeiro mór delRey D. Filippe II. sendo Principe; e era filho de D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Conde de Cabra, Visconde de Ysnagar, Senhor de Baena, Rute, Albendins, Alcaide mór de Alcalá a Real, e Governador de Castella no anno de 1490; e de sua segunda mulher D. Francisca de Zuniga e Lacerda, filha de D. Diogo de Zuniga, Commendador de Bastimentos em a Ordem de Santiago, e de D. Joanna de Lacerda e Castanheda, IV. Senhora de Vilhoria, e Valtablado, Ventosilha, la Palma, San Lucar, e Traspinedo, como escreve D. Luiz de Salazar; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

Haro, liv. 5. cap. 4. pag. 368.

Histor. da Casa de Lara, liv. 3. cap. 8. §. 3. pag. 191 do tom. 1.

* 14 D. Antonio de Cordova e Aragaõ, com quem se continúa.

14 D. Joaõ de Cordova e Aragaõ, que foy Gentil-homem da Boca delRey Filippe II. e seu Embaixador em França; o qual teve, como escreve Haro, em D. Maria de Izaguirre, e Oquendo, donzella

zella principal, natural da Villa de Malagon, a D. Elena Maria de Aragaõ e Cordova, que casou com D. Francisco Chiriboga e Horaa, Senhor da Casa, e Solar de Chiriboga, em o Termo da Villa de Zeitona na Provincia de Guipuzcoa, como em outra parte diremos.

14 D. Alvaro de Cordova, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Camereiro delRey D. Filippe II. Casou duas vezes, a primeira com Dona Hippolyta de Cardona, de quem teve D. Hippolyta de Cardona, mulher de D. Luiz Henriques, II. Conde de Villa-Flor, IX. de Alva de Liste, Vice-Rey de Indias, sem successaõ. Casou segunda vez com D. Ignes de Alagon, de quem teve a D. Christovaõ de Cordova, Gentil-homem da Boca delRey Catholico.

* 14 D. Joanna de Cordova casou em Italia com Claudio Landi, III. Principe de Valditaro, como adiante veremos.

14 D. Marianna de Cordova casou com N. . . . . Conde de Hollanda.

14 D. Leonor de Milà e Cordova casou com D. Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves, cuja illustrissima successaõ deixamos escrita no Livro IX. Parte II. Capitulo II. pag. 456 do Tomo X.

14 D. Maria de Aragaõ, que foy Dama da Rainha D. Maria de Inglaterra, segunda mulher delRey Filippe o *Prudente*, e depois da Rainha D. Isabel de la Paz sua terceira mulher, e ultimamente

da

da Rainha D. Anna de Austria; e sendo dotada de admiraveis partes, que faziaõ mais agradaveis a belleza do seu corpo, que com qualidade illustre, e riqueza a faziaõ pretendida de muitos, e grandes Senhores: porém naõ dando ouvidos a semelhantes praticas, por ter escolhido mais alto Esposo, tendo-se consagrado a perpetua castidade, fundou em Madrid o Collegio dos Agostinhos, dedicado a Nossa Senhora da Encarnaçaõ, que communmente he chamado de D. Maria de Aragaõ, fabrica nobre, em que se vêm as suas Armas.

Quintanaduen. *Grandez. de Madrid*, cap. 100. pag. 426.

14 D. FRANCISCA DE CORDOVA E ARAGAÕ, mulher de D. Joaõ da Cunha, VI. Conde de Buendia, sem successaõ. ⵆ D. GONÇALO FERNANDES DE CORDOVA, que morreo sem geraçaõ. ⵆ DOM FILIPPE DE CORDOVA. ⵆ D. DIOGO DE CORDOVA.

* 14 D. ANTONIO DE CORDOVA E ARAGAÕ, Senhor de Valençuela, Estribeiro mòr delRey D. Filippe II. de Castella, Commendador de Mora, dos Barrios, e Corral de Almaguer na Ordem de Santiago. Casou com Dona Policena de Unganada, e teve os filhos seguintes:

* 15 D. ANTONIO FERNANDES DE CORDOVA E ARAGAÕ, I. Marquez de Valençuela, com quem se continúa. ⵆ DOM PEDRO DE CORDOVA E CASTELLA. ⵆ DONA MAGDALENA DE CORDOVA, Freira em Saõ Domingos o Real de Madrid.

* 15 D. ANTONIO FERNANDES DE CORDOVA E ARAGAÕ, I. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, e Lugar de Busquitar, Cavalleiro da Ordem de Calatrava. Casou tres vezes, a primeira com D. Luiza de Ayala, filha de D. Athanasio de Ayala, II. Conde de Salvaterra, de Alava, e Ampudia; e de sua segunda mulher D. Isabel Rodrigues de Zevallos, de quem teve: ⸗ * 16 D. ALVARO LUIZ, II. Marquez de Valençuela, adiante. ⸗ D. POLICENA, e D. LUIZA, Freiras. Casou segunda vez com D. Anna Maria de Cordova, de quem teve

Haro, part. 2. liv. 6. cap. 16.

* 16 D. URSULA DE CORDOVA, que casou com D. Gaspar de Teive Tello e Gusmaõ, I. Marquez de la Fuente, adiante. Casou terceira vez com D. Antonia Bracamonte, irmãa de D. Joaõ, I. Marquez de Fuente el Sol, filhos de Mosen Rubin de Bracamonte, VI. Senhor de Fuente el Sol, e V. de Cespedosa, Commendador de Villa-Rubia, Alcaide môr de Calatrava; e de sua mulher D. Joanna Zapata de Mendoça, irmãa do Cardeal Zapata, Inquisidor Geral de Hespanha, e filhos de D. Francisco Zapata de Cisneros, Conde de Barajas, de quem teve a D. JOANNA DE CORDOVA, que casou com Dom Joaõ Alvares de Toledo, filho primogenito de Dom Eugenio Alvares de Toledo Ponce de Leon e Luna, II. Conde de Cedilho, Notario mayor do Reyno de Granada, Senhor de Mancanequa, Moratalz, e Tozenaque; e da Condessa D. Luiza Maria de Mendo-

Casa de Lara, tom. I. liv. 4. cap. 9. pag. 265.

ça e Salazar ; porém morreo em vida de seu pay, sem deixar successaõ.

* 16 D. ALVARO LUIZ FERNANDES DE CORDOVA E AYALA, II. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, e Lugar de Busquitar. Casou com D. Anna de Castella, filha de D. Diogo de Castella, VIII. Senhor de Gor, Herrera, e Boloduy ; e de sua segunda mulher D. Elvira de la Cueva ; de cujos esclarecidos ascendentes faz mençaõ Salazar de Castro na Casa de Lara ; e deste matrimonio nasceo

Histor. da Casa de Lara, liv. 10. cap. 4. pag 679.

* 17 D. ANTONIO DOMINGOS FERNANDES DE CORDOVA E AYALA, III. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, Commendador de Estremera, e Valdaracere na Ordem de Santiago, que casou com D. Joanna Lasso de Castella, irmãa, e herdeira de D. Joseph Lasso de Castella, II. Conde de Villa-Manrique, Commendador de Almazan na Ordem de S. Joaõ de Malta, filhos de D. Francisco Lasso de Castella, I. Conde de Villa-Manrique do Tejo, Commendador dos Barrios na Ordem de Santiago, Védor da Casa delRey ; e da Condessa Dona Maria de Villaroel e Peralta, filha de D. Joseph de Villaroel e Peralta, Visconde de la Frontera, de quem faz memoria Salazar na Casa de Lara, e no lugar acima citado da esclarecida ascendencia do Conde de Villa-Manrique, sexto neto delRey D. Pedro de Castella, o *Cruel* ; e desta esclarecida uniaõ tiveraõ

* 18 D. ANNA DE CORDOVA E CASTELLA,

IV. Marqueza de Valençuela, adiante. ⩶ D. LUIZA FERNANDES DE CORDOVA E CASTELLA caſou no anno de 1685 com D. Egas Salvador Venegas de Cordova, III. Conde de Luque, Senhor de Benahavis, Daidin, Salobral, e do Valle, Alferes môr de Granada, e Gibraltar; e naõ tiveraõ filhos. ⩶ D. MARIA JOSEFA DE CORDOVA. ⩶ D. FRANCISCA DE CORDOVA, cujo eſtado ignoramos.

* 18 D. ANNA DE CORDOVA E CASTELLA, IV. Marqueza de Valençuela, e herdeira da mais Caſa de ſeu pay. Caſou em Granada a 12 de Fevereiro de 1685 com D. Joſeph Venegas de Cordova e Vilhegas, Senhor de la Torre de los Barrios, e Regedor de Preeminencias de Gibraltar; e tiveraõ DOM FRANCISCO ANTONIO DE CORDOVA, V. Marquez de Valençuela. ⩶ D. MANOEL JOSEPH. ⩶ D. JOANNA MARGARIDA, Marqueza de Alhedin. ⩶ D. MARIA ANTONIA. ⩶ D. ANTONIA.

* 16 D. URSULA DE CORDOVA filha do I. Marquez de Valençuela D. Antonio, e de ſua ſegunda mulher a Marqueza D. Anna Maria de Cordova, que morreo no anno de 1642. Caſou com D. Gaſpar de Teive Tello e Guſmaõ, I. Marquez de la Fuente, Conde de Benazuza, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Acimilero mayor de Filippe IV. e ſeu Gentil-homem da Camera, Alcaide môr, e Eſcrivaõ môr do Julgado de Sevilha, Embaixador em Veneza, França, e Alemanha, do Conſelho, e Camera de Indias, e dos de Eſtado, e Guerra, de quem foy primeira

meira mulher. Era filho de D. Francisco Tello de Gusmaõ, e de D. Antonia de Teive, filha de D. Belchior de Teive, do Conselho da Camera de Castella, e do Conselho de Guerra, que escreveo a Casa de Sandoval com notavel applicaçaõ; (era filho de D. Gaspar de Teive, Cavalleiro da Ordem de Christo, Estribeiro mòr da Princeza de Portugal D. Joanna; e de D. Anna de Brito) e de sua mulher Dona Maria Tello de Gusmaõ, Senhora de Lerena, e da Alcaidaria mòr de Sevilha, e Escrivaõ do seu Julgado; filha de D. Pedro Tello de Gusmaõ, Senhor de Lerena, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Alcaide mòr de Sevilha, e Escrivaõ mòr do seu Julgado; e a sua ascendencia escreve D. Luiz de Salazar na Casa de Lara; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ D. GASPAR DE TEIVE TELLO, que foy II. Marquez de la Fuente, Conde de Benazuza, Gentil-homem da Camera do Emperador, e Embaixador em França, que morreo sem successaõ; havendo casado com D. Luiza Osorio, filha dos II. Condes de Vilhalva. ⩶ D. IGNEZ MARIA DE TEIVE, Dama da Rainha D. Isabel, que casou com o Marquez de Florencia, Fidalgo Milanez, de quem teve o Marquez D. JERONYMO DE FLORENCIA, que succedeo nestas Casas por merce de seu tio Dom Gaspar, II. Marquez de la Fuente. ⩶ D. GASPAR. ⩶ D. JOAÕ DE TEIVE, que foy Menino Fidalgo da Rainha, e Conego de Sevilha; e D. THERESA DE TEIVE, que sendo Dama da Rainha, morreo em Palacio a 8 de Outubro de 1684.

Casa de Lara, liv. 20 cap. 23. pag. 491.

D.

Principes de Valditaro.

* 14 D. JOANNA DE CORDOVA, primeira filha de D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela; e de sua mulher D. Maria de Aragaõ, deixou esclarecida descendencia. Casou com Claudio Landi, III. Principe de Valditaro, da illustre Familia de seu appellido de Placencia, que produzio esclarecidos ramos, como escreveo Joaõ Pedro de Crescenzi em os seus livros, que intitulou: *Corona de la Nobilità de Italia*; e deste matrimonio nasceraõ: ⁝ * 15 D. FEDERICO LANDI, IV. Principe de Valditaro, adiante. ⁝ * 15 D. MARIA LANDI, mulher de D. Hercules Grimaldi, Principe de Monaco, adiante. ⁝ * 15 D. FEDERICO LANDI, que foy IV. Principe de Valditaro, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, &c. Casou com Placida Espinola, Dama principalissima de Liguria; e deste matrimonio nasceo

Nobil. de Ital. part. 1. Nar. 12. cap. 4.

Principes de Melfi.

16 D. HIPPOLYTA MARIA LANDI, V. Princeza de Valditaro, e herdeira universal desta Casa. Casou com Pagaõ, depois Joaõ André Doria, V. Principe de Melfi, Marquez de Torriglia, Conde de Lovano, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, filho de André Doria, III. Principe de Melfi; e da Princeza D. Joanna Colona, filha de Fabricio Colona, Principe de Paliano; e de Anna Borromeo, irmãa de S. Carlos; e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⁝ * 17 ANDRÈ DORIA, VI. Principe de Melfi, &c. com quem se continúa. ⁝ FEDERICO DORIA. ⁝ PAGAN DORIA. ⁝ JUANETIN DORIA. ⁝ D. FILIPPE DORIA, Commendador das Casas de

Glor. da Casa Farnese, pag. 356.

de Talavera na Ordem de Calatrava. = FRANCISCO DORIA. = D. CARLOS DORIA.

* 17 ANDRÈ DORIA, VI. Principe de Melfi, e de Valditaro, &c. Casou com Violante Lomelin; e tiveraõ * 18 JOAÕ ANDRÈ DORIA, VII. Principe de Melfi, e de Valditaro, &c. que casou com N. . . . . Pamfilio, filha de Camillo, Principe de Rosano, e S. Martin; e teve os dous filhos seguintes: = ANDRÈ DORIA, Marquez de Bardi, que casou com D. Livia Centurion, e Palavesin; e a CAMILLO DORIA.

Principes de Monaco.

* 15 D. MARIA LANDI, filha de Claudio Landi, Principe de Valditaro, e do Sacro Romano Imperio; e da Princeza D. Joanna de Cordova, e Aragaõ. Casou no anno de 1595 com Hercules Grimaldi, I. do nome, Principe de Monaco, que morreo no anno de 1624; e tiveraõ: = * 16 HONORATO, II. do nome, Principe de Monaco, com quem se continúa. = * 16 JOANNA GRIMALDI casou com Joaõ Jacobo Theodoro Trinvulce, Principe de Mosoco, adiante. = MARIA CLAUDIA GRIMALDI, Religiosa Carmelita em Genova.

P. Anselme, *Hist. Geneal. de Franc.* tom. 4. pag. 497.

* 16 HONORATO GRIMALDI, II. do nome, Principe de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Conde de Carladez, Baraõ de Clavinet, de Beaux, e de Buis, &c. pelo seu valor, e de seu filho Hercules Marquez de Beaux, lançou fóra da Cidade de Monaco a guarniçaõ Hespanhola, que havia algum tempo occupava Monaco; depois a tomou o Mar-

Marquez de Campagna, Conde de Canouſe, Cavalleiro do Toſaõ de Ouro; e no anno de 1641 tomou o Principe a protecçaõ delRey Luiz XIII. que o recebeo com as condições, que ſe trataraõ em Perona a 8 de Julho de 1641, que ſe reduziaõ a que os Eſtados, que tinha em Napoles, e Milaõ, ſe os Heſpanhoes lhos confiſcaſſem, lhe daria em outros hum equivalente em França. Depois erigio o Ducado de Valentinois a ſeu favor, com outras merces, e o creou Cavalleiro das ſuas Ordens no Campo de Perpinhaõ a 22 de Mayo de 1642; havendo elle antes reſtituido o Colar do Toſaõ de Ouro a ElRey de Heſpanha, Graõ Meſtre daquella Ordem; e lhe deu o Ducado de Valentinois, e o Condado de Carladez em Auvergne, e a Baronía de Clavinet na meſma Provincia, e a Baronía de Beaux na Provença, e a de Buis no Delfinado. Foy eſte Principe ornado de bellas partes; e eſcreveo Taboas Genealogicas da ſua Caſa Grimaldi, publicadas por Carlos de Venaſque ſeu Secretario no anno de 1647. Morreo a 10 de Janeiro de 1662. Caſou com a Princeza Hippolyta Trivulce, filha de Theodoro Carlos Trivulce, Conde de Melce; e de Catharina Gonzaga, que morreo no anno de 1638, de quem naſceo ⌶ * 17 HERCULES GRIMALDI, II. do nome, Marquez de Beaux, Cavalleiro da Ordem de Alcantara, que elle largou; e foy deſtinado para as delRey de França, quando elle tiveſſe idade. Morreo deſgraçadamente deſparando-ſe huma eſpingarda inopinadamente da maõ de huma

huma das suas guardas, atirando ao alvo, no anno de 1651, naõ contando mais que vinte e sete annos de idade. Casou no anno de 1641 com Maria Aurelia Espinola, filha herdeira de Lucas Espinola, Senhor de Molfete, que morreo a 29 de Setembro de 1670; e tiveraõ a successaõ seguinte: ⩶ * 18 LUIZ GRIMALDI, Principe de Monaco, com quem se continúa. ⩶ CARLOS LUIZ FRANCISCO GRIMALDI, que morreo moço no anno de 1652. ⩶ MARIA HIPPOLYTA GRIMALDI, que nasceo a 8 de Mayo de 1644; e casou em 1656 com Carlos Manoel Feliberto de Simiane, Marquez de Livorno, de Roato, &c. Cavalleiro da Ordem da Annunciada, de quem fizemos mençaõ no Tomo III. desta Historia, pag. 353, de quem teve, além dos dous filhos, que naquelle lugar referimos, que morreraõ sem successaõ, a N. . . . DE SIMIANE, que casou em Genova, de quem naõ temos noticia. ⩶ Sua irmãa JOANNA MARIA GRIMALDI nasceo a 4 de Junho de 1645, e casou com André Imperiali, I. Principe de Tranqueville, sobrinho do Cardeal Imperiali; e por sua morte com Ambrosio Marquez Doria. ⩶ DEVOTA MARIA REYNALDA GRIMALDI nasceo a 4 de Setembro de 1646, Religiosa Dominica em Genova, onde se chamou Theresa Maria. ⩶ THERESA MARIA GRIMALDI nasceo no anno de 1648, e casou no de 1671 com Segismundo Francisco de Este, Marquez de S. Martine de Lanzo, de quem já deixamos feita memoria no Tomo III. desta Obra, pag. 351.

⩶ E foy a ultima HIPPOLITA MARIA GRIMALDI, Religiosa Carmelita Descalça em Genova, e se chamou Theresa Maria de S. Joseph.

* 18 LUIZ GRIMALDI, Principe de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carladez, &c. nasceo a 25 de Julho de 1642. Achou-se na batalha naval, dada no Texel pelos Hollandezes contra os Inglezes a 11 de Julho de 1666, em que se distinguio; foy Cavalleiro do Santo Espirito: seguindo o partido de França, foy Embaixador de Luiz XIV. na Corte de Roma no anno de 1698, onde em virtude das ordens de seu Amo, conferio a Ordem do Espirito Santo aos dous Principes de Sobieski, filhos de João Sobieski, Rey de Polonia. Morreo a 3 de Janeiro de 1701 em Roma, donde foy trasladado a Monaco. Casou em 30 de Março de 1660 com a Princeza Catharina Charlota de Gramont, que morreo de idade de trinta e nove annos a 4 de Junho de 1678, filha de Antonio, Duque de Gramont, Par, e Marichal de França, Soberano de Bidache, Conde de Guiche, e de Louvigni, Vice-Rey de Navarra, e de Bearne, Governador de Bayona, e Cavalleiro da Ordem do Santo Espirito, hum dos grandes Generaes do seculo passado, que morreo a 12 de Julho de 1678; e de sua mulher Francisca Margarida de Chivrè, filha de Heitor de Chivrè, Senhor de Du Plessis, e de Fraze, e de Rabestan, e de Maria de Conan sua mulher, de quem teve os filhos seguintes: ⩶ * 19 ANTONIO GRI-

GRIMALDI, Principe de Monaco, adiante. = HONORATO GRIMALDI, que nasceo a 31 de Dezembro de 1669, e foy Cavalleiro de Malta, que largou; e depois foy Abbade de Saõ Maixant em Poitou, Conego de Strasbourg, e Arcediago de Besançon, e depois Arcebispo desta Igreja, e sagrado a 4 de Fevereiro de 1725. = MARIA THERESA GRIMALDI nasceo a 24 de Fevereiro de 1662, Religiosa da Visitaçaõ em Monaco. = ANNA HIPPOLYTA GRIMALDI nasceo em 1667, e casou a 18 de Janeiro de 1696 com Mons. Joaõ Carlos Crussol, Duque de Uzez, primeiro Par de França, Principe de Soyon, Governador de Xaintonge, e Angoumois; a qual morreo sobre parto a 23 de Julho de 1700, de quem teve MARGARIDA CRUSSOL, que nasceo no anno de 1699; morreo menina: e ANNA CHARLOTA DE CRUSSOL, que morreo a 15 de Março de 1706. = JOANNA MARIA GRIMALDI, Religiosa na Visitaçaõ de Monaco, depois Coadjutora da Abbadia Real junto de Compiegne no anno de 1716. = AMALIA GRIMALDI, ultima filha do Principe Luiz Grimaldi, chamada Mademoisele de Beaux.

* 19 ANTONIO GRIMALDI, Principe Soberano de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carrades, Livre Baraõ de Buys, e Calvinet, Senhor del Remigio, e Cavalleiro da Ordem de Santo Espirito, &c. nasceo a 27 de Janeiro de 1667, e morreo a 21 de Fevereiro de 1731. Casou em 13 de Junho de 1688 com a Prin-

ceza Maria de Lorena, e morreo a 30 de Outubro de 1724, irmãa da Duqueza do Cadaval D. Margarida; e filhas de Luiz Conde de Armagnac, Estribeiro môr delRey de França, e de Madama Catharina de Neufville Ville-Roy; e deste esclarecido matrimonio nascerão: ⩶ CATHARINA ANTONIA GRIMALDI nasceo a 7 de Outubro de 1690, que morreo a 18 de Junho de 1696. ⩶ * 20 LUIZA HIPPOLYTA GRIMALDI, Duqueza Soberana de Monaco, &c. com quem se continúa. ⩶ MARGARIDA CAMILLA GRIMALDI nasceo ao primeiro de Mayo de 1700. Casou a 16 de Abril de 1720 com Luiz de Gand Mero de Montmorency, Principe de Isenghien, e Massmines, Cavalleiro das Ordens delRey, Mestre de Campo General em Lila, de quem foy terceira mulher.

* 20 LUIZA HIPPOLYTA GRIMALDI nasceo a 10 de Novembro de 1697, Princeza Soberana de Monaco, Duqueza de Valentinois &c. e morreo a 29 de Dezembro de 1731. Casou a 20 de Outubro de 1715 com Jaques Francisco Leonor de Goyon, Senhor de Matignon, Conde de Thorigny, Par de França, Mestre de Campo General em Normandia, Senhor de Estouteville, que nasceo a 22 de Novembro de 1689, filho de Jaques, Senhor de Matignon, de la Roche-Goyon, Senhor do Ducado de Estouteville, Conde de Thorigny, de Gournay, de la Ferte, e de Montmartin, Castellaõ de Condê em Noireau, e de Hambie, Baraõ de Le, de Moyon, de la Roche-Tesson,

Tesson, e de Gatteville, Cavalleiro das Ordens del-Rey; e de Charlota de Matignon sua sobrinha, filha de seu irmaõ Henrique, Senhor de Matignon, Marquez de Lonray; e de sua mulher Maria Francisca Tellier, filha herdeira de Francisco le Tellier, Marquez de Luthumiere, e de Charlota de Bec. Foy Jaques Francisco Leonor de Matignon por este casamento Duque de Valentinois, Par de França, de que lhe passou ElRey Luiz XV. novas Cartas de erecçaõ em Dezembro de 1715; sendo o contrato deste casamento, que nem elle, nem os seus descendentes usariaõ senaõ deste titulo, com as Armas de Grimaldi, sem que nem elle, nem seus descendentes pudessem ajuntar outro appellido ao de Grimaldi, nem esquartelar o Escudo com outras Armas. Por morte de seu sogro succedeo na Soberanía do Principado de Monaco. Deste matrimonio tem havido os filhos seguintes: ⩶ 21 ANTONIO CARLOS MARIA GRIMALDI, que nasceo a 16 de Dezembro de 1717 Marquez de Beaux; e morreo em Fevereiro de 1718. ⩶ 21 CHARLOTA GRIMALDI, Damoiselle de Monaco, nasceo em Mayo de 1719. ⩶ 21 HONORATO CAMILLO LEONOR GRIMALDI nasceo em Pariz a 10 de Setembro de 1720. He Principe Soberano de Monaco, de Menton, e de Requebrune, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carladez, Baraõ de Buys, e de Calvinet, Senhor de S. Remi, &c. em que succedeo a sua mãy no anno de 1731 nesta Soberanía, e mais Estados.

Hist. Geneal. de France, tom. 5.

Geneal. Hist. des Roys, Empereurs, et les Maisons Souveraines, tom. 2. pag. 401. impr. em 1736.

dos. ⁐ 21 MARIANNO CARLOS AUGUSTO GRIMALDI, Marquez de Carladez, naſceo no primeiro de Janeiro de 1722, Senhor do Ducado de Eſtouteville. ⁐ 21 N. . . . GRIMALDI naſceo a 9 de Junho de 1723; morreo pouco depois de ter naſcido. ⁐ 21 FRANCISCO CARLOS MAGDALENO JOSEPH GRIMALDI, Conde de Eſtouteville, naſceo a 5 de Fevereiro de 1726. ⁐ 21 CARLOS MAURICIO GRIMALDI, chamado o *Cavalleiro de Monaco*, naſceo a 14 de Mayo de 1727; he Cavalleiro de Malta. ⁐ 21 MARIA FRANCISCA THERESA GRIMALDI, Madamoiſelle de Valentinois, naſceo a 20 de Julho de 1728. ⁐ 21 LUIZA MARIA GRIMALDI, chamada *Madamoiſelle de Beaux*, naſceo a 21 de Julho de 1724; morreo a 15 de Setembro ſeguinte.

* 16 A Princeza JOANNA GRIMALDI, filha de Hercules Grimaldi, Principe de Monaco, e da Princeza Maria Landi, morreo de parto no anno de 1620. Caſou com Joaõ Jacobo Theodoro Trivulce, I. Principe do Sacro Romano Imperio, e de Moſoco, Grande de Heſpanha da primeira claſſe, Conde de Melfi; naſceo no anno de 1595: mandou a Cavallaria delRey Filippe em Milaõ, e foy Commiſſario do Emperador em Italia, a quem ſervio muito. Depois da morte de ſua mulher ſeguio a vida Eccleſiaſtica; e foy Clerigo da Camera do Papa Urbano VIII. que o creou Cardeal no anno de 1629, e foy Vice-Rey de Aragaõ, e depois de Sicilia, e Sardenha, Embaixador Extraordinario delRey Catholico em Roma;

morreo

morreo em Milaõ a 3 de Agosto de 1657. Era filho de Carlos Manoel Theodoro Trivulce, Conde de Melfi, e da illustre Familia Trivulce de Milaõ; e de Catharina Gonzaga, filha de Affonso Gonzaga, Marquez de Solfrino. Deste matrimonio nasceraõ: ⵗ * 19 HERCULES THEODORO TRIVULCE, Principe de Mosoco, adiante. ⵗ * 19 OCTAVIA TRIVULCE, que casou com Tolomeu Gallio, Duque de Alvito, adiante.

* 19 HERCULES THEODORO TRIVULCE, Principe do Imperio, e de Mosoco, Grande de Hespanha, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro; nasceo no anno de 1620: morreo na flor da idade no de 1644. Casou com Ursina Esforcia, filha de Joaõ Paulo Esforcia, Marquez de Caravagio, General da Cavallaria de Milaõ, que morreo nomeado Vice-Rey de Aragaõ; e de Maria Aldobrandina, irmãa de Margarida, Duqueza de Parma, e filhas de Joaõ Francisco Aldobrandino, Principe de Rossano, General da Igreja; e de Olimpia Aldobrandino, Duqueza de Carpineto sua mulher, filha de Pedro Aldobrandino, eleito Capitaõ General da Igreja por seu irmaõ o Papa Clemente VIII. e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⵗ 20 ANTONIO THEODORO DE TRIVULCE, Principe do Sacro Romano Imperio, e de Mosoco, Cavalleiro do Tosaõ: morreo a 26 de Julho de 1678, sem deixar successaõ, havendo sido casado com D. Maria Josefa de Guevara, filha de D. Beltraõ, e de D. Catharina de Guevara,

IX.

IX. Condessa de Onhate. ☰ 20 JOANNA TRIVULCE, Freira, e se chamou Hercula Maria. ☰ 20 MARIA TRIVULCE casou em 1671 com Joseph Serra, Duque de Cassano em o Reyno de Napoles. ☰ 20 CATHARINA TRIVULCE casou no anno de 1673 com D. Joseph de Ayerbe, e Aragaõ, Duque de Alesano, III. Principe de Cassano, que morreo no anno de 1698, filho de Dom Feliberto de Ayerbe e Aragaõ, II. Principe de Cassano, Duque de Alesano, Senhor de Aguara, e de Laura Guarino, Duqueza de Alesano descendente dos Senhores de Ayerbe, que ajuntaraõ por appellido ao de Aragaõ, de cuja Real Casa descendem por varonía de D. Pedro de Aragaõ, filho delRey Dom Jayme I. de Aragaõ; e deste esclarecido matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ☰ 21 D. NICOLAO MIGUEL DE AYERBE E ARAGAÕ, IV. Principe de Cassano, Duque de Alesano. ☰ D. FELIX DE AYERBE E ARAGAÕ, Cavalleiro de Malta. ☰ D. HERCULES. ☰ D. FELIBERTO. ☰ D. EMILIO. ☰ D. SANCHA DE AYERBE E ARAGAÕ, que casou com D. Martim Caracholo, Marquez de S. Erasmo.

* 19 OCTAVIA TRIVULCE, filha do Principe Joaõ Jacobo Trivulce, e da Princeza Joanna Grimaldi, nasceo em 1618, e morreo em 1671. Casou com Tolomeu Gallio, Duque de Alvito, Governador de Pavia; e tiveraõ os filhos seguintes: ☰ * 20 FRANCISCO GALLIO, Duque de Alvito, adiante. ☰ FLAMINIA GALLIA, que casou com Gregorio Boncompagno,

pagno, Duque de Sora, Marquez de Vignole, depois Principe de Piombino, de quem foy primeira mulher; a qual morreo no anno de 1679, de quem naõ ficou geraçaõ; e a

20 CAETANO ANTONIO GALLIO TRIVULCE, Principe do Sacro Romano Imperio, de Mosoco, e de Valle-Misolcina, Conde de Melfi; Estados em que succedeo pela morte de seu tio o Principe Antonio Theodoro: foy Coronel de hum Regimento de Cavallaria, Mestre de Campo General da Cavallaria, e Governador de Pavia. Faleceo a 28 de Julho de 1707, havendo casado com Lucrecia Maria Borromeo, irmãa de Carlos Borromeo, Conde de Arone, Vice-Rey de Napoles, Cavalleiro do Tosaõ, e Commissario do Emperador em Italia, e do Cardeal Gilberto Borromeo, filhos de Reynaldo Borromeo, Conde de Arona, e de Julia de Areso, filha de Bartholomeu Conde de Areso; e desta uniaõ teve estes filhos: ⩶ 21 ANTONIO THEODORO GALLIO TRIVULCE, que casou com Maria Archinto, filha de Carlos Archinto, Cavalleiro do Tosaõ, que teve o tratamento de Grande de Hespanha, a qual tinha sido casada com o Marquez Clerici, Grande de Hespanha, que morreo em Hungria, Capitaõ de Granadeiros; e teve de seu segundo marido huma unica filha, que morreo menina. ⩶ 21 OCTAVIO, que morreo de curta idade. ⩶ 21 OCTAVIA TRIVULCE, que casou na Casa de S. Secundo, e morreo sem successaõ. ⩶ 21 JUSTINA TRIVULCE, Reli-

 giosa,

giosa, que foy no Mosteiro da Visitaçaõ de Arona.

* 20 FRANCISCO GALLIO, Duque de Alvito, nasceo a 31 de Julho de 1709. Casou a 22 de Fevereiro de 1733 com Maria Catharina Rospigliosi, que nasceo a 24 de Janeiro de 1716, filha de Clemente Domingos, Principe de Rospigliosi, Duque de Zagarolo, e de sua mulher Justina Borromea, filha de Carlos Borromeo, de quem tem dous filhos:

21 N. . . . . . ROSPIGLIOSI.

21 N. . . . . . ROSPIGLIOSI.

CAPITULO V.

De Dom Fradique Manoel, I. Senhor de Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide môr de Marvaõ, &c.

13 NO Capitulo IV. deixamos referido, que do fecundo thalamo de Dom Nuno Manoel, e D. Leonor de Milá fora o primogenito D. Fradique Manoel, que lhe succedeo na Casa. No anno de 1518 servia de Moço Fidalgo a ElRey D. Manoel, como se tira da Matricula dos moradores da Casa Real daquelle tempo. Depois foy do Conselho delRey D. Joaõ III. que no anno de 1528 lhe confirmou a sua Casa, e a compra que do Castello de Alegrete fez a Ruy de Mello. Foy Senhor de Salvaterra de Magos, Aguias, e Erra, em que succedeo

Matricula do anno de 1518, pag. 41. vers.

Torr. do Tomb. Chancellaria delRey D. Joaõ III. do anno de 1528, pag. 96, e 97, e dos annos de 1548.

deo a seu pay. Depois cedeo ao mesmo Rey Salvaterra de Magos; porque quiz esta Villa para o Infante D. Luiz seu irmaõ. Foy celebrado este Contrato em Lisboa a 14 de Setembro de 1542 no Paço do dito Infante, sendo Procurador delRey o Doutor Christovaõ Esteves de Esparragosa, do seu Conselho, e Desembargador do Paço, e Petições. Nelle se outorgou ceder, e trocar D. Fradique a ElRey a Villa de Salvaterra de Magos, com todos os seus Termos, com a renda da barca de Escoropim, o Paul, Cortes, Lizeiriaõ, Romaõ grande, e pequeno, e outras cousas, de que lhe deu por equivalente as Villas de Tancos, Atalaya, Cinceira, com os seus Termos, e Aldeas, com jurisdicções Civel, e Crime, mero, e mixto imperio, &c. a Alcaidaria mór do Castello, e Fortaleza da Villa de Marvaõ, com tributos, rendas, e tudo o que nella lhe pertencia, que o Infante possuhia; e cedeo a ElRey para esta troca, e certa quantia de dinheiro de juro, o Casal de Santa Martha no Termo de Santarem, com todas as suas casas, terras, matos, montes, e fontes, e outras cousas, tudo de juro, reguladas pela Ley Mental, em que foraõ testemunhas o Licenciado Antaõ Soares, Desembargador do Infante D. Luiz, Pedro Carneiro, Cavalleiro Fidalgo da Casa do dito Infante, e Joaõ Lopes seu Moço da Camera, e Henrique Nunes, Tabelliaõ que o escreveo. Depois a 16 do dito mez de Setembro na casa de D. Fradique Manoel, estando elle presente, e sua mulher Dona Maria de

Ataide, e o Doutor Christovaõ Esteves, como Procurador delRey, se vio o dito Contrato, e o approvaraõ, e confirmaraõ, e ratificaraõ, e mutuamente o aceitaraõ, como nelle se continha, e foy junto ao mesmo Contrato, de que foraõ testemunhas o Licenciado Antaõ Soares, Alvaro do Tojal, Cavalleiro Fidalgo da Casa delRey, e Juiz da balança da Casa da India, e Rodrigo Arnao, Capellaõ do dito Dom Fradique. Este Contrato se passou, e incorporou em huma Carta, pela qual ElRey o approvou, e confirmou, dispensando as Ordenaçoẽs, e Leys em contrario, de certa sciencia, motu proprio, e poder Real, e absoluto, com que supprio qualquer defeito, ou nullidade de Direito. Foy feita esta Carta em Lisboa a 22 de Setembro de 1542. Jaz na Capella môr do Mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, onde em magnifica sepultura tem o seguinte Epitafio:

Prim. mort. S.
Hic jacet
D. Fredericus Manoel Nonij, & Leonoræ F. cum optima conjuge, D. Maria de Ataide magni Nonij Frz de Ataide hærede. D. Joannes Manoel Colimbr. Episc. Comes Argan. Nepos Avis suis. Opt. mer. P.

Casou com D. Maria de Ataide, viuva de D. Affonso

ſo de Noronha, filho herdeiro do III. Conde de Odemira, como deixamos eſcrito no Livro VIII. Capitulo VIII. pag. 567 do Tomo IX. e èra filha herdeira de Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, e de D. Joanna de Faria ſua mulher; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

14 D. NUNO MANOEL, como ſe verá no Capitulo VII.

14 D. JOAÕ MANOEL, Commendador de S. Martinho de Mazares, Capitulo VI.

14 D. DIOGO MANOEL DE ARAGAÕ ſeguio a vida Eccleſiaſtica; foy Clerigo, Eſmoler mòr, e Deaõ da Capella da Rainha D. Catharina, e depois VII. Prior mòr da Ordem de Santiago neſte Reyno, a que vulgarmente chamaõ de *Palmella*, por neſta Villa reſidir o ſeu Convento: foy muy magnifico, porque tinha grande renda em penſoens, que naõ eraõ da Ordem. Dotou a Capella de Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Moſteiro de S. Domingos de Setuval, que eſcolheo para ſua ſepultura. Achava-ſe doente no ſeu Moſteiro de Palmella, e conhecendo ſer mortal a doença, mandou abrir em vida a ſepultura na Capella mòr da Igreja; e eſtando ouvindo os golpes, com que ſe abria, com grandes demonſtrações de verdadeiro Chriſtaõ faleceo; e ſendo neſte lugar depoſitado, foy depois trasladado para a ſua Capella de Setuval, onde jaz em huma urna de pedra; e na parede das eſcadas da parte do Euangelho, tem o ſeguinte letreiro:

Aqui

Aqui jaz D. Diogo Manoel de Aragaõ, Prior môr que foy da Ordem de Santiago.

Entre outras memorias, que deixou ao seu Convento de Palmella, foraõ quatro reposteiros com as Armas da sua Casa, e huma armaçaõ de panos de Arraz, que lhe deu a Rainha D. Catharina sua Ama.

14 D. Alvaro Manoel, passou à India no anno de 1562, como refere o livro da Emmenta da Casa da India daquelle anno a fol. 42 na Armada, de que era Capitaõ môr seu tio D. Jorge Manoel. Na Armada que no anno de 1565 mandou o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha ao Malavar à ordem de Gonçalo Pereira Marramaque, foy D. Alvaro Manoel hum dos Capitaens Fidalgos, que nella embarcaraõ; porém naõ pode naquella empreza conseguir a mesma fortuna, que os outros do seu appellido conseguiraõ naquelle Estado, por falecer na viagem; delle diz o Chronista Diogo do Couto, que foy hum dos mais galhardos, e gentis mancebos, que entraraõ na India; e que fora filho de D. Jorge Manoel; no que padeceo equivocaçaõ, tal vez por erro de quem copiou a Relaçaõ da India; porque da Emmenta da Casa da India consta ser filho de Dom Fradique Manoel, no que vaõ conformes todos os Nobiliarios.

Couto, *Decada* 8. liv. 1. cap. 1.

Nobiliarios de D. Luiz da Sylveira, e Diogo Gomes de Figueiredo.

14 D. Manoel Manoel, de quem naõ sabemos outra noticia, de que fazer delle mençaõ, entre

os

os filhos de D. Fradique Manoel, Diogo Gomes de Figueiredo nos seus livros de Familias.

* 14 D. LEONOR DE ARAGAÕ casou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, adiante.

14 D. ANNA DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Catharina, a qual vivia nos Paços de Xabregas; e foy denunciada de se cartear com o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, que estava entaõ em Inglaterra: foy reclusa no Castello de Lisboa, e sentenciada, e degradada para Toledo; cuja resoluçaõ pareceo demasiada, pois recolhida em hum Mosteiro, quando houvesse causa, podia ficar satisfeito o receyo do trato com o Prior do Crato, se este se adiantava a crime de lesa Magestade.

Senhores da Ilha do Principe.

* 14 D. LEONOR DE ARAGAÕ, filha primeira de D. Fradique Manoel. Casou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, Governador, e Alcaide môr della, Donatario de Santa Maria, Capitaõ môr da Capitanía da Conceiçaõ de Finacin, S. Vicente, Santos, S. Paulo, Parnaguá, Tapias, Cananea, Grazipe, Britoga, no Estado do Brasil, Senhor das Villas de Alvares, e Sylvares, Commendador de Folques, e do Conselho delRey; e deste matrimonio tiveraõ os filhos seguintes: ☲ * 15 FRANCISCO CARNEIRO, com quem se continúa. ☲ MANOEL CARNEIRO, que foy Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ de Malta, Commendador de Bouro, e Governador do Priorado do Crato pelo Principe de Piamonte Victor Amadeo, depois Duque de Saboya, a quem

a quem ElRey havia conferido eſta Dignidade, que teve dez annos. ⩵ 15 Fradique Carneiro, que depois de ſe achar na Armada, de que foy General o Marquez de Santa Cruz, em que ſe diſtinguio com tanto valor, que deu occaſiaõ a dizer D. Lopo de Figueiroa, que mandava o Galeaõ, em que elle hia, que já mais vira Carneiro tornarſe em Leaõ. Paſſou depois a ſervir à India, e foy Capitaõ mòr da Armada do Eſtado, onde caſou com D. Melicia Paes, filha de Franciſco Paes de Albernos, Védor da Fazenda da India, Cavalleiro da Ordem de Chriſto; e de ſua mulher D. Iſabel Ferreira, filha de Joaõ Eſteves Chacim, e de Gracia Ferreira, filha de Joaõ Franciſco, natural de Caſtello de Vide, e neta de Nicolao Eſteves, e de Maria Rodrigues. Franciſco Paes de Albernos era filho de Antonio Rodrigues Albernos, natural de Viſeu, e de Catharina Paes de Barros, filha de Gomes Paes de Barros; e de ſua mulher Maria Carneiro, natural do Porto; e neto de Ruy Pires de Albernos, que vivia na ſua Quinta junto a Viſeu; e tiveraõ ⩵ Antonio Carneiro, que caſando naõ teve ſucceſſaõ, ⩵ e D. Isabel de Aragaõ, que foy ſua herdeira, e caſou com D. Lourenço da Cunha; e da ſua illuſtre deſcendencia ſe fará mençaõ no Capitulo XVII. §. II. do Liv. XIII. ⩵ Martim Affonso Carneiro, que paſſou à India, onde ſervio. ⩵ Joaõ Carneiro, Cavalleiro de Malta. ⩵ Diogo Carneiro, que ſervio na India. ⩵ Filippe Carneiro. ⩵ Nuno Fernan-

DES

DES CARNEIRO, Religioſo da Companhia de Jeſus; ⸗ * 15 e D. MARIA DE ARAGAÕ, caſou com Alexandre de Souſa, de quem adiante diremos ſua ſucceſſaõ.

* 15 FRANCISCO CARNEIRO, foy Senhor da Ilha do Principe, e das mais Villas, que ſeu pay teve, e Commendador de Cem Soldos na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Lourença Maſcarenhas, filha de D. Fernando Maſcarenhas, Senhor de Gocharia, e Torre, Commendador de Roſmaninhal; e de D. Filippa da Sylva, filha de Dom Gil Eannes da Coſta, Védor da Fazenda, e do Conſelho de Eſtado delRey D. Sebaſtiaõ, e Embaixador delRey D. Joaõ III. ao Emperador Carlos V.; e deſta uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes: ⸗ 16 LUIZ CARNEIRO, I. Conde da Ilha do Principe, que caſou com D. Marianna de Faro; e a ſua ſucceſſaõ fica eſcrita no Capitulo VII. do Livro VIII. pag. 647 do Tomo IX. ⸗ ANTONIO CARNEIRO MASCARENHAS, ſem geraçaõ. ⸗ D. MICHAELLA DE ARAGAÕ, ⸗ DONA LEONOR DE ARAGAÕ, Freiras em Chellas.

* 15 D. MARIA DE ARAGAÕ caſou com Alexandre de Souſa, Commendador na Ordem de Aviz, que depois de ter ſervido na India com reputaçaõ, achando-ſe no cerco de Chaul, e na tomada de Honor; foy Capitaõ de Chaul; e voltando ao Reyno, foy Capitaõ môr de huma Armada no anno de 1586: e ſua mulher ficando viuva, tomou o habito no Moſteiro de Santa Martha de Lisboa, e ſe chamou Soror

Maria do Sacramento; e tiveraõ o filho seguinte: ⩶ 16 Luiz Freire de Sousa, que foy Commendador de Alfayates na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Ayala, filha de Christovaõ de Mello, Alcaide môr de Serpa, Porteiro môr delRey D. Filippe II. e de D. Maria de Calatayud, filha de Joaõ de Calatayud, Porteiro môr delRey D. Joaõ III. e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 Alexandre de Sousa, com quem se continúa. ⩶ 17 Christovaõ de Mello Freire, que foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, de que tomou posse a 25 de Junho de 1638. Foy Doutor em Theologia, e depois passou para a faculdade de Canones; foy Desembargador da Relaçaõ do Porto, e da Casa da Supplicaçaõ de Lisboa, e Vereador do Senado da Camera de Lisboa, onde morreo em Janeiro de 1667; e teve natural a Fr. Luiz de Mello, Religioso da Ordem de S. Bernardo, a quem no seu Testamento declarou, deixando-o por seu herdeiro. ⩶ 17 Antonio de Sousa de Mello, a que chamaraõ o *Loyo*, por ter tido o habito dos Conegos de S. Joaõ Euangelista. Casou com D. Josefa Antonia de Moura, filha herdeira do Doutor Valentim da Costa de Lemos, Desembargador dos Aggravos; e de sua mulher D. Maria de Caceres, irmãa do Doutor Luiz Vicente de Caceres, Lente de Canones na Universidade de Coimbra, filhos de Jorge de Caceres; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. Maria There-

SA DE AYALA, mulher de Sylverio da Sylva, Alcaide môr de Alfeizeraõ, de quem nasceo = 19 PEDRO DA SYLVA DA FONSECA, que casou com D. Angela Maria de Portugal, filha de D. Luiz de Almeida, como já escrevemos no Livro X. Capitulo XLV. §. II. pag. 825 do Tomo X. = 18 D. IGNEZ DE AYALA, segunda mulher de Joaõ Saraiva de Sampayo, Capitaõ môr de Montemôr o Velho. = 18 D. CAETANA MARGARIDA DE ARAGAÕ, casou com Damiaõ Botelho Chacon da Sylveira. = 18 D. LUIZA, Freira em Alenquer. = 18 D. CECILIA, D. LEONOR, e D. ISABEL, das quaes ignoramos o estado. Foraõ mais irmãos de Alexandre de Sousa. = 17 MANOEL DE SOUSA, foy Frade Eremita de Santo Agostinho, e morreo moço. = 17 LUIZ CARNEIRO, que morreo no assalto de Nigumbo. = 17 D. MARIA, e D. N. . . . Freiras em Santa Martha de Lisboa, = 17 D. BRITES, Freira em Santa Clara de Coimbra. = 17 D. IGNEZ DE AYALA, filha de Luiz Freire, casou com Sancho de Faria, Alcaide môr de Palmella, Capitaõ môr da primeira Armada, que no anno de 1641 o Senhor Rey D. Joaõ IV. mandou à India: foy sua segunda mulher, e naõ tiveraõ geraçaõ; e ella ficando viuva esteve concertada para ser segunda mulher de Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, o que naõ teve effeito. Casou segunda vez Luiz Freire com D. Joanna de Tavora, viuva de D. Luiz Thomé de Castro, Governador da Mina, filha de Bernardim de Tavora Tavares, Com-

mendador na Ordem de Chriſto; e de Dona Mecia Maſcarenhas ſua mulher: o qual era filho de Franciſco Tavares, Senhor de Mira, e outras terras, e de D. Joanna de Tavora ſua ſegunda mulher, Senhora de grande virtude; a qual, depois de enterrado o ſeu corpo, ſe achou brando, flexivel, com cheiro, lançando ſangue, como refere o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. pag. 203. Era filha de Bernardim de Tavora, Repoſteiro mòr dos Reys Dom Joaõ III., D. Sebaſtiaõ, e D. Filippe II.; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 17 BERNARDIM DE TAVORA, adiante. ⩶ 17 D. MECIA, D. MARGARIDA, D. LUIZA, Freiras em Santa Martha de Lisboa.

* 17 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, (que diſſemos ſer filho do primeiro matrimonio de Luiz Freire de Souſa) ſervio em Tangere, e foy Commendador na Ordem de Chriſto: no anno de 1663 governou a Cidade de Béja; ſervio na guerra de Alentejo; foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e do Eſtado do Braſil, Védor da Caſa da Rainha D. Maria Franciſca de Saboya, e do Conſelho de Guerra. Caſou com D. Joanna de Lima, filha terceira de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica; e de D. Maria de Lima ſua mulher, de quem teve unica herdeira: ⩶ * 18 D. MARIA DE SOUSA, que caſou com ſeu tio Bernardim de Tavora, como ſe verá adiante. ⩶ 18 JOAÕ DE SOUSA FREIRE, baſtardo, que paſſou à India a ſervir; e caſou

ſou em Goa com D. Luiza de Mendoça, filha de D. Filippe de Souſa, Capitaõ môr de Dio, e de D. Anna de Lencaſtre ſua mulher; e tiveraõ: ⵘ 19 ALEXANDRE DE SOUSA, D. ANNA, e D. MARIA, cujos eſtados naõ chegaraõ à noſſa noticia.

* 17 BERNARDIM DE TAVORA E SOUSA, filho primeiro do ſegundo matrimonio de Luiz Freire, e de ſua mulher D. Joanna de Tavora, ſervio na guerra na Provincia de Traz os Montes, onde occupou diverſos póſtos. Foy Senhor de Mira, Commendador na Ordem de Chriſto, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e depois do Reyno de Angola, onde morreo. Caſou com ſua ſobrinha D. Maria de Souſa, filha herdeira de ſeu irmaõ Alexandre de Souſa, e de D. Joanna de Lima ſua mulher, de quem teve: ⵘ * 18 MANOEL DE SOUSA TAVARES, com quem ſe continúa. ⵘ * 18 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE.

* 18 MANOEL DE SOUSA TAVARES, ſervio com ſeu pay em Africa, foy Commendador da Ordem de Chriſto, Coronel de Infantaria de hum Regimento no Reyno do Algarve, Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, e ultimamente de Pernambuco, onde morreo. Caſou com D. Maria Joſefa de Noronha, filha ſegunda de Joaõ da Sylva Tello, III. Conde de Aveiras; e da Condeſſa D. Juliana de Noronha, como ſe diſſe no Capitulo V. do Livro VI. pag. 334; e deſte matrimonio naſceraõ eſtes filhos: ⵘ 19 D. JULIANA MARIA DE NORO-

NHA,

NHA, que nasceo a 15 de Agosto de 1708; e casou com Christovaõ da Costa de Ataide e Sousa, como se dirá em outra parte. ⩵ 19 D. JOANNA ELEUTHERIA DE NORONHA nasceo a 20 de Fevereiro de 1710, sem estado. ⩵ * 19 BERNARDINO FRANCISCO DE SOUSA E TAVORA, com quem se continúa. ⩵ 19 D. ANNA RITA DE NORONHA nasceo a 3 de Abril de 1714, Freira no Mosteiro da Encarnaçaõ de Lisboa.

* 19 BERNARDINO FRANCISCO DE SOUSA TAVARES E TAVORA nasceo a 4 de Outubro de 1710, que succedeo na Casa de seu pay. Casou com D. Vicencia Luiza de Menezes, que faleceo de sobre parto a 3 de Outubro de 1741, filha de Felix Joseph Machado da Sylva Eça e Castro, Alcaide mòr de Mouraõ, &c. e de D. Eufrazia de Menezes sua mulher, como se disse no Livro X. pag. 602 do Tomo X. de quem teve os filhos seguintes: ⩵ 19 MANOEL JOSEPH DE SOUSA TAVARES, que nasceo a 18 de Fevereiro de 1739. ⩵ FELIX DE SOUSA TAVARES, que nasceo a 24 de Agosto de 1640. ⩵ JOAÕ DE SOUSA TAVARES, que nasceo a 24 de Setembro de 1741.

* 18 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, filho segundo de Bernardim de Tavora; foy destinado para a Igreja, e estudou em Coimbra, e foy Mestre em Artes, Doutor em Theologia, e Collegial do Real Collegio de S. Paulo, em que entrou em 28 de Janeiro de 1697; e seguindo depois a vida militar, passou

ſou à Bahia, onde foy Soldado, e Meſtre de Campo de hum Terço, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Governador, e Capitaõ General do Maranhaõ, para onde foy no anno de 1729; e faleceo em Novembro de 1741. Caſou na Bahia com D. Leonor Maria de Caſtro, filha herdeira de André de Brito de Caſtro, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e Provedor da Bahia, (officio que ſervio ſeu genro alguns annos, e depois vendeo a Domingos da Coſta, que actualmente o ſerve) Senhor de muitas terras, e Engenhos naquelle Eſtado; e de D. Franciſca Maria ſua mulher; e teve os filhos ſeguintes: ⊏ 19 Luiz de Sousa Freire, morreo na Bahia no anno de 1743. ⊏ 19 Antonio Joseph Freire, que he herdeiro, e até o preſente naõ tem eſtado. ⊏ * 19 D. Maria Perigrina Vicencia, adiante. ⊏ 19 Dona Francisca Maria de Sousa, ⊏ e D. Joachina de Sousa.

* 19 D. Maria Perigrina Vicencia de Lima e Tavora caſou a 17 de Novembro de 1736 com Antonio Joſeph Pereira Coutinho, que naſceo a 13 de Dezembro de 1710, filho de Giraldo Pereira Coutinho, Lente de Prima de Canones; e tem os filhos ſeguintes: ⊏ 20 D. Leonor Coutinho Pereira de Sousa naſceo a 28 de Outubro de 1737. ⊏ 20 D. Ignez Rita de Lacerda e Tavora naſceo a 21 de Setembro de 1739. ⊏ 20 D. Anna Joachina de Lima naſceo a 30 de Outubro de 1744.

19 D.

= 19 D. FRANCISCA MARIA DE SOUSA E CASTRO, que nasceo no anno de 1720. Casou com Nicolao Pereira Coutinho de Menezes, e até ao presente naõ tem filhos. = 19 D. JOACHINA JOSEFA DE SOUSA E CASTRO casou com Miguel Joseph Salema de Saldanha, como se dirá no Capitulo XVII. do Liv. XIII. §. III. Teve illegitimos em Josefa Maria, que depois foy Freira em Santa Clara de Lisboa, = D. MARIA, e D. JOANNA, Religiosas no Mosteiro das Flamengas de Alcantara de Lisboa: de outra Maria de Sousa, que vive no Recolhimento da Misericordia da Bahia, = D. ISABEL DE SOUSA, que morreo sem estado; e de D. Leonor de Brito teve = D. MARGARIDA MAGDALENA DE SOUSA, Moça do Coro no Mosteiro de Santos de Lisboa. = DONA URSULA, que morreo Moça do Coro no mesmo Mosteiro. = BERNARDINO VENANCIO DE SOUSA.

D. Ma-

- . Maria e Ataide, ulher de om Fraque Maɔel, Senor de talaya.
  - Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, Alcaide mòr de Alvor, Capitaõ de Çafim, do Conselho delRey, e Camereiro mòr do Principe D. Joaõ, * em 1517.
    - Alvaro de Ataide, Alcaide mòr de Alvor.
      - Joaõ Gonçalves de Ataide, Senhor de Penacova, Camereiro mòr do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra.
        - Gonçalo Viegas de Ataide.
          - Egas Moniz de Ataide.
          - N. . . . .
        - Beatriz Nunes de Goes.
          - Nuno Martins de Goes, Prior do Crato.
          - Branca do Avelar.
      - Maria Nunes de Cordovellos.
        - Nuno Fernandes de Cordovellos, Senhor de Penacova.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
    - Dona Maria da Sylva.
      - Pedro Gonçalves Malafaya, Védor da Fazenda, Embaixador a Castella.
        - Gonçalo Pires Malafaya, Senhor de Bellas, Védor da Fazenda, e Regedor das Justiças.
          - Pedro Annes Fafiaõ, Senhor da Honra de Malafaya.
          - D. Sancha Gil do Avelar.
        - Maria Annes.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Isabel Gomes da Sylva.
        - Joaõ Gomes da Sylva, II. Senhor de Vagos, Alferes mòr, * a 26 de Março de 1445.
          - Gonçalo Gomes da Sylva, I. Senhor de Vagos, &c. * a 10 de Dezembro de 1424.
          - D. Leonor Gonçalves da Fonseca.
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
  - D. Joanna de Faria.
    - Antaõ de Faria, Alcaide mòr de Palmella, Senhor de Evora-Monte.
      - Lourenço de Faria, Monteiro mòr delRey Dom Joaõ II. Alcaide mòr de Portel, Senhor de Evora-Monte.
        - Alvaro de Faria, Comendador do Casal da Ordem de Aviz; achou-se nas Cortes de Coimbra 1385.
          - Joaõ Alvares de Faria.
          - D. Mecia Telles.
        - D. Isabel da Sylva.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Guiomar da Sylva.
        - Diogo da Sylva.
          - Diogo da Sylva.
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
    - Leonor Gonçalves de Oliveira.
      - Joaõ Gonçalves de Oliveira.
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .

CAPITULO VI.

D. João Manoel, Commendador de S. Martinho de Mozares na Ordem de Christo.

14 FOy filho segundo de Dom Fradique Manoel, Senhor de Atalaya, &c. e de Dona Maria de Ataide sua mulher D. Joaõ Manoel; servio de Moço Fidalgo todo o tempo, em que naõ podia cingir espada, como he costume nas pessoas da sua qualidade. ElRey D. Joaõ III. lhe fez merce da Commenda de S. Martinho de Mozares da Ordem de Christo, no Arcebispado de Braga, em 20 de Outubro de 1556, como se vê do livro VI. do Registo das merces do referido Rey, Escrivaõ Sebastiaõ Dias. Na infelice jornada, que ElRey D. Sebastiaõ fez segunda vez à Africa, se achou na batalha de Alcacere, em que foy morto a 4 de Agosto de 1578. Casou com D. Iria de Siqueira, filha de Gonçalo de Siqueira, e de D. Genebra Nole, filha de Joaõ Nole, Fidalgo da Casa do Mestre de Santiago; e de D. Maria da Fonseca. Era Gonçalo de Siqueira irmaõ de Fernaõ Vaz de Siqueira, Senhor da Torre de Palma, e de Joaõ Palha de Siqueira, de quem foy filho Balthasar de Siqueira, que passou ao Algarve por ordem delRey D. Manoel com a superintendencia do Mosteiro das Freiras de Santa Clara, hoje da Ordem

Jornada de Africa, pag. 45. vers.

de S. Bernardo, como conſta de hum Alvará do anno de 1512, que ſe conſerva na Camera da Cidade de Tavira, onde foy Vereador em os annos de 1523, 1533, e 1537, de quem foy filho Balthaſar de Siqueira, Fidalgo honrado, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Juiz da Alfandega de Tavira, que caſando com D. Catharina de Oliva, foraõ pays de Lopo de Siqueira, que viveo tambem em Tavira, e caſou com D. Marianna de Lacerda ſua ſobrinha, filha de Roque Pereira de Berredo de Siqueira, de quem naſceo D. Jeronyma de Lacerda, mulher de Diogo de Mendoça Corte-Real; cuja antiga varonía de Madeiras ſe alliou com os Mendoças, e Cortes-Reaes, e ſe conſervaraõ com eſplendor, e luzimento no Reyno do Algarve; recahindo depois nelles o antigo Morgado de Marim, que foy de ſeus avós, que agora ſó tocamos eſta parte, pelo que toca aos Siqueiras, Senhores da Torre de Palma. Teve D. Joaõ Manoel de ſua mulher os filhos ſeguintes:

15 D. Valentim Manoel, que foy Religioſo da Provincia da Arrabida.

* 15 D. Isabel Manoel caſou com Conſtantino de Magalhaens, VII. Senhor da Ponte da Barca, de que adiante faremos mençaõ.

Caſou ſegunda vez com Dona Brites de Abranches, viuva de Vicente de Almada, Commendador de Santo André de Vitorinho na Ordem de Chriſto, filha de Diogo Peſſanha, e de ſua mulher D. Simoa Correa, e neta de Alvaro Peſſanha, e de ſua mulher D.

Iſabel

Isabel de Abranches, filha de D. Alvaro Vaz de Almada, I. Conde de Abranches; e era bisneta de Micer Carlos, Almirante de Portugal; e delle faz mençaõ D. Luiz de Gongora Alcasar na *Real Grandeza da Serenissima Republica de Genova*, escrita em Italiano, e Hespanhol; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

Gongora, *Grand. de la Repub. de Genov.* pag. 24.

* 15 D. ANTONIO MANOEL, com quem se continúa. = 15 D. ANNA MANOEL, Freira no Mosteiro da Annunciada de Lisboa, da Ordem de S. Domingos. = 15 D. MARIA DE ABRANCHES, Freira em o Mosteiro de Jesus de Setuval, da primeira Regra de Santa Clara.

15 D. JOAÕ FRANCISCO MANOEL passou com ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e morreo na batalha de Alcacer no anno de 1578 sem ter sido casado, nem deixar geraçaõ.

* 15 D. ANTONIO MANOEL, foy Cavalleiro da Ordem de Christo. Passou a servir na India no anno de 1592 na Armada, de que foy Capitaõ môr Francisco de Mello; e levava de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez tres mil e novecentos reis. Achou-se na tomada de Cunhale, servindo de Capitaõ môr no anno de 1596, sendo Vice-Rey o Conde Almirante; e no tempo do Vice-Rey Dom Jeronymo de Azevedo foy Capitaõ de Cranganor, e do Paço de Santiago da Ilha de Goa; e por estes serviços o despachou ElRey Filippe II. com a Capitanía de Malaca no anno de 1605, e com huma viagem da China,

Emmenta da Casa da India do an. de 1592. pag. 200.

Livr. 22 do Regisito da Casa da India, pag 376, liv. 26. pag. 211, e liv. 27. pag. 204.

e o habito de Christo com huma tença. E tendo servido com grande satisfaçaõ, e muito, vindo de Choromandel para Goa, foy morto peleijando com os Hollandezes, sendo Capitaõ mór Fernaõ de Albuquerque. Casou na India com D. Francisca de Lacerda, filha de Manoel de Lacerda Pereira, Capitaõ de Chaul, e de D. Anna de Castilho Salazar sua mulher, de quem teve ⩴ 16 D. Carlos Manoel, que servio na India pelos annos de 1630, e morreo sem estado. ⩴ * 16 D. Martim Affonso Manoel, adiante. ⩴ 16 Dom Fradique Manoel. ⩴ 16 D. Joaõ Manoel, de quem naõ sabemos. ⩴ 16 D. Catharina Manoel, mulher de Antonio de Mello de Sampayo, filho de Gaspar de Mello de Sampayo.

* 16 D. Martim Affonso Manoel, que servio na India, e lá casou duas vezes, a primeira com Dona N. . . . . . filha herdeira de André de Vasconcellos, e de D. Domingas Tavares sua mulher, de quem teve ⩴ 17 D. Antonio Manoel, que casando com D. N. . . . . . filha de Joaõ Pinheiro de Gamboa, morreo sem geraçaõ. Casou segunda vez tambem na India com D. Maria de Andujar, de quem naõ teve geraçaõ. E casou terceira vez em Baçaim com D. N. . . . . de quem teve ⩴ 17 D. Francisco Manoel, de quem naõ temos noticia.

* 15 D. Isabel Manoel, filha de D. Joaõ Manoel, casou com Constantino de Magalhaens, VII. Senhor da Ponte da Barca, Commendador de Pinheiro

nheiro na Ordem de Christo, de quem teve o filho, e filha seguintes: = 16 ANTONIO DE MAGALHAENS, que foy VIII. Senhor da Ponte da Barca, e da mais Casa de seus avós; e casou com D. Maria da Sylveira, filha de Antonio Vaz de Camoens, Senhor do Morgado da Camoeira, de quem naõ teve geraçaõ; e ella depois casou com D. Pedro Mascarenhas, irmaõ de D. Joaõ Mascarenhas, III. Conde de Santa Cruz, e de Dom Vasco Mascarenhas, I. Conde de Obidos.

16 D. JOANNA MANOEL DE MAGALHAENS, que veyo a ser herdeira, e foy IX. Senhora da Ponte da Barca, Souto, Rebordãos, terra, e Castello da Nobrega, Torre, e Morgado de Fonte-Arcada. Casou com D. Affonso de Menezes, Mestre Salla do Senhor Rey D. Joaõ IV. Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Capitaõ môr de Monsaõ; e por o seu casamento Senhor da Ponte da Barca, &c. Faleceo em o anno de 1656. Irmaõ de D. Francisco de Menezes, Conego Doutoral da Sé de Evora, Deputado da Junta dos Tres Estados, douto, e muy dado ao estudo Genealogico, que escreveo varios livros com muita exacçaõ, de quem no *Apparato* desta Obra, num. 23, se faz mençaõ; e eraõ filhos de D. Fradique de Menezes, hum dos Oppositores da Casa de Alconchel; e de sua mulher D. Isabel Henriques, filha de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor do Couto de Freiris, Santiago de Lostoca, e Santa Marinha de Estromil, Commendador de Santo Adriaõ

na

na Ordem de Chriſto; e netos de D. Pedro de Menezes, VII. Senhor de Cantanhede, e de ſua mulher D. Ignez de Zuniga. Deſta ſorte paſſou a Caſa da Ponte da Barca à antiga, e illuſtre varonía de Menezes; deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

* 17 D. Fradique, com quem ſe continúa.

17 D. Joseph de Menezes, que naſceo no anno de 1642; foy Doutor em Canones, Porcioniſta do Collegio de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 29 de Fevereiro de 1656, Deſembargador da Relaçaõ do Porto, e da Caſa da Supplicaçaõ de Liſboa, da Meſa dos Aggravos, Deputado da do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe a 14 de Novembro de 1674, da Junta dos Tres Eſtados, e da Meſa da Conſciencia, e Ordens, de que tomou poſſe a 13 de Janeiro de 1670, Viſitador dos Moſteiros das Ordens Militares de Aviz, e Palmella, Sumilher da Cortina delRey Dom Pedro II. ſendo Principe Regente, Dom Prior de Guimaraens, Reytor, e Reformador da Univerſidade de Coimbra, por Proviſaõ de 15 de Outubro de 1675; e ſendo nomeado Biſpo de Miranda, naõ teve effeito, por vagar no meſmo tempo a Cadeira da Cathedral do Algarve, em que foy nomeado pelo Principe Regente, tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe a 14 de Julho de 1680. Naõ eſteve neſta Igreja muito tempo; porque ElRey D. Pedro o promoveo a 3 de Março de 1685 para o Biſpado de Lamego; e ſendo abſoluto do vinculo do Algarve, em 14 de Mayo tomou

Barboſa, *Catalogo do Colleg. Real de S. Paulo.*

tomou posse da Cadeira de Lamego a 25 de Agosto do mesmo anno. Ultimamente foy nomeado Arcebispo de Braga, Primaz de Hespanha, de que tirando as Bullas Apostolicas, tomou posse a 22 de Mayo de 1692. No anno de 1693, estando em Lisboa o Arcebispo Primaz, o nomeou ElRey D. Pedro, por Carta de 6 de Abril do referido anno, Inquisidor Geral destes Reynos, o que naõ aceitou. Faleceo a 16 de Fevereiro de 1696, acabando nelle hum grande Prelado; porque foy douto, entendido, e prompto em resolver, zelador da immunidade Ecclesiastica, caritativo com os pobres; e àquelles a que se ajuntava a nobreza, attendia com cuidado, recolhendolhe as filhas nos Mosteiros para Religiosas, e aos filhos, que eraõ capazes de estudar, assistia em a Universidade de Coimbra com mezadas. Na justiça mostrou zelo, e distribuiçaõ nos Beneficios; nas Igrejas de concurso, naõ permittia entrassem os seus Capellaens, para que se naõ persuadissem os pretendentes, podia haver soborno. Com estas, e outras acções, e virtudes mostrou a grandeza do seu animo, a inteireza de hum verdadeiro Pastor da Igreja. Jaz na Sé de Braga na Capella de S. Pedro de Rates, onde por sua ordem tem este Epitafio:

Aqui jaz Joseph.
O mais indigno Arcebispo de Braga.

* 17 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES, de quem se fará mençaõ adiante.

D.

* 17 D. FRADIQUE DE MENEZES, X. Senhor da Ponte da Barca. Casou no anno de 1671 com D. Jeronyma Maria de Sá sua prima segunda, filha herdeira de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor dos Coutos de Freiris, e Penagate, e dos Padroados de Freiris, Santiago de Lostoca, e Santa Marinha de Estromil; e de D. Joanna de Sá sua prima segunda, filha de Sebastiaõ de Sá de Miranda, de quem teve

* 18 D. AFFONSO DE MENEZES, adiante.

18 D. JOSEPH DE MENEZES, que foy Mestre Escola da Sé de Coimbra, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa. ⵘ 18 D. JOAÕ DE MENEZES, que até o presente naõ tomou estado, havendo succedido na Casa a seu irmaõ. ⵘ 18 D. MARIA DE MENEZES, faleceo menina. ⵘ 18 D. JOANNA DE MENEZES, e D. ISABEL MANOEL DE ARAGAÕ, Freiras em Santa Clara de Coimbra. ⵘ 18 D. ANNA DE MENEZES casou em 27 de Janeiro de 1704 com Simaõ da Costa Freire, Senhor de Pancas, e da Villa de Atalaya na Beira, de quem ficou viuva a 19 de Junho de 1728, sem successaõ.

* 18 D. AFFONSO DE MENEZES, foy XI. Senhor da Ponte da Barca, &c. Faleceo em Coimbra em Fevereiro de 1739. Casou com D. Antonia de Borbon, filha de D. Antonio de Almeida, II. Conde de Avintes, do Conselho de Estado; e da Condessa D. Maria Antonia de Borbon, de quem naõ teve successaõ; e da sua Casa fez ElRey merce a D. Joaõ de Menezes seu irmaõ, exceptuando os Padroados das Igrejas.

D.

* 17 D. Joaõ Manoel de Menezes, filho terceiro de D. Affonso de Menezes, e de D. Joanna Manoel de Magalhaens, IX. Senhora da Villa da Ponte da Barca: servio na guerra na Provincia do Minho, e depois no anno de 1679 se achou nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa, sendo Procurador. Casou com D. Francisca Luiza de Mendoça, filha herdeira de Francisco Ferreira Furtado de Mendoça, e de D. Maria de Mendoça sua mulher, de quem teve unico

18 D. Francisco Furtado de Mendoça, adiante. E fóra do matrimonio teve illegitimo a

18 D. Affonso Manoel de Menezes, que nasceo no anno de 1672, e foy bautizado a 2 de Outubro: estudando na Universidade de Coimbra com a proveitamento, seguio a vida Ecclesiastica, e sendo Beneficiado da Collegiada de Freixo de Espada à Cinta, passou para Arcediago do Bago da Santa Igreja de Braga; e depois de ter recebido o grao de Licenciado na Universidade de Coimbra, foy Deputado da Inquisiçaõ da dita Cidade, em que entrou a 30 de Janeiro de 1697, donde passou a servir o mesmo lugar na Inquisiçaõ de Lisboa a 6 de Dezembro de 1704, sendo já Desembargador da Relaçaõ do Porto, em que tinha entrado a 29 de Agosto de 1703, donde passou no anno seguinte a servir na Casa da Supplicaçaõ, e de que tomou posse a 27 de Novembro do dito anno, e ultimamente entrou na Mesa dos Aggravos de propriedade a 5 de Julho de 1710. A' viveza natural, a que a natureza ajuntou hum engenho

ſublime com continuada applicaçaõ ao eſtudo da Juriſprudencia, o diſtinguiraõ na ſua profiſſaõ, e fará celebre o ſeu nome, ſe ſahir à luz para beneficio da Republica das letras a ſua vaſta Obra, que tem quaſi acabada, com o titulo *Commentaria ad Ordinationem Luſitanam*, que divide em cinco tomos, Obra em que brilhaõ igualmente os apices da Juriſprudencia, que os primores da erudiçaõ, a qual nos fez merce de moſtrar, e vimos com grande goſto; della já faz mençaõ o Abbade de Sever na *Bibliotheca Luſitana*, que ſe imprimio em 1741. Naõ ſó a profiſſaõ lhe levou o cuidado, porque com muito ſe applicou à Hiſtoria, e à Genealogia, como diſſemos no *Apparato* deſta Obra.

* 18 D. Francisco Furtado de Mendoça naſceo a 22 de Setembro de 1681, ſuccedeo nos Morgados de Argenſol, Freiria, e Canidello, foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e morreo a 14 de Outubro de 1741. Caſou com D. Marianna Luiza de Valladares e Amaral, que faleceo a 15 de Agoſto de 1739, havendo naſcido no anno de 1678, filha herdeira de Joaõ de Valladares do Amaral Carneiro, Senhor da Caſa dos Valladares do Porto; e de D. Margarida Machado da Sylva e Menezes, filha de Ruy Pereira Sottomayor, Alcaide mòr de Caminha, Senhor de Barbeita, de quem teve os filhos ſeguintes:

19 D. Francisco Antonio de Menezes naſceo a 10 de Mayo de 1699, e morreo a 28 de Março de 1704. ☰ * 19 D. Leonor Maria Mi-

CHAELLA

CHAELLA MANOEL DE MENEZES, adiante. ⩶ 19 D. MARIANNA PLACIDA DE MENEZES, de quem se faz mençaõ. ⩶ D. FRANCISCA ROSA MARIA DE MENEZES nasceo a 2 de Outubro de 1701, e casou a 3 de Mayo de 1725 com Thadeo Luiz Lopes de Carvalho e Camoens, VII. Senhor, e Capitaõ môr hereditario dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, &c. como se dirá no Capitulo VI. do Livro XIII. e fica referido a pag. 365 do Livro XI. ⩶ * 19 D. JOANNA THERESA DE MENEZES, adiante. ⩶ * 19 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES, com quem se continúa. ⩶ * 19 D. MARIA PROSPERA DE MENEZES, de quem adiante se falla. ⩶ * 19 D. MARGARIDA CECILIA DE MENEZES, de quem abaixo se fará mençaõ. ⩶ 19 D. EUGENIA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 12 de Janeiro de 1710. Casou com Henrique de Mello de Azambuja, como dissemos no Capitulo IV. §. II. deste Livro. ⩶ 19 D. ISABEL DE ARAGAÕ nasceo em o primeiro de Abril de 1711, e morreo a 9 de Novembro do mesmo anno. ⩶ * D. LUIZA CAETANA DE MENEZES, de que adiante se trata.

* 19 D. LEONOR MARIA MICHAELLA MANOEL DE MENEZES nasceo a 28 de Setembro de 1700, casou no anno de 1716 com D. Antonio Jacintho, Senhor de Lyra, e da Casa do Porto no Reyno de Galliza, e tem ⩶ 20 D. RODRIGO TRANCOSO DE LYRA, que nasceo em 1717. ⩶ D. JOAÕ DE LYRA TRONCOSO E SOTTOMAYOR, que nasceo a 12 de

Abril de 1721. ⩵ D. MARIA QUITERIA DE LYRA E MENEZES, que foy bautizada a 21 de Agosto de 1723, e casou a 10 de Abril de 1735 com Pedro Lopes de Calheiros e Benavides, Senhor da Casa, e Solar de Calheiros; e tem até o presente: ⩵ 21 FRANCISCO LOPES DE CALHEIROS, que nasceo a 21 de Junho de 1737, ⩵ e a D. MARIA ROSA DE MENEZES, que nasceo a 16 de Outubro de 1741. ⩵ 20 D. PAULA LEONOR DE MENEZES, que foy bautizada a 17 de Janeiro de 1727. ⩵ 20 D. LUIZA ANTONIA DE LYRA nasceo a 26 de Agosto de 1728.

* 19 D. MARIANNA PLACIDA DE MENEZES nasceo a 5 de Outubro de 1702. Casou a 7 de Setembro de 1727 com Manoel de Sá Pereira, Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar da Comarca de Coimbra, a qual faleceo em Julho de 1739, deixando a successaõ seguinte: ⩵ 20 D. MARIANNA ANTONIA DE SA' E MENEZES nasceo a 30 de Agosto de 1728. ⩵ D. JOACHINA LOURENÇA DE SA' E MENEZES nasceo em 1729, foy bautizada a 23 de Agosto. ⩵ JOAÕ ANTONIO DE SA' PEREIRA nasceo a 13 de Junho de 1730. ⩵ JOSEPH VICTORINO DE SA' E MENEZES nasceo em 1731, foy bautizado a 4 de Dezembro. ⩵ FRANCISCO DE SA' foy bautizado a 29 de Março de 1731; he Cavalleiro de Malta. ⩵ D. ANNA DE SA', foy bautizada a 20 de Fevereiro de 1735. ⩵ D. LUIZA VICTORIA DE SA' nasceo em 1736, e foy bautizada a 23 de Janeiro. ⩵ D. PEDRO DE MENEZES nasceo a 4 de Março de 1738.

D.

* 19 D. JOANNA THERESA DE MENEZES naſceo a 15 de Fevereiro de 1704, e caſou a 28 de Novembro de 1728 com Joaõ Bernardo Pereira Coutinho de Vilhena, Senhor da Caſa de Penedono; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = 20 BELCHIOR LUIZ PEREIRA COUTINHO DE VILHENA naſceo em 1729, e foy bautizado a 28 de Novembro. = LUIZ MANOEL DE MENEZES naſceo em 1731, e foy bautizado a 25 de Abril. = D. DELFINA FELICIANA BARBARA DE MENEZES E ZUNIGA naſceo em 1732, e foy bautizada a 16 de Mayo. = FRANCISCO MANOEL DE MENEZES naſceo em 1733, e foy bautizado em Novembro. = D. ANTONIA LUIZA DE ZUNIGA E MENEZES naſceo em 1735, e foy bautizada no primeiro de Mayo. = LOPO CESAR DE MENEZES naſceo em 1737, e foy bautizado a 23 de Mayo. = MIGUEL CARLOS naſceo em 1738, e foy bautizado a 20 de Julho. = D. LEONOR GERTRUDES DE MENEZES naſceo em 1740, e foy bautizada a 2 de Abril. = D. JOANNA FELICIA DE ZUNIGA MENEZES DE VILHENA naſceo em 1742, e foy bautizada a 31 de Março.

* 19 D. MARIA PROSPERA DE MENEZES naſceo a 2 de Novembro de 1706, caſou a 26 de Mayo de 1728 com Thomé Joſeph de Souſa e Brito, Commendador da Ordem de Chriſto, de quem fizemos mençaõ no §. II. do Capitulo IV. deſte Livro.

* 19 D. MARGARIDA CECILIA DE MENEZES naſceo a 9 de Novembro de 1708, caſou a 19 de Outubro

tubro de 1727 com D. Affonſo Bautiſta de Aguilar, Monroy da Gama, irmaõ de D. Rodrigo de Aguilar, Cavalleiro de Malta, de D. Antonio de Aguilar, Prelado da Santa Igreja de Lisboa; e de Dona Filippa Catharina de Aguilar da Gama, mulher de Gonçalo Joſeph da Sylveira Preto, Alcaide mór de Monçaõ, e Commendador deſta Villa, irmaõ de Antonio Ignacio Falcaõ, Prelado da dita Santa Igreja de Lisboa, e filhos de Joſeph Vaz de Carvalho, do Conſelho de Sua Mageſtade, ſeu Deſembargador do Paço, Chanceller mór do Reyno, Juiz da Coroa, Secretario do Infante D. Manoel, Miniſtro de grande inteireza, e litteratura, e merecimentos, que o fazem benemerito da attençaõ do ſeu Soberano; e da referida uniaõ tem até o preſente os filhos ſeguintes: ⩶ 20 D. JOSEPH DE AGUILAR naſceo a 2 de Junho de 1736. ⩶ D. MARIANNA JOSEFA DE MENEZES naſceo a 12 de Junho de 1737. ⩶ D. FRANCISCO ANTONIO DE MENEZES naſceo em 12 de Junho de 1739. ⩶ D. JOAÕ DE AGUILAR naſceo a 16 de Junho de 1740. ⩶ D. ANNA JOACHINA DE MENEZES naſceo a 13 de Setembro de 1741. ⩶ DOM FRANCISCO DE AGUILAR naſceo a 27 de Junho de 1743. ⩶ D. JOACHIM DE AGUILAR, naſceo em 11 de Outubro de 1744.

* 19 D. LUIZA CAETANA DE MENEZES naſceo a 15 de Dezembro de 1713. Caſou a 23 de Julho de 1732 com ſeu primo ſegundo Manoel Carlos Bacellar, de quem tem ⩶ 20 MARCOS CAETANO BA-

CELLAR,

CELLAR, que nasceo a 25 de Abril do anno de 1733. ⁐ D. MARIA LUIZA DE MENEZES nasceo a 16 de Mayo de 1734, e morreo a 27 de Outubro de 1742. ⁐ D. MARIA ROSA DE MENEZES nasceo a 3 de Mayo de 1735. ⁐ D. LUIZA IGNACIA DE MENEZES nasceo no primeiro de Junho de 1736, e morreo em 1740. ⁐ SEBASTIAÕ CARLOS BACELLAR nasceo a 21 de Fevereiro de 1739, e morreo em Outubro de 1742. ⁐ D. ANNA MARIA DE MENEZES nasceo a 3 de Agosto de 1741. ⁐ D. LUIZA MARIA DE MENEZES, que nasceo a 2 de Setembro de 1743.

* 19 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES nasceo a 25 de Junho de 1705; he successor da Casa de seus pays. Casou a 25 de Fevereiro de 1726 com D. Maria Rosa de Menezes, filha de Joaõ Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé môr do Reyno; e de sua mulher D. Luiza de Menezes, como dissemos a pag. 606 do Tomo X. de quem tem até o presente:

20 D. MARIANNA LUIZA DA TRINDADE DE MENEZES nasceo a 8 de Junho de 1727.

20 D. MARIA URSULA DE MENEZES nasceo a 21 de Outubro de 1737.

CAPI-

CAPITULO VII.

De Dom Nuno Manoel, II. Senhor de Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide mór de Marvaõ, &c.

14 NAsceo primogenito entre os filhos de D. Fradique Manoel, como dissemos no Capitulo V., D. Nuno Manoel, que foy successor da sua Casa, e Senhor das Villas de Atalaya, Tancos, Cinceira, Aguias, e mais Estados desta Casa, Alcaide mór de Marvaõ. Pelos annos de 1574 achamos passara por Embaixador a França a comprimentar a ElRey Henrique II. pela sua exaltaçaõ ao Throno daquella Monarchia pela morte de seu irmaõ ElRey Carlos IX. Naquella Corte ficou residindo o Embaixador D. Nuno algum tempo; depois voltando ao Reyno, acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ a segunda vez, que passou à Africa, e com elle o mataraõ os Mouros na batalha de Alcacer a 4 de Agosto do anno de 1578. Casou com D. Joanna de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, e da Condessa D. Anna de Tavora; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. Fradique Manoel, que naõ chegou a herdar a Casa, por morrer na batalha de Alcacer, aonde tinha passado juntamente com seu pay. Seu corpo

corpo resgatou sua mãy D. Joanna de Ataide com generosa piedade.

15 D. FRANCISCO MANOEL, I. Conde de Atalaya, Capitulo IX.

15 D. ANTONIO MANOEL passou a servir à India no anno de 1584 com o Vice-Rey D. Duarte de Menezes, levando de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez tres mil e novecentos, conforme a Emmenta da Casa da India. Assim que chegou ao Estado foy occupado; porque no anno de 1585 servio de Capitaõ de huma Fusta da Armada, com que Ruy Gonçalves da Camera foy ao Estreito de Meca, donde passou contra os Niquillos com Pedro Homem Pereira, huma das mais arriscadas emprezas, que naquelle tempo houve na India; e assim nella acabou D. Antonio Manoel a vida, peleijando com admiravel valor.

Emmenta da Casa da India do an. de 1584. pag. 35 vers.

Couto, *Decad.* 10. liv. 7. cap. 7. e 8.

15 D. PEDRO MANOEL, II. Conde de Atalaya, Capitulo X.

15 DOM JOAÕ MANOEL, Arcebispo de Lisboa, Vice-Rey de Portugal, que occupará o Capitulo VIII.

* 15 D. FRANCISCA DE ATAIDE casou com D. Manoel Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal na Ordem de Christo, §. I.

15 D. MARIA DE ATAIDE, Religiosa do Mosteiro de Santa Clara da Castanheira, de que foy Abbadessa, acabando a vida com sinaes de grande virtude.

15 D. Magdalena de Ataide, D. Anna de Ataide, D. Catharina de Atade, Freiras no dito Mosteiro. ⩶ 15 D. Eufrazia de Ataide, Freira em Jesus de Setuval, onde se chamou Soror Eufrazia de Santa Catharina, Religiosa de exemplar vida.

15 D. Violante de Aragaõ, Freira no Mosteiro de Vialonga, de que foy Abbadessa duas vezes.

§. I.

* 15 D. Francisca de Ataide casou com D. Manoel Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal, Senhor da Gocharia, que se achou com ElRey Dom Sebastiaõ no anno de 1578 na batalha de Alcacer, em que foy cativo; e sendo resgatado, voltou para o Reyno, e foy Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 16 D. Fernando Mascarenhas, com quem se continúa. ⩶ 16 D. Joaõ Mascarenhas, que servindo na India, morreo queimado, com grande valor, na empreza de Surrate. ⩶ 16 D. Pedro Mascarenhas, que foy Religioso da Ordem de S. Francisco. ⩶ 16 D. Francisco Mascarenhas, que servio na India, onde em huma acçaõ dos nossos, foy morto pelos Mouros. ⩶ 16 D. Nuno, morreo menino. ⩶ 16 D. Diogo Mascarenhas, que passou a servir à India; e tomando depois o habito de S. Francisco, morreo Religioso. ⩶ 16 D.

Filippe

FILIPPE MASCARENHAS, passou a servir à India, em que continuou com reputaçaõ; foy Governador de Ceilaõ, e depois Vice-Rey do Estado, por Patente de 10 de Abril de 1644; e tendo feito grandes serviços à Coroa, em que as nossas Armas conseguiraõ gloriosos successos, voltou para o Reyno muito rico. Morreo em Angola no anno de 1651. Havia casado na India com D. Maria Coutinho, filha de Dom Diogo Coutinho, e de sua mulher D. Ignez Freire: naõ teve successaõ; e estava segunda vez contratado com sua sobrinha Dona Helena, filha de seu irmaõ, que veyo a ser seu herdeiro. ⵘ 16 DOM ANTONIO MASCARENHAS, que morreo servindo na India. ⵘ 16 D. JOANNA, D. FILIPPA, e D. MARIA, Religiosas no Mosteiro da Castanheira. ⵘ 16 D. MAGDALENA DE ATAIDE, casou com D. Antonio de Almeida, Commendador de Lardosa, Soalheiro, e Bemposta, na Ordem de Christo; e a sua illustre posteridade deixamos escrita no Tomo X. pag. 833. ⵘ 16 D. CATHARINA, D. MARGARIDA, e D. LEONOR, Religiosas no Mosteiro de Santa Clara de Santarem.

* 16 D. FERNANDO MASCARENHAS, succedeo na Casa, e foy Commendador da Torre, de Fonte Arcada, e do Rosmaninhal, na Ordem de Christo, e Senhor do Morgado da Gocharia; foy Governador, e Capitaõ General de Ceuta, e Tangere, onde servio com reputaçaõ, soccorrendo sete vezes a Mamora, Larache, e Pinhaõ, que estiveraõ em aperto;

ſerviço porque ElRey D. Filippe IV. o creou Conde da Torre, por Carta de 26 de Julho do anno de 1638, ſendo já do ſeu Conſelho de Eſtado, e o nomeou Capitaõ General de Mar, e Guerra, das Armadas de Portugal, e Caſtella, para a recuperaçaõ da Capitanía de Pernambuco, e mais Praças, que no Eſtado do Braſil tinhaõ tomado os Hollandezes; e foy o unico Portuguez, que na dominaçaõ Caſtelhana teve o cargo de ambas as Armadas, mas infelizmente; porque ſobrevindo huma tempeſtade grande, eſtando a Armada pouco diſtante de terra, ſe perderaõ muitos dos principaes navios, e outros foraõ derrotados a Indias. Eſta deſgraça baſtou para ſe julgar por culpa, effeito ordinario nas calamidades grandes: aſſim ElRey D. Filippe o mandou prender na Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, e o privou da grandeza do Titulo. Porém ſuccedendo neſte tempo a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. para que tambem cooperou, perſuadindo a D. Fernando de la Cueva, Governador da Torre referida, em que elle eſtava prezo, a que a entregaſſe, conſeguio com felicidade o negoceado, ainda que a pezar do Governador. ElRey o reſtituío às honras, de que o tinha privado a ſiniſtra informaçaõ dos ſeus emulos; e foy aſſim I. Conde da Torre, e o creou do ſeu Conſelho de Eſtado, e Preſidente do Senado da Camera de Lisboa, e Reformador das Fronteiras. Caſou com D. Maria de Noronha, irmãa de D. Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, filhos de Dom Luiz Lobo da Sylvei-

Sylveira, Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, insigne na Historia, e na Genealogia; e de sua mulher D. Joanna de Lima; e desta illustre uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩵ 17 D. MANOEL MASCARENHAS, que servio na guerra na Provincia de Alentejo. Foy morto por D. Diogo de Eça, por o achar em sua casa fallando com sua irmãa D. Helena, e por recusar recebella logo: galanteyo que havia tempos durava, e de que D. Diogo havia dias, que tinha a suspeita. ⩵ * 17 DOM JOAŌ MASCARENHAS, II. Conde da Torre, e I. Marquez de Fronteira. ⩵ 17 D. PEDRO MASCARENHAS, morreo de pouca idade. ⩵ 17 D. JOANNA DE NORONHA, faleceo na flor da idade. ⩵ 17 D. FRANCISCA MASCARENHAS, Dama do Paço em Madrid, onde faleceo sem estado. ⩵ 17 D. EUFRAZIA DE LIMA, que foy segunda mulher de D. Francisco de Sousa, II. Conde do Prado, e I. Marquez das Minas, como se verá no Liv. XIV. ⩵ 17 D. HELENA DA SYLVEIRA E NORONHA, que casou com D. Francisco Luiz Balthasar da Gama, VI Conde da Vidigueira, e II. Marquez de Niza, como deixamos escrito no Tomo X. pag. 570, e foy sua primeira mulher. ⩵ 17 D. MARGARIDA ANDRÈ DE NORONHA, Dama da Rainha D. Luiza. Casou com D. Pedro de Almeida, I. Conde de Assumar; e a sua esclarecida posteridade deixamos escrita no Tomo X. pag. 809 desta Historia.

* 17 D. JOAŌ MASCARENAS, pela morte de seu irmaõ

irmaõ veyo a ſucceder na Caſa. Foy II. Conde da Torre, I. Marquez da Fronteira, Senhor dos Lugares de Coculim, e Verodá na India, Commendador das Commendas de Santiago de Fonte Arcada, Roſmaninhal, S. Nicolao de Carrazedo, S. Joaõ de Caſtellãos, S. Martinho de Cambres, e S. Martinho de Pindo, todas na Ordem de Chriſto, do Conſelho de Eſtado, e Guerra do Principe Regente D. Pedro, ſeu Gentil-homem da Camera, e Védor da ſua Fazenda, Meſtre de Campo General da Provincia da Eſtremadura, e Graõ Prior do Crato da inſigne Ordem de S. Joaõ de Malta. Servio na guerra de Alentejo com diſtincçaõ, e valor, e paſſou àquella Provincia no anno de 1657 com o poſto de Meſtre de Campo, dando as primeiras moſtras do ſeu esforço no aſſalto de Badajoz, empreza de Valença de Alcantara, e recuperaçaõ de Mouraõ: continuou com o meſmo valor no ſitio de Badajoz, e defenſa da Cidade de Elvas. Paſſou depois por Meſtre de Campo General à Provincia do Minho; e tendo exercitado nella o ſeu poſto, voltou por General da Cavallaria da Provincia de Alentejo; e com eſte poſto ſe achou na Campanha do anno de 1662. Foy Governador da importante Praça de Campo-Mayor, donde baixou ao ſoccorro de Evora. Achou-ſe na batalha do Canal no anno de 1663, governando huma das linhas do Exercito, ſendo o ſeu valor, e diſpoſiçaõ grande parte para ſe conſeguir taõglorioſa vitoria. No anno de 1665 ſe achou na famoſa batalha de Montes-Claros, diſtin-

distinguindo-se em todas as occasioens. Conseguio na nossa Historia gloriosa memoria, como se póde ver na estimada Obra de *Portugal Restaurado.* Foy o Marquez valeroso, altivo, magnifico: conservou respeito, e authoridade na Corte, e grande estimaçaõ do Principe Regente, a quem foy grata a sua pessoa, e com muito valimento. Morreo a 16 de Setembro de 1681, havendo muy poucos dias, que lograva o grande emprego de Graõ Prior do Crato, que teve, sendo já viuvo.

Port. Restaur. tom. 2.

Casou com D. Magdalena de Castro, que faleceo a 10 de Setembro de 1673, filha de Francisco de Sá e Menezes, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór dos Reys D. Filippe IV. e D. Joaõ IV. Senhor de Sever, e Alcaide mór do Porto; e da Condessa D. Joanna de Castro, filha de Joaõ Gonçalves de Ataide, VI. Conde de Atouguia, e da Condessa D. Maria de Castro, Dama da Emperatriz, filha herdeira de Martim Affonso de Miranda, Camereiro mór do Infante Cardeal D. Henrique; e teve os filhos seguintes: ⩵ 18 D. Fernando Mascarenhas, II. Marquez de Fronteira, III. Conde da Torre, de quem fizemos mençaõ no Tomo IX. pag. 467, e da sua posteridade. ⩵ 18 D. Filippe Mascarenhas, que estando nomeado para successor de seu tio Dom Filippe Mascarenhas, morreo a 7 de Setembro de 1665. ⩵ 18 D. Francisco Mascarenhas, I. Conde de Coculim, que casou com Dona Maria de Noronha; e a sua descendencia fica tratada no To-

mo

mo X. pag. 577, e no Tomo V. pag. 246. ⩵ 18 D. JOANNA DE CASTRO, que faleceo de curta idade. ⩵ D. ISABEL DE CASTRO, que casou com seu primo D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Assumar; e a sua esclarecida posteridade já deixamos referida no Tomo IX. pag. 810. ⩵ 18 D. FRANCISCA DE CASTRO, Religiosa Carmelita Descalça no Mosteiro dos Cardaes, onde foy Priora.

D. Jo-

- [. Joanna / : Ataide, / ulher de / om Nu- / Manoel / . Senhor / : Atalaya.]
  - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda.
    - Dom Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, Povos, &c. ✠ em 1505.
      - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, Ayo delRey D. Affonso V. ✠ em 1452.
        - Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide môr de Chaves.
          - Gil Moniz de Ataide.
          - Dona N. . . . Vasques.
        - D. Mecia Vasques Coutinho, Aya dos Infantes, filhos delRey D. Joaõ I.
          - Vasco Fernandes Coutinho, Sen. do Couto de Leomil, Meirinho môr.
          - Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
      - A Condessa Dona Guiomar de Castro.
        - D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval.
          - D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayollos, e Vianna de Caminha, I. Condestavel.
          - A Cond. D. Maria Ponce de Leaõ.
        - D. Leonor Telles de Menezes.
          - D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourem.
          - A Condessa D. Guiomar Lopes Pacheco.
    - D. Violante de Tavora.
      - Pedro de Sousa, Senhor de Prado, Alcaide môr de Seabra.
        - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - D. Aldonça Rodrigues de Sá.
        - D. Violante Lopes de Tavora.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - D. Brites Annes de Albergaria.
      - D. Maria Pinheira.
        - O Doutor Pedro Esteves, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Braz Esteves.
          - N. . . . .
        - Isabel Pinheira.
          - Martim Gomes Lobo, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Môr Esteves Pinheira.
  - D. Anna de Tavora.
    - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, Cõmendador de Santa Maria de Castello-Branco.
      - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Joaõ I.
          - Brites Annes, Aya delRey D. Affonso IV.
        - D. Leonor da Cunha, primeira mulher.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
      - D. Ignez de Sousa.
        - Fernaõ de Sousa, Senhor de Rossas.
          - Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayaõ.
          - Dona Ignez de Sousa.
        - D. Maria de Sousa de Alvim.
          - Pedro de Sousa de Alvim.
          - N. . . . .
    - Dona Joanna da Sylva.
      - D. Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, ✠ em 1480.
        - D. Fernando de Vasconcellos, Senhor de Mafra, Enxara dos Cavalleiros.
          - D. Affonso, Senhor de Cascaes.
          - D. Maria de Vasconcellos.
        - D. Isabel Coutinho, Senhora de Mafra.
          - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real, e II. de Vian. ✠ 1437.
          - A Condessa Dona Brites Coutinho, 3. mulher, Senhora de Mafra, &c.
      - A Condessa D. Isabel da Sylva.
        - D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes, ✠ a 16 de Setemb. de 1486.
          - Diogo Fernandes de Almeida, Alc. môr de Abrantes, e Punhete, &c. ✠ em 5 de Janeiro de 1450.
          - D. Brites Sanches.
        - A Condessa D. Brites da Sylva.
          - Pedro Gonçalves Malafaya, Védor da Fazenda.
          - D. Isabel Gomes da Sylva.

CAPI-

CAPITULO VIII.

De D. Joaõ Manoel, Arcebispo de Lisboa, e Vice-Rey de Portugal.

15 NO Capitulo precedente dissemos fora filho quinto de D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, e de sua mulher D. Joanna de Ataide, D. Joaõ Manoel, que seguio a vida Ecclesiastica; estudou na Cidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro, em que entrou no anno de 1596, Doutor em Theologia, e Conego da Sé de Lisboa, provido pelo Arcebispo D. Miguel de Castro, de que tomou posse a 28 de Junho de 1607, e Esmoler mòr delRey D. Filippe II. por nomeaçaõ do Abbade de Alcobaça, a quem he annexo este lugar, e entaõ o occupava como Commendatario D. Jorge de Ataide, Bispo Capellaõ mòr, seu tio, que vagara por morte de D. Sebastiaõ da Fonseca, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real: depois foy nomeado Bispo de Viseu pelo mesmo Rey no anno de 1609, que vagou por morte de D. Joaõ de Bragança, tirando Bullas de confirmaçaõ; foy sagrado a 21 de Março de 1610 pelo dito Bispo, que tinha sido de Viseu, Dom Jorge de Ataide, Capellaõ mòr, na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; e entrando no seu Bispado a 25 de Abril do referido anno, lhe fez

Catalogo dos Bispos de Viseu, que anda na Collecçaõ da Academia Real do anno de 1722.

Constituições, e ornou a sua Cathedral com preciosos ornamentos, e outras pessas de valor. E vagando o Bispado da Guarda por promoçaõ de D. Affonso Furtado de Mendoça à Cadeira Primacial de Braga, foy nomeado pelo mesmo Rey na da Guarda, que naõ aceitou. No anno de 1625 foy transferido para a de Coimbra, em que entrou em 26 de Mayo do mesmo anno. No de 1626 se achou em Thomar na Junta dos Bispos, que ElRey D. Filippe mandara fazer, em que estiveraõ os mais Prelados do Reyno, para se ajustarem varios negocios Ecclesiasticos, sendo o principal consultarem o remedio, que poderia haver para a extincçaõ da gente de naçaõ Hebrea; e depois assistio em Madrid em hum Conselho, em que se tratou da desistencia, que ElRey fazia dos subsidios Ecclesiasticos. Estando nesta Corte, os grandes merecimentos de D. Joaõ Manoel conhecidos no governo das Igrejas, que occupara, o fizeraõ taõ lembrado delRey D. Filippe, que vagando o Arcebispado de Lisboa por morte de D. Affonso Furtado de Mendoça, o nomeou nesta Archiepiscopal Cadeira no anno de 1632, e ao mesmo tempo Vice-Rey de Portugal, de que tomou posse em Abril de 1633, e lhe foy mandado o Regimento do que havia de fazer, passado em Madrid a 26 de Março do mesmo anno; nelle se lhe ordenava, que em quanto fosse Vice-Rey, naõ visitaria pessoa alguma; que os Officiaes da Casa venceriaõ seus ordenados dos seus officios móres, e o acompanhariaõ quando fosse em publico

Catalogo dos Bispos da Guarda na dita Collecçaõ.

Catalogo dos Bispos de Coimbra da Collecçaõ da dita Academia do anno de 1724.

blico à Capella, Relaçaõ, e outras partes, a que fosse como Vice-Rey. Depois sendo confirmado na Dignidade de Arcebispo de Lisboa pela Sé Apostolica, tomou della posse por seu Procurador D. Gaspar do Rego, Conego da dita Sé, e Bispo de Targa, em 13 de Mayo de 1633. Destas grandes Dignidades, a que o elevaraõ as suas virtudes, e grande talento, logrou taõ pouco tempo, que o naõ teve de lhe chegar o Pallio, senaõ depois da sua morte, causada de huma hydropesia, que foy a 4 de Julho de 1633 no Palacio delRey, donde residia como Vice-Rey. Logo succedeo o Conselho de Estado no governo, e ElRey depois o mandou continuar, para que se vissem os negocios, que naõ sofriaõ dilaçaõ, e que se lhe houvessem de consultar, ordenando, que para isso se ajuntaria o Conselho todas as manhãas, e as mais vezes que fossem necessarias; advertindo aos Conselheiros, que naõ faltassem a se acharem presentes. Depois nomeou a D. Diogo de Castro, Conde de Basto, o qual tomou posse a 22 de Julho do referido anno. O seu enterro, ordenado na fórma que convinha ao seu eminente posto, foy acompanhado da Capella Real, e levado aos hombros dos Conselheiros de Estado, na Tumba da mesma Capella Real, por ser Vice-Rey deste Reyno. Foy sepultado na Capella môr da Igreja de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos Terceiros de S. Francisco da Cidade de Lisboa, a qual Capella mandou elle edificar, sendo ainda Bispo de Viseu, para seu jazigo, e dos Con-

des de Atalaya, com o titulo de Padroeiro da Provincia, e se tinha acabado a 20 de Junho do referido anno de 1633, quatorze dias antes, e a dotou de ricos ornamentos, e magnificas pessas. Jaz no carneiro da dita Capella, onde no meyo do pavimento se lhe poz este succinto Epitafio:

Sepultura de D. João Manoel, Bispo que foy de Viseu, e de Coimbra, Arcebispo de Lisboa, e Vice-Rey de Portugal. Faleceo a 4 de Julho de 1633.

CAPITULO IX.

De D. Francisco Manoel, I. Conde de Atalaya.

15 DEixamos escrito no Capitulo VII. que anticipando-se a morte de D. Fradique Manoel para a successaõ da Casa de seu pay D. Nuno Manoel, com quem morrera na infelice batalha de Alcacer, succedera nella seu irmaõ Dom Francisco Manoel, que foy Senhor das Aguias, Erra, Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide môr de Marvaõ, com tudo o que se comprehendia no Contrato, que dissemos fizera seu avô D. Fradique com ElRey D. Joaõ III. e depois por hum Alvará feito a 2 de Setembro de 1582 tirou ElRey para sempre a D. Joanna de Ataide,

Torre do Tomb. Chancellaria do dito Rey, liv. 4. pag. 242.

Ataide, mulher de D. Nuno Manoel, para os feus fucceffores, fóra da Ley Mental, o que fe verificou logo na Carta, que fe paffou por fucceffaõ a feu filho D. Francifco, em que ElRey confirmou tudo o que fe ajuftara no dito Contrato, tirandolhe para fempre da Ley Mental, e dandolhe de juro, e herdade, para todos os feus fucceffores, as ditas Villas, e o mais contheudo no Contrato, de que fe lhe paffou Carta em Lisboa a 22 de Outubro de 1582. Era D. Francifco Manoel ornado de tantas virtudes, e brilharaõ com tanta efficacia os merecimentos dos feus efclarecidos afcendentes, que ElRey D. Filippe II. o creou Conde de Atalaya, de que fe lhe paffou Carta feita a 17 de Junho de 1583. Foy tambem Commendador de S. Martinho de Ranhados na Ordem de Chrifto. Nas Cortes, que ElRey D. Filippe III. celebrou na Cidade de Lisboa no anno de 1619, em que jurou por herdeiro defta Monarchia ao Principe D. Filippe feu filho, foy o Conde hum dos Senhores, que affiftiraõ a efte acto. Faleceo no anno de 1624. Cafou com D. Eyria de Brito, que era viuva do Conde da Feira D. Diogo Pereira: era filha, e de quem veyo a fer herdeira, de Joaõ de Brito, e de D. Antonia de Ataide fua mulher, irmãa de D. Luiz de Ataide, III. Conde de Atouguia, Vice-Rey da India; e ficando viuva, fundou o Mofteiro do Bom-Succeffo junto a Belem, de Religiofas da Ordem de S. Domingos, para a naçaõ Irlandeza, donde entraõ fem dotes. Jaz na Igreja em huma bem lavrada

Auto das Cortes, impr. em 1619, pag. 6.
Lavanha, *Viagem del-Rey D. Filippe a Portugal*, pag. 19.

lavrada ſepultura da parte do Euangelho, onde tem eſte Epitafio:

Aqui deſcanſaõ os oſſos de D. Iria de Brito, Condeſſa, que foy da Feira, e viuva ſegunda vez do primeiro Conde de Atalaya D. Franciſco Manoel, de cada Conde deſtes, lhe levou Deos hum filho, e em ſeu lugar lhe deu toda a Nobreza do Reyno de Irlanda por filhas; para ellas fundou eſte Convento, e deu ſua fazenda com larga maõ. Nomeou Noſſa Senhora do Bom Succeſſo por Padroeira; em 13 de Novembro de 1639 ſe diſſe a primeira Miſſa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos, a gozar os premios da ſua devoçaõ.

Pater Noſter.

Deſte matrimonio foy unico

16 D. Nuno Manoel, que tendo cumprido treze annos, faleceo da queda de hum cavallo no de 1659 em vida de ſeu pay. Jaz no Moſteiro do Bom-Succeſſo, onde tem eſte Epitafio:

Aqui

Aqui nesta dura pedra descansaõ os ossos de D. Nuno Manoel de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e D. Iria de Brito, sua esperança da posteridade, e maes amado por suas partes, que pela successaõ, que delle esperavaõ, de que a morte os desenganou no anno de 1659. Pater Noster.

CAPITULO X.

De D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya.

15 NAsceo D. Pedro filho quarto de D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, e de D. Joanna de Ataide sua mulher, como fica dito no Capitulo VII. e havendo de seguir a vida de Soldado, passou a servir à India no anno de 1591 na Armada, de que era Capitaõ mòr Fernaõ de Mendoça, em que deu singulares mostras do valor, que herdara de seus mayores. No anno de 1593, em que foy cercada a Praça de Chaul, em tempo do Vice-Rey Mathias de Albuquerque, se achou D. Pedro já fazendo as obrigações de Soldado, já as de Capitaõ, defendendo com grande esforço huma das estancias dos muros,

muros, que lhe fora encarregada, de que deu admiravel conta, como nas mais occasioens daquelle sitio; o que bem mostrou no dia, que os nossos sahindo ao campo tiveraõ hum desputado encontro com os inimigos sobre a ponte, de que D. Pedro Manoel sahio ferido na cabeça de huma bala de espingarda: era a ferida perigosa, e o fez retirar o Cabo; porém depois de convalecido, tornou à sua estancia, e nella residio em quanto se naõ levantou o sitio, mostrando que desprezava os perigos.

Governava a India o Conde da Vidigueira, seu primo com irmaõ, no anno de 1592, em que D. Pedro servio de Capitaõ de Columbo. Depois no anno de 1600 foy Capitaõ môr de huma Armada de doze navios, com que sahio de Goa, e andou na Costa do Canará, e nos Rios de Cota, e Coulaõ, livrando aquelles mares infestados dos Paraos dos inimigos, donde andou, até que chegou a Goa o Vice-Rey Ayres de Saldanha. Foy tambem Capitaõ de Sofala, e tendo na India servido com reputaçaõ bastantes annos, voltou para o Reyno. Tinha acabado o governo da Praça de Tangere em Africa o Conde de Redondo, quando lhe deraõ por successor a D. Pedro Manoel; no anno de 1617 em o primeiro de Julho começou a governar com inteira satisfaçaõ, fazendo aos Mouros guerra, e aos Fronteiros, que tivessem cavallos promptos, conforme o seu Regimento, e fazendo outras advertencias uteis ao serviço delRey, tendo ordenado tudo conforme a disciplina

Conde da Ericeir. *Historia de Tanger.* liv. 3. pag. 128.

plina militar, fez algumas sahidas, em que teve bom successo. No anno de 1618 mandou a Gonçalo de Sousa, herdeiro do Senhor de Gouvea, sobre a Aldea de Algeris, donde se recolheo com huma boa preza. No anno seguinte em 23 de Agosto mandou fazer outra sortida, de que tirou muitos cativos, e novecentas cabeças de gado. Era já o mez de Novembro, quando no dia de S. Martinho lhe vieraõ os Mouros correr a Cidade; sahio Dom Pedro Manoel com a gente, que lhe pareceo necessaria, e dando sobre os Mouros com tal força, que os poz em fogida, e tomandolhes tres bandeiras, ficaraõ muitos mortos; e tendo no seu governo tido prosperos successos, e nenhum adverso, que he a mayor felicidade, dos que servem na guerra; e na qual tendo a sua pessoa conseguido reputaçaõ, e as Armas Portuguezas respeito dos Mouros, voltou ao Reyno, deixando naquella Praça muy louvavel memoria, e exemplo de valor, e prudencia para imitaçaõ dos seus successores. Naõ esteve muito tempo, sem que os seus merecimentos o lembrassem para Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, em que entrou no anno de 1621; e tendo exercitado este posto com prudencia, se restituîo à sua Casa, onde estava no anno de 1626, quando temendo-se, que os inimigos desta Coroa intentassem alguma operaçaõ nas nossas Costas, lhe foy encarregado huma boa parte da defensa, a que satisfez com grande cuidado, e naõ menos despeza.

Veyo D. Pedro Manoel a ser herdeiro da Casa de seus avós pela morte de seu irmaõ, e foy II. Conde de Atalaya por merce delRey D. Filippe IV. de que tirou Carta, passada a 14 de Novembro de 1626, e Senhor das Aguias, Atalaya, Tancos, e Cinceira, &c. Commendador da Dizima velha do pescado de Lagos na Ordem de Santiago. Morreo em Madrid a 26 de Julho do anno de 1628.
Casou com D. Maria de Ataide, ou Menezes, filha de D. Alvaro de Menezes, Alcaide môr de Arronches, que foy Pagem da Campainha delRey D. Sebastiaõ; e de sua mulher D. Violante de Ataide, filha de D. Vasco da Gama, III. Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India; e da Condessa Dona Maria de Ataide sua mulher: era D. Alvaro filho de D. Aleixo de Menezes, Ayo do dito Rey, Alcaide môr de Arronches, Mordomo môr da Rainha Dona Catharina, Embaixador ao Emperador Carlos V.; e de D. Luiza de Noronha sua segunda mulher, filha de D. Alvaro de Noronha, Capitaõ de Azamor, filho de D. Fernando de Noronha, Governador da Casa da Excellente Senhora, bisneto delRey D. Henrique II. de Castella, e delRey D. Fernando de Portugal; e deste illustre matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

16 D. Antonio Manoel, que lhe succedeo, e foy III. Conde de Atalaya, e Senhor de toda a mais Casa de seu pay: faleceo em 1643. Casou com D. Maria de Tavora de Menezes, filha de D. Joaõ de Menezes

Menezes, Commendador de Valada na Ordem de Christo; e de D. Magdalena de Tavora sua mulher, filha de Ruy Pires de Tavora, Reposteiro môr: porém esta uniaõ se logrou pouco, porque ambos acabaraõ na flor da idade, sem terem geraçaõ.

16 D. ALVARO MANOEL Capitulo XI.

16 D. FRANCISCA DE ATAIDE, de quem naõ sabemos o estado.

- D. Maria de Menezes, mulher de D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya.
  - D. Alvaro de Menezes, Alcaide môr de Arronches.
    - Dom' Aleixo de Menezes, Alcaide môr de Arronches, Mordomo môr da Rainha D. Catharina, e da Princeza D. Joanna, Ayo delRey D. Sebastiaõ.
      - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Cantanhede, Alferes môr delRey D. Manoel.
        - Dom Joaõ Tello de Menezes, herdeiro da Casa de Cantanhede.
          - D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede.
          - D. Brites de Andrada, Dama da Rainha D. Filippa.
        - D. Leonor da Sylva.
          - Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos.
          - D. Leonor de Miranda, primeira mulher.
      - D. Brites Soares de Mello.
        - Ruy Gomes de Alvarenga, Chanceller môr.
          - Gomes Martins de Alvarenga, Chanceller môr.
          - Catharina Teixeira.
        - D. Milicia de Mello.
          - Estevaõ Soares de Mello, VI. Senhor de Mello.
          - D. Theresa de Novaes.
    - D. Luiza de Noronha, segunda mulher.
      - D. Alvaro de Noronha, Capitaõ de Cochim.
        - D. Fernando de Noronha, do Conselho delRey D. Affonso V. e D. Joaõ II. Governador da Casa da Excellente Senhora.
          - D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa.
          - D. Isabel Perestrello.
        - Dona Constança de Castro.
          - Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villa-Verde.
          - D. Leonor de Menezes.
      - D. Mecia da Sylveira.
        - Diogo da Sylveira, Védor da Casa do Senhor D. Jorge.
          - Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas, Regedor das justiças.
          - D. Isabel Henriques.
        - D. Maria de Tavora, segunda mulher.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - D. Ignez de Sousa.
  - D. Violante de Ataide.
    - D. Vasco da Gama, III. Conde da Vidigueira, Almirante da India, Estribeiro môr delRey D. Joaõ III.
      - Dom Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, e Almirante da India.
        - D. Vasco da Gama, I. Almirante, e Descobridor da India, Conde da Vidigueira.
          - Estevaõ da Gama, Alcaide môr de Sines.
          - D. Isabel Sodré.
        - A Condessa D. Catharina de Ataide.
          - Alvaro de Ataide, Senhor de Penacova.
          - D. Maria da Sylva.
      - A Condessa Dona Guiomar de Vilhena.
        - D. Francisco de Portugal, I. Conde de Vimioso.
          - D. Affonso, Bispo de Evora.
          - Filippa de Macedo.
        - A Condessa D. Brites de Vilhena.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Guiomar de Noronha.
    - A Condessa D. Maria de Ataide.
      - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.
        - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, Povos, &c. * em 1505.
          - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
          - A Condessa Dona Guiomar de Castro.
        - D. Violante de Tavora.
          - Pedro de Sousa, Alcaide môr de Seabra.
          - D. Maria Pinheiro.
      - D. Anna de Tavora.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - D. Ignez de Sousa.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella.
          - A Condessa D. Isabel da Sylva.

CAPI-

CAPITULO XI.

De Dom Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, Aguias, e Cinceira.

16 NO Capitulo X. vimos a pouca duraçaõ de D. Antonio Manoel, III. Conde de Atalaya: pelo que lhe veyo a ſucceder em toda a Caſa ſeu irmaõ D. Alvaro Manoel, porém naõ no titulo de Conde. Foy Senhor de Atalaya, Aguias, Tancos, Cinceira, e Erra, Alcaide môr de Marvaõ, e dos mais Eſtados deſta Caſa. Naõ ſabemos o motivo, que teve, para viver eſte Senhor fóra do Reyno; porque paſſou à Italia, reſidio muitos annos em Veneza; e no anno de 1665 voltou a Portugal, e fez a ſua habitaçaõ na ſua Villa de Aguias, onde faleceo em 9 de Fevereiro de 1686; e ſendo depoſitado na Igreja de Noſſa Senhora das Brotas, Termo daquella Villa, foy trasladado para a Capella môr de Noſſa Senhora de Jeſus, jazigo da ſua Caſa. Caſou com D. Ignez de Tavora e Lima, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, e de D. Maria de Lima ſua mulher; e deſte eſclarecido matrimonio naſceraõ

17 D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, Capitulo XII.

17 D. Maria Magdalena de Lima caſou com

com Dom Antonio Luiz de Souſa, II. Marquez das Minas, IV. Conde do Prado, &c. de quem em ſeu lugar faremos mençaõ no Livro XIV.

D. Ignez

- D. Ignez de Tavora, mulher de D. Alvaro Manoel, V. Senhor de Atalaya.
  - Alvaro Pires de Tavora, Sen. do Morgado de Caparica, * a 7 de Julho de 1640.
    - Ruy Lourenço de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, Governador de Tangere, Vice-Rey da India, do Conselho de Estado, * a 29 de Junho 1616.
      - Lourenço Pires de Tavora, Embaixador a Roma, e ao Emperador Carlos V. Commendador na Ordem de Christo.
        - Christovaõ de Tavora, Capitaõ de Sofalla, Sen. da Villa de Ranhados, do Cons. delRey D. Manoel.
          - Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica.
          - D. Maria Telles.
        - D. Francisca de Sousa.
          - Fernando de Sousa, o da *Botelha*, Senhor de Rossas.
          - D. Mecia de Brito, segunda mulher.
      - D. Catharina de Tavora.
        - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, Trinchante delRey Dom Joaõ III.
          - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - D. Joanna da Sylva.
        - Dona Joanna Ferret, Dama da Rainha D. Catharina.
          - D. Jayme Ferret, Governador de Valença de Aragaõ.
          - D. Maria de Robles, Dama da Rainha D. Joanna de Castella.
    - D. Maria Coutinho.
      - D. Diogo de Almeida, Capitaõ de Dio, Commendador de Paincalvos na Ord. de Christo, do Conselho delRey D. Sebastiaõ.
        - Dom Antonio de Almeida, Provedor dos Armazens da Casa da India, e Mina, Contador môr.
          - D. Joaõ de Almada, II. Conde de Abrantes, * a 9 de Outub. 1512.
          - A Condessa D. Ignez de Noronha, * a 27 de Abril de 1445.
        - D. Maria Paes, H.
          - Joaõ Rodrigues Paes, Contador môr.
          - Catharina Leme.
      - D. Leonor Coutinho.
        - Dom Filippe Lobo, Trinchante delRey D. Joaõ III. Embaixador a Castella.
          - D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito.
          - A Baroneza D. Ignez de Noronha.
        - D. Joanna Coutinho.
          - D. Luiz Coutinho, Commendador na Ordem de Christo.
          - D. Leonor de Mendanha.
  - D. Maria de Lima.
    - Dom Lourenço de Brito Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço.
      - Luiz de Brito e Nogueira, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ, e S. Lourenço, VI. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
        - Lourenço de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Estevaõ de Béja.
          - Estevaõ de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço, e Santo Estevaõ.
          - D. Isabel da Costa, segunda mulh.
        - D. Antonia da Sylva.
          - Joaõ da Sylva, Senhor de Lagos, Regedor das Justiças, * em 11 de Agosto de 1577.
          - D. Joanna de Castro.
      - Dona Ignez de Lima, VI. Viscondessa, H.
        - D. Francisco de Lima, V. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - D. Joaõ de Lima, IV. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho delRey.
          - D. Ignez de Noronha.
        - D. Brites de Alcaçova.
          - Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas.
          - D. Catharina de Sousa.
    - A Viscondessa Dona Luiza de Tavora.
      - Luiz de Alcaçova, Carneiro, Senhor de Figueiró, Sumilher delRey D. Sebastiaõ, * em 1578 em Africa.
        - Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, Védor da Fazenda delRey D. Sebastiaõ, * em 12 de Mayo de 1593.
          - Antonio Carneiro, Secretario delRey D. Manoel, e delRey D. Joaõ III. Senhor da Ilha do Principe, &c.
          - D. Brites de Alcaç. Dama do Paço.
        - Dona Catharina de Sousa.
          - D. Diogo de Sousa, Alcaide môr de Thomar.
          - D. Isabel de Brito.
      - Dona Antonia de Tavora, segunda mulher.
        - Lourenço Pires de Tavora.
          - Christovaõ de Tavora, Senhor de Ranhados, e do Morgado de Caparica.
          - D. Francisca de Sousa.
        - D. Catharina de Tavora.
          - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India.
          - D. Joanna Ferret.

CAPITULO XII.

De D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, &c. do Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia do Minho.

17 NAõ cedeo em nada às virtudes dos seus mayores Dom Luiz Manoel de Tavora, que nasceo no anno de 1645 a 28 de Dezembro, unico varaõ do consorcio de seus illustres pays, a quem succedeo na sua Casa, e foy IV. Conde de Atalaya, e Senhor das Aguias, e mais Estados della. Começou a servir muy moço na guerra da Provincia do Minho, de que era Governador das Armas o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa seu sogro; e foy Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria naquella Provincia, em que se achou em muitas occasioens, em que deu singulares mostras do seu valor, como foy no rendimento do Forte da Villa do Guardaõ, em que occupou com o seu Terço os póstos de mayor risco; depois foy Tenente General da Cavallaria, até que no anno de 1668 se fez a reformaçaõ geral dos Exercitos. Feita a paz com Castella, residio o Conde na Corte; e achando-se sem emprego no anno de 1670, em que o Marquez

Marquez das Minas D. Francisco de Sousa foy por Embaixador Extraordinario a dar obediencia ao Papa Clemente IX. o acompanhou o Conde de Atalaya na sua entrada publica com muito luzimento; e foy esta huma das magnificas Embaixadas, que vio a Corte de Roma. No anno de 1675, em que o Principe Regente mandou em soccorro da Praça de Oraõ huma poderosa Armada, como referimos a pag. 673 do Tomo VII. donde, trocando-se os numeros, se poz anno 1677, devendo ser o que acima referimos, embarcou o Conde de Atalaya governando o Galeaõ S. Pedro; e era General da Armada Pedro Jaques de Magalhaens, I. Visconde de Fonte-Arcada. Achava-se a Praça sitiada pelos Mouros, e sendolhe introduzido o soccorro, com o qual os Hespanhoes triunfaraõ da barbara multidaõ, que os opprimia, pelo auxilio da nossa Armada, se apartou o Conde de Atalaya, a quem o mesmo Principe Regente havia nomeado por seu Embaixador Extraordinario à Corte de Turim, a dar os pezames à Madama Real Maria Joanna Bautista de Saboya; e depois de ter naquella Corte desempenhado as obrigações do seu caracter, e da sua pessoa, que em tudo foy magnifica, e luzida, embarcou em Niza para o Reyno no mesmo Galeaõ S. Pedro, sem embargo da noticia, que teve, de que os Argelinos, sabendo da sua partida, armaraõ seis navios dos melhores, que tinhaõ, para o esperarem, fiando-se no numero. Esta noticia, que correo na Corte de Turim, e fez huma grande impressaõ,

faõ, pelo receyo de que lhe pudesse acontecer algum mao successo, a desprezou o Conde, dizendo, que nenhum receyo lhe causava a tal noticia; porque a huma Nao de guerra do Principe seu amo, nenhum pavor lhe podia causar todo o poder maritimo de Argel. O Conde que foy dotado de hum grande valor, era prudente para se saber prevenir; assim secretamente tomou os melhores Artilheiros, que pode achar, pagando-os à sua custa; deu à véla, e seguindo a sua viagem, encontrou com seis navios de Argel na altura do Cabo de S. Vicente, que fiados no numero, investiraõ com muito ardor com o nosso, que os maltratou bastantemente; de sorte, que os Mouros, sendo muitos, se naõ atreveraõ abordallo, e combateraõ vigorosamente com a artilharia; e vendo-se já muy maltratados, e com grande perda de gente, pelo muito fogo do nosso, se retiraraõ depois de hum porfiado combate, e se puzeraõ em fogida: o Conde os seguio, e se houve com tanto valor, como acordo, dispondo tudo acertadamente, ainda que à custa do seu illustre sangue; porque foy ferido no conflicto de huma perigosa balla, que o seu valor desprezou, ordenando o puzessem ao pé do mastro grande, donde dava as suas ordens ao mesmo tempo, que o curavaõ; e conseguindo a vitoria, chegou à barra de Lisboa; e occultando o estado, em que se achava, naõ entrou para dentro; mas escreveo ao Secretario de Estado, dizendolhe, que tivera noticia, de que ainda as frotas naõ estavaõ todas recolhidas,

e que por essa causa ficava de fóra para as segurar: porém constando ao Principe Regente por diversas partes, que o Conde se achava com algumas feridas, lhe ordenou que logo se recolhesse: assim entrando no porto de Lisboa, deu fundo em Belem; e logrando applausos de vencedor, o Principe Regente lhe fez a honra de o visitar a bordo da mesma Nao, e depois lhe repetio a mesma honra varias vezes em sua casa, porque esteve gravemente enfermo; sendolhe taõ grata a sua pessoa, que o distinguio no seu favor, que lhe continuou muitos annos; e entaõ attendendo aos seus merecimentos, e continuados serviços, lhe concedeo varios despachos, entre os quaes foy a de Governador da Torre de Belem, com a qual lhe fez merce do soldo de General, como consta de hum Decreto passado a 7 de Setembro do anno de 1688. No anno de 1680, em que foy o atentado, que os Castelhanos fizeraõ na Nova Colonia, e El-Rey D. Pedro tinha resoluto fazer guerra a Hespanha, para o que tinha já nomeada, mas naõ publicada, a promoçaõ dos Generaes, foy o Conde empregado em General da Cavallaria da Provincia do Minho, e Traz os Montes. Foy Conselheiro de Guerra, lugar que exercitou muitos annos, com notavel equidade, e com satisfaçaõ dos pretendentes; porque era naturalmente favorecedor dos benemeritos. Em o anno de 1694 se achou no bautizado do Senhor Infante D. Antonio, e foy elle hum dos Senhores, que levaraõ as varas do Pallio. No anno de 1701, quando

do ElRey D. Pedro mandou guarnecer a Marinha de Lisboa, foy o Conde hum dos Generaes a quem se encarregou a sua defensa, assinando-selhe por estancia, da Ribeira até Xabregas. Depois na promoçaõ de Conselheiros de Estado, que no anno de 1704 fez em Santarem, foy o Conde hum dos Senhores, que nella foraõ nomeados. Já a este tempo havia El-Rey entrado na liga da Grande Alliança, e se rompeo a guerra contra Castella; sendo o Conde Governador das Armas da Provincia do Minho, se unio com a gente do seu partido ao Exercito, que mandava o Marquez das Minas na Provincia da Beira; achando-se sempre aos Conselhos, que se faziaõ na presença delRey Dom Pedro, e delRey Carlos III. Depois de recolhido à sua Provincia, e de ter feito os preparamentos necessarios para a guerra, e de se ter achado em varias Campanhas, veyo com o seu partido a unirse com o Exercito de Alentejo, que mandava o Marquez das Minas; e se achou no sitio de Badajoz no anno de 1705 quando os inimigos soccorreraõ aquella Praça; e posto na testa dos Dragoens Hollandezes, fez precipitar alguns Esquadroens dos inimigos no rio Xevora, recebendo nas armas, que levava, duas balas de mosquete. Seguio-se a grande Campanha, em que o nosso Exercito entrou por Castella; e nesta Campanha morreo do tiro de huma bala a 16 de Abril do anno de 1706, hindo reconhecer a fortificaçaõ da Praça de Alcantara, quando o nosso Exercito estava sobre ella, e depois a rendeo. Foy o

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, liv. 7. cap. 5. pag. 617.

Conde D. Luiz Manoel ornado de excellentes virtudes, de grande valor, generoso, muy luzido, de fina amisade com os amigos; de sorte, que conservou na Corte grande estimaçaõ, e respeito; assim foy a sua morte universalmente sentida.

Casou com D. Maria Magdalena de Noronha, Dama da Rainha D. Luiza, filha de D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, e da Marqueza Dona Eufrazia Filippa de Lima: da sua esclarecida ascendencia daremos noticia no Livro XIV.; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

18 D. PEDRO MANOEL, V. Conde de Atalaya, Capitulo XIII.

18 D. FRANCISCO MANOEL, que estudou na Universidade de Coimbra, e foy Arcediago da Sé de Lisboa. Morreo moço.

18 D. EUFRAZIA DE NORONHA, Freira na Madre de Deos de Lisboa, da primeira Regra de Santa Clara. Faleceo em Junho de 1724.

Casou segunda vez com D. Francisca de Mendoça, em quem teve effeito o dote, que a sua avó a Condessa D. Maria Coutinho se tinha feito pelo serviço de Dama do Paço, que constava de quatro mil cruzados de renda em duas vidas, que ElRey D. Pedro lhos fez effectivos. Era filha de D. Manoel da Camera, Conde da Ribeira Grande, Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel; e da Condessa D. Mecia de Mendoça, filha de Diogo Lopes de Sousa, II. Conde de Miranda, do Conselho de Estado, &c. de quem teve

D.

18 D. MECIA DE MENDOÇA nasceo a 26 de Agosto de 1678. Casou no anno de 1707 com seu primo com irmaõ D. Francisco de Sousa, Védor da Casa delRey, de quem faremos memoria no Livro XIV.

18 D. JOAÕ MANOEL, VI. Conde de Atalaya, Capitulo XIV.

18 D. MANOEL DA CAMERA nasceo a 21 de Fevereiro de 1680; estudou em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro; e estando graduado Doutor em Canones, e despachado em huma Conducta na mesma faculdade, com privilegio de Lente naquella Universidade, faleceo a 9 de Março de 1706.

18 D. IGNEZ MANOEL nasceo a 20 de Fevereiro de 1682, faleceo no seguinte, contando dezaseis mezes de idade.

18 D. MARIA MANOEL nasceo a 20 de Fevereiro de 1683, faleceo menina.

18 D. JOSEPH MANOEL nasceo a 25 de Dezembro de 1686; passou a estudar a Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro daquella Universidade; e depois de graduado, foy Sumilher da Cortina, Deaõ da insigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real, Deputado da Junta dos Tres Estados, e do Santo Officio, em que entrou a 7 de Setembro de 1715, e ultimamente Principal Decano da Santa Igreja de Lisboa.

18 D. THERESA DE MENDOÇA nasceo a 27 de

de Mayo de 1688. Casou com D. Sancho de Faro, Conde de Vimieiro, como fica dito no Capitulo IX. do Livro VIII. pag. 658 do Tomo IX.

18 D. MIGUEL MANOEL nasceo a 29 de Setembro de 1689, e faleceo no de 1696.

18 D. FILIPPE MANOEL nasceo a 16 de Janeiro de 1692; morreo de quatro mezes.

18 D. LEONOR MANOEL nasceo a 29 de Julho do anno de 1693, Religiosa nas Capuchas da Madre de Deos, da primeira Regra de Santa Clara.

18 D. DIOGO MANOEL nasceo ao primeiro de Mayo de 1694; tomou o habito de S. João de Malta, e depois de ter feito as caravanas, servio no nosso Exercito em Catalunha com distincção, e foy Coronel de Cavallaria; e depois de feita a paz da nossa Coroa com a de Castella, passou a servir à Alemanha ao Emperador Carlos VI. com o mesmo posto. Morreo em Vienna a 8 de Março de 1738. Era de gentil figura, desembaraçado, e valeroso.

18 D. ANTONIO MANOEL nasceo a 28 de Dezembro de 1695, foy creado de curta idade na Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri; e depois de muitos annos de Roupeta, a largou por motivo de seus achaques, e morreo Clerigo a 7 de Dezembro de 1726.

18 D. FRANCISCO DA CAMERA nasceo a 9 de Outubro de 1697, que tambem estudou em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro; e sendo Conego da Santa Igreja Patriarcal, largou esta

ta Dignidade, e com grande edificaçaõ da Corte, se recolheo no anno de 1724 no Oratorio de S. Filippe Neri, na Congregaçaõ de Lisboa, onde com exemplar vida, seguindo as obrigações do Instituto, que abraçou, continúa sem diminuiçaõ da sua vocaçaõ. Teve illegitimos

18 D. Nuno Manoel, que nasceo no anno de 1669; foy Religioso da Ordem dos Prégadores; leo Filosofia, e Theologia, depois foy Mestre da sua Ordem, Examinador das Tres Ordens Militares. Faleceo em Mayo de 1743; havido em Ignez Luiza dos Serafins.

18 D. Joaõ Manoel, foy Monge da Ordem de S. Bernardo, Doutor em Theologia na Universidade de Coimbra, em que foy Lente. Faleceo em Novembro de 1738.

- D. Maria Magdalena de Noronha, I. mulher de Dom Luiz Manoel, V. Conde de Atalaya.
  - D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, III. Conde do Prado, VI. Senh. de Beringel, do Conselho de Estado, &c. ✠ em 23 de Junho 1674.
    - D. Antonio de Sousa, Cõmendador de Santa Martha de Vianna na Ordem de Christo.
      - Dom Francisco de Sousa, Governador do Brasil, Capitaõ General das Minas, ✠ no anno de 1608.
        - D. Pedro de Sousa, III. Senhor de Beringel, e do Prado, vivia em 1563.
          - D. Francisco de Sousa, herdeiro da Casa do Prado, e Beringel.
          - D. Maria de Noronha.
        - D. Violante Henriques.
          - Simaõ Freire, Senhor de Bobadella.
          - D. Leonor Henriques.
      - D. Joanna de Castro.
        - D. Rodrigo de Castro, Senhor do Torraõ.
          - D. Alvaro de Castro, Senhor do Morgado do Torraõ.
          - D. Isabel de Mello.
        - D. Anna de Eça.
          - Estevaõ de Castro.
          - Dona Filippa de Eça.
    - Dona Maria de Menezes.
      - D. Joaõ Tello de Menezes.
        - Dom Jorge Tello de Menezes.
          - D. Joaõ Tello de Menezes.
          - N. . . . .
        - D. Isabel Henriques.
          - D. Manoel Mascarenhas, Governador de Arzilla.
          - D. Leonor Henriques, Senhora da Gocharia.
      - D. Catharina de Menezes.
        - Bernardo Corte-Real Alcaide môr de Tavira.
          - Vasco Annes Corte-Real, Veador da Casa delRey D. Manoel.
          - D. Joanna da Sylva.
        - D. Maria de Menezes.
          - Gabriel de Brito, Alcaide môr de Aldea-Gavinha.
          - D. Magdalena de Menezes.
  - A Marqueza Dona Eufrazia de Lima, ✠ em 6 de Mayo 1656.
    - Dom Fernando Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado, Presidente da Camera, &c.
      - D. Manoel Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ.
        - D. Fernando Mascarenhas, herdeiro da Casa, ✠ na batalha de Alcacer.
          - D. Manoel Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Commendador do Rosmaninhal, Govern. de Arzilla.
          - D. Luiza Henriq. Sen. da Gocharia.
        - D. Filippa da Sylva.
          - D. Gil Eannes da Costa, Veador da Fazenda, do Conselho de Estado.
          - D. Joanna da Sylva.
      - Dona Francisca de Ataide.
        - D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, &c.
          - D. Fradique Manoel, Senhor de Atalaya, e Tancos.
          - D. Maria de Ataide, Senhora de Pena-Cova.
        - D. Joanna de Ataide.
          - D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.
          - A Condessa D. Anna de Tavora.
    - A Condessa Dona Maria de Noronha.
      - Dom Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, Commendador de Santa Eulalia.
        - D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas, Commendador da Ordem de Christo.
          - D. Luiz Lobo.
          - D. Maria Coutinho.
        - D. Maria de Noronha, Senhora de Sarzedas.
          - Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas.
          - D. Grimaneza Mascarenhas.
      - D. Joanna de Lima.
        - D. Diogo de Lima, Cõmendador de Vitorinho, Camereiro môr do Infante D. Luiz.
          - D. Antonio de Lima, Mordomo môr do Infante D. Duarte.
          - Dona Maria Bocanegra, Dama da Rainha D. Catharina.
        - D. Maria Coutinho.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Gouvea.
          - D. Joanna de Tovar.

CAPITULO XIII.

De D. Pedro Manoel, V. Conde de Atalaya, Grande de Hespanha.

18 FOy o primeiro fruto da uniaõ do Conde D. Luiz Manoel com a Condessa D. Maria Magdalena de Noronha sua primeira mulher, D. Pedro Manoel, que nasceo na Villa de Vianna do Minho em o anno de 1665, e foy V. Conde de Atalaya em vida do Conde seu pay; e por sua morte succedeo na sua Casa, e foy Senhor das Villas de Atalaya, Tancos, Cinceira, Villa-Nova da Erra, Aguias, e dos Lugares da Mouta, Barquinha, Baguinhas, Roda, Nihaceira, e Santa Martha, Alcaide mór de Marvaõ, Commendador de S. Pedro de Val de Nogueira na Ordem de Christo, de Alpendris na Ordem de Aviz, e do Pescado meudo do Tino da Villa de Setuval na Ordem de Santiago, e Governador da Torre de Belem. No anno de 1676 acompanhou ao Conde seu pay, quando foy por Embaixador Extraordinario à Corte de Turim, e se achou depois com elle no combate, que no mar teve com seis Naos de Argel, como dissemos, sendo de muy pouca idade. Servio na paz, e foy Capitaõ de Infantaria, posto que largou, levado do brio, mas naõ de servir; porque embarcou como voluntario em

algumas Armadas , que ſahiraõ a guardar a Coſta. Depois no anno de 1694 ſuccedendolhe acharſe com ſeu primo o Conde de Prado na fatal deſgraça da morte do Corregedor do Bairro Alto Ignacio Sanches, ſe auſentaraõ do Reyno, e paſſaraõ a França; e achando-ſe na Corte de Pariz, fizeraõ voluntarios algumas Campanhas no Exercito , que mandava o Marichal Duque de Ville-Roy, ſogro do Conde de Prado. Naquella Corte receberaõ eſpeciaes honras delRey Luiz o *Grande*, que com particulares attenções moſtrou a eſtimaçaõ, que fazia das ſuas peſſoas, intereſſando-ſe na ſua reſtituiçaõ à Patria, com eſpeciaes inſtancias a ElRey D. Pedro, a quem tambem ſua irmãa a Rainha da Grãa Bretanha o havia feito; e naõ produzindo entaõ effeito, depois de varias peregrinações, voltou finalmente a Portugal o Conde D. Pedro, donde andava incognito: porém ſem embargo diſſo, incitado do ardor do ſeu elevado eſpirito, brioſamente ſe meteo a bordo da Armada, que eſtava ſurta no porto de Lisboa, defronte de Belem, de que era General o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, a que ſe havia unido a de França, que mandava o ſeu General o Conde de Chaternau, quando no anno de 1701 ſe armou a noſſa Marinha, por receyo de algum inſulto dos Inglezes, como deixamos referido em ſeu proprio lugar; querendo o Conde antes exporſe ao riſco de poder ſer prezo, do que deixar de ſe achar em huma facçaõ, que podia ſer muy importante.

No

No anno de 1704, com a declaraçao da guerra da Grande Alliança contra Castella, passou o Conde D. Pedro a servir com o Conde seu pay, Governador das Armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, e se aggregou voluntario ao Terço, de que era Mestre de Campo seu irmaõ Dom Joaõ Manoel de Noronha, depois VI. Conde de Atalaya, que estava naquella Provincia; e com elle marchou para a da Beira, onde se formou o Exercito, que mandava o Marquez das Minas, em que ElRey Dom Pedro se achou; e logo no principio da Campanha perdoou aos Condes de Atalaya, e Prado, com tanta generosidade, que se esqueceo totalmente das Reaes instancias, que tanto os recomendavaõ, e se lembrou sómente da inclinaçaõ, que tinha às suas pessoas; declarandolhes, que nada obrigara a sua clemencia, mais que o affecto, com que estimava a huns Vassallos de tanta distincçaõ, filhos de outros, taõ benemeritos pelas pessoas, como pelos serviços. Nomeou logo ElRey Ajudantes para lhe assistirem às suas ordens, e entre elles foy hum o Conde D. Pedro, e depois o promoveo a Tenente General da Cavallaria do Minho: com este posto se achou naquella Campanha, do referido anno, da Beira, em que se começou a distinguir o seu prestimo, e valor, para brilhar depois com tanto credito seu, como da Naçaõ. Na memoravel Campanha do anno de 1706 se achou o Conde no Exercito, que mandava o Marquez das Minas seu tio, com quem entrou na Corte de Ma-

drid; elle o mandou a Toledo a comprimentar a Rainha Catholica D. Marianna de Baviera, viuva del-Rey Carlos II. com hum corpo de Cavallaria para a sua guarda. O Conde com grande acerto, e luzimento satisfez esta commissaõ; porque mereceo especiaes honras da Rainha. Depois continuando no mesmo Exercito a larga marcha até Catalunha, residio naquelle Principado todo o tempo, que nelle assistiraõ as Tropas dos Alliados. No anno de 1707 se achou na batalha de Almança no lado esquerdo da primeira linha com a Cavallaria das Provincias do Minho, e Tras os Montes. A qui poz por tres vezes em desordem a Cavallaria dos inimigos do lado direito da sua primeira linha, e foy obrigado a ceder desta ventagem, por naõ ser sustido da Infantaria, que para este fim fora entersachada com a Cavallaria do lado esquerdo do nosso Exercito, havendo recebido duas grandes feridas na cabeça. Depois no Principado de Catalunha, quando voltou para Portugal o Marquez das Minas, ficou Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, substituindo a sua falta, o que foy por pouco tempo; porque tambem se retirou para Porugal, e lhe succedeo o Conde D. Pedro no governo das Tropas Portuguezas, que eraõ Auxiliares; o que fez com tanto acerto, que delRey Carlos III. mereceo muy distinctos favores; de sorte, que o creou Grande de Hespanha da primeira classe; honra que naõ aceitou, sem primeiro consultar a Corte; e com permissaõ de seu Rey se cobrio Gran-

de

de de Hespanha; assim era igualmente louvado, naõ só dos seus, mas dos Estrangeiros, principalmente do Marichal de Staremberg, com quem teve intima amisade; com elle se achou a 20 de Agosto de 1710 na batalha de Çaragoça, mandando as Tropas Portuguezas, que obraraõ com tanta distincçaõ, e gloria do seu General, que neste dia conseguiraõ hum nome immortal. No mesmo anno a 10 de Dezembro se achou na batalha de Villa-Viçosa, devendo-se à sua prudencia, e de outros Generaes, a vitoria, como refere o Marichal de Staremberg na Carta, em que deu conta a ElRey Catholico D. Carlos III. e anda impressa nas Memorias de Lamberty. Assim continuou o governo das Tropas Portuguezas até o anno de 1713, em que ajustado o Tratado da suspensaõ de Armas entre a nossa Corte, e a de Madrid, sahiraõ as Tropas a 7 de Janeiro de Barcellona, onde elle ficou por falta de saude; entregando a Dom Pedro de Almeida, depois Conde de Assumar, General de Batalha, o mando dellas, para as conduzir a Portugal. Melhorou o Conde, e vendo que a guerra de Portugal se havia acabado, naõ se accommodando o seu genio, sem haver de servir, passou à Alemanha, e entrou no serviço do Emperador Carlos VI. que logo o empregou, dandolhe o governo de Castello-Novo de Napoles, e juntamente o posto de General da Cavallaria. Depois o nomeou Vice-Rey de Sardenha, que occupou com authoridade, e vigilancia; de sorte, que depois de acabado o seu tempo,

Lamberty, *Memoires pour servir l' Hist. du XVIII. siecle*, tom. 6. pag. 170.

tempo, occuparaõ os Castelhanos aquelle Reyno. O Emperador o nomeou do seu Conselho de Estado, e fez delle sempre muy distincta estimaçaõ, devida ao seu merecimento, e pessoa; e empregado no seu serviço, morreo em Vienna a 19 de Setembro de 1722. Foy dotado de huma singular viveza, e de huma natural graça, discreto, e prompto nas repostas, e de hum talento sublime; de sorte, que em toda a occasiaõ era applaudido, porque fallava com eloquencia. Era curioso da liçaõ dos livros, com felicissima memoria, com gosto da Poesia, a que era inclinado por genio, em que compoz com propriedade algumas Obras jocosas; mas com tanto recato, que nunca se faziaõ publicas, e passavaõ só entre aquelles erudîtos da sua confiança. Na memoria dos seus amigos, e parentes se conservaõ muitas repostas discretas, e ditos agudos, e com enfaze, que repetem com saudade; porque o Conde Dom Pedro unio à sua pessoa excellentes partes, porque foy valeroso, luzido, generoso, e de fina amisade; de sorte, que elle sobre o seu esclarecido nascimento, se soube distinguir por virtudes proprias, em que brilhou a mesma grandeza.

Casou a 20 de Novembro do anno de 1689 com D. Margarida Coutinho, Dama da Rainha D. Maria Sofia, que faleceo a 19 de Novembro de 1695, filha primeira de Manoel Telles da Sylva, I. Marquez de Alegrete, II. Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera delRey Dom

Pedro

Pedro II. e seu Védor da Fazenda, Embaixador à Alemanha; e da Marqueza D. Luiza Coutinho, de quem teve unico

19 D. Luiz Manoel, nasceo em Lisboa a 28 de Outubro de 1691; servio na guerra com seu pay em Catalunha, e foy Coronel da Cavallaria; e voltando para o Reyno, passado algum tempo, o mataraõ desgraçadamente por erro, sem o conhecerem, na noite de 12 de Outubro de 1716. Naõ casou, seu pay tinha tratado o seu casamento com sua prima segunda D. Maria Theresa de Neuville, filha de seu tio D. Joaõ de Sousa, III. Marquez das Minas; e tendo vindo a dispensa de Roma, naõ chegou a ter effeito.

CAPITULO XIV.

De D. Joaõ Manoel de Noronha, VI. Conde de Atalaya, Governador das Armas da Provincia de Alentejo.

18 NO anno de 1679 nasceo a 6 de Março D. Joaõ Manoel de Noronha, primeiro filho da segunda uniaõ do Conde D. Luiz com a Condessa D. Francisca de Mendoça, como dissemos no Capitulo XII. e sendo creado com particular inclinaçaõ do Conde seu pay, o destinou logo à vida militar, que elle abraçou com genio; e como na heroicidade de

de ſeu pay tinha o exemplar mais perfeito para a imitaçaõ, o ſeguio ſempre; de ſorte, que pode equivocar a copia com o original: pelo que a Providencia o veyo a fazer com o tempo ſucceſſor da ſua Caſa, aſſim como o era das virtudes. No anno de 1698 o contratou para caſar com D. Marianna Barbara de Noronha, filha de D. Franciſco Maſcarenhas, e de ſua mulher D. Joanna Coutinho; e com permiſſaõ delRey lhe dotou as Commendas de Santa Maria de Alcacer da Ordem de Santiago, e a de S. Nicolao de Cabeceira de Baſto da Ordem de Chriſto: por ſua eſpoſa teve, entre outras couſas, em dote a Commenda de Santa Maria da Deveza de Caſtello de Vide, eſtabelecendo neſta fórma huma nova linha à eſclarecida Caſa de Atalaya; porém naõ durou muito eſta uniaõ, nem D. Joaõ paſſou às ſegundas vodas, ſenaõ depois de muitos annos, como veremos. Aſſentou praça de Soldado a 30 de Mayo de 1697. Foy Capitaõ de Infantaria do Terço da Armada, embarcando em muitas, das que todos os annos ſahiaõ a correr a Coſta, até que no anno de 1702 foy provido em Meſtre de Campo do Terço da Praça de Caminha na Provincia do Minho, onde ſe achava, quando o Conde ſeu pay foy nomeado Governador das Armas daquella Provincia, e o acompanhou com as Tropas do ſeu partido no anno de 1704, depois de rota a guerra com Caſtella, quando paſſou à Beira a unirſe com o Exercito, que mandava o Marquez das Minas; neſta Campanha ſe achou D. Joaõ Manoel,

em

em que deu naõ vulgares mostras do seu valor, actividade, e talento militar, que o exercicio polìo, e elevou para dar na sua pessoa hum excellente General. Achou-se em diversas occasioens naquella Campanha, no choque de Monsanto, e no assalto em que se recuperou a Praça de Salvaterra, e outras, em que distinguindo-se no valor, se fazia ainda mais distincto pelos seus poucos annos.

Mudado o theatro da guerra da Provincia da Beira para a de Alentejo, se achou no sitio de Badajoz, sendo já General de Batalha; e depois no Exèrcito, que no anno de 1706 mandava o Marquez das Minas, no sitio de Alcantara, e Ciudad Rodrigo, em que foy ferido; achando-se em outras muitas occasioens, que se offereceraõ em toda aquella gloriosa Campanha, desde que o nosso Exercito sahio de Alentejo, até se alojar junto da Corte de Madrid, para cujo fim o Marquez das Minas o mandou do Lugar de Espinal, com hum destacamento de dous mil Infantes, e quinhentos Cavallos, occupar o posto de Guadarrama, e pôr o caminho capaz de marchar a artilharia, o que tudo executou com actividade; de sorte, que desde aquella Corte até entrar no Reyno de Valença, naõ houve occasiaõ de risco, que os nossos tivessem, em que se naõ achasse Dom Joaõ Manoel, sendolhe muitas encarregadas, de que deu excellente conta.

Entrou o nosso Exercito no Reyno de Valença, e depois de huma dilatada, e bem ordenada mar-

cha, foraõ metidas as Tropas em Quarteis; encarregou o Marquez das Minas ao General de Batalha D. Joaõ Manoel o governo daquella Fronteira. Foy grande o trabalho, e mayor o riſco, que por muitas vezes expoz a ſua peſſoa em diverſas occaſioens, que teve com os inimigos, que obſervava com vigilancia, até que o noſſo Exercito ſahio em Campanha, e ſe formou a 6 de Abril de 1707 no Campo de Valhada; e depois de haver procurado atacar aos inimigos em Montalegre, vendo que ſe retiraraõ, foy D. Joaõ Manoel ſobre elle, o deu a ſacco, e fez queimar; e retrocedendo para o ſeu Campo, determinaraõ os Generaes de ſitiar Vilhena, e lhe foy encarregada a abertura da trincheira, que na noite de 19 do referido mez, o conſeguio debaixo do fogo do ſeu Caſtello; de ſorte, que na manhãa do dia ſeguinte ſe começou a bater em brecha: porém tendo-ſe determinado no Conſelho dos noſſos Generaes, e os da Grande Alliança, buſcar o Exercito delRey D. Filippe, que ſe acampara em Almança, ſe deſvaneceo o ſitio, e marchou o noſſo no dia 24, e foy acampar a Caudete. Ao General de Batalha D. Joaõ Manoel mandou o Marquez das Minas paſſar moſtra a toda a Infantaria Portugueza, de cujo governo já eſtava encarregado deſde o principio daquella Campanha. Seguio-ſe no dia ſeguinte, 25 do meſmo mez, a batalha no Campo de Almança, que infelizmente ſe perdeo, como já diſſemos. Achava-ſe D. Joaõ Manoel mandando a direita da primeira linha de Infantaria no cor-

po

po da batalha ; e havendolhe tirado dous Regimentos para postarem entre a Cavallaria do lado direito, com tres Portuguezes, que lhe ficaraõ sómente, unido com cinco Inglezes, e quatro Hollandezes, investiraõ taõ vigorosamente os inimigos, que puzeraõ em derrota a sua Infantaria, que os excedia em numero; e atacando o flanco direito, logo ficou separado por hum grande intervallo, com o primeiro movimento, que se havia feito ; porém neste tempo lhe puzeraõ em desordem o Regimento do Coronel Joseph Delgado, que fazia a direita, que D. Joaõ Manoel tornou a formar, e pôr em ordem, sendolhe necessario para o conseguir porse a pé diante do mesmo Regimento, e com os outros dous continuou o ataque de modo , que poz em total derrota a dez batalhoens Francezes, que lhe ficavaõ diante, levando-os até o centro das suas bagagens; de tal sorte, que quando se declarou a vitoria pelos contrarios, por terem derrotado totalmente a nossa direita, e esquerda , e a mayor parte da Infantaria da segunda linha, se achou D. Joaõ Manoel com a sua linha com a ventagem referida. Vendo porém que naõ podia conservarse na ventagem, que ganhara , por já naõ existirem as duas alas, que o amparavaõ ; unido com os Regimentos Hollandezes , e Inglezes, que dissemos , e mais hum Hollandes da segunda linha , com advertencia admiravel , e constancia heroica , determinaraõ retirarse por entre os esquadroens inimigos, pelo mesmo campo, em que principiara a batalha, adonde

as duas alas da Cavallaria inimiga, já desembaraçadas das nossas, intentaraõ derrotar este corpo, que com incrivel bizarria, por tres vezes resistio, e rechaçou aos seus contrarios, sem que estes os pudessem romper pela boa ordem, e constancia da sua marcha, havendo-os seguido duas legoas, até que metendo-se a noite, suspenderaõ os inimigos perseguillos; os nossos fizeraõ alto, porque os Soldados fatigados do trabalho, cançados do caminho, e faltos de munições de guerra, naõ poderaõ marchar de noite; no outro dia se acharaõ bloqueados, e capitularaõ taõ honradamente, como se estiveraõ em huma Praça Real; e ficando prisioneiros, foy D. Joaõ Manoel mandado para Almança, e depois com os mais Officiaes Portuguezes, que elle naõ quiz largar, para S. Clemente da Mancha, onde repetindo-se a molestia, que padecia, e desprezara antes da batalha, se aggravou de sorte, que esteve em perigo de vida. Deste sitio foraõ mudados para Arganda, donde passou a Madrid, e com licença de quatro mezes à nossa Corte, e ajustando-se neste tempo o ser trocado, ficou na sua liberdade.

Restituido D. Joaõ Manoel à Corte, passou logo a servir na Provincia de Alentejo, já com o posto de Mestre de Campo General; e na Primavera do anno de 1708 sahio o nosso Exercito à Campanha, mandado pelo Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas, Governador das Armas da Provincia, e foy D. Joaõ Manoel encarregado do governo da artilharia,

ria, que a poz prompta para servir no Exercito, como logo servio na bateria, que plantou sobre o Xevora, que com bastante damno impedio os designios dos inimigos. No fim da Campanha o mandou o Governador das Armas com hum destacamento de quatro Regimentos de Infantaria, e dous de Cavallaria a demolir a Praça de Valença de Alcantara; e naõ obstante a visinhança dos inimigos o conseguio, naõ só com trabalho, mas com industria, pois em tres dias ficou demolida a Praça, fazendo conduzir a artilharia, e munições de guerra para a de Castello de Vide; e mandando os Regimentos para os Quarteis, que se lhe tinhaõ destinado, se recolheo a Elvas, e ficou governando a Provincia na ausencia do Marquez de Fronteira, que com licença fora para a Corte.

Neste tempo emprendeo D. Joaõ Manoel armar a Cavallaria de Badajoz, para o que no mez de Agosto sahio huma noite de Elvas com a Cavallaria daquella Praça, e unindo-se no Guadiana com a de Olivença, se emboscou junto a Telena, donde mandou duas partidas rebanhar os gados de Badajoz, com ordem, que tanto, que sahisse daquella Praça a Cavallaria, se fossem retirando para a parte, em que estava a emboscada; o que naõ conseguio por hum Capitaõ se descobrir mais cedo, do que requeria a ordem, que lhe havia dado; porém sem embargo disso ainda atropelou a Cavallaria dos inimigos, que se puzeraõ logo em retirada para Badajoz, com perda

da de oitenta Cavallos, dous Capitaens, dous Tenentes, e hum Alferez, que ficaraõ prisioneiros, sendo muito mayor o numero dos mortos, e feridos, que ficaraõ no campo; e recolhendo-se D. Joaõ Manoel a Elvas, sem embargo, que vitorioso, naõ satisfeito de naõ lograr a acçaõ, como a meditara, continuou no governo das Armas até o mez de Setembro, que o entregou ao Marquez da Fronteira, que voltou da Corte. No Outono sahio o nosso Exercito, e o dos Castelhanos, e depois de alguns movimentos se retiraraõ, e meteraõ em Quarteis de Inverno. Acabada a Campanha, mandou o Marquez à Corte a D. Joaõ Manoel a tratar algumas cousas pertencentes à Provincia, e à futura Campanha. Tanto que chegou à Corte, deu conta da sua commissaõ; porém no tempo, que estava tratando estes negocios, se lhe recommendaraõ outros, para que se necessitava de prompta expediçaõ; e foy por ordem delRey à Provincia da Beira a fazer as reconduções, levas de Soldados para a Infantaria, e Cavallaria, e compra de Cavallos para a sua remonta; e tendo adiantado na Beira com grande efficacia, o que se lhe tinha ordenado, foy mandado à Provincia do Minho à mesma diligencia, declarandolhe que visitasse primeiro a Praça de Almeida. Chegou à Provincia no principio de Fevereiro, e taõ activa foy a diligencia, que a 10 de Março marchou com as Tropas daquelle partido para a Beira, onde com vigilante cuidado tinha as desta Provincia em estado de marcharem à primeira ordem;

porém

porém pela que elle teve, passou pela posta à Provincia de Alentejo, para se achar no Exercito, que em poucos dias sahiria à Campanha: em vinte e quatro horas chegou a Estremoz; o Marquez de Fronteira, e mais Generaes o receberaõ com alvoroço; o Marquez lhe entregou huma Carta firmada da Real maõ de Sua Magestade, feita a 11 de Abril de 1709, em que com particulares expressoens honrava a sua pessoa, e louvava o seu zelo, e actividade, com que cumprira as suas ordens, e que ao seu cuidado se devia acharemse os Regimentos da Provincia do Minho, e Beira completos; chegaraõ depois estas Tropas à Alentejo, como elle tinha disposto.

Determinado o dia 7 de Mayo para se pôr em marcha o nosso Exercito, passou o Caya a buscar aos inimigos, e sem embargo, que D. Joaõ Manoel estava encarregado, por ordem da Corte, do governo da artilharia, o Marquez de Fronteira lhe ordenou, dizendolhe, que sem embargo, que o governo da artilharia o escusava de outro algum, elle lhe assinava na ordem de batalha, o lugar da esquerda da Infantaria da primeira linha, por ser preciso, que elle occupasse aquelle lugar. Duvidou D. Joaõ Manoel com a obrigaçaõ da artilharia, e pela ordem, que tinha do seu governo; porém o Marquez, e Milord Gallovay, com razoens muy vivas o persuadiraõ, e ultimamente lhe ordenaraõ positivamente o fizesse; porque naquellas occasioens naõ devia replicar, e sómente fazer tudo, o que entendia era mais conveniente ao serviço

viço de Sua Mageſtade. Deſta ſorte houve de obedecer ao que ſe lhe ordenou, poſtando primeiro a artilharia nas partes neceſſarias, foy para a eſquerda da Infantaria da primeira linha; e ſeria mais infeliz aquelle dia, ſe os Meſtres de Campo Generaes D. Joaõ Manoel, D. Joaõ Diogo de Ataide, Affonſo Furtado de Mendoça, e outros Officiaes, naõ conſervaraõ impenetravel aquella linha, como em outra parte diſſemos. Dom Joaõ Manoel, que tomou o lado, que ſe lhe havia determinado, em que tambem eſtava o Brigadeiro D. Joaõ Hogan, vendo que ao primeiro ataque ſe puzera em fogida a Cavallaria do lado eſquerdo, ficando deſamparado, e totalmente expoſto o flanco da Infantaria da primeira, e ſegunda linha, poſto na teſta dos Regimentos Inglezes, e Hollandezes, que faziaõ o lado da primeira, ſe oppuzeraõ ao furioſo impeto, com que a Cavallaria dos inimigos procurou derrotar aquelle lado, que os Inglezes deſampararaõ, retirando-ſe deſordenadamente por entre a primeira, e ſegunda linha: entaõ occupou o ſeu lugar com a Brigada da Infantaria Portugueza, que ſe lhe ſeguia, e paſſou à ſegunda a prevenir os Officiaes da Brigada, que fechava o lado della, em que eſtava o Coronel Thomás da Sylva Telles, depois Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, a quem participou o movimento, que intentava, que elle devia communicar aos outros Officiaes; e voltando para o ſeu lugar, mandou aviſar a todos os Coroneis da primeira linha, que ſeguiſſem os movimentos

tos

tos da esquerda; assim, tanto que lhe pareceo tempo, fazendo que marchava em batalha para os inimigos, que com a mayor parte da Cavallaria se estavaõ pondo em ordem para tornarem a acometer a nossa Infantaria, os fez com este movimento suspender; e aproveitando-se de occasiaõ taõ opportuna, fez hum quarto de conversaõ com a Brigada do lado esquerdo, que facilitando-se com o movimento, que para este mesmo fim fez a esquerda da segunda linha, pela prevençaõ, que havia feito, conseguio fechar o intervallo de huma, e outra, para o que concorreraõ os demais Officiaes, Generaes, e Subalternos, com grande diligencia para este fim, e se poz em retirada a Infantaria, que já neste tempo se achava desamparada da nossa Cavallaria de hum, e outro lado, sem embargo do acordo do Marquez de Fronteira, que fez tudo quanto cabia no valor, e na arte, por evitar a desordem, que experimentou na occasiaõ. Marchou a Infantaria em boa ordem, chegou a Campo-Mayor, e depois se continuou a Campanha, como já dissemos; e tendo aviso o Marquez de Fronteira a 18 do referido mez de Elvas, que os inimigos intentavaõ sitiar aquella Praça, ordenou a D. Joaõ Manoel se fosse meter nella para a defender; e no mesmo instante, acompanhado de huma partida de quinze Cavallos, se introduzio na Praça, naõ sem bastante risco, por se achar cercada de varias partidas, e guardas do Exercito dos inimigos. Dispoz logo tudo, o que era preciso para a defensa, principiando

ando por evitar a desordem, que começava haver na Praça; visitou os póstos, e se poz em estado de se defender, e observando aos inimigos, que fizeraõ a 23 do mesmo mez varios destacamentos para a ponte de Olivença, que passaraõ para outra parte do Guadiana com todo o seu Exercito, deixando nella hum destacamento, e foraõ campar junto à Praça de Olivença. D. Joaõ Manoel vendo, que Elvas naõ podia ter receyo de ser sitiada, voltou para o Campo de Jurumenha, adonde o nosso Exercito se conservava, e continuou a Campanha com o governo da Artilharia com singular prestimo; porque havendo os inimigos feito voar a ponte de Olivença, era preciso fazer huma diversaõ para a parte de Badajoz ao bloqueo, que o seu Exercito fazia àquella Praça, para o que se poz o nosso Exercito em marcha, foy acampar a Torre-Alagada com a esquerda entre a ribeira de Ubeda, e Atalaya da Terrinha, e a direita junto ao Guadiana; e vendo que os inimigos tinhaõ occupado o vao do rio de Abreu, com huma trincheira guarnecida de Infantaria, e dez Esquadroens de Cavallaria; mandou o Marquez de Fronteira a D. Joaõ Manoel avançar aquelle posto com duzentos Granadeiros, e com alguma Cavallaria, e quatro peças de artilharia para desalojar os inimigos, o que conseguio com pouca resistencia delles, que ficando com a sua Cavallaria a tiro de canhaõ, receberaõ bastante damno da nossa artilharia, que laborou, até que se apartaraõ para lugar, em que naõ recebessem damno; e

depois

depois de diversos movimentos, e operações, em que a nossa artilharia laborou com felicidade, pelo cuidado de seu General D. Joaõ Manoel, naõ se receando já o bloqueo de Olivença, de que ficou livre no primeiro de Julho, se retirou hum, e outro Exercito, e aquartelaraõ as suas Tropas, e naõ houve no Outono Campanha.

Determinou com licença o Marquez de Fronteira passar à Corte, e Dom Joaõ Manoel ficou com o governo até o fim de Março de 1710. Achava-se o Marquez de Fronteira com algumas molestias impedido para continuar no governo das Armas daquella Provincia, e lhe succedeo no posto o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, a quem Dom Joaõ Manoel entregou o governo, e ficou exercitando o seu posto de Mestre de Campo General daquelle Exercito; e achando-se mal convalecido de huma doença, que havia pouco padecera, sahio com o Exercito a Campanha no principio de Abril; e a 28 de Mayo, estando o nosso Exercito no Campo de Cancaõ, teve a mayor parte da nossa Cavallaria huma escaramuça com a dos inimigos da outra parte do Guadiana, a que assistio D. Joaõ Manoel, sendo elle o que andou guarnecendo os reductos, que se haviaõ feito da outra parte do rio, e postando varios corpos de Infantaria para sustentar a nossa Cavallaria. Foy grande o trabalho, e excessivo o calor daquelle dia, o corpo mal convalecido; de sorte, que rendido do mal, adoeceo com huma malina, com a qual, de-

pois de dous dias, foy para Elvas, adonde esteve em perigo da vida. Chegou a noticia à Corte, ElRey lhe fez a honra de mandar saber delle por huma Carta de 3 de Junho do dito anno, em que o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real dizia o grande cuidado, que a Sua Mageſtade causara aquella noticia, e que para se livrar delle, despachara aquelle Postilhaõ, pelo qual esperava saber, que estava melhorado; e para mostrar o quanto o estimava Sua Magestade, ordenara ao Doutor Francisco Xavier Leitaõ, Medico da sua Camera, lhe fosse assistir; e continuandolhe a mesma honra, lhe mandou dizer o Secretario de Estado por outra de 11 do referido mez, o quanto tinha sido agradavel a Sua Magestade a noticia da sua melhora, pelo que estimava a sua pessoa, a quem dava licença para poder passar a convalecer à Corte, o que participava ao Governador das Armas Conde de Villa-Verde, para que lhe concedesse a licença.

No principio de Julho passou D. Joaõ Manoel à Corte, naõ por convalecer com os ares patrios; mas para render graças a ElRey pelas repetidas occasioens, com que a sua clemencia tanto o honrara; e ainda que estava livre da grande molestia, que padecera, naõ estava totalmente restabelecido à sua robustez. Neste tempo se ordenou, que todos os Militares se recolhessem às suas Provincias; e supposto se lhe mandou declarar, que naõ era comprehendido naquella ordem; porque Sua Magestade estava

certo,

certo, de que quando elle estivesse capaz se recolheria, sem que fosse necessario nenhuma advertencia. Porém Dom Joaõ Manoel excitado da viveza do seu espirito, e do desejo de servir, logo pela posta foy para Estremoz, e começou a cumprir as obrigações, que pertenciaõ ao seu posto de Mestre de Campo General, pondo em execuçaõ tudo o que se lhe encarregara para aquella Campanha. A 24 de Setembro sahio o Exercito, que mandava o Conde de Villa-Verde, Governador das Armas, acompanhado dos Mestres de Campo Generaes Dom Joaõ Diogo de Ataide, D. Joaõ Manoel, o Marquez das Minas D. Joaõ de Sousa, a quem estava encarregado o governo da Cavallaria, e a Bernardim Freire de Andrade o da Artilharia, e foy acampar no primeiro de Outubro no Campo de Barca-Rota, cujo Castello estava guarnecido de setenta Infantes, hum Capitaõ, hum Tenente, e hum Alferes; mandoulhe o Conde de Villa-Verde dizer se rendesse, porque se naõ podia defender de hum Exercito: o Commandante mandou por reposta, que determinava defenderse; e naõ cedendo às diligencias, que se fizeraõ, por lhe evitarem a ultima ruina, ordenou o Conde de Villa-Verde a D. Joaõ Manoel dispuzesse o modo de o atacar, o que logo principiou a cumprir; do que tendo noticia D. Joaõ Diogo de Ataide, pretendeo, que a elle lhe tocava aquella operaçaõ, dizendo, que naõ continuaria mais no exercicio do seu posto, se se lhe fizesse huma tal injustiça; a qual naõ era outra mais, que a

que

que lhe ideava o ſeu genio, naturalmente deſconfiado, ſuppoſto que valeroſo, e com excellentes partes. D. Joaõ Manoel, que o tratava com amiſade, querendo evitarlhe a deſconfiança, mandou com generoſo animo dizer ao Conde de Villa-Verde, que elle naõ tinha duvida, para que D. Joaõ Diogo foſſe executar o que eſtava diſpoſto: porém o Governador das Armas ordenou foſſe D. Joaõ Manoel, que ao romper da manhãa inveſtio o Caſtello, e em pouco tempo o rendeo, ficando a guarniçaõ priſioneira de guerra. No dia 4 deſte mez chegou o Exercito a Xeres, e na meſma noite começou D. Joaõ Manoel a abrir a trincheira com tal cuidado, que ao romper da manhãa do dia ſeguinte ſe acabaraõ de formar as baterias, que começaraõ a bater a Cidade, que foy rendida, e a guarniçaõ priſioneira de guerra; e depois de lhe tirarem todas as munições de guerra, e boca, fizeraõ com minas voar a ſua fortificaçaõ, e deſmantelada, ſe recolheo o Exercito a Portugal com baſtante trabalho, pelo rigor do Inverno.

Eſtava Dom Joaõ Manoel na Praça de Eſtremoz, quando teve ordem para paſſar à Provincia do Minho; e partindo logo, chegou a Vianna a 2 de Janeiro de 1711; e eſtando cumprindo o que ſe lhe encomendara das levas, reconducções, e compra de cavallos, lhe foy mandado, que paſſaſſe, ſem demora, à Provincia de Traz dos Montes, a encarregarſe do governo das Armas, e que viſſe ſe ſeria poſſivel recuperar a Praça de Miranda; e tendo deixado diſpoſto tudo,

tudo, o que lhe fora encomendado fizesse no Minho, partio para Traz dos Montes, chegou a Bragança no primeiro de Fevereiro. Naõ achou elle a Provincia em estado de poder emprender cousa alguma, se o seu ardor se naõ animara da actividade da sua diligencia, que foy taõ efficaz, que poz as cousas em estado, que avisou à Corte, que poderia emprender sitiar Miranda.

Determinado recuperar a Cidade de Miranda, de que no anno antecedente se tinhaõ apoderado os Castelhanos pela detestavel perfidia de hum Official, se entregou esta empreza ao Mestre de Campo General D. Joaõ Manoel, que elle dispoz com admiravel providencia, e com tanta actividade, que poz aos sitiados em consternaçaõ, que sahindo a campo no dia 10 de Março, lhe cortou as communicações; e depois de pôr em termos a bateria, a 13 começou a acanhoar a Cidade com tanto vigor, que em pouco lhe desmontou quatro peças, que atiravaõ sobre o ataque. Os inimigos vendo-se sem uso da sua artilharia, fizeraõ huma bateria sobre o ramal esquerdo da obra cornea, com que poderiaõ offender o nosso ataque; mas a singular viveza do General D. Joaõ Manoel, com grande acordo, tomou a resoluçaõ de a mandar atacar com a espada na maõ, tanto que fosse noite, por duzentos e cincoenta Granadeiros, e duzentos Infantes, entregues à ordem do Brigadeiro Thomás da Sylva Telles, (depois Visconde de Villa-Nova da Cerveira) que executou com tanto vigor,

Histor. Genealogica da Casa Real, tom. 8. pag. 119.

gor, que os inimigos abandonaraõ a obra cornea, e com tanta felicidade, que naõ perdemos nem hum ſó Soldado, ſó o Capitaõ dos Granadeiros ficou ferido de hum moſquete em huma perna. Abrio-ſe a brecha na Cidade, o que vendo os ſitiados, tocaraõ a chamada na manhãa de 15 de Março, e mandaraõ hum Tenente, pedindo tres dias para ſe reſolverem; porém o General D. Joaõ Manoel em poucas palavras reſoluto lhe reſpondeo, que a guarniçaõ havia de ſer priſioneira de guerra, e que lhe dava meya hora para ſe reſolverem; e pelo que reſpeitava aos Officiaes, ſe lhes fariaõ todas as permittidas honras. Para ajuſtar eſte Tratado da entrega com o Governador, mandou ao Brigadeiro Thomás da Sylva, que detendo-ſe pouco na Praça, voltou dizendo, que os Officiaes naõ queriaõ conſentir em ficarem priſioneiros de guerra, e pediaõ alguma moderaçaõ naquelle artigo. O General D. Joaõ Manoel naõ deu outra repoſta a eſta propoſiçaõ mais que com a viveza, e deſembaraço, de que ſe animava, mandar bater vigoroſamente a Praça, paſſando ordem para hum aſſalto geral com todos os Granadeiros, e alguns Regimentos; o que obſervado dos ſitiados, tocaraõ ſegunda vez a chamada: voltou à Praça Thomas da Sylva, capitulou com o Governador ficar a guarniçaõ priſioneira de guerra à merce do Meſtre de Campo General D. Joaõ Manoel; e a 15 de Março de 1711 aſſinou as Capitulações o Brigadeiro Thomás da Sylva, e o Tenente de Rey, Governador da Praça,

D.

D. Antonio de Mendoça e Sandoval, e a ratificou o General D. Joaõ Manoel, que naõ concedeo aos prisioneiros mais que ficarem com a sua roupa. No dia 16 sahio a guarniçaõ da Praça, em que se achou grande quantidade de munições de guerra, e boca. A actividade, e singular espirito, com que o General se lançou sobre a Cidade, tomandolhe a communicaçaõ, foy o motivo de pôr em tal desconfiança aos sitiados, que se renderaõ com a brevidade referida; fazendo assim mais gloriosa a empreza, conseguida igualmente pelo valor, do que pela sciencia militar. Depois mandou D. Joaõ Manoel demolir por inutil Alcaniças, e tirandolhe cinco pessas de artilharia, com as munições de guerra, que nella havia, as mandou para a Puebla de Senabria, que poz em estado de se defender, e Carvajales, Praças que eraõ dos Castelhanos. ElRey lhe mandou por huma Carta muy honrada agradecer o muito, que tinha obrado nesta expediçaõ pelo seu serviço; e que aos Officiaes, e Soldados, da sua parte dissesse a satisfaçaõ, que tivera do bem, com que se haviaõ portado. Tratou logo D. Joaõ de pôr toda a diligencia nas levas, e remontas; de sorte, que se acharaõ na Campanha daquelle anno no Exercito de Alentejo, que mandava o Conde de Villa-Verde, e sahio à Campanha a 21 de Mayo. Continuou D. Joaõ Manoel o exercicio do seu posto, e entrando por Castella, chegou a Safra, donde voltou pela noticia, de que o Exercito dos Castelhanos tinha tambem entrado no nosso Rey-

no, e eſtava em Borba, de donde ſe retirou com a noticia da marcha do noſſo Exercito; e aſſim depois de varios movimentos, ſem acçaõ memoravel, ſe conſervaraõ, até que no primeiro de Julho ſe meteraõ em Quarteis, como já diſſemos; e acabada a Campanha, paſſou à Corte o Conde de Villa-Verde; e foy mandado a D. Joaõ Manoel continuaſſe com o governo das Armas, dizendolhe o Secretario de Eſtado, que o preſtimo, acerto, e valor, com que ſervia, era a cauſa de nunca ter deſcanço; e exercendo o governo com acerto, ſatisfaçaõ da Corte, e louvor dos Militares até o principio de Outubro, entregou o governo ao Meſtre de Campo General Pedro Maſcarenhas.

Os merecimentos de D. Joaõ Manoel eraõ taõ notorios, que paſſando no referido mez à Corte, achou que ElRey lhe havia feito a merce de o nomear Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, e ao meſmo tempo do ſeu Conſelho de Guerra; e ſahindo de Lisboa a 21 de Setembro de 1712, chegou a 21 de Fevereiro do anno ſeguinte: tomou poſſe do governo, e levado do ardor de hum generoſo, e activo eſpirito, poz as Praças, e Coſtas daquelle importante Reyno em defenſa, conſeguindo reſpeito, e ventagens dos viſinhos: ſoube caſtigar o orgulho do Principe de Caconda, viſinho do Paiz de Benguella, que commetteo algumas hoſtilidades contra o Preſidio, que naquelle territorio conſerva a Coroa Portugueza, a que ſe oppoz o Governador delle;

delle; e dando conta ao Capitaõ General D. Joaõ Manoel, com a sua natural actividade, lhe mandou logo hum tal soccorro, que com a gente da guarniçaõ formou hum corpo, e marchou contra o inimigo. e dando sobre elle com grande calor, o derrotou, e obrigou a pedirlhe a paz, que D. Joaõ Manoel lhe concedeo. Finalmente tendo deixado o Reyno pacifico, reduzido o militar a methodo, evitado para o futuro as desordens, e descaminhos da fazenda Real, com meyos importantes à sua arrecadaçaõ, e à utilidade do commercio; com zelo da Religiaõ Christãa, fez que as Missoens servissem de edificaçaõ, para o que ajudou aos Missionarios Capuchinhos da Naçaõ Italiana, que tanto se tem distinguido na Africa, e na America, nas nossas Conquistas, sustentando-os à sua custa. Dissipou abusos escandalosos, por meyos proporcionados ao negocio mais importante, que he o da reducçaõ, e conservaçaõ de tantas almas, no conhecimento do verdadeiro Deos, e no horror das abominaveis superstições do Gentilismo; havendo todo o tempo do seu governo, mostrado a generosidade do seu animo, no luzimento do trato da sua Casa; e deixado da sua prudencia, desinteresse, e Religiaõ naquelle Reyno honrada memoria. Voltou para o Reyno no anno de 1717 depois de ter padecido na viagem naõ pequenos incomodos: naõ deixou de experimentar outros na ousadia, com que se pertendeo, com affectadas queixas, naõ manchar a inteireza; porque esta foy sempre de sorte, que naõ hou-

Historia Genealogica, tom. 8. pag. 211.

ve emulaçaõ, que o emprendeſſe; mas ſim arguillo de rigoroſo em algumas deliberações, como ſe naõ foſſe a juſtiça attributo de taõ grande importancia, como o he a piedade: porém o tempo deu hum pleno conhecimento do ſeu recto procedimento, e juſta intençaõ; de ſorte, que foy aſſim julgado em o Supremo Senado da Relaçaõ de Lisboa, para mais evidente teſtemunho da ſua rectidaõ, naõ baſtando o mais ajuſtado procedimento, para que algumas vezes ſe naõ interprete ſiniſtramente; porque ſempre ſe encontraõ deſcontentes, naõ com razaõ, mas pelo que naõ conſeguem.

No Capitulo precedente vimos como no anno de 1722 morrera ſem deixar ſucceſſaõ o Conde D. Pedro Manoel, pelo que recahio a ſua Caſa em D. Joaõ Manoel de Noronha, que he VI. Conde de Atalaya, Senhor das Aguias, da Atalaya, Tancos, Sinceira, Villa-Nova da Erra, e dos Lugares da Mouta, Barquinha, Baguinha, Roda, Ninhachira, e Santa Martha, Alcaide môr de Marvaõ, Governador da Torre de Belem, e Commendador de S. Pedro de Val de Nogueira na Ordem de Chriſto, de Alpedriz na de S. Bento de Aviz, e do peſcado meudo do Tino da Villa de Setuval da Ordem de Santiago, tendo antes ſido Commendador de Santa Maria da Deveſa de Caſtello de Vide, de S. Nicolao de Cabeceira de Baſto na Ordem de Chriſto, e de Santa Maria de Alcacer na Ordem de Santiago. Neſte tempo já tinha o Conde caſado com ſua prima com

irmãa

irmãa Dona Mecia de Rohan, como adiante se verá.

Era Graõ Mestre da insigne Ordem Militar de S. Joaõ de Malta D. Antonio Manoel de Vilhena, que no anno de 1728 mandou à nossa Corte por Embaixador Extraordinario a Fr. Wenceslao, Conde de Harrach, Ballio, e Commendador da mesma Ordem, e actual General das Galés da Religiaõ: foy nomeado o Conde de Atalaya, entaõ Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Mageſtade, e do seu Conselho de Guerra, para seu Conductor, o que fez com magnifica comitiva, e com muito luzimento, e despeza, convidando-o a jantar, e a todos os Cavalleiros, que vieraõ na Esquadra, que era de quatro Naos de Guerra, que o Conde tratou com grande policia, grandeza, e profusaõ, por ser de hum genio generoso, e agradavel; de sorte, que a todos deixou satisfeitos da attençaõ, com que mostrou estimar aquella benemerita Religiaõ. Depois foy elle hum dos Senhores, que acompanharaõ as Mageſtades, quando passaraõ à Provincia de Alentejo, para se avistarem com os Reys Catholicos pela occasiaõ dos reciprocos casamentos dos Sereníssimos Principes do Brasil, e das Asturias, e se effeituou a 19 de Janeiro de 1729, em que o Conde de Atalaya foy hum dos que se acharaõ presentes naquelle solemne acto. No anno de 1735 pela occasiaõ, que já deixamos referido, foy nomeado Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e Director da Infantaria de todo o Reyno;

Dito livro pag. 264.

Historia da Casa Real, tom. 8. pag. 305.

o Reyno; eleiçaõ, que foy univerſalmente applaudida, que elle fez mais eſtimavel pela ſua ſumma actividade: pelo que geralmente era louvado, vendo o modo, com que fez exercitar as Tropas, com que diſpoz hum acantonamento em Alentejo, outro no Riba-Tejo, entregue ao Viſconde de Villa-Nova da Cerveira Thomás da Sylva Telles, Meſtre de Campo General. Aſſim continuou nos ſeus acertos, e diſpoſições, e na exacta diſciplina dos Soldados, de quem ſe ſoube fazer taõ amado, como reſpeitado, pelo luzimento, generoſidade, e outras virtudes, com que ſe fez amavel. Finalmente ſerenadas as deſconfianças politicas, que ſe haviaõ levantado entre as duas Coroas de Portugal, e Caſtella, ficando gozando o noſſo Reyno da ſaboroſa tranquilidade da paz, ficou o Conde exercendo na meſma Provincia o ſeu poſto; ſatisfazendo às partes, e eſtimando os Soldados, e benemeritos, para os adiantar; de ſorte, que ſerá glorioſo o ſeu nome na noſſa Hiſtoria; porque he ornado de excellentes virtudes, valor, actividade, promptidaõ no reſolver, gravidade, e fineza na amiſade, ſendo o brilhante de taõ luzidas partes, huma generoſidade, que o fará memoravel.

Caſou duas vezes, a primeira em 16 de Novembro do anno de 1698 com D. Marianna Bernarda de Noronha, filha de D. Franciſco Maſcarenhas, (irmaõ do IV. Conde de Santa Cruz) que depois de ter ſervido na guerra da Acclamaçaõ, ſendo Capitaõ de Cavallos, e Meſtre de Campo na Provincia de Alentejo,

tejo, foy do Conselho delRey D. Pedro II. Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, Estribeiro môr das Rainhas D. Maria Francisca, e Dona Maria Sofia; e de sua mulher D. Joanna Coutinho, filha herdeira de Dom Pedro Coutinho, Senhor, e Commendador de Almourol, e de D. Marianna de Noronha, irmãa do I. Conde de Armamar Ruy de Mattos de Noronha, e tiveraõ

19 D. JOANNA MANOEL, que nasceo a 20 de Julho de 1699, e morreo de tenra idade.

19 D. FRANCISCA MANOEL, que tambem faleceo de tenra idade.

Casou segunda vez a 23 de Janeiro de 1719 com D. Mecia de Rohan, Dama da Rainha Dona Maria Anna de Austria, filha de D. Joseph Rodrigo da Camera, II. Conde da Ribeira, e da Condessa D. Constança Emilia de Rohan, como deixamos referido no Tomo X. pag. 588. E desta esclarecida uniaõ tiveraõ os filhos seguintes:

19 D. CONSTANÇA MANOEL nasceo a 30 de Outubro de 1719, que he presumptiva herdeira desta grande Casa. Está contratado o seu casamento com seu tio D. Duarte da Camera, V. Conde de Aveiras.

19 D. LUIZ MANOEL nasceo em Dezembro de 1720, morreo menino.

19 D. FRANCISCA MANOEL, he Religiosa no Mosteiro do Bom Successo de Religiosas Dominicas junto a Belem.

D.

19 D. MARIA MANOEL naſceo a 8 de Dezembro de 1723.

- D. Mecia de Rohan, 2. mulher de D. Joaõ Manoel, VI. Conde de Atalaya.
  - Dom Joseph Rodrigo da Camera, II. Conde da Ribeira, &c. * a 7 de Março de 1722.
    - D. Manoel Balthasar Luiz da Camera, I. Conde da Ribeira Grande, * a 29 de Dezembro de 1673.
      - D. Rodrigo da Camera, III. Conde de Villa-Franca, &c. * 1672.
        - D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca, VI. Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel.
          - Ruy Gonçalves da Camera, I. Conde de Villa-Franca, V. Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel.
          - A Condessa D. Joanna de Blasuet.
        - A Condessa D. Leonor de Vilhena.
          - D. Fradique Henriques, Commendador môr de Alcantara, Mordomo môr.
          - D. Guiomar de Vilhena.
      - A Condessa Dona Maria Coutinho, segunda mulher.
        - D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India.
          - D. Vasco da Gama, III. Almirante da India, Estribeiro môr do Principe D. Joaõ.
          - A Condessa D. Maria de Ataide.
        - A Condessa D. Leonor Coutinho, segunda mulher.
          - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, * a 29 de Julho de 1616.
          - D. Maria Coutinho.
    - A Condessa D. Mecia de Mendoça.
      - Diogo Lopes de Sousa, II. Conde de Miranda, * em 24 de Mayo de 1654.
        - Henrique de Sousa, I. Conde de Miranda.
          - Vasco de Sousa, em quem veyo a recahir a Casa de Sousa.
          - D. Guiomar da Sylva.
        - A Condessa D. Mecia de Vilhena.
          - Fernaõ da Sylva, Commendador de Alpalhaõ.
          - D. Brites de Vilhena.
      - A Condessa Dona Leonor de Mendoça.
        - Joaõ Rodrigues de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Filippe II.
          - Sebastiaõ de Sá de Menezes, Capitaõ de Sofala, * em 1578.
          - D. Luiza Henriques.
        - A Condessa D. Isabel de Mendoça.
          - D. Joaõ de Almeida, Alcaide môr de Abrantes, Senhor do Sardoal.
          - D. Leonor de Mendoça.
  - A Condessa D. Constança Emilia de Rohan, * a 18 de Setembro de 1709.
    - Francisco de Rohan, Principe de Soubise, Duque de Fontenay, Par de França, &c. * a 24 de Agosto de 1712.
      - Hercules de Rohan Duque de Montbazon, Par, e Caçador de França, * a 16 de Outubro de 1654.
        - Luiz de Rohan, Principe de Guemené, Conde de Montbazon, Seneschal de Anjou.
          - Luiz de Rohan, Senhor de Guemené, &c.
          - Margarida de Laval, Senhora de Perrier.
        - A Princeza Leonor de Rohan, Senhora de Verger, &c.
          - Francisco de Rohan, Senhor de Verger, e de Gyem.
          - Catharina de Sillyla-Rocheguion, Condessa de Rochefort.
      - A Duqueza Maria de Avaugour de Bretagne, * a 28 de Abril de 1657.
        - Claudio de Bretagne, Conde de Vertus, e Goello, * a 6 de Agosto de 1637.
          - Carlos de Avaugour, Conde de Vertus, &c. * em 1608.
          - A Condessa Filippa de S. Amadour, Viscondessa de Guiguen.
        - A Condessa Catharina Fouquet de la Varenne, * em 1670.
          - Guilherme Fouquet, Marquez de la Varenne.
          - A Marqueza Catharina de Poussart.
    - A Princeza Anna Chabot Rohan, * a 4 de Fever. de 1709.
      - Henrique Chabot de Rohan, Par de França, * a 27 de Fev. de 1655.
        - Carlos Chabot, Senhor de Sainte Aulaye.
          - Leonoro Chabot, Baraõ de Farnac, Senhor de S. Gelais, * em 1605.
          - Margarida de Durfort.
        - Henriqueta de Lour.
          - Miguel de Lour, Senhor de Longa.
          - Maria Raguier de Esternay.
      - Margarida Duqueza de Rohan, Princeza de Leaõ, * a 9 de Abril de 1684.
        - Henrique Duque de Rohan, Par de França, Principe de Leaõ, * a 13 de Abril de 1638.
          - Reyner Visconde de Rohan, * em 1586.
          - Catharina de Parthenay, Senhora de Soubise.
        - A Princeza Margarida de Bethune.
          - Maximiliano de Betune, Duque de Sully, Par, e Marichal de França.
          - Rachel de Cochefilet.

TABOA XVII.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XI

D. Fr. Joaõ Manoel filho illegitimo delRey D. Duarte, havido em D. Joanna Manoel, foy Bispo de Ceuta, e da Guarda, Capellaõ môr delRey Dom Affonso V. do seu Conselho, e seu Embaixador a Roma no anno de 1441, ✝ pelos annos de 1476. Teve em Justa Rodrigues Pereira, mulher nobre.

XII

D. Joaõ Manoel, legitimado no anno de 1475, foy Camereiro môr delRey D. Manoel, Embaixador em Castella, Alcaide môr de Santarem, ✝ pelos annos de 1500. Casou com D. Isabel de Menezes, filha de Affonso Telles de Menezes, Alcaide môr de Campo-Mayor, do Conselho delRey D. Affonso V.

D. Nuno Manoel, legitimado no anno de 1475, Guarda môr delRey D. Manoel, do seu Conselho, e Almotacé môr do Reyno, Senhor de Salvaterra, e das Aguias, e Erra, Commendador, e Alcaide môr da Idanha a Nova. Casou a I. vez com D. Leonor de Milá, filha de D. Jayme de Milá, Conde de Albayda, e de D. Leonor de Aragaõ, neta delRey D. Joaõ de Aragaõ. II. com D. Lourença de Ataide, filha de D. Joaõ de Vasconcellos, II. Conde de Penella. S. G.

XIII

D. Bernardo Manoel, Camereiro môr dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Alcaide môr de Santarem, servio em Africa, e ✝ servindo voluntario em Napoles. Casou a I. vez com Dona Francisca de Noronha, filha de D. Martinho de Castellobranco, Conde de Villa-Nova. II. com Dona Maria de Bobadilha, filha de Affonso de Saldanha, Commendador de Ortolega.

D. Joanna Manoel casou com D. Affonso Pacheco, Senhor de Moguer, e Villa-Nova del Fresno.

I. D. Fradique Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, e Sinceira, do Conselho delRey. Casou com D. Maria de Ataide, filha H. de D. Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova.

I. Dom Joaõ Manoel, Commendador da Idanha. *Tab. XVIII.*

I. D. Francisco Manoel de Aragaõ, servio ao Emperador Carlos V. Casou em Milaõ com N.
— D. Felix Manoel de Aragaõ.

I. D. Jorge Manoel, Commendador de S. Vicente. *Taboa XVIII.*

I. D. Affonso Manoel, Commendador da Ordem de Christo. *Taboa XVIII.*

I. Dona Leonor de Milá casou com Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro.

I. D. Maria de Milá casou com Dom Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela, filho de D. Pedro de Cordova, Conde de Cabra.

I. D. Joanna de Aragaõ casou cõ Ruy Barreto, Senhor do Morgado da Quarteira.

XIV

I. D. Mecia de Noronha casou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Fermozelhe.

I. Dona Joanna Manoel, Freira na Esper. de Lisboa.

II. Dom Joaõ Manoel, passou à India no anno de 1545, ✝ em Dio na batalha com grande valor no anno 1546, S. G.

II. D. Antonio Manoel, Commendador de Ortolega na Ordem de Santiago. Casou com D. Brites Mexia, filha de Affonso Mexia. S. G.

II. D. Leonor, ✝ menina.

D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, e Tancos. Casou com D. Joanna de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.

D. Joaõ Manoel, Commendador de Arrifana de Sousa. *Taboa XVIII.*

D. Diogo Manoel, Esmoler môr, e Deaõ da Capella da Rainha D. Catharina, Prior môr da Ordem de Santiago.

D. Alvaro Manoel passou à India no anno de 1569, lá servio, e ✝ S. G.

D. Manoel Manoel, ✝ S. G.

Dona Leonor de Aragaõ casou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe.

D. Anna de Aragaõ, Dama da Rainha D. Catharina, ✝ sem estado.

XV

D. Fradique Manoel, ✝ em Africa a 4 de Agosto de 1578.

D. Francisco Manoel, I. Conde de Atalaya, Senhor da Erra, Commendador de S. Martinho na Ordem de Christo. Casou com D. Iria de Brito, viuva de D. Diogo Pereira, Conde da Feira, filha H. de Joaõ de Brito.

D. Antonio Manoel, passou à India a primeira vez no anno de 1591, lá servio, e ✝ S. G.

D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya, passou à India a primeira vez no anno de 1591, lá servio. Foy Governador de Tangere, e do Reyno do Algarve, ✝ no anno de 1628. Casou com D. Maria de Menezes, filha de D. Alvaro de Menezes, Alcaide môr de Arronches.

D. Joaõ Manoel, Bispo da Guarda, e de Coimbra, Arcebispo de Lisboa, Vice-Rey de Portugal, ✝ a 4 de Junho do anno de 1633.

D. Francisca Manoel casou com Manoel Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Commendador do Rosmaninhal.

Dona Maria de Ataide, Abbadessa do Mosteiro da Castanheira.

Dona Magdalena de Ataide, Freira no dito Mosteiro da Castanheira.

D. Anna de Ataide, Freira no referido Mosteiro.

Dona Eufrasia de Santa Maria, Freira em Jesus de Setuval.

D. Violante de Aragaõ, Abbadessa do Mosteiro de Villa-Longa.

XVI

D. Nuno Manoel, ✝ moço de huma queda de hum cavallo.

D. Antonio Manoel, III. Conde de Atalaya. Casou com D. Filippa de Tavora, filha de Dom Joaõ de Menezes, Commendador de Vallada, ✝ S. G.

D. Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, e Sinceira, &c. Casou com Dona Ignez de Lima e Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica.

Dona Francisca de Ataide, ✝ sem estado.

N. . . . .
N. . . . .
✝ meninos.

XVII

D. Luiz Manoel de Tavora nasceo no anno de 1646, IV. Conde de Atalaya, Senhor de Tancos, Sinceira, Erra, Aguias, &c. do Conselho de Estado, Embaixador a Turim, Governador das Armas da Provincia do Minho, ✝ no sitio da Praça de Alcantara a 20 de Abril do anno de 1706. Casou a I. vez com D. Maria Magdalena de Noronha, filha de D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas. II. com D. Francisca Leonor de Mendoça, filha de D. Manoel da Camera, Conde da Ribeira Grande.

D. Maria Magdalena de Noronha casou com seu primo D. Antonio Luiz de Sousa, II. Marquez das Minas, IV. Conde de Prado.

XVIII

I. D. Pedro Manoel, V. Conde de Atalaya, Mestre de Campo General, que mandou as Tropas em Catalunha, Grande de Hespanha, do Conselho de Estado do Emperador, em cujo serviço ✝ no anno de 1722. Casou com D. Margarida Coutinho, filha de Manoel Telles da Sylva, I. Marquez de Alegrete.

I. D. Francisco Manoel, Arcediago da Sé de Lisboa, ✝ moço.

I. D. Eufrasia de Noronha, Freira Capucha da Madre de Deos de Lisboa.

II. Dona Mecia Theresa de Mendoça, nasceo em 26 de Agosto de 1677. Casou em 1707 com seu primo Francisco Xavier Pedro de Sousa, Vedor da Casa Real.

II. D. Joaõ Manoel nasceo a 6 de Março de 1679, VI. Conde de Atalaya, do Conselho de Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, &c. Casou a I. vez com D. Maria Coutinho, filha de D. Francisco Mascarenhas, Estribeiro môr da Rainha. A II. com Dona Mecia de Rohan sua prima com irmãa, filha de D. Joseph Rodrigo da Camera, II. Conde da Ribeira Grande.

II. Dom Manoel da Camera, nasc. a 21 de Fevereiro de 1680, Porcionista do Collegio de S. Pedro, Lente na Universidade de Coimbra, ✝ a 9 de Março de 1706.

II. D. Ignez Manoel nasc. a 20 de Janeiro de 1682, ✝ em 1683. D. Maria Manoel n. a 20 de Fevereiro de 1683, ✝ menina.

II. D. Joseph Manoel nasceo a 25 de Dezembro de 1686, Principal Decano da Santa Igreja de Lisboa.

II. D. Theresa Josefa de Mendoça n. a 27 de Mayo de 1688. Casou com Dom Sancho de Faro, II. Conde de Vimieiro.

II. D. Miguel Manoel nasceo a 29 de Setembro de 1689, ✝ em 1696. D. Filippe Manoel nasceo a 16 de Janeiro de 1692, ✝ menino.

II. D. Leonor Manoel nasceo a 29 de Julho de 1693, Freira Capucha na Madre de Deos.

II. D. Diogo Manoel nasceo no 1. de Mayo de 1694, Coronel da Cavalaria, e servio com o mesmo posto ao Emperador Carlos VI. ✝ em Vienna a 8 de Março de 1738.

II. D. Antonio Manoel nasceo a 28 de Dezembro de 1695, Clerigo, ✝ moço.

II. D. Francisco Manoel nasceo a 9 de Outubro de 1697, foy Conego da Santa Igreja Patriarcal, que largou por a roupeta de S. Filippe Neri.

Fr. Joaõ Manoel, illegitimo, Frade de Cister, Doutor em Theologia, e Lente na Universidade de Coimbra, ✝ em 1738.

Frey Nuno Manoel, da Ordem de S. Domingos, Mestre em Theologia, illeg. n. em 1669, ✝ em Mayo de 1743.

XIX

D. Luiz Manoel nasceo a 28 de Outubro de 1691, foy Coronel de Infantaria, com que servio em Catalunha, ✝ de hum desastre a 12 de Outubro de 1716 S. G.

Dona Maria Manoel, illegitima, Freira no Bom Successo.

D. Francisco Manoel, e D. Theresa Manoel, illegitimos.

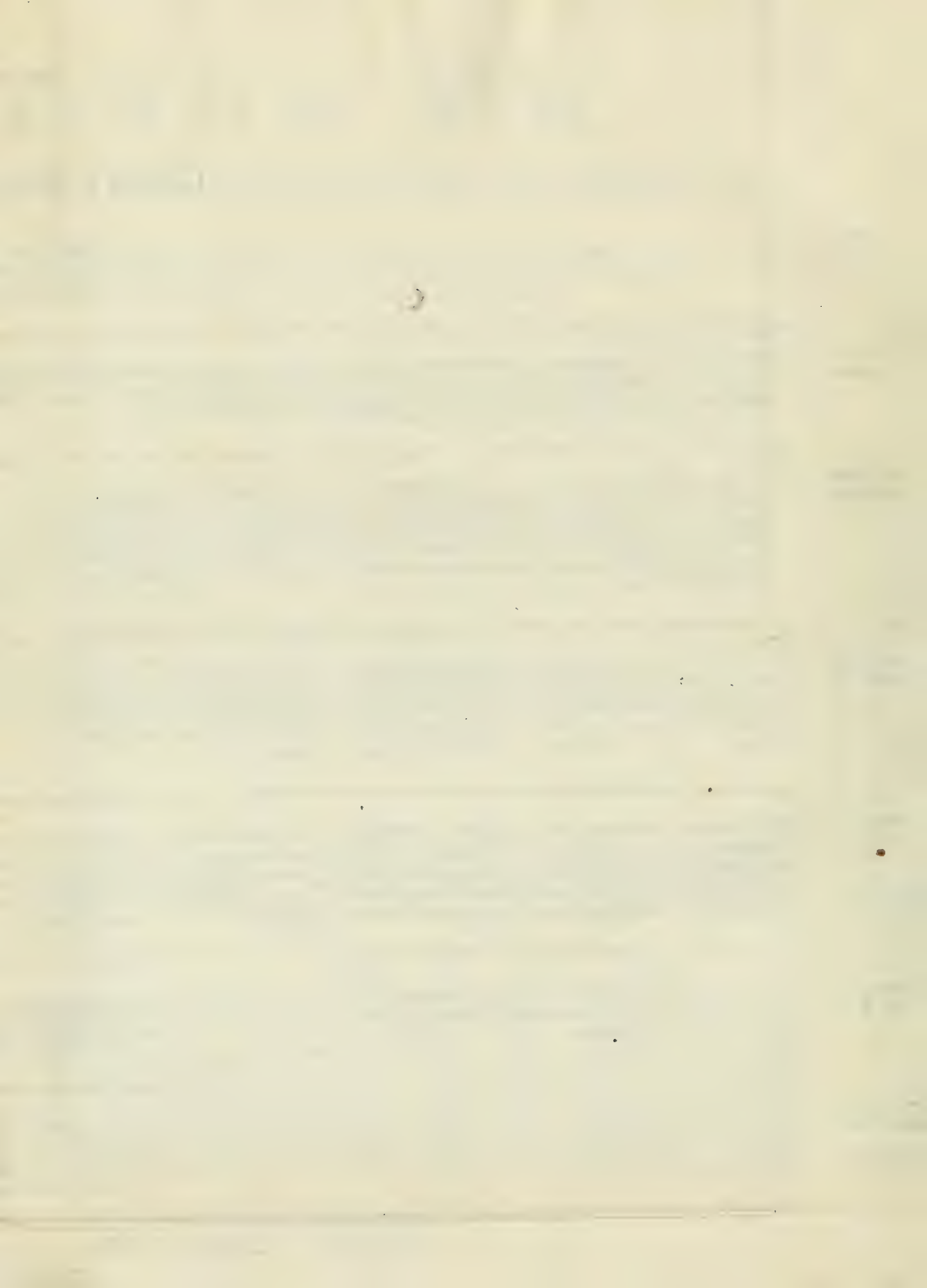
I. D. Joanna Coutinho, ✝ menina.

I. D. N. . . . ✝ menina.

II. D. Constança Manoel nasceo a 30 de Outubro de 1719.

II. D. Luiz Manoel nasceo em Dezembro de 1720, ✝ menino.

II. D. Maria Manoel nasceo a 8 de Dezembro de 1723.

II. Dona Francisca Manoel, Freira no Mosteiro do Bom Successo.

TABOA XVIII.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XIV Dom Joaõ Manoel, filho de D. Fradique Manoel, *Taboa XVII.* Commendador da Arrifana de Sousa na Ordem de Christo, ✠ no anno de 1578 em Africa. Casou a I. vez com Dona Iria de Sequeira, filha de Gonçalo de Sequeira, Senhor da Torre da Palma. II. com D. Brites de Abranches, filha de Diogo Pessanha.

XV
- I. D. Valentim Manoel, Frade Capucho.
- I. D. Isabel Manoel casou com Constantino de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca.
- II. D. Antonio Manoel passou à India em 1592, foy Capitaõ de Malaca, ✠ peleijando com os Hollandezes. Casou com D. Francisca de Lacerda, filha de Manoel de Lacerda Pereira.
- II. Dona Anna de Abranches, Freira na Annunciada de Lisboa.
- II. Dona Maria Manoel, Freira em Jesus de Setuval.
- II. D. Joaõ Francisco Manoel, ✠ em Africa na batalha de 4 de Agosto do anno de 1578.

XVI
- D. Carlos Manoel, servio na India no anno de 1630, ✠ S. G.
- D. Martim Affonso Manoel casou na India com D. N. . . . . filha de André de Vasconcellos.
- D. Catharina Manoel casou com Antonio de Mello de Sampayo.
- D. Fradique Manoel.
- D. Joaõ Manoel.

XVII D. Antonio Manoel casou a I. vez com D. N. . . . . filha de Joaõ Pinheiro de Gamboa. II. com D. Maria de Anduxar, S. G. III. em Baçaim com D. N. . . . .

- III. D. Francisco Manoel.

XIII Dom Affonso Manoel, Commendador de Santa Christina na Ordem de Christo, filho de D. Nuno Manoel, *Taboa XVII.* Casou com N. . . . .

XIV
- D. Jeronymo Manoel, ✠ em Africa no anno de 1578.
- D. Maria Manoel de Aragaõ casou com Pedro Lopes Giraõ.
- Dona Catharina Manoel, Freira em Odivellas.

XV Dom Tristaõ Manoel, bastardo, passou à India no anno de 1564.

XVI D. Antonio Manoel, illegitimo, passou à India no anno de 1584, foy Capitaõ de Damaõ.

XIII D. Joaõ Manoel, filho segundo de D. Nuno Manoel, *Taboa XVII.* foy Commendador da danha. Casou a I. vez com D. Leonor da Sylveira, filha de D. Luiz da Sylveira, Conde de Sortelha. II. com D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio d'Almeida, Contador mór, ambas S. G.

XIV
- D. Jorge Manoel, illegitimo, ✠ em Africa a 4 de Agosto do anno de 1578.
- D. Jeronyma Manoel, illegitima, Freira.
- Dona Maria Manoel, illegitima, casou com Pedro Pessoa.
- D. Tristaõ Manoel.

XIII D. Jorge Manoel, filho de D. Nuno Manoel, *Taboa XVII.* foy Commendador de S. Vicente, passou à India em o anno de 1561 por Capitaõ mór da Armada, e se perdeo na volta para o Reyno. Casou com D. Leonor de Brito, filha de Gaspar de Brito, Copeiro mór do Cardeal Infante D. Affonso.

XIV
- D. Pedro Manoel de Aragaõ, ✠ vindo da India S. G.
- D. Estevaõ Manoel, ✠ na batalha de Alcacere no anno de 1578.
- D. Jeronymo Manoel, Commendador de S. Mamede de Travisco, Copeiro mór do Archiduque Alberto, Porteiro mór delRey Filippe II. Casou com D. Maria de Mendoça e Albuquerque, filha de Manoel Telles Barreto, Governador do Brasil.
- D. Antonio Manoel.
- Dona Maria de Aragaõ casou com Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas.
- D. Violante Manoel, D. Jeronyma Manoel, Dona Anna Manoel, D. Magdalena Manoel, Freiras.
- D. Antonia, D. Catharina, ✠ meninas.

XV
- D. Jorge Manoel de Albuquerque, Commendador de S. Mamede, Conde de Lavradio por Castella. Casou com D. Theresa Coutinho, filha de D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira.
- D. Lourenço Manoel, ✠ S. G.
- D. Antonia de Mendoça casou com Pedro de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ.
- D. Jorge Manoel, illegitimo, Frade da Ordem dos Prégadores.
- D. Jeronymo Manoel, illegitimo, foy Capitaõ de Dio, ✠ vindo da India. Casou com N . . . . filha de Lourenço Carvalho.

XVI
- D. Jeronymo Manoel, ✠ S. G.
- D. Francisco Manoel, passou à India no anno de 1666, ✠ S. G.
- D. Maria de Albuquerque, Freira em Odivellas.
- D. Jeronymo Manoel.
- D. Maria Manoel de Albuquerque casou com Fernaõ Martins Mascarenhas.